9788501083

DESTINO

Trem noturno para Lisboa

CONDUTOR

PASCAL MERCIER

CLASSE

ROMANCE

RECORD

MAIS DE 2 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS NO MUNDO

"Um deleite para a alma.
Um dos melhores livros que
li nos últimos tempos."
ISABEL ALLENDE

RECORD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

PASCAL MERCIER

Trem noturno para Lisboa

Tradução de
Kristina Michahelles



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

ML527t

Mercier, Pascal, 1944-
Trem noturno para Lisboa [recurso eletrônico] / Pascal Mercier ; tradução Kristina Michahelles. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2014.
recurso digital : il.
Tradução de: Nachtzug nach Lissabon
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-01-10060-3 (recurso eletrônico)
1. Ficção suiça. 2. Livros eletrônicos. I. Michahelles, Kristina. II. Título.

14-11831

CDD: 839.73
CDU: 821.112.2(494)-3

Título original alemão:
NACHTZUG NACH LISSABON

© Carl Hanser Verllag München Wien 2004

Editoração eletrônica versão impressa: Abreu's System

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10060-3

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções

atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

Nuestras vidas son los ríos
que van a dar en la mar,
que es el morir.

Jorge Manrique

Nous sommes tous de lopins et d'une contexture si informe et diverse, que chaque pièce, chaque moment, faict son jeu. Et se trouve autant de difference de nous à nous mesmes, que de nous à autruy.

Somos todos retalhos de uma textura tão disforme e diversa que cada pedaço, a cada momento, faz o seu jogo. E existem tantas diferenças entre nós e nós próprios como entre nós e os outros.

MICHEL DE MONTAIGNE, ENSAIOS, SEGUNDO VOLUME, I.

Cada um de nós é vários, é muitos, é uma prolixidade de si mesmos. Por isso aquele que despreza o ambiente não é o mesmo que dele se alegra ou padece. Na vasta colônia do nosso ser há gente de muitas espécies, pensando e sentindo diferentemente.

FERNANDO PESSOA *Livro do desassossego*, anotações de 30/12/1932.

Primeira Parte
A Partida

1

O dia a partir do qual nada mais continuaria como antes na vida de Raimund Gregorius começou como outro dia qualquer. Às quinze para as oito, vindo da Bundesterrasse, entrou na ponte de Kirchenfeld, que liga o centro da cidade ao liceu. Era o que fazia todos os dias úteis durante o período letivo, e sempre chegava à ponte precisamente às quinze para as oito. Quando, certa vez, encontrou a ponte fechada, ele cometeu um erro na aula de grego. Nunca isso acontecera antes, e nunca mais haveria de acontecer. A escola inteira só falou desse lapso durante dias e dias. Quanto mais durava a discussão, maior era o número dos que se convenciam de que aquilo fora fruto de um erro acústico. Finalmente, essa versão acabou se impondo também entre os alunos que haviam testemunhado o erro. Era simplesmente impensável que Mundus, como era conhecido, pudesse cometer um erro em grego, latim ou hebraico.

Gregorius olhou em frente, para as torres esguias do Museu Histórico da cidade de Berna, para cima, onde ficava a montanha, e para baixo, para o rio Aar, com suas águas verdes como as geleiras. Um vento forte empurrou as nuvens baixas e virou o seu guarda-chuva do avesso, enquanto a chuva lhe dava chicotadas no rosto. Foi então que ele notou a mulher no meio da ponte. Tinha apoiado os cotovelos no parapeito e, sob a chuva torrencial, lia algo que parecia ser uma carta. Tinha que segurar o papel com as duas mãos. Quando Gregorius se aproximou, ela amassou o papel subitamente, transformando-o numa bola que atirou para longe com um movimento brusco. Sem querer, Gregorius acelerara o passo e estava agora a poucos metros de distância dela. Viu a fúria estampada em seu rosto pálido e molhado de chuva. Não era uma fúria capaz de ser descarregada com palavras ruidosas para depois evaporar. Era uma fúria surda, interiorizada, que já devia estar ardendo dentro dela havia muito tempo. Agora a mulher se apoiava com os braços esticados no parapeito, enquanto os pés deslizavam para fora dos sapatos. *Ela vai saltar*. Gregorius entregou o guarda-chuva a uma lufada de vento que o carregou para

longe da ponte, deixou cair a pasta cheia de cadernos escolares no chão e soltou uma série de impropérios ruidosos que não faziam parte do seu vocabulário habitual. A pasta se abriu e os cadernos se esparramaram pelo asfalto molhado. A mulher virou-se. Por instantes, assistiu imóvel como os cadernos iam escurecendo, encharcados. Em seguida, tirou uma caneta do bolso do sobretudo, avançou dois passos, inclinou-se até Gregorius e escreveu-lhe uma sequência de números na testa.

— Perdão — disse ela, num francês ofegante e com sotaque estrangeiro. — Mas eu não posso esquecer esse número de telefone e estou sem papel.

Em seguida, olhou para as próprias mãos como se as visse pela primeira vez.

— Na verdade, eu também poderia... — e começou a escrever o número na palma da mão, enquanto seu olhar passeava entre a testa de Gregorius e a sua mão. — Eu... eu não queria guardá-lo, queria esquecer tudo, mas quando vi a carta caindo... senti que precisava guardá-lo.

A chuva nas grossas lentes turvava a visão de Gregorius, enquanto ele tateava, desajeitado, tentando recolher os cadernos molhados. Novamente, pareceu-lhe que a ponta da caneta estava passeando pela sua testa. Mas logo percebeu que agora eram os dedos da mulher que tentavam apagar os números com um lenço.

— É muita ousadia da minha parte, eu sei... — e ela começou a ajudar Gregorius a recolher os cadernos. Ele tocou na sua mão e roçou no seu joelho, e quando ambos tentaram recolher o último caderno suas cabeças bateram uma na outra.

— Muito obrigado — disse ele, quando já estavam em pé, um diante do outro, apontando para a sua cabeça. — Doeu?

Com ar ausente e o olhar baixo, ela negou com a cabeça. A chuva caía-lhe no cabelo e escorria pelo seu rosto.

— Posso caminhar com você um pouco?

— Cla... claro — gaguejou Gregorius.

Atravessaram a ponte em silêncio e seguiram rumo ao liceu. Gregorius calculou que já passava das oito horas e que a primeira aula já devia ter começado. O que ela quisera dizer com "um pouco"? A mulher se adaptara ao seu ritmo e trotava a seu lado, como se pretendesse continuar assim o dia inteiro. Ela levantara a larga gola do sobretudo, de modo que Gregorius só podia ver o perfil de sua testa de lado.

— Preciso entrar ali, no liceu — disse ele, parando de andar. — Sou professor.

— Posso acompanhá-lo? — perguntou ela, baixinho.

Gregorius hesitou e passou a manga pelas lentes molhadas.

— Pelo menos lá estaremos no seco — disse, finalmente.

Subiram os degraus. Gregorius segurou a porta para deixá-la passar e eles

adentraram o saguão, que parecia especialmente vazio e silencioso depois que as aulas tinham começado. Os seus sobretudos pingavam.

— Espere aqui um instante — pediu Gregorius e foi até o toalete buscar uma toalha.

Em frente ao espelho, secou os óculos e o rosto. Os números na sua testa continuavam nítidos. Molhou uma ponta da toalha na água quente e já ia começando a esfregar quando parou, no meio do movimento. *Esse foi o exato momento que decidiu tudo*, pensou algumas horas mais tarde, ao recordar o que havia acontecido. Pois naquele momento, de repente, ele se deu conta de que, no fundo, *não queria* apagar as marcas do seu encontro com a mulher misteriosa.

Imaginou-se então enfrentando a turma com um número de telefone rabiscado na testa — logo ele, Mundus, a pessoa mais confiável e previsível daquele liceu e, possivelmente, de toda a história da instituição; ele, com mais de trinta anos em atividade sem jamais ter dado um único mau passo no exercício da profissão, um verdadeiro pilar da instituição, talvez um pouco enfadonho, porém respeitado e temido até ali do outro lado, na faculdade, devido aos seus incríveis conhecimentos das línguas antigas, carinhosamente ironizado pelos alunos que, ano após ano, tentavam pô-lo à prova ligando para ele no meio da noite e fazendo perguntas sobre um trecho complicado de um texto antigo, recebendo sempre uma informação tão seca quanto exaustiva que incluía um comentário crítico sobre outras interpretações possíveis, e tudo exposto com uma lógica e uma calma que não deixavam transparecer nem um vestígio de irritação por ter sido incomodado no meio da noite. Assim era Mundus, um homem com um nome horrivelmente antiquado, que todos simplesmente *tinham* de chamar pelo apelido, um apelido que *não podia* ser diferente, que ainda por cima iluminava a verdadeira essência daquele homem. Pois o que ele, o filólogo clássico, carregava dentro de si efetivamente não era nem mais nem menos que o mundo inteiro — na verdade, vários mundos completos, já que, além de todos os textos em latim e em grego, ele sempre tinha na cabeça o trecho equivalente em hebraico, coisa que já causara espanto entre muitos catedráticos especialistas no Velho Testamento. "Se quiserem conhecer um verdadeiro erudito", costumava dizer o diretor ao apresentá-lo a uma nova turma, "ei-lo aqui."

E esse mesmo erudito, pensou Gregorius agora, esse homem seco, que para muitos parecia consistir apenas de palavras mortas e que alguns colegas invejosos apelidavam maldosamente de *Papiro* — aquele erudito adentraria a sala de aula com um número de telefone escrito na testa por uma mulher desesperada, visivelmente indecisa entre a raiva e o amor, uma mulher que vestia uma capa de couro vermelha

e era dona de uma voz macia, aveludada, que parecia um sussurro infinitamente esticado, um sussurro que, automaticamente, transformava qualquer um num cúmplice.

Quando Gregorius lhe entregou a toalha, a mulher segurou o pente entre os dentes e começou a secar os longos cabelos negros que estavam guardados na gola do sobretudo, como se esta fosse uma bacia. O zelador entrou no saguão e, ao dar com Gregorius, olhou surpreso para o relógio na parede e, em seguida, para o seu relógio de pulso. Gregorius acenou-lhe com a cabeça, como sempre fazia. Uma aluna passou apressadamente por eles, virou-se duas vezes e continuou a correr.

— Eu dou aulas ali — disse Gregorius para a mulher, apontando através da janela para um outro prédio. Alguns segundos se passaram. Sentiu seu coração bater. — Quer me acompanhar?

Mais tarde Gregorius mal acreditou que tivesse dito aquilo, mas devia ter sido assim mesmo, pois de repente ambos seguiam lado a lado em direção à sala de aula. Ele ouvia o ruído de suas solas de borracha no piso de linóleo e o estalar das botinhas da mulher.

— Qual é a sua língua materna? — perguntara-lhe momentos antes.

— *Português* — respondera ela.

O "*o*", que ela pronunciava surpreendentemente como um "*u*", a sonoridade clara, estranhamente abafada do *ê* e o macio chiado no final soaram-lhe como uma melodia que, para ele, perdurou mais tempo do que na realidade, uma melodia que ele simplesmente adoraria ter escutado durante todo o resto do dia.

— Espere um pouco — pediu-lhe, tirou o bloco de notas do bolso da jaqueta e arrancou uma folha.

— Para anotar o número de telefone.

Ele já colocara a mão na maçaneta quando lhe pediu que repetisse aquela palavra. Ela repetiu, e, pela primeira vez, viu-a sorrir.

A algaravia parou subitamente quando eles entraram na sala. Um silêncio preencheu a sala, um silêncio feito de um grande espanto. Mais tarde, Gregorius se lembrou de como se deliciara com aquele silêncio surpreso, aquela incredulidade sem palavras em cada um dos rostos, e como se regozijara também com a alegria de poder perceber aquilo de uma maneira que ele jamais pensou que fosse capaz.

"O que será que aconteceu?" A pergunta estava estampada em cada um dos vinte olhares que fixavam o estranho par parado na porta; Mundus com sua careca molhada e o sobretudo encharcado ao lado de uma mulher despenteada de rosto pálido.

— Ali, talvez? — disse Gregorius à mulher, apontando para a cadeira vazia atrás,

no canto. Em seguida, foi para a frente, cumprimentou a turma como sempre e sentou-se à mesa. Como não tinha a menor ideia do que poderia dizer para se explicar, simplesmente mandou que seguissem traduzindo um texto. As frases foram sendo traduzidas de maneira hesitante e ele percebeu vários olhares curiosos. Havia também olhares confusos, pois ele — Mundus, capaz de identificar qualquer errinho mesmo se estivesse dormindo — estava deixando passar erros, traduções incompletas e imprecisas.

Ainda assim, conseguiu fingir que não estava olhando para a mulher. No entanto, via-a a cada segundo, via a franja molhada que ela afastava da testa, as mãos alvas entrelaçadas, nervosas, o olhar ausente e perdido que saía pela janela. A certa altura, ela pegou a caneta e anotou o número do telefone no papel. Em seguida, recostou-se e pareceu nem saber mais onde estava.

Era uma situação impossível e Gregorius olhou de soslaio para o relógio: só mais dez minutos para o intervalo. Foi então que a mulher se levantou e se dirigiu até a porta, em silêncio. Na soleira, virou-se para ele e colocou o indicador nos lábios. Ele acenou e ela repetiu o gesto, sorrindo. A seguir, a porta fechou com um leve estalo.

A partir desse momento Gregorius não ouviu mais nada do que os alunos diziam. Era como se estivesse absolutamente sozinho, envolto por um silêncio ensurdecedor. A certa altura, foi até a janela e seguiu o vulto vermelho da mulher até ela desaparecer na esquina. Percebeu o quanto lhe custava não sair correndo atrás dela. Incessantemente, via a sua imagem com o dedo encostado nos lábios: "Não quero incomodar", e "Aquilo será o nosso segredo", mas também: "Me deixa ir agora, não pode haver continuação."

Quando tocou o sinal, ele permaneceu parado na janela. Os alunos deixaram a sala num estranho silêncio. Depois, ele também saiu, deixando o prédio pela porta dos fundos, atravessou a rua e sentou-se na biblioteca municipal, onde ninguém iria procurá-lo.

Ele voltou pontualmente para a segunda parte da aula. Tinha apagado o número de telefone na testa. Hesitara durante um minuto, mas terminou por registrar o número no bloco de anotações. Secara os parcos cabelos grisalhos. Apenas as manchas molhadas em seu casaco e na calça testemunhavam que algo de muito insólito acontecera. Gregorius tirou a pilha de cadernos molhados da pasta.

— Um acidente — disse, secamente. — Tropecei e eles escorregaram, caindo na chuva. Mesmo assim, as correções ainda devem estar legíveis, senão vocês terão que trabalhar com conjecturas.

Era assim que eles o conheciam, e um alívio perceptível percorreu a sala. Ele ainda captou um ou outro olhar curioso, e algumas vozes traíam um resto de

timidez. Fora isso, tudo continuava como sempre. Ele escreveu os erros mais frequentes no quadro. Depois, mandou que os alunos trabalhassem sozinhos, em silêncio.

Seria possível chamar de "decisão" aquilo que aconteceu nos 15 minutos seguintes? Mais tarde, Gregorius voltaria a se fazer esta pergunta inúmeras vezes, sem jamais chegar a uma conclusão. Mas, se aquilo não era uma decisão, o que era então?

Tudo começou quando, de repente, ele olhou para os alunos debruçados sobre os seus cadernos como se os visse pela primeira vez.

Lucien von Graffenried, por exemplo, que no torneio anual de xadrez no auditório, em que Gregorius jogava simultaneamente contra uma dúzia de alunos, secretamente trocara uma figura de lugar. Após jogar em todos os outros tabuleiros, Gregorius voltara ao de Lucien. Percebeu imediatamente o que acontecera. Calmamente, olhou para o aluno. Um rubor cobriu o rosto de Lucien. "Você não precisa disso", disse Gregorius, e depois conduziu a partida para o empate.

Ou Sarah Winter, que batera à sua porta às duas da madrugada por não saber como resolver a sua gravidez. Ele fizera um chá e escutara seu relato, nada mais. "Estou tão feliz por ter seguido o seu conselho", dissera-lhe na semana seguinte, "era cedo demais para ter um filho agora."

Beatrice Lüscher, dona de uma caligrafia regular e impecável, que envelhecia assustadoramente rápido sob o peso de suas notas sempre excelentes. René Zingg, sempre no limite inferior das notas.

E, claro, Natalie Rubin. Uma garota caprichosa, nada pródiga com seus favores, um pouco parecida com as cortesãs de séculos passados, inacessível, festejada e temida pela sua língua ferina. Na semana anterior, ao sinal do intervalo, levantara-se e se espreguiçara como alguém que se sente muito bem, tirando uma bala do bolso da saia. A caminho da porta, desembrulhara a bala e, ao cruzar o caminho do professor, levara-a à boca. A bala mal tocara seus lábios quando ela interrompeu o movimento, voltando-se para ele, oferecendo-lhe a bala vermelha como fogo e perguntando: "Aceita?" Divertida com o seu espanto, soltara a sua rara risada sonora e tocara a mão dele.

Gregorius repassou-os mentalmente, todos, um por um. Primeiro, pareceu-lhe que estava apenas fazendo o balanço dos seus sentimentos por eles. Mas quando chegou à metade dos bancos notou que pensava com frequência cada vez maior: "Quanta vida eles ainda têm pela frente; como o seu futuro ainda está em aberto; tanta coisa por acontecer com eles; tanta coisa que ainda poderão vivenciar!"

Português! Ouviu a melodia e viu à sua frente o rosto da mulher tal qual surgira

por trás da toalha, branco como alabastro, os olhos cerrados. Deixou seu olhar passear pela última vez pelas cabeças dos alunos. Ergueu-se lentamente, dirigiu-se até a porta, tirou o sobretudo úmido do gancho e desapareceu da sala, sem se virar uma última vez.

A sua pasta com os livros que o haviam acompanhado durante toda uma vida ficara para trás, na mesa. Ele parou na escada e se lembrou de como levava os livros a cada par de anos para serem reencadernados, sempre na mesma loja, onde as páginas gastas e murchas que já pareciam mata-borrão tinham virado motivo de chacota. Enquanto a pasta permanecesse em cima da mesa, os alunos acreditariam que ele voltaria. Mas esse não era o motivo pelo qual ele deixara os livros para trás e por que resistia nesse momento à tentação de buscá-los. Se ele estava partindo precisava também deixar para trás aqueles livros. Percebeu isso com toda a clareza, mesmo que naquele instante, rumo à saída, ele não tivesse a menor ideia do que significava aquilo: partir.

No saguão de entrada, seu olhar recaiu sobre a pequena poça que se formara quando a mulher esperava com o sobretudo encharcado que ele voltasse do lavabo. Era o vestígio de uma visitante de um mundo distante e Gregorius o observou com a devoção que habitualmente experimentava em relação a uma descoberta arqueológica. Só quando ouviu os passos arrastados do zelador ele caiu em si e deixou o prédio rapidamente.

Sem se voltar, andou até uma esquina de onde poderia lançar um último olhar para trás sem ser observado. Com uma repentina veemência da qual jamais suspeitara sentiu o quanto amava aquele prédio, o quanto significava para ele e o quanto sentiria sua falta. Fez as contas: havia 42 anos, ele pisara ali pela primeira vez, ginasiano de 15 anos, oscilando entre alegria e nervosismo. Quatro anos mais tarde deixara-o com o boletim do exame de maturidade nas mãos, para voltar quatro anos depois como substituto daquele professor de grego que sofrera um acidente e que, por sua vez, iniciara-o no Mundo Antigo. Depois, o professor substituto provisório, ainda estudante universitário, tornou-se substituto permanente, mas continuou estudando, até obter, já aos 33 anos, o grau de doutor.

Ele apenas prestara o exame devido à insistência de Florence, sua mulher. Nunca cogitara em fazer um doutorado; quando lhe perguntavam por que, apenas ria. Essas coisas não tinham a menor importância. O que importava era algo muito simples: conhecer os textos antigos em seus mínimos detalhes, gramaticais e estilísticos, conhecer a história de cada expressão. Em outras palavras: ser *bom*. Não se tratava de modéstia — ele era bastante exigente consigo próprio. Tampouco era excentricidade ou uma forma distorcida de vaidade. Talvez fosse apenas, como

chegou a pensar algumas vezes depois, uma raiva surda contra um mundo que se achava muito importante, uma rebeldia inflexível com a qual ele talvez quisesse se vingar do mundo dos arrogantes, um mundo que fizera seu pai sofrer a vida inteira porque nunca conseguira passar de simples guarda de museu. O fato de outros, que sabiam muito menos do que ele — muitíssimo menos, para dizer a verdade — prestarem exames e ganharem um emprego fixo nada significava para ele. Era como se pertencessem a um outro mundo, insuportavelmente vazio, regido por critérios pelos quais só podia sentir desprezo. No liceu, ninguém jamais teria tido a ideia de substituí-lo por outra pessoa com diploma. O diretor, ele próprio filólogo, sabia como Gregorius era bom, muito melhor do que ele, e que haveria uma rebelião entre os alunos caso isso acontecesse. Quando Gregorius finalmente fez o doutorado, achou a prova ridiculamente fácil e a entregou já depois da metade do tempo. No fundo, sentia-se um pouco rancoroso pelo fato de Florence tê-lo feito desistir de sua obstinação.

Gregorius se virou e começou a caminhar lentamente em direção à ponte de Kirchenfeld. Assim que a avistou teve a sensação, tão inquietante quanto libertadora, de que agora, aos 57 anos de idade, estava finalmente prestes a tomar as rédeas de sua própria vida.

2

Ele parou no mesmo lugar em que a mulher estivera lendo a carta sob a chuva torrencial e olhou para baixo. Pela primeira vez, deu-se conta da altura naquele lugar. Teria ela realmente tido a intenção de saltar? Ou teria sido apenas um temor precipitado de sua parte, motivado pelo fato de o irmão de Florence também ter saltado de uma ponte? Não sabia nada da mulher, só mesmo que a sua língua materna era o português. Nem sequer sabia o seu nome. Naturalmente não fazia o menor sentido querer ver a carta amassada dali de cima. Mesmo assim, pôs-se a perscrutar insistentemente as profundezas e seus olhos começaram a lacrimejar com tanto esforço. Aquela mancha escura seria o seu guarda-chuva? Levou a mão ao bolso para se certificar de que a agenda com o número de telefone que a portuguesa sem nome escrevera sobre a sua testa ainda estava lá. Depois caminhou até o final da ponte, sem saber o rumo a tomar. Estava prestes a fugir da vida que levara até então. Podia alguém com essa intenção simplesmente voltar para casa?

Seu olhar deteve-se no Hotel Bellevue, o mais antigo e sofisticado da cidade. Milhares de vezes passara por ali sem jamais entrar. A cada vez notava a presença do hotel e, pensava ele agora, o fato de simplesmente existir sempre fora para ele de uma grande importância, de uma maneira meio indefinida; teria ficado muito incomodado se soubesse que o prédio seria demolido ou deixaria de ser um hotel, ou simplesmente *aquele* hotel. Mas nunca passaria pela sua cabeça que ele, Mundus, poderia entrar ali. Hesitante, aproximou-se da entrada. Um Bentley parou, o motorista saiu do carro e entrou. Ao segui-lo, Gregorius teve a sensação de estar cometendo um ato revolucionário, quase proibido.

O *foyer* com a cúpula de vidro colorido estava deserto e o tapete abafava qualquer ruído. Gregorius sentiu-se contente porque a chuva parara e porque o seu sobretudo não estava mais pingando. Com seus sapatos pesados e disformes seguiu em frente e entrou no salão do restaurante. Apenas duas das mesinhas postas para o café da manhã estavam ocupadas. O som discreto de um *divertimento* de Mozart

dava a impressão de que ali se estava longe de tudo o que era ruidoso, feio ou opressivo. Gregorius tirou o sobretudo e se sentou numa mesinha junto da janela. Não, disse ao garçom de paletó bege-claro, não estou hospedado no hotel. Sentiu o olhar perscrutador: seu pulôver cinza de gola rulê sob o paletó surrado com reforço de camurça na altura dos cotovelos, a calça deformada de veludo cotelê, a rala coroa de cabelos circundando a poderosa careca, a barba grisalha que lhe deixava sempre com um aspecto meio desleixado. Quando o garçom se afastou com o seu pedido, Gregorius examinou com movimentos desajeitados se tinha levado dinheiro suficiente. Depois apoiou os cotovelos na toalha de mesa engomada e olhou para a ponte.

Era total insensatez esperar vê-la ressurgir ali. Ela voltara pela ponte e desaparecera numa das vielas do centro antigo. Em sua lembrança, viu-a sentada na sala de aula, olhando pela janela com o olhar ausente. Viu-a contorcendo as mãos alvas entrelaçadas. E viu mais uma vez surgir o seu rosto de alabastro por trás da toalha, esgotado e vulnerável. *Português*. Hesitante, puxou a agenda e olhou para o número de telefone. O garçom trouxe o café da manhã numa bandeja de prata. Gregorius deixou o café esfriar. De repente, levantou-se e se encaminhou para o telefone. Mas no meio do caminho mudou de ideia e voltou para a mesa. Pagou o café da manhã que sequer tocara e deixou o hotel.

Havia muitos anos que não ia à livraria espanhola no Hirschengraben. Antigamente, costumava ir lá de vez em quando para comprar um livro de que Florence necessitava para a sua tese sobre San Juan de la Cruz. No ônibus, às vezes chegara a folhear os livros, mas em casa nunca tocava neles. O espanhol era território dela. Era como latim, porém era diferente, e isso o incomodava. Ficava contrafeito quando palavras que lembravam com tanta evidência o latim saíam de bocas contemporâneas — na rua, no supermercado, no restaurante. Palavras utilizadas para pedir uma coca-cola, para pechinchar ou para praguejar. Era-lhe difícil suportar essa ideia, e quando ela lhe vinha à cabeça tratava logo de afastar com veemência aquela imagem. Claro que os romanos também tinham pechinchado e praguejado. Mas era diferente. Ele amava as frases em latim porque elas traziam em si a serenidade de tudo o que já passou. Porque não exigiam nenhum comentário. Porque eram linguagem para além de toda falação. E porque eram belas em sua inalterabilidade. Línguas mortas — as pessoas que diziam isso não tinham noção, não tinham a menor noção, e Gregorius chegava a ser rígido e inflexível em seu desprezo por elas. Quando Florence falava espanhol ao telefone, ele costumava fechar a porta. Isso a ofendia, e ele não sabia como lhe explicar por que agia daquela maneira.

A livraria recendia maravilhosamente a couro antigo e pó. O dono, um senhor já de certa idade, dono de um conhecimento lendário das línguas românicas, estava ocupado no cômodo dos fundos. A parte da frente estava vazia, só havia uma jovem, provavelmente uma estudante. Estava sentada num canto ao lado de uma mesa lendo um livro fino de capa amarelada. Gregorius teria preferido estar sozinho. Teria sido mais fácil suportar sozinho a sensação de só ter ido até ali porque a sonoridade de uma palavra em português não saía da sua cabeça, e talvez também por não saber para onde ir depois. Ele percorreu as estantes sem ver nada. De vez em quando, ajeitava os óculos para conseguir ler um título numa das prateleiras mais no alto, mas mal o tinha lido, já o esquecera. Como tantas outras vezes, encontrava-se entregue a seus pensamentos e o seu espírito estava blindado para o mundo exterior.

Quando a porta se abriu, ele se virou rapidamente. Ao ver o carteiro e se aperceber de sua decepção, deu-se conta de que, contrariamente ao que se propusera e contra todas as normas da razão, continuava à espera da portuguesa. A estudante fechou o livro e se levantou. Mas em vez de colocá-lo na mesa, ao lado dos outros, continuou em pé, deixando o olhar correr pela capa cinzenta, acariciando-a, e só depois de alguns segundos recolocou o livro na mesa, de um jeito muito manso e cuidadoso, como se qualquer movimento mais brusco pudesse reduzi-lo a pó. Durante um instante, ficou parada junto à mesa, parecia que ia mudar de ideia e que acabaria comprando o livro. A seguir, saiu, as mãos afundadas nos bolsos do sobretudo e a cabeça baixa. Gregorius pegou o livro e leu: AMADEU INÁCIO DE ALMEIDA PRADO, UM OURIVES DAS PALAVRAS! LISBOA 1975.

O livreiro, que havia se aproximado, lançou um olhar sobre o livro e pronunciou o título. Gregorius só escutou uma sequência de sons chiados; as vogais engolidas, mal audíveis, pareciam apenas um pretexto para que se pudesse repetir sempre de novo aquele "*ch*" no final.

— O senhor fala português?

Gregorius fez que não com a cabeça.

— *Um ourives das palavras*, não é belo esse título?

— Calmo e elegante. Como prata fosca. Por favor, poderia repeti-lo em português?

O livreiro repetiu as palavras. Era evidente que, para além das palavras, ele se deliciava com a sua sonoridade aveludada. Gregorius abriu o livro e folheou-o até o início do texto. Entregou-o ao homem que lhe lançou um olhar levemente surpreso, porém simpático, e começou a ler. Gregorius cerrou os olhos. Depois de algumas frases, o livreiro parou.

— Quer que traduza?

Gregorius fez que sim. Em seguida, escutou frases que desencadearam nele um efeito atordoante, pois parecia que tinham sido escritas só para ele, mas não só isso, especialmente para ele naquela manhã em que tudo havia mudado.

De mil experiências que fazemos, no máximo conseguimos traduzir uma em palavras, e mesmo assim de forma fortuita e sem o merecido cuidado. Entre todas as experiências mudas, permanecem ocultas aquelas que, imperceptivelmente, dão às nossas vidas a sua forma, o seu colorido e a sua melodia. Quando depois, tal qual arqueólogos da alma, nós nos voltamos para esses tesouros, descobrimos quão desconcertantes eles são. O objeto da observação se recusa a ficar imóvel, as palavras deslizam para fora da vivência e o que resta no papel no final não passa de um monte de contradições. Durante muito tempo acreditei que isso era um defeito, algo que deve ser vencido. Hoje penso que é diferente, e que o reconhecimento de tamanho desconcerto é a via régia para compreender essas experiências ao mesmo tempo conhecidas e enigmáticas. Tudo isso parece estranho, eu sei, até mesmo extravagante. Mas desde que passei a ver as coisas assim, tenho a sensação de, pela primeira vez, estar atento e lúcido.

— Isto é a introdução — disse o livreiro, começando a folhear. — E agora, parece, ele começa a tentar escavar as experiências ocultas, parágrafo após parágrafo. Tornar-se o seu próprio arqueólogo. Há parágrafos de várias páginas, outros muito breves. Eis aqui um, por exemplo, que consiste de uma única frase.

Ele traduziu:

Se é verdade que apenas podemos viver uma pequena parte daquilo que há dentro de nós, o que acontece com o resto?

— Quero ficar com o livro — disse Gregorius.

O livreiro fechou-o e deslizou a mão delicadamente pela capa com o mesmo gesto carinhoso da estudante.

— Encontrei-o no ano passado numa caixa num antiquário em Lisboa. Lembro que o comprei porque gostei da introdução. Depois, perdi-o de vista. — Ele olhou para Gregorius, que apalpava o bolso desajeitadamente à procura da sua carteira de dinheiro. — Gostaria de lhe dar este livro.

— Mas isso... — começou Gregorius, com a voz rouca, pigarreando.

— Ele praticamente não me custou nada — disse o livreiro, entregando-lhe o livro. — E agora me lembrei do senhor: San Juan de la Cruz, certo?

— Era minha mulher — disse Gregorius.

— Então o senhor é o filólogo do liceu de Kirchenfeld, ela me falava a seu respeito. E depois uma outra pessoa falou a seu respeito. Dava a impressão de que o senhor é uma enciclopédia ambulante — riu-se. — E uma enciclopédia muito popular.

Gregorius guardou o livro no bolso do sobretudo e estendeu a mão ao livreiro.

— Muito obrigado.

O livreiro o acompanhou até a porta.

— Espero que eu não tenha...

— De forma alguma — disse Gregorius, tocando o seu braço.

Na Bubenbergplatz ele parou e deixou o olhar vagar à sua volta. Passara ali toda a sua vida, conhecia tudo, ali se sentia em casa. Aquilo era importante para um míope como ele. Para alguém como ele, a cidade na qual vivia era como um casulo, uma caverna aconchegante, um porto seguro. Todo o resto significava perigo. Só quem usava lentes grossas como as dele era capaz de entender isso. Florence nunca entendera. Quem sabe, pela mesma razão não fora capaz de entender que ele não gostava de avião. Entrar num avião para, poucas horas depois, aterrissar num mundo completamente diferente, sem ter tido o tempo de absorver imagens ao longo do caminho — não, ele não gostava daquilo, aquilo o perturbava. *Não pode dar certo*, dissera para Florence. *O que significa isto?,* respondera ela, irritada. Ele não era capaz de explicar, e foi assim que ela passou a viajar cada vez mais sozinha, ou com outros, geralmente para a América do Sul.

Gregorius parou diante da vitrine do Cinema Bubenberg. Na sessão da tarde havia um filme em preto e branco, uma adaptação de um romance de Georges Simenon, *O homem que via o trem passar*. O título lhe agradou e ele se deteve por muito tempo olhando as imagens. No final dos anos 70, quando todos compravam televisores em cores, ele ainda tentara — sem êxito — comprar um aparelho em preto e branco. Finalmente, achara um jogado na rua. Mesmo depois do casamento, insistira tenazmente em ficar com ele. Pusera-o no seu escritório e, quando estava sozinho em casa, deixava o aparelho colorido na sala e ligava o velho equipamento com a imagem tremida. *Mundus, você é mesmo impossível*, dissera-lhe Florence um belo dia, ao encontrá-lo sentado diante daquele aparelho feio e disforme. Aquilo fora o começo do fim — dirigir-se a ele como faziam os outros e tratá-lo dentro de casa como se pertencesse aos móveis e utensílios da cidade de Berna. Quando, com a separação, o televisor em cores desapareceu do apartamento, ele respirou aliviado. Só

muitos anos depois, quando a válvula estragou irremediavelmente, ele adquiriu um novo equipamento em cores.

As imagens na vitrine eram grandes e muito nítidas. Uma delas mostrava o rosto pálido, cor de alabastro, de Jeanne Moreau, afastando da testa a franja molhada. Gregorius estremeceu e, para se libertar daquela imagem, entrou no primeiro café que encontrou para observar de perto o livro em que aquele nobre português tentara expressar com palavras as suas experiências mudas.

Só então, ao folheá-lo lentamente, com o vagar de um amante de livros antigos, ele descobriu o retrato do autor — uma fotografia antiga, já amarelada, em que as áreas antes pretas haviam se transformado em marrom escuro, e o rosto claro, em uma superfície de sombras granuladas. Gregorius limpou as lentes dos óculos, recolocou-os e, em poucos instantes, estava inteiramente hipnotizado por aquele rosto.

O homem devia ter cerca de 30 anos e irradiava uma inteligência, uma altivez e uma audácia que literalmente deslumbraram Gregorius. O rosto claro e a testa alta eram emoldurados por uma farta cabeleira escura, de um brilho esmaecido, e, penteada para trás, parecia um elmo do qual escapavam mechas que lhe caíam em suaves ondulações sobre as orelhas. Um fino nariz aquilino conferia ao rosto uma grande nitidez, sublinhada por sobrancelhas fortes, como vigas pintadas com largas pinceladas e terminando abruptamente, provocando uma concentração no meio, onde ficam os pensamentos. Os lábios cheios e bem delineados, que não seriam nenhuma surpresa no rosto de uma mulher, eram emoldurados por um bigodinho fino e um cavanhaque bem aparado, cuja sombra negra no pescoço esguio deu a Gregorius a impressão de que ali era preciso contar com uma certa rudeza e dureza. Mas o que era decisivo eram os olhos negros. Estavam acentuados por olheiras, mas não eram olheiras de cansaço, exaustão ou doença, e sim de seriedade e uma certa melancolia. No olhar escuro se misturavam suavidade, intrepidez e inflexibilidade. Este homem é um sonhador, um poeta, pensou Gregorius, mas ao mesmo tempo é alguém que sabe manejar uma arma firmemente ou um estilete, alguém de quem é melhor desviar quando seus olhos estiverem incendiados, olhos capazes de manter um exército inteiro à distância, olhos a quem a crueldade não é estranha. Da roupa só era possível distinguir a gola branca com o nó na gravata por baixo de um paletó.

Era quase uma hora quando Gregorius emergiu do transe em que o retrato o mergulhara. Mais uma vez, deixara esfriar o café. Desejou poder escutar a voz do português e vê-lo se movendo. Se, em 1975, ele tinha 30 e poucos anos, como parecia, agora devia ter pouco mais de 60. *Português*. Gregorius tentou chamar a voz da portuguesa para a sua memória e, em pensamentos, transportou-a alguns tons

para baixo, sem que ela se transformasse na voz do livreiro. Queria que ela se tornasse uma voz de uma clareza melancólica, capaz de corresponder ao olhar de Amadeu de Prado. Ele tentou harmonizar as frases do livro com essa voz. Mas não funcionou, ele não sabia como pronunciar aquelas palavras.

Lucien von Graffenried passou pelo café. Gregorius ficou surpreso e sentiu alívio por não estremecer. Viu o rapaz se afastando e pensou nos livros que deixara na mesa. Precisaria esperar até o início da aula das duas horas. Só então poderia ir à livraria para comprar um método para aprender a língua portuguesa.

3

Gregorius mal acabara de colocar o primeiro disco em casa, para escutar as primeiras frases em português, quando o telefone tocou. A escola! O telefone não parava mais. Ele estava de pé, ao lado do aparelho, ensaiando as frases que poderia dizer. "Desde hoje de manhã sinto que gostaria de mudar a minha vida. Que não quero mais ser o Mundus para vocês. Não tenho a menor ideia de como será essa coisa nova. Só sei que não cabe mais o menor adiamento. Meu tempo está terminando e pode ser que não me reste muito." Gregorius proferiu essas frases em alto e bom som. Eram verdadeiras, ele sabia, em toda a sua vida proferira poucas frases de grande significado que tinham sido tão verdadeiras quanto estas. Mas ao serem pronunciadas daquela maneira soavam vazias e patéticas, era impossível dizê-las ao telefone.

O telefone parara de tocar. Mas logo recomeçaria. Estavam preocupados e não dariam trégua até encontrá-lo; afinal, poderia ter-lhe acontecido alguma coisa. Mais cedo ou mais tarde, bateriam à porta. Agora, em fevereiro, anoitecia cedo. Ele não poderia acender as luzes. No centro da cidade, que constituíra o centro da sua vida, ele se encontrava em plena fuga, vendo-se obrigado a se esconder no apartamento onde morava havia 15 anos. Aquilo era bizarro, ridículo, parecia uma comédia de pastelão. E, no entanto, era *sério*, mais sério do que a maioria das coisas que ele vivenciara e fizera até então. Gregorius imaginou-se abrindo a porta e convidando-os a entrar. Impossível. Totalmente impossível.

Ele escutou três vezes seguidas o primeiro disco de aulas de português e começou a ter uma ideia da diferença entre a língua escrita e a falada e de tudo o que era engolido no português falado. A sua memória infalível para configurações linguísticas entrou em ação.

O telefone começou a tocar em intervalos cada vez mais breves. Da inquilina anterior herdara um aparelho antediluviano, que ele não podia simplesmente tirar da tomada. Ele insistira em que tudo permanecesse exatamente do mesmo jeito. Foi

buscar um cobertor para sufocar o som.

As vozes que o conduziam através das aulas de português mandavam-no repetir palavras e frases curtas. Ao tentar fazê-lo, sentia seus lábios e sua língua pesados e desajeitados. As línguas antigas pareciam ter sido feitas sob medida para a sua pronúncia de Berna, e naquele universo atemporal nunca existira a necessidade de se apressar. Os portugueses, ao contrário, pareciam sempre estar com pressa, semelhante aos franceses, perante os quais sempre se sentira inferior. Florence adorava aquela elegância vertiginosa, e quando ele escutava a leveza com que ela conseguia falar, emudecia.

Mas agora, de repente, tudo mudara: Gregorius *queria* imitar aquela velocidade indômita do locutor e a claridade dançante da locutora que lembrava uma flauta *piccolo*. Passou a repetir sempre as mesmas frases a fim de diminuir a diferença entre a sua pronúncia desajeitada e o exemplo vibrante. Depois de algum tempo, entendeu que estava prestes a vivenciar uma grande libertação; a libertação de uma limitação autoimposta, de uma lentidão e de um peso contidos em seu próprio nome e nos passos arrastados do pai quando este caminhava de uma sala do museu para a outra; a libertação de uma imagem de si próprio que, mesmo quando não estava lendo, evocava uma pessoa míope debruçada sobre livros empoeirados; imagem que ele não construíra, mas que se desenvolvera lenta e despercebidamente; a imagem de *Mundus*, que não apenas trazia a sua assinatura, mas também a de muita gente que a percebia como agradável e achava confortável apoiar-se e repousar junto àquela tranquila figura de museu. Para Gregorius, era como se estivesse se libertando daquela imagem, como se estivesse saindo de um quadro a óleo pendurado na parede de uma ala esquecida do museu. Ele ficou deambulando pelo apartamento escuro, pedia um café em português, pedia informações sobre uma determinada rua em Lisboa, perguntava pela profissão e pelo nome de um interlocutor oculto, respondia a perguntas sobre a sua própria profissão e mantinha um rápido diálogo sobre o tempo.

De repente, começou a conversar com a portuguesa daquela manhã. Perguntou-lhe o motivo de sua raiva contra o remetente da carta. *Você quis mesmo saltar?* Excitado, pegou o novo dicionário e a gramática e consultou expressões e formas verbais que lhe faltavam. *Português*. Como o som da palavra já lhe parecia agora bem diferente! Se até aquele momento possuíra a magia de uma joia de um país distante e inacessível, agora já era uma entre mil pedras preciosas num palácio cuja porta acabara de abrir.

A campainha da porta tocou. Na ponta dos pés, Gregorius foi até a vitrola e

desligou o aparelho. Eram vozes jovens, vozes de alunos conversando do lado de fora. Por mais duas vezes a campainha estridente cortou o silêncio crepuscular no qual Gregorius esperava, imóvel. Depois, os passos se afastaram na escadaria.

A cozinha era o único cômodo que dava para os fundos e que tinha persianas. Gregorius baixou-as e acendeu a luz. Foi buscar o livro do nobre português e os livros de gramática, sentou-se à mesa de jantar e começou a traduzir o primeiro texto depois da introdução. Era como latim, mas era bem diferente de latim, mas isso já não o incomodava nem um pouco. Era um texto difícil, moroso. Metodicamente, com a persistência de um maratonista, Gregorius procurava os vocábulos e consultava as tabelas de verbos até solucionar as formas verbais obscuras. Depois de algumas frases, uma excitação febril tomou conta dele, e ele foi buscar papel para escrever a sua tradução. Já eram quase nove horas quando, finalmente, deu-se por satisfeito.

PROFUNDEZAS INCERTAS. *Haveria um mistério sob a superfície da atividade humana? Ou seriam as pessoas exatamente como se revelam através de suas ações explícitas?*

Pode parecer estranho, mas dentro de mim a resposta se alterna conforme a luz que recai sobre a cidade e o Tejo. Na luz mágica de um dia luminoso de agosto, que produz sombras nítidas e de contornos claros, a ideia de uma profundeza humana oculta me parece absurda e como um fantasma curioso, algo terno, semelhante a uma miragem que aparece quando olho longamente para as ondas que surgem naquela mesma luz. Mas se, ao contrário, a cidade e o rio, num dia triste de janeiro, são envolvidos por uma cúpula de luz sem sombra e tediosamente cinzenta, não conheço certeza maior do que esta: a de que qualquer ação humana não passa de manifestação altamente imperfeita, até mesmo ridícula e indefesa, de uma vida interior oculta de profundezas nunca imaginadas. Uma vida que quer chegar à superfície sem jamais conseguir alcançá-la.

A esta estranha e inquietante incerteza do meu julgamento soma-se ainda mais uma experiência que, desde que a conheci, tem mergulhado a minha vida em uma insegurança perturbadora: é que nessa questão, além da qual não pode existir nada mais importante para nós humanos, eu hesito tanto quanto quando se trata de me analisar a mim mesmo. Quando, por exemplo, estou sentado no meu café preferido, ao sol, escutando as risadas sonoras das senhoras que passam, parece-me que todo o meu mundo interior está repleto até o canto mais remoto e que eu o conheço todo por ele se esgotar nessas sensações agradáveis. Mas no momento em que uma camada de nuvens prosaica e

desmistificadora encobre o sol, tenho subitamente a certeza de que existem em mim profundezas ocultas e baixios dos quais podem irromper coisas nunca imaginadas e que podem me levar de arrastão. Então, procuro pagar logo e vou buscar uma diversão na esperança de que o sol volte logo, restaurando os direitos à superficialidade tranquilizadora.

Gregorius abriu a página onde estava a fotografia de Amadeu de Prado e apoiou o livro no abajur. Leu o texto traduzindo frase por frase para aquele olhar intrépido e melancólico. Até então, somente uma vez fizera algo semelhante, nos tempos de estudante, quando lera as reflexões de Marco Aurélio. Na mesa estivera um busto de gesso do imperador, e enquanto ele trabalhava no texto, era como se estivesse protegido por aquela presença muda. Mas havia uma diferença entre aquela experiência e agora, diferença que Gregorius percebia cada vez mais nitidamente quanto mais a noite avançava, sem que pudesse expressá-la em palavras. Por volta das duas horas, teve uma certeza: com a acuidade de sua percepção, o português lhe emprestava uma atenção e nitidez da sensação que nem o sábio imperador, cujos Pensamentos ele devorara como se fossem dirigidos a ele, conseguira lhe dar. Nesse meio-tempo, Gregorius já traduzira outra anotação:

PALAVRAS NUM SILÊNCIO DE OURO. *Quando leio jornal, escuto rádio ou presto atenção no que as pessoas me dizem no café, sinto cada vez mais um enfado, um asco mesmo das palavras sempre iguais que são escritas ou ditas, sempre as mesmas expressões, sempre os mesmos floreios, as mesmas metáforas. O pior é quando escuto a minha própria voz e constato que também eu digo sempre as mesmas coisas. Essas palavras estão terrivelmente gastas e usadas, esgotadas pelos milhões de vezes em que foram usadas. Terão ainda algum significado? Claro, a troca de palavras continua funcionando, as pessoas agem de acordo, riem e choram, viram para a esquerda ou para a direita, o garçom traz o café ou o chá. Mas não é o que eu quero questionar. A questão é: será que elas ainda exprimem pensamentos? Ou apenas formações sonoras que impelem as pessoas de um lado para o outro porque iluminam os traços de uma eterna tagarelice?*

Acontece por vezes de eu ir à praia, sentindo a cabeça exposta ao vento que desejo gelado, mais do que o conhecemos por aqui. Desejo que ele me esvazie de todas as palavras gastas, de todos os hábitos linguísticos esgotados, para que eu possa voltar com o espírito purificado, limpo das escórias daquele palavreado sempre igual. Mas na primeira

oportunidade que tenho de falar alguma coisa, tudo volta. A purificação pela qual anseio não acontece automaticamente. Preciso fazer alguma coisa, e preciso fazê-lo com palavras. Mas o quê? Não que eu queira fugir da minha língua e entrar em outra. Não, não se trata de uma deserção linguística. E me digo outra coisa: não é possível reinventar a linguagem. Mas então o que é que eu quero?

Talvez seja assim: quero compor de um novo modo *as palavras portuguesas. As frases que surgiriam dessa nova composição não devem ser incomuns ou extravagantes, nem exaltadas, afetadas ou forçadas. Teriam de ser frases arquetípicas da língua portuguesa, que constituiriam o seu centro, para que as pessoas tivessem a sensação de que brotam sem volteios e sem qualquer contaminação da própria essência transparente e cristalina dessa língua. As palavras deveriam ser imaculadas como o mármore polido, deveriam ser puras como os sons numa partitura de Bach, que transformam em silêncio profundo tudo o que não são. Às vezes, quando ainda há em mim um resto de conciliação com a lama linguística, penso que poderia ser a tranquilidade acolhedora de uma sala de estar agradável, ou então o silêncio descontraído entre amantes. Mas quando me sinto completamente dominado pela fúria e pela indignação perante os pegajosos costumes linguísticos, então não pode ser menos do que a quietude clara e fresca do espaço sideral, em que silenciosamente gravito como único ser capaz de se exprimir em português. O garçom, a cabeleireira, o condutor de trem, todos eles se espantariam ao ouvir as novas palavras, e o seu espanto teria a ver com a beleza das frases, uma beleza que não é outra coisa senão o brilho de sua clareza. Seriam, imagino, frases urgentes, necessárias, até mesmo implacáveis. Seriam íntegras e inamovíveis, semelhantes às palavras de um deus. Ao mesmo tempo, estariam isentas de qualquer exagero e despidas de* pathos*, exatas e de tal forma precisas que seria impossível tirar uma só palavra, uma só vírgula. Nesse aspecto, seriam comparáveis a um poema, compostas por um ourives das palavras.*

O estômago de Gregorius doía de fome e ele se obrigou a comer alguma coisa. Mais tarde, encontrou-se sentado na sala escura com uma xícara de chá. E agora? A campainha soara mais duas vezes, e ele escutara o som sufocado do telefone pela última vez pouco antes da meia-noite. No dia seguinte, haveria um anúncio oficial de desaparecimento e a polícia haveria de aparecer na porta da sua casa. Ele ainda podia voltar atrás. Às quinze para as oito, atravessaria a ponte de Kirchenfeld. Entraria no liceu e resolveria a sua misteriosa ausência contando alguma história que

o faria parecer esquisito, mas só isso, combinava com ele. Eles jamais haveriam de saber nada daquela imensa distância que ele percorrera em seu interior em menos de 24 horas.

Mas este era o ponto. Ele já a *percorrera*. E não queria se ver obrigado pelos outros a cancelar essa viagem silenciosa. Buscou um mapa da Europa e pensou qual era o melhor jeito de chegar a Lisboa de trem. O serviço de informações, como descobriu ao telefone, só voltaria a funcionar a partir das seis da manhã. Ele começou a fazer a mala.

Eram quase quatro horas quando ele se sentou na poltrona, pronto para partir. Lá fora começou a nevar. De repente, a coragem o abandonou. Era uma ideia maluca. Uma portuguesa sem nome e com distúrbio emocional. Anotações amareladas de um nobre português. Um curso de línguas para iniciantes. A ideia do tempo que passa. Nada disso era razão para fugir no meio do inverno para Lisboa.

Por volta das cinco, Gregorius ligou para Konstantin Doxiades, o oftalmologista. Tantas vezes eles haviam telefonado no meio da noite para dividir o sofrimento comum da insônia. Uma solidariedade sem palavras unia pessoas insones. Às vezes, ele jogava uma partida cega de xadrez com o grego, e depois Gregorius podia dormir um pouco até a hora de ir para a escola.

— Não faz nenhum sentido, faz? — disse Gregorius ao fim da história gaguejada. O grego permaneceu mudo. Gregorius conhecia isso. Agora ele estaria fechando os olhos e pegando a raiz do nariz com o polegar e o indicador.

— Faz todo o sentido — disse o grego. — Todo.

— O senhor me ajuda se, no meio do caminho, eu não souber mais o que fazer?

— Basta ligar. A qualquer hora do dia ou da noite. Não esqueça o par de óculos sobressalente.

Lá estava ela de volta, aquela firmeza lacônica na sua voz. Uma firmeza médica, mas ao mesmo tempo uma firmeza que ultrapassava o âmbito profissional. Era a firmeza de um homem que tomava tempo para suas reflexões, para que depois se expressassem em julgamentos consistentes. Durante vinte anos Gregorius frequentava aquele médico, o único capaz de lhe tirar o medo de ficar cego. Às vezes, ele o comparava ao seu pai, que, depois da morte prematura da mulher — não importava onde estivesse e o que estivesse fazendo —, parecia estar no refúgio empoeirado de um museu. Desde jovem, Gregorius aprendera que esse refúgio era muito frágil. Gostava muito do pai, e havia momentos em que o sentimento era até mais forte e mais profundo do que um simples gostar. Mas ele sofrera com o fato de que o pai não era do tipo que dava apoio e sustentação, como o grego, cujas opiniões eram firmes como uma rocha. Mais tarde, tivera a consciência pesada por

causa dessa censura em relação ao pai. A firmeza de que ele sentira falta não era algo que uma pessoa possuía a ponto de que se lhe pudesse censurar a falta. Era preciso que alguém tivesse sorte para se tornar uma pessoa firme. E o pai não tivera muita sorte, nem consigo próprio, nem com os outros.

Gregorius sentou-se à mesa da cozinha e esboçou uma carta para o diretor. Ora ficava muito dura, ora culpada. Às seis, ligou para o serviço de informações ferroviárias. A partir de Genebra, eram 26 horas de viagem, passando por Paris e Irún, no País Basco, e de lá via trem noturno para Lisboa, chegando às onze da manhã. Gregorius reservou o bilhete. O trem para Genebra sairia às sete e meia.

Finalmente conseguiu escrever a carta.

Estimado senhor diretor, caro colega Kägi,

O senhor deve ter sido informado de que ontem abandonei a sala de aula sem qualquer explicação e não voltei mais, e o senhor também já deve saber que, de lá para cá, não fui mais encontrado. Estou bem, nada aconteceu comigo. No entanto, ao longo do dia de ontem passei por uma experiência que modificou muita coisa. Ela é por demais pessoal e também ainda muito pouco clara para que eu a possa colocar no papel agora. Preciso simplesmente pedir-lhe que aceite o meu ato abrupto e sem explicação. Imagino que me conhece o suficiente para saber que nada disso aconteceu por leviandade, falta de responsabilidade ou indiferença. Estou partindo para uma longa viagem e ainda está em aberto quando voltarei e de que forma. Não espero que guarde o meu emprego para mim. A maior parte da minha vida foi intimamente entrelaçada com este liceu, e estou certo de que sentirei falta dele. Mas agora algo me impele a partir, e é bem possível que esse movimento seja definitivo. O senhor e eu somos ambos admiradores de Marco Aurélio, e o senhor haverá de se lembrar deste trecho de seus Pensamentos: *"Força-te, força-te à vontade e violenta-te, alma minha; mais tarde, porém, já não terás tempo para te assumires e respeitares. Porque de uma vida apenas, uma única, dispõe o homem. E se para ti esta já quase se esgotou, nela não soubeste ter por ti respeito, tendo agido como se a tua felicidade fosse a dos outros... Aqueles, porém, que não atendem com atenção os impulsos da própria alma são necessariamente infelizes."*

Agradeço a confiança que sempre me dispensou e a boa colaboração que nos uniu. Tenho certeza de que encontrará as palavras adequadas quando se dirigir aos alunos, palavras que os fará saber o quanto gostei de trabalhar com eles. Antes de partir, ontem, observei-os e pensei: Quanto tempo eles ainda têm pela frente!

Na esperança de sua compreensão e os melhores votos para o senhor e o seu trabalho sou

Raimund Gregorius

P.S.: Deixei os meus livros sobre a mesa. Poderia, por favor, guardá-los e cuidar para que nada lhes aconteça?

Gregorius colocou a carta numa caixa dos correios na estação. Depois, no caixa automático, suas mãos tremeram. Ele limpou os óculos e se certificou de que estava com o passaporte, os bilhetes e a agenda de endereços. Encontrou um lugar junto da janela. Quando o trem deixou a estação rumo a Genebra, nevava em flocos grossos e lentos.

4

O olhar de Gregorius se agarrou às últimas casas da cidade de Berna até o fim. Quando, finalmente, haviam desaparecido do seu campo visual de forma irrevogável, ele sacou a agenda e começou a anotar os nomes dos alunos que tivera ao longo dos anos. Ele começou com o ano anterior e foi retrocedendo. Buscou, para cada nome, o rosto correspondente, um gesto característico, um episódio marcante. Sem esforço algum, anotou todos os nomes dos últimos três anos. Depois, começou a ter a sensação cada vez mais forte de que faltava mais alguém. Em meados dos anos 1990, as turmas já consistiam apenas de alguns rostos e nomes, e depois a sequência temporal se apagou. Restaram apenas alguns garotos e moças com quem tinha vivido algum episódio especial.

Ele voltou a fechar a agenda. De vez em quando, encontrava no centro um ex-aluno ou uma ex-aluna. Já não eram mais rapazes ou moças, e sim homens ou mulheres com parceiros, profissões, filhos. Ele se assustava quando se dava conta de como os rostos estavam mudados. Muitas vezes, o seu espanto derivava do resultado de uma transformação: uma expressão prematuramente amarga, um olhar acossado, um indício de doença grave. Mas geralmente o que o deixava arrepiado era o mero fato de que as transformações nas expressões faciais testemunhavam o passar indelével do tempo e a decadência sem piedade de tudo o que existe. Observava então as suas mãos, onde surgiam as primeiras manchas de velhice, e às vezes buscava fotos de sua época de estudante, tentando se lembrar de como tinha sido este longo caminho, dia após dia, ano após ano. Nesses dias, ele ficava mais assustado do que de hábito e, muitas vezes, aparecia no consultório de Doxiades sem marcar hora para que este, mais uma vez, lhe tirasse o medo de ficar cego. O que mais o desconcertava eram os encontros com alunos que tinham vivido muitos anos no exterior, em outro continente, em outro clima, com uma outra língua. “E o senhor? Continua em Kirchenfeld?”, perguntavam-lhe, e seus movimentos traíam sua impaciência. À noite, depois de tais encontros, ele costumava se defender contra esse questionamento e, mais tarde, contra a sensação de ter que se defender.

E agora que tudo aquilo passava por sua cabeça ele estava sentado no trem, sem dormir havia mais de 24 horas, rumo a um futuro incerto, como nunca na vida lhe acontecera.

A parada em Lausanne foi tentadora. Na mesma plataforma, do outro lado, entrou o trem para Berna. Gregorius imaginou-se saltando na estação de Berna. Olhou para o relógio. Se tomasse um táxi para Kirchenfeld, chegaria a tempo de dar a quarta aula. Quanto à carta, ele teria que esperar o carteiro de manhã ou pedir a Kägi que lhe devolvesse o envelope sem abri-lo. Desagradável, porém não impossível. O seu olhar recaiu sobre a agenda na mesinha do trem. Sem abri-la, repassou a lista dos nomes dos alunos. De repente, compreendeu tudo: aquilo que, pouco depois do desaparecimento das últimas casas de Berna, começara como tentativa de se agarrar às coisas que ainda lhe eram familiares transformara-se, nas horas seguintes, cada vez mais em uma despedida. Para podermos nos despedir de alguma coisa, pensou, enquanto o trem se punha em marcha, é preciso enfrentá-la de uma forma que gere um distanciamento interior. É preciso transformar essa naturalidade tácita, difusa, que toma conta da gente, em uma clareza que revela o significado de tudo aquilo. Materializando-se em algo com contornos nítidos. Alguma coisa tão nítida quanto a lista dos inúmeros alunos que haviam determinado a sua vida mais do que qualquer outra coisa. Para Gregorius, era como se o trem, que naquele momento deixava a estação, também deixasse para trás um pedaço de si próprio. Sentiu-se à deriva num bloco de gelo que se desprendera da terra firme por um terremoto e vagasse no mar aberto e gelado.

Quando o trem ganhou velocidade, ele adormeceu e só acordou quando sentiu que o carro parou na estação de Genebra. A caminho do trem de alta velocidade francês ele ficou muito nervoso, como se estivesse partindo para uma viagem no Expresso Transiberiano. Mal se sentou em seu lugar, o vagão foi invadido por um grupo de turistas franceses. Uma algaravia de uma elegância histérica encheu o carro, e quando alguém se curvou sobre ele com o sobretudo aberto para colocar a mala no bagageiro, os seus óculos caíram. Então, Gregorius fez algo que jamais fizera antes: pegou suas coisas e se mudou para o compartimento de primeira classe.

As poucas ocasiões em que ele viajara de primeira classe tinham acontecido há mais de vinte anos. Fora Florence que insistira, ele concordara e se sentara naquele estofamento caro com a sensação de estar fazendo algo muito errado. *Você acha que sou um chato?*, perguntara-lhe depois de uma daquelas viagens. “Como? Mas Mundus, você não pode me perguntar uma coisa dessas!”, respondera ela, passando a mão no cabelo com um gesto que ela repetia sempre que ficava constrangida. Quando Gregorius, agora que o trem ia se colocando em movimento, passou as

duas mãos pelo estofado elegante, seu ato lhe pareceu uma vingança atrasada e infantil cujo sentido nem ele compreendia muito bem. Estava aliviado por não haver ninguém sentado perto dele que pudesse testemunhar a sua percepção incompreendida.

Ele se assustou com a diferença que teve de pagar ao controlador e, quando o homem saiu, contou seu dinheiro duas vezes. Lembrou-se da senha do seu cartão de crédito e a anotou em sua agenda. Pouco tempo depois, rasgou a folha e a jogou pela janela. Desde Genebra, parara de nevar, e agora ele via o sol pela primeira vez depois de várias semanas. Ele aqueceu o seu rosto atrás da vidraça e ele se acalmou. Ele sempre tivera dinheiro em excesso na conta-corrente, ele sabia disso. "Por que o senhor faz isso?", costumava dizer a gerente do banco quando via tudo o que ele acumulara na conta por retirar tão pouco. *O senhor tem que aplicar o seu dinheiro!* Ela fez uma aplicação para ele e, assim, depois de alguns anos, ele se tornara um homem próspero que não parecia saber nada da sua prosperidade.

Gregorius pensou nos dois livros de latim que ele deixara no dia anterior àquela mesma hora em cima da mesa. Havia umas palavras escritas a tinta com letra de criança: *Anneli Weiss*. Sua família não tivera dinheiro para livros novos, e ele procurara em todas as livrarias da cidade, até encontrar os exemplares usados em um antiquário. Quando mostrou o seu achado em casa, o pomo de adão do pai se mexera bastante; ele sempre se mexia quando o pai estava com alguma preocupação. Em um primeiro momento, o nome estranho no livro o incomodara. Mas depois ele imaginou a antiga dona do livro, uma menina com meias até o joelho e cabelos esvoaçantes, e pouco tempo depois ele já não teria mais trocado os livros usados por novos. Mesmo assim, tivera muito prazer quando conseguiu comprar os textos velhos em edições novas e caras, quando começou a ganhar dinheiro como professor substituto. Isso tudo fazia trinta anos, e ainda lhe parecia um pouco irreal. Ainda poucos dias atrás ele olhara para a sua estante e pensara: como é possível eu ter conseguido reunir uma coleção de livros tão bonita!

Pouco a pouco, as recordações de Gregorius foram se fundindo em imagens de sonho, nas quais o livrinho em que sua mãe costumava anotar tudo o que ganhava com suas faxinas sempre voltava, como uma luz torturante. Ele ficou agradecido quando acordou com o ruído de um copo que se quebrou ao cair de alguma mesinha.

Faltava ainda uma hora até Paris. Gregorius sentou-se no vagão-restaurante e olhou para o claro dia primaveril. De repente, deu-se conta de que estava efetivamente em viagem, que aquela viagem não era apenas uma possibilidade que ele imaginara em uma noite insone, mas algo que estava acontecendo de verdade.

Quanto mais espaço ele dava a essa sensação, mais lhe parecia que a relação entre possibilidades e realidade começava a se inverter. Será que Kägi, a escola e os alunos que estavam listados em sua agenda haviam existido, porém apenas enquanto possibilidades, tendo se concretizado por acaso, enquanto tudo aquilo que ele estava sentindo naquele momento — o deslizar do trem, o ruído abafado, o tilintar abafado dos copos que se tocavam na mesinha ao lado, o cheiro de óleo rançoso que vinha da cozinha, a fumaça do cigarro que o cozinheiro tragava aqui e acolá — tudo aquilo possuía uma verdade que nada tinha a ver com a mera possibilidade, tampouco com a possibilidade realizada que, antes, era realidade simples e pura, recheada de densidade e da necessidade acachapante típicas de tudo o que é totalmente real?

Sentado diante do prato vazio e da xícara fumegante de café, Gregorius teve a sensação de nunca, em toda a sua vida, ter estado tão lúcido. E não lhe parecia ser uma questão de gradação, como alguém que se livra do sono e vai se despertando cada vez mais. Era diferente. Era uma nova forma, uma forma diferente de lucidez, uma experiência de se encontrar em um mundo do qual ele nada sabia até então. Quando surgiu a Gare de Lyon, ele voltou para o seu lugar e, depois, ao pisar na plataforma, pareceu-lhe que, pela primeira vez, estava desembarcando totalmente consciente de um trem.

5

O impacto das recordações o pegou desprevenido. Ele não esquecera que aquilo tinha sido a sua primeira estação, a sua primeira chegada a uma cidade nova. Naturalmente ele não se esquecera daquilo. Mas não contara com a possibilidade de voltar para ali e de que tudo seria como se o tempo não tivesse passado. As vigas verdes de ferro e os tubos vermelhos. Os arcos redondos. O telhado transparente.

— Vamos para Paris! — dissera Florence subitamente durante o primeiro café da manhã em sua cozinha, abraçando os joelhos dobrados.

— Você quer dizer...

— Sim, isso mesmo. Agora, agorinha mesmo!

Ela tinha sido sua aluna, uma garota bonita, geralmente despenteada, que com seus humores oscilantes fazia todos se apaixonarem por ela. De um semestre para o outro, ela se tornara um ás em grego e em latim, e quando ele adentrara a sala para dar a primeira aula do curso opcional de hebraico, ela estava lá, sentada na primeira fila de bancos. Mas nem em sonhos Gregorius teria imaginado que aquilo poderia ter alguma coisa a ver com ele.

Vieram os exames finais e mais um ano se passou até eles se encontrarem na cantina da universidade, ficando ali sentados até serem expulsos.

— Mas você é mesmo um cegueta! — ela lhe dissera ao tirar-lhe os óculos da cara. — Nunca percebeu nada. E, no entanto, *todos* sabiam. *Todos!*

Certo, ele fazia mesmo o tipo de alguém que não percebia nada, alguém que se achava tão insignificante que nem acreditava que alguém poderia nutrir algum sentimento forte em relação a ele, a ele, pensou Gregorius agora, dentro do táxi, a caminho da Gare Montparnasse. No tocante a Florence, ele tivera razão.

— Seus sentimentos nunca foram realmente para *mim* — dissera-lhe ao fim do casamento de cinco anos.

Foram as únicas palavras acusadoras que ele pronunciara durante todo aquele tempo. Eles tinham ardido como fogo e era como se tudo se desfizesse em cinzas.

Ela olhara para o chão. Apesar de tudo, ele esperava alguma palavra contrária. Mas não veio nenhuma.

La Coupole. Gregorius não imaginou que passaria pelo Boulevard du Montparnasse e veria o restaurante no qual selaram a separação sem que tivessem dito uma única palavra sobre aquilo. Pediu ao motorista que parasse e observou durante algum tempo o toldo vermelho com as inscrições amarelas e as três estrelas à esquerda e à direita. Para Florence, uma doutoranda, o convite para participar de uma conferência de línguas românicas fora uma honra especial. No telefone, sua voz soara tão excitada, quase histérica, que ele hesitara em ir buscá-la no fim de semana, conforme o combinado. Mas acabara indo se encontrar com os novos amigos dela naquele restaurante famoso, que cheirava a comida sofisticada e vinhos caros, provando-lhe já ao entrar que aquele não era o seu lugar.

— Só mais um instante — disse ao motorista do táxi e se dirigiu ao local.

Nada mudara, e ele logo avistou a mesa onde, trajado da maneira mais inadequada possível, enfrentara aqueles fanfarrões literários. A conversa girava em torno de Horácio e de Safo, lembrava-se agora, ao barrar o caminho de garçons acelerados e irritados. Nenhum daqueles intelectuais conseguira competir com ele, que recitava verso após verso com o seu sotaque de Berna, reduzindo a pó os discursos espirituosos daqueles senhores bem vestidos da Sorbonne. Até a mesa ficar mergulhada em silêncio.

Florence viajara de volta sentada sozinha no vagão-restaurante, enquanto a sua ira se dissipava lentamente, dando lugar a uma tristeza sobre o fato de ter sentido a necessidade de se afirmar daquela maneira contra Florence — pois era evidente que fora o que acontecera.

Perdido entre aqueles acontecimentos longínquos, Gregorius se esqueceu do tempo, e agora o taxista tinha de lançar mão de todas as suas habilidades para chegar a tempo na Gare Montparnasse. Quando, finalmente, sentou-se ofegante no seu lugar e o trem se pôs em movimento rumo a Irún, repetiu-se uma sensação que já o assaltara em Genebra: a de que era o trem e não ele quem tomava a decisão sobre a continuidade daquela viagem muito lúcida e muito real que, à medida que as horas e as estações iam transcorrendo, o transportava para fora do seu universo anterior. Nas próximas três horas, até Bordeaux, não haveria mais parada, nenhuma possibilidade de voltar.

Olhou para o relógio. Na escola, estava terminando o primeiro dia sem a sua presença. Naqueles minutos, os seis alunos de hebraico esperavam por ele. Às seis, depois da aula dupla, ele às vezes ia com eles ao café, onde lhes falava sobre a contaminação histórica e a arbitrariedade dos textos bíblicos. Ruth Gautschi e

David Lehmann, que queriam estudar teologia e trabalhavam mais do que todos, cada vez mais encontravam pretextos para não ir. Há um mês ele os interpelara pelos motivos. Eles haviam respondido de forma evasiva, dizendo que tinham a sensação de que ele estava lhes tirando alguma coisa. Claro, os textos também poderiam ser analisados do ponto de vista filológico. Mas, afinal, era a Escritura Sagrada.

De olhos fechados, Gregorius recomendou ao diretor contratar uma estudante de teologia para a aula de hebraico, uma ex-aluna sua. Com a sua cabeleira cor de cobre, ela sentara no mesmo lugar em que Florence costumava sentar. Mas a sua esperança de que aquilo não fosse um acaso não se cumpriu.

Por alguns instantes, um vazio completo se instalou na sua cabeça. Em seguida, Gregorius viu o rosto da portuguesa surgir pálido, quase transparente, por trás da toalha. Mais uma vez ele se reviu no banheiro da escola diante do espelho e sentiu que não queria apagar o número de telefone que a mulher misteriosa escrevera em sua testa. Mais uma vez ele se viu levantando da sua mesa, pegando o sobretudo úmido no gancho e saindo da sala.

Português. Gregorius estremeceu, abriu os olhos e olhou para a mansa paisagem francesa onde o sol estava já próximo do horizonte. Aquela palavra que tinha sido como uma melodia, perdendo-se como em um sonho, já não tinha mais o mesmo som. Ele tentou resgatar o som enfeitiçado daquela voz, mas tudo o que conseguiu reter foi um eco fraco, e o esforço inócuo apenas reforçou a sensação de que a palavra preciosa, alicerce de toda aquela viagem louca, escorregava entre seus dedos. E nem adiantava saber exatamente como a narradora pronunciara a palavra no disco com o curso de línguas.

Ele foi ao toalete e lavou longamente o rosto com a água que tinha gosto de cloro. De volta ao seu lugar, tirou o livro do nobre português da bagagem e começou a traduzir o trecho seguinte. No início, foi uma espécie de fuga, a tentativa desesperada de continuar acreditando na viagem, apesar daquele susto. Mas bastou ler a primeira frase para se sentir novamente tão cativado pelo texto como na noite anterior, em casa.

NOBREZA SILENCIOSA. *É um engodo achar que os momentos decisivos de uma vida, em que seus rumos habituais mudam para sempre, sejam necessariamente acompanhados de uma dramaticidade ruidosa e estridente, acompanhada de grandes surtos. Esta é uma imagem batida inventada por jornalistas bêbados, diretores de cinema ávidos por flashes e escritores cuja cabeça é à imagem e semelhança dos pasquins de terceira categoria. Na verdade, a dramaticidade de uma experiência decisiva para a vida é de uma natureza*

inacreditavelmente silenciosa. Ela tem tão poucas afinidades com a explosão, a labareda e a eclosão vulcânica que, muitas vezes, nem é percebida no momento em que acontece. Quando desenvolve seu efeito revolucionário e mergulha toda a vida numa luz totalmente nova, ganhando uma melodia completamente original, nova, ela o faz sem alarde, e é nessa falta de alarde que reside sua nobreza especial.

De tempos em tempos, Gregorius erguia os olhos do texto e olhava para o ocidente. Pareceu-lhe que dava para imaginar o mar no que restava da luminosidade do crepúsculo. Ele pôs o dicionário de lado e cerrou os olhos.

"Se ao menos eu pudesse ver o mar mais uma vez", dissera sua mãe meio ano antes de morrer, quando sentira seu fim se aproximando, "mas nós não temos dinheiro para isso."

"Qual é o banco que me concede um crédito?", escutou a voz do pai. "E ainda por cima para isso!"

Gregorius desaprovava aquela resignação passiva. Depois, quando ainda era aluno do colégio de Kirchenfeld, fizera algo que o surpreendera de tal maneira que, mais tarde, nunca conseguiu se desvencilhar da sensação de que aquilo talvez nem houvesse acontecido de verdade.

Foi no final de março, primeiro dia da primavera. As pessoas andavam com o sobretudo pendurado no braço e uma suave lufada de ar entrava pelas janelas abertas do anexo. Haviam colocado o "barracão" ali havia alguns anos por falta de espaço no prédio principal do ginásio, e tornara-se tradição colocar ali os alunos da última série. Portanto, a mudança para o "barracão" era como o primeiro passo do exame final. A sensação de libertação competia com a sensação de medo. "Mais um ano, e finalmente terá acabado... Mais um ano, e depois será preciso..." Esses sentimentos conflitantes se expressavam na maneira como os alunos caminhavam até o "barracão", com ar indiferente e, ao mesmo tempo, assustado. Ainda agora, quarenta anos mais tarde, no trem para Irún, Gregorius teve a mesma sensação física.

A primeira aula da tarde era de grego. O professor era o diretor, o antecessor de Kägi. Ele tinha a mais primorosa caligrafia grega que se podia imaginar, desenhava as letras, principalmente as de traços arredondados, como o ômega ou o teta ou o traço do *eta* que descreve um movimento para baixo. Ele amava a língua grega. "Mas ama-a de um jeito errado", pensava Gregorius no fundo da sala de aula. A sua maneira de amar era vaidosa. Não pelo fato de celebrar as palavras. Se assim fosse, Gregorius teria gostado. Mas quando aquele homem escrevia de forma virtuosa as

formas verbais mais complexas e difíceis, não estava celebrando as *palavras*, mas a *si próprio,* como alguém que as dominava. Desta forma, as palavras se tornavam ornamentos com os quais ele se adornava, transformando-se em algo parecido com a sua gravata-borboleta de bolinhas que ele usava entra ano, sai ano. Fluíam da mão em que ele usava seu anel de brasão, como se também fossem uma espécie de joia, portanto, também supérfluas. Assim, as palavras gregas deixavam de ser realmente palavras *gregas*. Era como se o pó de ouro do anel decompusesse a sua essência grega, acessível apenas àquele que as amasse por sua causa unicamente. Para o diretor, a poesia era como um móvel raro, um vinho sofisticado ou um elegante vestido de noite. Gregorius tinha a sensação de que, com a sua presunção, o diretor lhe roubava os versos de Ésquilo e Sófocles. Ele parecia não conhecer nada dos teatros gregos. Não, ele conhecia tudo, vivia viajando para a Grécia, viagens guiadas das quais voltava bronzeado. Mas não entendia nada daquilo — mesmo que Gregorius não conseguisse explicar ao certo por quê.

Naquele dia ele olhara pela janela aberta do "barracão" e pensara na frase da mãe, uma frase que deflagrara toda a sua raiva pela vaidade do diretor, embora ele não pudesse explicar bem a relação entre as duas coisas. Sentiu o coração lhe saindo pela boca. Com uma rápida olhada na lousa, certificou-se de que o diretor ainda demoraria algum tempo antes de terminar a frase iniciada e que depois, talvez, se voltaria para os alunos para explicá-la. Em silêncio, empurrou a cadeira para trás, enquanto os outros escreviam, as costas curvadas sobre os cadernos. Deixou o caderno aberto na mesa. Com a tensa lentidão de quem prepara um ataque surpresa, deu dois passos até a janela aberta, sentou-se no parapeito, passou as pernas para o outro lado e saiu.

A última coisa que viu do lado de dentro foi o rosto surpreso e divertido de Eva, a ruiva de sardas e levemente vesga, que, para seu desespero, nunca olhara para ele, o garoto de lentes grossas e armação de óculos feia, a não ser com escárnio. Ela se virou para sua vizinha de mesa e cochichou alguma coisa ao pé de seu ouvido. "Incrível", é o que devia estar cochichando agora. Ela dizia aquilo toda hora. Por isso, era chamada de *a Incrível*. "Incrível", dissera quando soube do apelido.

Gregorius caminhou com passos céleres até a Bärenplatz. Era dia de feira, uma barraca ao lado da outra, era difícil avançar. Quando a multidão o obrigou a parar ao lado de uma barraca, seu olhar recaiu sobre a caixa aberta, uma simples caixa de metal com uma gaveta para moedas e outra para cédulas, amontoadas numa grossa pilha. A feirante estava se abaixando e pegando alguma coisa embaixo, o seu largo traseiro metido no tecido grosseiro de uma saia quadriculada apontando para cima. Gregorius se aproximou lentamente da caixa, enquanto seu olhar girava sobre as

pessoas. Com dois passos, deu a volta, retirou o maço de notas da caixa e desapareceu na multidão. Quando subiu a viela até a estação, ofegante, obrigando-se a andar lentamente, esperou que alguém fosse gritar atrás dele ou que o pegassem. Mas nada aconteceu.

A família morava na Länggasse, num prédio de aluguel cinzento de fachada suja, e quando Gregorius entrou no corredor, que recendia a repolho de manhã até de noite, imaginou-se entrando no quarto da mãe doente, a fim de surpreendê-la com o anúncio de que ela logo voltaria a ver o mar. Enquanto galgava os últimos degraus, no entanto, deu-se conta de que aquilo era impossível, quase absurdo. Como explicar a ela e depois ao pai a origem de tanto dinheiro? Logo ele, que não tinha prática nenhuma em mentir?

No caminho de volta para a Bärenplatz ele comprou um envelope e colocou o maço de notas dentro dele. A mulher de saia quadriculada estava com rosto de choro quando ele voltou à barraca. Ele comprou frutas e, enquanto ela usava a balança, ele enfiou o envelope por baixo das verduras. Pouco antes do fim do intervalo ele voltou à escola, entrou novamente pela janela aberta e sentou no seu lugar.

— Incrível! — dissera Eva, ao vê-lo, e ela começou a observá-lo com mais respeito do que antes. Mas isso já não importava tanto quanto imaginara. O mais importante era que a descoberta acerca de si mesmo que fizera durante a hora passada não lhe causou nenhum horror, mas apenas um grande espanto, que permaneceu por algumas semanas.

O trem deixou a estação de Bordeaux rumo a Biarritz. Lá fora escurecera totalmente, e Gregorius via o seu rosto refletido no vidro da janela. O que teria acontecido com ele se aquele que tirou o dinheiro da caixa tivesse comandado a sua vida no lugar daquele outro que começou a amar tanto as antigas palavras silenciosas que lhes deu prerrogativa sobre todo o resto? O que tinham em comum aquele rompimento e o atual? Será que tinham mesmo algo em comum?

Gregorius pegou o livro de Prado e procurou até encontrar aquela anotação lacônica que o livreiro da livraria espanhola na Hirschengraben traduzira para ele:

Se é verdade que apenas podemos viver uma pequena parte daquilo que há dentro de nós, o que acontece com todo o resto?

Em Biarritz entraram um homem e uma mulher que pararam na frente dos assentos diante de Gregorius e discutiram sobre os assentos que haviam reservado. *Vinte e*

oito. Demorou um pouco até Gregorius identificar aqueles sons que se repetiam e confirmou a suspeita, 28. Ele se concentrou então naquilo que diziam. De vez em quando, conseguia identificar uma palavra, mas eram poucas. Na manhã do dia seguinte ele saltaria numa cidade onde a maior parte daquilo que as pessoas diziam seria para ele ininteligível. Ele pensou na Bubenbergplatz, na Bärenplatz, na Bundesterrasse, na ponte de Kirchenfeld. Já estava totalmente escuro do lado de fora. Gregorius apalpou os bolsos para se certificar de que estava com dinheiro, o cartão de crédito e os óculos sobressalentes. Estava com medo.

O trem entrou na estação de Hendaye, na fronteira francesa. O vagão se esvaziou. Quando os portugueses perceberam, assustaram-se e quiseram pegar a bagagem.

— *Isto ainda não é Irún* — disse Gregorius. Era uma frase do curso de língua, só o nome da localidade era outro. Os portugueses hesitaram por causa da sua pronúncia desajeitada e da lentidão com a qual ele desfilou as palavras. Mas olharam pela janela e viram a placa com o nome da estação.

— *Muito obrigada* — disse a mulher.

— *De nada* — retrucou Gregorius. Os portugueses retomaram seus assentos e o trem partiu.

Gregorius nunca mais iria se esquecer dessa cena. Foram suas primeiras palavras portuguesas no mundo real e tiveram efeito. Ele ainda era uma criança e achava misterioso como as palavras podiam ter efeito, como podiam fazer alguém se mexer, rir ou chorar. E nunca mais deixaria de ficar impressionado com isso. Como as palavras conseguiam aquilo? Não parecia magia? Mas naquele momento o mistério lhe pareceu maior do que nunca, pois eram palavras das quais ainda na manhã de ontem ele não tinha a menor noção. Quando, alguns minutos depois, ele pisou na estação de Irún, seu medo tinha passado e ele se dirigiu com passos firmes até o vagão-leito.

6

Eram dez horas quando o trem, que cruzaria a Península Ibérica no dia seguinte, se pôs em movimento, deixando para trás uma depois da outra as foscas lanternas da estação e mergulhando na escuridão. Os dois compartimentos ao lado de Gregorius tinham ficado vazios. Dois compartimentos mais à frente, na direção ao vagão-restaurante, um homem alto de cabelo grisalho estava encostado na porta.

— *Boa noite* — cumprimentou, quando seus olhares se cruzaram.

— *Boa noite* — respondeu também Gregorius.

Ao ouvir a pronúncia desajeitada, o estranho esboçou um sorriso. Tinha um rosto bem delineado, de traços claros e determinados, com um ar de nobreza e de distância. Seu terno escuro era de uma elegância que chamava atenção e fez Gregorius pensar num *foyer* de ópera. Só a gravata afrouxada não combinava. O homem cruzou os braços, encostou também a cabeça na porta e cerrou os olhos. De olhos fechados, o rosto parecia muito branco e irradiava cansaço, um cansaço que devia ter outros motivos além da hora tardia. Quando, depois de alguns minutos, o trem atingiu sua máxima velocidade, o homem abriu os olhos, acenou com a cabeça para Gregorius e desapareceu no seu compartimento.

Gregorius teria dado tudo para conseguir dormir, mas nem o martelar monótono das rodas que se transferiu para a cama ajudou. Ele se endireitou na cama e pressionou a testa contra a janela. Pequenas estações abandonadas deslizavam na escuridão, difusas esferas de uma luz leitosa, nomes de cidades ilegíveis na velocidade de uma seta, carrinhos de bagagem abandonados, uma cabeça com um boné numa cabine de chefe de estação, um cão sem dono, uma mochila numa pilastra, acima dela uma cabeleira loira. A segurança que ele ganhara com o sucesso de suas primeiras palavras em português começou a desmoronar. *Basta ligar. A qualquer hora do dia ou da noite*. Ele escutou a voz de Doxiades e pensou na primeira vez que se encontraram havia vinte anos, quando ele ainda tinha um sotaque mais forte.

— Cego? Não. Simplesmente os olhos são o seu ponto fraco. Controlaremos a córnea regularmente. Além disso, agora existe o laser. Nenhum motivo para entrar em pânico.

No caminho até a porta ele parara e o fitara com olhar concentrado.

— Outras preocupações?

Gregorius fizera que não com a cabeça. Mudo. Somente alguns meses mais tarde contaria ao grego que, naquela ocasião, já intuíra a separação inevitável de Florence. O grego acenou com a cabeça, não parecia surpreso. "Às vezes, temos medo de alguma coisa apenas porque temos medo de outra", dissera.

Pouco antes da meia-noite, Gregorius foi até o vagão-restaurante. O carro estava vazio, com exceção do homem de cabelos grisalhos que jogava xadrez com o garçom. O garçom avisou que o restaurante já estava fechado, mas acabou indo buscar uma água mineral para Gregorius e o convidou com um gesto a sentar-se à sua mesa. Gregorius viu rapidamente que o homem, que agora estava com óculos de aros dourados, estava prestes a cair em uma sofisticada armadilha do garçom. Já com a mão na figura, o homem olhou para ele antes de fazer a jogada. Gregorius abanou a cabeça e o homem recuou. O garçom, um homem de mãos calejadas e feições rudes, atrás das quais ninguém suporia um cérebro de xadrez, surpreendeu-se. Naquele momento, o homem com os óculos dourados girou o tabuleiro para a direção de Gregorius e o convidou com um gesto da mão a continuar jogando. Acabou sendo uma batalha longa e renhida e já eram quase duas da manhã quando o garçom desistiu.

Depois, na frente da porta do compartimento, o homem perguntou a Gregorius de onde ele era e eles passaram a falar francês. A cada duas semanas ele fazia aquele trajeto de trem, explicou, e só uma única vez conseguira vencer aquele garçom, enquanto geralmente ganhava todas as partidas. Depois, apresentou-se: José António da Silveira. Ele disse que era comerciante e que vendia porcelana em Biarritz, e, como tinha medo de voar, viajava de trem.

— Quem é que conhece as verdadeiras razões dos seus temores? — disse depois de uma pausa, e aquele cansaço que Gregorius notara antes ressurgiu em seu rosto.

Quando, em seguida, ele contou como assumira a pequena empresa do pai e a ampliara até se tornar uma firma grande, falou de si mesmo como se estivesse falando de alguém que tomara várias decisões compreensíveis, mas todas erradas. Foi essa a impressão que deu quando falou do seu divórcio e dos dois filhos que mal via. Havia decepção e tristeza em sua voz, e Gregorius ficou impressionado ao notar que esses sentimentos eram isentos de autocomiseração.

— O problema — disse Silveira, quando o trem parou na estação de Valladolid

— é que não temos uma visão de conjunto sobre a nossa vida. Nem para a frente, nem para trás. Se alguma coisa correu bem, simplesmente tivemos sorte.

Um martelo invisível bateu nos freios.

— E o senhor, por que veio parar nesse trem?

Ambos estavam sentados na cama de Silveira quando Gregorius contou a sua história. Mas ele omitiu a portuguesa da ponte. Aquilo ele podia contar para Doxiades, mas não para um estranho. Ficou aliviado por Silveira não lhe pedir que buscasse o livro de Prado. Não queria que mais ninguém o lesse e comentasse.

Quando terminou, permaneceram em silêncio. Silveira não ficara indiferente. Gregorius percebeu isso pelo jeito com que Silveira girava o anel e pelos olhares breves e tímidos que lhe lançava.

— E o senhor simplesmente se levantou e abandonou a escola? Simplesmente?

Gregorius assentiu. De repente, arrependeu-se de ter falado daquilo, parecia que algo muito valioso para ele estava em risco. Disse que iria tentar dormir. Então, Silveira pegou um caderno de anotações e pediu que ele repetisse as palavras de Marco Aurélio sobre os desassossegos da alma. Quando Gregorius saiu do seu compartimento, Silveira estava ali, curvado sobre o caderninho, redesenhando as palavras com a caneta.

Gregorius sonhou com cedros vermelhos. Essas palavras, cedros vermelhos, vagavam pelo seu sono irrequieto como fogos-fátuos. Era o nome da editora do livro de Prado. Até então não lhe dera especial atenção. Somente a pergunta de Silveira de como pretendia encontrar o autor o lembrara de que a primeira coisa a fazer seria procurar aquela casa editorial. Se fosse uma edição de autor, pensara ele ao adormecer, os cedros vermelhos teriam um significado que só Amadeu de Prado conhecia. No seu sonho, ele vagava pelas ladeiras íngremes de Lisboa, perdido em uma cidade sem rosto da qual só sabia que ficava em colinas, o nome misterioso nos lábios e uma lista telefônica debaixo do braço.

Quando, por volta das seis da manhã, acordou e viu, na frente da sua janela, o nome salamanca, abriu-se, sem aviso prévio, uma comporta das suas memórias que permanecera selada durante quatro décadas. A primeira coisa que ela liberou foi o nome de uma outra cidade: *Isfahan*. De repente, voltara o nome da cidade persa para onde ele quisera ir depois de terminar a escola. Este nome que trazia em si tanto mistério tocou Gregorius naquele momento como uma senha secreta para uma outra vida possível que ele não ousara viver. E quando o trem deixou a estação de Salamanca, ele voltou a viver mais uma vez, depois de longos anos, as sensações nas quais aquela outra vida se abrira e depois se fechara para ele.

Tudo começara quando o professor de hebraico, depois de apenas um ano,

mandou que lessem o livro de Jó. Para Gregorius, tinha sido como uma embriaguez quando percebeu que estava entendendo as frases e encontrou um caminho que o conduzia diretamente para o Oriente. Nos livros de Karl May, o Oriente tinha um sabor muito alemão, não apenas por causa da língua. Neste livro, que se lia de trás para a frente, o som era oriental. Elifaz de Temã, Bildade de Chua e Zofar de Naama. Os três amigos de Jó. Os nomes, em sua estranheza inebriante, pareciam vir de um mundo além de todos os oceanos. Que mundo maravilhoso, de sonhos!

Depois daquilo ele quisera ser, durante algum tempo, orientalista. Alguém que soubesse tudo do Mundo do Levante. Levante, ele adorava essa palavra que o conduzia para longe, para além da Länggasse, para uma luz mais intensa. Pouco antes do exame de maturidade ele respondera a um anúncio e se candidatara a um emprego de professor particular para os filhos de um industrial suíço em Isfahan. Relutante, preocupado por ele, mas também cheio de apreensão pela lacuna que iria deixar, o pai lhe dera os 13,30 francos para a gramática persa. Em seu quartinho, ele escrevera os novos códigos do Oriente na pequena lousa.

Mas depois um sonho começou a persegui-lo, um sonho que, parecia, durava a noite inteira. Era um sonho muito simples e uma parte do tormento consistia naquela simplicidade que parecia aumentar quanto mais a imagem voltava. Pois o sonho, na verdade, se resumia a uma única imagem: areia oriental quente, areia de deserto, branca e abrasadora, era trazida pelos ventos ardentes da Pérsia até os seus óculos, cristalizando-se ali como crosta ardente que lhe roubava toda a visão, para depois derreter as lentes e devorar os seus olhos.

Depois de duas ou três semanas em que o sonho voltava, recorrente, perseguindo-o até durante o dia, ele entregou a gramática persa e devolveu o dinheiro ao pai. Os 3,30 francos que pôde guardar ele colocou numa caixinha, e era como se agora possuísse moedas persas.

O que teria sido dele se tivesse vencido o medo da poeira abrasadora do Oriente e chegado mesmo a viajar? Gregorius pensou no sangue-frio com que metera a mão na caixa da feirante na Bärenplatz. Esse sangue-frio teria bastado para enfrentar tudo aquilo que o tomaria de assalto em Isfahan? *O Papiro*. Por que o apelido que, durante anos, considerara uma piada inofensiva, começava a incomodar tanto subitamente?

O prato de Silveira já estava vazio quando Gregorius adentrou o vagão-restaurante, e os dois portugueses com quem trocara suas primeiras palavras na véspera também estavam tomando sua segunda xícara de café.

Passara a última hora deitado na cama, acordado, pensando no carteiro que, por volta das nove, costumava entrar no saguão do liceu para entregar a correspondência

ao zelador. Hoje a sua carta estaria chegando. Kägi não acreditaria no que leria. Mundus estava fugindo da sua vida. Qualquer outro, mas não ele. A notícia iria se espalhar rapidamente, escada abaixo e escada acima, e não haveria outro assunto entre os alunos nos degraus da entrada.

Gregorius passou os colegas em revista mentalmente, tentando imaginar tudo o que iriam pensar, sentir ou dizer. Nisso, fez uma descoberta que o atravessara como um choque elétrico. Ele não tinha mais qualquer certeza sobre nenhum deles. Burri, por exemplo, major e frequentador de igreja, acharia o seu ato incompreensível, quase absurdo e condenável, pois quem é que agora ia dar as suas aulas? Já Anita Mühletaler, que acabara de se divorciar, inclinaria a cabeça, pensativa: conseguia imaginar algo parecido, mas nunca para si própria. Kalbermatten, o mulherengo e anarquista oculto de Saas Fee, talvez dissesse na sala de professores: "E por que não?" Enquanto, Virginie Ledoyen, a professora de francês, cuja figura um pouco desconjuntada contrastava de forma gritante com o seu nome cintilante, reagiria à notícia com um olhar de carrasco. Num primeiro momento, tudo isso parecia óbvio. Mas logo a seguir Gregorius se lembrou de como, uns meses atrás, flagrara o carola pai de família Burri com uma loura de minissaia que devia ser mais do que uma mera conhecida. Lembrou como Anita Mühletaler podia ser pouco generosa quando os alunos se excediam, como Kalbermatten era covarde nos momentos em que era preciso se opor a Kägi e como era fácil, para alguns alunos que sabiam bajular, enrolar Virginie Ledoyen e desviá-la dos seus propósitos rígidos.

Que lição tirar de tudo aquilo? Algo relacionado a ele e a seu ato surpreendente? Seria lícito supor alguma compreensão oculta ou até mesmo inveja secreta? Gregorius se endireitou e estava olhando para a paisagem mergulhada no verde prateado dos morros das oliveiras. A intimidade com que ele vivera durante aqueles anos todos com os seus colegas se revelou uma incerteza coalhada que virara um hábito enganoso. Era mesmo tão importante — importante *de verdade* — para ele saber o que os outros pensavam? O fato de não sabê-lo se devia à sua cabeça tresnoitada, ou estaria ele começando a se dar conta de uma estranheza que sempre existira, mas que se mantivera oculta atrás de ritos sociais?

Comparado com aquele outro rosto que se tornara permeável na iluminação difusa do compartimento noturno — permeável aos sentimentos que penetravam de dentro para fora e permeável para o olhar de fora que buscava entendê-los — nesta manhã os traços de Silveira estavam cerrados. À primeira vista, parecia que ele estava arrependido de ter-se aberto a um homem totalmente estranho na intimidade do compartimento que recendia a cobertores de lã e a desinfetante, e Gregorius hesitou antes de sentar-se à sua mesa. Mas logo ele entendeu. O que os traços rígidos e

controlados expressavam não era recuo ou rejeição, e sim uma sobriedade pensativa, deixando transparecer que o encontro com Gregorius despertara nele sensações surpreendentes, as quais ele agora tentava ordenar.

Ele apontou para o telefone ao lado da xícara.

— Reservei um quarto para você no hotel onde costumo hospedar meus parceiros de negócio. Eis o endereço.

Ele estendeu a Gregorius um cartão de visitas com as informações escritas no verso. Em seguida, disse que ainda precisava dar uma olhada em alguns documentos antes da chegada e fez menção de se levantar. Mas em seguida voltou a se reclinar e a maneira de olhar para Gregorius revelou que algo começara a acontecer dentro dele. Perguntou se Gregorius nunca se arrependera de ter dedicado a sua vida às línguas antigas, o que certamente significara uma vida muito quieta e reclusa.

"Você acha que sou um chato?" Gregorius se lembrou como a pergunta que outrora fizera para Florence ocupara sua mente na véspera durante a viagem. Alguma coisa devia transparecer no seu rosto, pois Silveira disse, assustado, que não interpretasse mal as suas palavras, que apenas estava tentando imaginar como seria viver uma vida tão diferente da dele.

Era a vida que ele escolhera, respondeu Gregorius, e enquanto as palavras ainda se formavam dentro dele, percebeu, assustado, que havia uma espécie de teimosia na firmeza com que as pronunciava. Dois dias atrás, quando começara a atravessar a ponte de Kirchenfeld e vira a portuguesa lendo a carta, ele não necessitara desta teimosia. Teria dito exatamente a mesma coisa, mas as palavras não teriam tido o ar de rebeldia, teriam saído dele como se estivesse respirando normalmente.

E por que está aqui agora? Gregorius temia escutar esta pergunta, e durante um breve momento o português elegante lhe pareceu um inquisidor.

Quanto tempo leva para aprender grego?, perguntou Silveira. Gregorius respirou aliviado e se lançou em uma resposta que saiu muito longa. Em seguida, Silveira pediu que ele escrevesse algumas palavras em hebraico no guardanapo.

E Deus disse: faça-se a luz! E a luz se fez!, escreveu Gregorius, traduzindo as palavras para o português.

O celular de Silveira tocou. Quando o telefonema acabou, ele disse que teria de ir embora. Guardou o guardanapo no bolso da jaqueta.

— Como era mesmo luz em grego? — perguntou, já de pé, e no caminho até a porta ficou repetindo a palavra.

O largo rio do lado de fora já deveria ser o Tejo. Gregorius estremeceu. Isso significava que chegariam dentro de pouco tempo. Ele voltou ao compartimento, que nesse meio-tempo fora transformado num compartimento normal com assentos

de pelúcia, e sentou-se à janela. Ele não queria que a viagem acabasse. O que faria em Lisboa? Ele tinha um hotel. Daria uma gorjeta ao mensageiro, fecharia a porta, descansaria. E depois?

Hesitante, pegou o livro de Prado e começou a folhear.

SAUDADE PARADOXAL. Durante 1.922 dias eu frequentei o liceu para onde o meu pai me mandou, o mais rígido do país, como se dizia. "Não precisas te tornar um sábio", dizia ele, ensaiando um sorriso que, como quase sempre, não funcionou. Já no terceiro dia tive certeza de que precisaria contar os dias, para não ser triturado por eles.

Enquanto Gregorius buscava o significado da palavra *triturar* no dicionário, o trem adentrou a estação ferroviária de Santa Apolónia em Lisboa.

As poucas frases o haviam cativado. Eram as primeiras frases que traíam alguma coisa sobre a vida exterior do português. Aluno de um liceu rígido que contava os dias e filho de um pai que não conseguia sorrir. Seria essa a origem da raiva contida que saltava de outras frases? Gregorius não sabia precisar por que, mas quis saber mais dessa raiva. Estava prestes a ver as primeiras pinceladas do retrato de alguém que morava ali, naquela cidade. De alguém que ele queria conhecer melhor. Para ele, era como se a cidade estivesse crescendo em sua direção naquelas frases. Como se tivesse deixado subitamente de ser uma cidade totalmente estrangeira.

Ele pegou a sua bolsa de viagem e desceu na plataforma. Silveira estava esperando por ele. Levou-o até o táxi e disse o endereço do hotel ao motorista.

— O senhor tem o meu cartão — disse a Gregorius com um breve gesto de despedida.

7

Era fim de tarde e o crepúsculo caía sobre a cidade nublada quando Gregorius despertou. Logo depois de chegar enfiara-se ainda vestido sob a colcha e caíra num sono pesado em que estivera preso pelo sentimento de que nem merecia sono, já que havia milhares de coisas para fazer, coisas que não tinham nome, o que não lhes retirava o senso de urgência, ao contrário, o seu anonimato fantasmagórico as transformava em alguma coisa que devia ser resolvida logo para evitar que pudesse acontecer algo muito ruim, algo que também era inominável. Ao lavar o rosto no banheiro, Gregorius sentiu aliviado que, com o torpor, também fugia o medo de estar evitando alguma coisa e, assim, não o carregava de culpa.

Durante as horas seguintes ele permaneceu sentado junto à janela, tentando em vão ordenar seus pensamentos. De vez em quando seu olhar caía sobre a bolsa de viagem que continuava no canto, sem ter sido aberta. Depois que a noite caiu, ele desceu até a recepção e mandou perguntar no aeroporto se ainda havia voos para Zurique ou Genebra. Não havia mais, e quando subiu no elevador percebeu, surpreso, como isso o aliviava. Em seguida, ficou sentado na cama, no escuro, tentando interpretar o alívio surpreendente. Discou o número de Doxiades e deixou tocar dez vezes antes de desligar. Abriu o livro de Amadeu de Prado e continuou lendo a partir do ponto onde parara na estação.

Seis vezes por dia eu escutava o sino da torre que anunciava o início das aulas, dando a impressão de estar chamando os monges para a prece. Portanto, foram 11.532 vezes que cerrei os dentes e voltei do pátio para o prédio sombrio em vez de continuar deixando me levar pela força da minha imaginação, a qual me mandava sair pelo portão até o porto, para o convés de um vapor onde depois eu sentiria o gosto da maresia nos lábios.

Agora, trinta anos depois, retorno sempre ao mesmo lugar. Não existe o menor motivo prático para isso. Por que, então? Permaneço sentado nos degraus deteriorados e

cheios de musgo da entrada e não tenho a menor ideia por que o coração me sai pela boca. Por que estou cheio de inveja quando vejo os alunos de pernas bronzeadas de sol e cabelos brilhantes entrando e saindo como se estivessem em sua própria casa? O que é que invejo neles? Outro dia, fazia calor e as janelas estavam abertas, escutei os diversos professores falando e alunos medrosos gaguejando respostas para questões que também a mim me teriam estremecido. Voltar a ficar sentado ali dentro — não, certamente não era isso o que eu desejava. Na escuridão fresca dos compridos corredores encontrei o zelador, um homem de cabeça projetada, parecida com a de um pássaro, que veio ao meu encontro com olhar desconfiado. "O que está procurando aqui?", perguntou, quando eu já havia passado por ele. Ele tinha uma voz aguda, asmática, que parecia estar vindo de um tribunal do além. Parei, sem me virar. "Eu frequentei esta escola", disse, cheio de desprezo por mim mesmo ao escutar a minha voz rouca. Durante alguns segundos um silêncio fantasmagórico reinou no corredor. Depois, o homem atrás de mim se pôs em movimento com passos arrastados. Eu me senti pego no ato. Mas fazendo o quê?

No último dia dos exames finais nós todos ficáramos em pé atrás dos nossos bancos, as boinas na cabeça, como se estivéssemos em posição de sentido. O senhor Cortês caminhou de um para o outro com passos graves, anunciou a nota final com sua expressão habitualmente severa e nos entregou o boletim com olhar fixo. Sem alegria, pálido, o meu vizinho de banco, bom aluno, recebeu o dele e o segurou nas mãos como se fosse uma Bíblia. Rindo, o pior aluno, o preferido das meninas, bronzeado de sol, deixou o seu cair no chão, como se fosse lixo. Em seguida, voltamos para o calor de um dia de julho. O que faríamos, o que deveríamos fazer com todo o tempo que agora se estendia diante de nós, aberto e ainda não formado, leve como uma pena em sua liberdade e pesado como chumbo em sua incerteza?

Nunca, antes ou depois daquela cena, vivenciei nada que me revelasse de tal forma enfática como as pessoas são diferentes. O pior aluno foi o primeiro a tirar o boné, girou-o com desenvoltura em torno do próprio eixo e lançou-o por sobre a cerca para o lago vizinho, onde ele se encheu lentamente de água e finalmente desapareceu entre os nenúfares. Três, quatro outros alunos seguiram o seu exemplo, e um dos bonés ficou preso na cerca. O meu vizinho de banco ajeitou então o seu boné, medroso e indignado, não foi possível descobrir qual dos sentimentos nele dominou. O que faria ele no dia seguinte, quando já não haveria mais motivo para pôr o boné? O que mais me impressionou, no entanto, foi o que observei a seguir num canto do pátio mergulhado na sombra. Meio

escondido atrás de um arbusto, um aluno tentou guardar o boné em sua pasta. Não queria simplesmente enfiá-lo ali, como traíam os seus movimentos hesitantes de forma inequívoca. Tentou isso e aquilo para guardá-lo de um jeito suave; no fim, encontrou espaço retirando alguns livros que, então, prendeu desajeitadamente sob os braços. Ao se virar e olhar para os outros, foi possível ler nos seus olhos a esperança de que ninguém o tivesse observado em seu ato envergonhado, assim como um último vestígio, apagado pela experiência, da ideia infantil de que, olhando para o lado, pudesse se tornar invisível.

Ainda hoje sinto como fiquei girando meu próprio boné suado, primeiro numa direção, depois na outra. Estava sentado no musgo quente da escadaria da entrada, pensando no desejo impositivo do meu pai de que eu me tornasse médico — ou seja, alguém que conseguisse libertar pessoas como ele da dor. Eu o amava pela confiança que me dava e o maldizia por causa da carga esmagadora que me impunha com seu desejo comovente. Enquanto isso, as alunas da escola de meninas haviam chegado. "Você está contente que agora tudo passou?", perguntou Maria João, sentando-se a meu lado. Ela me observou. "Ou estará até triste?"

Agora finalmente pareço saber o que sempre me empurra a vir visitar a escola: quero voltar àqueles minutos no pátio em que nos livramos do passado sem que o futuro tivesse começado ainda. O tempo parou e segurou a respiração como nunca mais haveria de fazer depois. Seriam os joelhos morenos de Maria João ou o perfume do sabonete em seu vestido claro aos quais quero voltar? Ou se trata do desejo — o desejo patético, de sonhos — de voltar àquele ponto da minha vida e tomar um rumo bem diferente do que aquele que fez de mim o que sou agora?

Há algo de estranho nesse desejo, ele tem sabor de paradoxo e uma lógica incomum. Pois a pessoa que experimenta esse desejo não é a mesma que se vê diante da encruzilhada, ainda intocada pelo futuro. Muito pelo contrário, é a pessoa marcada pelo futuro já percorrido e que se tornou passado, a pessoa que deseja voltar atrás para revogar o irrevogável. E como poderia revogá-lo se já não o tivesse vivenciado? Sentar de novo no musgo quente e ter o boné nas mãos: é o desejo insensato de viajar de volta para o tempo que deixei para trás, levando a mim mesmo — marcado pela vivência — nesta viagem. E é possível imaginar que o menino de então pudesse ter resistido ao desejo paterno e não ter feito a faculdade de medicina — como, às vezes, desejo hoje? Ele poderia feito isso e ser eu? Não existia dentro de mim, então, o ponto de vista da experiência vivida, a partir do qual eu poderia ter sentido o desejo de escolher o outro caminho da encruzilhada. O

que me adiantaria, portanto, voltar no tempo e, apagando uma por uma as experiências, transformar-me novamente naquele menino enfeitiçado pelo cheiro fresco do vestido de Maria João e pela visão de seus joelhos morenos? O menino do boné teria que ter sido mesmo muito diferente de mim mesmo para escolher o outro rumo, da maneira como desejo hoje. Depois, então, sendo outro, não teria se tornado aquele que, mais tarde, desejou voltar para a mesma encruzilhada. Posso querer ser esse menino? Parece-me que posso me contentar em sê-lo. Mas esse contentamento só pode mesmo existir para mim, que não sou ele, somente enquanto realização dos desejos que não são os dele. Se eu fosse efetivamente ele, não experimentaria os desejos cuja realização me deixaria tão contente por ser ele como conseguem os meus próprios desejos enquanto esqueço que eu nem os teria, caso se realizassem.

E mesmo assim estou certo de que em breve voltarei a despertar com o desejo de ir até a escola, cedendo, assim, a uma nostalgia cujo objeto nem existe porque nem sequer é possível pensá-lo. Pode existir algo mais insensato do que isso: ser impulsionado por um desejo que não tem um objeto imaginável?

Era quase meia-noite quando Gregorius finalmente teve certeza de ter compreendido o texto complicado. Portanto, Prado era médico, e se tornara médico porque o pai, cujo sorriso quase sempre fracassava, tivera esse desejo impositivo, um desejo que não nascera de um arbítrio ditatorial ou da vaidade paterna, e sim do desamparo de dores crônicas. Gregorius abriu o catálogo telefônico. O nome Prado apareceu 14 vezes, mas não havia nenhum Amadeu, nenhum Inácio e nenhum Almeida. Por que supusera que Prado vivia em Lisboa? Começou então a procurar a Editora Cedros Vermelhos nas páginas amarelas: nada. Teria ele que procurar no país inteiro? Isso fazia sentido? Fazia qualquer sentido?

Gregorius partiu para a cidade noturna. Ir para o centro depois da meia-noite era algo que ele fazia desde que, com pouco mais de 20 anos, perdera a capacidade de adormecer facilmente. Incontáveis vezes ele percorrera as vielas desertas de Berna, parando de vez em quando, escutando, como um cego, o som dos poucos passos que vinham ou se afastavam. Ele amava parar diante das vitrines escuras das livrarias e ter a sensação de que, como todas as outras pessoas dormiam, os livros pertenciam apenas a ele. Com passos lentos ele dobrou a rua ao lado do hotel para a larga avenida da Liberdade e foi em direção à Baixa, onde as ruas haviam sido traçadas como num tabuleiro de xadrez. Fazia frio, e uma névoa fina formava uma auréola leitosa ao redor das lanternas antiquadas com sua luz dourada. Encontrou um

botequim onde comeu um sanduíche e tomou um café.

Prado sempre voltava a se sentar nos degraus de sua escola, imaginando como seria viver uma vida completamente diferente. Gregorius pensou na pergunta feita por Silveira e à qual ele respondera, teimoso, que vivera a vida que desejara ter. Sentiu como a imagem do médico cheio de dúvidas nos degraus cheios de musgo e a pergunta do homem de negócios cheio de dúvidas no trem começaram a lhe causar alguma insegurança, insegurança esta que ele jamais teria experimentado nas ruas seguras e conhecidas de Berna.

Agora o único homem que estava no bar além dele pagava a conta e saía. Com uma pressa súbita que nem ele próprio compreendeu, Gregorius também pagou e seguiu o homem. Era um homem idoso que puxava de uma perna e parava de vez em quando para descansar. Gregorius o seguiu mantendo uma grande distância até o Bairro Alto, até ele desaparecer atrás da porta de uma casa estreita e sórdida. Uma luz se acendeu no primeiro andar, a cortina se abriu e o homem estava na janela aberta, um cigarro na boca. A partir da escuridão protetora de uma porta, Gregorius olhou para dentro do apartamento iluminado. Um sofá com estofados de um tecido de *gobelin* gasto. Duas poltronas que não combinavam. Uma cristaleira com louça e pequenas figuras de porcelana. Um crucifixo na parede. Nem um único livro. Como era ser esse homem?

Depois que o homem fechou a janela e puxou a cortina, Gregorius saiu do recuo. Ele perdera o rumo e entrou na primeira viela que descia. Nunca seguira ninguém daquela maneira, pensando em como seria viver aquela vida estranha em vez da própria. Era uma forma totalmente nova de curiosidade que despertara dentro dele, ela combinava com aquela nova forma de lucidez que ele experimentara na viagem de trem e com a qual desembarcara na Gare de Lyon em Paris, ontem, ou quando quer que tivesse acontecido.

De vez em quando, ele parava e olhava para a frente. Os textos antigos, os seus textos antigos, eles também estavam plenos de personagens que viviam uma vida. Ler os textos e compreendê-los também sempre significara ler aquelas vidas e compreendê-las. Por que, então, agora tudo era tão novo quando ele lidava com o português nobre e aquele homem aleijado? Inseguro, ele caminhou pelos paralelepípedos úmidos da rua íngreme e respirou aliviado ao reconhecer a avenida da Liberdade.

O golpe o pegou desprevenido, pois ele não percebera o homem sobre patins. Era um gigante que acertou a têmpora de Gregorius com o cotovelo ao ultrapassá-lo, arrancando seus óculos. Tonto e subitamente sem conseguir enxergar, Gregorius tropeçou alguns passos e, apavorado, percebeu que havia pisado nos óculos que

quebraram estalando sob o peso de seus pés. Uma onda de pânico o invadiu. “Não se esqueça dos óculos sobressalentes”, escutou a voz de Doxiades ao telefone. Alguns minutos se passaram até sua respiração se normalizar. Então, ele se ajoelhou na rua e tateou para juntar os pedaços de vidro e da armação. Juntou o que pôde no lenço, que amarrou. Lentamente, foi tateando pelas paredes até o hotel.

Assustado, o porteiro da noite saltou da cadeira, e quando Gregorius passou pelo espelho do saguão, viu que o sangue jorrava da sua têmpora. No elevador, pressionou o lenço do porteiro contra a ferida, depois saiu em disparada pelo corredor, abrindo a porta com as mãos trêmulas e se lançou sobre a sua bolsa de viagem. Sentiu as lágrimas de alívio escorrendo pelo rosto quando sua mão tocou no estojo frio de metal dos óculos de reserva. Colocou os óculos, limpou o sangue e colou o curativo que o porteiro lhe dera na ferida na têmpora. Eram duas e meia da madrugada. No aeroporto, ninguém respondeu o telefone. Por volta das quatro ele adormeceu.

8

Se, no dia seguinte, Lisboa não estivesse mergulhada naquela luz resplandecente, pensou Gregorius mais tarde, talvez tudo tivesse tomado um outro rumo. Talvez ele tivesse ido para o aeroporto, embarcando para casa no primeiro avião. Mas a luz impedia qualquer tentativa de voltar atrás. Seu brilho tornava todas as coisas passadas algo muito distante, quase irreal; sua força luminosa despojava a vontade de qualquer sombra do passado e a única possibilidade que restava era partir para o futuro, não importava em que este consistisse. Berna, com seus flocos de neve, estava muito distante e foi difícil para Gregorius acreditar que haviam decorrido apenas três dias desde que ele se encontrara com a portuguesa misteriosa na ponte de Kirchenfeld.

Depois do café da manhã ele ligou para o número de José António da Silveira e falou com sua secretária. Perguntou se ela poderia recomendar-lhe um oftalmologista que falasse alemão, francês ou inglês. Ela retornou a ligação meia hora depois, mandou os cumprimentos de Silveira e lhe deu o nome de uma médica recomendada pela sua irmã, uma doutora que trabalhara durante muito tempo nos hospitais universitários de Coimbra e Munique.

O consultório ficava na Alfama, o bairro mais antigo de Lisboa, situado atrás do castelo. Gregorius caminhou lentamente pelo dia luminoso, evitando cuidadosamente todas as pessoas que pudessem esbarrar nele. Às vezes, parava e esfregava os olhos atrás das lentes grossas. Então essa era Lisboa, a cidade para qual ele viajara só porque, ao observar os seus alunos, de repente enxergara a sua vida de trás para a frente e porque lhe caíra nas mãos o livro de um médico português cujas palavras soavam como se tivessem sido escritas para ele.

O lugar onde entrou uma hora mais tarde nem parecia ser o consultório de uma médica. Os painéis de madeira escura, os quadros originais e os grossos tapetes davam a impressão de um apartamento de uma família nobre, onde tudo tinha regras e decorria silenciosamente. Gregorius não se surpreendeu por não haver mais ninguém na sala de espera. Alguém que vivia nesses cômodos não precisava da

receita proveniente de pacientes. A doutora Eça chegaria dentro de alguns minutos, dissera a mulher na recepção. Nada em sua aparência revelava ser uma assistente médica. A única coisa que lembrava aspectos comerciais era um monitor cheio de nomes e números. Gregorius se lembrou do consultório sóbrio e um pouco desleixado de Doxiades e em sua assistente com seu jeito insolente. De repente, teve a sensação de estar traindo alguém, e quando uma das portas altas se abriu e a médica apareceu, ele se sentiu aliviado por não ter que ficar a sós com aquele sentimento insensato.

A doutora Mariana Conceição Eça era uma mulher com grandes olhos escuros que inspiravam confiança. Cumprimentou Gregorius, o amigo de Silveira, num alemão fluente e com poucos erros. Já sabia o motivo pelo qual ele estava ali. Perguntou por que ele tivera a estranha ideia de pedir desculpas pelos óculos quebrados. Era óbvio que alguém tão míope precisasse ter sempre um par de reserva.

Gregorius imediatamente sentiu-se totalmente tranquilo. Ele sentiu como afundava na poltrona em frente à mesa da doutora e sentiu o desejo de nunca mais ter que se levantar. A médica parecia dispor de tempo ilimitado para ele. Nunca nenhum médico lhe dera essa sensação, nem mesmo Doxiades — era irreal, quase um sonho. Ele imaginara que ela mediria os óculos sobressalentes, faria os testes de vista habituais e o mandaria com a receita para uma ótica. Em vez disso, ela pediu que contasse a história de sua miopia, etapa por etapa, preocupação por preocupação. Quando, no final, entregou-lhe os óculos, ela o fitou com olhar examinador.

— O senhor é um homem que não dorme bem — disse.

Em seguida, pediu que ele passasse para a outra parte do cômodo para fazer os exames.

A consulta durou mais de uma hora. Os aparelhos eram diferentes dos de Doxiades e a doutora Eça examinou o fundo dos seus olhos com a meticulosidade de alguém que começa a travar conhecimento com uma paisagem totalmente nova. Mas o que mais impressionou Gregorius foi o fato de ela repetir três vezes os testes de acuidade visual. Entre esses testes havia intervalos em que ela o mandava caminhar de um lado para o outro e o envolveu em uma conversa sobre a sua profissão.

— A acuidade visual depende de tantas coisas — disse ela sorrindo, ao perceber o seu espanto.

O resultado final foram indicadores de dioptria nitidamente divergentes dos resultados habituais e os valores para os dois olhos eram mais discrepantes do que antes. A senhora Eça percebeu a sua perturbação.

— Experimente simplesmente — disse ela, tocando o seu braço.

Gregorius oscilou entre uma atitude de defesa e confiança. A confiança venceu. A médica deu-lhe o cartão de uma ótica e ligou para lá. Ao escutar a sua voz falando português voltou imediatamente o encanto que sentira quando a mulher misteriosa da ponte de Kirchenfeld pronunciou a palavra *português*. De repente, fazia sentido estar naquela cidade, um sentido que, no entanto, não se podia nomear, pelo contrário, estava intrínseco nesse sentido que não poderia ser violado ao ser formulado com palavras.

— Dois dias — disse a médica ao desligar. — Segundo César, antes disso nem com muita boa vontade.

Gregorius tirou do bolso da jaqueta o pequeno volume com as *Reflexões* de Amadeu de Prado, mostrou-lhe o estranho nome da editora e falou da sua busca frustrada na lista telefônica.

— Sim — disse ela, desconcentrada — parece uma edição do autor. E quanto aos cedros vermelhos, não me surpreenderia se fosse uma metáfora.

Isso ele também já imaginara: uma metáfora ou um código para algo secreto, sangrento ou belo, camuflado sob a folhagem colorida e murcha de uma biografia.

A doutora foi até outra sala e voltou com uma agenda de endereços. Abriu-a e percorreu uma das páginas com o dedo.

— Aqui está. Julio Simões — disse ela. — Um amigo do meu falecido marido. Um antiquário que sempre nos pareceu saber mais dos livros do que qualquer outro mortal, chegava a ser misterioso.

Ela anotou o endereço e explicou a Gregorius onde ficava.

— Mande lembranças da minha parte. E volte com os óculos novos, quero saber se o meu diagnóstico está correto.

Quando Gregorius se voltou na escadaria ela ainda estava na porta, uma mão encostada na moldura. Silveira lhe telefonara. Então talvez ela soubesse que ele tinha fugido. Ele gostaria de ter contado tudo para ela e, enquanto passava pelo corredor, seus passos eram hesitantes como os de alguém que está saindo contra a vontade de algum lugar.

O céu se cobrira com um fino véu branco que dissipava o brilho da luz do sol. A ótica ficava perto da estação das barcas que atravessavam o Tejo. O rosto casmurro de César Santarém iluminou-se quando Gregorius lhe disse de onde estava vindo. Ele leu a receita, pesou os óculos que Gregorius lhe estendeu e disse, num francês trôpego, que as lentes poderiam ser feitas de um material mais leve, com uma armação também mais leve.

Era a segunda vez em um curto espaço de tempo que alguém questionava a

opinião de Konstantin Doxiades e Gregorius teve a sensação de que alguém lhe tirava da mão as rédeas de sua vida, uma vida que, desde que conseguia se lembrar, sempre fora passada com pesados óculos no nariz. Inseguro, experimentou uma armação após a outra e acabou sendo convencido pela assistente de Santarém, que falava apenas português e falava sem parar, a escolher uma armação fina avermelhada que lhe parecia excessivamente moderna e chique para o seu rosto largo e quadrado. Já a caminho do Bairro Alto, onde ficava o sebo de Julio Simões, Gregorius ficava repetindo para si próprio que aqueles poderiam passar a ser seus óculos sobressalentes e que ele nem mesmo precisaria usá-los. Quando finalmente chegou ao sebo, já tinha recuperado o seu equilíbrio interior.

O Sr. Simões era um homem magro com nariz adunco e olhos escuros que traíam uma inteligência mercurial. Mariana Eça lhe telefonara e contara de que se tratava. Meia Lisboa parecia ocupada em anunciá-lo e recomendá-lo, pensou Gregorius, era quase uma dança de recomendações, ele não se lembrava de jamais ter vivido algo semelhante.

CEDROS VERMELHOS nos trinta anos que ele estava no setor de livros, jamais ouvira falar numa tal editora, disse Simões. UM OURIVES DAS PALAVRAS — não, jamais ouvira falar naquele título. Ele começou a folhear, leu uma frase aqui e outra acolá e Gregorius teve a impressão de que ele esperava que a memória lhe fornecesse alguma pista. Finalmente, olhou mais uma vez para o ano da publicação, 1975. Naquele ano, disse Simões, ele ainda fazia estágio no Porto e nunca ouvira falar de um livro surgido em edição do autor, muito menos tendo sido impresso em Lisboa.

— Se há alguém que sabe — disse, preparando o cachimbo — é o velho Coutinho, antigo dono da livraria. Tem quase 90 anos e é meio maluco, mas a sua memória para livros é fenomenal, um verdadeiro prodígio. Não posso ligar para ele porque já quase não ouve, mas vou mandar um bilhete para ele com algumas linhas.

Simões dirigiu-se para a sua mesa no canto e rabiscou algumas anotações numa folha que enfiou num envelope.

— Tem que ter paciência com ele — disse, ao entregar-lhe o envelope —; teve pouca sorte na vida e é um velho amargo. Mas também pode ser muito gentil se você acertar o tom. O problema é saber antecipadamente qual é o tom certo.

Gregorius passou muito tempo no sebo. Conhecer uma cidade através dos livros fora algo que ele sempre fizera. A sua primeira viagem para o exterior, ainda estudante, tinha sido para Londres. No navio de volta para Calais ele se dera conta de que nos três dias praticamente não vira nada da cidade além do albergue para jovens, o Museu Britânico e as várias livrarias da cidade. “Mas esses mesmos livros poderiam estar em qualquer lugar!”, diziam as pessoas, com ar de desaprovação

diante de tanta coisa que ele perdera. “Sim, mas de fato não estão em outro lugar e sim em Londres”, replicara.

E agora ali estava ele, diante daquelas estantes cheias de livros portugueses até o teto que ele, na verdade, nem conseguia ler, percebendo como estava travando contato com a cidade. Quando deixara o hotel pela manhã, tivera a sensação de que, para dar um sentido à sua estadia, teria que encontrar Amadeu de Prado urgentemente. Mas depois conhecera os olhos escuros, o cabelo avermelhado e o casaco de veludo negro de Mariana Eça e agora surgiam todos aqueles livros com os nomes dos antigos proprietários que o faziam lembrar-se da letra de Anneli Weiss em seus livros de latim.

O GRANDE TERREMOTO. Do grande sismo que abalara a fé em Deus de tanta gente, Gregorius não conhecia muito mais do que o fato de ter acontecido em 1755 e ter devastado Lisboa. Tirou o livro da estante. O livro ao lado tinha o título A MORTE NEGRA e tratava da epidemia de peste nos séculos XIV e XV. Gregorius atravessou a sala com os dois livros debaixo do braço, para onde se encontrava a seção de Literatura. Luís Vaz de Camões; Francisco Sá de Miranda; Fernão Mendes Pinto; Camilo Castelo Branco. Todo um universo do qual jamais ouvira falar, nem mesmo através de Florence. José Maria Eça de Queirós, *O crime do padre Amaro*. Hesitante, como se fosse algo proibido, retirou o livro da estante e juntou-o aos dois outros. E subitamente ali estava ele à sua frente: Fernando Pessoa, O LIVRO DO DESASOSSEGO Na verdade, era inacreditável, mas ele viajara para Lisboa sem pensar que estava viajando para a cidade do ajudante de guarda-livros Bernardo Soares, que trabalhara na rua dos Douradores e de quem Pessoa anotava os mais solitários pensamentos que o mundo jamais havia escutado, antes e depois dele.

Mas seria mesmo tão inacreditável assim? *Os campos são mais verdes na descrição do que no seu verde*. Essa frase de Pessoa desencadeara o episódio mais desconcertante que jamais ocorrera entre Florence e ele em todos aqueles anos.

Ela estava sentada com colegas na sala, ouviam-se risos e o tilintar de copos. Contra a vontade, Gregorius fora para lá porque precisava de um livro. Ao entrar, alguém estava lendo aquela frase. “É ou não é uma frase brilhante?”, exclamara um colega de Florence, sacudindo a juba de artista e pousando a mão no braço nu de sua mulher. “Pouquíssimas pessoas serão capazes de entendê-la”, dissera Gregorius. De repente, o silêncio se instalou na sala. “E você seria um desses eleitos?”, perguntara Florence num tom cortante. Com uma calma exagerada, Gregorius tirara o livro da estante, saindo da sala sem dizer mais nada. Demorara alguns minutos até ele voltar a ouvir as vozes depois daquilo.

Quando, depois, voltara a ver O LIVRO DO DESASOSSEGO em qualquer lugar,

seguira rapidamente em frente. Nunca tinham falado sobre o episódio. Fazia parte de tudo que permanecera no ar quando se separaram.

Gregorius tirou o livro da estante.

— Sabe como eu percebo esse livro inacreditável? — perguntou o senhor Simões, enquanto batia o preço. — É como se Marcel Proust tivesse escrito os ENSAIOSde Michel de Montaigne.

Gregorius estava exausto quando chegou ao topo da rua Garrett, perto do monumento a Camões, com as sacolas pesadas. Mas não queria voltar para o hotel. Estava começando a se acostumar àquela cidade e queria aprofundar essa sensação para ter certeza de que, naquela noite, não voltaria a telefonar para o aeroporto para reservar um voo de volta para casa. Tomou um café e pegou o bonde até o Cemitério dos Prazeres, perto da rua onde morava Vitor Coutinho, o velho maluco que talvez soubesse algo sobre Amadeu de Prado.

9

No bonde centenário de Lisboa, Gregorius sentiu-se transportado para a Berna da sua infância. Aquele bonde que o levou aos trancos e tilintando para o Bairro Alto em nada parecia se distinguir dos velhos carros elétricos com os quais ele percorrera durante horas a fio as ruas e vielas de Berna quando ainda não precisava pagar a passagem. Os mesmos bancos de ripas de madeira envernizadas, a mesma corda para tocar junto aos estribos de couro que pendiam do teto, o mesmo braço metálico que o condutor manejava para frear e acelerar e cujo funcionamento permanecia para ele o mesmo insondável mistério de antigamente. A uma determinada altura de sua vida, quando ele já usava o boné dos alunos do liceu, os velhos carros foram substituídos por outros, mais modernos. Eles rolavam de um modo mais silencioso e leve, os outros alunos brigavam para poder andar neles e alguns chegavam atrasados à aula por terem esperado um dos carros novos. Gregorius nunca ousara confessá-lo, mas incomodava-o o fato de o mundo estar mudando. Um dia ele se encheu de coragem e foi até o depósito dos bondes para perguntar a um homem de uniforme o que estava acontecendo com os carros velhos. Seriam vendidos para a Iugoslávia, respondera o homem, que devia ter notado a sua infelicidade, pois fora ao escritório e voltara com um modelo de um carro antigo. Ele o possuía até hoje e o guardava como um achado precioso e insubstituível de tempos pré-históricos. Ele via esse modelo na sua frente quando o bonde lisboeta parou no ponto final, estremecendo e chiando.

Nem lhe passara pela cabeça a possibilidade de aquele português de olhar audacioso já estar morto. O pensamento lhe veio ao se ver diante do cemitério. Lentamente, angustiado, ele percorreu os caminhos flanqueados de mausoléus da cidade dos mortos.

Devia ter passado uma meia hora quando parou diante de um mausoléu alto de mármore branco manchado pelo tempo. Duas placas com cantos decorados haviam sido esculpidas na pedra. AQUI JAZ ALEXANDRE HORÁCIO DE ALMEIDA PRADO, QUE NASCEU EM 28 DE MAIO DE 1890 E FALECEU EM 9 DE JUNHO DE 1954, e AQUI JAZ MARIA

PIEDADE REIS DO PRADO, QUE NASCEU EM 12 DE JANEIRO DE 1899 E FALECEU EM 24 DE OUTUBRO DE 1960, dizia a placa superior. Na de baixo, nitidamente mais clara e menos atacada pelo musgo, Gregorius leu: AQUI JAZ FÁTIMA AMÉLIA CLEMÊNCIA GALHARDO DE PRADO, QUE NASCEU EM 1º DE JANEIRO DE 1926 E FALECEU EM 3 DE FEVEREIRO DE 1961, e abaixo, com menos pátina na letras, aqui jaz AMADEU INÁCIO DE ALMEIDA PRADO QUE NASCEU EM 20 DE DEZEMBRO DE 1920 E FALECEU EM 20 DE JUNHO DE 1973.

Gregorius olhou fixamente para a última data. O livro no seu bolso fora publicado em 1975. Se este Amadeu de Prado fosse o médico que tinha estudado no rígido liceu do diretor Cortês e mais tarde sempre voltara para sentar no musgo quente da escadaria e se perguntava como teria sido se se tivesse tornado outro, então já não fora ele quem publicara suas reflexões. Outra pessoa o fizera, provavelmente em edição própria — um amigo, um irmão, uma irmã. Se essa pessoa ainda estivesse viva, 29 anos depois, era ela que ele tinha de achar.

Mas o nome no jazigo também poderia ser um acaso. Gregorius queria acreditar que fosse uma mera coincidência, queria-o com todas as suas forças. Sentiu como ficaria desapontado e desencorajado se não pudesse mais encontrar-se com aquele homem melancólico que quisera recriar a língua portuguesa porque esta lhe parecera tão gasta em sua forma tradicional.

Mesmo assim pegou seu bloco de anotações e escreveu todos os nomes com as datas de nascimento e falecimento. Aquele Amadeu de Prado chegara aos 53 anos. Perdera o pai aos 34. Teria sido aquele o pai do sorriso quase sempre malogrado? A mãe morrera quando ele tinha 40. A tal Fátima Galhardo podia ser a mulher de Amadeu que chegara apenas aos 35 anos, morrendo quando ele tinha 41.

Mais uma vez o olhar de Gregorius passeou pelo mausoléu, e só então notou uma inscrição na base, semiencoberta pela hera selvagem: QUANDO A DITADURA É UM FATO, A REVOLUÇÃO É UM DEVER. Teria sido a morte desse Prado uma morte política? A Revolução dos Cravos, que marcara o final da ditadura em Portugal, ocorrera na primavera de 1974. Portanto, Prado não a vivenciara. A inscrição sugeria que ele morrera como resistente. Gregorius tirou o livro do bolso e olhou para o retrato. Podia ser, pensou, condizia com o rosto e com a raiva contida atrás de tudo o que escrevia. Um poeta e místico da palavra que pegara em armas e combatera Salazar.

À saída tentou perguntar ao homem de uniforme como se podia saber a quem pertencia um determinado jazigo. Mas as poucas palavras que conhecia em português não eram suficientes para fazê-lo. Ele tirou da carteira a folha em que Julio Simões anotara o endereço do seu antecessor e se pôs a caminhar.

Vitor Coutinho morava numa casa que parecia que ia cair a qualquer momento. Ficava afastada da rua, escondida atrás de outras casas, e sua fachada era coberta por hera na parte de baixo. Não havia campainha e Gregorius permaneceu um bom tempo parado no pátio sem saber o que fazer. Quando quis ir embora, alguém gritou de uma das janelas do andar de cima:

— O que é que o senhor quer?

A cabeça que aparecia na janela estava emoldurada por cachos brancos que emendavam em uma barba também completamente branca. No nariz, um par de óculos de aros grossos e escuros.

— Pergunta sobre livro — exclamou Gregorius, levantando a voz e erguendo o livro de Prado.

— O quê? — perguntou o homem, e Gregorius repetiu o que dissera.

A cabeça desapareceu e pouco depois se escutava o zumbido da tranca automática da porta. Gregorius entrou num corredor com estantes cheias de livros até o teto e um tapete oriental gasto no chão de pedra vermelha. Cheirava a comida azeda, a poeira e fumo de cachimbo. O homem dos cabelos brancos apareceu na escada, um cachimbo entre os dentes escurecidos. Uma camisa quadriculada de uma cor deslavada e indefinível caía sobre a calça de veludo disforme, enquanto os pés estavam enfiados em sandálias com alças abertas.

— Quem é você? — perguntou, quase gritando, como fazem os deficientes auditivos. Os olhos castanho-claros, lembrando âmbar, observavam-no irritado, como alguém que foi perturbado em sua tranquilidade.

Gregorius lhe entregou o envelope com o bilhete de Simões. Explicou em português que era suíço e acrescentou em francês: filólogo clássico e à procura do autor daquele livro. Como Coutinho não reagiu, repetiu tudo falando mais forte.

O velho o interrompeu em francês dizendo que não era surdo, enquanto um sorriso malicioso surgia no rosto enrugado e curtido pelo tempo. Disse que era útil fazer o papel de um surdo com todas as asneiras que se ouviam por aí.

O seu francês tinha uma pronúncia estranha, mas as palavras vinham na ordem correta, embora lentamente. Deu uma olhada no bilhete de Simões, em seguida apontou para a cozinha no final do corredor e seguiu em frente. Na mesa da cozinha, ao lado de uma lata de sardinha aberta e um copo de vinho tinto cheio até a metade, havia um livro aberto. Gregorius foi até a cadeira do outro lado da mesa e sentou-se. Foi então que o velho se aproximou e fez algo surpreendente. Tirou-lhe os óculos da cara e experimentou-os. Piscou, olhou para um lado e para o outro, enquanto agitava os seus próprios óculos.

— Então é isso o que temos em comum — disse, finalmente, devolvendo-lhe os

óculos.

Era a solidariedade daqueles que andam pelo mundo com lentes grossas. Subitamente, toda a irritação e desconfiança tinham sumido do rosto de Coutinho e ele pegou o livro de Prado.

Sem dizer uma palavra, observou durante alguns minutos o retrato do médico. A certa altura se levantou, ausente como um sonâmbulo, para servir um copo de vinho a Gregorius. Um gato se aproximou furtivamente e roçou suas pernas. Ele não lhe deu atenção, tirou os óculos e segurou a base do osso nasal com o polegar e o indicador, um gesto que fez Gregorius se lembrar de Doxiades. No quarto ao lado se ouviu o tique-taque de um relógio de parede. O velho esvaziou o cachimbo, tirou outro de uma prateleira e começou a enchê-lo. Mais uma vez decorreram alguns minutos até ele começar a falar, em voz baixa e rouca, na tonalidade das lembranças distantes.

— Seria falso dizer que o conheci. Nem sequer se pode falar de um encontro. Mas o vi duas vezes na porta de seu consultório, de jaleco branco, as sobrancelhas erguidas, à espera do próximo paciente. Estava ali acompanhando a minha irmã, tratada por ele. Hepatite. Pressão alta. Ela o adorava. Acredito até que estava um pouco apaixonada. Não admira, era um belo homem, ainda por cima com um carisma que hipnotizava as pessoas. Era filho do famoso juiz Prado que se suicidou, diziam alguns que por não suportar mais as dores da coluna curvada, mas outros supunham que ele não se perdoava de ter permanecido no cargo durante a ditadura.

"Amadeu de Prado era um médico querido e respeitado. Até salvar a vida de Rui Luís Mendes, o homem da polícia secreta a quem chamavam o carniceiro. Foi em meados dos anos 1960, pouco depois do meu quinquagésimo aniversário. A partir de então as pessoas passaram a evitá-lo. Isso destroçou o seu coração. Depois disso, passou a trabalhar para a resistência antifascista sem que as pessoas soubessem; como se quisesse expiar o seu gesto salvador. Tudo isso só se soube depois da sua morte. Pelo que posso lembrar, morreu inesperadamente de uma hemorragia cerebral, um ano antes da Revolução. Nos últimos tempos, morava com uma irmã, chamada Adriana, que o endeusava.

"Deve ter sido ela quem fez publicar este livro, até imagino onde, mas há muito tempo que a tipografia fechou. Uns anos mais tarde o livro apareceu aqui no sebo. Eu o deixei num canto qualquer, não o li, tinha uma certa aversão ao livro, nem sei bem por quê. Talvez porque nunca gostei da tal Adriana, apesar de mal conhecê-la, mas ela era sua assistente e nas duas vezes em que fui ao seu consultório ela me irritou com a arrogância com que tratava os pacientes. Provavelmente isso é injusto da minha parte, mas sempre fui assim."

Coutinho começou a folhear o livro.

— Boas frases, ao que me parece. E o título é bom. Não sabia que ele escrevia. Onde foi que o achou? E por que está à sua procura?

A história que Gregorius contou então era diferente da que contara a José António da Silveira no trem noturno. Principalmente porque agora incluía também a misteriosa portuguesa da ponte de Kirchenfeld e o número de telefone na testa.

— Ainda tem o número? — perguntou o velho, que gostou tanto da história que abriu mais uma garrafa de vinho.

Durante um instante Gregorius sentiu-se tentado a tirar o bloco do bolso. Mas então sentiu que estava indo longe demais, após o episódio com os óculos nada impediria que o velho ligasse para o número. Simões o chamara de maluco. Mas isso não significava que ele era louco, nada disso. Tudo o que ele parecia ter perdido ao longo de sua vida solitária com o gato parecia ser a noção de distância e proximidade.

Não, disse Gregorius agora, não tinha mais o número. Que pena, lamentou o velho. Ele não acreditou em nada do que Gregorius lhe disse, e de repente estavam ali sentados novamente como dois estranhos.

Na lista telefônica não havia nenhuma Adriana de Almeida Prado, disse Gregorius depois de um silencio constrangido.

Mal-humorado, Coutinho disse que aquilo não significava nada, pois se ainda estivesse viva, Adriana devia ter perto de 80 anos, e os velhos muitas vezes cancelavam o seu telefone, como ele próprio fizera havia pouco tempo. Por outro lado, se tivesse morrido, o seu nome estaria inscrito no jazigo. O endereço onde o médico morara e trabalhara, não, depois de quarenta anos ele já não se lembrava mais. Numa rua qualquer do Bairro Alto. Mas não deveria ser muito difícil para ele encontrar a casa, um prédio com fachada revestida de muitos azulejos azuis, o único da região. Pelo menos era assim naquela época. *O consultório azul*, como diziam as pessoas.

Quando Gregorius saiu da casa do velho uma hora depois, os dois tinham se reaproximado. Coutinho alternava uma rudeza distante com uma cumplicidade surpreendente em sequência irregular, sem que se pudesse reconhecer um motivo para a alternância súbita de humor. Espantado, Gregorius o acompanhou pela casa que o velho transformara numa imensa biblioteca. O velho era incrivelmente erudito e possuía uma grande quantidade de primeiras edições.

Ele conhecia bem o nobiliário português. A família Prado, disse a Gregorius, era uma linhagem muito antiga que remontava a João Nunes do Prado, um neto do rei D. Afonso III. E o nome Eça? Remontava a D. Pedro I e Dona Inês de Castro e era

um dos nomes mais nobres de todo o país.

— O meu nome, claro, é ainda mais antigo e também está ligado à casa real — disse Coutinho, revelando orgulho atrás da insinuação irônica.

Ele ainda disse a Gregorius que o invejava pelo seu conhecimento das línguas antigas e, já a caminho da porta, puxou de uma das estantes uma edição greco-portuguesa do Novo Testamento.

— Nem sei por que estou lhe dando isto — disse —, mas é assim.

Ao atravessar o pátio, Gregorius sentiu que nunca mais se esqueceria daquela frase. Nem da mão do velho nas suas costas que o empurrava suavemente para fora.

O bonde trepidava pela tarde que caía. À noite ele nunca haveria de encontrar a casa azul, pensou Gregorius. O dia durara uma eternidade e agora ele apoiava a cabeça, esgotado, contra o vidro embaçado do bonde. Seria possível que ele estivesse há apenas dois dias naquela cidade? E que apenas tivessem decorrido quatro dias, portanto menos de cem horas, desde que ele deixara para trás os seus livros de latim sobre a mesa na escola? No Rossio, o largo mais conhecido de Lisboa, ele saltou e se arrastou até o hotel com a pesada sacola de Simões.

10

Por que Kägi falara com ele numa língua que soava como português, mas não era? E por que falara mal de Marco Aurélio, sem dizer uma palavra sequer sobre ele?

Sentado na beira da cama, Gregorius esfregou os olhos para espantar o sono. Além de tudo, o porteiro da escola viera com uma mangueira na mão para lavar o lugar no saguão de entrada onde ele estivera em pé com a portuguesa quando esta secou o cabelo. Antes ou depois — impossível precisar quando — Gregorius fora com ela até a sala de Kägi a fim de apresentá-la. Não era preciso abrir nenhuma porta, de repente eles estavam diante da imensa mesa de trabalho do diretor, um pouco como solicitantes que se esqueceram da sua solicitação, mas de repente o diretor já não estava mais lá, a mesa e até mesmo a parede haviam sumido, abrindo a vista para os Alpes.

Gregorius percebeu que a porta da pequena geladeira de hotel estava entreaberta. Em algum momento da noite ele acordara com fome e comera os amendoins e o chocolate. Antes, sentira-se angustiado ao ver a caixa do correio de seu apartamento em Berna transbordando de contas e folhetos de propaganda, e de repente a sua biblioteca estava em chamas antes de se transformar na biblioteca de Coutinho com muitas bíblias carbonizadas, uma série interminável.

Durante o café Gregorius repetiu de tudo e permaneceu sentado, para irritação da empregada, que começava já a preparar o salão para o almoço. Ele não tinha a menor ideia de como tudo iria continuar. Pouco tempo antes, entreouvira um casal alemão conversando e fazendo planos turísticos para o dia. Tentara imitá-los, mas fracassara. Lisboa não o interessava como atração turística. Lisboa era a cidade para onde fora ao fugir de sua própria vida. A única coisa que ele podia imaginar era atravessar o Tejo de barca para ver a cidade a partir de outro ponto de vista. Mas, no fundo, nem isso ele queria. Então, o que é que ele queria?

De volta ao quarto, começou a ordenar os livros que reunira até aquele momento: os dois sobre o terremoto e a morte negra, o romance de Eça de Queirós,

O livro do desassossego, o Novo Testamento, os livros do curso de português. Depois, tentou fazer a mala e a colocou junto da porta.

Não, tampouco era aquilo que queria. Antes, ainda era preciso buscar os óculos. Aterrissar em Zurique agora e saltar do trem em Berna: não era possível, agora já não era mais possível.

Então o quê? Então era nisso que dava ao pensar no tempo que passava e na morte — não saber, de repente, o que se queria? Não conhecer mais a própria vontade? Perder aquela intimidade natural com o próprio querer? Tornando-se, assim, alheio a si próprio e um problema?

Por que ele não saía à procura da casa azul onde Adriana do Prado talvez ainda morasse, 31 anos depois da morte do irmão? Por que hesitava? Por que surgira aquele bloqueio de repente?

Gregorius então fez o que sempre fizera quando se sentia inseguro: abriu um livro. Sua mãe, filha de camponeses do interior de Berna, raramente abrira um livro, quando muito, um romance regional de Ludwig Ganghofer, cuja leitura depois se arrastava semanas a fio. O pai descobrira a leitura como remédio contra o tédio nos salões vazios do museu e, depois de tomar gosto, lera tudo o que lhe caía nas mãos. "Agora você também se refugia nos livros", dissera-lhe a mãe quando o filho também descobriu a leitura. Doera a Gregorius que ela visse as coisas dessa maneira e que não o compreendia quando ele falava da magia e da luminosidade nas boas frases.

Havia pessoas que liam e havia as outras. Era fácil distinguir se alguém era leitor ou não. Não havia maior distinção entre as pessoas do que esta. As pessoas ficavam admiradas quando ele afirmava isso e algumas sacudiam a cabeça perante tal bizarrice. Mas era assim mesmo. Gregorius o sabia. *Sabia*-o simplesmente.

Dispensou a arrumadeira e, durante as horas que se seguiram, esforçou-se para compreender um texto de Amadeu de Prado cujo título chamara a sua atenção quando folheava o livro.

O INTERIOR DO EXTERIOR DO INTERIOR. *Há algum tempo — era uma daquelas manhãs ofuscantes de junho e a claridade matinal inundava as vielas, imóvel — encontrava-me eu diante de uma vitrine da rua Garrett onde, com a luz ofuscante, vi a minha imagem espelhada em vez das mercadorias. Para mim, era desagradável eu obstruir o meu próprio caminho — até porque aquilo parecia um símbolo da relação que eu tinha comigo mesmo — e estava começando a ajudar o meu olhar a encontrar o caminho para dentro, protegendo os olhos com as mãos, quando atrás da minha imagem refletida, como*

a sombra ameaçadora de uma tempestade capaz de mudar o mundo, surgiu a silhueta de um homem alto. Ele parou, tirou do bolso da camisa um maço de cigarros e colocou um na boca. Enquanto expulsava a fumaça do primeiro trago, seu olhar caminhou e terminou por se fixar em mim. "Nós homens, que sabemos uns dos outros?", pensei e — para não ter que encontrar o seu olhar refletido — fingi que não tinha nenhuma dificuldade em enxergar as coisas dentro da vitrine. O estranho viu um homem magro de cabelos grisalhos, um rosto estreito, austero e olhos escuros atrás de óculos redondos com aros dourados. Lancei um olhar inquiridor sobre a minha imagem refletida. Como sempre, lá estava eu com meus ombros ossudos, empertigado, a cabeça mais acima do que a minha estatura permitia, um pouco afastada para trás, e sem dúvida estava mesmo certo o que diziam aqueles que gostavam de mim: eu parecia um sujeito arrogante e que despreza os seres humanos, um misantropo que tem sempre à mão um comentário irônico para tudo e todos. Essa era a impressão que o homem com o cigarro certamente teve a meu respeito.

Como ele estava enganado! Pois às vezes penso que ando sempre assim, exageradamente empertigado, a fim de protestar contra o corpo inexoravelmente arqueado do meu pai, contra o sofrimento de ser vergado pela doença de Bechterev, obrigado a manter o olhar baixo como um servo humilhado que não ousa enfrentar o seu senhor de cabeça erguida e olhar reto. É como se eu, ao me empertigar, pudesse também endireitar as costas do meu orgulhoso pai além do túmulo ou, através de uma lei retroativa e mágica, fazer com que a sua vida fosse menos curvada e açoitada pela dor, como se através desse meu esforço atual eu pudesse despir o penoso passado de sua factualidade, substituindo-a por outra, melhor e mais livre.

Aquela não era a única ilusão que a minha imagem devia provocar no estranho atrás de mim. Depois de uma noite sem fim, passada sem sono nem consolo, eu teria sido o último a olhar com arrogância para os outros. Na véspera eu tivera de anunciar a um paciente, na presença de sua mulher, que já não lhe restava muito tempo de vida. Terás que fazê-lo, falei para mim mesmo, antes de convidá-los a entrar no meu consultório, eles têm o direito de planejar o seu futuro e o de seus cinco filhos. Além disso, nunca esquecer que uma parte da dignidade humana consiste na força para enfrentar o próprio destino, mesmo que seja o mais difícil. Tinha sido no fim da tarde, através da porta aberta da varanda, uma brisa leve e morna trazia para dentro os sons e odores de um final de dia de verão, e se fosse possível entregar-se completa e inconscientemente a essa

suave onda de vida, poderia ter sido um momento de felicidade. "Se ao menos um vento impiedoso fustigasse os vidros com rajadas de vento!", pensei, quando o homem e a mulher se sentaram diante de mim, na ponta da cadeira, hesitantes e cheios de uma impaciência medrosa, ávidos para ouvir a sentença que os libertasse dos horrores de uma morte iminente, para que pudessem finalmente sair, descer e se misturar aos passantes, com um mar de tempo à sua frente. Eu tirei os óculos e massageei a raiz do nariz com o polegar e o indicador antes de começar a falar. Os dois devem ter reconhecido no gesto o prenúncio de uma verdade terrível, pois quando ergui o olhar tinham-se dado as mãos, eles que — como me pareceu, e a ideia me deixou com um nó na garganta, aumentando ainda mais a espera insuportável — havia décadas não estavam mais acostumados a se procurar. Foi para aquelas mãos que então falei, pois me era insuportável enfrentar os olhos que expressavam o mais puro pavor. As mãos se entrelaçaram, o sangue foi embora, e foi essa imagem de um emaranhado de dedos brancos, exangues e crispados, que me roubou o sono e que eu tentei afugentar quando resolvi partir para o passeio que me levou até aquela vitrine espelhada. (E havia ainda algo mais que eu tentava afugentar durante aquele meu périplo pelas vielas cintilantes: a lembrança de como, depois, descarreguei sobre Adriana a minha fúria sobre a falta de sensibilidade das minhas palavras ao transmitir a amarga mensagem, só porque ela, que cuida de mim como uma mãe, excepcionalmente se esquecera de comprar o meu pão preferido. Que o brilho dourado daquela manhã pudesse apagar aquela injustiça, que não era atípica para mim!)

O homem com o cigarro, que agora estava encostado num poste, deixou que seu olhar passeasse entre a minha imagem e os acontecimentos na rua. Aquilo que via de mim nada lhe podia revelar sobre a minha fragilidade e as minhas dúvidas, tão pouco correspondentes à minha postura orgulhosa, até mesmo arrogante. Transpus-me então para dentro do seu olhar, recriei-o dentro de mim e tentei extrair de dentro dele a imagem de mim que ele em si criara. O que eu parecia e mostrava ser — pensei — nunca o havia sido, nem um único minuto da minha vida. Não o havia sido na escola, nem na universidade, nem no consultório. Será que com os outros acontecia o mesmo? Será que ninguém se reconhece no seu exterior? Será que a imagem refletida lhes parece um cenário de deformações grosseiras? Será que se apercebem com horror de um abismo que se abre entre a percepção que os outros têm deles e a forma como eles se veem? Que a intimidade interior e a intimidade exterior podem se afastar de tal maneira que acaba

por tornar-se quase impossível considerá-las como intimidade com o mesmo ser?

A distância em relação aos outros para a qual nos transporta essa consciência torna-se ainda maior quando compreendemos que a nossa imagem exterior não surge aos outros como aos nossos próprios olhos. Não vemos as pessoas como vemos casas, árvores ou estrelas. Vemo-las na expectativa de as encontrarmos de uma determinada maneira, transformando-as, assim, em um pedaço da própria interioridade. A força da imaginação forma-as de maneira que estejam de acordo com os próprios desejos e as próprias esperanças, mas também de modo a que nelas se confirmem os nossos próprios temores e preconceitos. Na verdade, nem sequer alcançamos os contornos exteriores do outro de maneira segura e imparcial. Ao longo do percurso, o olhar é desviado e turvado por todos os desejos e fantasias que fazem de nós a pessoa especial e insubstituível que somos. Mesmo o exterior de um interior ainda continua sendo um pedaço do nosso mundo interior, sem falar dos pensamentos que produzimos sobre o mundo interior estranho e que são tão inseguros e imprecisos que acabam por revelar mais sobre nós próprios do que sobre o outro. Como é que o homem com o cigarro vê o homem empertigado com o rosto magro, os lábios cheios e um par de óculos de aros dourados num nariz adunco e reto que até a mim parece muito comprido e dominador? E como essa figura se insere na estrutura secreta de suas simpatias e antipatias e na arquitetura restante de sua alma? O que o seu olhar exagera e amplia em minha aparência, e o que ele deixa de fora, como se não existisse? Inevitavelmente será sempre uma imagem distorcida a que o fumante estranho faz da minha imagem refletida, e a sua imagem imaginada do meu mundo de ideias acumulará distorção sobre distorção. E assim acabamos por nos ser duplamente estranhos, pois entre nós não há apenas o mundo externo enganador, como também a miragem que dele surge em cada interioridade.

Mas essa estranheza, essa distância, será mesmo um mal? Se um pintor tivesse que nos retratar, ele teria que nos representar de braços abertos, desesperados na vã tentativa de alcançar os outros? Ou deveria nos mostrar, pelo contrário, numa posição reveladora do alívio que sentimos pela consciência dessa dupla barreira que também é sempre um muro protetor? Deveríamos nos sentir gratos pela proteção que a estranheza nos concede? E pela liberdade que ela permite? Como seria se nos deparássemos um para com o outro completamente desprotegidos através da dupla clivagem que o corpo interpretado representa? Se nos precipitássemos um dentro do outro sem que nada de divisório e ilusório se interpusesse?

Enquanto lia a autodescrição de Prado, Gregorius voltava constantemente para o retrato no início do livro. Imaginou o cabelo penteado para trás como um elmo ficando grisalho e lhe colocou uma armação de óculos de lentes redondas com aros dourados. Arrogância, até mesmo misantropia, era o que os outros haviam visto nele. E, no entanto, segundo Coutinho, ele fora um médico respeitado, até mesmo venerado. Até o momento em que salvou a vida do homem da polícia secreta. Depois disso, as mesmas pessoas que o haviam venerado passaram a evitá-lo. Aquilo destroçara o seu coração e ele tentara se redimir trabalhando para a oposição clandestina.

Como podia um médico ter a necessidade de expiar algo que todo e qualquer médico fazia — e era mesmo obrigado a fazer — e que, no fundo, era o contrário de uma falha? Alguma coisa estava errada na descrição de Coutinho, pensou Gregorius. As coisas deviam ter sido mais complicadas, mais intrincadas. Gregorius continuou folheando o livro. *Nós homens, que sabemos uns dos outros*? Gregorius continuou folheando mais um pouco. Talvez houvesse uma anotação sobre essa guinada dramática e dolorosa em sua vida.

Como não encontrasse nada, saiu do hotel ao anoitecer e pôs-se a caminho da rua Garrett, onde Prado parara para ver a sua imagem refletida em uma vitrine e onde também ficava a livraria de Julio Simões.

Já não havia mais a luz do sol que transformasse as vitrines em espelhos. Mas decorrido algum tempo ele encontrou uma loja de roupas iluminada com um espelho imenso no qual ele podia se ver refletido através do vidro. Tentou fazer o que Prado fizera: incorporar-se dentro de um olhar estranho e absorver a sua própria imagem através desse olhar. Encontrar-se como a um estranho, alguém que se acaba de conhecer.

Era assim então que os alunos e os colegas o haviam visto. Aquele era o Mundus. Florence também o vira dessa maneira, primeiro como aluna apaixonada na primeira fila, depois como uma mulher para a qual ele se tornava cada vez mais um homem pesado e enfadonho que recorria à erudição para destruir a magia, a leveza e o encanto de seu mundo cintilante das letras românicas.

Todos tinham tido à sua frente essa mesma imagem e, no entanto, cada um tinha visto algo diferente, como disse Prado, porque cada fragmento percebido do mundo exterior era também um pedaço do mundo interior. O português estava certo de que em nem um único minuto de sua vida ele fora da maneira como parecia aos outros; por mais conhecido que o seu exterior lhe parecesse, ele não se reconhecera nele e ficara profundamente assustado com essa estranheza.

Agora era Gregorius que estremecia depois de ser abalroado por um rapaz que

passou correndo. O susto provocado pela colisão coincidiu com a constatação inquietante de que ele próprio não tinha nenhuma certeza igual à do médico. De onde é que Prado retirara a segurança para afirmar que ele era completamente diferente de como os outros o enxergavam? Como chegara a ela? Ele se referia a ela como se fosse uma luz interior que desde sempre o iluminara, uma luz que, ao mesmo tempo, significava uma grande proximidade consigo próprio e uma imensa estranheza em relação aos outros. Gregorius cerrou os olhos e viu-se novamente no vagão-restaurante a caminho de Paris. O que essa nova lucidez, que ele percebera no momento em que se dera conta de que a sua viagem realmente estava acontecendo, tinha a ver com a especial lucidez que o português tivera em relação a si próprio, uma lucidez cujo preço fora a solidão? Ou eram duas coisas completamente diferentes?

As pessoas costumavam dizer a Gregorius que ele andava pelo mundo como se estivesse sempre debruçado sobre um livro, como se estivesse lendo constantemente. Então ele se empertigou e tentou sentir o esforço de retificar a coluna encurvada de dor do próprio pai com a cabeça esticada para cima e um porte exageradamente aprumado. Nos primeiros tempos do ginásio ele tivera um professor que sofria da síndrome de Bechterev. Essas pessoas encolhem a nuca para trás para não terem que ficar olhando para o chão. Parecia a descrição que Prado fizera do zelador que encontrara em sua primeira visita à escola: uma postura de passarinho. Algumas piadas cruéis circulavam sobre aquela figura encurvada, e o professor se vingava com um rigor traiçoeiro e punitivo. Como deveria ser ter um pai condenado a passar a vida inteira naquela posição humilhante, hora após hora, dia após dia, sentado à sua mesa de juiz da mesma maneira que sentava com os filhos à mesa do jantar?

Alexandre Horácio de Almeida Prado tinha sido juiz, um juiz de renome, como dissera Coutinho. Um juiz que exerceu o Direito sob o regime de Salazar — um homem que quebrara todas as leis. Um juiz que, quem sabe, jamais conseguira se perdoar e que acabara por optar pelo suicídio. *Quando a ditadura é um fato, a revolução é uma obrigação,* dizia a inscrição na base do jazigo dos Prado. A frase se referiria ao filho, que optara pela resistência clandestina? Ou ao pai, que reconhecera tarde demais a sua verdade?

Na descida para a grande praça, Gregorius sentiu que queria saber todas essas coisas e que as queria saber de uma forma diferente, muito mais urgente do que as muitas coisas históricas com as quais lidara nos textos antigos durante toda a sua vida. E por quê? O juiz morrera havia mais de meio século. A Revolução ocorrera trinta anos atrás e a morte do filho também pertencia àquele passado distante. Por que, então? O que ele tinha a ver com tudo aquilo? E como pudera acontecer que

uma única palavra em português e um número de telefone rabiscado em sua testa o tivessem arrancado de sua vida rotineira, envolvendo-o, longe de Berna, na vida de portugueses que já nem viviam mais?

Na livraria do Rossio saltou-lhe à vista uma fotobiografia de António de Oliveira Salazar, o homem que desempenhara um papel decisivo, talvez mortal, na vida dos Prado. A capa mostrava um homem vestido de preto com um rosto dominador, porém não totalmente insensível, com um olhar duro, fanático, que, no entanto, traía inteligência. Gregorius começou a folhear o livro. Salazar, pensou, fora um homem que perseguira o poder, mas não fora alguém que o tivesse tomado com brutalidade cega e violência surda, nem alguém que o tivesse saboreado como quem saboreia a abundância transbordante de pratos exagerados num banquete de orgia. Para tê-lo e conservá-lo por tanto tempo, ele tivera de abrir mão de tudo em sua vida que não se subordinasse ao rigor incansável, à disciplina incondicional e ao ritual ascético. O preço fora elevado, isso se notava nos traços duros e no esforço de seu raro sorriso. E as necessidades reprimidas e os impulsos dessa vida austera, no meio da opulência do regime, tinham-se libertado — distorcidos pela retórica da razão do Estado — sob a forma de ordens implacáveis dos carrascos.

Na escuridão, Gregorius permanecia acordado, pensando na grande distância que sempre existira entre ele e os acontecimentos mundiais. Não que ele nunca tivesse se interessado pelos eventos políticos além da fronteira de seu país. Em abril de 1974, quando a ditadura em Portugal chegava ao fim, alguns de sua geração tinham viajado para lá e o criticaram quando ele disse que não se interessava por turismo político. Ele não era, portanto, um rato de biblioteca alienado. Mas parecia que ele estava sempre lendo Tucídides. Um Tucídides que saía no jornal e no telejornal. Isso tinha a ver com a Suíça e sua intocabilidade? Ou somente com ele? Com a sua fascinação pelas palavras, por trás das quais as coisas desapareciam, por mais cruéis, sangrentas e injustas que fossem? Ou com a sua miopia?

Quando o pai, que não passara de sargento, lhe falava dos tempos em que a sua companhia estivera estacionada às margens do Reno, como ele disse, ele, o filho, sempre tivera a sensação de algo irreal, de qualquer coisa vagamente cômica, cuja significação consistia principalmente em que se podia lembrar-se dela como algo excitante, algo que se destacava da banalidade da vida restante. O pai percebera aquilo e certa vez perdera a paciência. *Sentimos medo, um pavor terrível,* dissera*, pois tudo poderia ter sido diferente, e nesse caso tu talvez nem existisses*. Não gritara, isso o pai nunca fazia, mas mesmo assim tinham sido palavras iradas que o filho escutara envergonhado e que nunca mais esquecera.

Era por isso que ele agora queria saber como teria sido ser Amadeu de Prado?

Para, através dessa compreensão, aproximar-se mais do mundo?

Ele acendeu a luz e tornou a ler as frases que já tinha lido antes.

NADA. *Aneurisma. Qualquer instante pode ser o último. Sem o mínimo pressentimento, no mais completo desconhecimento, vou transpor uma parede invisível atrás da qual não existe mais nada, nem sequer a escuridão. O meu próximo passo pode muito bem ser o passo através dessa parede. Não seria ilógico sentir medo disso, uma vez que nem vou mais vivenciar esse súbito apagar e sabendo de antemão que tudo é assim mesmo?*

Gregorius ligou para Doxiades e lhe perguntou o que era um aneurisma.

— Sei que a palavra significa um alargamento. Mas de quê?

Doxiades explicou que se tratava de uma dilatação patológica das paredes de um vaso sanguíneo arterial devido a uma transformação congênita ou adquirida. Sim, também no cérebro, frequentemente até. Muitas vezes, as pessoas nem notavam, podiam viver muitas décadas e tudo corria bem. De repente, o vaso arrebentava, e acabou-se. Doxiades perguntou por que ele queria saber aquilo no meio da noite e se ele sentia dores? E onde estava?

Gregorius sentiu que fora um erro telefonar para o grego. Não encontrou as palavras que teriam correspondido a uma intimidade de muitos anos. Duro e gaguejante, disse alguma coisa sobre o bonde elétrico, sobre o dono bizarro do sebo e o cemitério onde se encontrava o túmulo do português morto. Nada daquilo fazia sentido, ele percebeu e se calou.

— Gregorius? — perguntou Doxiades finalmente.

— Sim?

— O que significa *Schach* em português?

Gregorius gostaria de tê-lo abraçado por aquela pergunta.

— Xadrez — respondeu, e a secura em sua boca desapareceu.

— E seus olhos, tudo bem?

Agora a língua voltava a colar no palato.

— Sim — disse Gregorius —, tudo em ordem.

Depois de mais um intervalo de silêncio, Gregorius perguntou:

— O senhor tem a sensação de que as pessoas o veem como é?

O grego deu uma sonora risada.

— Claro que *não*!

Gregorius sentiu-se atordoado com o fato de alguém, ainda por cima Doxiades, rir de algo que assustara profundamente Amadeu de Prado. Pegou o livro de Prado

como se fosse para se agarrar nele.

— Está mesmo tudo bem? — insistiu o grego depois de mais um silêncio.

— Sim — disse Gregorius —, tudo em ordem.

Terminaram a conversa como de hábito.

Confuso, Gregorius ficou deitado na escuridão, tentando descobrir o que se interpusera entre ele e o grego. Afinal, ele era a pessoa cujas palavras o haviam incentivado a empreender aquela viagem, apesar da neve que começara a cair sobre Berna. Financiara seus estudos trabalhando como taxista em Tessalônica. Um bando de gente bruta, os taxistas, dissera certa vez. De vez em quando essa espécie de rudeza aparecia nele. Quando praguejava, ou quando tragava forte o seu cigarro. Naqueles momentos, os pelos escuros da barba e o emaranhado espesso de pelos nos antebraços lhe conferiam um ar selvagem e indômito.

Portanto, ele achava natural que a percepção dos outros sobre ele estivesse equivocada. Seria possível que ele nem se importasse com aquilo? Seria aquilo falta de sensibilidade? Ou um desprendimento interior invejável? Começava a madrugar quando Gregorius finalmente conseguiu pegar no sono.

11

"Não pode ser, é impossível." Gregorius tirou os óculos novos, levíssimos, esfregou os olhos e voltou a colocá-los. Era possível, sim: estava enxergando melhor do que nunca. Especialmente na parte superior das lentes, através da qual olhava para o mundo. As coisas pareciam lhe saltar à vista, pareciam insistir em atrair o seu olhar para elas. E como ele já não sentia o peso habitual no nariz que tornara seus óculos uma espécie de barreira protetora, a sua nitidez tornara-se inoportuna, quase ameaçadora. Além disso, as novas impressões o deixavam tonto. Voltou a tirar os óculos. Um sorriso se esboçou no rosto casmurro de César Santarém.

— Agora o senhor já não sabe qual é o melhor, o velho ou o novo.

Gregorius acenou com a cabeça, concordando, e postou-se diante do espelho. A armação fina e avermelhada e as novas lentes que já não pareciam barreiras marciais faziam dele uma nova pessoa. Alguém que se interessava pela aparência. Que queria ser elegante, chique. Bem, aquilo era um exagero, mas mesmo assim. A assistente de Santarém, a mesma que o convencera a ficar com aquela armação, fez um gesto de aprovação lá do fundo. Santarém o viu.

— Tem razão — disse ele.

Gregorius sentiu a raiva aflorar dentro dele. Voltou a pôr os óculos velhos, pediu que embrulhassem o novo e pagou rapidamente.

Normalmente, era preciso caminhar meia hora para chegar ao consultório da dra. Mariana Eça, em Alfama. Gregorius precisou de quatro horas. Para começar, sentava cada vez que via um banco para mudar de óculos. Com as novas lentes o mundo era maior e o espaço, pela primeira vez, realmente tinha três dimensões dentro das quais as coisas podiam se expandir livremente. O Tejo deixara de ser uma vaga superfície de coloração marrom e passara a ser um verdadeiro rio, e o castelo de São Jorge erguia-se no céu em três direções. Mas assim o mundo também se tornava cansativo. Embora fosse mais fácil caminhar com aquela armação levíssima, pois os passos pesados aos quais estava habituado não combinavam com a nova leveza no seu rosto. O mundo tornara-se mais próximo e premente, exigia

mais, sem que ficasse claro em que exatamente consistiam suas exigências. Quando essas exigências começavam a pesar, ele parava e se refugiava atrás dos óculos antigos que impunham uma distância em relação a todas as coisas e lhe permitiam duvidar se ainda existia um mundo exterior além das palavras e dos textos, uma dúvida que lhe era cara e sem a qual ele mal conseguia imaginar a vida. Mas por outro lado também já não era mais capaz de esquecer o novo olhar e, num pequeno parque, tirou do bolso as anotações de Prado e experimentou lê-los com os óculos novos.

O verdadeiro encenador da nossa vida é o acaso — um encenador cheio de crueldade, misericórdia e encanto cativante. Gregorius quase não acreditava: nunca antes compreendera as frases de Prado com tanta facilidade. Fechou os olhos e se entregou à doce ilusão de que as novas lentes lhe facilitariam o acesso a todas as outras frases do português, como se fossem um instrumento mágico e de conto de fadas que, para além dos contornos das palavras, lhe desvendasse também o seu significado. Levou a mão aos óculos para ajeitá-los. Começou a gostar deles.

"Quero saber se o meu diagnóstico está correto", tinham sido as palavras da mulher de olhos enormes e do casaco de veludo negro, palavras que o haviam surpreendido porque soavam inseguras como a confissão de uma boa aluna com pouca autoestima, o que nem combinava com a segurança que ela parecia irradiar. Gregorius ficou observando uma moça de patins. Se o rapaz de patins daquela primeira noite tivesse passado por ele sem que seu cotovelo lhe tivesse acertado a têmpora, agora ele não estaria a caminho daquela mulher, dividido entre um campo de visão discretamente velado e outro alucinadamente nítido, que emprestava ao mundo essa realidade irreal.

Num bar ele tomou um café. Era hora de almoço, o lugar se encheu de homens bem-vestidos de um escritório ao lado. Gregorius observou seu novo rosto no espelho, depois o resto do corpo, a imagem que a médica iria ver depois. As calças de veludo deformadas no joelho, o pulôver de gola rulê e o velho impermeável contrastavam com os muitos casacos impecavelmente talhados, as camisas de tons condizentes e as gravatas. E também não combinavam com os novos óculos, nada combinava com eles. Gregorius ficou irritado com o fato de se sentir incomodado com o contraste, e, de gole em gole, ia ficando cada vez mais furioso. Lembrou-se de como o garçom o olhara no Hotel Bellevue na manhã de sua fuga e como aquilo nem o perturbara. Pelo contrário, sentira que a sua aparência desleixada o afirmava contra a elegância que o rodeava. Onde estava agora essa segurança? Ele pôs os óculos velhos, pagou e saiu.

Aqueles prédios aristocráticos ao lado e em frente ao consultório de Mariana Eça já tinham estado lá por ocasião da sua primeira visita? Gregorius pôs os óculos novos

e olhou em volta. Médicos, advogados, um comércio de vinhos, uma embaixada africana. Começou a suar por baixo do pulôver de lã enquanto sentia no rosto o vento frio que varrera todas as nuvens do céu. Atrás de que janela ficava o consultório?

"A acuidade visual depende de tantos fatores", dissera ela. Eram quinze para as duas. Poderia ele simplesmente subir? Seguiu algumas ruas adiante e parou diante de uma loja de vestuário masculino. "Não faria mal se você comprasse uma roupa nova." A aluna Florence, aquela menina na primeira fila, achara atraente a sua indiferença em relação à aparência. Pouco tempo depois de casada com ele, esse seu desprendimento a irritava. "Afinal, você não vive só. E não basta saber grego." Nos 19 anos que agora já vivia sozinho ele fora duas ou três vezes a uma loja de roupas. Saboreava o fato de que ninguém o repreendia. Dezenove anos de teimosia teriam sido suficientes? Hesitante, entrou na loja.

As duas vendedoras se esforçaram ao máximo com ele, único cliente, e no final chamaram o gerente. Gregorius toda hora se via no espelho: primeiro trajando ternos que faziam dele um banqueiro, depois um frequentador da Ópera, um galã, um professor, um contador. Depois, com casacos que iam do jaquetão ao casaco esportivo que lembravam uma cavalgada no parque do castelo, finalmente em modelos de couro. Sem compreender nenhuma das entusiasmadas frases portuguesas que choveram sobre ele, limitava-se a balançar a cabeça. Finalmente, deixou a loja num terno de veludo cinza. Inseguro, observou a sua imagem numa vitrine, alguns prédios mais adiante. O tom *bordeaux* do pulôver de gola rulê que o tinha convencido a comprar combinava mesmo com os aros avermelhados dos óculos novos?

De repente, Gregorius se descontrolou. Com passos rápidos e furiosos dirigiu-se até o toalete público do outro lado da rua e voltou a vestir a sua roupa velha. Quando passou por uma entrada atrás da qual havia montes de entulho, largou a sacola com as roupas novas. Em seguida, caminhou lentamente na direção da casa da médica.

Mal entrou no prédio, ouviu a porta se fechando no andar de cima e, em seguida, viu-a descendo a escada com um sobretudo esvoaçante. Desejou estar vestido com o terno novo.

— Ah, é o senhor? — disse ela, perguntando como estava se sentindo com os óculos novos.

Enquanto ele ia lhe contando, ela se aproximou, pegou os óculos e examinou se sua posição estava correta. Ele sentiu o seu perfume, uma mecha de seu cabelo roçou o seu rosto e por um mínimo instante o seu movimento se fundiu com o de

Florence quando esta pela primeira vez lhe tirou os óculos. Quando ele lhe falou da realidade irreal que as coisas de repente passaram a ter ela sorriu e olhou para o relógio.

— Preciso pegar a barca para fazer uma visita.

Alguma coisa no seu rosto deve tê-la desconcertado, pois ela parou no meio do movimento de ir embora.

— O senhor já esteve no Tejo? Quer vir comigo?

Mais tarde, Gregorius não conseguiu mais se lembrar do percurso de carro até a estação das barcas. Só lembrava que ela conseguiu estacionar o carro numa vaga que parecia estreita demais com uma rápida manobra. Então, estavam sentados no convés superior da barca e Mariana Eça lhe contava a história do tio que pretendia visitar, o irmão de seu pai.

João Eça morava num asilo para idosos em Cacilhas, do outro lado do Tejo, mal falava e passava o dia inteiro jogando os lances de famosas partidas de xadrez. Tinha trabalhado como contador em uma grande firma e era um homem humilde, insignificante, quase invisível. Ninguém poderia imaginar que ele trabalhara para a resistência antifascista. O disfarce era perfeito. Tinha 47 anos quando os verdugos de Salazar foram buscá-lo. Como comunista, foi condenado à prisão perpétua por crime de alta traição. Dois anos depois, Mariana, sua sobrinha preferida, foi buscá-lo na prisão.

— Foi no verão de 1974, poucas semanas depois da Revolução. Eu tinha 21 anos e estudava em Coimbra — disse ela com a cabeça virada para o outro lado.

Gregorius ouviu-a soluçar e a sua voz tornou-se áspera para não quebrar.

— Eu jamais consegui me recuperar daquela visão. Ele tinha apenas 49 anos, mas a tortura o transformara num velho doente. Ele, que antes tinha uma voz cheia e sonora, estava rouco, sussurrava, e as suas mãos, que antes tinham tocado Schubert, sobretudo Schubert, estavam deformadas e não paravam de tremer.

Ela respirou fundo e endireitou-se.

— Só aquele olhar inacreditavelmente reto e destemido de seus olhos cinzentos continuava inquebrantável. Foram precisos vários anos para que ele pudesse me contar tudo. Eles haviam aproximado ferros em brasa à frente dos seus olhos para fazê-lo confessar. Chegaram cada vez mais perto e ele esperava mergulhar a cada momento em uma onda de escuridão ardente. Mas o seu olhar não se desviou do ferro, ele perpassou a sua dureza incandescente e trespassou os rostos de seus torturadores. Essa firmeza incrível os fez desistir. “Desde então não temo mais nada”, disse ele, “literalmente nada.” E eu tenho certeza de que ele não revelou nada.

Eles desembarcaram.

— Ali no fundo — disse ela, e a sua voz recuperara a firmeza habitual. — Aquele é o asilo.

Ela lhe mostrou uma barca que dava uma volta maior, revelando outra perspectiva da cidade. Em seguida, ficou parada durante alguns instantes, indecisa. Era uma indecisão que traía a consciência de uma intimidade entre eles que surgira com uma rapidez inesperada, sem poder ser continuada, e talvez também a dúvida assustada sobre se tinha sido acertado revelar tanta coisa de si própria e do tio João. Quando finalmente saiu caminhando em direção ao asilo, Gregorius a ficou observando durante muito tempo, tentando imaginar como ela, aos 21 anos, tinha ficado na frente da prisão.

Ele voltou para Lisboa e depois repetiu toda a travessia do Tejo mais uma vez. João Eça havia lutado na oposição clandestina. Resistência. A médica usara a palavra em português com muita naturalidade, como se não existisse outra expressão para aquela atividade sagrada. Dita assim por ela, com uma espécie de urgência contida, a palavra saíra com uma sonoridade inebriante, tornando-se uma palavra com brilho mítico e aura mística. Um contador e um médico com cinco anos de diferença. Ambos haviam arriscado tudo, ambos haviam trabalhado com disfarces perfeitos, ambos haviam sido mestres do sigilo e virtuoses dos lábios selados. Teriam se conhecido?

De volta à terra firme, Gregorius comprou uma planta da cidade com uma descrição detalhada do Bairro Alto. Durante o jantar elaborou um trajeto para a busca da casa azul em que Adriana de Prado possivelmente ainda estivesse morando, idosa e sem telefone. Quando deixou o restaurante, começava a anoitecer. Pegou um bonde até a Alfama. Depois de um momento, encontrou a entrada com o monte de entulho. A sacola com as roupas novas continuava lá. Ele a recolheu, pegou um táxi e pediu que o motorista o levasse ao hotel.

12

Ao deixar o hotel cedo na manhã seguinte, Gregorius se deparou com um dia que começava cinzento e enevoado. Muito contra os seus costumes, na véspera ele conseguira adormecer logo e mergulhara em uma enchente de imagens oníricas que, numa sucessão incompreensível, tratavam de navios, roupas e prisões. Apesar de inexplicável, aquilo não fora desagradável e estivera bem longe de constituir um pesadelo, pois os episódios confusos em sequência de rapsódia tinham sido acompanhados de uma voz quase inaudível, mas com uma força acachapante e que pertencia a uma mulher cujo nome ele se esforçara febrilmente por descobrir, como se a sua vida inteira dependesse daquilo. Precisamente no momento de acordar ele se lembrara da palavra que ele perseguira ansiosamente: Conceição, o belo segundo nome gravado numa placa de latão na entrada do consultório: Mariana Conceição Eça. Ao dizer o nome em voz baixa lembrou-se de outra cena esquecida do sonho em que uma mulher de identidade mutante lhe tirava os óculos apertando-os contra o seu nariz com uma intensidade que ele ainda sentia depois de acordar.

Aquilo tinha sido por volta de uma da manhã, e era impensável voltar a dormir. Por isso, ele folheara o livro de Prado, tendo sua atenção presa numa anotação intitulada CARAS FUGAZES NA NOITE.

Muitas vezes me parece que os encontros entre pessoas são como quando trens em alta velocidade se cruzam no meio da noite. Lançamos olhares fugazes, acossados aos outros, sentando atrás de vidros foscos em uma luz difusa, e que logo desaparecem do nosso campo de visão, sem que tenhamos tempo de percebê-los. Eram mesmo um homem e uma mulher que passaram ali como fantasmas em uma janela iluminada que surgiu do nada e pareciam desprovidos de sentido e objetivo na escuridão deserta? Eles se conheciam? Conversavam? Estavam rindo? Chorando? Pode-se dizer: acontece o mesmo quando transeuntes desconhecidos se cruzam na chuva e no vento, a comparação pode fazer

sentido. Mas quantas vezes estamos sentados diante das mesmas pessoas, trabalhamos e comemos juntos, deitamos lado a lado, moramos sob o mesmo teto. Onde estará aí a fugacidade? Tudo o que simula permanência, familiaridade e conhecimento íntimo não seria antes uma simulação inventada e destinada a nos tranquilizar, com a qual tentamos encobrir e deter a brevidade inquietante por ser impossível suportá-la a cada momento? Não será cada instante de percepção do outro e cada troca de olhares como o encontro fantasmagoricamente curto que ocorre entre viajantes cujos olhares se cruzam, atordoados pela velocidade inumana e o punho da pressão do ar que tudo faz estremecer e trepidar? E os nossos olhares não deslizam continuamente no outro, como no encontro fugidio noturno, deixando-nos para trás com muitas suposições, estilhaços de pensamentos e qualidades inventadas? Em vez de pessoas, não serão as sombras que se encontram, lançando as suas alucinações?

Como seria ser irmã de alguém cuja solidão se expressava a partir de uma profundeza tão vertiginosa, pensou Gregorius. De alguém que, em seu raciocínio, demonstrava uma consequência de tal forma desapiedada, sem que, no entanto, as suas palavras soassem desesperadas ou mesmo simplesmente exaltadas? Como deve ter sido assisti-lo, entregar-lhe a seringa ou ajudá-lo a fazer curativos? E tudo o que ele pensava em seus escritos sobre a distância e a estranheza entre as pessoas: o que aquilo significara para o ambiente dentro da casa azul? Teria ele mantido tudo aquilo escondido ou teria a casa sido o lugar, o único lugar, em que ele permitira que seus pensamentos se expressassem? Por exemplo, na maneira de andar de uma sala para a outra, de pegar num livro ou de decidir que música queria ouvir? Que sons eram os que lhe pareciam combinar com os pensamentos solitários que, em sua clareza e dureza, mais se assemelhavam a vidro. Teria ele buscado os sons que eram como uma confirmação, ou teria precisado de melodias e ritmos que eram como bálsamo, não mistificadores nem hipnóticos, mas simplesmente tranquilizadores?

Com todas essas perguntas na mente, de madrugada, Gregorius mais uma vez caíra num sono leve e se vira diante de uma porta azul estreita e irreal, tendo simultaneamente o desejo de tocar a campainha e a certeza de não ter a menor ideia do que diria à mulher que abriria a porta. Depois de despertar, ele fora tomar café com as roupas e os óculos novos. A empregada hesitara ao notar a sua aparência diferente, e depois mostrara um breve sorriso. E agora estava ele ali, caminhando naquela manhã de domingo cinzenta e enevoada, à procura da casa azul da qual o velho Coutinho lhe falara.

Percorrera só algumas vielas na parte alta da cidade quando viu o homem que seguira na primeira noite aparecer na janela fumando. Agora, à luz do dia, a casa parecia ainda mais estreita e sórdida. O interior do quarto estava escuro, mas Gregorius conseguiu entrever o pano que forrava o sofá, a cristaleira com as estatuetas de porcelana coloridas e o crucifixo. Parou e procurou o olhar do homem.

— *Uma casa azul?* — perguntou.

O homem encostou a mão dobrada em concha à orelha e Gregorius repetiu a pergunta. A resposta era um turbilhão de palavras que ele não entendia, acompanhadas de movimentos da mão que segurava o cigarro. Enquanto o homem falava, uma senhora idosa e encurvada surgiu ao seu lado.

— *O consultório azul?* — perguntou Gregorius.

— *Sim* — disse a mulher, com voz rouca, e repetiu: — *Sim!*

Ela começou a gesticular excitada com seus braços magros e as mãos enrugadas, até que, depois de um tempo, Gregorius compreendeu que ela estava convidando-o a subir. Hesitante, ele entrou na casa que recendia a mofo e a óleo queimado. Pareceu-lhe que precisava ultrapassar uma grossa barreira de cheiros asquerosos até alcançar a porta da casa atrás da qual esperava o homem com um cigarro entre os lábios. Mancando, ele levou Gregorius para a sala e, com murmúrios incompreensíveis e um vago movimento da mão, o convidou a tomar assento no sofá.

Na meia hora seguinte Gregorius se esforçou penosamente por se encontrar nas palavras geralmente incompreensíveis e nos gestos confusos dos dois, que tentavam lhe explicar como tinha sido há quarenta anos, quando Amadeu de Prado tratava as pessoas do bairro. Havia veneração em suas vozes, uma veneração dedicada a alguém muito especial. E havia outro sentimento no ar, um sentimento que Gregorius apenas lentamente reconheceu como sendo acanhamento, um acanhamento que vinha de uma acusação distante que se prefere renegar sem, no entanto, esquecê-la. "As pessoas passaram a evitá-lo. Isso destroçou o seu coração", dissera Coutinho, depois de contar como Prado salvara a vida de Rui Luís Mendes, o "carniceiro" de Lisboa.

O homem puxou para cima uma perna da calça e mostrou a Gregorius uma cicatriz. "Ele fez isto", disse, passando pela cicatriz os dedos amarelados de nicotina. A mulher esfregou as têmporas com seus dedos enrugados e fez o gesto de um pássaro voando. Prado tinha feito desaparecer suas dores de cabeça. E depois ela lhe mostrou uma pequena cicatriz num dedo, onde provavelmente antes havia uma verruga.

Quando, mais tarde, Gregorius se perguntou o que é que tinha sido decisivo

para fazê-lo tocar à porta azul, vieram-lhe à mente os gestos dessas duas pessoas, em cujos corpos o médico venerado, depois proscrito e finalmente reabilitado deixara suas marcas. Era como se suas mãos tivessem recuperado a vida.

Gregorius pediu que lhe descrevessem o caminho até o antigo consultório de Prado e se despediu. Ambos ficaram juntos na janela vendo-o ir embora, e ele teve a impressão de sentir inveja no seu olhar, uma inveja paradoxal pelo fato de que ele iria poder fazer algo que a eles já não era mais possível: conhecer pela primeira vez Amadeu de Prado ao trilhar o caminho rumo a ele no passado.

Seria possível que o melhor caminho para se certificar de si próprio consistia em conhecer outra pessoa e em aprender a compreendê-la? Alguém cuja vida transcorrera de maneira bem diferente e de acordo com uma lógica completamente diferente? Em que medida a curiosidade em relação a uma outra vida era compatível com a consciência de que o próprio tempo se esgotava?

Gregorius tomava um café no balcão de um pequeno botequim. Era a segunda vez que estava ali. Uma hora atrás ele encontrara a rua Luiz Soriano e, depois de poucos passos, dera com o consultório azul de Prado, uma casa de três andares que parecia ser azul por causa dos azulejos, mas também porque todas as janelas ficavam sob abóbadas redondas pintadas com azul-marinho. A pintura era antiga, a tinta desfolhava e havia manchas de infiltração enegrecidas por musgo. A tinta azul também desfolhava das grades de ferro abaixo das janelas. Só a porta de entrada azul estava impecavelmente pintada, como se alguém quisesse dizer: é isso o que importa.

Não havia placa com nome na campainha. Gregorius observara a porta com a aldraba de latão com o coração em disparada. *Como se todo o meu futuro estivesse por trás dessa porta*, pensara. Depois, continuara caminhando algumas casas à frente, até encontrar o botequim, lutando contra o sentimento ameaçador de estar descarrilando. Olhara para o relógio: há seis dias, nesse horário, ele tirara seu sobretudo ainda úmido do cabide e saíra da sala de aula e de sua vida tão segura e ordenada sem se virar sequer uma vez. Ele apalpara o bolso do mesmo sobretudo à procura da chave de seu apartamento de Berna. De repente, fora invadido pela necessidade violenta e física, como um ataque de fome, de ler um texto grego ou hebraico, de ver os belos e estranhos caracteres que, mesmo depois de quarenta anos, não tinham perdido a sua elegância oriental mágica, só para se certificar de que, ao longo desses seis dias inquietantes, não perdera nada da capacidade de compreender tudo o que eles lhe transmitiam.

No hotel havia o Novo Testamento em grego e português que Coutinho lhe dera, mas o hotel ficava muito longe, ele precisava ler aqui e agora, próximo da casa azul que ameaçava engoli-lo mesmo antes que a porta se abrisse. Pagara

apressadamente e se pusera à procura de uma livraria onde pudesse encontrar esses textos. Mas era domingo e a única coisa que achara fora uma livraria da igreja fechada com livros de títulos gregos e hebraicos na vitrine. Encostara a testa na vidraça úmida e experimentara novamente a tentação de ir até o aeroporto e tomar o primeiro avião para Zurique. Aliviado, percebera que conseguia vivenciar esse desejo urgente como uma febre que o inundava em ondas, deixando-a passar, pacientemente, e finalmente voltara a passos lentos até o botequim perto da casa azul.

Gregorius tirou do bolso de seu casaco novo o livro de Prado e observou o rosto audaz e intrépido do português. Um médico que exercera a sua profissão com uma consequência pétrea. Um combatente da resistência antifascista que tentara reparar, sob risco de vida, uma culpa inexistente. Um ourives das palavras cuja paixão mais profunda consistira em arrancar as experiências silenciosas da vida humana de sua mudez.

De repente, Gregorius sentiu-se invadido pelo medo que um estranho estivesse morando agora na casa azul. Apressadamente, deixou em cima do balcão as moedas para o café e dirigiu-se até a casa com passos rápidos. Diante da casa azul respirou fundo duas vezes, deixando o ar sair lentamente. Depois, apertou a campainha.

Um ruído alto, que parecia vir de uma distância medieval, ecoou pelo prédio. Nada aconteceu. Nenhuma luz, nenhum passo. Gregorius se obrigou novamente a ficar calmo e tocou uma segunda vez. Nada. Ele se virou e encostou-se na porta, esgotado. Pensou no seu apartamento em Berna. Sentiu-se aliviado por tudo ter terminado. Lentamente, enfiou o livro de Prado no bolso do casaco e sentiu o contato com o frio metal da chave de casa. Depois, afastou-se da porta e se preparou para ir embora.

Nesse momento escutou passos. Alguém descia as escadas. Atrás de uma das janelas podia-se reconhecer uma luzinha. Os passos se aproximaram da porta.

— Quem é? — perguntou uma voz de mulher, escura e rouca.

Gregorius não sabia o que dizer. Silenciosamente, esperou. Por fim, ouviu-se uma chave rodando na fechadura e a porta se abriu.

SEGUNDA PARTE

O Encontro

13

Com sua severa beleza monástica, a mulher de porte alto que ele viu na sua frente, totalmente vestida de negro, parecia ter saído de uma tragédia grega. O rosto pálido e encovado estava emoldurado por um pano de crochê cujas pontas ela prendia com a mão por baixo do queixo, uma mão magra e ossuda com veias escuras saltadas que, mais do que os traços do rosto, traíam a sua idade avançada. Seus olhos fundos, que brilhavam como diamantes, fitavam Gregorius com uma amargura que dizia de privações, autocontrole e abnegação. Um olhar que parecia uma advertência bíblica a todos aqueles que se deixam levar pela vida sem oferecer resistência. Era um olhar capaz de lançar chamas, pensou Gregorius, em alguém que se opusesse à vontade muda e incurvável daquela mulher de postura reta e que portava a cabeça um pouco mais para cima do que a sua estatura permitia. Ela exalava uma brasa gelada e Gregorius não tinha a menor ideia de como iria se afirmar diante dela. Esqueceu até como se dizia "bom dia" em português.

— *Bonjour* — disse Gregorius com a voz rouca, enquanto a mulher continuou olhando para ele, muda. A seguir, tirou o livro de Prado do bolso do casaco, abriu a página onde estava o retrato e o mostrou para ela. — Sei que este homem, um médico, viveu e trabalhou aqui — prosseguiu em francês. — Eu... eu gostaria de ver onde ele morou e conversar com alguém que o conheceu. É tão maravilhoso tudo o que ele escreveu. Frases maravilhosas. Quero saber como era o homem capaz de escrever essas coisas. Como era estar com ele.

A alteração do rosto severo e pálido da mulher, a quem o pano negro na cabeça conferia um brilho fosco, foi quase imperceptível. Só com aquela percepção especial que Gregorius tinha naquele instante foi possível reconhecer que os traços rígidos se descontraíram um pouco, minimamente, e que o olhar perdeu um traço de sua rigidez fria. Mas ela continuava muda, e o tempo começou a se esticar.

— *Pardonnez-moi, je ne voulais pas,* perdoe-me, eu não quis... — começou Gregorius, recuando dois passos da porta e mexendo no bolso do casaco que de

repente pareceu-lhe pequeno demais para abrigar o livro, já se virando para sair.

— *Attendez* — disse a mulher. A sua voz já parecia menos irritada, mais calorosa do que antes. Aquela palavra em francês carregava a mesma sonoridade da voz da portuguesa anônima na ponte de Kirchenfeld. Mesmo assim, parecia uma ordem à qual era melhor não se opor, e Gregorius se lembrou daquilo que Coutinho lhe dissera sobre a maneira autoritária como a mulher tratava os pacientes. Voltou-se para ela novamente, ainda segurando nas mãos o livro grosso. — *Entrez* — disse a mulher, saindo da soleira da porta e apontando para a escada que levava ao segundo andar. Trancou a porta com uma chave enorme, que parecia ter saído de um outro século. Gregorius a seguiu. Quando chegou ao andar de cima e sua mão branca e ossuda largou o corrimão, ele ouviu como a sua respiração estava ofegante e sentiu um cheiro forte, como se fosse de um medicamento ou de um perfume.

Gregorius nunca vira antes uma sala tão imensa, nem mesmo no cinema. Ela parecia se estender infinitamente. O piso de madeira imaculadamente encerado continha rosetas em que diversos tipos de madeira e tonalidades se alternavam, e quando o olhar alcançava a última, havia outra, e mais uma. No final do salão, o olhar saía em direção a velhas árvores que agora, final de fevereiro, tinham uma profusão de galhos negros contrastando com o céu plúmbeo. Num dos cantos ficava uma mesa redonda com móveis franceses antigos — um sofá e três poltronas, forradas de veludo verde-oliva com brilho prateado, descansos de braços arqueados e pés de madeira avermelhada —, e, no outro, um relógio negro, cujo pêndulo dourado estava parado — os ponteiros mostravam 6h23. No canto sob a janela havia um piano de cauda, coberto até a tampa do teclado com uma pesada manta de brocado negro, bordada com fios brilhantes dourados e prateados.

Mas o que mais impressionou Gregorius foram as prateleiras de livros sem fim embutidas nas paredes de cor ocre. Terminavam com pequenas luminárias no estilo *art nouveau*, sobre as quais se abaulava o teto que retomava o tom ocre das paredes e o misturavam com padrões geométricos de um vermelho escuro. *Parece uma biblioteca de mosteiro*, pensou Gregorius, *parece ser a biblioteca de um ex-discípulo de formação clássica de uma família afortunada*. Ele não ousou passear pelas paredes, mas o seu olhar rapidamente encontrou os clássicos gregos naqueles volumes azul-escuros com letras douradas de Oxford, depois Cícero, Horácio, os escritores eclesiásticos, as *Obras Completas* de Santo Inácio. Ele não estava nem dez minutos naquela casa e já sonhava em nunca mais ter que sair dali. Aquela *tinha* que ser a biblioteca de Amadeu de Prado. Será que *era* mesmo?

— Amadeu adorava este cômodo, amava os livros. "Tenho tão pouco tempo,

Adriana", costumava dizer, "muito pouco tempo para ler, talvez eu devesse mesmo ter virado sacerdote." Mas ele queria que o consultório estivesse sempre aberto, de manhã cedo até tarde da noite. "Quem sente dores ou medo não pode esperar", costumava dizer quando eu percebia a sua exaustão e tentava freá-lo. Ou então ele não conseguia dormir porque tinha a sensação de ter que ler, escrever, refletir, não sei. Sua insônia era um castigo, e eu tenho certeza de que, sem esse sofrimento, sem essa inquietude, sua eterna busca pelas palavras, seu cérebro teria continuado por mais tempo. Talvez ainda estivesse vivo. Este ano, no dia 20 de dezembro, faria 84 anos.

Sem lhe perguntar uma única vez quem era e sem se apresentar ela falara do irmão, de sua dedicação, de suas paixões e de sua morte. De todas as coisas mais importantes para ele e suas palavras e suas expressões não deixaram dúvidas quanto a isso. E ela falara de tudo aquilo de forma tão repentina, como se tivesse um direito natural de transformar Gregorius numa metamorfose imediata, extraterrestre, fora do tempo, em um habitante de sua imaginação e testemunho partícipe de suas memórias. Ele trazia consigo o livro com as insígnias misteriosas dos cedros vermelhos, isso lhe bastara para permitir a sua entrada no local sagrado de seus pensamentos. Durante quantos anos ela esperara que alguém como ele passasse para que ela pudesse falar do irmão falecido? A inscrição no jazigo indicara o ano de 1973 como data do falecimento. Portanto, Adriana vivera sozinha naquela casa durante 31 anos. Trinta e um anos sozinha com as lembranças e o vazio que o irmão deixara para trás.

Até aquele momento ela prendera o pano de cabeça sob o queixo, como se estivesse escondendo alguma coisa. Então tirou a mão, o pano de crochê se dividiu e deixou entrever uma gargantilha de veludo preta ao redor do pescoço. Gregorius nunca mais esqueceu a visão do pano que se abriu, deixando entrever a gargantilha larga sobre as rugas brancas do pescoço. Aquilo se tornou uma imagem fixa e detalhada e, mais tarde, depois que ele já sabia o que a fita escondia, um ícone de sua lembrança, junto com o gesto de mão com que Adriana checava se a fita ainda estava lá e no lugar certo, um gesto que, segundo lhe parecia, a dominava mais do que ela o fazia conscientemente e que parecia dizer mais sobre ela do que tudo o que ela fazia de maneira programada e consciente.

O pano escorregara um pouco para trás e Gregorius viu seus cabelos grisalhos com algumas poucas mechas pretas. Adriana segurou o pano que escorregava e puxou-o para a frente com um gesto constrangido, hesitou um instante e, em seguida, arrancou-o da cabeça com um movimento rebelde, como se quisesse dizer: sim, envelheci. Inclinou a cabeça para a frente, uma mecha caiu nos seus olhos, o

corpo se encurvou e, então, as mãos com as veias azul-escuras acariciaram o pano em seu colo, lentamente.

Gregorius apontou para o livro de Prado, que ele pusera na mesa.

— Isso foi tudo o que Amadeu escreveu?

Essas poucas palavras foram milagrosas. Adriana perdeu todo sinal de exaustão, tudo o que estava apagado nela, ergueu-se, jogou a cabeça para trás, passou ambas as mãos pelo cabelo e olhou para ele. Pela primeira vez, deixou aparecer um sorriso, maroto e conspirador, que a fazia parecer vinte anos mais moça.

— Venha, senhor.

O tom dominador desaparecera da sua voz, as palavras não soaram como uma ordem, nem mesmo como uma exortação, muito mais como o anúncio de que ela iria lhe mostrar alguma coisa, introduzi-lo em alguma coisa oculta, secreta. E no meio daquela intimidade e cumplicidade prometida ela aparentemente se esquecera que ele não falava português.

Ela o conduziu pelo corredor até uma segunda escada que levava ao sótão e subiu degrau por degrau, ofegante. Parou diante de uma das duas portas. Parecia que estava apenas descansando, mas quando Gregorius, mais tarde, organizou as imagens em sua memória, teve a certeza de que foi também uma hesitação, a dúvida se realmente deveria mostrar àquele estranho o local sacrossanto. Finalmente, abaixou a maçaneta, suavemente, como quem adentra o quarto de um enfermo, e o cuidado com que começou abrindo apenas uma fresta da porta para, depois, abri-la por inteiro, lentamente, deu a impressão de que ela retrocedera mais de trinta anos no tempo ao subir aqueles degraus, adentrando o cômodo na expectativa de encontrar Amadeu ali, escrevendo, refletindo, quem sabe, dormindo.

No último canto de sua consciência, bem atrás, obscuramente, Gregorius foi tangenciado pela ideia de que tinha diante de si uma mulher que caminhava numa trilha estreita a qual separava a sua vida atual, visível, de outra, a qual, em sua invisibilidade e distância temporal, era muito mais real para ela, e que bastaria um leve empurrão, uma brisa, para lançá-la inexoravelmente no passado de sua vida com o irmão.

De fato, o tempo parara naquele cômodo espaçoso em que entraram. A decoração era de uma sobriedade ascética. De um lado, encostada na parede, havia uma mesa de trabalho com uma poltrona. Do outro, uma cama diante da qual havia um pequeno tapete que lembrava aqueles tapetes de oração; no centro, uma poltrona para leitura com um abajur de pé; ao lado, pilhas de livros desordenadamente arrumados nas tábuas corridas. Mais nada. Era como se fosse um santuário, um altar da memória de Amadeu Inácio de Almeida Prado, médico,

combatente da resistência e ourives das palavras. Reinava o silêncio frio e prenhe de palavras de uma catedral, o ruído sem som de um cômodo preenchido pelo tempo congelado.

Gregorius permaneceu parado na porta; aquele não era um cômodo onde se pudesse simplesmente caminhar de um lado para o outro. Mesmo quando Adriana se movia entre os poucos objetos, não era um movimento corriqueiro. Não que ela estivesse caminhando na ponta dos pés, não que a sua maneira de caminhar fosse afetada. Mas seus passos lentos eram etéreos, pensou Gregorius, desmaterializados, fora do espaço e do tempo. O mesmo podia se dizer dos movimentos de braços e mãos quando ela foi até os móveis e os tocou suavemente, quase sem tocar neles.

Primeiro ela fez aquilo com a cadeira da escrivaninha, a qual, com seu assento arredondado e o espaldar arqueado, combinava com as cadeiras da sala. Estava meio fora do lugar, como se alguém tivesse levantado apressadamente, empurrando-a para trás. Involuntariamente, Gregorius esperou que Adriana acertasse sua posição, mas só depois que ela passou a mão carinhosamente por todos os seus cantos sem alterar qualquer coisa ele compreendeu tudo: a posição da cadeira era a mesma em que Amadeu a deixara trinta anos e dois meses atrás, uma posição em que não se podia mexer por nenhum preço, pois isso equivaleria a atrever-se a arrancar o passado de sua imobilidade ou de subverter as leis da natureza.

O que valia para a cadeira valia também para os objetos na mesa, em que havia uma inclinação para melhor ler e escrever. Ali repousava, meio torto, um livro imenso, aberto no meio, e diante dele uma resma de papel, sendo que na folha de cima, como Gregorius observou, havia algumas poucas palavras escritas. Adriana passou a mão suavemente pela madeira e tocou a xícara de porcelana azulada que estava numa bandeja vermelha como cobre, junto com um açucareiro cheio de pedaços de açúcar e um cinzeiro que transbordava. Aquelas coisas tinham a mesma idade? Borra de café de trinta anos? Cinzas de cigarro de mais de um quarto de século? A tinta na caneta-tinteiro aberta devia se desfazer em pó ou ter secado para uma bola negra. A lâmpada no abajur verde-esmeralda ricamente decorado ainda estaria funcionando?

Havia mais um detalhe que surpreendeu Gregorius, mas ele demorou a entender: não havia poeira. Ele cerrou os olhos e Adriana era apenas um fantasma de contornos audíveis que deslizava pelo cômodo. Será que aquele fantasma passara ali 11 mil dias tirando pó, tendo ficado grisalha?

Quando ele voltou a abrir os olhos, Adriana estava diante de uma pilha de livros que parecia uma torre prestes a desmoronar. Estava olhando para um volume grosso no topo da pilha com a imagem de um cérebro na capa.

— *O cérebro, sempre o cérebro* — disse ela com a voz quase inaudível e num tom acusador. — *Por que não disseste nada?*

Havia agora uma ponta de irritação em sua voz, uma irritação resignada, amortecida pelo tempo e pelo silêncio com o qual o irmão morto respondia a essa pergunta durante décadas. Ele não lhe contara que tinha um aneurisma, pensou Gregorius, não lhe falara nada do seu medo e da certeza de que, a qualquer momento, tudo acabaria. Ela somente soubera ao ler as anotações. E, apesar de todo o seu luto, ficara com raiva por ele ter-lhe negado a intimidade do conhecimento.

Ela ergueu a vista e olhou para Gregorius, como se o tivesse esquecido. Lentamente, o seu espírito voltou para o presente.

— Ah, sim, venha — disse em francês, voltando para a escrivaninha com passos mais firmes do que antes e abrindo duas gavetas. Ali havia grossas pilhas de folhas prensadas entre duas tampas de cartolina e presas com barbante vermelho. — Ele começou com isso pouco depois da morte de Fátima. "É uma luta contra a paralisia interior", dizia e, algumas semanas mais tarde: "Por que não comecei antes? Não estamos atentos quando não escrevemos. Mal sabemos quem somos. Sem falar de quem *não* somos." Ninguém podia ler esses escritores, nem eu. Ele trancava tudo e levava a chave consigo. Ele era... ele podia ser muito desconfiado.

Ela tornou a fechar as gavetas.

— Quero ficar sozinha agora — disse abruptamente, quase hostil, e, enquanto desciam a escada, não disse mais nada. Depois de abrir a porta da casa permaneceu muda, rígida. Não era uma mulher a quem se devia dar a mão.

— *Au revoir et merci* — disse Gregorius e se ajeitou para ir embora.

— Qual é o seu nome?

A pergunta veio num tom mais alto do que necessário, quase um latido rouco que o fez se lembrar de Coutinho. Ela repetiu o nome: Gregorius.

— Onde está morando?

Ele disse o nome do hotel. Sem uma só palavra de despedida, ela fechou a porta e virou a chave.

14

As nuvens se espelhavam no Tejo. Velozes, percorriam as superfícies que brilhavam ao sol, deslizavam sobre elas, engoliam a luz e, em outro trecho, deixavam-na escapulir com um brilho afiado das sombras. Gregorius tirou os óculos e cobriu o rosto com as mãos. A alternância febril entre a claridade que cegava os olhos e a sombra ameaçadora que penetrava pelas lentes com uma acuidade à qual ele não estava acostumado era uma tortura para seus olhos desprotegidos. Antes, no hotel, após despertar de um cochilo leve e inquieto depois do almoço, ele tentara usar os óculos antigos. Mas o seu peso compacto agora já o incomodava, era como se ele tivesse de percorrer o mundo empurrando uma carga pesada com o seu rosto.

Inseguro e estranhando-se a si mesmo, permanecera sentado na cama, tentando decifrar e ordenar os acontecimentos perturbadores daquela manhã. No seu sonho, em que uma Adriana muda deslizara qual um fantasma com o rosto de uma palidez de mármore, predominara a cor negra, uma cor com a estranha propriedade de grudar nos objetos, todos os objetos, não importava a cor e o quanto brilhavam. A gargantilha de veludo no pescoço de Adriana que chegava até o queixo parecia estrangulá-la, pois ela a puxava sem parar. Depois, ela punha as duas mãos na cabeça, como se tentasse proteger o crânio, ou melhor, o cérebro. Pilhas e pilhas de livros haviam desmoronado e Gregorius estivera sentado por um instante na mesa de trabalho de Prado, instante em que uma expectativa tensa se mesclara ao constrangimento e à consciência pesada. Na mesa, havia um mar de animais fossilizados e, em meio àquilo tudo, uma folha coberta pela metade com uma escrita que rapidamente esmaecia quando ele tentava ler.

Enquanto ele se ocupava tentando se lembrar dessas imagens do sonho, chegou a ter a sensação de que a sua ida à casa azul não acontecera realmente, que tudo não passara de um sonho especialmente vívido, dentro do qual havia uma ilusão entre a vigília e o sonho, como se fosse um episódio de ilusionismo. Então, ele também pôs as mãos na cabeça, e ao reconquistar o sentido da realidade de sua visita e lembrar-se de Adriana já sem os adornos do sonho, tentou repassar mentalmente cada

movimento, cada palavra daquela hora que ele passara com ela. Às vezes, sentia frio ao pensar no seu olhar severo, amargo, traindo o ressentimento de acontecimentos distantes. Uma sensação tenebrosa o assaltou quando a reviu flutuando pelo quarto de Amadeu, totalmente voltada para o presente passado e perto da loucura. Em seguida, ele sentiu a necessidade de recolocar o pano de crochê suavemente na sua cabeça para dar uma trégua àquele espírito torturado.

O caminho até Amadeu de Prado passava por aquela mulher ao mesmo tempo inquebrantável e frágil, ou melhor: a perpassava, através dos corredores escuros de sua lembrança. Queria ele mesmo enfrentar aquilo? Aguentaria? Ele, maldosamente apelidado de *Papiro* pelos colegas por viver mais nos textos do que no mundo real?

Era preciso encontrar outras pessoas que tivessem conhecido Prado, não apenas de vista, como Coutinho, ou na condição de médico, como o homem que mancava e a velha daquela manhã, mas conhecido de verdade, como amigo, como combatente na resistência à ditadura. Seria difícil, pensou, descobrir mais daquilo através de Adriana; ela considerava o irmão falecido como sua propriedade exclusiva, isso ficara claro na maneira como ela falara com ele olhando para o livro de medicina. Ela renegaria e tentaria manter afastada dele qualquer outra pessoa que questionasse a imagem correta dele — que era a dela, exclusivamente a dela.

Gregorius procurou o número de telefone de Mariana Eça e ligou para ela depois de hesitar muito. Perguntou se ela teria alguma coisa contra caso ele fosse visitar o tio João no lar para idosos. Disse a ela que sabia que Prado também trabalhara na resistência e que João talvez o tivesse conhecido. Ela respondeu com um silêncio. Gregorius estava prestes a pedir desculpas por sua proposta, quando ela disse, pensativa:

— Claro que não tenho nada contra, ao contrário, ver um rosto novo lhe fará bem. Apenas estou pensando como ele reagiria, ele pode ser muito ríspido e ontem foi ainda mais monossilábico do que de costume. O senhor não deve de forma alguma surpreendê-lo.

Ela silenciou.

— Acho que sei o que pode ajudar. Ontem eu quis levar um CD para ele, uma nova versão das sonatas de Schubert. Ele só quer ouvir Maria João Pires no piano, não sei se por causa da sonoridade, por ela ser mulher ou se é uma estranha forma de patriotismo. Mas ele vai gostar do CD mesmo assim. Eu me esqueci de levá-lo ontem. O senhor pode passar no consultório e buscar o disco para ele. Como mensageiro da minha parte, digamos. Talvez isso lhe dê uma chance.

Ele tomou chá com ela, um chá tipo assam, vermelho-dourado, com açúcar em cubos, contando-lhe de Adriana. Ele desejou que ela falasse alguma coisa, mas ela

apenas ouviu, e só uma vez, quando ele falou da xícara de café usada e do cinzeiro cheio que, pelo jeito, haviam perdurado por três décadas, seus olhos se estreitaram, como alguém que imagina ter encontrado uma pista.

— Cuidado com Adriana — ela disse, ao despedir-se. — E me conte depois como foi seu encontro com João.

E agora ele estava na barca, o CD com as sonatas de Schubert no bolso, rumo a Cacilhas, para encontrar um homem que passara pelo inferno da tortura sem perder o seu olhar reto. Mais uma vez, Gregorius cobriu o rosto com as mãos. Se, uma semana atrás, quando ele ainda estava em seu apartamento de Berna corrigindo cadernos de latim, alguém tivesse vaticinado que, sete dias mais tarde, ele estaria de terno novo e óculos novos em Lisboa, numa barca para descobrir coisas da vida de um médico e poeta português falecido há mais de trinta anos com uma vítima da tortura do regime de Salazar, ele teria dito que essa pessoa era louca. Será que ele ainda era o mesmo, Mundus, o rato de livros míope que tinha medo só porque alguns flocos de neve começaram a cair em Berna?

O barco atracou e Gregorius foi caminhando lentamente até o asilo de idosos. Como seria a comunicação entre eles? Será que, além de português, João Eça falava alguma outra língua? Era domingo à tarde, dia de visitas no lar de idosos, dava para reconhecer os visitantes na rua pelos buquês de flores que levavam. Os idosos estavam sentados nas suas sacadinhas enrolados em cobertores ao sol que, volta e meia, desaparecia atrás das nuvens. Gregorius pediu o número do quarto de João Eça na recepção. Antes de bater à porta, respirou fundo algumas vezes — era a segunda vez naquele dia que ele se encontrava diante de uma porta fechada, o coração em disparada, sem saber o que o esperava.

Suas batidas ficaram sem resposta, da segunda vez idem. Ele já se virara para ir embora quando escutou a porta se abrindo com um leve rangido. Ele esperava ver um homem vestido desleixadamente, que já não se trajava mais com afinco, de pijamas diante do tabuleiro de xadrez. Mas o homem que apareceu à porta como um fantasma era bem diferente. Trajava um pulôver de lã azul-escura sobre uma camisa imaculadamente branca e gravata vermelha, uma calça com vinco impecável e sapatos pretos brilhantes. Escondia as mãos nos bolsos do casaco, a cabeça careca com alguns poucos fios de cabelos curtos sobre as orelhas de abano levemente inclinada, como alguém que não quer se ocupar com aquilo que encontra. Os olhos cinzentos, apertados, lançaram um olhar que parecia cortar tudo o que encontrava pela frente. João Eça era velho e podia estar doente, como dissera sua sobrinha, mas não era um homem alquebrado. Melhor não tê-lo como inimigo, pensou Gregorius involuntariamente.

— Sr. Eça? — disse Gregorius. — Venho da parte de Mariana, sua sobrinha. Trago este disco. Sonatas de Schubert.

Eram palavras que ele encontrara na barca e treinara várias vezes.

Eça permaneceu imóvel na porta, sem dizer nada, e o fitou. Gregorius nunca tivera de suportar um olhar daqueles. Depois de algum tempo, olhou para o chão. Eça abriu a porta e fez um sinal para que ele entrasse. Gregorius entrou num quarto caprichosamente arrumado em que havia o essencial, apenas o essencial. Durante um instante fugidio ele pensou nos cômodos luxuosos onde a médica morava e se perguntou por que ela não colocara o tio em um outro lugar. O pensamento foi afastado pelas primeiras palavras de Eça.

— *Who are you?*

As palavras foram proferidas com voz rouca, quase inaudível, mas apesar disso tinham autoridade, a autoridade de um homem que viu tudo e a quem não se podia enganar.

Gregorius, CD na mão, informou em inglês sobre a sua origem e a sua profissão e explicou como conhecera Mariana.

— Por que veio? Certamente não foi por causa do disco.

Gregorius colocou o disco na mesa e respirou. Em seguida, tirou o livro de Prado do bolso e lhe mostrou o retrato.

— Sua sobrinha acha que o senhor talvez o tenha conhecido.

Depois de olhar o retrato brevemente, Eça cerrou os olhos. Cambaleou um pouco, depois caminhou, ainda de olhos fechados, até o sofá e se sentou.

— Amadeu — disse ele, cortando o silêncio, e repetiu: — Amadeu, o sacerdote ateu.

Gregorius esperou. Uma palavra em falso, um gesto em falso e Eça não diria mais nada. Ele andou até o tabuleiro e observou a partida começada. Era preciso arriscar.

— Hastings, 1922. Alekhine ganhando de Bogoljubov.

Eça abriu os olhos e lhe mandou um olhar de surpresa.

— Certa vez perguntaram a Tartakower quem ele considerava o maior jogador de xadrez de todos os tempos. Ele respondeu: "Se o xadrez for uma luta, Lasker; se for uma ciência, Capablanca; se for uma arte, Alekhine."

— Sim — disse Gregorius —, cair vítima das duas torres é algo que trai a imaginação de um artista.

— Isso parece inveja.

— Claro que é. Eu jamais teria tido essa ideia.

O início de um sorriso surgiu nos traços camponeses e curtidos de sol de Eça.

— Se isso serve de consolo, eu também não.

Seus olhares se cruzaram, depois cada um olhou para a frente. Ou Eça faria algo nesse instante para dar prosseguimento à conversa, pensou Gregorius, ou então o encontro estava terminado.

— Ali naquele canto tem uma garrafa térmica com chá — disse Eça. — Também vou tomar uma xícara.

Num primeiro momento, Gregorius estranhou que estivesse sendo mandado fazer algo que, na verdade, cabia ao anfitrião. Mas então viu como Eça cerrou os punhos no bolso do casaco e compreendeu tudo. Eça não queria que Gregorius visse suas mãos desfiguradas e que tremiam, as marcas eternas do horror. Assim, serviu chá para ambos. As xícaras fumegavam. Gregorius esperou. Ouviam-se risadas de visitantes no quarto ao lado. E o silêncio voltou a se instalar.

A maneira discreta com que Eça finalmente tirou a mão do bolso e a levou até a xícara lembrou a sua aparição discreta na porta. Ele permaneceu de olhos fechados, como se assim a mão desfigurada também se tornasse invisível para o outro. A mão estava cheia de marcas de cigarros apagados, duas unhas faltavam, e tremia sem parar. Eça lançou um olhar examinador para Gregorius para descobrir se ele aguentaria aquela visão. Gregorius controlou o horror que o inundava como um ataque de fraqueza e levou calmamente a xícara à boca.

— A minha só pode ficar cheia até a metade.

Eça disse aquilo com a voz baixa e Gregorius jamais haveria de esquecer aquelas palavras. Sentiu uma ardência nos olhos, anunciando lágrimas, e depois fez algo que marcaria para sempre a relação entre ele e aquele homem maltratado. Pegou a xícara de Eça e engoliu metade do chá quente.

Sua língua e sua garganta queimaram. Não tinha importância. Calmamente, ele devolveu a xícara esvaziada à metade e girou a alça até o polegar de Eça. O homem o fitou com um olhar comprido, e esse olhar também ficou gravado na sua memória. Era um olhar que mesclava incredulidade e gratidão, uma gratidão experimental, pois havia muito tempo que Eça desistira de esperar alguma coisa dos outros pela qual pudesse ser grato. Tremendo, levou a xícara até a boca, esperou o momento favorável e bebeu a goles rápidos. Ouviu-se um tilintar rítmico quando ele recolocou a xícara no pires.

Ele tirou um maço do bolso, pôs um cigarro na boca e levou a chama trêmula até o tabaco. Fumou com tragos profundos e calmos e a tremedeira diminuiu. Manteve a mão com o cigarro de tal maneira que não dava para ver que faltavam unhas. A outra mão tornara a desaparecer no bolso do casaco. Ele olhou pela janela quando começou a falar:

— A primeira vez que o vi foi no outono de 1952. Foi na Inglaterra, no trem de Londres para Brighton. Eu tinha sido enviado para lá pelo meu trabalho para fazer um curso de línguas, pois queriam que eu me tornasse correspondente estrangeiro. Era o domingo depois da primeira semana de curso, e eu fui até Brighton porque sentia falta do mar. Cresci junto ao mar, no Norte, em Esposende. A porta do compartimento se abriu e entrou aquele homem com o cabelo brilhante que parecia um elmo e com aqueles olhos inacreditáveis, ousados, mansos e tristes. Estava viajando com Fátima, sua esposa. Dinheiro nunca teve importância para ele, nem naquela época, nem mais tarde. Nunca soube que era médico, fascinado sobretudo pelo cérebro. Era um materialista inveterado que originalmente pretendera ser padre. Um homem com uma postura paradoxal em relação a muitas coisas — nada ambígua, porém paradoxal.

"Eu tinha 27 anos, ele era cinco anos mais velho do que eu. Era muito melhor do que eu em tudo. Pelo menos foi como eu senti naquela viagem. Ele, filho de nobres de Lisboa; eu, filho de camponeses do Norte. Passamos o dia juntos, fomos passear na praia, almoçamos juntos. Em algum momento começamos a falar da ditadura. 'Devemos resistir', disse a ele, me lembro até hoje das palavras, me lembro porque me pareceram desajeitadas diante de um homem que tinha o rosto delicado de um poeta e às vezes usava expressões que eu nunca antes escutara.

"Ele baixou os olhos, olhou pela janela, assentiu. Eu tocara num tema sobre o qual ele ainda tinha dúvidas. Era o tema errado para um homem que estava viajando pelo mundo com a sua noiva. Falei de outras coisas, mas ele estava desconcentrado e deixou que Fátima e eu conversássemos. 'Você tem razão', disse na despedida, 'claro que você tem razão.' E era óbvio que ele estava falando da resistência.

"Quando pensei nele na volta para Londres, pareceu-me que ele, ou uma parte dele, teria preferido voltar comigo para Portugal a continuar viagem. Ele pedira o meu endereço, foi mais do que apenas um gesto bem-educado de pessoas que se conhecem durante uma viagem. Efetivamente, eles logo interromperiam a viagem e voltariam para Lisboa. Mas isso não teve nada a ver comigo. Sua irmã mais velha fizera um aborto e quase morrera. Ele quis ver se estava tudo em ordem, não confiava nos médicos. Um médico que não confiava nos médicos. Assim era ele, assim era Amadeu."

Gregorius se lembrou do olhar amargo e ressentido de Adriana. Começou a entender. E a irmã mais nova? Mas era preciso esperar.

— Passaram-se 13 anos até voltar a reencontrá-lo — prosseguiu Eça. — Foi no inverno de 1965, o ano em que a polícia secreta assassinou Delgado. Ele conseguira o meu endereço através da minha empresa e, uma noite, estava diante da minha

porta, pálido e com a barba por fazer. Os cabelos antes brilhantes como ouro negro eram agora foscos, e seu olhar expressava dor. Contou como salvara a vida de Rui Luis Mendes, alto oficial da polícia secreta, chamado de "o carniceiro de Lisboa", e de como os antigos pacientes agora o evitavam, de como se sentiu desprezado.

"— Quero trabalhar para a resistência — disse.

"— Para expiar uma culpa?

Ele olhou para o chão, constrangido.

"— Você não cometeu nenhum crime — disse eu —, você é médico.

"— Quero fazer alguma coisa — disse ele —, simplesmente fazer. Me diga o que eu posso fazer. Você está por dentro.

"— Como é que você sabe?

"— Sei — disse ele —, sei disso desde Brighton.

"Era perigoso. Bem mais perigoso para nós do que para ele. Pois ele não tinha — como vou dizer — não tinha a postura interior adequada, o caráter adequado para um combatente da resistência. Você tem que ter paciência, saber esperar, tem que ter uma cabeça como a minha, uma cabeça de camponês, e não a alma de um sonhador sensível. Senão, acaba arriscando muito, erra, coloca tudo em risco. Sangue-frio, isso ele tinha, quase em excesso, beirava a ousadia. Faltava-lhe a pertinácia, a persistência, a habilidade de não fazer nada, mesmo se o momento parecer oportuno. Ele percebeu que eu pensava aquilo, percebia os pensamentos dos outros antes mesmo de eles começarem a pensar. Foi duro para ele. Acho que foi a primeira vez em sua vida que alguém lhe dizia: você não sabe fazer isso, falta uma habilidade. Mas ele sabia que eu tinha razão, ele era tudo menos cego em relação a si próprio, e ele aceitou que as missões, na primeira fase, fossem pequenas e insignificantes.

"Eu vivia insistindo que ele resistisse a uma tentação, que era fazer com que os pacientes soubessem que ele trabalhava para nós. Pois ele, na verdade, queria pagar uma quebra de confiança para com as vítimas de Mendes. E o plano só fazia sentido se as pessoas que o acusavam daquilo soubessem. Se ele pudesse fazer com que revissem seu julgamento de desprezo, voltando a idolatrá-lo, a amá-lo como antes. Era um desejo interior poderoso, eu sabia disso, e esse desejo era o maior inimigo dele e nosso. Ele reagia intempestivamente quando eu falava disso, reagia como se eu subestimasse a sua inteligência, eu, um reles contador, além disso cinco anos mais novo do que ele. Mas sabia que eu tinha razão também nesse particular. 'Detesto quando alguém me conhece tão bem como você', disse certa vez, sorrindo.

"Ele conseguiu vencer o seu desejo louco de obter o perdão por alguma coisa que nem foi um erro. Não cometeu nenhum equívoco, nenhum erro que pudesse

ter consequências.

"Secretamente, Mendes protegeu aquele que salvou sua vida. No consultório de Amadeu se transmitiam recados, envelopes com dinheiro passavam de mão em mão. Nunca houve uma busca ou apreensão, como estava então na ordem do dia. Amadeu tinha raiva disso, ele era assim, o sacerdote ateu, queria ser levado a sério, o fato de ser poupado o feria em seu orgulho que tinha algo do orgulho dos mártires.

"Durante algum tempo isso trazia um novo risco — o risco de desafiar Mendes por uma ação ousada até que esse não mais o protegesse. Falei com ele sobre aquilo. Nossa amizade estava por um fio. Naquela vez ele não admitiu que eu tivesse razão. Mas se tornou mais controlado, mais razoável.

"Pouco tempo depois ele se desincumbiu com maestria de duas delicadas missões. Só alguém como ele, que conhecia a malha ferroviária tão bem, podia resolvê-las, e Amadeu fez aquilo; era louco por trens, trilhos e agulhas, conhecia todos os tipos de locomotiva e, principalmente, conhecia todas as estações ferroviárias de Portugal, até mesmo no caso da aldeia mais minúscula ele sabia se havia uma guarita de sinais ou não, era uma de suas obsessões — poder determinar o rumo do trem mexendo em apenas uma alavanca. Essa simples operação mecânica o fascinava sobremaneira. No fim, foi o seu conhecimento dessas coisas, seu patriotismo ferroviário maluco, que salvou a vida da nossa gente. Os camaradas que não viram com bons olhos que eu o tivesse aceito em nossa organização, por acharem que se tratava de um dândi exaltado que poderia se tornar perigoso para o movimento, mudaram de opinião.

"Mendes devia sentir uma gratidão enorme. Na prisão, eu não podia receber nenhuma visita, nem mesmo Mariana, muito menos camaradas suspeitos de fazerem parte da resistência. Com uma exceção: Amadeu, a quem era permitido vir duas vezes por mês. Ele podia escolher dia e horário, contrariando todas as regras.

"E ele vinha. Vinha sempre e ficava mais tempo do que o combinado, os supervisores temiam o seu olhar irado quando o lembravam de que o tempo de visita estava se esgotando. Trazia remédios contra dores, medicamentos para dormir. Eles deixavam passar e depois confiscavam os remédios, eu nunca lhe contei isso, ele teria tentado derrubar os muros da prisão. As lágrimas escorreram pelo seu rosto quando ele viu o que haviam feito comigo, lágrimas que também eram de piedade, mas muito mais lágrimas de raiva surda. Não faltava muito para ele agredir os guardas, seu rosto pálido estava rubro de raiva.

Gregorius olhou para Eça e imaginou como ele enfrentara os ferros incandescentes com o seu olhar cinzento e cortante. Sentiu a força inacreditável daquele homem, que só podia ser vencido se fosse fisicamente apagado. Até mesmo

a sua ausência, a sua falta no quarto ainda exalaria uma resistência que não deixava dormir os seus adversários.

— Amadeu me deu um exemplar da Bíblia, do Novo Testamento, em português e em grego. Aquilo e a gramática grega que ele também trouxe foram os únicos livros que eles deixaram passar naqueles dois anos.

"— Você não acredita em nada disso — eu disse a ele, quando eles vieram para me levar de volta à cela.

"Ele sorriu.

"— É um belo texto — disse. — Uma linguagem maravilhosa. E preste atenção nas metáforas.

"Fiquei surpreso. Eu nunca lera a Bíblia de verdade, apenas conhecia as expressões mais famosas, como qualquer outra pessoa. Fiquei surpreso com a estranha mescla de coisas certas e bizarras. Às vezes falávamos daquilo. 'Acho repugnante uma religião que gira em torno de uma história de execução', disse ele certa vez. 'Imagina se fosse uma forca, uma guilhotina ou um garrote. Imagina como ficaria o nosso simbolismo religioso.' Eu nunca pensara daquela maneira, assustei-me um pouco, até porque a frase tinha um peso específico dentro daqueles muros.

"Era assim o sacerdote ateu: pensava as coisas até o fim. *Sempre* pensava tudo até o fim, não importava quão negras eram as consequências. Às vezes, aquele seu jeito tinha algo de brutalidade, de autodilaceração. Talvez fosse aquela a razão de ele não ter amigos, com exceção de Jorge e de mim, pois quem fosse amigo seu tinha que estar pronto para suportar algumas coisas. Era infeliz porque Mélodie o evitava. Ele amava sua irmã menor. Só a vi uma vez, parecia alegre e leve, uma moça que mal tocava o chão, acredito que ela não sabia lidar com o lado triste do irmão, que podia ser como um vulcão antes da erupção.

João Eça cerrou os olhos. A exaustão estava escrita no seu rosto. Fora uma viagem no tempo, e havia anos que ele não falava tanto. Gregorius adoraria ter perguntado mais e mais para saber da irmã mais nova com o nome esquisito, de Jorge e Fátima e para saber se ele tinha começado a aprender grego naquela época. Ele escutara atentamente e se esquecera da garganta em brasa. Ela voltava a arder e sua língua estava grossa. No meio do seu relato, Eça lhe oferecera um cigarro. Ele sentira que não podia recusar, teria sido como cortar o fio invisível que se criara entre eles, ele não podia tomar o seu chá e recusar o cigarro, não dava, ele mal sabia por quê, e assim ele pusera na boca o primeiro cigarro da sua vida, olhando medrosamente para a chama tremendo na mão de Eça, e tragara aos pouquinhos para não ter vontade de tossir. Só agora sentia como a fumaça quente fora veneno

para a ardência em sua boca. Maldisse a sua falta de razão e, ao mesmo tempo, percebeu, espantado, que ele queria mesmo aquela ardência, aquele gosto de fumaça.

Um sinal estridente fez Gregorius estremecer.

— O jantar — disse Eça.

Gregorius olhou para o relógio: cinco e meia. Eça viu o seu espanto e fez um esgar de desprezo.

— Cedo, muito cedo. Parece prisão. O que importa não é o tempo dos idosos, é o tempo dos empregados.

Gregorius perguntou se podia voltar a visitá-lo. Eça olhou para o tabuleiro de xadrez. Em seguida, assentiu, mudo. Era como se estivesse blindado com a ausência total de palavras. Quando percebeu que Gregorius lhe estendeu a mão, enterrou as duas mãos energicamente nos bolsos do casaco e olhou para o chão.

Gregorius voltou para Lisboa sem notar nada. Percorreu a rua Augusta, em meio ao tabuleiro de xadrez da Baixa, até o Rossio. Pareceu-lhe que o dia mais comprido de sua vida estava prestes a terminar. Mais tarde, deitado na cama do hotel, ele se lembrou como, pela manhã, grudara a testa na vitrine úmida da livraria da igreja, esperando que o desejo ardente de ir até o aeroporto fosse embora. Depois ele conhecera Adriana, tomara o chá vermelho-dourado de Mariana Eça e fumara o primeiro cigarro de sua vida com a boca queimada junto com o tio dela. Aquilo tudo de fato acontecera ao longo de um único dia? Ele abriu o livro na página do retrato de Amadeu de Prado. Todas as coisas novas que aprendera hoje sobre ele mudavam seus traços. O sacerdote ateu começou a ter vida.

15

— *Voilà. Ça va aller?* Não é exatamente confortável, mas... — disse, algo constrangida, Agostinha, a estagiária do *Diário de Notícias*, o grande jornal tradicional de Portugal.

Sim, respondeu Gregorius, aquilo ia dar certo, e sentou-se no nicho obscuro com o equipamento para ler microfilmes. Agostinha, que lhe fora apresentada por um redator impaciente como estudante de história e de francês, não quis ir embora, ele antes já tivera a impressão de que lá em cima, onde os telefones tocavam sem cessar e os monitores cintilavam, mais toleravam a sua presença do que necessitavam dela.

— O que está procurando? — perguntou ela. — Quer dizer, isso não é da minha conta...

— Estou procurando o falecimento de um juiz — disse Gregorius. — Estou buscando a notícia do suicídio de um juiz famoso no ano de 1954, no dia 9 de junho. Ele provavelmente se suicidou porque sofria do mal de Bechterev e não aguentava mais as dores de coluna, mas também, quem sabe, por se sentir culpado porque continuou exercendo a profissão durante a ditadura em vez de combater o regime injusto. Tinha 64 anos. Ou seja, não faltava muito para a aposentadoria. Alguma coisa deve ter acontecido que lhe tornou impossível esperar mais tempo. Alguma coisa com a coluna e as dores ou alguma coisa no tribunal. É o que quero descobrir.

— E... e por que quer descobrir isso? *Pardon*...

Gregorius sacou o livro de Prado e mandou que ela lesse:

POR QUE, PAI? *"Não te faças de importante", costumavas dizer, quando alguém se queixava de alguma coisa. Ficavas sentado na tua poltrona, na qual só tu podias te sentar, mais ninguém, a bengala entre as pernas magras, as mãos deformadas pelo*

reumatismo no botão prateado da bengala, a cabeça como sempre esticada para a frente (meu Deus, se eu pudesse ao menos uma vez ver-te em posição ereta, de cabeça erguida, como correspondia ao teu orgulho. Só uma única vez! Mas a visão das costas curvadas, multiplicada por mil, apagou qualquer outra lembrança, não só isso, paralisou a força da imaginação). As muitas dores que tiveste de aguentar durante a tua vida conferiam autoridade à tua opinião, que era sempre igual. Ninguém ousava te contradizer. Não era só externamente, mesmo internamente a contradição era proibida. Embora nós, crianças, parodiássemos as tuas palavras, longe de ti havia ironia e risadas, e até mamãe, quando brigava conosco por causa disso, se traía às vezes com um sorriso, sobre o qual nos lançávamos, ávidos. Mas a libertação era apenas aparente, era como a blasfêmia desamparada daqueles que temem a Deus.

As tuas palavras eram lei. Eram lei até aquela manhã quando caminhei para a escola, o coração apertado, a chuva açoitando o meu rosto. Por que não haveria de levar a sério esse aperto no coração, diante das escuras salas de aula e do estudo sem alegrias? Por que não deveria me importar com o fato de Maria João me tratar como se eu nem existisse, se eu nem conseguia pensar em outras coisas? Por que as tuas dores e a serenidade que elas te conferiam deviam ser a medida de todas as coisas? "Do ponto de vista da eternidade", dizias, às vezes, "tudo isso perde importância." Saí da escola cheio de raiva e ciúmes do novo namorado de Maria João, voltei para casa com passos firmes e, depois do almoço, sentei-me na poltrona diante da tua. "Quero mudar de escola", disse com uma voz que soava mais firme do que era por dentro, "não aguento mais minha escola." "Tu te dás muita importância", disseste, esfregando o botão prateado da bengala. "A quem, então, devo dar importância, se não a mim mesmo?", perguntei. "E o ponto de vista da eternidade, este não existe."

Um silêncio que ameaçava explodir preencheu o cômodo. Nunca acontecera nada parecido. Era inaudito, ainda mais sendo o teu filho predileto. Todos esperavam uma explosão, os teus gritos. Mas nada disso aconteceu. Puseste as duas mãos no botão da bengala. No rosto de mamãe apareceu uma expressão que eu nunca vira igual. Dava para entender, pensei mais tarde, por que ela se casou contigo. Tu te levantaste sem dizer uma só palavra, apenas se ouviu um leve gemido de dor. Não apareceste para o jantar. Isso jamais acontecera antes naquela família. Quando, no dia seguinte, sentei-me à mesa do almoço, tu me olhaste calmamente e um pouco triste. "Em que outra escola estás pensando?" Maria João me oferecera uma laranja no intervalo. "Está tudo resolvido",

disse eu.

Como distinguir entre um sentimento que se deve levar a sério e um mero capricho? Por que, papai, não falaste comigo antes de fazê-lo? Para que eu ao menos soubesse por que *tu o fizeste?*

— Compreendo — disse Agostinha, e depois começou a procurar nas fichas a notícia da morte do juiz Prado. — 1954, o ano da censura mais severa — disse Agostinha. — Disso eu entendo, a censura à imprensa foi o meu tema na licenciatura. Aquilo que o *Diário* traz não é necessariamente a verdade. Menos ainda em se tratando de um suicídio político.

A primeira coisa que encontraram foi o anúncio do falecimento no dia 11 de junho. Agostinha achou que, para as circunstâncias de Portugal da época, ele era muito sucinto, tão sucinto que parecia um grito mudo. *Faleceu*, Gregorius conhecia esta palavra do cemitério, *amor, recordação* — expressões breves, rituais. Abaixo, os nomes dos familiares mais íntimos. Maria Piedade Reis de Prado, Amadeu, Adriana, Rita. O endereço. O nome da igreja em que seria rezada a missa. Nada mais. Rita seria a Mélodie a quem João Eça se referira?

Procuraram outra notícia. Não havia nada na primeira semana depois do dia 9 de junho.

— Não, vamos continuar — disse Agostinha, quando Gregorius quis desistir. A notícia saiu no dia 20 de junho, bem atrás, no noticiário local.

O Ministério da Justiça informou hoje que Alexandre Horácio de Almeida Prado, que serviu ao Supremo Tribunal como magnífico juiz durante muitos anos, morreu semana passada em decorrência de uma longa enfermidade.

Ao lado, um retrato do juiz, surpreendentemente grande, o tamanho da foto não combinava com a notícia sucinta. Um rosto severo com óculos e aro, barbicha e bigodes, uma testa alta, não menos do que a do seu filho, cabelos grisalhos, porém ainda cheios, colarinho alto, gravata preta, uma mão muito alva apoiando o queixo, todo o resto se perdia no fundo escuro. Uma fotografia tirada por alguém muito habilidoso, nem traço do martírio da coluna encurvada, nenhum indício do reumatismo nas mãos, cabeça e mão surgiam fantasmagoricamente na escuridão, brancas e autoritárias, opiniões contrárias eram impossíveis, uma imagem que podia dominar e envenenar com sua autoridade sufocante um apartamento, uma casa

inteira. Um juiz. Um juiz que não poderia ter se tornado nenhuma outra coisa senão juiz. Um homem de uma severidade férrea, de uma consequência pétrea, também em relação a si mesmo. Um homem que se condenaria a si próprio caso errasse. Um homem que geralmente não conseguia sorrir. Um homem que tinha algo em comum com António de Oliveira Salazar — não a sua crueldade, não o seu fanatismo, não a sua ambição e o seu desejo de poder, mas sim a rigidez, a falta de cuidados consigo próprio. Teria sido por isso que ele servira tanto tempo àquele homem de preto com o rosto tenso por baixo do chapéu-coco? E será que, no fim, ele não conseguira se desculpar de também ter estimulado a crueldade, uma crueldade que se podia ver nas mãos trêmulas de João Eça, mãos que tinham tocado Schubert no piano?

Falecido em decorrência de uma longa enfermidade. Gregorius sentiu como fervia de raiva.

— Isso não é nada — disse Agostinha. — Não é nada comparado com tudo o que já vi em termos de falsificação, mentiras surdas.

No caminho para cima, Gregorius perguntou-lhe pela rua indicada no anúncio de falecimento. Notou que ela adoraria tê-lo acompanhado e ficou contente por precisarem dela na redação agora.

— O senhor se apropriou tanto da história dessa família — disse ela, depois que já haviam se despedido. — Isso é...

— Estranho, você acha? É, é estranho. Muito estranho. Até para mim é estranho.

16

Não era um palácio, mas uma casa de pessoas afortunadas que ali tinham bastante espaço, um quarto a mais ou a menos não fazia diferença, com certeza, havia dois ou três banheiros. Ali morara o juiz encurvado, aquela casa ele percorrera com sua bengala com o botão prateado, amargo, lutando contra as eternas dores, guiado pela convicção de que não se deve dar tanta importância a si próprio. Teria ele tido seu gabinete de trabalho na torre quadrada, cujas janelas com arcos eram separadas por pequenas colunas? Havia tantos balcões na fachada angulosa que dava a impressão de serem incontáveis, cada um com uma grade de ferro trabalhado. Gregorius imaginou que cada um dos membros da família tivera um ou dois e se lembrou dos cômodos apertados e devassados em que morara com a sua família, o guarda do museu e a faxineira com o filho míope que ficava sentado na sua mesinha de madeira em seu quartinho, tentando se defender contra o barulho do rádio do vizinho com a complicada conjugação dos verbos gregos. A minúscula sacada, apertada demais até mesmo para um guarda-sol, ficava muito quente no verão, e ele mal pisava lá, pois sempre era invadido por nuvens de cheiros de várias cozinhas. Em comparação com aquilo, a casa do juiz era um paraíso amplo, fresco e silencioso. Por toda parte havia pinheiros altos com troncos nodosos e galhos entrelaçados que se juntavam como se fossem pequenos telhados, pagodes.

Cedros. Gregorius estremeceu. *Cedros vermelhos*. Seriam mesmo cedros? Os cedros que, para Adriana, eram tingidos de vermelho? Aquelas árvores que, com sua cor imaginária, haviam adquirido um significado tal que lhe vieram à mente quando ela procurou um nome para a editora inventada? Gregorius perguntou a alguns transeuntes se aquilo eram cedros. Davam de ombros e erguiam as sobrancelhas, surpresos com a pergunta bizarra de um estrangeiro. Sim, disse uma jovem finalmente, eram cedros, cedros especialmente altos e bonitos. Agora, ele se imaginou dentro da casa, olhando para aquele verde suculento e escuro. O que acontecera? O que fizera o verde virar vermelho? Sangue?

Atrás das janelas da torre surgiu o vulto de uma mulher de roupas claras e cabelos presos num coque, ela parecia flutuar de um lado para o outro, ocupada, mas sem pressa, pegou um cigarro, a fumaça subiu para o pé-direito alto, ela desviou de um raio do sol que penetrava no cômodo através dos cedros e a cegava, e desapareceu subitamente. "Uma moça que parecia nem tocar o chão", assim João Eça se referira a Mélodie, cujo nome real devia ser Rita. Sua irmã mais nova. A diferença de idade teria sido tão grande assim para que hoje ela fosse uma mulher que ainda se movimentava com tanta leveza como aquela mulher na torre?

Gregorius seguiu em frente e entrou num botequim na próxima esquina. Pediu um café e um maço de cigarros da mesma marca que ele fumara no dia anterior com João Eça. Fumou e viu os alunos de Kirchenfeld na padaria próximo da escola, fumando e tomando café em copos de papel. Quando foi que Kägi proibiu o cigarro na sala de professores? Tentou tragar, uma vontade de tossir lhe tirou o fôlego, ele colocou os óculos novos no balcão e limpou as lágrimas dos olhos. A mulher atrás do balcão, uma matrona que fumava sem parar, sorriu.

— *É melhor nem começar* — disse ela, e Gregorius sentiu orgulho porque entendeu tudo, mesmo se demorou um pouco. Não sabia mais o que fazer com o cigarro e o apagou no copo de água que veio com o café. A mulher retirou o copo e balançou a cabeça; era um iniciante, o que fazer.

Lentamente ele se dirigiu até a casa dos cedros, pronto para, mais uma vez, bater a uma porta cheio de incerteza. A porta se abriu e a mulher saiu, puxando um pastor alemão impaciente pela coleira. Usava jeans e tênis, só o blusão claro parecia ser o mesmo. Os poucos passos até o portão ela percorreu na ponta dos pés, puxada pelo cão. *Uma moça que parecia nem tocar o chão.* Apesar dos muitos fios grisalhos no cabelo louro-cinzento ela continuava parecendo uma jovem.

— Bom dia — disse ela, erguendo as sobrancelhas de modo inquisidor e fitando-o com um olhar claro.

— Eu... — começou Gregorius em francês, inseguro, sentindo na boca o sabor desagradável do cigarro — há muito tempo um juiz morou nesta casa, um juiz famoso, e eu gostaria...

— Era o meu pai — disse a mulher, afastando uma mecha do rosto que se soltara dos cabelos presos. Sua voz era clara, combinando com o cinza aguado de seus olhos e as palavras em francês que ela pronunciou praticamente sem sotaque. Rita era um nome bonito, mas Mélodie era simplesmente perfeito. — Por que se interessa por ele?

— Porque foi o pai deste homem — e Gregorius lhe mostrou o livro de Prado.

O cachorro puxou-a.

— Pan — disse Mélodie. — Pan.

O cachorro sentou. Ela segurou a corda com a dobra do cotovelo e abriu o livro. *Cedros ver*... ela leu, e a cada sílaba, sua voz ia sumindo, até emudecer totalmente. Ela folheou o livro e examinou o retrato do irmão. Seu rosto claro, salpicado de minúsculas sardas, enrubesceu e ela engolia com dificuldade. Observou o retrato imóvel, como uma estátua além do tempo e do espaço, passando a ponta da língua nos lábios secos. Continuou folheando, leu uma ou duas frases, voltou ao retrato e à capa.

— 1975 — disse ela. — Ele morreu dois anos antes. Nunca soube deste livro. Onde o encontrou?

Enquanto Gregorius falava, ela passava suavemente a mão na encadernação cinza e o seu movimento o fez lembrar a estudante na livraria espanhola em Berna. Ela parecia não estar mais prestando atenção.

— Adriana — disse finalmente. — Adriana. Nunca me disse nada. *É próprio dela.*

No início havia apenas surpresa nas suas palavras, depois também amargura e agora o nome melodioso não combinava mais com ela. Olhou para longe, para o castelo, a Baixa, até o morro do Bairro Alto. Como se quisesse alcançar a irmã lá do outro lado na casa azul com o seu olhar irado.

Ficaram mudos, um diante do outro. Pan ofegante. Gregorius se sentiu como um invasor, um *voyeur*.

— Venha, vamos tomar um café.

Aquilo soava como se ela tivesse saltado ligeira por cima da sua ira.

— Quero ver este livro. Pan, hoje você não deu sorte — e, com essas palavras, puxou-o com braços fortes até a casa.

Era uma casa cheia de vida, com brinquedos na escada, recendendo a uma mistura de café, cigarro e perfume, jornais portugueses e revistas francesas na mesa, caixas de CD abertas e um gato sentado na mesa do café, lambendo a manteiga. Mélodie espantou o gato e serviu café. O sangue que ruborizara sua face antes sumira, somente algumas poucas manchas vermelhas davam mostras de sua excitação. Ela pegou os óculos no jornal e começou a ler as anotações do seu irmão, ora um trecho, ora outro. De vez em quando, mordiscava os lábios. Sem tirar o olhar do livro, tirou o casaco e pescou um cigarro do maço. A respiração era pesada.

— Isso com Maria João e a troca de colégio deve ter acontecido antes de eu nascer. Nós tínhamos 16 anos de diferença. Mas papá era exatamente assim. Tinha 46 anos quando eu nasci, fui filha de um descuido, gerada no Amazonas, uma das poucas viagens para as quais mamãe o conseguiu arrastar. Nem consigo imaginar

papá no Amazonas. Quando eu tinha 14 anos, comemoramos seu sexagésimo aniversário, parece que sempre o conheci assim, um velho encurvado e severo.

Mélodie parou, acendeu um cigarro e olhou para a frente. Gregorius esperou que ela fosse falar da morte do juiz. Mas então o seu rosto se iluminou, seus pensamentos estavam indo noutra direção.

— Maria João. Então ele a conhecia já desde pequeno. Nem sabia disso. Uma laranja. Pelo jeito, já a amava então. Nunca deixou de amá-la. O grande amor intocado de sua vida. Não me surpreenderia se nunca a tivesse beijado. Mas ninguém, nenhuma mulher chegou à sua altura. Ela se casou, teve filhos. Não tinha a menor importância. Quando ele tinha problemas, problemas de verdade, procurava-a. De certa maneira, só ela sabia quem ele era. Ele sabia como se cria intimidade através de segredos partilhados, era um mestre nesta arte. E nós todos sabíamos: se havia alguém que conhecia todos os seus segredos, era Maria João. Fátima sofreu com isso e Adriana a odiava.

Gregorius perguntou se ela ainda estava viva. Sim, morava no Campo de Ourique, perto do cemitério, disse Mélodie, fazia muitos anos que a encontrara junto a seu túmulo, fora um encontro amigável e, mesmo assim, distante.

— Ela, filha de camponeses, sempre manteve distância em relação a nós, os aristocratas. Fingia que nem sabia que Amadeu era um de nós. Ou como se aquilo fosse uma coincidência, algo que nada tinha a ver com ele.

E o seu sobrenome? Mélodie não soube responder.

— Para nós, ela sempre foi apenas Maria João.

Deixaram o quarto da torre até outro lado da casa, onde havia um tear.

— Sempre fiz mil coisas — riu, ao reparar no olhar curioso de Gregorius. — Sempre fui a irrequieta, a inconstante, por isso papá não conseguia lidar comigo.

Durante um instante, sua voz clara ficou escura, como quando uma nuvem fugidia tapa o sol, mas logo passou e ela apontou para as fotografias que cobriam a parede, que a mostravam nos ambientes mais diversos.

— Trabalhei como garçonete num bar; aqui estou matando aula, trabalhei num posto de gasolina e aqui, veja: minha orquestra.

Era uma banda de rua com oito meninas, todas tocando violino, todas usando bonés, com a pala virada para o lado.

— Conseguiu me achar? Meu boné está virado para o lado esquerdo, os das outras para o lado direito, eu era a chefe. Ganhávamos dinheiro, bastante dinheiro até. Tocávamos em casamentos, festas, éramos um sucesso.

Abruptamente, ela se virou, foi até a janela e olhou para fora.

— Papai não gostava da minha vida de artista. Pouco antes de sua morte — eu

estava na rua com as "moças de balão", como éramos chamadas —, de repente vejo estacionar perto da calçada o carro oficial de papai com o motorista que todas as manhãs vinha buscá-lo às dez para as seis e o levava até o tribunal, ele sempre era o primeiro a chegar ao Palácio da Justiça. Papai, como sempre, estava sentado atrás, e nos observava. As lágrimas saltaram dos meus olhos e errei uma nota atrás da outra. A porta do carro se abriu e papai saiu, com o rosto contorcido de dor. Com sua bengala, parou o trânsito — até nessas horas ele irradiava a autoridade de um juiz — e veio até onde estávamos, ficou um bom tempo entre as pessoas em pé e depois veio até a caixa aberta do violino jogando, sem olhar para mim, um punhado de moedas. As lágrimas escorriam pelo meu rosto e as outras tiveram que terminar tocando sem a minha participação. O carro partiu e papai acenou com a sua mão deformada pelo reumatismo, eu devolvi o aceno, sentei-me nos degraus da entrada e chorei até não poder mais, não sei se por alegria por ele ter vindo ou de tristeza por ele só ter vindo aquela vez.

O olhar de Gregorius percorreu as fotografias. Ela fora uma menina que sentara no colo de todos, que fazia todos rirem, e quando chorava, passava rápido, como uma chuva num dia ensolarado. Ela faltava às aulas, mas acabava passando de ano porque encantava os professores com uma ousadia que aturdia. Contou que aprendeu rapidamente a falar francês e quis ser chamada Élodie, como uma atriz francesa, o que os outros logo transformaram em Mélodie, uma palavra que combinava com ela, pois a sua presença era bela e fugidia como a de uma melodia, todos se apaixonavam por ela, ninguém conseguia captá-la.

— Eu amava Amadeu, ou melhor: adoraria tê-lo amado, mas era difícil, como amar um monumento. E ele era um monumento; quando eu era pequena todos já o veneravam, até mesmo papá, principalmente Adriana, que roubou ele de mim com seus ciúmes. Ele era gentil comigo, como se é gentil com uma irmãzinha. Mas eu adoraria ter sido levada a sério, não apenas acariciada como uma boneca. Precisei esperar até os 25 anos, pouco antes de me casar, só então recebi esta carta dele da Inglaterra.

Ela abriu uma escrivaninha e retirou um envelope cheio de cartas. As folhas amareladas estavam recheadas de letras numa caligrafia bem cuidada em tinta preta. Mélodie leu durante alguns instantes, muda. Depois começou a traduzir o que Amadeu lhe escrevera de Oxford, poucos meses depois da morte da sua mulher.

"Querida Mélodie, essa viagem foi um equívoco. Acreditei que fosse me ajudar rever as coisas que vi com Fátima. Mas apenas doeu, e estou voltando mais cedo do que o

planejado. Sinto a tua falta e por isso te envio o que anotei na noite passada. Talvez dessa maneira possa me aproximar de ti com os meus pensamentos.

OXFORD, JUST TALKING. Por que o silêncio noturno entre os prédios monásticos me parece tão fosco, tão sem espírito e sem charme? Tão diferente da rua Augusta, que ainda às três ou quatro da manhã, quando não há mais vivalma na rua, pulsa com vida? Como pode ser se a pedra clara que brilha de forma etérea encerra prédios de nome sagrado, celas da sabedoria, bibliotecas seletas, salas cheias de silêncio de um veludo empoeirado em que se falam frases eruditas, refletidas com vagar, contraditas e defendidas. Como pode ser?

Come on, *disse o irlandês ruivo para mim quando eu estava diante de um cartaz com os dizeres* LYNG TO LIARS, let's listen to this; might be fun. *Pensei em padre Bartolomeu, que defendeu Santo Agostinho: pagar uma mentira com outra mentira é a mesma coisa que pagar roubo com roubo, sacrilégio com sacrilégio, traição com traição. E isso considerando o que então acontecia na Espanha, na Alemanha. Tínhamos brigado, como tantas outras vezes, mas sem que ele perdesse a sua suavidade. Ele nunca perdia essa suavidade, nem uma única vez, e quando me sentei ao lado do irlandês na plateia, senti terrivelmente a falta dele e tive saudades.*

Foi inacreditável. A palestrante, uma solteirona de nariz fino, esboçou com voz rouca uma casuística da mentira que não poderia ser mais rebuscada e irreal. Uma mulher que nunca precisou viver na teia de mentiras de uma ditadura, onde saber mentir pode ser uma questão de vida ou morte. Deus pode criar uma pedra que não consegue erguer? Se não consegue, não é onipotente; se consegue, tampouco, porque agora existe uma pedra que ele não consegue levantar. Essa era a espécie de escolástica que aquela mulher lançou na plateia, uma mulher que parecia ser de pergaminho com uma espécie de ninho de cabelo grisalho na cabeça.

Mas aquilo não foi o mais inacreditável. O que foi realmente inconcebível foi o chamado debate. Presas naquelas fórmulas bem-educadas britânicas, as pessoas falavam sem falar umas com as outras. Incessantemente, diziam que se entendiam, que respondiam uns aos outros. Mas não era assim. Ninguém entre os debatedores deu a menor mostra de uma mudança diante dos motivos apresentados. De repente, senti um horror percorrendo o meu corpo e compreendi: sempre é assim. Dizer alguma coisa para outra pessoa: como podemos esperar que aquilo possa surtir efeito? O fluxo de pensamentos, imagens e sentimentos que passa por nós tem uma força tal que seria um milagre se não inundasse simplesmente todas as palavras que outra pessoa nos diz,

relegando-as ao esquecimento, a não ser que coincidentemente, muito coincidentemente, combinem com as nossas próprias palavras. Eu seria diferente? Pensei. Será que alguma vez escutei uma outra pessoa? Será que alguma vez permiti que outra pessoa entrasse em mim com suas palavras, desviando o meu fluxo interior?

How did you like it?, perguntou o irlandês enquanto caminhávamos pela Broad Street. Eu não disse nada, mencionou apenas que tinha achado fantasmagórico ver cada um falando apenas consigo mesmo. "Well", disse ele, "well." E, depois de um instante: "It's just talking, you know: just talking. People like to talk. Basically, that's it. Talking." "No meeting of minds?", perguntei? "What!", exclamou ele, caindo numa risada. "What!" Em seguida, arremessou contra o asfalto a bola de futebol que levara o tempo todo consigo. Eu teria adorado ser o irlandês, um irlandês com a coragem de aparecer numa palestra à noite no All Souls College com uma bola de futebol vermelha. Teria dado qualquer coisa para ser o irlandês.

Acho que agora sei por que o silêncio noturno naquele lugar ilustre é um silêncio ruim. As palavras destinadas ao esquecimento emudeceram. Isso não quer dizer nada, elas também emudecem na Baixa. Mas lá ninguém pretende que aquilo seja maior do que jogar conversa fora, as pessoas falam e se divertem com isso como quem come um sorvete para descansar a língua das palavras, enquanto aqui todos fingem o tempo todo que é diferente. Como se fosse incrivelmente importante o que dizem. Mas eles também precisam ir dormir em sua presunção, e resta um silêncio que tem cheiro de podre porque por todo lado há cadáveres da presunção que não fazem outra cosia senão feder, sem palavras.

— Ele odiava os presunçosos, que também chamava de enchouriçados — disse Mélodie, recolocando a carta no envelope. — Ele os detestava em qualquer parte, na política, entre os médicos, entre os jornalistas. E era implacável em seus veredictos. Eu gostava do seu veredicto porque era incorruptível, não poupava ninguém, nem a si próprio. Não gostava quando se tornava destruidor. Nessas horas, eu evitava o meu irmão monumental.

Ao lado da cabeça de Mélodie havia uma fotografia na parede mostrando ela e Amadeu dançando. O movimento dele não parecia exatamente desajeitado, pensou Gregorius, mas dava para ver que aquilo lhe era estranho. Quando, mais tarde, voltou a pensar naquilo, lembrou-se da palavra exata: dançar não era uma atividade adequada a ele.

— O irlandês com a bola vermelha no sacrossanto colégio — disse Melodie, cortando o silêncio —, este trecho me tocou muito quando o li. Expressava, segundo me parecia, uma nostalgia da qual ele nunca falava: poder ser um menino que brinca de bola. Aos 4 anos ele já lia de tudo, por isso, se entediava no primário, no liceu pulou duas vezes de turma. Aos 20 já sabia tudo e às vezes se perguntava o que mais haveria. E com tudo isso se esqueceu de jogar bola.

O cachorro latiu e, em seguida, crianças, que deviam ser seus netos, entraram correndo. Mélodie estendeu a mão a Gregorius. Sabia que ele gostaria de saber mais ainda sobre *cedros vermelhos* ou sobre a morte do juiz. Seu olhar revelou que ela sabia. Revelou ainda que hoje não estava mais disposta a falar, mesmo que as crianças não tivessem vindo.

Gregorius se sentou num banco perto do castelo e pensou na carta que Amadeu mandou de Oxford para a sua irmãzinha. Precisava encontrar padre Bartolomeu, o professor suave. Prado soube escutar os vários tipos de silêncio, um ouvido que só os insones possuem. E ele descrevera a palestrante como sendo de pergaminho. Só agora Gregorius se deu conta de que aquela observação o atingira e que, no seu âmago, ele se afastara, pela primeira vez, do sacerdote ateu com suas sentenças duras. Mundus, o Papiro. Pergaminho e papiro.

Gregorius desceu o morro em direção ao hotel. Entrou numa loja e comprou um tabuleiro de xadrez. Passou o resto do dia, até de noite, tentando ganhar de Alekhine, não aceitando o sacrifício das duas torres, diferentemente de Bogoljubov. Sentiu falta de Doxiades e recolocou os óculos velhos.

17

"Não são textos, Gregorius. O que as pessoas dizem não são textos. Elas simplesmente falam." Fazia muito tempo que Doxiades lhe dissera isso. Queixara-se a ele que as pessoas frequentemente falavam de uma maneira tão desconexa e contraditória que esqueciam rapidamente o que diziam. O grego achou aquilo comovente. Alguém que, como ele, trabalhara como motorista de táxi na Grécia, ainda por cima em Tessalônica, sabia — e sabia muito bem — que não se podia tomar as pessoas pelas palavras. Muitas vezes falavam apenas por falar. E não apenas no táxi. Tomá-las pela palavra era algo que só podia preocupar mesmo um filólogo, ainda por cima um filólogo das línguas clássicas, que passava o dia inteiro lidando com palavras inequívocas e com textos para os quais existiam milhares de comentários.

E já que não se podia tomar as pessoas pela palavra, o que então fazer com as suas palavras, retrucara Gregorius. O grego soltara uma sonora gargalhada. "Tomá-las como motivo para você próprio também falar. Para que a conversa sempre continue." E agora o irlandês dissera algo muito semelhante na carta de Prado para a sua irmãzinha, mas não se referira aos passageiros dos táxis gregos, e sim aos professores do All Souls College, de Oxford. Dissera aquilo para um homem que tinha tanto nojo das palavras gastas que desejava recriar a língua portuguesa.

Chovia a cântaros havia dois dias. Era como se uma cortina mágica separasse Gregorius do mundo exterior. Ele não estava em Berna, mas estava lá ao mesmo tempo; estava e não estava em Lisboa. Passava o dia jogando xadrez e se esqueceu de posições e lances, algo que nunca antes lhe acontecera. Às vezes, flagrava-se a si mesmo com uma peça na mão, sem saber de onde ela vinha. No salão, na hora da refeição, o garçom precisava perguntar-lhe várias vezes o que queria, e uma vez ele pediu a sobremesa antes da sopa.

No segundo dia, ligou para a sua vizinha em Berna e lhe pediu para esvaziar a sua caixa do correio, informando que a chave estava debaixo do capacho. Ela lhe perguntou se ele queria que lhe mandasse a correspondência. Sim, disse ele, depois

tornou a ligar e disse não. Ao folhear seu bloco de anotações encontrou o número que a portuguesa escrevera em sua testa. *Português*. Tirou o fone do gancho e esperou. Ao ouvir o sinal de discar, desligou.

A *Koiné*, o grego do Novo Testamento, entediou-o, era fácil demais, só o outro lado, em português, da edição que Coutinho lhe dera, tinha interesse para ele. Ligou para várias livrarias e perguntou se tinham Ésquilo e Horácio, ou então Heródoto e Tácito. Compreendiam-no mal, e quando, finalmente, conseguiu, não foi buscar os livros encomendados por causa da chuva.

Nas Páginas Amarelas, procurou cursos de idiomas onde pudesse aprender português. Ligou para Mariana Eça para relatar sua visita a João, mas ela estava com pressa e mal escutava. Silveira estava em Biarritz. O tempo parou, o mundo parou, isso tudo porque a sua vontade estava parada como nunca antes estivera.

Às vezes, ficava junto da janela com o olhar vazio e repassava mentalmente o que os outros — Coutinho, Adriana, João Eça, Mélodie — haviam dito sobre Prado. Era um pouco como se surgissem contornos de uma paisagem na neblina, ainda difusos, porém já reconhecíveis, como num desenho chinês a nanquim. Uma só vez, naqueles dias, folheou as anotações de Prado e se deteve neste trecho:

AS SOMBRAS DA ALMA. *As histórias que os outros contam sobre nós e as histórias que nós mesmos contamos — quais delas se aproximam mais da verdade? É tão certo assim que sejam as próprias histórias? Somos autoridades para nós mesmos? Mas não é essa a questão que me preocupa. A verdadeira questão é: existe, nessas histórias, alguma diferença entre certo e errado? Nas histórias sobre coisas exteriores, sim. Mas quando tentamos compreender alguém em seu interior? Esta viagem algum dia chega a um fim? Será a alma um lugar de fatos? Ou seriam os supostos fatos apenas uma sombra fictícia das nossas histórias?*

Na quinta-feira de manhã, sob um céu claro e azul, Gregorius foi até a redação do jornal e pediu à estagiária Agostinha que investigasse se, no início dos anos 30, existira um liceu onde se podia aprender as línguas antigas e onde havia padres entre os professores. Ela se empenhou em procurar e, quando encontrou a informação, mostrou-lhe o endereço no mapa da cidade. Encontrou até o escritório responsável pelo liceu na igreja, ligou para lá e perguntou por um padre Bartolomeu que ensinara naquele liceu por volta de 1935. Só podia ter sido o padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, disseram. Tinha mais de 90 anos agora e só recebia visitas

raramente. Qual era o assunto? Amadeu Inácio de Almeida Prado? Iriam perguntar ao padre e retornar. A ligação veio em poucos minutos. O padre estava disposto a conversar com alguém que, depois de tanto tempo, se interessava por Prado. Esperava a visita para o fim da tarde.

Gregorius foi até o antigo liceu onde o aluno Prado discutira com o padre Bartolomeu sobre o veto intransigente de Santo Agostinho à mentira, sem que o padre jamais perdesse a sua suavidade. Ficava na parte leste, já fora da cidade, e era cercado por árvores velhas e altas. O prédio com seus muros amarelos esmaecidos podia ser um antigo hotel do século XIX, só faltavam as sacadas, e a torre estreita com o sino tampouco combinava. Estava deteriorado. A pintura estava saindo, o vidro das janelas estava sujo ou quebrado, faltavam telhas, a calha estava enferrujada e quebrada.

Gregorius sentou nos degraus da entrada que já estavam cheios de musgo por ocasião das visitas de Prado, provavelmente no final dos anos 60. Estivera sentado ali, questionando-se o que teria acontecido se, trinta anos antes, ele tivesse tomado outro rumo na encruzilhada. Se tivesse resistido ao desejo comovente mas também autoritário do pai e nunca tivesse estudado Medicina.

Gregorius puxou as anotações do bolso e folheou.

(...) desejo patético, de sonhos — de voltar outra vez àquele ponto da minha vida e tomar um rumo bem diferente do que aquele que fez de mim o que sou agora... Sentar de novo no musgo quente e ter o boné nas mãos: é o desejo insensato de viajar de volta para o tempo que deixei para trás, levando a mim mesmo — marcado pela vivência — nesta viagem.

Do outro lado havia a cerca apodrecida que cercava o pátio e sobre a qual o pior aluno da turma lançara seu boné no lago depois do exame final, 67 anos atrás. O lago já estava seco, sobrara apenas uma depressão revestida de um tapete de hera.

O prédio atrás das árvores devia ter sido a escola das meninas de onde viera Maria João, a moça com os joelhos morenos e o cheiro de sabão no vestido claro, a moça que se tornara o grande amor intocado da vida de Amadeu, a mulher que, segundo Mélodie, era a única que sabia quem ele realmente tinha sido, uma mulher de tanta relevância que Adriana a odiava, mesmo que ele nunca a tivesse beijado.

Gregorius cerrou os olhos. Viu-se em Kirchenfeld, na esquina de onde lançara um último olhar para o ginásio depois de ter fugido. Mais uma vez teve a sensação que o invadira há dez dias com uma força inesperada e lhe revelara como amava aquele prédio e tudo o que ele significava para ele e o quanto sentiria a sua falta. A sensação era igual, mas era diferente, porque não era mais a mesma. Levantou-se,

deixou seu olhar deslizar sobre o amarelo deslavado da fachada e, de repente, não doía mais, a dor deu lugar a uma sensação flutuante de curiosidade, e ele abriu a porta que estava apenas encostada e as dobradiças enferrujadas gemeram como num filme de horror.

Um cheiro de umidade e mofo o recebeu. Depois de poucos passos ele quase escorregou, porque o piso de pedra desigual estava coberto por uma camada de poeira úmida e de musgo apodrecido. Lentamente, segurando o corrimão, ele subiu os largos degraus. Os dois lados da porta para o andar de cima estava cobertos por tantas teias de aranha que houve um ruído surdo quando ele os abriu. Ele se assustou quando os morcegos assustados saíram voando pelo corredor. Depois, voltou um silêncio como ele nunca percebeu: um silêncio de muitas décadas mudas.

Foi fácil encontrar a porta para a diretoria, era toda entalhada. Ela também abriu com dificuldades, só cedeu depois de vários empurrões. Ele adentrou um cômodo em que parecia existir apenas uma coisa: uma imensa mesa negra com pés arqueados e entalhados. Todos os outros móveis — as prateleiras vazias empoeiradas, uma mesinha, uma poltrona espartana — não pareciam reais. Gregorius limpou o assento da cadeira e se sentou à mesa. Sr. Cortês era o nome do diretor, o homem com o passo lento e a expressão severa.

Gregorius levantara poeira, e as partículas dançavam nos raios do sol. O tempo parado e mudo deu-lhe a impressão de ser um invasor e, durante um longo momento, ele se esqueceu de respirar. Em seguida, venceu a curiosidade. Ele abriu as gavetas da mesa, uma após a outra. Um pedaço de barbante, restos mofados de um lápis apontado, um selo ondulado do ano de 1969, cheiro de porão. E por fim, na última gaveta, uma bíblia em hebraico, grossa e pesada, encadernada em linho, gasta e com bolhas de umidade, na capa, em letras douradas, a inscrição BÍBLIA HEBRAICA, que ganhara sombras negras.

Gregorius ficou perplexo. Conforme Agostinha descobrira, o liceu não pertencia à igreja. O marquês de Pombal expulsara os jesuítas de Portugal em meados do século XVIII e algo parecido tornara a acontecer no início do século XX. No final da década de 1940, ordens como a dos maristas haviam fundado escolas próprias, mas isso acontecera depois do tempo de escola de Prado. Até então existiram só liceus públicos que ocasionalmente empregavam padres no ensino de línguas antigas. Por que, então, aquela bíblia? E por que na gaveta do reitor? Um simples descuido, uma coincidência sem importância? Um protesto invisível e mudo contra aqueles que haviam fechado a escola? Um esquecimento subversivo contra a ditadura do qual os seus cúmplices não se aperceberam?

Gregorius leu. Cuidadosamente, folheou as páginas onduladas de papel grosso,

úmidas e podres. Os raios do sol migraram. Ele abotoou o sobretudo, pôs a gola para cima e escondeu as mãos nas mangas. Depois de algum tempo, pôs na boca um cigarro do maço que comprara na segunda-feira. De vez em quando sentia vontade de tossir. Do lado de fora, alguma coisa passou correndo, provavelmente um rato.

Leu o Livro de Jó, o coração em disparada. Elifaz de Temã, Bildade de Chua e Zofar de Naama. *Isfahan*. Como era mesmo o nome da família onde ele ia servir como preceptor? Na livraria Francke ele encontrara, naquela época, um livro ilustrado de Isfahan, das mesquitas, das praças, das montanhas ocultas por tempestades de areia. Não tinha tido dinheiro para comprá-lo e, por isso, ia todos os dias à livraria Francke para folhear o volume. Depois que o seu sonho da areia em brasa que lhe traria a cegueira o obrigara a cancelar a sua candidatura, passara meses sem ir à livraria Francke. Quando, finalmente, voltou, o volume desaparecera.

As letras hebraicas perderam a nitidez. Gregorius passou a mão no rosto molhado, limpou as lentes e continuou lendo. Alguma coisa lhe restara de Isfahan, a cidade da cegueira: desde sempre lera a Bíblia como um livro poético, como poesia, música, em meio ao azul-marinho e dourado das mesquitas. "Tenho a sensação de que o senhor não leva o texto a sério", dissera Ruth Gautschi, e David Lehmann assentira. Aquilo realmente só acontecera um mês atrás?

Pode haver uma seriedade mais séria do que a seriedade poética? Foi o que retrucara. Ruth olhara para o chão. Ela gostava dele. Não como Florence, a aluna da primeira fila, ela jamais tiraria os seus óculos. Mas gostava dele, e agora estava dividida entre essa inclinação e a decepção, talvez até o horror com a dessacralização da palavra de Deus por lê-la como um longo poema e escutá-la como uma sequência de sonatas orientais.

O sol desaparecera da sala do senhor Cortês e Gregorius sentiu frio. O abandono daquele cômodo fizera tudo parecer totalmente fora do espaço durante algumas horas, ele estivera sentado em meio àquele vácuo em que havia apenas as letras hebraicas, runas de um sonho tímido. Levantou-se e foi até o corredor, subindo os degraus até as salas de aula.

Estas estavam mergulhadas em poeira e silêncio. Diferenciavam-se apenas pelos sinais de deterioração. Numa delas havia manchas enormes de umidade no teto. Na outra, a pia estava torta porque um parafuso enferrujado se partira, na terceira havia uma luminária de vidro em cacos no chão, a lâmpada pendia do teto num fio. Gregorius acionou o interruptor: nada, nem aqui, nem nas outras salas. Num dos cantos havia uma bola de futebol vazia, os cacos de uma vidraça quebrada brilhavam ao sol do meio-dia. "Com tudo aquilo, esqueceu-se de jogar bola", dissera Mélanie sobre o irmão, que pulara duas classes naquele prédio porque aos 4 anos de idade já

começara a ler bibliotecas inteiras.

Gregorius sentou-se no mesmo lugar em que se sentara como aluno do ginásio de Berna. Dali dava para ver a escola das meninas, mas a metade do prédio estava escondida atrás do grosso tronco de um pinheiro enorme. Amadeu de Prado certamente teria escolhido outro lugar, um lugar a partir do qual ele poderia ver toda a fachada de janelas. Para que pudesse avistar Maria João em sua mesa, onde quer que ela estivesse sentada. Gregorius sentou-se no lugar com a melhor vista e olhou para fora. Sim, Amadeu conseguira vê-la em seu vestido claro que recendia a sabão. Tinham trocado olhares, e quando ela fazia uma prova, ele desejava poder guiar a sua mão. Teria ele usado um binóculo? Na casa nobre de um juiz do Supremo Tribunal deveria ter existido binóculo. Alexandre Horácio certamente nunca o teria utilizado no camarote da Ópera. Mas talvez a sua mulher, Maria Piedade Reis de Prado? Alguma vez durante os seis anos que ela ainda viveu depois da morte do marido? Sua morte teria sido uma libertação para ela? Ou teria congelado o tempo, congelando também os sentimentos, formações de lava da alma, como acontecera com Adriana?

As salas ficavam em longos corredores que lembravam uma caserna. Gregorius percorreu uma após a outra. Uma vez, tropeçou num rato morto. Depois disso, parou, trêmulo, limpando as mãos no sobretudo, apesar de nem ter tocado no animal. De volta ao andar térreo, abriu uma porta alta, sem adornos. Era o antigo refeitório dos alunos, havia uma passagem para a antiga cozinha revestida de azulejos, da qual apenas haviam sobrado os canos enferrujados na parede. Tinham deixado as longas mesas. Teria existido um auditório?

Ele o encontrou do outro lado do prédio. Bancos presos no chão, uma janela colorida com dois buracos, na frente uma mesa com lâmpada sobre um estrado. Um banco separado, provavelmente para a direção escolar. O silêncio de uma igreja, não, simplesmente o silêncio que importava, um silêncio que não poderia acabar com qualquer palavra. Um silêncio que transformava palavras em esculturas, monumentos do elogio, da advertência ou da sentença destruidora.

Gregorius voltou à sala do reitor. Indeciso, segurou a bíblia hebraica na mão. Levou-a debaixo do braço e já estava a caminho da saída, quando voltou. Revestiu a gaveta úmida com o seu pulôver e recolocou o livro dentro dela. Em seguida, pôs-se a caminho para o encontro com o padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, que morava num lar da igreja do outro lado da cidade, em Belém.

18

— Santo Agostinho e a mentira foi apenas uma entre mil questões sobre as quais discutimos — disse padre Bartolomeu. — Discutimos muito, sem jamais termos entrado em conflito. Pois, veja, ele era um exaltado, um rebelde, um jovem de inteligência mercurial e um talentoso orador que passou por este liceu em seis anos como um furacão, uma verdadeira lenda.

O padre estava segurando o livro de Prado e passou as costas da mão sobre o seu retrato. Poderia estar querendo apenas alisar o livro ou fazer um carinho. Gregorius lembrou como Adriana acariciara a mesa de trabalho de Amadeu com as costas da mão.

— Aqui ele está mais velho — disse o padre. — Mas é ele. Exatamente como era.

Pousou o livro na manta que tinha sobre as pernas.

— Quando eu era seu professor tinha 20 e poucos anos e foi um desafio incrível ter que enfrentá-lo. Os professores se dividiam entre aqueles que queriam mandá-lo para o inferno e os que o amavam. Sim, eis a expressão certa: alguns de nós ficaram apaixonados por ele, pelo seu temperamento excessivo, pela sua generosidade transbordante e pela sua tenaz obstinação, pelo seu destemor e seu entusiasmo fanático. Era um intrépido, um aventureiro que podíamos imaginar perfeitamente em um de nossos navios históricos, cantando, pregando, firmemente determinado em proteger os habitantes dos continentes distantes contra qualquer abuso humilhante por parte da tripulação, se necessário com a espada. Estava pronto a desafiar qualquer um, mesmo o demônio, mesmo Deus. Não, não se tratava de megalomania, como diziam seus adversários, era apenas uma vida que florescia e uma explosão vulcânica, estrondosa, de forças que despertavam, uma chuva de ideias brilhantes como centelhas. Sem dúvida, era um jovem orgulhoso. Mas era um orgulho tão indomável, tão desmedido, que nos deixava atônitos, olhando sem reação para aquele milagre da natureza que tinha suas próprias leis. Aqueles que o amavam o viam como um diamante bruto, uma pedra preciosa ainda não lapidada.

Os que o rechaçavam se exasperavam com a sua falta de respeito que podia ferir e com aquela espécie de presunção muda, porém indisfarçável, própria de todos aqueles que são mais rápidos, mais claros e brilhantes do que os outros e que têm consciência disso.Viam nele o dândi aristocrático, favorecido pelo destino, abarrotado não só de dinheiro mas também de talentos, de beleza e encanto, ainda por cima aquela melancolia irresistível que fazia dele o favorito das mulheres. Era injusto que alguém pudesse ter tantas vantagens mais do que os outros, e isso o tornava um ímã para a inveja e o despeito. Mas mesmo os que sentiam isso nutriam uma admiração secreta por ele, pois ninguém podia negar: era um jovem capaz de tocar o céu.

As recordações haviam transportado o padre para muito longe daquele quarto em que estavam sentados, um quarto que, embora espaçoso e cheio de livros, em comparação com o quarto modesto de João Eça em Cacilhas, não deixava de ser um quarto de um idoso, com equipamentos médicos e uma campainha por cima da cama. Desde o primeiro momento, Gregorius simpatizou com ele, aquele homem alto e magro, de cabelos brancos e olhos fundos e inteligentes. Se tinha sido professor de Prado, já devia ter bem mais de 90 anos, mas não havia nele nada de senil, não lhe faltava aquela inteligência vivaz com que, setenta anos atrás, enfrentara os desafios impetuosos de Amadeu. Tinha mãos magras com dedos longos e delicados, feitos para virar as páginas de livros velhos e preciosos. Com esses dedos ele folheava agora o livro de Prado. Mas não estava lendo, tocar no papel era antes como um ritual para resgatar o passado distante.

— Ele já tinha lido tanta coisa quando, aos 10 anos, transpôs a soleira do liceu no seu pequeno paletó feito sob medida! Alguns entre nós se flagraram secretamente examinando se podiam competir com ele. Depois da aula, ele ficava na biblioteca com a sua memória prodigiosa, e com o seu olhar incrivelmente concentrado, que nem o maior estrondo conseguiria interromper, os seus olhos escuros iam sugando todos aqueles grossos volumes, linha por linha, página por página. "Quando Amadeu lê um livro", disse um outro professor, "não há mais letras depois. Ele não devora apenas o sentido, mas até a tinta."

"Era assim mesmo: os textos pareciam desaparecer dentro dele e o que depois havia nas estantes não passava de invólucros vazios. A paisagem do seu espírito atrás daquela testa vergonhosamente alta se expandia numa velocidade incomum, a cada semana havia nela novas formações, formações surpreendentes feitas de ideias, associações e fantásticas ideias linguísticas que nos deixavam boquiabertos. Às vezes ele ficava escondido na biblioteca e continuava noite adentro lendo com ajuda de uma lanterna. A primeira vez que isso aconteceu, sua mãe entrou em pânico quando

ele não voltou para casa. Mas pouco a pouco foi-se acostumando com um certo orgulho ao fato de o seu filho tender a violar todas as regras.

"Muitos professores tremiam quando o olhar concentrado de Amadeu recaía sobre eles. Não que fosse um olhar frio, desafiador ou mesmo hostil. Mas ele só permitia a quem explicava uma única chance de acertar. Se o outro cometesse um erro ou deixasse transparecer insegurança, não havia desprezo ou decepção no seu olhar, ele simplesmente se desligava, voltava a cabeça para o lado, tentava que não percebêssemos, era educado e gentil na saída. Mas era exatamente este desejo perceptível de não ofender que era tão destruidor. Aconteceu comigo e outros confirmaram: aquele olhar inabalável nos acompanhava até quando preparávamos as aulas. Havia professores para quem ele tinha o olhar do examinador que nos transporta de volta para os bancos escolares e outros que o conseguiam encarar com o espírito de um atleta que enfrenta um adversário poderoso. Não conheci ninguém que não tenha sentido o mesmo: que Amadeu Inácio de Almeida Prado, o filho precoce e hiperatento do famoso juiz, estava sempre presente na sala de estudos quando preparávamos alguma matéria difícil, algo em que um professor também pudesse cometer erros.

"No entanto, ele não era apenas exigente. Aliás, não era constante, havia nele quebras, fendas e fraturas, e por vezes tínhamos a sensação de não o conhecermos. Quando ele se apercebia do que provocava com o seu jeito transbordante, porém arrogante, caía das nuvens, ficava perplexo e fazia de tudo para remediar a situação. E havia ainda aquele outro Amadeu, o colega bom e prestativo. Podia passar noites inteiras com os colegas para ajudá-los a se preparar para um exame, revelando uma modéstia e uma paciência angelical que envergonhava todos aqueles que antes tinham falado mal dele.

"Os acessos de melancolia faziam parte desse outro Amadeu. Quando o afligiam, era como se temporariamente um outro temperamento tivesse tomado conta dele. Ficava assustado, o menor ruído o fazia estremecer como se tivesse sido chicoteado. Nesses momentos ele parecia a própria materialização da dificuldade de viver. E que ninguém se atrevesse a tentar consolá-lo ou animá-lo: ele nos agredia com um sibilar furioso.

"Sabia fazer tanta coisa, aquele rapaz abençoado. Só não sabia se divertir, descontrair-se, deixar-se ir. Nesses momentos, era um estorvo para si próprio com aquela lucidez absoluta e a necessidade apaixonada por organizar e controlar tudo. Nada de álcool, nada de cigarros, esses só vieram mais tarde. Mas litros e litros de chá, ele adorava o brilho vermelho-dourado de um Assam pesado e tinha trazido uma chaleira de prata que, no final, deu ao cozinheiro.

— E havia aquela menina, uma tal de Maria João — interrompeu Gregorius.

— Sim. E Amadeu a amava. Amava-a daquela maneira inimitavelmente casta de que todos sorriam sem conseguir esconder a inveja — inveja de um sentimento que, no fundo, só existe nos contos de fadas. Ele a amava e a venerava. Sim, era isso: ele a *venerava*, algo que habitualmente não se diz das crianças. Mas muita coisa era diferente em se tratando de Amadeu. Não que fosse uma moça particularmente bonita, nenhuma princesa, longe disso. Pelo que sei, tampouco foi uma boa aluna. Ninguém conseguia entender aquilo, muito menos as outras meninas daquela escola do outro lado, que teriam dado tudo para atrair os olhos do príncipe nobre. Talvez a amasse simplesmente porque não tinha se deixado ofuscar por ele, não era dominada por ele como todas as outras. Talvez fosse o que ele precisasse: que alguém o enfrentasse naturalmente e em pé de igualdade, com palavras, olhares e gestos que o redimissem de si mesmo com sua naturalidade e discrição.

"Quando Maria João vinha lá da escola do outro lado e se sentava a seu lado nos degraus, ele parecia se acalmar completamente, livre do fardo de sua lucidez e de sua rapidez mental, da carga de sua espirituosidade ininterrupta, do sofrimento de ter que se ultrapassar e superar continuamente. Sentado a seu lado, ele podia esquecer o toque do sino que chamava para o recomeço das aulas, e ao observá-lo tinha-se a sensação de que ele desejava nunca mais se levantar. Então, Maria colocava a mão no seu ombro e o trazia de volta do paraíso de seu precioso descanso. Era sempre ela que o tocava, nunca vi que ele pousasse sua mão nela. Quando ela se levantava para voltar à sua escola, costumava prender com um elástico o seu cabelo negro brilhante num rabo de cavalo. Ele observava aquilo fascinado, mesmo na centésima vez, deve ter amado muito aquele gesto. Um dia o elástico foi substituído por uma presilha prateada, e pela expressão do seu rosto pude deduzir que se tratava de um presente seu.

Assim como Mélodie, o padre Bartolomeu desconhecia o sobrenome da moça.

— Agora que me pergunta, acho que nós não queríamos saber o seu nome, como se o fato de sabê-lo pudesse perturbar — disse. — Com os santos tampouco perguntamos pelo sobrenome. Ou Diana, ou Electra.

Uma enfermeira em traje de freira entrou no quarto.

— Agora não — disse o padre Bartolomeu quando ela pegou a braçadeira para medir a pressão.

Disse aquilo com uma suave autoridade e, de repente, Gregorius compreendeu por que aquele homem tinha significado uma grande sorte para Prado: possuía precisamente o tipo de autoridade de que ele precisara para se tornar consciente de seus limites, talvez também para se libertar da autoridade severa e inflexível do pai

juiz.

— Mas adoraríamos tomar um chá — disse o padre, apagando com um sorriso a irritação que começou a aparecer no rosto da irmã. — Um Assam bem forte, para que o vermelho-dourado brilhe.

O padre fechou os olhos e ficou calado. Não queria abandonar aquele tempo distante em que Amadeu de Prado dera uma presilha para Maria João. Aliás, achou Gregorius, o que ele, na verdade, gostaria mesmo era de ficar com o seu aluno predileto, com quem discutira sobre Santo Agostinho e milhares de outras coisas. O rapaz que tinha conseguido tocar o céu. O rapaz em cujos ombros teria gostado de pousar a mão, como Maria João.

— Maria e Jorge eram os seus santos protetores — prosseguiu o padre, agora de olhos fechados. — Jorge O'Kelly. Nele, que depois viria a ser farmacêutico, Amadeu encontrou um amigo. E não me espantaria nada se ele tivesse continuado sendo o seu único verdadeiro amigo, sem considerar Maria. Em muitas coisas ele era o seu exato oposto, e por vezes cheguei a pensar: ele precisa de Jorge para se tornar *inteiramente* ele próprio. Com seu cabeção de camponês, o cabelo eternamente despenteado e seu jeito pesado e desajeitado, ele parecia limitado. Nos dias de portas abertas cheguei a ver pais de jovens de boas famílias se virando surpresos quando ele passava por eles em suas roupas pobres. Não tinha nada de elegante em suas camisas amarrotadas, o casaco deformado e a gravata preta sempre igual que ele usava torta em protesto contra a obrigatoriedade do seu uso.

"Certa vez, Amadeu e Jorge vieram ao nosso encontro no corredor, eu estava com um colega, e este disse depois: 'Se eu tivesse de definir para uma enciclopédia o conceito de elegância e o seu exato oposto, bastaria apresentar as fotografias daqueles dois meninos. Isso tornaria supérfluo qualquer outro comentário.'

"Jorge era alguém com quem Amadeu podia descansar e recompor-se do seu ritmo vertiginoso. Quando estava com ele, decorrido algum tempo, também ficava mais lento, a ponderação de Jorge o contagiava. Como, por exemplo, no xadrez. Inicialmente, ficava doido quando Jorge ficava uma eternidade pensando em um lance, pois era impensável para a sua visão do mundo, para a sua metafísica mercurial, que alguém precisasse de tanto tempo para, no final, vencer de qualquer maneira. Mas depois começou a respirar aquela tranquilidade do amigo, a tranquilidade de alguém que, desde sempre, sabia quem era e a quem pertencia. Parece absurdo, mas acho que chegaram a um ponto em que Amadeu *precisava* das periódicas derrotas que Jorge lhe infligia. Ficava infeliz quando excepcionalmente ganhava; deve ter sido, para ele, como se o rochedo em que se agarrava ruísse de repente.

"Jorge sabia bem quando seus antepassados irlandeses haviam chegado a Portugal, sentia-se orgulhoso do seu sangue irlandês e dominava bem o inglês, embora a sua boca não parecesse ter sido feita para as palavras inglesas. Efetivamente, ninguém teria se surpreendido se o encontrasse num sítio irlandês ou num *pub* campestre; e quando imaginávamos isso, de repente parecia ser Samuel Beckett.

"Já naquela época era um ateu incorrigível, não me pergunte como é que nós sabíamos, o certo é que sabíamos. Questionado sobre isso, ele citava, impávido, o lema da sua família: *Turris fortis mihi Deus,* Deus é minha torre forte. Lia os anarquistas russos, andaluzes e catalães e chegou a pensar em atravessar a fronteira para lutar contra Franco. O fato de, depois, ter-se tornado um militante da resistência não me surpreendeu. Sempre fora um romântico sem ilusões, se é que isso existe, e tem que existir. Esse romântico tinha dois sonhos: tornar-se farmacêutico e tocar num Steinway. Realizou o primeiro sonho, ainda hoje pode ser encontrado em seu jaleco branco atrás do balcão da farmácia da rua dos Sapateiros. Quanto ao segundo sonho, todos riam, ele mais do que os outros. Pois suas mãos rudes com as largas polpas dos dedos e as unhas estriadas combinavam mais com o contrabaixo da escola que chegou a experimentar durante algum tempo, até que, num acesso de desespero pela sua falta de talento, passou o arco com tanta força nas cordas que acabou quebrando-o.

O padre tomou o seu chá e Gregorius notou, decepcionado, que ele passou cada vez mais a sorver em vez de beber. De repente, virara mesmo um ancião a quem os lábios já não obedeciam completamente. Seu ânimo também mudara: agora, havia tristeza e nostalgia em sua voz quando falou do vazio que Prado deixara quando saiu do liceu.

— Evidentemente, todos sabíamos que, no outono, quando o calor abrandasse e a luz se transformasse numa sombra dourada, já não o encontraríamos mais nos corredores. Mas ninguém falou daquilo. Na despedida, apertou as mãos de todos nós, não se esqueceu de ninguém, agradeceu com palavras calorosas e nobres, ainda me lembro que, por um momento, pensei: como um presidente.

O padre hesitou, mas acabou dizendo:

— Talvez pudessem ter sido um pouco menos perfeitas, aquelas palavras de despedida. Um pouco mais hesitantes, desajeitadas, indecisas. Mais como pedra bruta. Menos como mármore polido.

E ele deveria ter-se despedido do padre Bartolomeu de maneira diferente do que fez com os outros, pensou Gregorius. Com outras palavras, mais pessoais, talvez mesmo com um abraço. Fora doloroso para o padre ter-se sentido tratado como um

entre outros. Aquilo ainda lhe doía agora, setenta anos mais tarde.

— Nos primeiros dias depois do início do novo ano escolar, eu ficava perambulando pelos corredores como que anestesiado. Anestesiado pela sua ausência. Ficava repetindo para mim mesmo: não podes esperar ver surgir o elmo dos seus cabelos, não podes esperar que seu vulto orgulhoso dobre a esquina e possas observar como ele explica algo a alguém, movendo as mãos daquela sua maneira inconfundivelmente expressiva. E estou certo de que outros sentiram a mesma coisa, mesmo que não tivéssemos falado sobre aquilo. Uma só vez escutei alguém falando: "Tudo está tão diferente." Não havia dúvida de que se referia à falta que Amadeu fazia. À falta de sua voz suave de barítono nos corredores. Não era só que não o víssemos mais, que não o encontrássemos mais. *Via-se a sua ausência*, ela era palpável. Sua falta era como o vazio nítido em uma fotografia da qual alguém recortou um vulto com a tesoura, e assim aquela pessoa que falta se torna mais importante e intensa do que todas as outras presenças. Era assim que sentíamos falta de Amadeu: pela sua precisa ausência.

"Passaram-se anos até eu voltar a encontrá-lo. Ele já estava estudando em Coimbra e eu só ouvia falar dele de vez em quando através de um amigo assistente de um professor de medicina nas aulas e nos cursos de anatomia. Lá também Amadeu logo se tornou uma lenda viva — não tão brilhante, pois professores renomados e laureados, especialistas em sua área, se sentiam postos à prova por ele. Não que ele soubesse mais do que eles. Mas era insaciável em sua necessidade de explicações e parece que ocorreram cenas dramáticas no anfiteatro quando ele, com sua argúcia cartesiana inflexível, questionava as explicações que eram dadas.

"Uma vez parece que chegou a ironizar um professor particularmente vaidoso, comparando a sua explicação com a resposta ridícula de um médico em uma peça de Molière que explicava o poder soporífero de um medicamento com a sua *virtus dormitiva*. Ele podia ser implacável quando se confrontava com vaidades. Sem piedade, cruel. "A vaidade é uma forma ignorada de estupidez", costumava dizer, "é preciso esquecer a insignificância cósmica de todos os nossos atos para podermos ser vaidosos, e isso é uma forma flagrante de estupidez."

"Quando ele estava com esse tipo de ânimo, era melhor não tê-lo como adversário. Em Coimbra, logo descobriram isso. E descobriram ainda outra coisa: que ele tinha um sexto sentido para as manobras de retaliação dos outros. Quem também possuía esse sentido era Jorge, e Amadeu conseguiu imitá-lo e cultivá-lo. Quando suspeitava que alguém queria comprometê-lo, procurava o lance de xadrez mais remoto que se pudesse imaginar para esse efeito e preparava-se cuidadosamente para o contra-ataque. Assim deve ter acontecido na faculdade de Coimbra. Quando

lhe pediam para ir ao quadro e lhe perguntavam as coisas mais abstrusas, ele recusava o giz que o professor vingativo lhe oferecia, tirava o seu próprio giz do bolso da calça. 'Ah, isso!', devia dizer nessas ocasiões, com expressão de desdém, enchendo o quadro com esboços anatômicos, equações fisiológicas ou fórmulas bioquímicas. 'Preciso mesmo saber isso?', perguntava, quando errava algum cálculo. O sorriso dos outros não era visível, mas podia ser ouvido. Era difícil competir com ele.

Eles tinham passado a última meia hora sentados no escuro. O padre acendeu a luz.

— Fui eu quem o sepultou. Adriana, sua irmã, quis que fosse assim. Ele sofreu um colapso na rua Augusta, que ele amava tanto, por volta das seis da madrugada. Mais uma vez, saíra pela cidade, acossado pela insônia incurável. Uma mulher que saía de casa com seu cachorro chamou uma ambulância. Mas ele já estava morto. O sangue do aneurisma que arrebentou em seu cérebro extinguira para sempre a luz brilhante da sua consciência.

"Hesitei, não sabia o que pensara acerca do pedido de Adriana. 'O funeral é coisa dos outros; o morto não tem nada a ver com isso', ele dissera certa vez. Era mais uma daquelas suas frases cáusticas, pelas quais alguns tanto o temiam. Ainda estaria valendo?

"Adriana, que podia ser um dragão, um dragão que protegia Amadeu, estava desamparada como uma menina perante as coisas que a morte exige de nós. E assim eu resolvi atender o seu pedido. Teria de encontrar palavras que pudessem se afirmar diante de seu espírito silencioso. Ele voltara, depois de décadas em que não espreitava mais por cima do meu ombro quando eu preparava palavras. A chama da sua vida se extinguira, mas tive a impressão de que o rosto alvo, para sempre silenciado, estava exigindo mais de mim do que o rosto antigo, que em sua vivacidade colorida tantas vezes me desafiara.

"Minhas palavras à beira do túmulo não teriam de se afirmar apenas diante do falecido. Eu sabia que O'Kelly estaria lá. Na sua presença, não poderia proferir palavras que tratassem de Deus e daquilo que Jorge costumava chamar de *promessas vazias*. A saída que encontrei foi contar as minhas experiências com Amadeu e das marcas inextinguíveis que ele deixara em todos aqueles que o conheciam, mesmo nos seus inimigos.

"A multidão que acorreu ao cemitério foi inacreditável. Tudo gente de quem tratara, gente simples, a quem jamais mandara a conta. No final, permiti-me uma única palavra religiosa: amém. Proferi-a porque Amadeu amara a palavra e porque Jorge sabia disso. A palavra sagrada ecoou no silêncio dos jazigos. Ninguém se

mexeu. Começou a chover. As pessoas choravam e se abraçavam. Ninguém fez menção de ir embora. As eclusas do céu se abriram e as pessoas ficaram encharcadas. Mas continuaram ali. Pensei: querem parar o tempo com seus pés de chumbo, querem impedir que continue a fluir para que ele não consiga arrancar-lhes o seu médico querido, como cada segundo que passa faz com aquele que o antecede. Finalmente, decorrida talvez uma meia hora de imobilidade, notou-se um movimento da parte dos mais velhos, que mal podiam se aguentar em pé. Mas ainda demorou mais de uma hora até o cemitério se esvaziar.

"Quando, finalmente, eu também quis ir embora, aconteceu algo muito estranho, algo com que mais tarde cheguei a sonhar algumas vezes, algo irreal, como em uma cena de Buñuel. Duas pessoas, um homem e uma jovem de beleza contida, aproximaram-se da sepultura, vindos de extremidades opostas do caminho. O homem era O'Kelly, mas a mulher eu não conhecia. Eu não tinha como saber, mas percebi: os dois se conheciam. Pareceu-me que era um conhecimento íntimo e que essa intimidade estava ligada a uma desgraça, uma tragédia que envolvera também Amadeu. Ambos tinham uma distância semelhante a percorrer até a sepultura, e pareciam sincronizar o ritmo de seus passos para que chegassem ao mesmo tempo. Durante todo o trajeto, seus olhos não se encontraram nem uma única vez. O fato de evitarem se olhar criou entre ambos uma proximidade maior do que qualquer contato de olhares. Não se olharam nem mesmo quando estavam lado a lado diante da sepultura, parecendo respirar em uníssono. O morto parecia pertencer só a eles e eu percebi que devia ir-me embora. Até hoje não sei que segredo unia aquelas duas pessoas e o que ele tem a ver com Amadeu.

Um sino tocou, devia ser o sinal para o jantar. Uma sombra de irritação passou por um instante pelo rosto do padre. Com um movimento impetuoso, afastou a manta das pernas, dirigiu-se até a porta e a trancou a chave. De volta à sua poltrona, estendeu a mão, procurou o interruptor e apagou a luz do abajur. Um carro com louça passou ruidosamente pelo corredor e se afastou. Padre Bartolomeu esperou até o silêncio voltar a se instalar antes de prosseguir.

— Talvez eu saiba, sim, ou intua. Pois, um ano antes de morrer, Amadeu apareceu de repente no meio da noite e bateu à minha porta. Toda a sua autoconfiança parecia tê-lo abandonado. Sua expressão, sua respiração, seus movimentos eram os de um acossado. Fiz um chá e ele sorriu fugazmente quando apareci com o açúcar em cubos que ele adorava quando era aluno. Logo a seguir, aquela expressão torturada voltou para o seu rosto.

"Era evidente que eu não podia pressioná-lo a falar, nem mesmo perguntar. Calei-me e esperei. Ele lutava consigo mesmo, de uma maneira como só ele fazia:

como se a vitória ou a derrota nesse combate fossem decidir sobre vida ou morte. E devia ser assim mesmo. Eu ouvira rumores de que ele trabalhava para a resistência antifascista. Enquanto olhava fixamente para a frente, ofegante, eu observava como envelhecera: as primeiras manchas de idade nas mãos delicadas, a pele cansada sob as olheiras, as mechas grisalhas no cabelo. De repente, dei-me conta, assustado, que ele estava desleixado. Não era o desleixo de um mendigo sujo. Era mais imperceptível, mais suave: a barba mal tratada. Pelos que saíam das orelhas e do nariz, unhas mal cortadas, um brilho amarelado no colarinho branco, sapatos sujos. Como se tivesse passado muitos dias fora de casa. E suas pálpebras tremiam nervosamente, como o resumo de toda uma vida à beira da exaustão.

"— Uma vida contra muitas vidas. Não dá para contabilizar assim, não? — A sua voz era ofegante, e atrás das suas palavras havia tanto indignação quanto o medo de fazer algo de errado, algo de imperdoável.

"— Tu sabes o que penso sobre isso — disse. — Não mudei de opinião desde então.

"— E se fossem *muitos*?

"— Terias de ser *tu* a fazê-lo?

"— Ao contrário, tenho de impedi-lo.

"— Ele sabe demais?

"— Ela. Tornou-se um perigo. Não conseguiria aguentar. Acabaria confessando. É o que os outros pensam.

"— Jorge também? — Foi um tiro no escuro, mas acertou em cheio.

"— Não quero falar sobre isso.

"Decorreram minutos de silêncio. O chá esfriou. Ele estava dilacerado. Amava-a? Ou estaria fazendo aquilo simplesmente porque era um ser humano?

"— Como é que ela se chama? *Os nomes são as sombras invisíveis com que os outros nos vestem, e nós a eles.* Lembras?

"Eram as suas próprias palavras numa das muitas redações com as quais ele nos havia surpreendido.

"Por um momento, a recordação o libertou e ele sorriu.

"— Estefânia Espinhosa. Um nome como um poema, não é verdade?"

"— Como pretendes fazer?"

"— Atravessar a fronteira. Ir para as montanhas. Não me pergunte para onde.

"Ele desapareceu pelo portão do quintal. Foi a última vez que o vi com vida.

"Depois da cena no cemitério pensei muitas vezes naquela nossa conversa noturna. A mulher teria sido a tal Estefânia Espinhosa? Teria vindo da Espanha, onde a notícia da morte de Amadeu a surpreendera? E, quando se aproximou de

O'Kelly, teria se aproximado do homem que a quisera sacrificar? Teriam ficado ambos imóveis e com o olhar fixo diante da sepultura do homem que sacrificou a amizade de uma vida inteira para salvar a mulher com o nome poético?

O padre Bartolomeu acendeu a luz. Gregorius se levantou.

— Espere — pediu o sacerdote. — Agora que lhe contei todas essas coisas deve também ler isso.

Pegou uma pasta velhíssima na estante, atada com fitas desbotadas.

— O senhor é um filólogo clássico. Pode ler isso. É a cópia do discurso que Amadeu proferiu na formatura, redigida especialmente para mim. Grandioso. Incrível. O senhor viu o púlpito no salão nobre. Foi precisamente ali que ele discursou.

"Estávamos todos preparados para alguma coisa fantástica, mas não aquilo. Já na primeira frase instalou-se um silêncio em que ninguém ousava respirar. O silêncio foi-se adensando e se tornando mais completo. As frases saídas da pena de um jovem iconoclasta de 17 anos que falava como se já tivesse vivido uma vida inteira eram como chicotadas. Comecei a me perguntar o que iria acontecer quando a última palavra se dissipasse. Tive medo. Medo por aquele aventureiro hipersensível, cuja vulnerabilidade era tão grande quanto a sua eloquência. Medo também por nós, que talvez não estivéssemos à altura da situação. Os professores estavam tensos em suas cadeiras. Alguns haviam cerrado os olhos e pareciam estar ocupados em erigir por dentro barreiras contra aquela salva de blasfêmias, um baluarte contra o sacrilégio que ninguém teria podido imaginar ouvir naquele espaço. Eles ainda iriam falar com ele depois? Conseguiriam resistir à tentação de se defender com um desdém que o reduziria automaticamente a uma criança?

"A última frase, como poderá ler, continha uma ameaça, comovente, mas também assustadora, pois evocava a presença de um vulcão capaz de cuspir fogo e, se isso não acontecesse, talvez sucumbisse em sua própria brasa. Amadeu não proferiu essa frase com voz alta e os punhos cerrados, mas com voz baixa, quase suave, e até hoje não sei se o fez de propósito, para aumentar a intensidade dramática, ou se, de repente, depois de toda a firmeza com que lançara aquelas frases ousadas e irreverentes no silêncio, a coragem o abandonou repentinamente e ele se sentiu compelido, com aquela suavidade na voz, a pedir antecipadamente perdão — certamente não o planejara assim, mas talvez o desejo o tivesse impelido por dentro, já que para o lado exterior, para fora, a sua lucidez era enorme, mas para dentro, ainda não.

"A última palavra ecoou. Ninguém se mexeu. Amadeu juntou as folhas, lentamente, o olhar baixo. Até que não havia mais nada para juntar. Não havia mais

nada para ele fazer lá na frente, absolutamente nada. Mas não se pode abandonar o púlpito depois de uma fala daquelas sem que o público tome posição, seja ela qual for. Seria uma derrota da pior espécie, como se nada tivesse sido dito.

"Tive ímpetos de me levantar e aplaudir, nem que fosse só pelo brilhantismo daquele discurso desmedido. Mas senti que não podia aplaudir uma blasfêmia, por mais elaborada que fosse. Ninguém podia fazê-lo, muito menos um padre, um homem de Deus. Assim, permaneci sentado. Passaram-se segundos. Não podia passar muito mais tempo, sob pena de tudo aquilo se tornar uma catástrofe, para ele e para nós. Amadeu ergueu a cabeça e endireitou as costas. Seu olhar se desviou até os vidros coloridos e se deteve ali. Não foi intencional, nenhum truque dramático, tenho certeza. Foi totalmente involuntário e ilustrou, como verá, a sua fala. Mostrou-nos que ele era o seu discurso.

"Talvez aquilo tivesse bastado para quebrar o gelo. Mas então aconteceu algo que a todos naquele salão pareceu como uma prova irônica de Deus: do lado de fora, um cachorro começou a latir. Foi um latido curto e seco, como se estivesse nos acusando pelo nosso silêncio mesquinho, depois se transformou num uivar e latir contínuo, dedicado à miséria de todo aquele tema.

"Jorge O'Kelly explodiu numa gargalhada e, depois de um segundo, todos os outros o acompanharam. Creio que Amadeu ficou consternado por um átimo, pois o humor era a última reação com a qual contava. Mas como fora Jorge que começara tudo, devia estar certo. O sorriso que apareceu em seu rosto foi um pouco forçado, mas se manteve, e enquanto outros cachorros fizeram coro ao lamento, ele desceu do púlpito.

"Só então o Sr. Cortês, nosso reitor, acordou do seu torpor. Levantou-se, caminhou em direção a Amadeu e lhe apertou a mão. Será possível reconhecer num aperto de mão o alívio de quem sabe que será o último? O Sr. Cortês disse algumas palavras a Amadeu, abafadas pelos uivos dos cachorros. Enquanto falava, reencontrou a sua autoconfiança, o que se podia perceber pelos movimentos com que enfiou o texto escandaloso no bolso da casaca. Notava-se que não tentava esconder algo, meio envergonhado, era um movimento de quem guarda algo precioso em um lugar seguro. Por fim, inclinou a cabeça, encarou o reitor e se dirigiu até a parte, onde Jorge o esperava. O'Kelly pousou o braço no seu ombro e empurrou-o para fora.

"Mais tarde, vi os dois no parque. Jorge falava e gesticulava. Amadeu escutava. Os dois lembravam um treinador que reconstitui com seu protegido um combate havido. Depois apareceu Maria João. Jorge apoiou as duas mãos nos ombros de Amadeu e empurrou-o rindo na direção da moça.

"Entre os professores, o discurso mal foi comentado. Não quero dizer que tenha sido silenciado. Era mais que não encontrávamos palavras ou o tom para trocarmos impressões. Com certeza também houve quem tivesse ficado contente com o calor insuportável que fez naqueles dias. Assim não precisamos dizer 'Impossível!', ou 'Talvez ele tenha um pouco de razão.' Em vez disso, podíamos dizer: 'Que calor horrível!'

19

Como era possível, pensou Gregorius, que ele estivesse ali, atravessando uma Lisboa noturna num bonde centenário tendo, ao mesmo tempo, a sensação de que, agora, com um atraso de 38 anos, estivesse partindo para Isfahan? Já de volta da visita ao padre Bartolomeu, ele saltara no meio do percurso e fora finalmente buscar na livraria os dramas de Ésquilo e os poemas de Horácio que encomendara. A caminho do hotel, alguma coisa o incomodara e o seu passo se tornara cada vez mais lento e hesitante. Parara durante alguns minutos no vapor de uma barraquinha de frango assado e resistira ao cheiro repugnante da gordura queimada. Naquele momento, pareceu-lhe extraordinariamente importante ficar parado ali, naquele preciso momento, para tentar desvendar o que estava emergindo à superfície dentro dele. Alguma vez antes ele se concentrara tanto assim em tentar descobrir alguma coisa dentro dele?

"Para fora, a lucidez era enorme, mas para dentro, ainda não." Aquilo que o padre Bartolomeu dissera acerca de Prado lhe soara perfeitamente natural. Como se qualquer adulto tivesse um conhecimento direto e espontâneo sobre a lucidez interior e exterior. *Português*. Gregorius viu novamente diante de si a portuguesa na ponte de Kirchenfeld, como ela se apoiara com os braços esticados no parapeito e como os seus calcanhares tinham deslizado para fora dos sapatos. "Estefânia Espinhosa, um nome como um poema", dissera Prado. "Atravessar a fronteira. Ir para as montanhas. Não me pergunte para onde." E então, de repente, sem entender como aquilo veio, Gregorius soube o que sentia dentro de si, sem reconhecer de imediato: ele não queria ler o discurso de Prado no quarto do hotel, mas lá fora, no liceu abandonado, no mesmo lugar onde fora proferido. Lá, onde a Bíblia hebraica repousava na gaveta sobre o seu pulôver. No lugar onde havia ratos e morcegos.

Por que aquele desejo bizarro, porém inofensivo, lhe parecera assim tão decisivo, como se dele dependesse algo muito fundamental? Como se tivesse consequências de um alcance inusitado se ele agora, em vez de seguir até o hotel, voltasse até o

bonde? Ele entrara em uma loja de ferragens e comprara a lanterna de bolso mais potente que havia à venda. E agora estava novamente num daqueles velhos bondes a caminho do metrô, de onde iria até o liceu.

O prédio escolar estava mergulhado na escuridão do parque e parecia abandonado como nunca um outro edifício parecera abandonado. Quando se pusera a caminho, pouco antes, Gregorius se lembrou do cone de luz do sol que incidira no escritório do Sr. Cortês ao meio-dia. O que tinha agora à sua frente era um prédio silencioso como um navio sepultado no fundo do mar, perdido para os humanos e intangível para o tempo.

Sentou-se numa pedra e pensou naquele aluno que, há muito tempo, invadira o liceu de Berna no meio da noite e, para se vingar, fizera ligações da sala do reitor para o mundo inteiro no valor de vários milhares de francos. Chamava-se Hans Gmür e usava o nome como se fosse um garrote. Gregorius pagara a conta do seu bolso e convencera Kägi a não dar queixa na polícia. Encontrara-se com Gmür na cidade para tentar descobrir por que ele quisera se vingar. Não conseguiu. "Simplesmente vingança, mais nada", repetira o jovem várias vezes. Atrás da sua torta de maçã, o menino parecia esgotado e carcomido por um ressentimento tão velho quanto ele próprio. Quando se despediram, Gregorius ficou muito tempo observando-o se afastar. De certa forma, admirava-o um pouco, ou invejava-o, disse mais tarde a Florence.

— Imagine a cena: o menino sentado no escuro na escrivaninha de Kägi, ligando para Sydney, Belém, Santiago, até mesmo Pequim. Sempre para as embaixadas, onde falam alemão. Não tem nada a dizer, nada mesmo. Só quer ouvir o ruído da ligação e sentir passar aqueles segundos caríssimos. Não deixa de ser grandioso, não acha?

— Logo você diz isso? Um homem que adoraria pagar as contas antes mesmo de estarem impressas? Só para não ficar devendo a ninguém?

— Por isso mesmo — respondera. — Por isso mesmo.

Florence ajeitara os óculos com a armação de design exageradamente moderno como sempre fazia quando ele falava daquela maneira.

Gregorius acendeu a lanterna de bolso e seguiu o feixe de luz em direção à entrada. Na escuridão, o ranger da porta parecia bem mais ruidoso do que durante o dia, mais ruidoso e mais proibitivo. A revoada dos morcegos espantados inundou o prédio. Gregorius esperou até que se acalmassem antes de passar pela porta de batentes que dava para o patamar do piso térreo. Varreu o chão de pedra com o feixe de luz como se fosse uma vassoura, para não pisar num rato morto. Estava gelado dentro daqueles muros arrefecidos, e a primeira coisa que fez foi ir até o

escritório do reitor para buscar o seu pulôver.

Observou a Bíblia hebraica. Pertencera ao padre Bartolomeu. Em 1970, quando o liceu foi fechado por ser considerado uma forja para quadros comunistas, o padre e o sucessor do Sr. Kägi tinham-se encontrado no escritório vazio do reitor, cheios de raiva e de um sentimento de impotência. "Sentimos a necessidade de fazer qualquer coisa, algo de simbólico", relatara o padre. Foi quando ele colocou a sua Bíblia na gaveta da escrivaninha. O reitor olhara para ele e sorrira. "Perfeito. O Senhor vai-se encarregar de lhe mostrar", dissera.

No salão nobre, Gregorius sentou-se no banco reservado à direção escolar, onde o Sr. Cortês acompanhara com expressão empedernida o discurso de Prado. Tirou então a pasta do padre Bartolomeu do saco plástico da livraria, desatou as fitas e retirou o maço de folhas que Amadeu ordenara depois do discurso, ainda no púlpito, envolto num silêncio constrangido e aterrador. Eram as mesmas letras caligráficas escritas em tinta preta que ele já conhecia da carta que Prado mandara para Mélodie de Oxford. Gregorius apontou a lanterna para o papel amarelado e começou a ler.

REVERÊNCIA E AVERSÃO PERANTE A PALAVRA DE DEUS

Não quero viver num mundo sem catedrais. Preciso da sua beleza e da sua transcendência. Preciso delas contra a vulgaridade do mundo. Quero erguer o meu olhar para seus vitrais brilhantes e me deixar cegar pelas cores etéreas. Preciso do seu esplendor. Preciso dele contra a suja uniformidade das fardas. Quero cobrir-me com o frescor seco das igrejas. Preciso do seu silêncio imperioso. Preciso dele contra a gritaria no pátio da caserna e a conversa frívola dos oportunistas. Quero escutar o som oceânico do órgão, essa inundação de sons sobrenaturais. Preciso dele contra a estridência ridícula das marchas. Amo as pessoas que rezam. Preciso da sua imagem. Preciso dela contra o veneno traiçoeiro do supérfluo e da negligência. Quero ler as poderosas palavras da Bíblia. Preciso da força irreal de sua poesia. Preciso dela contra o abandono da linguagem e a ditadura das palavras de ordem. Um mundo sem essas coisas seria um mundo no qual eu não gostaria de viver.

Mas existe ainda um outro mundo no qual eu não quero viver: um mundo em que se demoniza o corpo e o pensamento independente e onde as melhores coisas que podemos experimentar são estigmatizadas e consideradas pecado. O mundo em que nos é exigido amar os tiranos, os opressores e assassinos, mesmo quando seus brutais passos marciais ecoam atordoantes pelas vielas ou quando se esgueiram, silenciosos e felinos, como

sombras covardes pelas ruas e travessas para enterrar, por trás, o aço faiscante no coração de suas vítimas. Entre todas as afrontas que se lançaram do alto dos púlpitos às pessoas, uma das mais absurdas é, sem dúvida, a exigência de perdoar e até de amar essas criaturas. Mesmo se alguém o conseguisse, isso significaria uma falsidade sem igual e um esforço de abnegação desumano que teria que ser pago com a mais completa atrofia. Esse mandamento, esse desvairado e absurdo mandamento do amor para com o inimigo, serve apenas para quebrar as pessoas, para lhes roubar toda a coragem e toda a autoconfiança e para torná-las maleáveis nas mãos dos tiranos, para que não consigam encontrar forças para se levantar contra eles, se necessário, com armas.

Venero a palavra de Deus, pois amo a sua força poética. Abomino a palavra de Deus, pois odeio a sua crueldade. Este amor é um amor difícil, pois tem que distinguir constantemente entre o brilho das palavras e a subjugação verborrágica a uma divindade presumida. Este ódio é um ódio difícil, pois como é que podemos nos permitir odiar palavras que fazem parte da própria melodia da vida nessa parte da Terra? Palavras que para nós foram dadas como fanais, quando começamos a pressentir que a vida visível não pode ser toda a vida? Palavras sem as quais não seríamos aquilo que somos?

Mas não nos esqueçamos: são palavras que exigem de Abraão que sacrifique o seu próprio filho como se fosse um animal. O que fazer com a nossa ira quando lemos isto? Um Deus que acusa Jó de disputar com ele quando nada sabe e nada entende? Quem foi que o criou assim? E por que seria menos injusto quando Deus lança alguém no infortúnio sem motivo do que quando um comum mortal o faz? E Jó não teve todos os motivos para a sua queixa?

A poesia da Palavra divina é tão avassaladora que cala tudo e reduz toda e qualquer contestação a um uivo lastimável. É por isso que não se pode simplesmente pôr a Bíblia de lado, mas ela deve ser jogada fora *assim que estejamos fartos de suas exigências e do jugo que ela nos impõe. Nela, manifesta-se um Deus avesso à vida, sem alegria, um Deus que quer restringir a poderosa dimensão de uma vida humana — o grande círculo que descreve quando está em plena liberdade — a um só e limitado ponto da obediência. Carregados com o fardo da mágoa e o peso do pecado, ressequidos pela subjugação e pela falta de dignidade da confissão, a testa marcada pela cruz de cinza, devemos marchar em direção à sepultura, na esperança mil vezes contestada de uma vida melhor a Seu lado; mas como pode ser melhor ao lado de alguém que antes nos privou de todos os prazeres e de todas as liberdades?*

E, no entanto, as palavras que vêm de Deus e para Ele se dirigem são de uma beleza avassaladora. Como as amei nos tempos de coroinha! Como me embriagaram no brilho das velas do altar! Como pareceu claro, tão claro quanto a luz do sol, que aquelas palavras fossem a medida de todas as coisas! Como parecia incompreensível, para mim, que as pessoas dessem importância também para outras palavras, quando cada uma delas não podia significar mais do que dispersão desprezível e perda da essência! Ainda hoje paro quando escuto um canto gregoriano, e durante um instante irrefletido fico triste que este estado de embriaguez tenha dado lugar irremediavelmente à rebelião. Uma rebelião que se ateou em mim como uma labareda quando, pela primeira vez, escutei estas duas palavras: sacrificium intellectus.

Como podemos ser felizes sem a curiosidade, sem questionamentos, dúvidas e argumentos? Sem o prazer de pensar? As duas palavras que são como um golpe de espada que nos decapita não significam nada menos senão a exigência de vivenciar nossos sentimentos e nossas ações contra o nosso pensar, são um convite para uma dilaceração ampla, a ordem de sacrificar precisamente o núcleo da felicidade: a harmonia interior e a concordância interna de nossa vida. O escravo na galé está acorrentado, mas pode pensar o que quiser. Mas o que Ele, o nosso Deus, exige de nós, é que interiorizemos com nossas próprias mãos a escravidão nas profundezas mais profundas e que, ainda por cima, o façamos voluntariamente e com alegria. Pode haver escárnio maior?

Em sua onipresença, o Senhor é alguém que nos observa dia e noite, que a cada hora, cada minuto, cada segundo registra nossas ações e nossos pensamentos, nunca nos deixa em paz, nunca nos permite um momento sequer em que possamos estar a sós conosco. Mas o que é um ser humano sem segredos? Sem pensamentos e desejos que apenas ele próprio conhece? Os torturadores, os da Inquisição e os atuais, sabem: corte-lhe a possibilidade de se retirar para dentro, nunca apague a luz, nunca o deixe a sós, negue-lhe o sono e o sossego, e ele falará. O fato de a tortura nos roubar a alma significa: ela destrói a solidão com nós mesmos, da qual necessitamos como do ar para respirar. O Senhor, nosso Deus, nunca percebeu que, com sua desenfreada curiosidade e sua repugnante indiscrição, nos rouba uma alma que, ainda por cima, deve ser imortal?

Quem é que realmente quer ser imortal? Quem quer viver por toda a eternidade? Como deve ser tedioso e vazio saber que não tem a menor importância o que acontece hoje, este mês, este ano, pois ainda sucederão infinitos dias, meses, anos. Infinitos no sentido literal da palavra. Alguma coisa ainda contaria*, neste caso? Não precisaríamos*

mais contar com o tempo, não perderíamos mais oportunidades, não teríamos mais que nos apressar. Seria indiferente se fizéssemos alguma coisa hoje ou amanhã, totalmente indiferente. Diante da eternidade, negligências milhões de vezes repetidas se tornariam um nada e não faria mais sentido lamentar alguma coisa, pois sempre haveria tempo para recuperar. Não poderíamos nem mesmo nos entregar à simples fruição do dia, pois essa sensação de bem-estar decorre da consciência do tempo que se esvai, o ocioso é um aventureiro perante a morte, um cruzado contra o ditado da pressa. Onde ainda existe espaço para o prazer em esbanjar tempo quando existe tempo sempre, em todo lugar, para tudo e para todos?

Um sentimento não é idêntico quando se repete. Tinge-se de outras nuances pela percepção do seu retorno. Cansamo-nos dos nossos sentimentos quando se repetem muitas vezes ou duram demais. Na alma imortal surgiria, portanto, um tédio gigantesco e um desespero gritante perante a certeza de que aquilo nunca acabará, nunca. Os sentimentos querem evoluir, e nós com eles. São o que são porque repelem o que já foram e porque fluem em direção a um futuro onde mais uma vez se afastarão de nós. Se esse caudal desaguasse no infinito, milhares de sensações teriam que surgir dentro de nós, que, acostumados a uma dimensão limitada de tempo, nunca conseguiríamos imaginar. De modo que, pura e simplesmente, nem sabemos o que nos é prometido quando ouvimos falar da vida eterna. Como seria sermos nós próprios na eternidade, sem o consolo de podermos, um dia, vir a ser redimidos da obrigação de sermos nós? Não o sabemos, e o fato de nunca o virmos a saber representa uma bênção. Pois de uma coisa podemos estar certos: seria um inferno, esse paraíso da imortalidade.

É a morte que confere ao instante a sua beleza e o seu pavor. Só através da morte é que o tempo se transforma num tempo vivo. Por que é que o Senhor, Deus onisciente, não sabe disso? Por que nos ameaça com uma imortalidade que só poderia significar um vazio insuportável?

Não quero viver num mundo sem catedrais. Preciso do brilho de seus vitrais, de sua calma gelada, de seu silêncio imperioso. Preciso das marés sonoras do órgão e do sagrado ritual das pessoas em oração. Preciso da santidade das palavras, da elevação da grande poesia. Preciso de tudo isso. Mas não menos necessito da liberdade e do combate a toda a crueldade. Pois uma coisa não é nada sem a outra. E que ninguém me obrigue a escolher.

Gregorius leu o texto três vezes seguidas e o seu espanto foi crescendo. Uma eloquência no uso do latim e uma elegância estilística que nada deviam às de Cícero. Um ímpeto no pensar e uma sinceridade no sentir que faziam lembrar Santo Agostinho. Num rapaz de 17 anos. Semelhante virtuosismo em um instrumento, pensou, faria pensar num menino-prodígio.

Quanto à frase final, o padre Bartolomeu tinha razão: aquela ameaça era comovente. Pois quem poderia se sentir atingido? Ele sempre optaria pelo combate à crueldade, aquele rapaz. Em nome disso, sacrificaria as catedrais. O sacerdote ateu construiria suas próprias catedrais para resistir à mediocridade do mundo, nem que essas consistissem apenas em palavras de ouro. O seu combate à crueldade se tornaria apenas mais empedernido.

Será que a ameaça não era tão vazia assim? Teria o jovem Amadeu, no dia em que subiu ao púlpito, antecipado sem querer o que faria 35 anos mais tarde: opor-se aos planos do movimento antifascista e aos do próprio Jorge para salvar Estefânia Espinhosa?

Gregorius desejou poder ouvir a sua voz e sentir a lava torrencial das suas palavras. Tirou do bolso as anotações de Prado e iluminou o retrato com a lanterna. Fora coroinha, uma criança cuja primeira paixão tinham sido as velas no altar e as palavras bíblicas que lhe tinham parecido intangíveis em seu brilho claro. Mas depois tinham se interposto palavras de outros livros, palavras que haviam vicejado dentro dele até ele se transformar num artífice, alguém capaz de pôr todas as palavras estranhas em uma balança dourada e em forjar as suas próprias.

Gregorius abotoou o sobretudo, enfiou as mãos geladas nas mangas e se deitou no banco. Estava exausto. Exausto pelo esforço de ouvir e pela febre de querer compreender. Exausto também pela lucidez voltada para dentro que parecia acompanhar aquele estado febril e lhe parecia, de vez em quando, ser a própria febre. Pela primeira vez, sentiu falta de sua cama no apartamento em Berna onde, lendo, costumava esperar o momento de finalmente pegar no sono. Pensou na ponte de Kirchenfeld antes do dia em que a portuguesa pisou nela e de tê-la modificado para sempre. Lembrou dos livros de latim que deixara para trás na mesa na sala de aula. Apenas dez dias haviam decorrido. Quem o substituíra para dar o *ablativus absolutus?* Quem explicara a estrutura da *Ilíada*? Nas aulas de hebraico, haviam-se debruçado ultimamente sobre a escolha das palavras de Lutero, quando ele decidiu transformar Deus num Deus *zeloso*. Explicara aos alunos a tremenda distância entre o texto alemão e o hebraico, uma distância de tirar o fôlego. Quem continuaria esse diálogo agora?

Gregorius começou a sentir frio. O último metrô já partira havia muito tempo.

Não havia telefone, nem táxi, e levaria horas para voltar até o hotel a pé. Em frente à porta do salão nobre ouvia-se o leve sibilar dos morcegos. De vez em quando uma ratazana chiava. De resto, um silêncio sepulcral.

Tinha sede e ficou feliz por encontrar uma bala no bolso do sobretudo. Quando a meteu na boca viu à sua frente a mão de Natalie Rubin quando ela lhe ofereceu a bala vermelha. Durante um átimo parecera-lhe que ela lhe meteria a bala na boca. Ou apenas imaginara aquilo?

Ela se espreguiçou e riu quando ele lhe perguntou como poderia encontrar Maria João, se ninguém sabia o seu sobrenome. Estavam há vários dias em frente a uma barraquinha de frango assado perto do Cemitério dos Prazeres, ele e Natalie, pois fora lá que Mélodie vira Maria pela última vez. O inverno chegou e começou a nevar. O trem para Genebra pôs-se em movimento na estação de Berna. O cobrador lhe perguntou com expressão severa por que ele havia entrado no trem, ainda por cima na primeira classe. Tiritando de frio, Gregorius procurou o bilhete em todos os bolsos. Quando acordou e se sentou no banco, com os membros rígidos, o dia começou a raiar lá fora.

20

Durante algum tempo, foi o único passageiro no primeiro metrô do dia, e teve a sensação de que aquele compartimento era mais um episódio do mundo mudo e imaginário do liceu no qual estava tentando se adaptar. Depois, entraram portugueses, trabalhadores portugueses que não tinham nada a ver com Amadeu de Prado. Gregorius sentiu-se grato pelos seus rostos casmurros e normais, semelhantes aos rostos das pessoas que de manhã cedo entravam no ônibus na Läggasse, em Berna. Conseguiria ele viver aqui? Viver e trabalhar, o que quer que isso pudesse significar?

O recepcionista do hotel observou-o, preocupado. Perguntou se ele estava bem e se nada tinha acontecido com ele. A seguir, entregou-lhe um envelope de papel grosso, selado com lacre vermelho. Tinha sido entregue na tarde do dia anterior por uma senhora já de idade, que esperara por ele até de noite.

Adriana, pensou Gregorius. De todas as pessoas que conhecera aqui, só mesmo ela usaria um lacre em um envelope. Mas a descrição do porteiro não condizia com ela. Na verdade, ela não viria pessoalmente, uma mulher como ela nunca viria pessoalmente. Devia ter sido a governanta, a mulher de cujas tarefas fazia parte manter o pó longe do quarto de Amadeu no sótão, para que nada fizesse lembrar o decorrer do tempo. Estava tudo bem, asseverou Gregorius mais uma vez, antes de subir para o quarto.

Queria vê-lo! Adriana Soledade de Almeida Prado. Era só o que estava escrito no papel de cartas caro, com a mesma tinta preta que ele já conhecia dos apontamentos de Amadeu, com uma caligrafia que dava a impressão de ser, ao mesmo tempo, desajeitada e altiva. Como se a pessoa que as escrevera tivesse dificuldade em lembrar-se de cada letra para, em seguida, desenhá-la com uma grandeza enferrujada. Esquecera-se ela que ele não dominava o português e que tinham conversado em francês?

Por um momento, Gregorius se assustou com as palavras lacônicas que soavam

como uma ordem para comparecer na casa azul. Mas logo viu à sua frente o rosto pálido e os olhos negros com aquele olhar amargo, viu a mulher caminhando como se estivesse à beira de um precipício pelo quarto do irmão, o irmão cuja morte não podia ter acontecido, e as palavras deixaram de soar autoritárias para lhe parecerem quase um pedido de socorro saído daquela garganta rouca, coberta pela misteriosa gargantilha de veludo negro.

Gregorius observou o leão negro, pelo visto o animal heráldico dos Prado, impresso no cabeçalho, bem no meio. O leão condizia com a austeridade do pai e a sua morte soturna, condizia com a figura vestida de negro de Adriana e condizia também com a audácia implacável do caráter de Amadeu. Mas não tinha nada a ver com Mélodie, a moça de pés leves, irrequieta, fruto de um invulgar descuido à beira do Amazonas. E com a mãe, Maria Piedade Reis? Por que ninguém falava dela?

Gregorius tomou um banho de chuveiro e dormiu até ao meio-dia. Ficou feliz ao se dar conta que conseguiu primeiro pensar em si e deixar Adriana esperar. Teria ele conseguido isso também em Berna?

Mais tarde, a caminho da casa azul, passou pela livraria de Julio Simões e perguntou-lhe onde poderia arranjar uma gramática persa. E qual seria o melhor curso de português, caso se decidisse a aprender a língua.

Simões riu.

— Tudo ao mesmo tempo, português e persa?

A irritação de Gregorius durou apenas um instante. O homem não tinha como saber que, a essa altura de sua vida, não havia diferença entre português e persa e que, de uma certa maneira, eram a mesma língua. Simões ainda quis saber se tinha avançado em suas investigações sobre Prado e se Coutinho tinha conseguido lhe ajudar. Uma hora mais tarde, já eram quase quatro da tarde, Gregorius bateu à porta da casa azul.

A mulher que veio abrir devia ter 50 e poucos anos.

— Sou Clotilde, a criada — disse.

Passou pelos cabelos grisalhos a mão marcada pelo trabalho doméstico de uma vida inteira e examinou a posição correta do coque.

— A senhora está no salão — disse, seguindo à frente.

Como da primeira vez, Gregorius ficou impressionado pela dimensão e pela elegância da sala. Seu olhar recaiu no grande relógio de caixa. Continuava marcando 6h23. Adriana estava sentada num canto da mesa. O mesmo cheiro acre de perfume ou medicamento estava no ar.

— O senhor veio tarde — constatou.

A carta preparara Gregorius para aquele tipo de recepção austera sem quaisquer

saudações introdutórias. Enquanto se sentava à mesa, notou, surpreso, como estava conseguindo lidar bem com o jeito ríspido da velha senhora. E como conseguia perceber todo o seu comportamento como expressão de dor e solidão.

— Agora estou aqui — disse ele.

— Sim. — E, depois de uma longa pausa, novamente: — Sim.

A empregada se aproximara da mesa silenciosamente, sem que Gregorius a tivesse percebido.

— Clotilde — ordenou Adriana. — Liga o aparelho.

Só então Gregorius reparou na caixa. Era um antiquíssimo gravador, um monstro com bobinas do tamanho de pratos. Clotilde fez passar a fita magnética pela fenda no cabeçote e a fixou na bobina vazia. Em seguida, apertou uma tecla e as bobinas começaram a girar. Ela saiu.

Durante algum tempo, só se ouviram chiados. Depois, uma voz de mulher disse:

"Por que não dizem nada?"

Mais do que isso, Gregorius não entendeu, pois o que saiu daquele aparelho foi um emaranhado caótico de vozes em meio a ruídos e estalos decorrentes do manuseio inábil do microfone.

— Amadeu — disse Adriana, quando se ouviu falar uma voz masculina isolada. A sua habitual rouquidão se acentuara ao pronunciar o nome do irmão. Levou a mão ao pescoço e cingiu a gargantilha de veludo negro, como se quisesse apertá-la ainda mais contra a pele.

Gregorius colou o ouvido no alto-falante. A voz era bem diferente do que ele imaginara. O padre Bartolomeu falara de uma suave voz de barítono. A tonalidade correspondia, mas o timbre era áspero, sentia-se que esse homem era capaz de falar com uma rispidez cortante. Mas essa impressão tinha a ver com o fato de as únicas palavras que Gregorius compreendeu terem sido "não quero"?

— Fátima — disse Adriana, quando uma nova voz sobressaiu da algaravia. O tom de desdém com que pronunciou esse nome disse tudo. Fátima fora um elemento perturbador. Não apenas naquela conversa. Em todas as conversas. Não era digna de Amadeu. Apropriara-se indevidamente do irmão querido. Teria sido melhor se nunca tivesse entrado em sua vida.

Fátima tinha uma voz suave e aveludada que denotava como era difícil para ela impor-se. Haveria também em toda aquela suavidade a exigência que a escutassem com especial atenção e consideração? Ou seriam apenas os ruídos que causavam essa impressão? Ninguém a interrompia e, no final, os outros esperaram até suas palavras se esvanecerem.

— Todos sempre são tão atenciosos com ela, tão exageradamente atenciosos —

disse Adriana ainda enquanto Fátima estava falando. — Como se a sua língua presa fosse um terrível golpe do destino que desculpa tudo, todas as baboseiras religiosas, simplesmente tudo.

Gregorius nem prestara atenção na língua presa, tudo submergira nos ruídos de fundo.

A próxima voz era a de Mélodie. Falava a uma velocidade estonteante, pareceu soprar no microfone propositalmente e depois desatou a rir. Enojada, Adriana virou-se para a janela. Quando ouviu a sua própria voz, estendeu a mão e desligou o aparelho.

Durante alguns minutos, o olhar de Adriana ficou preso naquela máquina que trazia o passado para o presente. Era o mesmo olhar que ele já tinha visto no domingo, quando ela contemplava os livros de Amadeu, falando do irmão falecido. Tinha escutado aquela gravação centenas de vezes, talvez milhares de vezes. Conhecia cada palavra, cada crepitar, cada estalido, cada ruído. Era como se continuassem sentados na casa da família, lá do outro lado, onde agora morava Mélodie. Por que, então, deveria falar deles em outro tempo, em vez de no presente, ou num passado recente, como se tudo tivesse ocorrido ontem?

— Não acreditamos quando a mamãe apareceu com isso lá em casa. Ela não sabe lidar com máquinas, nem um pouco. Tem medo delas. Acha que vai estragar tudo. E, no entanto, é ela quem aparece com um gravador, um dos primeiros que surgiram. "Não, não", disse Amadeu, quando mais tarde falamos naquilo. "Não é que ela queira eternizar nossas vozes. Trata-se de outra coisa. Ela quer a nossa atenção." "Ele tem razão. Agora que papai morreu e temos o consultório aqui, a vida deve lhe parecer vazia. Rita anda por aí e só a visita raramente. Embora Fátima venha vê-la todas as semanas, isso pouco a consola. "Ela prefere ver a ti", diz a Amadeu quando retorna. — Mas Amadeu não quer mais. Não o diz, mas eu sei. É covarde quando se trata de mamãe. A única covardia que existe nele, um homem que não teme nenhum outro confronto desagradável.

Adriana voltou a pôr a mão no pescoço. Por um instante, pareceu disposta a revelar o segredo que se escondia por trás da gargantilha de veludo, e Gregorius segurou a respiração. Mas o instante passou e o olhar de Adriana voltou ao presente.

Gregorius pediu então se podia voltar a ouvir o que Amadeu dissera na gravação.

— Não me admira nada — começou Adriana, e a seguir repetiu de memória cada uma das palavras de Amadeu. Era mais do que um recitar, mais do que a reprodução de um texto por um ator num momento de rara inspiração. A proximidade era muito maior. Era simplesmente perfeita. Adriana *era* Amadeu.

Novamente, Gregorius entendeu a expressão *não quero* e mais algo de novo, *ouvir a minha voz de fora*.

Quando a gravação terminou, Adriana começou a traduzir. Que aquilo fosse possível não o surpreendia, disse Prado. Aliás, conhecia o princípio técnico da medicina. "Mas não gosto daquilo que faz com as palavras." Ele não queria ouvir a sua voz vinda de fora, não queria, já se achava suficientemente antipático. E depois o congelamento da palavra falada: as pessoas falam com a convicção libertadora de que a maior parte do que se diz acaba por ser esquecida. Achava horrível ter a ideia de que tudo é guardado, cada palavra dita irrefletidamente, cada disparate. Lembrava-o da indiscrição de Deus.

— Isso ele apenas murmurou — disse Adriana. — Mamãe não gosta dessas coisas e Fátima se sente desamparada.

"A máquina destrói a liberdade do esquecimento", continuou Prado. "Mas não estou te repreendendo, mamãe, até que é divertido. Não deves levar a sério tudo o que o espertinho do teu filho diz."

— Por que diabos te vês obrigado a consolá-la sempre e a retirar tudo o que acabaste de dizer? — indignou-se Adriana. — Quando ela sempre te torturou tanto com seu jeito manso. Por que não podes simplesmente assumir o que pensas? Sempre o fazes, sempre!

Gregorius pediu para ouvir a gravação mais uma vez, por causa da voz. O seu pedido a comoveu. Quando rebobinou a fita, seu rosto tinha a expressão surpresa e de uma menina feliz por que os adultos também dão valor àquilo que lhe parece importante.

Gregorius ouviu várias vezes as palavras de Prado. Pousou na mesa o livro com o retrato e escutou a voz até ela passar a pertencer àquele rosto. Então, olhou para Adriana e se assustou. Ela devia ter ficado olhando para ele durante todo o tempo e, enquanto isso, o seu rosto se abrira, toda a rispidez e a amargura tinham-se dissipado e restara uma expressão com a qual ela lhe dava as boas-vindas ao mundo do seu amor e de sua veneração pelo irmão. "Cuidado com Adriana", ouviu Mariana Eça dizer.

— Venha até aqui — disse Adriana —, quero lhe mostrar onde trabalhamos.

Seus passos, agora, eram mais seguros e rápidos do que há pouco tempo, quando o conduzira pelo andar térreo. Estava se dirigindo ao consultório do irmão, precisavam dela, tinha pressa, *quem tem dores ou medo não pode esperar*, costumava dizer Amadeu. Determinada, introduziu a chave na fechadura, abriu todas as portas e acendeu todas as luzes.

Trinta e um anos atrás, Prado tratara aqui do seu último paciente. No leito

havia uma folha de papel impecavelmente branca. Na estante havia seringas que hoje já não se usam mais. No meio da mesa, um fichário aberto com as fichas dos pacientes, uma das fichas separada. Ao lado, o estetoscópio. No lixo, chumaços de algodão com sangue de décadas atrás. Pendurados na porta, dois jalecos. Nem uma partícula de pó.

Adriana tirou um dos dois jalecos do cabide e vestiu-o.

— O dele fica sempre à esquerda, ele é canhoto — explicou, enquanto se abotoava.

Gregorius começou a temer pelo momento em que ela deixaria de saber se orientar naquele presente-passado, no qual se movia como uma sonâmbula. Mas ainda não era o momento. Com uma expressão relaxada, as faces rosadas com o entusiasmo, abriu o armário dos medicamentos e verificou o estoque.

— Está acabando a morfina — murmurou. — Tenho que ligar para Jorge.

Ela fechou o armário, alisou o papel-toalha na mesa de exames, ajeitou a balança com a ponta do sapato, certificou-se que a pia estava limpa e, depois, ficou parada diante da mesa com o fichário. Sem tocar ou nem mesmo olhar para a ficha separada, começou a falar sobre a paciente.

— Por que foi que procurou aquela abortadeira?! Claro, ela não sabe o quanto sofri. Mas todos sabem que Amadeu nunca recusou ajuda nessas situações e que ele nem liga para a lei quando se trata de abrandar o sofrimento de uma mulher. Mais um filho para Etelvina, isso seria impossível. Amadeu disse que semana que vem vamos ter que decidir se ela precisa ser hospitalizada.

"Sua irmã mais velha fez um aborto e quase morreu", lembrou-se Gregorius das palavras de João Eça. Começou a se sentir incomodado. Ali embaixo, Adriana ainda regredia mais ainda para o passado do que lá em cima, no quarto de Amadeu. Lá em cima ficava um passado que ela só pudera acompanhar de fora. Ao editar o livro, homenageara postumamente esse passado. Mas quando ele se sentava à sua mesa de trabalho, fumando e bebendo café, a caneta-tinteiro antiquada na mão, ela não o conseguia alcançar, e Gregorius tinha certeza de que ela, então, ardera em ciúmes da solidão de seus pensamentos. Aqui, nos cômodos do consultório, tinha sido diferente. Aqui ela pudera ouvir tudo o que ele dizia, falara com ele sobre os pacientes e trabalhara como sua assistente. Aqui ele lhe pertencera por inteiro. Durante muito tempo, aqui fora o centro da sua existência, o lugar do seu presente mais vivaz. E o seu rosto, que, apesar dos traços da velhice — e de certo modo, por trás dessas marcas —, parecia agora jovem e belo, revelava o seu desejo de poder permanecer para sempre naquele presente, de nunca ter que abandonar a eternidade daqueles anos felizes.

O momento de sair daquele transe não estava longe. Os dedos de Adriana examinaram com movimentos inseguros se todos os botões do jaleco estavam fechados. O brilho nos olhos começou a se apagar, a pele flácida do rosto velho caiu, a felicidade dos tempos passados se dissipou.

Gregorius não queria que ela despertasse e voltasse para a fria solidão de sua vida, em que era obrigada a pedir ajuda a Clotilde para colocar a fita no gravador. Pelo menos não agora, seria muito cruel. Assim, arriscou.

— E o tal de Rui Luís Mendes? Amadeu tratou dele aqui?

Foi como se ele tivesse tirado uma seringa da estante e lhe tivesse injetado uma droga que percorreu as suas veias com uma velocidade alucinante. Tremores sacudiram o seu corpo ossudo, como se estivesse com febre, a respiração se tornou ofegante. Gregorius se assustou e amaldiçoou a sua tentativa. Mas depois as convulsões acalmaram, o corpo da velha senhora se endireitou, o olhar trêmulo ficou firme novamente e ela foi até a mesa de exames. Gregorius ficou esperando que ela lhe perguntasse como sabia de Mendes. Mas Adriana já voltara ao passado.

Ela pousou a mão espalmada no papel-toalha.

— Foi aqui. Aqui mesmo. Vejo-o deitado, como se tudo tivesse acontecido há alguns minutos.

Então, ela começou a contar. Os quartos de museu ganharam vida com a força e a paixão de suas palavras; o calor e a desgraça daquele dia longínquo voltaram àquele consultório, em que Amadeu Inácio de Almeida Prado, amante das catedrais e inimigo implacável de toda crueldade, fez algo que o iria perseguir para sempre, algo que mesmo com a lucidez implacável da sua razão nunca conseguira superar e levar a um fim. Algo que ficara pairando como uma sombra pegajosa sobre os últimos anos de sua vida.

— Aconteceu num dia quente e úmido de agosto de 1965, pouco depois de Prado ter completado 45 anos. Em fevereiro, Humberto Delgado, o antigo candidato da oposição de centro-esquerda nas eleições presidenciais de 1958, tinha sido assassinado ao tentar atravessar a fronteira com a Espanha, voltando do exílio argelino. A responsabilidade pelo assassinato foi atribuída às polícias espanhola e portuguesa, mas todos estavam convencidos de que o crime fora obra da "Secreta", a Polícia Internacional de Defesa do Estado, a PIDE, que controlava tudo, desde que a senilidade de Antonio de Oliveira Salazar se tornou manifesta. Folhetos impressos clandestinamente que circulavam em Lisboa atribuíam a responsabilidade pelo ato sangrento a Rui Luís Mendes, um temido oficial da polícia secreta.

"Um desses folhetos foi colocado também na nossa caixa de correio — disse Adriana. — Amadeu olhou para a fotografia de Mendes como se quisesse destruí-la

com o seu olhar. Em seguida, rasgou o papel em pedacinhos e puxou a descarga no banheiro.

Era princípio de tarde e um calor silencioso e abafado cobria a cidade. Prado se deitara para dormir a sesta, que fazia todos os dias e que durava exatamente meia hora. Era o único momento no ciclo completo do dia e da noite em que conseguia adormecer facilmente. Nesses minutos, costumava dormir profundamente, sem sonhar, surdo para qualquer ruído do exterior, e quando alguma coisa o arrancava do sono, demorava algum tempo para se localizar e recuperar a orientação. Adriana guardava esse seu sono como quem guarda um santuário.

Amadeu acabara de adormecer quando Adriana ouviu gritos estridentes dilacerando o silêncio do meio-dia. Correu até a janela. Diante da casa do vizinho havia um homem estirado na calçada. As pessoas à sua volta e que tapavam a vista de Adriana gritavam umas com as outras e gesticulavam muito. Adriana teve a impressão de ver uma das mulheres chutando o corpo prostrado. Finalmente, dois homens fortes conseguiram levantar o homem e levá-lo até a entrada do consultório de Prado. Só então Adriana reconheceu-o, e seu coração parou: era Mendes, o homem da fotografia dos panfletos cuja legenda dizia: "o carniceiro de Lisboa".

— Nesse momento, eu soube exatamente o que aconteceria. Sabia com todos os detalhes, era como se o futuro já tivesse acontecido, como se já estivesse contido no meu próprio espanto e que, agora, apenas se desdobrasse no tempo. Sabia que a hora seguinte iria significar um corte profundo na vida de Amadeu e representar a prova mais difícil que ele jamais teve de superar. Até isso pude ver à minha frente com uma clareza terrível.

Os homens que carregavam Mendes tocaram a campainha sem parar e, para Adriana, foi como se aquele som estridente, que se repetia e cresceu até se tornar insuportável, a violência e a brutalidade da ditadura, que eles até então tinham conseguido — não sem uma ponta de consciência pesada — manter a distância, tivesse finalmente conseguido abrir caminho até o elegante e preservado silêncio de sua casa. Durante dois, três segundos ela pensou mesmo em não reagir, em se fingir de morta. Mas ela sabia que Amadeu nunca a perdoaria. Assim, abriu a porta e o acordou.

— Ele não disse uma palavra, sabia que eu só o acordaria num caso de vida ou morte. "No consultório", disse-lhe, simplesmente. Ainda descalço, ele correu escada abaixo, ainda cambaleante, e precipitou-se até a pia, onde lavou a cara com água fria. Em seguida, dirigiu-se a essa mesa onde estava Mendes.

"Ficou petrificado. Durante dois, três segundos apenas olhou, incrédulo, para o rosto pálido e inanimado, com a testa coberta por pequenas gotas de suor, sem

acreditar no que estava vendo. Virou-se e olhou para mim, à procura de uma confirmação. Acenei com a cabeça. Por um instante, ele cobriu o rosto com as mãos. Depois, seu corpo estremeceu. Com ambas as mãos, arrancou a camisa de Mendes e os botões saltaram. Encostou o ouvido no peito peludo, depois o auscultou com o estetoscópio que eu lhe entregara.

"— *Digitalis!*

"Disse apenas essa única palavra, e na rouquidão de sua voz estava todo o ódio contra o qual lutava, um ódio feito de aço faiscante. Enquanto eu preparava a injeção, ele massageou o coração de Mendes, escutei um ruído surdo quando as costelas quebraram.

"Quando lhe passei a seringa, nossos olhares se cruzaram por uma fração de segundo. Como amei o meu irmão nesse instante! Com a força inaudita de sua vontade férrea, inflexível, ele lutou contra o desejo de simplesmente deixar morrer ali aquele homem responsável por tortura e assassinato e que trazia no seu corpo gordo e suado toda a impiedosa repressão do Estado. Como teria sido fácil aquilo, inacreditavelmente fácil! Alguns segundos de inação teriam bastado. Simplesmente não fazendo nada. Nada!

"De fato, depois de ter desinfetado o lugar no peito de Mendes, Amadeu hesitou e cerrou os olhos. Nunca, em circunstância alguma, nem antes nem depois, pude observar uma pessoa que lutou tanto consigo própria. Então, Amadeu abriu os olhos e espetou a agulha diretamente no coração de Mendes. Parecia uma estocada de morte, e eu fiquei arrepiada de frio. Ele o fez com a segurança absoluta com que sempre manuseava a seringa, dava a sensação de que, para ele, nesses momentos, os corpos humanos eram de vidro. Sem o mínimo tremor, com uma regularidade impressionante, ele injetou a droga no músculo cardíaco de Mendes para pô-lo novamente para funcionar. Quando retirou a agulha, todo o ímpeto tinha desaparecido. Ele colocou um esparadrapo no lugar da injeção e auscultou Mendes novamente com o estetoscópio. Depois, virou-se para mim e fez um sinal. 'Ambulância', disse ele.

"Vieram e levaram Mendes numa maca. Pouco antes da porta ele recobrou os sentidos, abriu os olhos e encontrou o olhar de Amadeu. Fiquei impressionada com a maneira tranquila, quase objetiva, com que meu irmão o olhou. Talvez fosse também pela exaustão, pelo menos estava encostado na porta na posição de alguém que acaba de superar uma grave crise e sabe que agora pode reencontrar a calma necessária.

"Mas aconteceu o contrário. Amadeu não sabia nada das pessoas que antes haviam se aglomerado em volta de Mendes quando este desmaiara, e eu havia me

esquecido delas. Por isso, não estávamos preparados quando, de repente, se ouviram as primeiras vozes histéricas gritando: 'Traidor! Traidor!' Deviam ter visto que Mendes estava vivo na maca dos enfermeiros e agora berravam toda a sua raiva contra aquele que o arrancara da morte merecida e que viram como traidor por ter impedido o justo castigo.

"Tal como antes, quando reconheceu Mendes, Amadeu levou as mãos ao rosto. Mas então o fez lentamente, e se, antes, estava de cabeça erguida, como sempre, deixou-a pender. Nada poderia ter expressado melhor todo o desalento e a tristeza com que antecipava o que iria acontecer do que esse ato de baixar a cabeça.

"Mas nem o desalento nem a tristeza conseguiram turvar o seu espírito. Com um gesto firme, pegou o jaleco do cabide, que não tivera tempo de vestir antes, e o colocou. Só mais tarde compreendi a segurança quase sonâmbula que estava nesse gesto. Sem refletir, sabia que tinha de enfrentar as pessoas como médico e que estas o veriam mais facilmente assim se estivesse com a roupa apropriada.

"Quando saiu para a rua, a gritaria acabou. Durante algum tempo, ficou ali, a cabeça baixa, as mãos nos bolsos do jaleco. Todos esperavam que ele dissesse alguma coisa em defesa própria.

"— Sou médico — disse, e repetiu, quase em tom de exortação: — sou médico.

"Reconheci três, quatro dos nossos pacientes da vizinhança que olhavam para o chão, constrangidos.

"— É um assassino! — exclamou alguém.

"— Carniceiro! — gritou outro.

"Vi os ombros de Amadeu subindo e baixando com a sua respiração pesada.

"— É um ser humano, uma pessoa — disse em alto e bom som, e provavelmente só eu, que conhecia cada nuance de sua voz, percebi o ligeiro tremor em sua voz, quando repetiu: — Pessoa.

"Logo a seguir, um tomate atingiu o jaleco branco. Foi, pelo que eu me lembro, a primeira e única vez que alguém agrediu o meu irmão fisicamente. Não sei o quanto esse ataque contribuiu para o que aconteceu depois com ele, o quanto contribuiu para o profundo abalo que essa cena na porta da casa desencadeou nele. Mas calculo que tenha sido relativamente pouco em comparação com o que aconteceu logo depois: uma mulher se destacou da multidão, aproximou-se e cuspiu na sua cara.

"Se tivesse sido uma única cuspidela, talvez ele pudesse ter visto aquilo como um ato desesperado, uma súbita e incontrolável contração de raiva. Mas a mulher cuspiu várias vezes seguidas, era como se tentasse escarrar a própria alma do corpo, afogando Amadeu na viscosidade do nojo que agora lhe escorria lentamente pela

cara.

"Ele resistiu àquele novo ataque de olhos fechados. Mas, assim como eu, deve ter reconhecido a agressora: era a mulher de um paciente doente de câncer que ele atendera inúmeras vezes em casa e do qual jamais cobrara um único centavo. 'Quanta ingratidão!', pensei. Mas então vi em seus olhos a dor e o desespero que se manifestavam por trás da raiva e compreendi: estava cuspindo nele precisamente porque estava agradecida por tudo o que ele fizera. Ele fora como um herói, um anjo da guarda, um mensageiro divino que a acompanhara através das trevas da doença na qual, se tivesse sido deixada sozinha, teria se perdido. E ele, logo ele, se opusera à justiça, a justiça que exigia que Mendes não continuasse mais a viver. Essa ideia causara uma tal revolta na alma dessa mulher disforme, um pouco limitada, que ela só conseguira reagir com aquele acesso de fúria que, à medida que durava, ganhava uma dimensão quase mítica, um significado que ultrapassava em muito a figura de Amadeu.

"Como se a multidão tivesse percebido que um limite havia sido transgredido, o grupo se dispersou, as pessoas começaram a ir embora, cabisbaixas. Amadeu se virou e veio em minha direção. Eu limpei a maior parte do seu rosto com um lenço. Na pia, pôs o rosto sob o jato d'água e abriu a torneira, tanto quanto foi possível. A água espirrou em todas as direções. O rosto, que secou em seguida, estava lívido. Acho que, naquele momento, teria dado tudo para poder chorar. Ficou ali parado, esperando as lágrimas, mas elas não vinham. Desde a morte de Fátima, quatro anos antes, ele nunca mais chorara. Deu alguns passos desajeitados na minha direção, foi como se estivesse reaprendendo a caminhar. Depois, ficou na minha frente, em seus olhos, todas aquelas lágrimas por chorar, colocou ambas as mãos nos meus ombros e encostou sua testa ainda úmida na minha. Ficamos assim durante três, talvez quatro minutos, e são os minutos mais preciosos da minha vida.

Adriana se calou. Estava vivendo novamente aqueles minutos. Seu rosto ainda tremia, mas suas lágrimas tampouco conseguiam sair. Foi até a pia, deixou escorrer a água para dentro da cavidade das mãos e mergulhou o rosto nelas. Lentamente, passou a toalha nos olhos, nas faces, na boca. E, como se a história exigisse uma posição inalterável da narradora, voltou ao mesmo lugar, antes de prosseguir. Não se esqueceu de recolocar a mão na mesa de exames.

— Amadeu tomou um banho de chuveiro interminável. Depois, sentou-se à sua mesa, pegou uma folha de papel novinha e desatarraxou a caneta-tinteiro.

"Nada aconteceu. Não conseguiu escrever nem uma única palavra.

"O pior foi isso — disse Adriana —, ter que assistir como aquilo tudo o deixara mudo, tão mudo que ameaçava asfixiá-lo."

À pergunta se queria comer alguma coisa, ele anuiu com uma expressão ausente. Depois, foi até o banheiro e limpou as manchas de tomate do jaleco. Sentou-se à mesa ainda com o jaleco, o que jamais acontecera antes, e não parava de passar a mão pelo tecido molhado. Adriana sentiu que aquele gesto, aqueles movimentos quase de carícia, vinham de muito fundo, e pareciam se impor a Amadeu mais do que um gesto programado. Ela teve medo de que ele perdesse a razão ali, diante de seus olhos, e que continuasse sentado ali para sempre, um homem de olhar perdido que tentava limpar a sujeira que as pessoas tinham lançado sobre ele, as mesmas pessoas às quais ele dedicara toda a sua capacidade e toda a sua força vital, dia e noite.

De repente, enquanto mastigava, correu até o banheiro e vomitou numa série interminável de convulsões. Quando tudo aquilo acabou, disse que queria descansar um pouco.

— Eu adoraria tê-lo abraçado naquele momento — disse Adriana —, mas era impossível, foi como se estivesse em chamas e queimasse qualquer pessoa que se aproximasse dele.

Os dois dias seguintes foram quase como se nada tivesse acontecido. Prado estava apenas um pouco mais tenso do que o normal, e a sua amabilidade com os pacientes era etérea, quase irreal. De vez em quando, parava no meio de um movimento e o seu olhar se perdia no vazio, como o de um epilético durante uma ausência. E quando se dirigia para a porta da sala, havia uma hesitação em seus movimentos, como se ele temesse que ali pudesse haver alguém daquela multidão que o acusasse de traição.

No terceiro dia, adoeceu. Adriana o encontrou de madrugada sentado à mesa da cozinha, acometido de calafrios. Parecia ter envelhecido vários anos e não queria ver ninguém. Grato, delegou tudo a ela e mergulhou numa profunda apatia, quase fantasmagórica. Não fez mais a barba e não se vestia. A única pessoa que recebia era Jorge, o farmacêutico. Mas com ele também mal falou, e Jorge conhecia-o suficientemente bem para não insistir. Adriana lhe contara o que acontecera e ele assentira, em silêncio.

— Depois de uma semana, chegou uma carta de Mendes. Amadeu a deixou em cima da mesa de cabeceira, sem abrir. Ali ficou durante dois dias. Nas primeiras horas da madrugada do terceiro dia, colocou-a, ainda fechada, em um envelope, endereçando-a de volta ao remetente. Depois insistiu em levá-la ele próprio ao correio. Eu lembrei que o correio só abria às nove horas, mas ele saiu para a viela deserta com o grande envelope na mão. Observei como se afastava e esperei na janela até ele voltar, horas mais tarde. Estava mais ereto do que quando saíra. Na

cozinha, experimentou um café. Conseguiu tomá-lo. Depois, barbeou-se, vestiu-se e se sentou à sua mesa de trabalho.

Adriana calou-se e o seu rosto se apagou. Olhava perdida para o lugar na mesa de exames onde Amadeu tinha ficado quando espetou a agulha salvadora no coração de Mendes com um movimento que parecia um golpe mortal. O final da história fez com que o tempo também acabasse para ela.

Num primeiro momento, Gregorius também teve a impressão de que o tempo tinha parado e que ele estava conseguindo vislumbrar o sofrimento que Adriana carregava há mais de trinta anos: o sofrimento de viver numa época que acabara há muito.

Ela tirou então a mão da mesa de exames e, sem esse contato, pareceu perder também a ligação com o passado, que era o seu único presente. Primeiro, não sabia o que fazer com as mãos até que, por fim, a colocou no bolso do jaleco branco. O movimento fez com que o jaleco adquirisse uma particularidade especial, como se ele fosse um invólucro mágico para dentro do qual Adriana fugira para sumir do seu presente silencioso e vazio, ressuscitando num passado distante e intenso. Agora que esse passado se extinguira, o jaleco que vestia parecia tão fictício como um traje perdido no vestiário de um teatro abandonado.

Gregorius não aguentou mais a imagem daquela falta de vida. Queria sair correndo, fugir para a cidade, para algum lugar com muitas vozes, risadas e música. Para um daqueles lugares que normalmente ele evitava.

— Amadeu senta-se à mesa — insistiu. — E o que escreve?

O fulgor da sua vida passada voltou ao rosto de Adriana. Mas à alegria de poder continuar falando sobre ele misturou-se outra coisa, algo que Gregorius demorou a reconhecer. Era irritação. Não era uma irritação que se inflama subitamente em uma coisa menor para logo se apagar, mas um despeito profundo, latente, semelhante a uma combustão lenta.

— Eu preferia que nunca tivesse escrito aquilo. Que nem mesmo tivesse pensado aquilo. Era como um veneno insidioso que, a partir daquele dia, começou a pulsar em suas veias. Mudou-o. Destruiu-o. Ele não quis me mostrar. Mas ele ficou tão diferente. Então, fui até a sua gaveta e li enquanto ele dormia. Foi a primeira vez que fiz algo semelhante, e a última também. Porque agora eu também tinha um veneno dentro de mim. O veneno do respeito ferido, da confiança destruída. Depois daquilo, nossa relação nunca mais voltou a ser o que era.

"Se ao menos ele não tivesse sido tão sincero consigo próprio! Tão possuído por aquela luta contra todas as ilusões! Ele que costumava sempre dizer: o ser humano pode suportar a verdade sobre si próprio. Foi como uma confissão religiosa. Um

juramento que o ligava a Jorge. Uma crença inabalável que terminou por corroer até mesmo aquela amizade sagrada, aquela maldita amizade sagrada. Não sei o que aconteceu em detalhes, mas tinha a ver com o ideal fanático do autoconhecimento que aqueles dois sacerdotes da verdade erguiam bem alto já desde os tempos do colégio, como se fosse o estandarte dos cruzados.

Adriana caminhou até a parede, junto à porta, encostando contra ela a testa, as mãos cruzadas atrás das costas, como se alguém a tivesse acorrentado. Era uma luta muda com Amadeu, com Jorge e consigo própria. Ela se debatia com o fato irrevogável de que o drama do salvamento de Mendes, que lhe proporcionara aqueles preciosos momentos de intimidade com o irmão, pouco depois desencadeara um processo que acabara por transformar tudo. Adriana empurrava todo o peso do seu corpo contra a parede; a pressão na testa devia doer. Então, de repente, abriu as mãos nas costas, ergueu-as e começou a bater com os punhos na parede, repetidamente, uma anciã desesperada por fazer regredir a roda do tempo. Foi uma metralhada desesperada de golpes surdos, uma erupção de ira impotente, um debater-se inútil contra a perda de um tempo feliz.

Os golpes tornaram-se mais fracos e mais lentos, a exaltação se esvaiu. Esgotada, Adriana continuou encostada na parede por mais um tempo. Depois, caminhou para trás, sem se voltar, e sentou-se numa cadeira. A sua testa estava coberta por partículas brancas do reboco, de vez em quando um grão se soltava e rolava-lhe rosto abaixo. Seu olhar voltou para a parede, e só então ele viu: no mesmo local onde ela estivera antes havia um retângulo grande, mais claro do que o resto da parede. Os vestígios de um quadro que devia estar pendurado ali antes.

— Durante muito tempo não entendi por que ele tinha tirado o mapa dali — disse Adriana. — Um mapa do cérebro. Ficou ali durante 11 anos, desde que montamos o consultório. Coberto de nomes em latim. Nunca ousei lhe perguntar o motivo, ele explodia quando lhe faziam a pergunta errada. Também nunca soube do aneurisma, ele omitiu aquilo de mim. Com uma bomba-relógio na cabeça, não dá para suportar um mapa como aqueles.

Gregorius ficou surpreso com o que ele mesmo fez em seguida. Foi até a pia, pegou a toalha e, em seguida, aproximou-se de Adriana para limpar sua testa. Primeiro, ela se retraiu numa atitude de defesa, mas em seguida deixou a cabeça cair para cima da toalha, exausta e grata.

— Gostaria de levar o que ele escreveu, então? — perguntou, endireitando-se. — Não quero mais ficar com isso aqui em casa.

Enquanto subia para buscar as folhas a quem dava tanta culpa, Gregorius ficou à janela, olhando para a viela, para o lugar onde Mendes desmaiara. Imaginou-se à

frente da casa diante de uma multidão enfurecida. Uma massa humana da qual se separou uma mulher, cuspindo nele não uma vez, mas várias. Uma mulher que o acusava de traição, a ele, que sempre fora tão exigente em relação a si próprio.

Adriana enfiara as folhas num envelope.

— Muitas vezes pensei em queimá-las — disse, ao lhe entregar o envelope.

Acompanhou-o até a porta em silêncio, ainda com o jaleco branco. Depois, de repente, ele já estava com um pé fora da porta, escutou a voz medrosa da menina que ela nunca deixara de ser:

— Não se esqueça de me trazer as folhas de volta, está bem? Por favor, é que são dele, sabe?

Enquanto se afastava pela viela, Gregorius imaginou-a tirando o jaleco branco e guardando-o ao lado do de Amadeu. Depois, apagaria as luzes e fecharia a porta. Lá em cima, Clotilde estaria à sua espera.

21

Sem fôlego, Gregorius leu o que Prado anotara. Primeiro, apenas sobrevoou as frases, desejoso por descobrir logo por que Adriana considerara aqueles pensamentos como uma maldição que se abatera sobre os anos seguintes. Depois, procurou no dicionário cada uma das palavras. Por fim, copiou o texto para melhor compreender como fora para Prado escrevê-lo.

Será que fiz aquilo por ele*? Será que eu quis que ele continuasse a viver no* seu próprio interesse*? Posso afirmar verdadeiramente que essa foi a minha vontade? Em relação aos meus pacientes, é o que ocorre, mesmo entre aqueles de quem não gosto. Pelo menos é o que espero e não gostaria de ter que pensar que meus atos possam ser comandados atrás das minhas costas por motivos bem diferentes daqueles que julgo conhecer. Mas em relação a* ele*?*

A minha mão parece possuir a sua própria memória, e parece-me que essa memória é mais confiável do que qualquer outra fonte da autoinvestigação. E essa memória da mão, que espetou a agulha no coração de Mendes, me diz que foi a mão do assassino de um tirano que, num gesto paradoxal, buscou de volta para a vida o tirano já morto.

(Aqui também se confirma o que a experiência não para de me ensinar, totalmente contra o temperamento original do meu pensamento: que o corpo é menos corruptível do que o espírito. O espírito não passa de um cenário charmoso para um desfile de autoilusões, tecido por belas palavras apaziguadoras que nos iludem com uma intimidade isenta de engano, uma proximidade do conhecimento que nos livra de sermos surpreendidos por nós próprios. Mas como seria enfadonho viver numa certeza isenta de esforços!)

Portanto, será que, na verdade, o fiz por mim mesmo? Para me aceitar como bom médico e ser humano corajoso, que tem a força de vencer o seu ódio? Para comemorar um

triunfo do autocontrole e poder me embriagar em autossuperação? Por vaidade moral, portanto, e — pior ainda — por uma vaidade bem vulgar? A experiência daqueles segundos não foi a experiência de uma vaidade prazerosa, disso tenho certeza; ao contrário, foi a experiência de agir contra mim mesmo e de não me fazer merecer as sensações naturais de desagravo e de satisfação vingativa. Mas talvez isso não seja uma prova. Talvez exista uma vaidade que não sentimos porque se esconde atrás de sensações contraditórias?

Sou médico — foi o que eu argumentei à multidão indignada. Eu também poderia ter dito: prestei o juramento de Hipócrates, é um juramento sagrado e nunca, por razão nenhuma, vou quebrá-lo, qualquer que seja o motivo. Eu sinto: gosto de dizer isso, são palavras que me entusiasmam, me embriagam. Será assim porque parecem ser palavras de um voto sacerdotal? Terá sido um ato religioso, através do qual lhe devolvi — a ele, o carrasco — a vida que ele já tinha perdido? O ato de alguém que secretamente lamenta não estar mais protegido pelo dogma e pela liturgia? Que continua a sentir a nostalgia do brilho irreal das velas do altar? O contrário, portanto, de um ato esclarecido? Terá havido na minha alma, sem que eu me apercebesse, uma luta breve, porém tenaz e empedernida, entre o antigo aprendiz de sacerdote e o assassino de tiranos que ainda não partiu para a ação? Espetar no seu coração a agulha com o veneno salvador: terá sido um ato em que o sacerdote e o assassino se uniram num mesmo esforço? Um movimento em que ambos receberam o que desejavam?

Se eu estivesse no lugar de Inês Salomão, se eu tivesse cuspido em mim: o que eu poderia ter dito a mim?

"Não foi um assassinato que exigimos de ti", eu poderia ter dito, "nenhum crime, nem no sentido da lei, nem no sentido da moral. Se o tivesses abandonado à morte: nenhum juiz teria podido perseguir-te, ninguém teria podido te levar para diante da tábua de Moisés onde está escrito: Não matarás. Não, o que esperamos foi algo muito simples, singelo, evidente: que não tivesses tentado com todas as forças manter vivo um homem que nos trouxe sofrimento, tortura e morte, mantê-lo apto a prosseguir com o seu ofício sangrento, um homem que a natureza misericordiosa se encarregou de finalmente livrar de nós."

Como teria eu podido me defender?

"Cada indivíduo merece que lhe ajudemos a se manter vivo, não importa o que possa ter feito. Merece como pessoa, merece como ser humano. Não nos compete julgar

sobre a vida e a morte."

E se isso significa a morte de outros? Não atiramos contra aqueles que vemos atirar contra alguém? Você não tentaria impedir Mendes de assassinar, se o flagrasse assassinando, se necessário, assassinando-o? Isso não vai muito além daquilo que você poderia ter feito — simplesmente nada?

Como estaria me sentindo agora se o tivesse deixado morrer? Se os outros, em vez de cuspir em mim, tivessem me festejado pela minha negligência fatal? Se das vielas me tivesse chegado um suspiro de alívio, em vez de uma decepção envenenada pela raiva? Tenho certeza de que aquilo me teria perseguido até nos sonhos. Mas por quê? Porque não consigo ser eu sem algo de peremptório, de absoluto? Ou simplesmente porque deixá-lo morrer, friamente, significaria um distanciamento de mim mesmo? Mas é por um acaso que sou o que sou.

Imagino-me indo até a casa de Inês, tocando a campainha e dizendo:

"Eu não podia ter agido de outra maneira, sou assim. Podia ter sido diferente, mas de fato não aconteceu de outra maneira e agora eu sou como eu sou, por isso não poderia ter agido de outra forma."

"Não importa como você se sente consigo mesmo", ela poderia ter argumentado, "isso é totalmente insignificante. Imagine que Mendes recupera a saúde, veste o seu uniforme e dá as suas ordens assassinas. Imagine isso em detalhes. E julgue você mesmo."

O que eu poderia contra-argumentar? O quê? O QUÊ?

"Quero fazer alguma coisa", dissera Prado a João Eça, "compreende?" Simplesmente fazer. "Me diga o que posso fazer." O que era exatamente que ele queria reparar? "Você não cometeu nada de errado", dissera-lhe Eça, "você é médico." Ele próprio dissera aquilo para a multidão acusadora e reiterara o argumento para si mesmo, centenas de vezes. No entanto, aquilo não conseguira acalmá-lo. Parecera-lhe demasiadamente fácil, demasiadamente escorregadia. Prado era um homem de uma profunda desconfiança em relação a tudo o que fosse superficial, desdenhava e odiava frases feitas como aquela: eu sou médico. Fora até a praia e desejara ventanias geladas que pudessem varrer tudo o que soasse como puro modo de falar, uma maneira enganosa de acomodação que impedia a reflexão ao produzir a ilusão de que o ato de refletir já tivesse acontecido e se concretizado nas palavras ocas.

Ao ver Mendes deitado na sua frente, vira-o como pessoa especial e única cuja vida tinha de salvar. Apenas e só como esse ser humano único. Não conseguira

enxergar aquela vida como algo que temos de contar em função dos outros, como um fator em uma equação mais ampla. E era precisamente daquilo que a mulher o acusava em seu solilóquio: de não ter pensado nas consequências que, no limite, envolviam outras vidas, muitas outras vidas individuais. Que ele não estivera disposto a sacrificar aquele indivíduo em troca de muitos indivíduos.

Ao entrar para o movimento de resistência, pensou Gregorius, deve ter sido também para aprender esse tipo de pensamento. Mas ele fracassara. Uma vida contra muitas outras. Não são contas que se façam, não? Dissera anos mais tarde ao padre Bartolomeu. Tinha ido visitar o seu antigo mentor para buscar aprovação para o seu sentimento. Mas de qualquer forma, não poderia ter reagido de outra forma. Ajudara Estefânia Espinhosa a cruzar a fronteira, longe do alcance daqueles que achavam que deveria sacrificá-la para evitar coisas piores.

A sua força de gravidade interna, que o fazia ser como era, não teria admitido outro tipo de ação. Mas restara uma dúvida, pois não podia se excluir a hipótese da presunção moral, uma suspeita pesada para um homem que, acima de tudo, odiava a vaidade.

Fora essa dúvida que Adriana amaldiçoara. Ela quis ter o irmão só para si e sentiu que não se pode ter alguém que está dividido dentro de si mesmo.

22

— Não acredito! — disse Natalie Rubin ao telefone. — Simplesmente não acredito. Onde o senhor está?

Gregorius disse que estava em Lisboa e que precisava de livros. Livros em alemão.

— Livros — ela riu. — Só podia mesmo ser isso!

Ele enumerou: o maior dicionário alemão-português que existisse, uma gramática portuguesa detalhada, árida como um livro de latim, nada de bobagens que pretensamente facilitassem a aprendizagem, uma História de Portugal.

— E depois algo que talvez nem sequer existe: uma história do movimento português de resistência contra Salazar.

— Parece aventura — disse Natalie.

— E é mesmo — confirmou Gregorius. — De uma certa maneira, é.

— *Faço o que posso* — respondeu ela em português.

Inicialmente, Gregorius não entendeu, mas depois estremeceu. Uma de suas alunas sabia falar português, não podia ser. Aquilo destruía a distância entre Berna e Lisboa. Destruía a magia, toda aquela magia louca de sua viagem. Amaldiçoou o telefonema.

— Alô, o senhor ainda está ouvindo? É que a minha mãe é portuguesa, caso tenha ficado surpreso.

Gregorius disse que ainda precisava de uma gramática de persa moderno e lhe deu o título do livro que, há quarenta anos, custara 13,30 francos. Disse que o comprasse se ainda existisse, caso contrário, que comprasse outro. E disse aquilo como um menino rebelde que não quer que lhe roubem os sonhos.

Pediu o endereço dela e lhe deu o nome do seu hotel, dizendo que ainda naquele dia o dinheiro seguiria pelo correio. Se sobrasse algum — bem, talvez voltasse a precisar de alguma coisa mais tarde.

— O senhor está abrindo uma conta comigo? Gostei da ideia.

Gregorius gostou do seu jeito de falar aquilo. Se ela ao menos não soubesse português...

— O senhor causou uma enorme confusão por aqui — disse ela, quando se instalou um silêncio na linha.

Gregorius não quis saber de nada. Precisava de um muro do desconhecimento entre Berna e Lisboa.

— O que foi que aconteceu? — acabou perguntando.

"Esse aí não volta nunca mais", tinha dito Lucien von Graffenried no meio do silêncio espantado quando Gregorius fechara a porta da sala de aula atrás de si.

"Está doido", disseram outros. "Mundus não vai embora assim, sem mais nem menos, o Mundus, nunca!"

"Vocês não sabem ler os rostos", replicara von Graffenried.

Gregorius nunca teria imaginado que Graffenried fosse capaz de afirmar isso.

— Estivemos na sua casa e tocamos a campainha — disse Natalie. — Eu podia jurar que o senhor estava lá.

A carta para Kägi só chegara na quarta-feira. O diretor passara a terça-feira inteira tentando apurar com a polícia se havia tido algum acidente. As aulas de latim e de grego haviam sido canceladas e os alunos tinham ficado por aí, sem rumo, sentados nos degraus da escadaria. Tudo tinha saído do eixo.

Natalie hesitou.

— Aquela mulher... quero dizer... achamos aquilo intrigante. Desculpe — acrescentou, quando ele não respondeu.

— E na quarta?

— No intervalo, encontramos um comunicado no quadro informando que, até segunda ordem, o senhor não daria mais aulas e que o próprio Kägi se encarregaria das aulas. Uma delegação de alunos foi até a sala de Kägi para pedir informações. Ele estava sentado à mesa de trabalho com a sua carta à frente. Estava diferente, mais modesto, mais ameno, nada de poses de diretor etc. "Não sei se devia fazer isso", disse ele, mas então leu a passagem de Marco Aurélio que o senhor tinha citado. Perguntamos se ele achava que o senhor estava doente. Ele ficou muito tempo calado, olhando pela janela. "Não tenho como saber", acabou dizendo, "mas no fundo acredito que não." Imagino que ele tenha sentido alguma coisa nova, algo quase imperceptível e, no entanto, revolucionário. Imagino que tenha sido como uma explosão muda que modificou tudo. Contamos a cena da mulher. "Sim", disse Kägi, "sim." Fiquei com a sensação de que, de certa forma, ele o invejava. "O Kägi é legal", disse Lucien depois. "Não pensei que fosse capaz disso." E é verdade. Mas é tão chato na aula. Nós... adoraríamos que o senhor voltasse.

Gregorius sentiu uma ardência nos olhos e tirou os óculos. Engoliu em seco.

— Não... não posso dizer nada sobre isso agora.

— Mas... o senhor não está doente, está? Quero dizer...

Não, disse, não estava doente.

— Um pouco maluco, mas não doente.

Ela riu como ele nunca a havia escutado rir, sem aquele jeito de princesa. Foi uma risada contagiante e ele também riu, surpreso com a leveza inaudita, para ele desconhecida, da sua risada. Riram em uníssono durante um instante, um provocando o riso do outro, continuaram rindo, o motivo já não importava, só o riso, era como andar de trem, como a sensação de rodas sobre trilhos, um ruído carregado de aconchego e de futuro, que ele desejou que nunca mais acabasse.

— Hoje é sábado — disse Natalie rapidamente, quando terminou. — As livrarias só ficam abertas até as quatro. Vou sair logo.

— Natalie? Gostaria que essa conversa ficasse entre nós. Como se não tivesse existido.

Ela riu.

— Que conversa? Até logo!

Gregorius observou o papel da bala que ele, na noite anterior, guardara no bolso do casaco e que de manhã sentira ao enfiar a mão no bolso. Tirou o fone do gancho e recolocou-o corretamente. O serviço de informações telefônicas lhe dera três números para o nome Rubin. Da segunda vez, acertara. Ao discar os números, tivera a sensação de se atirar de uma falésia para o vazio. Não se podia dizer que ele agira precipitadamente ou a partir de um impulso cego. Ficara muito tempo com o telefone na mão, colocara-o no gancho diversas vezes e fora até a janela. Segunda-feira era dia 1º de março, e a luz naquela manhã já fora diferente, era a luz que imaginara quando o trem partira da estação de Berna em meio a uma nevasca.

Não havia qualquer motivo para ligar para a moça. Papel de bala no bolso do casaco não era motivo para ligar sem mais nem menos para uma aluna com quem nunca se trocou nem uma palavra sobre assuntos particulares. Muito menos depois de ter fugido e quando um telefonema podia significar um pequeno drama. O que teria, portanto, motivado a sua decisão: o fato de não haver nenhum argumento a favor e todos contra?

E o que acontecera era que eles haviam rido juntos, durante alguns minutos. Fora como um contato. Um contato leve, diáfano, sem resistência, algo que deixava qualquer contato físico parecer uma manobra desajeitada, ridícula. No jornal, ele lera certa vez um relato de um policial que deixara fugir um ladrão preso. “Nós rimos juntos”, justificara-se o policial. “Eu simplesmente não pude mais prendê-lo.

Simplesmente não dava mais."

Gregorius telefonou para Mariana Eça e Mélodie. Ninguém atendeu. Partiu, então, rumo à Baixa, até a rua dos Sapateiros, onde, segundo o padre Bartolomeu, Jorge O'Kelly ainda atendia no balcão de sua farmácia. Foi a primeira vez desde a sua chegada que pôde andar com o sobretudo aberto. Sentiu o ar ameno no rosto e percebeu como estava contente por não conseguir ter encontrado as duas mulheres ao telefone. Não tinha a menor ideia do que poderia ter-lhes dito.

No hotel haviam lhe perguntado quanto tempo pretendia ficar ainda.

— Não faço ideia — dissera, pagando a conta pendente. A mulher da recepção seguira-o com o olhar até a saída, ele vira no espelho junto da coluna. Agora ia caminhando lentamente até a praça do Rossio. Viu diante de si Natalie Rubin indo para a livraria Stauffacher. Será que ela sabia que, para comprar a gramática persa, deveria ir à Haupt, na Falkenplatz?

Num quiosque, viu um mapa de Lisboa com todas as igrejas desenhadas com suas silhuetas. Gregorius o comprou. Prado conhecia todas as igrejas e sabia tudo sobre elas, contara-lhe o padre Bartolomeu. Visitara algumas delas com o padre. "Deviam arrancar tudo isso!", comentara quando passaram pelos confessionários. Quanta humilhação!

A farmácia de O'Kelly tinha uma porta e janelas em verde-escuro e dourado. Por cima, um bastão de Esculápio; na janela, uma balança antiga. Quando Gregorius entrou, vários sinos tilintaram, produzindo uma melodia suave e metálica. Sentiu-se aliviado por poder se esconder por trás dos muitos clientes. E então viu algo que não teria julgado possível: um farmacêutico fumando atrás do balcão. O'Kelly acabara de acender um cigarro na brasa do anterior. Depois, tomou um gole de café numa xícara em cima do balcão. Ninguém pareceu surpreso. Com sua voz rouca, explicava coisas para os clientes ou fazia piadas. Gregorius teve a impressão de que conhecia todos intimamente.

Esse então era Jorge, o ateu empedernido e romântico sem ilusões de que Amadeu de Prado precisara para ser totalmente ele próprio. O homem cuja superioridade no xadrez fora tão importante para ele, que era superior. O homem que explodira em gargalhadas quando o silêncio constrangido depois do discurso blasfemo de Prado foi cortado por latidos de um cachorro. O homem que maltratou um contrabaixo até partir o arco porque percebeu que não havia esperança para a sua falta de talento. E também o homem que Prado enfrentara quando compreendeu que ele condenara à morte Estefânia Espinhosa, a mulher que — se a suposição de padre Bartolomeu estivesse correta — encontrou anos mais tarde no cemitério, sem que os seus olhares se cruzassem.

Gregorius saiu da farmácia e se sentou no café do outro lado da rua. Sabia que havia no livro de Prado uma anotação que começava com um telefonema de Jorge. Quando, agora, em meio ao barulho da rua e rodeado por pessoas que conversavam ou simplesmente ficavam sentadas no sol da primavera de olhos fechados, quando agora começou a folhear o dicionário e a traduzir, sentiu que acontecia com ele algo de grandioso e inacreditável: estava ocupando-se com a palavra escrita em meio às vozes, à música, ao vapor de café. *Mas você às vezes também lê jornal no café*, argumentara Florence, quando ele lhe explicou que os textos demandavam muros protetores que mantinham a distância o barulho do mundo, de preferência os muros grossos e sólidos de um arquivo subterrâneo. *Ah, sim, o jornal*, replicara, *estou falando de textos*. E agora, de repente, já não sentia falta dos muros, as palavras em português à sua frente se fundiam com as palavras em português que escutava à sua volta, imaginava até Prado e O'Kelly sentados à mesa do lado e sendo interrompidos pelo garçom sem que isso prejudicasse as palavras.

AS SOMBRAS DESCONCERTANTES DA MORTE. *"Acordei sobressaltado com medo da morte", disse Jorge ao telefone, "e ainda agora me sinto invadido pelo pânico." Era pouco antes das três da madrugada. Sua voz soava diferente da que eu conhecia quando ele falava com os clientes da farmácia, oferecia-me alguma coisa para beber ou dizia: "É a tua vez." Não que a sua voz estivesse tremendo, mas estava velada como uma voz por trás da qual emoções poderosas, controladas a muito custo, ameaçam explodir.*

Ele sonhara que estava no palco, sentado em frente ao seu novo piano de cauda Steinway, e não sabia tocar. Pouco tempo atrás ele, o obcecado racionalista, tinha cometido uma loucura. Com o dinheiro que seu irmão, que morrera num acidente, lhe deixara, ele comprara um Steinway, apesar de nunca ter tocado nem uma nota. O vendedor ficara espantado quando ele simplesmente apontou para o piano de cauda reluzente sem mesmo abrir a tampa do teclado. Desde então, o piano, num brilho de museu, ficava em seu apartamento solitário feito uma pedra monumental numa sepultura. "Acordei e, de repente, me dei conta de que tocar o piano de cauda como ele mereceria ser tocado não está mais no alcance da minha vida." Ele estava diante de mim, de roupão, mais afundado na poltrona do que de hábito. Constrangido, esfregou as mãos sempre geladas. "Agora tu certamente vais pensar: mas isso estava claro desde o início. Claro que eu, de certa forma, sabia disso. Mas agora tu vês: só me dei conta plenamente quando acordei. E agora estou morrendo de medo."

"Medo de quê?", perguntei, esperando até que ele, o mestre do olhar direto, audaz, conseguisse olhar para mim. "Medo de quê, exatamente?"

Um sorriso fugaz passou pelo rosto de Jorge. Normalmente, é sempre ele quem apela para a exatidão e contrapõe à minha tendência de deixar as coisas num limbo de incerteza a sua razão analítica, a sua compreensão química do xadrez.

Medo da dor física e da agonia terminal tinha que ser algo impossível, em se tratando de um farmacêutico, disse eu, e quanto à humilhante experiência da decadência física e espiritual — bem, havíamos conversado tantas vezes sobre meios e caminhos para o caso de ultrapassar o limite do suportável. De que, então, tinha medo?

"O piano de cauda — desde essa noite, ele me lembra que existem coisas que eu não vou mais ter tempo de fazer." Ele cerrou os olhos como sempre quando se antecipava a um argumento mudo da minha parte. "Não se trata de pequenas alegrias insignificantes e prazeres fugidios, como engolir um copo d'água num dia de calor e poeira. Trata-se de coisas que desejamos fazer e experimentar porque só elas podem dar um sentido completo a esta nossa vida muito particular, e porque sem elas a vida permaneceria incompleta, um torso e mero fragmento."

Mas a partir do instante da morte ele já não estaria mais aqui para sofrer e lamentar essa sensação de imperfeição, disse eu.

Sim, claro, retrucou Jorge — parecia irritado como sempre quando escutava algo que lhe parecia irrelevante —, mas tratava-se da consciência atual, viva, de que a vida seria inacabada, fragmentada e sem a desejada coerência. Essa consciência era o pior — o medo da morte, portanto.

Mas a infelicidade não consistia em que a sua vida ainda não tinha essa finitude interna agora, no momento em que estavam conversando, não?

Jorge negou com a cabeça. Disse que não estava lamentando não ter ainda vivido todas as experiências que teriam de fazer parte de sua vida para que esta fosse inteira. Se a consciência da atual insuficiência da própria existência fosse uma infelicidade em si, cada um teria que estar sempre infeliz com a necessidade de sua vida. Pelo contrário, a consciência da abertura era uma condição para que a vida fosse viva, e não já morta. Portanto, devia ser outra coisa que determinava a infelicidade: a consciência de que nem no futuro será possível vivenciar essas experiências que fechariam o ciclo da existência.

Mas se não era válido para nenhum instante que a insuficiência nele latente o tornasse um instante infeliz, disse eu, por que isso não valia também para os momentos

plenos da consciência de que a totalidade já não pode mais ser alcançada? Pois tudo levava a crer que a totalidade desejada só era desejável enquanto totalidade futura, algo aonde almejamos chegar e não algo a que chegamos. "Vou expressar de outra forma", acrescentei: "A partir de que ponto de vista é que a inalcançável totalidade pode ser lamentada, tornando-se um possível objeto do medo? Se não é o ponto de vista dos momentos que fluem, para quem a falta de totalidade não é um mal em si, e sim um estímulo e sinal da vivacidade?"

Jorge disse que era possível admitir que, para sentir o tipo do medo com o qual acordara, era preciso assumir um ponto de vista diferente daquele dos momentos normais, projetados para a frente. Para reconhecer a falta de totalidade como mal, a vida teria que ser vista como um conjunto, portanto, vista a partir do seu fim — exatamente como se faz quando se pensa na morte.

"Mas por que essa perspectiva deveria ser motivo de pânico?", perguntei. "Enquanto vivenciada, a atual insuficiência da tua vida não é um mal em si, nisso concordamos. Parece quase que ela só é um mal enquanto insuficiência que tu já não irás mais experimentar, uma insuficiência que só poderá ser contatada além do túmulo. Pois tu, como sujeito da vivência, não podes correr para o futuro para ficar desesperado, a partir de um fim que ainda não chegou, sobre uma insuficiência da tua vida, que ainda terá de se arrastar até esse ponto final antecipado. Assim, o teu pavor da morte parece ter um objeto estranho: uma insuficiência existencial que você nunca vai vivenciar."

"Adoraria ter sido capaz de tocar naquele piano de cauda", disse Jorge. "Alguém capaz de tocar, digamos, as Variações Goldberg, *de Bach. Estefânia, por exemplo, consegue, ela tocou-as só para mim, e desde então trago em mim o desejo de também tocá-las. Até uma hora atrás, vivi com o sentimento indefinido e nunca verdadeiramente compreendido de que ainda teria tempo para aprendê-las. Só o sonho do palco me fez despertar com a certeza de que a minha vida chegará ao fim sem que eu possa tocar as* Variações. *"*

"Muito bem", concordei, "mas por que medo*? Por que não simplesmente dor, desilusão, luto? Ou mesmo raiva? Medo se tem de algo que ainda está por acontecer, que ainda temos que enfrentar, mas a consciência do piano de cauda mudo para sempre já está aí, estamos falando dele como algo presente. Esse mal pode perdurar, mas não pode piorar a ponto de poder haver um medo lógico de seu agravamento. Por isso, a tua nova consciência pode te deprimir e te sufocar, mas não é motivo para pânico."*

"Isso é um mal-entendido", contrapôs Jorge. O medo não se referia à certeza recém-adquirida, mas àquilo que já era certeza: precisamente da insuficiência futura, mas já agora estabelecida, da sua existência, que já era sensível agora como falta e que, pela sua dimensão, transformava interiormente essa certeza em medo.

A plenitude da vida, cuja falta antecipada faz uma pessoa irromper em suores, o que pode ser isso? Em que pode consistir tendo em vista a maneira rapsódica, alternada e inconstante das nossas vidas, tanto da exterior quanto da interior?

Afinal, nós não somos feitos de um só material, nem um pouco. Estamos apenas falando da necessidade de saciar aquilo que vivenciamos? Aquilo que atormentava Jorge era o sentimento que se tornara inatingível de estar sentado diante de um Steinway brilhante, apropriando-se da melhor forma da música de Bach com as próprias mãos? Ou seria a necessidade de ter vivenciado coisas suficientes para poder contar *uma vida como tendo sido plena?*

Afinal, seria uma questão de como nos vemos a nós mesmos, daquela noção determinante que elaboramos há muito tempo sobre tudo o que teríamos de ter alcançado e experimentado para que a vida se tornasse algo com que pudéssemos concordar? O medo da morte como medo do não realizado dependeria então — como me parece — totalmente de mim, pois sou eu quem forja a imagem da própria vida, como ela deve se realizar. Portanto, nada mais evidente do que a ideia de que bastaria mudar a imagem, de forma que a minha vida já coincidisse com ela — e logo o medo da morte deveria desaparecer. Se, no entanto, este medo continuar grudado em mim, é porque a imagem, embora feita por mim mesmo e ninguém mais, não resulta de um mero capricho arbitrário e não está disponível para mudanças aleatórias mas, pelo contrário, está enraizada em mim e cresce a partir da dinâmica do meu sentir e do meu pensar que sou eu. Assim poderíamos descrever o medo da morte como o medo de não conseguir se tornar aquele que pretendemos ser, ou para o qual nos projetamos.

A consciência nítida da finitude, como aquela que assaltou Jorge no meio da noite e como a que me vejo obrigado a provocar em alguns dos meus pacientes através das palavras com as quais anuncio o diagnóstico mortal, abala-nos como nenhuma outra coisa porque nós, muitas vezes sem o sabermos, vivemos em função de uma tal plenitude, e porque cada instante que experimentamos como um instante vivo extrai a sua vivacidade do fato de que é uma peça no quebra-cabeça daquela plenitude não reconhecida. Quando se abate sobre nós a certeza de que essa plenitude nunca mais

poderá ser alcançada, de repente não sabemos mais como devemos viver o tempo que agora já não podemos mais viver em função dessa plenitude. Esse é o motivo daquela experiência estranha e perturbadora pela qual passam alguns dos meus pacientes condenados à morte: a experiência de não saberem mais o que fazer com o pouco tempo que lhes resta.

Quando, depois daquela conversa com Jorge, fui para a rua, o sol estava prestes a nascer e, na contraluz, as poucas pessoas que encontrei pareciam silhuetas, simples mortais sem rosto. Sentei-me então no parapeito de uma janela de um andar térreo e esperei que os seus rostos se me revelassem quando chegassem mais perto. A primeira que se aproximou foi uma mulher de andar elástico. Seu rosto, agora eu podia reconhecer, ainda estava velado pelo sono, mas era fácil imaginar como ele se abriria à luz do sol, cheio de esperança e expectativa pelos acontecimentos daquele dia, os olhos prenhes de futuro. Um velho com um cachorro foi o segundo que passou por mim. Ele parou, acendeu um cigarro e soltou o cachorro para que este pudesse correr até o parque. Amava o cão e a sua vida com o cão, disso os seus traços não deixaram dúvidas. A velha com o xale de crochê que veio depois de mais alguns instantes também gostava da vida, ainda que caminhasse com dificuldade com aquelas pernas inchadas. Ela segurava o menino com a lancheira firmemente na mão, talvez um neto que ela levava à escola no primeiro dia de aula para que ele chegasse a tempo e não perdesse aquele importante início do seu novo futuro.

Todos eles iriam morrer e todos sentiam medo quando pensavam nisso. Morrer em algum momento, sim, só não agora. Tentei me lembrar do labirinto de perguntas e argumentos através do qual eu errara com Jorge durante boa parte da noite e da clareza que parecera tão palpável, mas que, no último instante, se afastara. Observei a jovem que estava se espreguiçando, o velho que brincava satisfeito com a coleira do cachorro e a avó que mancava e acariciava o cabelo do neto. Não era evidente, simples e claro em que consistiria o seu pânico se, nesse momento, recebessem a notícia da sua morte iminente? Virei o rosto tresnoitado para o sol da manhã e pensei: eles simplesmente querem mais da substância da vida, por mais leve ou pesada, por mais parca ou farta que essa vida possa ser. Não querem que ela tenha chegado ao fim, mesmo que, depois do fim, já não possam sentir a sua falta — e o saibam.

Voltei para casa. Qual é a relação entre uma reflexão complexa e analítica com as certezas nítidas? Em qual das duas devemos confiar mais?

No consultório, abri a janela e olhei para o azul pálido do céu sobre os telhados, as chaminés e a roupa nos varais: como seria a minha relação com Jorge depois daquela noite? Nos enfrentaríamos no xadrez, como sempre, ou de outra maneira? O que a intimidade da morte faz conosco?

Já era fim de tarde quando Jorge saiu da farmácia e a trancou. Gregorius sentia frio há mais de uma hora e tomava um café depois do outro. Colocou uma nota por baixo da xícara e seguiu O'Kelly. Quando passou pela farmácia, reparou que lá dentro ainda havia luz acesa. Espreitou pela janela: não havia mais ninguém, a caixa registradora antediluviana estava coberta por uma capa suja.

O farmacêutico dobrou a esquina. Gregorius precisou se apressar. Caminharam pela rua da Conceição, atravessando a Baixa, e seguiram até a Alfama, passando por três igrejas que bateram as horas, uma depois da outra. Na rua da Saudade, Jorge pisou no terceiro cigarro antes de desaparecer na entrada de um prédio.

Gregorius atravessou a rua. Em nenhum dos apartamentos a luz se acendeu. Jorge devia ter desaparecido atrás daquela pesada porta de madeira nos fundos. Não parecia ser a porta de uma casa particular, e sim de um bar, mas não havia indícios de que fosse uma tasca. Um lugar de jogos de azar? Podia imaginar-se isso de Jorge depois de tudo o que ele sabia dele? Gregorius parou diante da porta, as mãos nos bolsos. Bateu à porta. Nada. Quando finalmente tocou a campainha, foi parecido como naquela manhã, quando discara o número de telefone de Natalie Rubin: um salto no escuro.

Era um clube de xadrez. Numa sala enfumaçada, de teto rebaixado e mal iluminada, havia dúzias de mesinhas. Só homens. Num dos cantos, um balcão com bebidas. Não havia calefação, os homens usavam sobretudos e casacos pesados, alguns usavam boinas bascas. O'Kelly tinha sido esperado. Quando Gregorius o reconheceu atrás de uma nuvem de fumaça, seu adversário estava lhe estendendo as mãos para escolher a cor das peças. Na mesa contígua havia um homem que olhava agora para o relógio e depois começou a tamborilar na mesa com os dedos.

Gregorius assustou-se. O homem parecia aquele outro na região do Jura com o qual jogara durante dez horas só para, no final, acabar derrotado. Tinha sido num torneio em Moutier, num frio fim de semana de dezembro, quando nunca chegava realmente a clarear e as montanhas pareciam se erguer sobre a aldeia como se fossem uma fortaleza. O homem, um nativo, que falava francês como um débil mental, tinha o mesmo rosto quadrado daquele português sentado ali na mesa, o mesmo corte de cabelo à escovinha como que feito com um cortador de grama, as mesmas

orelhas de abano. Só o nariz do português era diferente. Bem como o olhar. Negro, negro como um corvo, por baixo de sobrancelhas espessas, um olhar como um muro de cemitério.

Foi com esse olhar que ele olhou para Gregorius. *Não contra esse homem,* pensou Gregorius. *De maneira alguma contra esse homem*. O homem o chamou com um gesto. Gregorius se aproximou. Assim, podia observar O'Kelly jogando na mesa ao lado. Podia observá-lo discretamente. Era o preço que tinha a pagar. *Aquela maldita amizade sagrada*, escutou Adriana dizer. Sentou-se.

— Novato? — perguntou o homem.

Gregorius não sabia se aquilo significava simplesmente "novo no lugar" ou "principiante". Optou pelo primeiro significado e fez que sim com a cabeça.

— Pedro — disse o português.

— Raimundo — disse Gregorius.

O homem jogava ainda mais lentamente do que o sujeito do Jura. E a lentidão começou no primeiro lance, uma lentidão plúmbea, paralisante. Gregorius olhou à sua volta. Ninguém jogava com relógio. Relógios eram descabidos naquele local. Com exceção dos tabuleiros de xadrez, tudo era descabido naquele lugar. Até conversas.

Pedro pousou os antebraços na mesa, apoiou o queixo nas mãos e olhou para o tabuleiro. Gregorius não sabia o que o incomodava mais: aquele olhar esforçado e epilético, com a íris levantada num fundo amarelado, ou o maníaco mordiscar dos lábios que o deixara à beira de um ataque de nervos no jogo contra o homem do Jura. Seria uma luta contra a impaciência. Ele amaldiçoou os muitos cafés que bebera.

Então trocou o primeiro olhar com Jorge a seu lado, o homem que despertara com pânico da morte e já sobrevivera Prado em 31 anos.

— Atenção — disse O'Kelly, apontando com o queixo para Pedro. — Adversário desagradável!

Pedro sorriu sem levantar a cabeça, e agora parecia mesmo um débil mental.

— Justo, muito justo — murmurou, e pequenas bolhas de saliva apareceram-lhe nos cantos da boca.

Enquanto se tratava de simples cálculos de lances, Pedro não cometeria nenhum erro, isso Gregorius tinha certeza depois de uma hora de jogo. Ele não se devia deixar iludir pela testa curta e o olhar epilético: ele calculava tudo, se necessário, dez vezes, e em todas as hipóteses calculava pelo menos os próximos dez lances. A questão era saber o que aconteceria se ele fizesse uma jogada surpreendente. Uma jogada que não apenas parecia não ter sentido, mas era de fato desprovida de

sentido. Muitas vezes, Gregorius já desconcertara adversários fortes com essa tática. A estratégia só não funcionava com Doxiades. "Besteira", restringia-se a dizer o grego, e nunca mais deixava escapar a vantagem assim obtida.

Passara-se mais uma hora até Gregorius se decidir a confundir o jogo, sacrificando um peão sem obter a menor vantagem estratégica.

Pedro esticou e encolheu várias vezes os lábios, depois levantou a cabeça e olhou para Gregorius. Gregorius desejou que pudesse estar usando os óculos velhos que contra aquele tipo de olhar funcionava como uma muralha. Pedro piscou, esfregou as têmporas, passou as mãos com seus dedos curtos e grossos pelos cabelos rentes. Depois, não tocou no peão.

— Novato — murmurou. — Você é um novato.

Agora Gregorius sabia: "novato" significava "principiante".

Como Pedro não tomara o peão por julgar aquilo como uma armadilha, Gregorius ficara numa posição a partir da qual ele podia atacar. Lance após lance empurrou o seu exército para a frente, cortando a Pedro qualquer possibilidade de defesa. O português começou a puxar o catarro com o nariz de dois em dois minutos. Gregorius não sabia se era intenção ou simplesmente desleixo. Jorge sorriu quando percebeu como aquele ruído desagradável incomodava Gregorius, os outros também pareciam conhecer esse hábito de Pedro. Toda vez que Gregorius frustrava um plano de Pedro antes mesmo que este começasse a se tornar visível, seu olhar se endurecia, os olhos agora brilhavam como ardósia. Gregorius se recostou e lançou um olhar calmo para o tabuleiro: podia ainda durar várias horas, mas nada mais podia acontecer.

Com o olhar aparentemente dirigido para a janela, diante da qual uma lanterna de rua balançava num cabo solto, ele começou a observar o rosto de O'Kelly. Segundo o relato do padre Bartolomeu, este homem primeiro fora uma imagem luminosa — uma imagem luminosa sem brilho, mas um rapaz íntegro, destemido, que sabia dar nomes às coisas. Mas no fim do relato acontecera a visita noturna de Prado ao padre. "Ela. Tornou-se um perigo. Não conseguiria aguentar. Acabaria confessando. É o que os outros pensam." "Jorge também?" "Não quero falar sobre isso."

O'Kelly deu um trago antes de atravessar o tabuleiro com o bispo e tomar a torre do adversário. Os dedos estavam amarelos de nicotina e as unhas sujas. Seu nariz grande e carnudo com os poros abertos repugnou a Gregorius, pareceu-lhe uma excrescência de falta de consideração. Combinava com aquele sorriso desdenhoso. Mas tudo o que pudesse parecer repugnante era contrabalançado pelo olhar cansado e bondoso daqueles olhos castanhos.

Estefânia. Gregorius estremeceu e sentiu um calor súbito. Lera aquele nome no texto de Prado daquela tarde, mas não associara as duas coisas. "As *Variações Goldberg*... Estefânia — ela tocou só para mim, desde então também desejo saber tocá-las." Podia ter sido a mesma Estefânia? A mulher que Prado teve de salvar de O'Kelly? A mulher pela qual a amizade entre os dois, aquela maldita amizade sagrada, se rompera?

Gregorius começou a fazer as contas febrilmente. Sim, podia ser. Nesse caso, era a coisa mais cruel que se podia imaginar: que alguém estivesse disposto a sacrificar, em nome do movimento de resistência, a mulher que com as melodias de Bach o encorajara naquela sua maravilhosa e sedutora fantasia de Steinway que ele já alimentara nos tempos do liceu.

O que teria acontecido no cemitério entre os dois depois de o padre ter ido embora? Estefânia Espinhosa teria voltado para a Espanha? Ela devia ser mais nova que O'Kelly, o bastante para que Prado se apaixonasse por ela, dez anos depois da morte de Fátima. Se isso tivesse acontecido, o drama entre Prado e O'Kelly não fora apenas um drama entre morais opostas, mas também um drama amoroso.

O que Adriana sabia desse drama — se é que o tinha admitido em seus pensamentos? Ou tivera de blindar o seu espírito contra aquilo, como contra tantas outras coisas? O Steinway intocado e louco ainda estaria na casa de O'Kelly?

Gregorius tinha jogado os últimos lances com a mesma concentração rotineira e fugaz com que costumava enfrentar seus alunos nos torneios simultâneos em Kirchenfeld. Então, viu o sorriso traiçoeiro de Pedro e, depois de um olhar mais atento para o tabuleiro, assustou-se. Tinha desperdiçado a vantagem, e o português fizera um ataque perigoso.

Gregorius fechou os olhos. Um cansaço plúmbeo o invadiu. Por que não se levantava simplesmente e ia embora? Como tinha ido parar em Lisboa numa sala insuportavelmente baixa numa fumaceira asfixiante jogando contra um homem repugnante que em nada lhe dizia respeito e com quem não era capaz de trocar uma única palavra?

Sacrificou seu último bispo e, com isso, iniciou o final do jogo. Já não podia mais ganhar, mas ainda dava para um empate. Pedro foi ao banheiro. Gregorius olhou à sua volta. A sala se esvaziara. Os poucos homens que haviam permanecido rodeavam a sua mesa. Pedro voltou, sentou-se e puxou o catarro. O adversário de Jorge fora embora, ele próprio se posicionara de forma a poder acompanhar o final da partida na mesa ao lado. Gregorius escutou a sua respiração arquejante. Se não quisesse perder, tinha que esquecer o homem.

Certa vez, Alekhine ganhara um final de jogo mesmo tendo três figuras a menos.

Incrédulo, Gregorius, ainda estudante, refizera o fim da jogada. Depois, durante meses a fio, refizera cada final de partida que encontrava anotados. Desde então, era capaz de avaliar a situação com um só olhar. Foi o que aconteceu.

Pedro pensou durante meia hora, mas acabou por cair na armadilha. Percebeu assim que moveu a peça. Não tinha mais como ganhar. Esticou e encolheu os lábios. Fixou Gregorius com seu olhar pétreo.

— Novato — disse. — Novato.

Levantou-se apressadamente e foi embora.

— De onde é? — perguntou um dos circunstantes.

— De Berna, na Suíça — disse Gregorius, acrescentando: — Gente lenta.

Eles riram e lhe ofereceram uma cerveja, convidando-o a voltar outro dia.

Na rua, O'Kelly se aproximou dele.

— Por que me seguiu? — perguntou, em inglês.

Quando viu o espanto no rosto de Gregorius, soltou uma gargalhada rouca.

— Houve tempos em que a minha vida dependia de eu reparar quando alguém me seguia.

Gregorius hesitou. O que aconteceria se o homem de repente visse o retrato de Prado diante de si? Trinta anos depois de ter-se despedido dele no túmulo? Lentamente, tirou o livro do bolso do sobretudo, abriu-o e mostrou o retrato para O'Kelly. Jorge piscou, pegou o livro, aproximou-se de um poste e aproximou o livro do rosto. Gregorius nunca mais haveria de esquecer a cena: O'Kelly, olhando para o retrato do amigo perdido à luz de uma lanterna oscilante, incrédulo, assustado, com o rosto que ameaçava desabar.

— Venha comigo — disse Jorge com voz rouca, que só pareceu autoritária porque tentava dissimular a sua perturbação. — Moro aqui perto.

Seus passos, quando se adiantou, eram mais rígidos e inseguros, agora ele era um homem velho.

Sua casa era uma caverna, uma caverna enfumaçada com paredes cobertas com fotografias de pianistas. Rubinstein, Richter, Horowitz, Dinu Lipati, Murray Perahia. Um pôster gigantesco de Maria João Pires, a pianista predileta de João Eça.

O'Kelly passou pela sala e acendeu um sem-número de lâmpadas, parecia haver sempre mais uma luz para uma fotografia que emergia das trevas. Um único canto da sala permaneceu na penumbra. Ali ficava o piano de cauda, cujo negro silencioso refletia, mais pálido, o brilho dos vários focos. "Adoraria ter sido capaz de tocar naquele piano... A minha vida terminará sem que eu possa tocar as *Variações*..." Há muitas décadas aquele piano de cauda estava ali, uma miragem escura de elegância polida, monumento negro ao sonho irrealizável de uma vida plena. Gregorius se

lembrou das coisas intocáveis no quarto de Prado, pois no piano de cauda de O'Kelly tampouco parecia ter um único grão de poeira.

"A vida não é aquilo que vivemos, é aquilo que imaginamos viver", estava escrito no livro de Prado.

O'Kelly estava sentado na poltrona em que sempre parecia sentar. Examinava o retrato de Amadeu. Seu olhar, interrompido raras vezes por um pestanejar, acalmava os planetas. O silêncio negro do piano de cauda preenchia a sala. O ruído das motocicletas lá fora golpeava o silêncio. *As pessoas não suportam o silêncio*, dizia um dos breves apontamentos de Prado, *isso significaria que elas teriam de se suportar a si próprias*.

Jorge perguntou-lhe onde achara aquele livro, e Gregorius lhe contou. "*Cedros vermelhos*", leu Jorge em voz alta.

— Isso evoca Adriana, o seu estilo melodramático. Ele não gostava desse estilo, mas fazia tudo para não deixar que Adriana notasse. "Ela é minha irmã e me ajuda a viver a minha vida", dizia.

Perguntou a Gregorius se ele sabia o que significavam os cedros vermelhos. Mélodie, respondeu Gregorius, tivera a impressão que Mélodie o sabia. O'Kelly perguntou-lhe de onde conhecia Mélodie e por que tudo aquilo o interessava. O tom da pergunta não era exatamente duro, mas Gregorius teve a impressão de sentir o eco de uma dureza que aquela voz tivera numa época em que era decisivo se manter atento e lúcido quando alguma coisa parecia estranha.

— Quero saber como era ser ele — disse.

Jorge o fitou, espantado, voltou a olhar para o retrato e, em seguida, cerrou os olhos.

— Isso é possível? Saber como é ser um outro? Sem ser o outro?

Pelo menos se podia descobrir como é imaginar ser outro, respondeu Gregorius.

Jorge soltou uma gargalhada. Assim devia ter sido quando ele riu dos latidos do cachorro durante a festa de despedida do liceu.

— E por isso fugiu? Bastante louco, isso. Me agrada. *A imaginação, o nosso último santuário*, dizia Amadeu.

Ao pronunciar o nome de Prado, uma transformação se operou em O'Kelly. "Há décadas que ele não o pronuncia", pensou Gregorius. Os dedos de Jorge tremeram ao acender um cigarro. Tossiu, depois abriu o livro de Prado na página onde Gregorius colocara o recibo de caixa do botequim à tarde. O seu tórax magro subia e baixava, a respiração arquejava. Gregorius teria preferido deixá-lo a sós.

— E continuo vivo — disse ele, colocando o livro de lado. — E o medo, o

medo incompreendido de então, também continua. E o piano de cauda também continua no mesmo lugar. Hoje, não é mais um monumento, é simplesmente um piano, sem qualquer mensagem, um companheiro mudo. Essa conversa relatada por Amadeu ocorreu no final de 1970. Ainda então eu teria jurado que nunca nos perderíamos de vista, ele e eu. Éramos como irmãos. Mais do que irmãos.

"Lembro-me de quando o vi pela primeira vez. Foi no início do ano letivo, ele chegou um dia mais tarde, não me lembro mais por quê. E ainda por cima chegou atrasado para a aula. Já então usava um sobretudo, o que revelava que era filho de boa família, porque uma peça daquelas não se comprava pronta. Era o único sem pasta, como se quisesse dizer: *tenho tudo na cabeça*. Com aquela sua inimitável autoconfiança, sentou-se no lugar vago. Nenhum traço de arrogância. Tinha simplesmente a certeza de que não existia nada que ele não pudesse aprender sem esforço algum. Não acredito que ele *soubesse* dessa certeza, isso a teria diminuído — não, ele *era* aquela certeza. A maneira como se levantou, disse seu nome e voltou a se sentar era teatral, mas não, aquele rapaz não queria teatro, não precisava de teatro, era pura graça que fluía de seus movimentos. O padre Bartolomeu se calou quando viu aquilo e, por uns momentos, ficou sem saber o que fazer."

Gregorius contou que lera o discurso de despedida de Prado, quando O'Kelly mergulhou em um longo silêncio. Jorge se levantou, foi até a cozinha e voltou com uma garrafa de vinho tinto. Serviu e tomou duas taças, não precipitadamente, mas como alguém que simplesmente precisava daquilo.

— Passamos noites e noites trabalhando naquilo. Houve momentos em que ficava desencorajado. A raiva ajudava. "Deus castiga o Egito com as pragas, só porque o faraó se mostra inflexível", exclamava. "Mas foi o próprio Deus quem o fez assim! E ele o fez assim para poder demonstrar o seu poder! Que Deus vaidoso, presunçoso! Que metido!" Eu o amava quando estava cheio dessa fúria e enfrentava Deus com a sua testa alta e bela.

"Ele queria intitular o discurso 'Reverência e aversão diante da palavra moribunda de Deus'. Eu achei aquilo patético, uma metafísica patética, e no fim ele concordou. Tendia ao pathos, não o admitia, mas sabia, e por isso se insurgia contra o mau gosto sempre quando surgia uma oportunidade, e nisso podia ser injusto, terrivelmente injusto.

"A única que ele sempre poupou foi Fátima. Ela podia tudo. Ele a mimou durante todos os oito anos que durou o casamento. Ele precisava de alguém para mimar, ele era assim. Mas isso não a tornou feliz. Nunca conversamos sobre isso, ela e eu, ela não gostava muito de mim, talvez tivesse ciúmes da nossa intimidade. Mas certa vez encontrei-a na cidade, num café, estava lendo os classificados do jornal e

assinalara alguns anúncios de emprego. Escondeu a folha quando me viu, mas eu chegara por trás e vira aquilo. 'Eu queria que ele acreditasse mais em mim', disse-me durante a conversa que tivemos então. Mas a única mulher em quem ele acreditou foi a Maria João. Maria, meu Deus, Maria!"

O'Kelly foi buscar outra garrafa. As palavras começavam a se embaralhar. Bebeu e ficou calado.

Gregorius perguntou como era o sobrenome de Maria João.

— Ávila. Como Santa Teresa. Por isso, na escola era chamada de A Santa. Quando escutava esse apelido, atirava objetos na cara do engraçadinho que dissesse aquilo. Mais tarde, ao se casar, mudou de sobrenome, adotando um nome bem comum e banal, já me esqueci dele.

O'Kelly bebeu e ficou calado.

— Realmente pensei que jamais nos perderíamos — disse ele no meio do silêncio. — Pensei que fosse impossível. Certa vez li a frase: *As amizades têm o seu tempo e acabam*. No nosso caso, não, pensei então. No nosso caso, nunca.

O'Kelly começou a beber cada vez mais depressa e a boca já não lhe obedecia. Com muito custo, levantou-se e saiu da sala com passos vacilantes. Depois de um tempo, voltou com uma folha de papel.

— Veja. Isso aqui escrevemos juntos, em Coimbra, quando o mundo inteiro parecia ser nosso.

Era uma lista, e em cima estava escrito: LEALDADE POR. *Embaixo, Prado e O'Kelly haviam anotado todos os motivos que podem gerar lealdade:*

Culpa em relação a alguém; etapas comuns de desenvolvimento; sofrimento partilhado; alegria partilhada; solidariedade dos mortais; comunhão de opiniões; luta conjunta contra o exterior; forças e fraquezas comuns; necessidade mútua de proximidade; semelhança de gostos; ódio comum; segredos partilhados; fantasias e sonhos partilhados; entusiasmo partilhado; humor partilhado; heróis partilhados; decisões tomadas em comum; êxitos, insucessos, vitórias e derrotas comuns; decepções partilhadas; erros comuns.

Faltava o amor na lista, disse Gregorius. O corpo de O'Kelly se contraiu e, por um instante, pareceu recobrar a lucidez por trás da embriaguez.

— Ele não acreditava nisso. Chegava a evitar a palavra. Achava de mau gosto. Costumava dizer que só existem três coisas: *a cobiça, o bem-estar e o aconchego*. E todas eram efêmeras. A mais fugidia era a cobiça, depois o bem-estar, e infelizmente

acontecia que o aconchego, a sensação de se sentir protegido junto de alguém, também sempre acabava desmoronando. As exigências da vida, todas as coisas com que temos de nos confrontar e ultrapassar, são simplesmente numerosas e poderosas demais para que os nossos sentimentos possam superá-las incólumes. Por isso, o que importava para ele era a lealdade. Segundo ele, lealdade não era um sentimento, e sim um desejo, uma decisão, uma opção da alma. Algo que transforma a coincidência de encontros e a coincidência dos sentimentos em uma necessidade. *Um sopro de eternidade*, dizia, *apenas um sopro, mas ainda assim, um sopro*.

"Ele se enganou. Ambos nos enganamos.

"Depois, quando estávamos de volta a Lisboa, ele se ocupou frequentemente com a questão sobre se haveria algo como uma lealdade para consigo próprio. Uma espécie de compromisso de não fugir de si próprio. Nem na imaginação, nem na realidade. A disponibilidade para se assumir, mesmo quando não gostamos mais de nós. Ele teria gostado de se transcriar, cuidando para que a ficção se tornasse realidade. 'Só me suporto quando estou trabalhando', disse."

O'Kelly silenciou novamente, a tensão no seu corpo cedeu, o olhar se turvou, a respiração se tornou lenta como a de alguém que dorme. Era impossível sair dali agora.

Gregorius levantou-se e foi ver as estantes de livros. Uma prateleira cheia de livros sobre o anarquismo, o russo, o andaluz, o catalão. Muitos livros com a palavra justiça no título. Dostoiévski e mais Dostoiévski. *O crime do padre Amaro* de Eça de Queirós, o livro que ele comprara na primeira ida à livraria de Julio Simões. Sigmund Freud. Biografias de pianistas. Literatura sobre xadrez. E finalmente, num nicho, uma prateleira estreita com livros escolares do liceu, alguns com quase 70 anos de idade. Gregorius retirou das prateleiras as gramáticas de latim e de grego e folheou as páginas murchas com muitos borrões de tinta. Os dicionários, os textos de exercícios. Cícero, Lívio, Xenofonte, Sófocles. A Bíblia, rota de tantas leituras e coberta de anotações.

O'Kelly acordou, mas quando começou a falar foi como se o sonho que acabara de ter continuasse.

— Foi ele quem comprou a farmácia para mim. Uma farmácia inteira que não podia estar mais bem localizada. Simplesmente comprou. Nós nos encontramos no café e falamos disso e daquilo. Nem uma palavra sobre a farmácia. Ele adorava fazer segredos, era um maldito, adorado maníaco por segredos, não conheci ninguém que dominasse tanto a arte dos segredos como ele. Era sua forma de vaidade, mesmo que ele não quisesse ouvir isso. Na volta, parou de repente. "Está vendo aquela farmácia?", perguntou. "Claro que vejo", disse eu, "o que é que tem?" "É sua", disse,

estendendo-me um molho de chaves na frente do nariz. "Você sempre quis ter uma farmácia própria, agora a tem." E ele ainda pagou todo o mobiliário. E quer saber de uma coisa? Não me senti nem um pouco constrangido. Fiquei felicíssimo, e nos primeiros tempos esfregava meus olhos todos os dias de manhã. Às vezes, ligava para ele e dizia: "Imagina, estou na minha própria farmácia." Então, ele ria, era aquela gargalhada solta, feliz, que a cada ano foi se tornando mais rara.

"Ele tinha uma relação conturbada e complicada com o dinheiro da família. Acontecia às vezes de ele esbanjar dinheiro em grandes gestos, diferentemente do juiz, o seu pai. Mas então via um mendigo e ficava completamente perturbado, era sempre a mesma coisa. 'Por que lhe dou apenas algumas moedas?', perguntava ele. 'Por que não um maço de notas? Por que não tudo? E por que para ele e não para todos os outros também? Pois é apenas pura coincidência estarmos passando perto dele e não de outro mendigo. Além disso: como é possível comprar um sorvete e, poucos passos adiante, outro ter que suportar essa humilhação? Não é possível. Escuta: *não é possível*!' Certa vez ele ficou tão furioso com essa falta de clareza — essa *maldita e pegajosa falta de clareza* — que bateu com o pé no chão, voltou e atirou uma nota gorda no chapéu do mendigo."

O rosto de O'Kelly, que na recordação relaxara como o de alguém que se libertou de uma prolongada dor, voltou a escurecer e envelheceu.

— Quando nos perdemos, a princípio eu quis vender a farmácia e lhe devolver o dinheiro. Mas então percebi: era como se eu estivesse riscando tudo o que acontecera entre nós, todo aquele período longo e feliz da nossa amizade. Como se eu estivesse envenenando retroativamente toda a intimidade passada e a antiga confiança. Fiquei com a farmácia. E alguns dias depois desta decisão aconteceu algo muito estranho. De repente, ela era muito mais do que a minha própria farmácia. Não consegui compreender. E não compreendo até hoje."

Ao se despedir, Gregorius disse que ele tinha deixado a luz acesa na farmácia.

O'Kelly riu.

— É de propósito. A luz fica sempre acesa. Sempre. Puro esbanjamento. Para me vingar da pobreza na qual cresci. Um único cômodo com luz, ia-se para a cama no escuro. Os poucos centavos de mesada que eu recebia gastava em pilhas para uma lanterna com a qual eu lia à noite. Roubava os livros. Livros não deveriam custar nada, pensava então, e penso ainda hoje. Viviam nos cortando a luz por contas não pagas. Cortar a luz — nunca me esquecerei da ameaça. São sempre aquelas coisas simples que não conseguimos superar. Algum cheiro, a ardência no rosto depois da bofetada, a repentina escuridão inundando a casa, a grosseria do praguejar do pai. No começo, a polícia aparecia às vezes na farmácia por causa da

luz. Agora, todos sabem e me deixam em paz.

23

Natalie Rubin havia ligado três vezes. Gregorius retornou a ligação. O dicionário e a gramática portuguesa não tinham sido nenhum problema, disse.

— O senhor vai adorar essa gramática! Parece um código de leis, cheia de listas de exceções, o homem é maluquinho por exceções. Parece o senhor, desculpe!

Já encontrar uma História de Portugal fora mais complicado, havia várias e ela decidira comprar a mais compacta. Tudo já estava a caminho. A gramática persa que ele indicara ainda estava disponível no mercado, na Haupt ela a poderia comprar até meados da semana. Já a história da resistência em Portugal era um verdadeiro desafio. As bibliotecas já estavam fechadas quando ela chegou, e só poderia voltar a procurar na segunda-feira. Na Haupt haviam-na aconselhado a procurar no instituto de Romanística, e também já sabia a quem devia se dirigir na segunda-feira.

Gregorius se assustou com o seu fervor, embora já o tivesse pressentido. Ouviu-a dizendo que adoraria ir a Lisboa para ajudá-lo nas suas investigações.

No meio da noite, Gregorius acordou e ficou na dúvida se ela tinha dito aquilo apenas no sonho ou também na realidade. Bacana, tinham dito Kägi e Lucien von Graffenried o tempo todo quando ele jogou xadrez contra Pedro, o homem do Jura, que empurrava suas peças no tabuleiro com a testa e batia a cabeça com raiva na mesa quando Gregorius conseguia enganá-lo. Fora estranho jogar contra Natalie, pois ela jogava sem figuras e sem luz. "Eu sei falar português e poderia ajudar", disse ela. Ele tentou responder a ela em português e se sentiu como num exame quando as palavras não vieram. *Minha senhora*, começava, e mais uma vez, *minha senhora*, e não sabia ir adiante.

Telefonou para Doxiades. Não, não o acordara, disse o grego, o sono estava novamente muito mal, e não apenas o sono.

Gregorius nunca o tinha ouvido falar uma frase daquelas e se assustou. Perguntou o que tinha acontecido.

— Ah, nada não — disse o grego. — Estou apenas cansado, estou cometendo erros no consultório, quero parar.

Parar? Ele, *parar*? E depois?

— Sei lá, viajar para Lisboa, por exemplo — riu.

Gregorius contou de Pedro com a testa curta e o olhar epilético. Doxiades se lembrava do sujeito do Jura.

— Depois daquilo você passou um bom tempo jogando miseravelmente, comparado com o que sabe jogar — disse.

O dia já clareava quando Gregorius voltou a dormir. Quando, duas horas mais tarde, acordou, o céu sobre Lisboa estava totalmente sem nuvens e as pessoas andavam sem sobretudo. Ele tomou a barca e foi para Cacilhas para visitar João Eça.

— Imaginei que viesse hoje mesmo — disse-lhe este, e em sua boca fina as palavras soaram como um entusiasmado fogo de artifício.

Tomaram chá e jogaram xadrez. A mão de Eça tremia cada vez que ele deslocava uma peça e ouvia-se um barulho toda vez que ele a pousava no tabuleiro. A cada lance, Gregorius se assustava novamente com as cicatrizes das queimaduras em suas mãos.

— O pior não são as dores e a ferida — disse Eça. — O pior é a humilhação. A humilhação quando você sente que está fazendo nas calças. Quando saí de lá ardia de desejo de vingança. Fiquei em chamas. Esperava escondido até os torturadores saírem depois do serviço. De sobretudo e pasta na mão, como pessoas que vão ao escritório. Seguia-os até as suas casas. Olho por olho, dente por dente. O que me salvou foi o nojo de pegar neles. E tinha que ser assim, um simples tiro teria sido misericordioso demais. Mariana achou que eu tinha atravessado um processo de amadurecimento moral. Nada disso. Sempre me recusei a amadurecer, como dizem. Não gosto dos maduros. Considero essa chamada maturidade um oportunismo ou mero esgotamento.

Gregorius perdeu. Depois de poucos lances, sentiu que não queria ganhar daquele homem. A arte consistia em não deixar que ele notasse, e ele se decidiu por manobras arriscadas que um jogador como Eça conseguiria desmontar, mas só mesmo um jogador como ele.

— Da próxima vez não me deixe ganhar — disse Eça, quando tocou o sinal para o almoço. — Senão fico zangado.

Comeram o almoço seco que não tinha gosto de nada. Sim, era sempre assim, disse Eça, e quando viu a cara de Gregorius, riu pela primeira vez. Contou-lhe sobre o irmão, pai de Mariana, que se casara com uma mulher rica, e sobre o casamento fracassado da médica.

Eça constatou que ele nem fizera perguntas sobre Amadeu.

— Estou aqui por sua causa, não por causa dele — respondeu Gregorius.

— Mesmo que não tenha vindo por causa dele — disse Eça no fim da tarde —, tenho ali algo que lhe quero mostrar. Ele me deu depois de eu ter perguntado um dia o que escrevia. Li tantas vezes que quase já decorei.

E ele traduziu as duas folhas para Gregorius.

O BÁLSAMO DA DESILUSÃO. *A desilusão é considerada um mal. Trata-se de um preconceito irrefletido. Como, se não através da desilusão, iríamos descobrir o que esperamos e desejamos? E onde encontrar um momento de autoconhecimento, senão precisamente a partir desta descoberta? Como alguém poderia ter clareza acerca de si próprio sem a desilusão?*

Não deveríamos sofrer as desilusões suspirando como algo sem o qual nossa vida seria melhor. Deveríamos procurá-las, persegui-las, colecioná-las. Por que me sinto desiludido com o fato de todos os atores idolatrados da minha juventude agora revelarem os traços da idade e da decadência? O que a desilusão me ensina sobre quão pouco vale o sucesso? Muitos precisam de uma vida inteira para admitir a decepção com seus pais. O que esperamos deles? Pessoas que passam a vida sob o jugo inclemente das dores muitas vezes se decepcionam com o comportamento dos outros, mesmo os que persistem junto deles e lhes ministram os medicamentos. É sempre pouco demais o que fazem e dizem e também pouco o que sentem. "O que esperam?", pergunto. Eles não sabem dizer e ficam perturbados com o fato de terem carregado durante vários anos uma expectativa que pode ser frustrada sem que a conheçam de perto.

Alguém que realmente quer conhecer a si mesmo deveria ser um colecionador obcecado e fanático de desilusões, e a procura de experiências decepcionantes deveria ser, para ele, como um vício, na verdade como o vício dominante da sua vida, pois então ele compreenderia, com toda a clareza, que a desilusão não é um veneno quente e destruidor, e sim um bálsamo refrescante e tranquilizante que nos abre os olhos para os verdadeiros contornos sobre nós mesmos.

E não são apenas as desilusões em relação aos outros ou às circunstâncias que deveriam importar. Quando descobrimos e assumimos as desilusões como caminho que nos aproxima de nós mesmos, estaremos ávidos por experimentar em que medida estamos desiludidos com nós mesmos: desiludidos sobre a falta de coragem e de honestidade

intelectual, por exemplo, ou com os limites terrivelmente estreitos impostos ao próprio sentir, sentir, agir e falar. O que foi que esperamos e desejamos então de e para nós próprios? Que fôssemos ilimitados, ou totalmente diferentes daquilo que somos?

Alguém poderia ter a esperança de, através da redução de expectativas, se tornar mais real e de se reduzir a um núcleo duro e confiável, estando imune contra a dor da desilusão. Mas como seria levar uma vida que se proíbe qualquer expectativa ousada e imodesta, uma vida em que somente houvesse expectativas banais, como a espera pelo próximo ônibus?

— Nunca conheci ninguém que se perdesse tão completamente em seus próprios devaneios como ele — disse Eça. — E que detestava tanto ver-se desiludido. O que ele escreve aqui é *contra si próprio*. Jorge negaria isso. Conheceu Jorge? Jorge O'Kelly, em cuja farmácia a luz fica acesa dia e noite? Ele conheceu Amadeu muito mais tempo do que eu, muito mais. Mesmo assim...

"Jorge e eu.... bem. Uma única vez jogamos uma partida de xadrez. Uma única vez. Deu empate. Mas quando se tratava de planejar operações e principalmente complicadas manobras de simulação, éramos um time imbatível, como gêmeos univitelinos que adivinham os pensamentos um do outro.

"Amadeu tinha ciúme dessa sintonia absoluta, sentia que não conseguia competir com a nossa astúcia e falta de escrúpulos. A *falange*, assim ele chamou nossa aliança que, por vezes, também era uma aliança do silêncio, até mesmo em relação a ele próprio. Nesses momentos, sentia-se que ele adoraria ter rompido essa falange. Então, começava a apresentar suposições. Às vezes, acertava em cheio. Outras, enganava-se redondamente. Especialmente quando se tratava de algo que dizia respeito a ele próprio."

Gregorius conteve a respiração. Será que ele iria saber alguma coisa sobre Estefânia Espinhosa? Estava fora de questão perguntar a Eça ou O'Kelly. Será que Prado, no fim, estava enganado? Teria salvado a mulher de um perigo inexistente? Ou a hesitação de Eça tinha a ver com outras recordações?

— Sempre odiei os domingos aqui — disse Eça na hora da despedida. — Bolos insossos, creme insosso, presentes insossos, expressões insossas. O inferno das convenções. Mas agora... as tardes com o senhor... olha que até me acostumaria.

Tirou a mão do bolso e a estendeu a Gregorius. Era a mão sem as unhas arrancadas. Gregorius sentiu a sua forte pressão durante toda a viagem de barco.

TERCEIRA PARTE

A Tentativa

24

Na segunda-feira de manhã, Gregorius pegou o avião para Zurique. Acordara de madrugada pensando: "Estou prestes a me perder." Não tinha acordado e tirado esse pensamento de dentro de uma lucidez neutra, uma lucidez que tivesse existência própria. Era o contrário. Primeiro surgira o pensamento, só depois a lucidez. Tanto que aquela estranha lucidez cristalina — que, para ele, era nova e se diferenciava daquela lucidez que o preenchera na viagem de trem para Paris como algo de novo — de certa forma não era outra coisa senão esse pensamento. Não tinha certeza se sabia o que era que pensava *com* ele e *dentro* dele, mas mesmo com toda a incerteza aquele pensamento tivera uma determinação imperiosa. Sentira-se invadido pelo pânico e começara a fazer a mala com as mãos trêmulas, misturando livros e roupas numa grande confusão. Quando a mala estava pronta, obrigou-se a ficar calmo e parou durante um tempo junto à janela.

O dia ia ser luminoso. No salão de Adriana, o sol faria brilhar o piso de madeira. Na luz matinal, a escrivaninha de Prado iria parecer ainda mais abandonada do que de hábito. Na parede, por cima do móvel, havia pequenas folhas com palavras desbotadas, já quase ilegíveis, perceptíveis a distância apenas devido a alguns pontos, em que a pressão da caneta sobre o papel fora maior. Ele adoraria saber de que as palavras deveriam ter lembrado o médico.

Amanhã ou depois de amanhã, talvez até hoje mesmo, Clotilde iria aparecer no hotel com mais um convite de Adriana para ir à casa dela. João Eça contava com ele para uma partida de xadrez no domingo. O'Kelly e Mélodie ficariam surpresos porque nunca mais ouviriam falar nele, daquele homem que surgira do nada e perguntara sobre Amadeu como se a sua felicidade dependesse de compreender quem fora aquele homem. O padre Bartolomeu acharia estranho receber pelo correio a cópia do discurso de final de liceu de Prado. Mariana Eça também não iria entender por que ele desaparecera assim, como que engolido pelo chão. E Coutinho, então...

Quando ele pagou a conta, a mulher da recepção disse esperar que ele não estivesse partindo subitamente por um motivo ruim. Ele não entendeu nem uma só palavra do português do motorista de táxi. Quando pagou, no aeroporto, encontrou no bolso do sobretudo o bilhete em que o antiquário Julio Simões anotara o endereço de um curso de línguas. Olhou para ele durante algum tempo e depois o jogou na lata de lixo junto ao portão de embarque. O avião das dez estava quase vazio, informaram no guichê, dando-lhe um lugar junto à janela.

Na sala de espera perto do portão, ele só escutava português. Uma vez ouviu a palavra *português*. Agora era uma palavra que lhe dava medo sem que ele pudesse dizer por quê. Queria dormir em sua cama na Länggasse, queria andar pela Bundesterrasse e pela ponte de Kirchenfeld, queria falar sobre o *ablativus absolutus* e sobre a *Ilíada*, queria estar na Bubenbergplatz onde ele conhecia tudo. Queria ir para casa.

Durante a aterrissagem em Kloten, acordou com a pergunta em português de uma aeromoça. Era uma pergunta longa, mas ele não teve dificuldades em entendê-la e respondeu em português. Olhou para o Lago de Zurique. Vastas partes da paisagem encontravam-se cobertas por uma neve já suja. A chuva batia com força nas asas do avião.

Mas não era para Zurique que ele queria ir, era para Berna, pensou então. Sentiu-se feliz por ter o livro de Prado com ele. Quando o avião aterrissou e todos os outros começaram a guardar seus livros e jornais, ele tirou o livro do bolso e começou a ler.

JUVENTUDE IMORTAL. *Na juventude vivemos como se fôssemos imortais. A consciência da mortalidade nos rodeia como uma delicada fita de papel que mal toca a nossa pele. Quando, na vida, isso muda? Quando é que a fita começa a nos apertar, até nos asfixiar, no fim? Em que percebemos a sua pressão suave, porém inflexível, que nos faz saber que nunca mais se suavizará? Como é que reconhecemos isso nos outros? E em nós próprios?*

Gregorius queria que o avião fosse um ônibus em que na estação final pudesse simplesmente ficar sentado, continuar lendo e depois voltar. Foi o último a desembarcar.

No guichê, hesitou, o que fez com que a mulher ficasse mexendo impacientemente em sua pulseira.

— Segunda classe — disse, finalmente.

Quando o trem deixou a estação central de Zurique e atingiu velocidade

máxima, ele se lembrou de que Natalie Rubin iria hoje procurar nas bibliotecas uma obra sobre a resistência antifascista e que os outros livros enviados para Lisboa já estavam a caminho. No meio da semana, quando ele já estaria há muito tempo de volta à Länggasse, ela iria até a livraria Haupt, apenas alguns prédios adiante, para levar a gramática persa até o correio. O que ele lhe diria se a encontrasse? O que poderia dizer aos outros? A Kägi e aos outros colegas? Aos alunos? Com Doxiades já seria bem mais fácil, mas mesmo assim: quais seriam as palavras adequadas, palavras que exprimissem tudo aquilo? Quando a catedral de Berna apareceu, ele teve a sensação de, em poucos minutos, adentrar uma cidade proibida.

O apartamento estava gelado. Na cozinha, Gregorius abriu a persiana que, duas semanas atrás, baixara para se esconder. O disco com as aulas de português ainda estava no prato; a capa, na mesa. O telefone estava fora do gancho e o lembrou da sua conversa noturna com Doxiades. *Por que os vestígios do passado me entristecem, mesmo quando são vestígios de alguma coisa alegre?*, questionara-se Prado em uma de suas notas lacônicas.

Gregorius desfez a mala e pôs os livros em cima da mesa. O GRANDE TERREMOTO, A MORTE NEGRA. Abriu a calefação em todos os cômodos, ligou a máquina de lavar e começou a ler sobre a epidemia da peste em Portugal nos séculos XIV e XV. Não era um texto difícil e ele avançou bem. Depois de algum tempo acendeu o último cigarro do maço que comprara no café perto da casa de Mélodie. Nos 15 anos que ele morava naquele apartamento, era a primeira vez que havia fumaça de cigarro ali. De vez em quando, quando terminava de ler um trecho no livro, pensava na sua primeira visita a João Eça, e era como se estivesse sentindo o chá que queimava em sua garganta, o chá que ele tomara para aliviar as mãos trêmulas de Eça.

Quando foi buscar um pulôver mais grosso no guarda-roupa, lembrou do pulôver em que enrolara a Bíblia hebraica no liceu abandonado. Tinha sido bom ficar sentado na sala de Sr. Cortês e ler o Livro de Jó enquanto o feixe de luz solar andava pelo quarto. Gregorius lembrou-se de Elifaz de Temã, Bildade de Chua e Zofar de Naama. Viu à sua frente a placa da estação de Salamanca e lembrou quando ele, preparando-se para Isfahan, escreveu as primeiras palavras em persa no quadro-negro do seu quartinho, a poucas centenas de metros dali. Foi buscar uma folha de papel e pôs-se à procura da memória da sua mão. Vieram alguns traços e curvas, alguns pontos para as vogais. Depois, acabou.

Assustou-se quando a campainha da porta tocou. Era a Sra. Loosli, sua vizinha. Pela posição diferente do capacho ela notara que ele havia voltado, disse-lhe, entregando-lhe a correspondência e a chave do escaninho. Perguntou se as férias

tinham sido boas, e se agora as férias escolares sempre seriam assim tão cedo.

Na correspondência, a única coisa que lhe interessou foi uma carta de Kägi. Contra seus hábitos, não cortou o envelope, mas o rasgou rapidamente.

Caro Gregorius,

Não gostaria de deixar sem resposta a carta que me escreveu. Ela me tocou demais. E suponho que, por mais longe que a longa viagem o leve, acabará por pedir que lhe reenviem a correspondência.

O mais importante que quero lhe dizer é o seguinte: o nosso liceu ficou estranhamente vazio sem a sua presença. Um indício do tamanho deste vazio é o fato de Virginie Ledoyen, hoje, ter dito subitamente na sala dos professores: "Às vezes, odiei-o por causa daquele seu jeito grosseiro e direto, e também não faria mal se ele se vestisse um pouco melhor. Sempre aquela roupa velha e gasta. Mas preciso dizer que sinto a sua falta. Étonnant! *É surpreendente!" E o que a respeitável colega francesa diz não é nada comparado com o que escutamos dos alunos. E, se me permite acrescentar, de algumas alunas. Quando, agora, dou aula nas suas classes, sinto a sua ausência como uma grande sombra escura. E o que será agora do torneio de xadrez?*

Quanto a Marco Aurélio: tem razão. Minha mulher e eu, se me permite a confissão, temos tido cada vez mais a impressão de perder nossos dois filhos nos últimos tempos. Não é uma perda causada por doença ou acidente, é pior. Eles rejeitam o nosso estilo de vida e não são exatamente refinados em sua maneira de exprimi-lo. Há momentos em que minha mulher parece desmoronar. Nesse contexto, a sua lembrança do sábio imperador veio no momento certo. E permita-me acrescentar algo que, espero, não sinta como inconveniência da minha parte: toda vez que vejo o envelope com a sua carta, que não quer mais sair de cima da minha mesa, sinto uma pontada de inveja. Simplesmente levantar e ir-se embora: quanta coragem! "Ele simplesmente levantou-se e foi embora", não se cansam de repetir os alunos. "Simplesmente levantou-se e foi embora!"

Seu cargo por enquanto continua vago, quero que saiba disso. Eu próprio assumi uma parte das aulas, além de estudantes que o substituem nas outras. O mesmo vale para as aulas de hebraico. No que diz respeito aos aspectos financeiros, a direção escolar lhe enviará os documentos necessários.

O que devo lhe dizer no final, caro Gregorius? Talvez apenas isto: nós todos desejamos que a sua viagem realmente o leve para onde quer chegar, tanto a nível

exterior quanto interior.

Do seu,

Werner Kägi

P.S.: Seus livros estão no meu armário. Nada pode acontecer a eles. No que diz respeito ao aspecto prático, tenho mais um pedido. Poderia me mandar as suas chaves em algum momento, sem pressa?

À mão, Kägi ainda acrescentara: *Ou prefere ficar com elas? Pelo sim, pelo não?*

Gregorius permaneceu muito tempo sentado. Anoitecia lá fora. Ele jamais teria imaginado que Kägi lhe escrevesse uma carta dessas. Há muito tempo o encontrara certa vez com os dois filhos na cidade, estavam rindo, tudo parecia estar em ordem. Ele gostou do que Virginie Ledoyen dissera a respeito de seus trajes e ficou quase um pouco infeliz quando olhou para a calça de seu novo terno que ele usara durante a viagem. Jeito direto, sim, mas grosseiro? E quais, exceto Natalie Rubin e talvez um pouco Ruth Gautschi, eram as alunas que sentiam falta dele?

Ele voltara porque queria voltar para o lugar onde estava em casa, onde não precisava falar português ou francês ou inglês. Por que a carta de Kägi de repente fizera parecer difícil essa intenção, a mais simples de todas as intenções? Por que lhe parecia ainda mais importante agora do que antes, no trem, que já estivesse escuro quando fosse até a Bubenbergplatz?

Quando, uma hora mais tarde, se viu na praça, teve a sensação de não poder tocá-la. Sim, apesar de parecer estranha, essa era a palavra apropriada. Ele já não conseguia mais *tocar* a Bubenbergplatz. Já dera três voltas na praça, esperara em frente ao sinal vermelho e olhara em todas as direções, para o cinema, para o correio, para o monumento, para a livraria espanhola onde achara o livro de Prado, para a parada do bonde, para a igreja do Espírito Santo e para a galeria Loeb. Ficou parado, os olhos fechados, concentrando-se na pressão que o seu corpo pesado exercia sobre o pavimento. As solas dos pés tinham ficado quentes, a rua parecia vir em sua direção, mas a impressão perdurara: já não conseguia tocar na praça. Não apenas a rua, toda a praça com a intimidade que se desenvolvera durante tantas décadas, cresceram ao seu encontro — também as ruas e os prédios, as luzes e os ruídos não conseguiam mais alcançá-lo completamente, transpondo o último e finíssimo hiato para chegar até ele e se manifestarem como uma recordação que ele não só conhecia, conhecia muito bem, mas como algo que ele próprio era, assim como ele sempre tinha sido, de um modo que só agora, ao fracassar, se tornara

consciente.

O hiato persistente e inexplicável não o protegeu, não era como um amortecedor que pudesse significar distância e serenidade. Pelo contrário, gerou pânico em Gregorius, o medo de que, junto com as coisas conhecidas que ele queria evocar para se reencontrar, também ele se perdesse, e experimentasse em Berna a mesma coisa que vivera na madrugada de Lisboa, só que de uma maneira muito mais insidiosa e muito, muito mais perigosa, pois, se por trás de Lisboa existira uma Berna, já não havia mais Berna atrás da Berna perdida. Quando ele, olhando para o chão firme, mas que balançava, se chocou com outro transeunte, ficou tonto. Durante um momento, tudo girava, ele segurou a cabeça com as duas mãos como se a quisesse estabilizar. Quando as coisas voltaram a se acalmar dentro dele e ele se sentiu seguro, viu que uma mulher ficou olhando para ele com um olhar que parecia perguntar se ele não precisava de ajuda.

O relógio na igreja do Espírito Santo mostrava que faltava pouco para as oito da noite, o trânsito se acalmou. A camada de nuvens se abrira, dava para ver as estrelas. Fazia frio. Gregorius atravessou a Kleine Schanze e seguiu até a Bundesterrasse. Ansioso, esperou pelo momento de dobrar para a ponte de Kirchenfeld, como fizera durante muitas décadas, sempre às quinze para as oito da manhã.

A ponte estava interditada. Durante a noite, até a manhã seguinte, estariam consertando os trilhos do trem.

— Terrível acidente — disse alguém, ao ver Gregorius olhando totalmente atônito para a placa.

Ele entrou no Hotel Bellevue com a sensação de que aquilo que lhe era estranho estava se tornando um hábito, e se dirigiu ao restaurante. A música abafada, o paletó bege claro do garçom, a prataria. Pediu alguma coisa para comer. O bálsamo da desilusão. "Muitas vezes, ele ironizava o fato de que nós, seres humanos, consideramos o mundo um palco onde o que importa somos nós e nossos desejos", contara João Eça sobre Prado. "Considerava esse engodo como sendo a origem de todas as religiões. "No entanto, nada disso é verdade", costumava dizer, "o universo simplesmente está aí e, para ele, é totalmente indiferente, completamente indiferente, o que acontece conosco."

Gregorius pegou o livro de Prado e procurou um título com a palavra "cena". Quando a comida chegou, já encontrara o que estava procurando.

CENA CARICATA. *O mundo como palco, à espera que encenemos o drama importante e triste, cômico e insignificante das nossas fantasias. Como é comovente e charmosa essa*

ideia! E como é inevitável!

Gregorius caminhou lentamente até o Monbijou e, dali, à ponte que levava até o liceu. Fazia muitos anos desde que vira o prédio daquela perspectiva, e agora lhe pareceu estranhamente desconhecido. Sempre entrara pela porta dos fundos, agora estava diante da porta da frente. Estava tudo às escuras. Uma torre badalou a hora: nove e meia.

O homem que agora estacionava a bicicleta, foi até o portão, destrancou e sumiu ali dentro era Burri, o major. Às vezes, ia para lá à noite para preparar uma experiência de física ou química para o dia seguinte. Uma luz se acendeu no laboratório nos fundos.

Gregorius se esgueirou silenciosamente para dentro do prédio. Não tinha a menor ideia do que queria fazer ali. Subiu para o primeiro andar na ponta dos pés. As portas que davam para as salas de aula estavam trancadas, e a porta alta para o salão nobre também não podia ser aberta. Sentiu-se excluído, mesmo que aquilo obviamente não fizesse o menor sentido. As solas de borracha dos seus sapatos rangiam no linóleo do chão. A lua brilhava pela janela. Em sua luz pálida, ele observou tudo aquilo como nunca antes observara, nem como professor, nem como aluno. As maçanetas das portas, os corrimões, os escaninhos dos alunos. Todos lhe devolviam os milhares de olhares de antigamente e apareciam como objetos que ele nunca vira antes. Pôs as mãos nas maçanetas, sentiu sua resistência gelada e continuou deslizando pelos corredores como se fosse uma grande sombra preguiçosa. No andar térreo, do outro lado do prédio, Burri deixou cair alguma coisa, e o ruído de vidro estilhaçando ecoou pelos corredores.

Uma das portas cedeu. Gregorius se viu na mesma sala onde, ainda aluno, vira as primeiras palavras em grego na lousa. Fazia 43 anos. Sempre se sentara atrás, à esquerda, e agora também se sentou nesse mesmo lugar. Naquela época, Eva, a "Incrível", usava os cabelos ruivos presos num rabo de cavalo, e ele ficava horas a fio observando como este rabo de cavalo dançava de um ombro para o outro, passando pela blusa e pelo pulôver. Beat Zurbriggen, que durante todos aqueles anos se sentara do seu lado, muitas vezes adormecia durante a aula e costumava ser alvo de chacota por isso. Mais tarde, descobriu-se que ele tinha uma insuficiência metabólica que acabou causando a sua morte ainda jovem.

Quando Gregorius saiu da sala entendeu por que era tão estranho estar ali: andava pelos corredores e por dentro de si mesmo como se fosse o antigo aluno, esquecendo que, durante décadas, como professor, percorrera aqueles mesmos corredores. Será que, sendo o anterior, podia-se esquecer o posterior, embora o

posterior fosse o palco em que se desempenhavam os dramas do anterior? Se aquilo não era esquecimento, o que era então?

Lá embaixo, Burri atravessou o corredor praguejando. A porta que fechou com um estrondo só podia ser a porta da sala de professores. Gregorius escutou como também a porta de entrada bateu com um estrondo. A chave rodou. Ele estava preso.

Foi como se estivesse despertando. Mas não despertou como professor, não foi uma volta ao velho Mundus que passara a sua vida naquele prédio. A lucidez era a do visitante furtivo que, no início da noite, não conseguira tocar na Bubenbergplatz. Observou a poltrona onde Virginie Ledoyen costumava ficar sentada. "Devo dizer, preciso dizer: de alguma forma, até sinto a sua falta."

Permaneceu durante alguns instantes junto à janela olhando para a noite. Viu a farmácia de O'Kelly. No vidro da porta verde e dourada estava escrito IRISH GATE. Ele foi até o telefone, ligou para o serviço de informações e mandou ligar para a farmácia. Seu desejo era deixar o telefone tocar a noite inteira até que Jorge acordasse de sua embriaguez, entrasse na farmácia e acendesse o primeiro cigarro atrás do balcão. Mas depois de alguns instantes veio o sinal de ocupado e Gregorius desligou. Quando ligou novamente para o serviço de informações, pediu a embaixada suíça em Isfahan. Lá, atendeu uma voz rouca de homem com sotaque estrangeiro. Gregorius colocou o telefone de volta no gancho. "Hans Gmür", pensou, "Hans Gmür."

Ele passou pela janela ao lado da porta dos fundos e se deixou cair. Quando viu tudo preto diante dos olhos, segurou o suporte do bicicletário. Em seguida, caminhou até o barracão e aproximou-se, pelo lado de fora, da janela por onde saltara durante a aula de grego. Viu como a "Incrível" se virou para a vizinha para chamar a sua atenção para o incrível acontecimento. Sua respiração movimentou o cabelo da vizinha. As sardas pareciam aumentar o seu espanto e os olhos ligeiramente vesgos pareciam se dilatar. Gregorius se virou e continuou em direção da ponte de Kirchenfeld.

Esquecera-se de que a ponte estava interditada. Irritado, tomou o caminho pelo Monbijou. Quando chegou à Bärenplatz, deu a meia-noite. Haveria feira no dia seguinte, feira com feirantes e caixas com dinheiro. "Roubava os livros. Livros não deveriam custar nada, pensava então, e penso ainda hoje", escutou O'Kelly dizer. Continuou em direção da Gerechtigkeitsgasse.

Não havia luz no apartamento de Florence. Ela nunca se deitava antes de uma hora da manhã. Nunca. Gregorius atravessou a rua e ficou esperando escondido atrás de uma coluna. A última vez que fizera aquilo fora há mais de dez anos. Ela

chegara sozinha em casa, caminhando com passos cansados, sem vigor. Quando a viu chegando agora, estava acompanhada de um homem. "Não seria mal se você comprasse uma roupa nova. Afinal, você não vive só. E não basta saber grego." Gregorius olhou para o seu novo terno. Estava mais bem vestido do que o outro homem. Quando Florence deu um passo, a luz da lanterna iluminou o seu cabelo e ele se assustou: ficara grisalha naqueles dez anos. Aos 40 e poucos anos, vestia-se como se tivesse pelo menos 50. Gregorius sentiu a indignação subir dentro dele. Ela nunca mais ia a Paris? Aquele sujeito malvestido ao seu lado que parecia um fiscal de rendas desleixado teria matado o seu senso estético? Quando Florence, depois, abriu a janela no andar de cima e se debruçou para fora, sentiu-se tentado a sair de trás da coluna e acenar para ela.

Pouco depois, foi ver a campainha. Seu nome de solteira era Florence de l'Arronge. Se a sua interpretação das campainhas estava certa, agora se chamava Meier. Nem mesmo com y. Como a jovem doutoranda de então parecera elegante no La Coupole! E como parecia sem graça e apagada a mulher que acabara de ver. A caminho da estação e seguindo até a Länggasse, ele foi se enredando cada vez mais em uma raiva que ele compreendia menos a cada passo que dava. Ela só cedeu quando ele se viu diante da casa simples onde crescera.

A porta de entrada estava trancada, mas faltava um pedaço no vidro. Gregorius aproximou o nariz do buraco: ainda hoje cheirava a couve. Procurou a janela do cômodo em que escrevera as palavras persas no quadro. A janela tinha sido alargada e ganhara outra esquadria. Ele fervia de raiva quando a mãe o chamava autoritariamente para ir comer quando ele, excitado, estava lendo a gramática persa. Viu os romances de Ludwig Ganghofer na sua mesinha de cabeceira. *O* kitsch *é a mais traiçoeira de todas as prisões*, escrevera Prado. *As grades são revestidas com o ouro de sentimentos simplórios e falsos, para que as pessoas nelas vejam as colunas de um palácio*.

Naquela noite, Gregorius dormiu pouco. Quando acordou, não sabia mais onde estava. Tentou forçar várias portas do liceu e pular várias janelas. Quando a cidade despertou de manhã e ele estava junto da janela, já não estava mais seguro se realmente estivera em Kirchenfeld.

Não foi particularmente bem tratado na redação do grande jornal de Berna, e Gregorius sentiu falta de Agostinha, do *Diário de Notícias* de Lisboa. Um anúncio de abril de 1966? Contra a vontade, deixaram-no sozinho no arquivo e, por volta do meio-dia, tinha achado o nome do empresário que, naquela época, procurava um preceptor para os seus filhos. Na lista telefônica havia três Hannes Schnyder, mas

apenas um deles era engenheiro. O endereço era na Elfenau.

Gregorius foi até lá e tocou a campainha com a sensação de estar fazendo algo completamente louco. O casal Schnyder, naquela mansão impecável, pelo jeito encarou como uma bem-vinda distração tomar chá com o mesmo homem que, muito tempo atrás, quase se tornara preceptor dos seus filhos. Ambos estavam com quase 80 anos e falaram dos tempos maravilhosos do xá, quando haviam enriquecido. Perguntaram por que ele desistira da candidatura. Um jovem com exame de maturidade em línguas clássicas era exatamente o que estavam procurando então. Gregorius falou da doença da mãe e desviou a conversa para outra direção.

Finalmente, quis saber como era o clima em Isfahan. Fazia calor? Havia tempestades de areia? Não havia nada a temer, riram, nada, muito menos morando nas condições em que moravam lá. Foram buscar fotografias. Gregorius ficou até o anoitecer e os Schnyder ficaram surpresos e felizes com o seu interesse pelas suas recordações. No fim, deram-lhe de presente um livro de fotografias de Isfahan.

Antes de ir dormir, Gregorius ficou vendo as mesquitas de Isfahan, enquanto ouvia o disco com as aulas de português. Adormeceu com a sensação de que tanto Lisboa quanto Berna haviam fracassado. E de que ele não sabia mais como era um determinado lugar *não* fracassar.

Quando acordou, por volta das quatro, sentiu vontade de ligar para Doxiades. Mas o que poderia lhe dizer? Que havia chegado sem ter chegado? Que abusara da sala de professores do liceu como central telefônica para suas fantasias confusas? E que nem sequer tinha certeza se tudo aquilo realmente acontecera?

Mas para quem, senão para o grego, ele poderia contar? Gregorius se lembrou daquela estranha noite quando haviam tentado tratar-se por "você".

— Meu nome é Konstantin — dissera o grego de repente, durante o xadrez.

— Raimund — ele retrucara.

Não houvera nenhum ritual de confirmação, nenhum aperto de mãos, nenhum brinde, nem mesmo haviam olhado um para o outro.

— Agora você foi traiçoeiro — disse o grego, quando Gregorius o fez cair numa armadilha.

Aquilo soara estranho e Gregorius teve a impressão de que ambos haviam tido a mesma sensação.

— Você não deveria subestimar a minha capacidade de ser traiçoeiro — disse.

Evitaram falar diretamente o resto da noite.

— Boa noite, Gregorius — disse o grego na despedida. — Que o senhor tenha uma boa noite.

— O senhor também, doutor.

E ficou sendo assim.

Seria essa uma razão para não contar ao grego nada sobre a sua confusão flutuante ao vagar através de Berna? Ou seria precisamente a distante proximidade entre eles o que ele precisava agora para fazer esse relato? Gregorius discou o número e desligou depois que tocou duas vezes. Às vezes, o grego tinha aquele jeito brusco que devia ser normal entre motoristas de táxi de Tessalônica.

Foi buscar o livro de Prado. Enquanto ia lendo à mesa da cozinha, as persianas baixadas, como duas semanas atrás, teve a sensação de que as frases que o nobre português anotara no sótão da casa azul o ajudavam a estar no lugar certo — nem em Berna, nem em Lisboa.

AMPLITUDE INTERIOR. *Vivemos aqui e agora, tudo o que aconteceu antes e em outros lugares é passado, em grande parte esquecido e acessível apenas enquanto pequeno resíduo, em estilhaços desordenados da memória que lampejam num acaso rapsódico e voltam a se extinguir. É assim que estamos habituados a pensar sobre nós mesmos. E é esse o modo de pensar natural quando são os outros sobre os quais dirigimos nosso olhar. Eles realmente estão aqui e agora, não estão em nenhum outro lugar, em nenhum outro tempo. E como poderíamos imaginar a sua relação com o passado se não na forma de episódios interiores da recordação, cuja realidade exclusiva está no presente do seu acontecer imediato?*

Porém sob o ponto de vista da própria interioridade tudo muda. Ali não estamos limitados ao presente, mas nos espraiamos até as profundezas do passado. Isso ocorre por causa dos nossos sentimentos, principalmente os profundos, aqueles que determinam quem nós somos e como é sermos nós. Pois esses sentimentos não conhecem o tempo, não o conhecem e não o reconhecem. Naturalmente, seria errado se dissesse: ainda sou o menino nos degraus na frente da escola, o menino com o boné nas mãos, cujo olhar vai até a escola das meninas na esperança de ver Maria João. Naturalmente seria errado, já decorreram mais de trinta anos. Mas também é verdade. O coração que bate forte diante de tarefas difíceis é o mesmo coração que bate forte quando o Sr. Lanções, o professor de matemática, entrava na sala de aula; na angústia com que enfrento todas as autoridades reverberam ainda as palavras poderosas do meu pai encurvado, e quando o olhar luminoso de uma mulher encontra o meu, paro de respirar exatamente como quando, da janela de uma escola para a janela da outra, o meu olhar parecia cruzar o de Maria João. Ainda estou lá, naquele distante lugar do passado, nunca saí de lá, mas vivo

espalhado no passado. Ele é presente, este passado, e não apenas sob a forma de episódios breves de lampejos da memória. Os milhares de modificações que impulsionaram o tempo, comparadas com esse presente atemporal do sentir, são fugidias, irreais como um sonho e também traiçoeiras como as imagens dos sonhos. Elas me insinuam que eu seja um médico que as pessoas procuram com suas dores e suas preocupações e que possui uma autossegurança e um destemor fantásticos. E a confiança frágil nos olhares daqueles que buscam ajuda me obriga a acreditar nisso, enquanto estão à minha frente. Mas mal saem, sinto vontade de gritar: continuo sendo aquele menino cheio de medo sentado nos degraus da escola, é completamente irrelevante, e, no fundo, uma mentira que eu esteja aqui de jaleco branco atrás de uma imponente mesa dando conselhos. Não se deixem enganar por aquilo que, num acesso de ridícula superficialidade, chamamos de "o presente".

Não estamos apenas ampliados no tempo. Também no espaço nos projetamos bem além daquilo que é visível. Quando deixamos determinado lugar, deixamos para trás um pedaço de nós — permanecemos lá, apesar de partirmos. E há coisas em nós que só podemos recuperar se voltamos para lá. Viajamos até perto de nós, para dentro de nós mesmos, quando o ruído monótono das rodas nos transporta em direção a um lugar onde passamos uma parte da nossa vida, por mais breve que tenha sido. Assim que colocamos, pela segunda vez, o pé numa estação estranha, escutando as vozes nos alto-falantes, sentindo os cheiros inconfundíveis, não apenas chegamos ao lugar distante, mas também na distância do próprio interior, num ângulo talvez bem remoto do nosso eu que, quando estamos em outro lugar, permanece oculto e completamente entregue à invisibilidade. Por que outra razão ficamos tão excitados, tão fora de nós quando o condutor anuncia o nome de um lugar, quando escutamos o chiado dos freios e somos engolidos pela súbita sombra da estação ferroviária? Por que outra razão o momento de o trem parar com um último solavanco seria um momento mágico, um momento de dramaticidade silenciosa? Isso acontece porque nós, desde os primeiros passos que damos em uma plataforma estranha e ao mesmo tempo não mais estranha, retomamos uma vida que havíamos interrompido e abandonado quando, da primeira vez, sentimos o primeiro solavanco do trem que partia. O que poderia ser mais excitante do que retomar uma vida interrompida com todas as suas promessas?

É um erro, um ato insano de violência, concentrarmo-nos no aqui e agora na convicção de estarmos captando aquilo que é essencial. O que interessa seria conseguirmos

nos mover, seguros, tranquilos, com o humor adequado e a melancolia adequada, na ampla paisagem interior estendida no tempo e no espaço que somos nós. Por que temos pena de pessoas que não podem viajar? Porque elas, como não podem se expandir exteriormente, também não conseguem se ampliar interiormente, não podem se multiplicar e, assim, não têm a possibilidade de empreender amplas excursões para dentro de si mesmas e descobrir quem ou o que de outro poderiam ter sido.

Quando amanheceu, Gregorius foi até a estação e pegou o primeiro trem para Moutier, na região do Jura. Havia efetivamente pessoas viajando para Moutier. Efetivamente, Moutier não era apenas a cidade onde ele perdera contra o homem com o rosto quadrado, a testa curta e o cabelo escovinha por não suportar a lentidão de seus lances. Moutier era uma cidade real com prefeitura, supermercados e confeitarias. Gregorius passou duas horas procurando em vão o local do torneio de xadrez do qual participara. Não se pode procurar uma coisa da qual já não se sabe nada. A garçonete na confeitaria espantou-se com suas perguntas confusas e ficou cochichando com os colegas.

No início da tarde, estava de volta a Berna e foi de teleférico até a universidade. Era época de férias. Ele sentou-se num auditório vazio e pensou no jovem Prado nos auditórios de Coimbra. Segundo as palavras do padre Bartolomeu, ele podia ser impiedoso quando se deparava com a vaidade alheia. "Sem piedade. E ele carregava o seu próprio giz quando alguém o chamava para o quadro-negro para expor alguma coisa." Muitos anos atrás, Gregorius fora assistir, naquele auditório, a uma palestra sobre Eurípides, sob os olhares surpresos dos estudantes. Ficara espantado com o palavreado hermético. "Por que não lê o texto original?", foi o que Gregorius queria dizer ao jovem docente. "Ler, simplesmente *ler*!" Levantou-se e foi embora quando o homem começou a introduzir cada vez mais conceitos em francês que pareciam ter sido inventados para combinar com a sua camisa cor-de-rosa. Que pena, pensou agora, que naquela oportunidade não tivesse mesmo interpelado aquele doutorzinho.

Já do lado de fora, parou depois de alguns passos e segurou a respiração. Do outro lado da rua, Natalie Rubin saía da livraria Haupt. Na bolsa estava a gramática persa e Natalie estava indo para o correio para mandá-la para Lisboa, pensou Gregorius.

Mais tarde, achou que aquilo, por si só, não tinha bastado. Talvez ele acabasse por ficar e permanecesse o tempo que fosse necessário na Bubenbergplatz até conseguir voltar a tocar nela. Mas então, quando aquele dia tristonho começou a

anoitecer prematuramente, acenderam-se as luzes em todas as farmácias. “Cortar a luz”, ouviu então O’Kelly dizer, e como as palavras não quisessem ir embora, foi até o seu banco e transferiu uma soma considerável para a sua conta-corrente. “Até que enfim o senhor usa um pouco do seu dinheiro”, disse a mulher que administrava as suas poupanças.

Explicou à Sra. Loosli, sua vizinha, que teria de viajar por um período de tempo mais longo e lhe pediu se podia continuar recolhendo a sua correspondência e reenviando para ele quando ele lhe indicasse por telefone o novo endereço. A mulher adoraria saber mais, mas não teve coragem de perguntar.

— Está tudo bem — disse Gregorius, dando-lhe a mão.

Telefonou em seguida para o hotel em Lisboa e pediu que lhe reservassem por tempo indeterminado o mesmo quarto onde havia ficado antes. Ainda bem que estava telefonando, disseram-lhe, pois havia chegado um pacote para ele e a mesma senhora idosa de outro dia também levara uma cartinha. Haviam ainda ligado e perguntado por ele, os números estavam todos anotados. E haviam encontrado um tabuleiro de xadrez no armário, que devia ser seu.

À noite, Gregorius foi jantar no Bellevue, era o lugar mais seguro para não encontrar ninguém. O garçom foi solícito como se ele já fosse um velho conhecido. Depois, foi até a ponte de Kirchenfeld, que já estava novamente livre para o trânsito. Foi até o local onde a portuguesa lera a carta. Ao olhar para baixo, ficou tonto. Em casa, leu até tarde da noite o livro sobre a epidemia de peste portuguesa. Virava as páginas com a sensação de dominar o português.

Na manhã seguinte, pegou o trem para Zurique. O avião para Lisboa partiu pouco antes das onze. Quando aterrissaram no início da tarde, o sol brilhava num céu sem nuvens. O táxi estava de janelas abertas. O pajem do hotel que levou a sua mala e o embrulho com os livros de Natalie Rubin até o seu quarto o reconheceu e falou sem parar. Gregorius não entendeu uma única palavra.

25

"Quer vir tomar alguma coisa?" Era o que estava escrito na cartinha que Clotilde deixara no hotel na terça-feira. Dessa vez, a assinatura era mais simples e mais familiar: *Adriana*.

Gregorius examinou os três bilhetes onde estavam anotados os recados telefônicos. Natalie Rubin ligara na segunda à noite e ficara confusa quando lhe disseram que ele tinha deixado o hotel. Então talvez ela nem tivesse mais levado ao correio a gramática persa com a qual ele a vira na véspera.

Ligou para ela. Um mal-entendido, disse ele, tinha apenas feito uma pequena viagem e já voltara ao hotel. Ela lhe relatou sua busca infrutífera de literatura sobre a resistência portuguesa.

— Se eu estivesse em Lisboa, aposto que encontraria alguma coisa — disse ela.

Gregorius não respondeu nada.

Ele depositara dinheiro demais na conta dela, disse ela, quebrando o silêncio. Em seguida, falou que levaria ao correio ainda hoje a gramática persa.

Gregorius continuou calado.

— Não vai ficar chateado se eu também quiser aprender? — perguntou, e de repente havia um medo em sua voz que destoava daquela senhorita cortês, mais ainda do que a risada com a qual o contagiara no outro dia.

— Não, de forma alguma — disse ele, tentando manter um tom alegre.

— Até logo — disse ela.

— Até logo — disse também ele.

Na terça à noite, Doxiades; agora, essa moça: por que ele se sentia de repente como um analfabeto quando se tratava de proximidade e distância? Ou teria sido sempre assim, e ele nunca percebera? E por que ele nunca tinha tido um amigo como Jorge O'Kelly o fora para Prado? Um amigo com quem pudesse falar de coisas como lealdade e amor e sobre a morte?

Mariana Eça ligara sem deixar recado. Mas José António da Silveira mandara

dizer que gostaria de convidá-lo para jantar, caso ele retornasse a Lisboa.

Gregorius abriu o embrulho com os livros. A gramática portuguesa era tão parecida com um livro de latim que ele teve de rir. Leu até escurecer. Depois, abriu a História de Portugal e constatou que a vida de Prado coincidia quase que exatamente ao período do Estado Novo. Leu sobre o fascismo português e a polícia secreta, PIDE, à qual pertencera Rui Luís Mendes, o "Carniceiro" de Lisboa. O nome do campo de concentração mais temido para presos políticos era Tarrafal. Ficava em Santiago, uma das ilhas do arquipélago de Cabo Verde, e o seu nome se tornara um símbolo para a perseguição política impiedosa. O que mais interessou Gregorius, no entanto, foi o que leu sobre a Mocidade Portuguesa, uma organização paramilitar segundo modelo italiano e alemão, que adotou a saudação romana do modelo fascista. Todos os jovens tinham de se alistar nela, da escola primária à universidade. Começou em 1936, durante a Guerra Civil Espanhola. Ele também usara a obrigatória camisa verde? Erguera o braço, tal qual se fizera na Alemanha? Gregorius observou o retrato: impensável. Mas então, como conseguira a dispensa? Teria o pai feito valer sua influência? O juiz que, apesar da existência do campo de Tarrafal, continuava mandando o motorista buscá-lo todos os dias às dez para as seis da manhã para ser o primeiro a chegar no Palácio da Justiça?

Tarde da noite, Gregorius estava na praça do Rossio. Será que, alguma vez, conseguiria tocar aquela praça como conseguia antes tocar a Bubenbergplatz?

Antes de voltar para o hotel passou pela rua dos Sapateiros. A luz estava acesa na farmácia de O'Kelly e em cima do balcão viu o aparelho de telefone pré-histórico que ele fizera tocar na segunda à noite, da sala de Kägi.

26

Na sexta-feira de manhã Gregorius telefonou para Julio Simões, o antiquário, e voltou a lhe pedir o endereço da escola de línguas que jogara fora antes da partida para Zurique. O diretor da escola ficou surpreso quando ele alegou que não poderia esperar até segunda-feira e queria começar logo — se possível, imediatamente.

A mulher que, pouco depois, entrou na sala para aulas individuais estava vestida totalmente de verde. Até a maquiagem dos olhos combinava. Sentou-se atrás da mesa no cômodo bem aquecido e, com um arrepio de frio, protegeu os ombros com a estola. Com uma voz clara e melodiosa, que destoava do rosto sonolento e mal-humorado, disse que se chamava Cecília e pediu que ele lhe dissesse quem era e por que queria aprender a língua. "Naturalmente em português", acrescentou com uma expressão que exprimia um tédio abissal.

Só quando Gregorius, três horas mais tarde, tonto de exaustão, saiu para a rua, entendeu o que se passara nele naquele momento. Ele aceitara o desafio daquela mulher ranzinza como se se tratasse de uma abertura inesperada num tabuleiro de xadrez. "Por que você nunca luta na vida, se sabe lutar tão bem no xadrez?", perguntara-lhe Florence certa vez. "Porque acho ridículo lutar na vida", respondera, já basta o tanto que temos de lutar conosco. E agora aceitara a luta com a mulher verde. Teria ela percebido, numa clarividência quase incrível, que naquele momento de sua vida, teria de abordá-lo daquela maneira? Às vezes, parecera-lhe que sim, principalmente quando, por trás da fachada ranzinza, aparecia uma espécie de sorriso triunfal, com o qual ela se alegrava com os seus progressos. "Não, não", protestara ela, quando ele quis puxar o livro de gramática. "Tem que aprender falando."

No hotel, Gregorius se jogou na cama. Cecília lhe proibira usar a gramática. A ele, Mundus. Os lábios da professora se moviam incessantemente, e os seus também, e ele não tinha a menor ideia de onde vinham as palavras. "Mais doce, mais suave", ela dizia, sem parar, e quando levava o finíssimo lenço verde do pescoço aos lábios e o tecido se enchia de ar, ele esperava o momento em que

pudesse voltar a ver os seus lábios.

Quando acordou, começava a escurecer, e já era noite quando tocou na porta da casa de Adriana. Clotilde o levou até a sala.

— Onde o senhor estava? — perguntou Adriana assim que ele entrou no cômodo.

— Vim lhe devolver as anotações do seu irmão — disse Gregorius, estendendo-lhe o envelope com as folhas.

Seus traços se enrijeceram, as mãos permaneceram no colo.

— O que esperava? — perguntou Gregorius, sentindo-se de repente como se estivesse fazendo um lance ousado no tabuleiro, um ataque cujas consequências não podia prever. — Que um homem como ele não fosse refletir sobre o que estava certo? Depois de um abalo daqueles? Depois de uma acusação que questionava todos os valores que defendia? Que simplesmente passasse para a ordem do dia? Não pode estar falando sério!

Ele se assustou com a virulência das suas últimas palavras. E se preparou interiormente para ser mandado embora.

Os traços de Adriana se distenderam, e por instantes um espanto quase feliz passou pelo seu rosto. Estendeu-lhe as mãos e Gregorius lhe entregou o envelope. Durante alguns instantes, passou as costas da mão sobre ele, como fizera com os móveis do quarto de Amadeu na primeira visita.

— Desde então, tem frequentado aquele homem que encontrou muito tempo atrás, na Inglaterra, durante a viagem com Fátima. Ele me falou dele quando..., bem, quando voltou antecipadamente, por minha causa. João é o nome dele, João qualquer coisa. Agora, costuma sempre ir visitá-lo. À noite, não volta para casa e eu tenho que mandar os pacientes embora. Fica ali em cima deitado no chão, estudando as vias férreas. Sempre foi fascinado por trens, mas não assim. Não lhe faz bem, isso se pode ver. Está com as faces cavadas, emagreceu, não se barbeia, vai acabar morrendo, eu pressinto.

As últimas frases foram ditas num tom de lamento, uma clara rejeição de aceitar o passado como algo irrevogável. Mas antes, quando ele a criticara, aparecera no seu rosto algo que poderia ser interpretado como a disposição e até mesmo o desejo profundo de sacudir a tirania da recordação para poder se libertar do cárcere do passado. Assim, ele arriscou novamente.

— Há muito tempo ele já não estuda as vias férreas, Adriana. Há muito tempo não visita mais o João. Há muito tempo não atende mais no consultório. Amadeu morreu, Adriana, e a senhora sabe disso. Morreu de um aneurisma. Há 31 anos, uma geração. De manhã. Na rua Augusta. Telefonaram para a senhora.

Gregorius apontou para o relógio de caixa.

— Às 6h23, não é verdade?

Gregorius foi acometido por um acesso de tontura. Ele se segurou no braço da poltrona. Não ia ter forças para suportar mais um ataque da velha senhora como aquele que assistira uma semana atrás no consultório. Quando melhorasse da vertigem, iria embora e nunca mais voltaria. Mas por que cargas-d'água pensara ser tarefa sua libertar aquela mulher, com a qual, na verdade, não tinha nada a ver, de um passado paralisado e trazê-la de volta para uma vida atual e fluente? Por que se considerara como a pessoa destinada a quebrar o selo do seu espírito? Como se deixara levar por essa ideia disparatada?

Tudo ficou silencioso na sala. A tontura passou e Gregorius abriu os olhos. Adriana estava dobrada sobre si mesma no sofá, as mãos escondendo o rosto, chorando, o corpo magro estremecia, as mãos com as veias escuras tremiam. Gregorius se sentou a seu lado e pousou o braço sobre os seus ombros. Mais uma vez, as lágrimas brotaram com força, e então ela se agarrou a ele. Por fim, seus soluços foram diminuindo e o sossego do cansaço se instalou.

Quando ela se ergueu e procurou o lenço, Gregorius se levantou e dirigiu-se até o relógio. Calmamente, como em câmera lenta, abriu o vidro do relógio e acertou os ponteiros pela hora atual. Não ousou sequer virar-se, um movimento em falso, um olhar errado podia fazer tudo ruir. O vidro se fechou com um breve estalido. Gregorius abriu a caixa e pôs o pêndulo em movimento. O tique-taque era mais alto do que esperara. Nos primeiros segundos foi como se, naquela sala, existisse somente aquele tique-taque. Iniciava-se uma nova era.

O olhar de Adriana estava dirigido para o relógio, e este olhar parecia o de uma criança incrédula. A mão com o lenço parara no meio do movimento e parecia ter sido recortada no tempo. Então aconteceu algo que pareceu a Gregorius como um terremoto imóvel. O olhar de Adriana flamejou, ficou em brasa, extinguiu-se, voltou a brilhar e de repente ganhou a segurança e a clareza de um olhar completamente mergulhado no presente. Os seus olhares se encontraram e Gregorius colocou no seu toda a segurança de que dispunha para que pudesse sustentar o dela quando recomeçasse a cair.

Clotilde apareceu e permaneceu parada na porta com a bandeja do chá, o olhar preso ao relógio.

— Graças a Deus — disse baixinho. Olhou para Adriana, e quando colocou o chá na mesa, seus olhos brilharam.

Qual era a música que Amadeu gostava de ouvir, perguntou Gregorius depois de algum tempo. Primeiro parecia que Adriana nem tinha compreendido a pergunta.

Pelo visto, sua atenção precisou percorrer uma longa distância até poder chegar ao presente. Ouvia-se o tique-taque do relógio, e cada batida parecia espalhar a notícia de que tudo passara a ser diferente. De repente, Adriana levantou-se, muda, e pôs um disco de Hector Berlioz. *Les nuits d'été, La belle voyageuse, La captive, La mort d'Ophélie*.

— Ele podia ficar ouvindo isso horas a fio — disse. — Mais do que horas! Dias inteiros.

E ela voltou a se sentar no sofá.

Gregorius teve certeza de que ela queria acrescentar alguma coisa. Ela apertou a capa do disco com tanta força que as juntas dos dedos ficaram brancas. Engoliu em seco. No canto da boca formaram-se pequenas bolhas. Ela passou a língua nos lábios. Então, recostou a cabeça no sofá como alguém que se rende ao cansaço. A gargantilha preta de veludo escorregou para trás, deixando entrever uma parte de uma cicatriz.

— Era a música preferida de Fátima.

Quando a música acabou e o som do relógio voltou a surgir em meio ao silêncio, Adriana se endireitou e ajeitou a gargantilha de veludo. Sua voz possuía a tranquilidade surpresa e a segurança aliviada de alguém que acaba de superar um obstáculo interior que antes julgava insuperável.

— Um ataque cardíaco. Acabara de fazer 35 anos. Ele não quis aceitar. Meu irmão, que conseguia se adaptar com uma rapidez inaudita, quase desumana, a qualquer novidade, e cuja presença de espírito costumava crescer de repente diante de um desafio, que parecia só estar vivo de verdade quando se via enfrentando a avalanche de um acontecimento súbito — este homem, que não se cansava da realidade, não podia acreditar, simplesmente não quis acreditar que a tranquilidade lívida no rosto dela não fosse apenas a calma de um sono passageiro. Proibiu a autópsia, pensar no bisturi lhe era insuportável, protelava o enterro, gritava com as pessoas que queriam chamá-lo para a realidade. Perdeu totalmente o controle da situação, encomendou uma missa de corpo presente, cancelou-a, esqueceu do cancelamento e brigou com o padre quando nada aconteceu. "Eu devia saber, Adriana", disse ele, "ela tinha arritmias, mas eu não levei a sério, sou médico e não levei a sério, em qualquer outro paciente teria levado a sério, em seu caso atribuí a responsabilidade aos nervos, tinha havido problemas com as outras professoras, diziam que ela não era uma educadora formada, mas apenas uma filha mimada de boa família, mulher de um médico rico que não sabia como passar o tempo. Aquilo a magoou, magoou-a terrivelmente, porque era competente, tinha um talento natural, as crianças adoravam-na, as outras estavam invejosas, ela tinha conseguido

superar a tristeza pela falta dos próprios filhos, conseguiu tão bem, por isso ficou mais ofendida, ela não conseguiu defender-se, interiorizou tudo e o coração começou a falhar, às vezes parecia taquicardia, eu deveria ter levado a sério, Adriana, por que não a mandei procurar um especialista, eu conhecia um com quem estudei em Coimbra, tornou-se uma celebridade, bastaria ter ligado para ele, por que eu não o fiz, meu Deus, por que não o fiz, nem sequer a auscultei, imagina, nem sequer a auscultei..."

"Um ano depois da morte da mamãe vimo-nos, portanto, novamente numa missa de corpo presente, 'Ela teria querido uma missa', disse ele, 'além disso, é preciso dar uma forma à morte, pelo menos é o que dizem as religiões, não sei', de repente ele ficou inseguro em seus pensamentos, *não sei, não sei*, vivia repetindo. Na missa para mamãe ele se sentou num canto escuro para não chamar a atenção por não participar da liturgia, Rita não entendeu, 'mas são apenas gestos', disse ela, 'você foi coroinha e na missa do papai também participou.' Mas com Fátima, estava de tal forma desequilibrado que participava um pouco e no momento seguinte permanecia sentado, petrificado, em vez de rezar, e o pior foi: cometeu erros no texto em latim. Erros! Ele! *Erros!*

"Ele jamais chorou publicamente, nem junto ao túmulo. Foi no dia 3 de fevereiro, um dia inesperadamente ameno, mas ele não parava de esfregar as mãos, sentia muito frio nas mãos, e depois, quando o caixão começou a baixar na sepultura, enterrou as mãos nos bolsos e o acompanhou com um olhar que eu jamais vi nele antes nem depois, era o olhar de alguém que precisa enterrar tudo o que tem. Tudo. Completamente diferente do que no enterro da mamãe e do papai, quando estava compenetrado, como alguém que se preparou longamente para a despedida e sabe que aquela despedida significa também um passo para dentro da própria vida.

"Todos perceberam que ele ainda queria ficar sozinho junto ao túmulo, por isso fomos embora. Quando olhei para trás, vi-o ao lado do pai de Fátima, que também havia ficado, um antigo amigo do papai, Amadeu conhecera Fátima em sua casa e voltara como que hipnotizado. Amadeu abraçou aquele homem grande que secou os olhos com a manga da camisa e depois se afastou com passos exageradamente enérgicos. De cabeça baixa e olhos cerrados, o meu irmão permaneceu sozinho diante da cova aberta, bem uns 15 minutos. Eu podia jurar que nesse momento rezou, quero que tenha sido assim.

Amo as pessoas que rezam. Preciso da sua imagem. Preciso dela contra o veneno traiçoeiro do supérfluo e da negligência. Gregorius viu à sua frente o aluno Prado como ele discursara no auditório sobre o seu amor às catedrais. "O sacerdote ateu",

escutou João Eça dizer.

Gregorius achou que, pela primeira vez, se dariam a mão na despedida. Mas a velha senhora, em cujo rosto caíra uma mecha de cabelo grisalho, aproximou-se dele até chegar bem perto e ele sentir a estranha mistura de perfume e medicamentos. Sentiu vontade de recuar, mas havia uma estranha autoridade no modo de ela fechar os olhos e levar as mãos ao rosto dele. Como uma cega, tateou acompanhando os seus traços com mãos geladas e trêmulas, que só buscavam um toque tênue. Quando sentiu os óculos, parou. Prado usara óculos redondos com aros de ouro. Ele, Gregorius, era o estranho que decretara o fim do imobilismo do tempo e que selara a morte do irmão. E ele também era o próprio irmão que, através da narrativa, recuperara a vida. O irmão — disso Gregorius teve certeza naquele momento — que tinha alguma coisa a ver com aquela cicatriz por baixo da gargantilha de veludo e com os cedros vermelhos.

Adriana continuava constrangida à sua frente, cabisbaixa, os braços caídos. Gregorius pousou ambas as mãos nos seus ombros.

— Eu volto — disse.

27

Gregorius não tinha passado nem meia hora deitado na cama, quando a recepção anunciou uma visita. Ele não quis acreditar no que os seus olhos viam: era Adriana que, apoiada numa bengala, estava em pé no meio do saguão do hotel, envolta num grande sobretudo preto, a cabeça coberta pelo pano de crochê. Era a visão comovente e, ao mesmo tempo, patética de uma mulher que saíra pela primeira vez da sua casa em muitos anos e que, de repente, se via num mundo que não conhecia mais, nem mesmo se atrevia a se sentar.

Ela desabotoou o sobretudo e tirou dois envelopes do bolso.

— Eu... eu queria que lesse isso aqui — disse, desajeitada e insegura, como se o ato de falar lá fora, no mundo, fosse mais difícil, ou pelo menos diferente do que dentro de casa. — Uma das cartas eu encontrei quando arrumamos a casa depois da morte da mamãe. Amadeu não a leu por pouco, mas tive um pressentimento quando a tirei da gaveta secreta da mesa de trabalho do papai e a escondi. A outra encontrei depois da morte de Amadeu em sua mesa de trabalho, debaixo de um monte de papel.

Adriana olhou timidamente para Gregorius, baixou os olhos e voltou a olhar para ele.

— Eu... eu não quero ser a única a conhecer as cartas. Rita, bem, Rita não iria entender. E eu não tenho mais ninguém.

Gregorius passou os envelopes de uma mão para a outra. Procurou as palavras adequadas e não encontrou.

— Como veio até aqui? — perguntou, finalmente.

Lá fora, Clotilde estava esperando no táxi. Quando Adriana se recostou no assento traseiro, foi como se aquela excursão para o mundo real tivesse consumido todas as suas forças.

— Adeus — dissera-lhe, antes de entrar no carro. Estendera-lhe a mão, ele sentira os ossos e as veias nas costas da mão que cediam sob a pressão. Surpreso, constatara o vigor e a firmeza daquele aperto de mão, quase como o aperto de

alguém que vive no mundo real e passa o dia inteiro cumprimentando dezenas de pessoas.

Esse aperto de mão surpreendentemente firme, quase rotineiro, ficou reverberando em Gregorius enquanto observava o táxi que se afastava. Em pensamento, transformou Adriana novamente na mulher de 40 anos que o velho Coutinho descrevera ao mencionar a maneira autoritária com que ela lidava com os doentes. Se não tivesse havido o choque do aborto e ela tivesse podido viver a sua própria vida em vez da vida do irmão, que outra pessoa, completamente diferente, seria hoje!

De volta ao quarto, abriu primeiro o envelope mais grosso. Era uma carta de Amadeu ao seu pai, o juiz. Uma carta nunca enviada que, ao longo dos anos, tinha sido várias vezes reescrita, como se podia notar pelas várias correções, em que, além dos vários tons de tinta, se podia também constatar a evolução da caligrafia.

Prezado pai, era a saudação original, e depois *Prezado e temido pai*, mais tarde, Amadeu acrescentara *Querido papai* para, finalmente, escrever *Secretamente querido papai*.

Quando o seu motorista me levou hoje de manhã para a estação e eu me vi sentado naquele estofamento em que o pai se senta todos os dias, dei-me conta de que necessitava expressar com palavras todas aquelas sensações contraditórias que ameaçam me despedaçar para não continuar sendo sua vítima. "Creio que exprimir uma coisa significa preservar a sua força e livrá-la do susto", escreveu Pessoa. No final dessa carta saberei se ele tinha razão ou não. No entanto, terei que esperar muito tempo, pois já agora, mal comecei, sinto que será um longo e pedregoso caminho até a clareza que eu busco escrevendo. E tenho medo quando penso em algo que Pessoa deixou de mencionar: a possibilidade de que a expressão não consiga captar a essência. O que acontece então com a sua força e o seu susto?

"Desejo-te sucesso neste semestre", foi o que o pai me disse como todas as vezes quando volto para Coimbra. Nunca — nem naquela despedida, nem em nenhuma outra — o pai usou palavras que expressassem o desejo de que o semestre que se iniciava pudesse me trazer satisfação ou mesmo prazer. Quando, no carro, passei a mão pelo sofisticado estofamento, pensei: será que ele conhece a palavra prazer? Será que já foi jovem? Pois algum dia encontrou a mamãe, em algum momento distante.

Mas embora fosse como sempre, dessa vez também foi diferente, papai. "Mais um

ano e esperamos que possas voltar", *disseste, quando eu já estava lá fora. Esta frase me sufocou e eu tive a sensação de que ia tropeçar. Era uma frase de um homem torturado com as costas vergadas e não uma frase que veio da boca de um juiz. Sentado no carro, tentei escutá-la como a expressão de puro e simples afeto. Mas o tom falhou, porque eu sabia que ele queria, antes de mais nada, que o seu filho, o médico, estivesse por perto e lhe ajudasse na luta contra as dores. "Ele fala de mim às vezes?", perguntei ao motorista Henrique. Ele demorou para responder, fingindo-se ocupado com o trânsito. "Acho que tem muito orgulho do senhor", disse finalmente.*

Cecília contara para Gregorius que, até os anos 50, as crianças portuguesas só muito raramente tratavam os pais por tu; na maioria das vezes utilizavam a forma indireta *o pai* ou *a mãe*. A própria Cecília o tratara primeiro por você para, depois de algum tempo, se interromper e lhe propor que passassem a se tratar por tu, pois a outra forma lhe parecia muito formal, afinal, era a forma abreviada de Vossa Mercê. Com o tu e o você, o jovem Prado dera um passo além do habitual, tanto na forma mais íntima quanto na mais formal, terminando por decidir variar entre os dois extremos. Talvez nem se tratasse de uma decisão consciente, mas apenas da expressão natural e irrefletida de seu sentimento indeciso?

Com a pergunta ao motorista terminava uma das folhas da carta. Prado não as numerara. A continuação era brusca e tinha sido escrita com outra tinta. Seria aquela a ordem do próprio Prado ou fora Adriana quem determinara a sequência?

O pai é juiz — portanto, uma pessoa que julga, condena e pune. "Não sei mais como aconteceu", disse-me certa vez o tio Ernesto, "às vezes me parece que isso já estava decidido quando ele nasceu." Sim, pensei então, exatamente.

Reconheço: em casa, o pai não se comportava como um juiz — não julgou mais do que outros pais, possivelmente até menos. E no entanto, pai, muitas vezes sentia o seu laconismo, a sua presença muda como ajuizadora, judicial e até sentenciadora.

Imagino que o pai seja um juiz justo, preenchido e guiado pela benevolência, e não um magistrado cujas sentenças duras e intransigentes se devem à amargura motivada pelas privações e pelo fracasso do próprio projeto de vida, nem a uma consciência pesada recôndita, motivada por decisões secretas equivocadas. O pai esgota as possibilidades de condescendência e tolerância que a lei lhe concede. Apesar disso, eu sempre sofri com o fato de seres alguém que julga os outros. "Um juiz é alguém que manda os outros para a

prisão?", te perguntei depois do primeiro dia de aula, quando tive de responder publicamente à pergunta sobre a profissão do meu pai. Porque era disso que os outros falavam no recreio. E o que falavam não soou a desprezo ou acusação, era mais curiosidade e sensacionalismo, uma curiosidade que mal se distinguia da curiosidade de um outro aluno que dissesse que seu pai trabalhava no abatedouro de animais. A partir desse dia, fiz tudo o que pude para nunca mais passar perto da prisão.

Eu tinha 12 anos quando me esgueirei por entre os guardas para a sala do tribunal para vê-lo trajando a toga, sentado à mesa elevada do juiz. Naquela altura, o senhor era um simples juiz que ainda não tinha chegado ao Supremo Tribunal. Senti orgulho e, simultaneamente, estava profundamente assustado. Tratava-se da leitura de uma sentença, e essa sentença condenou uma ladra contumaz, a sentença determinava pena de prisão devido à repetição do fato. Era uma mulher de meia-idade, acabada e feia, um rosto que não era simpático. E, no entanto, quando ela foi levada e desapareceu nas catacumbas do tribunal, eu me arrepiei, cada célula do meu corpo parecia estar imobilizada e paralisada.

Achei que o advogado de defesa, provavelmente alguém do Ministério Público, não desempenhou bem a sua função. Ele dizia suas frases automaticamente, não se soube nada sobre a motivação daquela mulher, ela não sabia se explicar, não me espantaria nada se fosse analfabeta. À noite, fiquei acordado, às escuras, defendendo-a, e era menos uma defesa contra o Procurador da República do que uma defesa contra o senhor. Argumentei até ficar rouco, até a voz falhar e a torrente de palavras acabar. No fim, vi-me perante o pai, completamente acabado e vazio, paralisado por uma ausência de palavras que eu senti como uma verdadeira perda de sentidos. Quando acordei, dei-me conta de que no final eu me defendera contra uma acusação que o senhor nem sequer havia pronunciado. O pai jamais me acusou, a mim, o seu adorado filho, de algo grave. Nem uma única vez, e por vezes eu penso que tudo aquilo que fiz foi por esta única razão: para me antecipar a uma possível acusação que eu parecia conhecer sem, no entanto, saber nada dela. Não será este, no fim das contas, o motivo de eu ter-me tornado médico? Para fazer tudo o que está ao alcance das minhas possibilidades contra a doença demoníaca das articulações da tua coluna? Para estar protegido contra a acusação muda de não estar participando suficientemente do teu sofrimento mudo? Contra a acusação, portanto, com a qual afastaste de ti Adriana e Rita, até ela, por fim, se confirmar.

Mas voltemos ao tribunal. Nunca esquecerei a incredulidade e o pavor que se apoderaram de mim quando vi que, depois da leitura da sentença, o Procurador da República e o advogado de defesa se cumprimentaram e riram juntos. Imaginei que isso fosse impossível, e até hoje ainda não posso compreender. Quando o senhor abandonou a sala, livros embaixo dos braços, o seu rosto estava sério e nele lia-se uma certa comiseração. Como desejei que fosse genuína essa comiseração com a ladra sendo agora trancada com chaves enormes e insuportavelmente barulhentas atrás da pesada porta de uma cela!

Nunca mais esqueci aquela ladra. Muitos anos mais tarde, observei uma outra ladra numa loja, uma jovem de uma beleza sedutora que fazia desaparecer nos bolsos do sobretudo vários objetos cintilantes com um incrível talento artístico. Confuso com a sensação de alegria que acompanhava a minha percepção eu a segui por todos os andares em sua ousada pilhagem. Só muito lentamente compreendi que, na minha fantasia, aquela mulher vingava aquela outra ladra que o senhor mandou para a prisão. Quando reparei que um homem se aproximava dela com um andar sorrateiro, fui correndo em sua direção e sussurrei: "Cuidado!" A sua presença de espírito me deixou sem palavras. "Vem, amor", disse ela, agarrando o meu braço, a cabeça encostada no meu ombro. Na rua, olhou para mim e, de repente, dava para ver um medo no seu olhar, um medo que contrastava com o seu comportamento frio e calculista.

— Por quê? — O vento soprava o seu cabelo farto no rosto, escondendo, por um momento, o olhar. Eu o afastei da sua testa.

— É uma longa história — disse eu —, mas para resumir: adoro ladras. Desde que conheça o seu nome.

Ela fez um beicinho e refletiu durante um momento:

— Diamantina Esmeralda Ermelinda.

Ela sorriu, deu-me um beijo rápido na boca e desapareceu. Mais tarde, sentado diante do senhor à mesa, tive a sensação de triunfo e a benevolência de um vencedor secreto. Nesse momento, todas as ladras do mundo ironizavam todos os códigos de lei do mundo.

Seus códigos penais: desde que me entendo por gente, aqueles volumes todos iguais encadernados em couro preto me encheram de respeito, uma espécie de veneração bíblica. Não eram livros como os outros, e o que continham tinha um nível e uma dignidade muitos especiais. Eram tão distantes de tudo o que era comum que eu me surpreendia ao

encontrar neles palavras em português — embora fossem palavras pomposas, barrocas e cheias de arabescos, inventadas, como se parecia, por habitantes de um outro astro, bem mais frio. Sua estranheza e distância eram ainda mais acentuadas pelo cheiro acre do pó que vinha da estante e que me fazia pensar vagamente que devia fazer parte da essência daqueles livros que ninguém jamais os tirava da prateleira e que eram eles próprios que preservavam e guardavam para si o seu solene conteúdo.

Muito mais tarde, quando comecei a compreender em que consistia a arbitrariedade de uma ditadura, às vezes via diante de mim os códigos nunca usados da minha infância, e então, em minhas fantasias infantis, acusei o senhor, pai, de não tê-los tirado da estante para jogá-los na cara dos carrascos de Salazar.

O pai jamais proibiu ninguém de tirar os livros da prateleira, não, eram os próprios volumes negros majestosos que me impediam com austeridade draconiana até mesmo de mudá-los da posição em que se encontravam. Quantas vezes me esgueirei, em menino, no teu escritório e lutei com o coração batendo forte contra o desejo de pegar um daqueles volumes e lançar um olhar no seu conteúdo sagrado! Eu tinha 10 anos quando, finalmente, o fiz, com os dedos tremendo, assegurando-me depois com várias olhadelas para o hall de que ninguém me flagraria. Eu queria desvendar o mistério da sua profissão e compreender que tipo de pessoa eras além da família, lá fora, no mundo. Foi uma enorme decepção constatar que a linguagem seca e formal que reinava entre as capas de couro nada tinha de revelação, nada que justificasse aquele estremecimento ao mesmo tempo esperado e temido.

Antes de o pai se levantar, naquele dia, depois do processo contra a ladra, os nossos olhares se cruzaram. Pelo menos foi o que me pareceu. Eu esperei — e essa esperança durou semanas — que fosses abordar o assunto. Por fim, a esperança virou desapontamento e quase chegou à revolta e à raiva. Será que o senhor me considerava muito jovem, muito limitado? Mas isso não combinava com a constante exigência que o senhor sempre demonstrou para comigo e considerava natural. O senhor ficou constrangido pelo fato de eu tê-lo visto com a toga? Mas eu nunca tive a impressão de que o senhor se envergonhasse da profissão que exercia. Ou terá sido medo das minhas dúvidas? Eu teria tido esse medo, mesmo que ainda fosse uma criança, isso o senhor sabia, me conhecia bem demais, pelo menos é o que eu espero. Foi então covardia — um tipo de fraqueza que, de resto, eu nunca teria associado com o senhor?

E eu? Por que foi que eu não abordei o assunto? A resposta é simples e clara:

interrogá-lo era algo que pura e simplesmente não se podia fazer. Teria feito ruir toda a estrutura e toda a arquitetura familiar. E não era apenas algo que não se podia fazer*, era algo que não se podia sequer* pensar. *Em vez de pensá-lo e de fazê-lo, na minha fantasia eu superpus as duas imagens — a do pai privado, conhecido, rei do silêncio, e a do homem de toga que falava com palavras calculadas e uma voz sonora e inatingível, a qual transbordava de eloquência formal, para a sala de tribunal, uma sala em que as vozes provocavam um eco que me dava calafrios. Eu me assustava cada vez que passava por esse exercício da imaginação, pois ele não resultava em nenhuma contradição que me consolasse, mas numa figura coerente. Para mim foi duro, pai, que tudo se fundisse dessa maneira inexorável, e quando eu já não conseguia suportar que o pai se mantivesse presente em mim como um monumento de pedra, lembrei-me de um pensamento que eu normalmente me proibia de ter porque infringia o santuário da intimidade: que, de vez em quando, deves ter abraçado a mamãe.*

Por que te tornaste juiz, papai, e não advogado de defesa? Por que escolheste o lado dos que punem? Tem que haver juízes, deves ter dito, e naturalmente sei que pouco há a dizer contra essa frase. Mas por que é que logo o meu pai tinha que se tornar um deles?

Até ali era uma carta ao pai ainda vivo, uma carta que o estudante Prado escrevera em Coimbra, e podia se imaginar que ela tivesse sido escrita logo depois da volta mencionada. Com a folha seguinte modificaram-se tanto a tinta quanto a caligrafia. O traço era agora mais seguro, fluente e como que polido pela rotina profissional dos apontamentos médicos. E as formas verbais revelavam uma época posterior à morte do juiz.

Gregorius fez as contas: dez anos se passaram entre a conclusão do curso de Prado e a morte do pai. Será que a conversa muda iniciada com o pai ficara tanto tempo bloqueada dentro do filho? Nas profundezas mais profundas do sentimento, dez anos eram como um segundo, ninguém sabia disso melhor do que Prado.

Teria o filho tido que esperar até a morte do pai para poder continuar a escrever a carta? Depois dos estudos, Prado voltara para Lisboa e trabalhara lá na clínica de neurologia, isso Mélodie havia dito para Gregorius.

— Eu tinha 9 anos e fiquei contente em tê-lo de volta; hoje eu diria que foi um equívoco — dissera ela. — Mas ele tinha saudades de Lisboa, sempre tinha saudades, mal punha um pé fora da sua cidade, já queria voltar, havia nele tanto aquele amor louco por trens como essa saudade. Ele era cheio de contradições, o meu irmão grande e brilhante. Havia nele o viajante, o homem mordido pela

nostalgia da distância, era fascinado pelo Expresso Transiberiano, na sua boca, *Vladivostok* era um nome sagrado, e depois havia também nele o outro, aquele que a saudade consumia, "é como ter sede", costumava dizer, "quando a saudade me assalta, é como uma sede insuportável. Talvez tenha que conhecer todos os trajetos e todas as vias férreas para poder voltar para casa a qualquer momento, eu não aguentaria na Sibéria, imagina só: o ruído das rodas dia e noite, isso me levaria cada vez mais longe de Lisboa".

Já amanhecia quando Gregorius deixou de lado o dicionário e esfregou os olhos ardentes. Levantou-se para fechar as cortinas e se deitou vestido debaixo da coberta. "Estou prestes a me perder", fora o pensamento que o fizera regressar à Bubenbergplatz, a praça que depois não conseguira mais tocar. Quando acontecera aquilo?

E se eu quisesse *me perder*?

Gregorius deslizou através de um sono leve sacudido por um ciclone de estilhaços de pensamentos. A verde Cecília dirigia-se o tempo todo ao juiz, tratando-o de *Vossa Mercê*, ela roubava objetos preciosos e brilhantes, diamantes e outras pedras preciosas, mas acima de tudo roubava nomes, nomes e beijos, transportados por rodas barulhentas através da Sibéria até Vladivostok, que ficava muito distante de Lisboa, o lugar dos tribunais e das dores.

Um vento quente o fustigou quando, por volta do meio-dia, abriu a cortina e a janela. Ficou parado durante alguns minutos sentindo como o rosto ficava seco e quente sob o efeito do ar do deserto. Pela segunda vez na sua vida, mandou vir alguma coisa para comer no quarto e quando viu a bandeja na sua frente pensou na outra vez, em Paris, naquela viagem maluca que Florence propusera depois do primeiro café da manhã em sua cozinha. *Cobiça, bem-estar e aconchego*. O sentimento mais fugidio é a cobiça, dissera Prado, depois vinha o bem-estar e, por fim, até o aconchego se quebrava. Por isso, o importante era a lealdade, assumir uma posição da alma, para além dos sentimentos. *Um sopro de eternidade*. "Você nunca realmente se referiu a mim", dissera ele no final para Florence, e ela não dissera nada.

Gregorius ligou para Silveira, que o convidou para jantar. Em seguida, pegou o livro de fotografias sobre Isfahan, que os Schnyder lhe haviam dado na Elfenau, e pediu que um funcionário do hotel lhe explicasse onde poderia comprar tesoura, tachinhas e fita adesiva. No momento em que ia sair do quarto Natalie Rubin ligou. Ela ficou decepcionada ao saber que a gramática persa não tinha chegado, apesar de ela ter enviado por um serviço expresso.

— Eu devia era ter ido levá-la pessoalmente — disse e, logo em seguida, assustada e um pouco constrangida com as suas próprias palavras, perguntou-lhe o que fazia nos fins de semana.

Gregorius não conseguiu resistir.

— Fico sentado no escuro numa escola cheia de ratazanas e leio sobre o difícil amor de um filho pelo pai que se suicidou, ninguém sabe se por causa das dores ou do sentimento de culpa.

— O senhor está querendo... — disse Natalie.

— Não, não — interrompeu-a Gregorius —, não estou fazendo você de boba. É exatamente como eu disse. Só que é impossível explicar, simplesmente impossível, e ainda por cima há esse vento do deserto...

— O senhor... o senhor está irreconhecível. Se é que eu...

— Sim, claro que pode dizer isso, Natalie, às vezes nem eu próprio acredito.

Ele garantiu-lhe que ligaria tão logo a gramática persa chegasse.

— O senhor também pretende aprender persa nessa fantástica escola de ratazanas?

Ela riu da sua própria invenção.

— Naturalmente. A Pérsia é ali.

— Desisto.

Ambos riram.

28

Por que, papai, por que jamais falaste comigo sobre as tuas dúvidas, tuas lutas interiores? Por que nunca me mostraste as cartas que escreveste ao ministro da Justiça, os teus pedidos de demissão? Por que destruíste todos os documentos, de modo que agora parece que nunca tivesses tentado nada? Por que só através da mamãe vim a saber dos teus esforços para tentar a libertação, mamãe que me contou aquilo cheia de vergonha, embora fosse motivo para se sentir orgulhosa?

Se foram mesmo as dores que te levaram ao suicídio — bem, contra isso também eu nada teria conseguido fazer. Perante a dor, a força das palavras se esgota rapidamente. Mas se o aspecto decisivo não foram as dores, e sim o sentimento de culpa e de fracasso por não teres tido a força para te afastar de Salazar, sem que te fosse possível continuar a fechar os olhos perante o sangue e a tortura, então por que é que não vieste falar comigo? Com o teu filho, que uma vez quis ser padre?

Gregorius olhou para a frente. O ar quente da África entrava pela janela aberta do escritório do Sr. Cortês. O cone de luz errante sobre as tábuas do assoalho apodrecidas estava hoje mais amarelado do que da última vez. Nas paredes estavam as imagens de Isfahan que ele recortara. Azul-marinho e dourado, dourado e azul-marinho, cada vez mais, cúpulas, minaretes, mercados, bazares, rostos de mulheres cobertos com véu, olhos negros, famintos de vida. Elifaz de Temã, Bildade de Chua e Zofar de Naama.

A primeira coisa que fizera fora tirar da gaveta a Bíblia que já cheirava a mofo e a bolor. "Deus castiga o Egito com as pragas, só porque o faraó se mostra inflexível", dissera Prado a O'Kelly, "mas foi o próprio Deus quem o fez assim! E ele o fez assim para poder demonstrar o seu poder! Que Deus vaidoso, presunçoso! Que metido!" Gregorius leu a história: era verdade.

Durante metade de um dia haviam discutido sobre se ele devia mesmo chamar

Deus de *metido* ou de *fanfarrão*. Iam longe demais quando colocavam o SENHOR — ainda que pelo ínfimo período de tempo de uma só palavra atrevida — no mesmo nível de qualquer moleque de rua. Jorge vencera a disputa e Amadeu deixara aquela palavra lá. Durante um momento, Gregorius se sentiu decepcionado com O'Kelly.

Gregorius caminhou pelo prédio, desviando das ratazanas, sentou-se no lugar que da outra vez atribuíra a Prado, com contato visual com Maria João, e finalmente encontrou no porão a antiga biblioteca, na qual o jovem Amadeu, segundo o relato de padre Bartolomeu, se deixara trancar durante a noite para poder ler a noite inteira. *Quando Amadeu lê um livro, não há mais letras depois.* As prateleiras estavam vazias, empoeiradas e sujas. O único livro que sobrara estava servindo de apoio embaixo da estante para evitar que ela caísse. Gregorius quebrou um pedaço de tábua do assoalho e colocou-o debaixo da estante no lugar do livro. Depois, tirou a poeira do livro e folheou. Era uma biografia de Joana, a Louca. Ele a levou para a sala do Sr. Cortês.

Foi bem mais fácil se encantar com António de Oliveira Salazar, aquele professor aristocrático, do que deixar se levar por Hitler, Stalin ou Franco. Com aquela escória nunca te terias conformado, estavas imune a eles com a tua inteligência e o teu infalível senso de estilo. Também nunca ergueste o braço, posso pôr a minha mão no fogo. Mas aquele homem vestido de negro, com a expressão inteligente e esforçada — por vezes, cheguei a pensar que talvez tenhas te identificado com ele. Não na sua ambição impiedosa e na sua cegueira ideológica, mas na austeridade em relação à sua própria pessoa. Mas pai: ele compactuou com os outros! Ele assistiu aos crimes para os quais nunca haverá palavras adequadas, enquanto os homens viverem sobre a terra! E entre nós houve o Tarrafal! Existia o Tarrafal, pai! O TARRAFAL! Onde andava a sua imaginação? Teria bastado que o pai visse uma única vez mãos como as que eu vi, as mãos de João Eça: queimadas, cobertas de cicatrizes, mutiladas, mãos que um dia tocaram Schubert. Por que nunca viste mãos iguais àquelas, pai?

Terá sido o medo de um doente que temeu enfrentar o poder do Estado devido à fraqueza física? E que, por isso mesmo, desviou o olhar? Foram as tuas costas vergadas que te impediram de assumir uma postura reta? Mas não, recuso-me a aceitar esta interpretação, seria injusta, pois iria te privar da dignidade de que sempre deste provas: a força de jamais te submeter ao teu sofrimento, nem em pensamentos, nem em ações.

Uma vez, uma única vez, pai, fiquei feliz por teres conseguido mexer os pauzinhos no círculo daqueles criminosos bem vestidos e de chapéu, isso eu preciso admitir: foi quando o senhor conseguiu me libertar da Mocidade. Com certeza, o pai viu o meu pânico quando me imaginei com a camisa verde e erguendo o braço. Isso não vai acontecer, o pai disse, simplesmente, e eu fiquei feliz com aquele carinho implacável que havia no seu olhar. Naquele momento, não gostaria de ser seu inimigo. Claro, tu tampouco querias imaginar o teu filho fazendo fogueira num acampamento. Mesmo assim, interpretei a tua intervenção — como quer que tenha sido — como expressão de um profundo afeto da sua parte, e na noite em que soube da minha dispensa te dei mostra dos meus sentimentos.

Mais complicado deve ter sido evitar que eu fosse para as barras dos tribunais por ferir a integridade física de Adriana. O filho do juiz: não sei até hoje que pauzinhos o senhor mexeu, nem que conversas precisou ter. Digo-lhe hoje: eu teria preferido enfrentar o juiz e lutar pelo direito moral de fazer prevalecer a vida perante a lei. Mesmo assim, fiquei muito comovido com o que fizeste, o que quer que tenha sido. Não poderia explicar, mas sempre tive a certeza de que não foste movido por nenhum daqueles dois fatores que eu não teria podido aceitar: o medo da vergonha ou a satisfação de ver reconhecido o teu prestígio. Agiste simplesmente para me proteger. "Estou orgulhoso de ti", disseste, quando te expliquei a situação clínica e te mostrei o parágrafo no manual de Medicina. Depois, me abraçaste, foi a única vez depois do fim da infância. Senti o cheiro do tabaco na tua roupa e do sabonete do teu rosto. Sinto-os até hoje, assim como ainda sinto a pressão dos teus braços que durou mais tempo do que eu esperava. Sonhei com esses braços, eram braços estendidos, braços que imploravam, com a fervorosa súplica ao filho que o libertasse das dores, como se eu fosse um feiticeiro bondoso.

Naquele sonho entrou a expectativa e a esperança extraordinária que eu vi surgir no teu rosto toda vez que te explicava o mecanismo da tua doença, daquela irreversível deformação da coluna vertebral a que deram o nome de Vladimir Bechterev, ou quando conversava contigo sobre o mistério da dor. Foram sempre momentos de grande e profunda intimidade, em que o teu olhar não se desviava dos meus lábios e em que parecias sorver cada uma das palavras do jovem médico como se fosse uma revelação. Naqueles momentos, eu era o pai que sabia tudo, e tu, o filho desamparado. Lembro-me ainda de ter perguntado à mamãe depois de uma dessas conversas como é que tinha sido o teu pai e que relação tiveste com ele. "Um tirano orgulhoso, solitário e insuportável que

comia na minha mão", disse ela. Contou que ele fora um fanático defensor do colonialismo. "Ele se reviraria no túmulo se soubesse da tua opinião sobre isso."

Gregorius pegou um táxi até o hotel e se vestiu para jantar na casa de Silveira. Ele morava numa mansão em Belém. Uma empregada abriu a porta e Silveira veio ao seu encontro no hall imenso, que, com o lustre, mais parecia a entrada de uma embaixada. Ele reparou como Gregorius olhava para tudo, admirado.

— Depois do divórcio e da saída dos filhos de casa, tudo de repente se tornou excessivamente grande. Mas tampouco quero sair daqui — disse Silveira, em cujo rosto Gregorius observou o mesmo cansaço que já vira no primeiro encontro deles, no trem noturno.

Mais tarde, Gregorius não conseguiu reconstituir tudo aquilo. Durante a sobremesa, ele falou de Florence, de Isfahan e daquelas idas meio loucas ao liceu abandonado. Foi um pouco como da outra vez, no vagão-leito, quando ele contara àquele homem como levantara de repente na sala de aula e fora embora.

— O seu sobretudo estava molhado quando o tirou do cabide, lembro-me bem, chovia — disse Silveira na hora da sopa. — E também me lembro ainda como se diz luz em hebraico: *ör*.

Então, Gregorius acabou lhe falando também da portuguesa sem nome, o detalhe que omitira no trem.

— Venha comigo — disse Silveira depois do café, conduzindo-o até o portão. — Veja aqui o equipamento de *camping* dos meus filhos. Tudo do bom e do melhor. Não adiantou nada. Um dia, deixaram de lado, perderam o interesse, nenhum agradecimento, nada. Um fogão de *camping*, uma máquina de café, tudo com acumulador elétrico. Por que não leva simplesmente? Para o liceu abandonado? Falo com o motorista, ele checa as baterias e leva.

Não se tratava só de generosidade. Era o liceu. Ele tinha pedido que lhe descrevesse a escola abandonada e depois quisera saber mais e mais, e isso ainda poderia ter sido mera curiosidade, uma curiosidade como se tem por um castelo enfeitiçado. Mas a oferta do equipamento de *camping* revelava uma compreensão dos seus atos estranhos — ou, se não era compreensão, pelo menos respeito — que ele não teria esperado de ninguém, muito menos de um homem de negócios cuja vida sempre girara em torno do dinheiro.

Mais uma vez, Silveira notou o seu espanto.

— É que eu simplesmente gostei dessa história do liceu e das ratazanas — explicou, sorrindo. — Trata-se de algo completamente diferente que não se pode

contabilizar. Parece que tem algo a ver com Marco Aurélio.

Quando ficou um tempo sozinho na sala, Gregorius observou os livros. Montes de literatura sobre porcelana. Direito comercial. Dicionários técnicos e comerciais ingleses e franceses. Um dicionário de psicologia infantil. Uma estante com romances variados.

Numa mesinha de canto havia uma fotografia dos dois filhos, um rapaz e uma moça. Gregorius se lembrou da carta de Kägi. No telefonema daquela manhã, Natalie Rubin mencionara que o reitor tivera que faltar a algumas aulas porque a mulher estava na clínica, em Waldau. "Há momentos em que a minha mulher parece desmoronar", escrevera Kägi.

— Liguei para um colega meu que costuma ir para o Irã — disse Silveira, quando voltou. — É preciso ter um visto, mas fora isso não há problema em viajar para Isfahan.

Silveira parou quando viu a expressão que surgiu no rosto de Gregorius.

— Ah, bem — disse então, devagar. — Ah, bem. Naturalmente. Não se trata dessa Isfahan. Nem desse Irã, e sim da Pérsia.

Gregorius assentiu. Mariana Eça se interessara pelos seus olhos e percebera a sua insônia. Mas de resto Silveira era a única pessoa que se interessara aqui por ele. Por ele. O único para quem ele não era um espelho compreensivo, como para os habitantes do mundo de Prado.

Quando estavam novamente no hall de entrada, despedindo-se, e a empregada trouxe o sobretudo para Gregorius, o olhar de Silveira se demorou na galeria do primeiro andar, que dava para os outros cômodos. Ele olhou para o chão e novamente para cima.

— A ala das crianças. A antiga ala. Quer dar uma olhada?

Duas suítes amplas, com muita luz. Metros e metros de livros de Georges Simenon nas estantes.

Estavam na galeria. De repente, Silveira parecia não saber mais onde colocar as mãos.

— Se quiser, pode morar aqui. De graça, naturalmente. Por tempo indeterminado.

Ele riu.

— Se não estiver por acaso na Pérsia. É melhor do que um hotel. Ninguém o incomoda, eu viajo muito. Amanhã de manhã saio cedinho. Julieta, a empregada, cuida do senhor. E depois vai haver um dia em que vou ganhar uma partida.

— Eu me chamo José — disse, quando selaram o acordo com um aperto de mão. — E você?

29

Gregorius fez a mala. Sentiu-se excitado, como se estivesse partindo para uma volta ao mundo. Em pensamentos, tirava alguns volumes de Simenon no quarto do rapaz e arrumava os seus próprios livros: os dois sobre a peste e o terremoto, que Coutinho lhe dera uma eternidade atrás, Pessoa, Eça de Queirós, a fotobiografia de Salazar, os livros de Natalie Rubin. De Berna, havia trazido Marco Aurélio e seu velho Horácio, as tragédias gregas e Safo. No último momento, metera na mala também as *Confissões* de Santo Agostinho. Os livros para a próxima etapa.

Estremeço só de pensar na força não intencional e desconhecida, porém inexorável e inevitável, com que os pais deixam marcas nos seus filhos, as quais, como marcas de queimadura, nunca mais poderão ser eliminadas. Os contornos dos seus desejos e medos inscrevem-se como ferro incandescente nas almas dos pequenos, cheios de desconhecimento e impotência em relação àquilo que acontece com eles. Precisamos de uma vida inteira para achar este texto marcado a fogo sem jamais ter certeza se o compreendemos.

Vê, papai, o mesmo aconteceu comigo e também contigo. Não foi há muito tempo que comecei finalmente a suspeitar que havia gravado em mim um poderoso texto, um texto que sempre dominou tudo o que até hoje senti e fiz, um texto oculto e ardente, cujo poder insidioso consiste precisamente no fato de que, apesar de toda a minha cultura, eu nunca ter duvidado que ele pudesse não ter a validade que lhe atribuí, sem saber. O texto é curto e de uma inexorabilidade que lembra o Antigo Testamento: teu tribunal são os outros.

Eu não teria como provar a validade deste texto perante um tribunal, mas sei que, desde criança, era esse texto que eu lia no seu olhar, pai, naquele olhar que aparecia atrás das lentes, cheio de abnegação, dor e austeridade, e que parecia me seguir para onde eu fosse. O único lugar para onde ele não conseguia me seguir era a grande poltrona na

biblioteca do liceu, atrás da qual eu me escondia à noite para poder continuar lendo. A materialidade sólida daquela poltrona, junto com a escuridão, resultou num muro impenetrável que me protegia de qualquer tentativa de controle. Até lá o seu olhar não chegava, pai, e assim também não pôde haver tribunal perante o qual eu tivesse de me responsabilizar quando lia sobre as mulheres com braços e pernas alvos e todas as coisas que só se podia fazer às escondidas.

Será que o pai consegue imaginar a minha raiva quando li, no profeta Jeremias: "Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja?, diz o Senhor. Porventura não encho eu o céu e a terra?, diz o Senhor."

— O que você queria? — disse o padre Bartolomeu. — Ele é Deus.

— Sim, é precisamente o que há contra Deus: o fato de ser Deus — retruquei.

O padre riu. Não me levou a mal. Me adorava.

Quanto eu teria desejado um pai com quem eu pudesse falar sobre essas coisas, papai! Sobre Deus e a sua crueldade autocomplacente, sobre a cruz, a guilhotina e o garrote. Sobre a loucura que é estender a outra face. Sobre justiça e vingança.

As tuas costas não suportavam os bancos das igrejas. Por isso, só te vi ajoelhado uma única vez, durante a missa de corpo presente pelo tio Ernesto. Nunca mais hei de esquecer a silhueta do teu corpo torturado, tinha alguma coisa a ver com Dante e o purgatório, que eu sempre imaginei como um mar flamejante da humilhação, pois o que pode haver de pior do que a humilhação? Mesmo a dor mais lancinante nada é contra a humilhação. Assim aconteceu que jamais falamos dessas coisas. Creio que só te ouvi proferir a palavra "Deus" em contextos banais, nunca sérios, nunca de modo a revelar uma fé. E, no entanto, nunca empreendeste nada contra a surda sensação de que não apenas carregavas dentro de ti os códigos das leis do mundo profano, como também os da igreja, a igreja que gerou a Inquisição. Tarrafal, pai, TARRAFAL!

30

O motorista de Silveira veio buscar Gregorius no fim da manhã. Tinha recarregado as pilhas do equipamento de *camping* e embrulhara café, açúcar e biscoitos em duas mantas. No hotel, ninguém gostou de saber que ele iria partir.

— Foi um grande prazer — disseram.

Chovera durante a noite e nos carros havia uma camada fina de areia trazida pelo vento do deserto. Filipe, o motorista, abriu a porta traseira do grande carro brilhante. "Quando eu me vi sentado naquele estofamento", assim nascera a ideia de Prado de escrever uma carta ao pai.

Gregorius só havia andado de táxi uma única vez com os pais. Foi na volta de umas férias no lago de Thun, onde o pai torcera o pé, e não havia outro jeito por causa da bagagem. Ele notara pela nuca do pai como aquilo lhe era desconfortável. Para a mãe fora como estar num conto de fadas, seus olhos brilhavam e ela teria preferido nunca mais saltar daquele carro.

Filipe conduziu-o primeiro para a mansão e depois para o liceu. O caminho antes percorrido pelos carros de entrega para a cozinha da escola estava coberto de mato. O motorista Filipe parou.

— Aqui mesmo? — perguntou, perplexo.

Aquele homem forte tinha medo das ratazanas. No escritório do diretor, ele passava perto das paredes, segurando o boné na mão, observando as imagens de Isfahan.

— O que faz aqui dentro? — quis saber. — Desculpe, não me compete...

— Difícil explicar — interrompeu-o Gregorius. — Muito difícil mesmo. O senhor deve saber o que significa dormir acordado. É um pouco assim. Mas também é bem diferente. Mais sério. E mais louco. Quando o tempo de uma vida se torna raro, as regras passam a não valer mais. Então parece que você perdeu o rumo e está maduro para o manicômio. Mas no fundo é precisamente o contrário: para o manicômio deveriam ir aquelas pessoas que não querem se dar conta de que o

tempo ficou raro. Aqueles que continuam como se nada tivesse acontecido. O senhor entende?

— Há dois anos tive um infarto — disse Filipe. — Achei estranho ter que voltar a trabalhar depois daquilo. Lembrei disso agora, já havia esquecido.

— Sim — disse Gregorius.

Depois que Filipe tinha saído, o céu se cobriu e ficou escuro e frio. Gregorius pôs o fogareiro para funcionar, acendeu a luz e preparou um café. Os cigarros. Tirou o maço do bolso. Silveira quisera saber qual era a marca dos cigarros que ele fumara pela primeira vez na vida. Em seguida, levantara e voltara com um maço daquela marca. "Tome. Era a marca da minha mulher. Há anos está na gaveta da sua mesinha de cabeceira, ao lado da cama. Eu não consegui jogá-lo fora. O tabaco deve estar muito seco." Gregorius rasgou a embalagem e acendeu um cigarro. Já estava conseguindo inalar sem tossir. A fumaça era acre e tinha gosto de madeira queimada. Uma onda de tontura o invadiu e o coração parecia tropeçar.

Ele leu o trecho do profeta Jeremias sobre o qual Prado escrevera e voltou para trás, até Isaías. "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o SENHOR; porque assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos."

Prado tinha acreditado que Deus era uma pessoa que sabia pensar, desejar e sentir. Então escutara — como faria com qualquer outra pessoa — o que ele dizia e achara que não queria ter nada a ver com uma pessoa tão arrogante. Deus tinha um caráter? Gregorius lembrou de Ruth Gautschi e David Lehmann e em suas próprias palavras sobre a seriedade poética, para além da qual não havia outra forma mais profunda de seriedade.

A sua inacessibilidade, pai. Mamãe como a intérprete, encarregada de nos traduzir o seu mutismo. Por que o senhor não aprendeu a falar sobre si e os seus sentimentos? Vou lhe dizer: o senhor foi comodista demais, era tão maravilhosamente cômodo esconder-se atrás do papel do chefe de família aristocrático. Acresceu a isso o papel do sofredor taciturno, em que o laconismo é uma virtude, por ser a grandeza de não se queixar sobre as dores. Assim, a sua doença foi a absolvição de sua falta de vontade de aprender a exprimir-se. Foi essa a sua arrogância, pai, exigir que fossem sempre os outros a adivinhar as suas dores.

O senhor nunca pensou o quanto perdeu em autodeterminação nessa capacidade de que só dispomos na medida em que conseguimos nos comunicar?

Nunca pensaste que o fato de não te queixares das tuas dores e da humilhação das costas vergadas também poderia ser uma carga pesada para todos nós? Que o teu estoicismo mudo e heroico, não isento de uma certa vaidade, para nós poderia ser mais pesado do que se tivesses praguejado ou vertido lágrimas que pudéssemos ter ajudado a limpar? Pois isso significava que nós, os filhos — e principalmente eu, o filho —, reféns na esfera da tua coragem, não tínhamos o direito de nos queixar — qualquer direito nesse sentido, antes mesmo de o fazermos valer, era absorvido, engolido e aniquilado pela tua valentia e o teu sofrimento corajosamente suportado.

Recusaste tomar analgésicos, não quiseste perder a cabeça clara, e nisso foste apodíctico. Certa vez, quando pensavas que ninguém te observava, eu olhei através da porta entreaberta. Tomaste um comprimido e, depois de um breve combate interior, mais um. Quando, depois de um tempo, olhei de novo, estavas recostado na poltrona, a cabeça encostada nas almofadas, os óculos no colo, a boca semi-aberta. Era impensável, claro — mas como eu desejei entrar e te fazer carinho.

Nem uma única vez te vi chorar. Lembro-me ainda de te ver com uma expressão imóvel quando enterramos Carlos, o cachorro amado, também por ti. Não eras uma pessoa desprovida de alma, certamente não. Mas por que agiste a vida inteira como se a alma fosse algo de que temos de nos envergonhar, algo impróprio, um lugar de fraqueza que temos de manter escondido, quase a todo custo?

Através de ti, todos nós aprendemos, desde crianças, que em primeiro lugar somos corpo e que não há nada em nossos pensamentos que não tenha antes existido no corpo. E depois — que paradoxo! — nos negaste de tal modo a cultura do carinho e da proximidade que quase nos foi impossível imaginar que pudesses ter te aproximado suficientemente da mamãe para nos gerar. "Não foi ele", disse certa vez Melodie, "foi o Amazonas." Só uma vez senti que sabias o que é uma mulher: quando Fátima entrou em casa. Nada mudou em ti, mas tudo mudou. Então compreendi pela primeira vez o sentido de campo magnético.

Aqui terminava a carta. Gregorius pôs as folhas de volta no envelope. Foi quando notou uma anotação escrita a lápis no verso da última folha. *O que é que eu soube das tuas fantasias? Por que sabemos tão pouco acerca das fantasias dos nossos pais? O que sabemos de alguém se nada sabemos das imagens que a sua fantasia lhe apresenta?* Gregorius meteu o envelope no bolso e decidiu ir visitar João Eça.

31

Eça tinha as pedras brancas, mas não começou. Gregorius preparara um chá e servira meia xícara para cada um. Fumou um dos cigarros que a mulher de Silveira esquecera no quarto. João Eça também fumava. Fumava e bebia chá e não dizia nada. A noite caiu sobre a cidade, daqui a pouco o sino iria tocar, chamando para o jantar.

— Não — disse Eça, quando Gregorius se dirigiu ao interruptor. — Mas tranque a porta.

Escureceu rapidamente. A brasa do cigarro de Eça cresceu e encolheu. Quando finalmente começou a falar foi como se tivesse colocado uma surdina na sua voz, tal qual se faz num instrumento, que fazia suas palavras saírem mais suaves e aveludadas, mas também mais ásperas.

— Aquela moça, Estefânia Espinhosa. Não sei o quanto sabe dela, mas tenho certeza de que já ouviu falar nela. Há muito tempo já quer me fazer perguntas sobre ela. Percebi isso. Mas não se atreveu. Desde domingo passado tenho pensado nisso. É melhor lhe contar logo a minha história. Acredito que seja apenas parte da verdade, se é que existe uma verdade. Mas quero que conheça esta versão, não importa o que os outros vão dizer.

Gregorius serviu mais chá. As mãos de Eça tremeram enquanto bebia.

— Ela trabalhava nos correios. O correio era importante para a resistência. O correio e as vias férreas. Era muito nova quando O'Kelly a conheceu, 23 ou 24. Foi em 1970, na primavera. Tinha uma memória prodigiosa. Nunca esquecia nada do que via ou escutava. Endereços, números de telefone, rostos. Brincavam, dizendo que ela sabia de cor o catálogo telefônico. Ela não dava a mínima. "Não entendo, como é que vocês conseguem esquecer tanta coisa." Sua mãe desaparecera ou morrera cedo, não sei mais, e o pai prenderam e levaram uma bela manhã. Era um ferroviário acusado de sabotagem.

"Ela se tornou amante de Jorge. Ele estava completamente caído por ela, víamos aquilo com preocupação, sempre é perigoso. Ela gostava dele, mas não era uma

paixão. Isso o magoava, tornou-o irritadiço e doentiamente ciumento. 'Não se preocupe', dizia ele, quando eu olhava para ele, preocupado. 'Você não é o único que não é nenhum principiante.'

"O curso para analfabetos foi ideia dela. Brilhante. Salazar iniciara uma campanha contra o analfabetismo: aprender a ler como dever patriótico. Nós organizamos uma sala, onde colocamos bancos velhos e uma mesa. Quadros-negros gigantescos. As meninas arrumaram todo o material possível, imagens para ilustrar as diferentes letras etc. Numa classe para analfabetos pode haver qualquer tipo de pessoa, de qualquer faixa etária. Era esse o truque: ninguém precisava justificar a sua presença e, além disso, era fácil resistir aos delatores, afinal, não saber ler é sempre um problema. Estefânia mandava os convites, certificava-se de que não seriam abertos, embora apenas estivesse escrito, Nos vemos sexta-feira? Beijos, Noelia', o nome de fantasia sendo a senha.

"Nós nos encontrávamos, discutíamos ações. Para o caso de aparecer alguém da PIDE, ou simplesmente um rosto desconhecido, já estava tudo combinado: ela pegaria um giz, sempre tinha preparado o quadro-negro, como se estivéssemos em meio a uma aula. Isso também fazia parte do esquema: podíamos nos encontrar num espaço público, não precisávamos nos esconder. Fazíamos tudo nas fuças deles. A resistência antifascista não é exatamente uma brincadeira, mas às vezes até dava para rir.

"A memória de Estefânia se tornou a cada dia mais importante. Não precisávamos anotar nada, deixar rastros por escrito. Toda a rede estava na cabeça dela. Às vezes, eu pensava: o que acontece se ela sofrer um acidente? Mas ela era tão jovem e bela, cheia de vida, afastávamos essa ideia e continuávamos, tendo um êxito atrás do outro.

"Num fim de tarde no outono de 1971, Amadeu entrou na sala. Viu-a e ficou enfeitiçado. Quando a reunião acabou, dirigiu-se até ela e conversou com ela. Jorge esperava à porta. Ela mal olhou para Amadeu, baixou imediatamente o olhar. Eu logo tive um pressentimento.

"Nada aconteceu. Jorge e Estefânia continuaram juntos. Amadeu nunca mais apareceu. Mais tarde, vim a saber que ela o procurara no consultório. Estava louca por ele. Amadeu a rejeitou. Manteve-se leal a O'Kelly. Leal até os limites da abnegação. O inverno todo se passou nesse estado de calma aparente. Às vezes víamos Jorge com Amadeu. Alguma coisa havia mudado, algo de impalpável. Quando caminhavam um ao lado do outro era como se seus passos já não coincidissem. Como se a sintonia entre eles se tivesse tornado cansativa. Alguma coisa também mudara na relação entre O'Kelly e a moça. Ele tentava se controlar,

mas de vez em quando aparecia a irritação, ele a corrigia, mas era logo vencido pela sua memória, e saía da sala. De qualquer maneira, provavelmente a situação teria acabado em drama, mas provavelmente teria sido insignificante em relação àquilo que aconteceu.

"No final de fevereiro, um dos carrascos de Mendes apareceu de repente numa reunião. Abrira a porta de mansinho e de repente estava lá dentro, um homem inteligente e perigoso, nós o conhecíamos. Estefânia foi inacreditável. Mal o viu, interrompeu a frase que tratava de uma missão de alto risco e começou a explicar o "ç", lembro-me muito bem ainda que era o "ç". Badajoz — era esse o nome do homem, como a cidade espanhola — sentou-se, ainda hoje ouço o ranger do banco naquele silêncio onde ninguém parecia ousar respirar. Estefânia tirou o casaco, apesar do frio na sala. Para todos os casos, costumava vestir roupas ousadas. Com aqueles braços nus e a blusa transparente, ela era... bem, era de perder a cabeça. O'Kelly devia odiar aquilo. Badajoz cruzou as pernas.

"Com um movimento de corpo provocador, Estefânia terminou a suposta aula. 'Até a próxima', disse. As pessoas se levantaram, o esforço de autocontrole chegava a ser palpável. O professor de música que dava aulas para Estefânia e estivera sentado a meu lado levantou-se e Badajoz o abordou.

"Eu percebi logo que aquilo terminaria em catástrofe.

"— Um professor como analfabeto — disse Badajoz, e a sua cara se contraiu num esgar mau e asqueroso. — Que novidade, parabéns pela nova experiência cultural.

"O professor ficou lívido e passou a língua pelos lábios secos. Até que se aguentou bem, diante das circunstâncias.

"— Outro dia conheci alguém que nunca aprendeu a ler. Ouvi falar dos cursos da Sra. Espinhosa, que é minha aluna, e eu queria ter uma ideia antes de sugerir à pessoa — disse ele.

"— Ah, sim — disse Badajoz. — E como é o nome da pessoa?

"Senti-me aliviado quando notei que os outros haviam desaparecido. Estava sem a faca. Amaldiçoei-me por isso.

"— João Pinto — disse o professor.

"— Que nome original — disse Badajoz. — E o endereço?

O endereço que o professor indicou era inexistente. Eles o intimaram e o prenderam. Estefânia não voltou mais para casa. Eu a proibi de morar na casa de O'Kelly.

"— Seja sensato — disse a ele. — É muito arriscado, se a pegarem, pegam você junto. — E a levei para a casa de uma velha tia.

"Amadeu me chamou para ir ao consultório. Já tinha falado com Jorge. Estava totalmente transtornado. Completamente fora de si. Daquela maneira silenciosa e pálida que lhe era própria.

"— Ele quer matá-la — disse, quase sem voz. — Não disse com essas mesmas palavras, mas ficou claro: quer matar Estefânia. Para que a sua memória seja apagada antes que eles a apanhem. Imagina isso: Jorge, meu velho amigo Jorge, o meu melhor amigo, meu único amigo de verdade. Enlouqueceu, quer sacrificar a sua amante. *Há muitas vidas em jogo*, não se cansou de repetir. Uma vida contra muitas outras, é essa a sua equação. Ajude-me. Você precisa me ajudar, isso não pode acontecer.

"Se eu já não soubesse, teria sabido naquela conversa, o mais tardar: Amadeu a amava. Naturalmente, eu não podia saber como fora com Fátima, só os vira juntos em Brighton, mas tive certeza: isso aqui era completamente diferente, muito mais selvagem, lava em brasa pouco antes da erupção. Amadeu era um paradoxo ambulante, autoconfiante e destemido, mas também era alguém que constantemente sentia os olhares dos outros sobre si e sofria com aquilo. Por isso ele viera nos procurar, queria se defender da acusação de ter salvado a vida de Mendes. Creio que Estefânia foi a oportunidade que ele teve de sair do tribunal, de sair definitivamente para o calor da vida, e pelo menos uma vez viver inteiramente de acordo com os seus desejos e as suas paixões, mandando os outros para o inferno.

"Ele estava consciente dessa oportunidade, disso tenho certeza, ele se conhecia bastante bem. Melhor do que a maioria das outras pessoas, mas havia aquela barreira, o tabu da lealdade em relação a Jorge. Ele, Amadeu, era a pessoa mais leal que existia, a lealdade era a sua religião. Para ele, era a lealdade contra a liberdade e um pouco de felicidade, nada mais, nada menos. Ele lutara contra a avalanche interior do desejo, desviando o olhar faminto quando via a moça. Queria poder continuar olhando nos olhos de Jorge, não queria aceitar que uma amizade de quarenta anos pudesse ruir por causa de um sonho acordado, por mais ardente que fosse.

"E agora Jorge queria lhe roubar a moça que nunca lhe pertencera. Queria destruir o frágil equilíbrio interior que existira entre a lealdade e a esperança renegada. Isso passava dos limites.

"Fui falar com O'Kelly. Ele negou ter dito ou mesmo insinuado alguma coisa desse tipo. Estava com manchas vermelhas no rosto não barbeado, difícil dizer se as manchas tinham mais a ver com Estefânia ou com Amadeu.

"Ele estava mentindo. Eu sabia, e ele sabia que eu sabia.

"Começara a beber, sentia que Estefânia lhe escapava, com ou sem Amadeu, e

não aguentava aquilo.

"— Podemos levá-la para fora do país — sugeri.

"— Vão acabar pegando ela — disse ele. — O professor é bem-intencionado, mas não é forte, quebram-no e vão ficar sabendo tudo o que está lá, atrás daquela testa, e vão caçá-la, vão usar tudo o que têm, é simplesmente importante demais, imagina, toda a rede de Lisboa, ninguém vai fechar um só olho enquanto não a pegarem, e eles são um exército.

As enfermeiras tinham chamado e batido à porta por causa do jantar. Eça as ignorara e continuara falando. Estava totalmente escuro no quarto, e, para Gregorius, era como se a voz de Eça viesse de outro mundo.

— O que eu vou dizer agora vai chocá-lo: eu compreendi O'Kelly. Compreendi-o e também os seus argumentos, pois eram duas coisas diferentes. Se lhe injetassem uma droga e conseguissem quebrar a sua memória, estávamos todos ferrados, cerca de duzentas pessoas, e estas ainda seriam multiplicadas se começassem a apanhar cada um individualmente. Era impensável. Era só imaginar uma pequena parte das consequências para concluir que *ela tinha de desaparecer*.

"Nesse sentido, eu entendia O'Kelly. Ainda hoje acho que seria um assassinato defensável. Quem diz o contrário é leviano. Falta de imaginação, eu diria. O desejo de ter as mãos limpas como princípio supremo. Um nojo.

"Acho que Amadeu não conseguia pensar com clareza naquele assunto. Viu à sua frente os olhos brilhantes, aquele tom de pele estranho, quase asiático, a gargalhada contagiante, aquele andar requebrado, e simplesmente não queria que tudo aquilo se extinguisse, não podia querer, e ainda bem que não podia, do contrário seria um monstro, um monstro da abnegação.

"Já O'Kelly, por outro lado: desconfio que ele via naquilo uma espécie de redenção, uma redenção da tortura de já não conseguir prendê-la a si, sabendo que a paixão a atraía na direção de Amadeu. Nisso também o compreendia, mas de outro jeito, sem aprovar. Eu o compreendia porque me reconhecia no seu sentimento. Já fazia muito tempo, mas eu também perdera uma mulher para outro, ela também trouxera a música para dentro da minha vida. Não Bach, como no caso de O'Kelly, mas Schubert. Eu sabia o que significava sonhar com uma tal redenção, e sabia o quanto procuramos um pretexto para justificar um plano desses.

"Por isso mesmo decidi agir contra ele. Fui buscar a moça em seu esconderijo e a levei para a casa azul. Adriana me odiou por causa disso, mas ela já me odiava antes. Para ela, eu era o homem que lhe raptara o irmão e o levara para a resistência.

"Falei com gente que conhecia a região das montanhas na zona da fronteira e instruí o Amadeu. Ele passou uma semana inteira fora. Quando voltou, adoeceu.

Nunca mais revi Estefânia.

"Pouco tempo depois, foram me buscar, mas isso não teve nada a ver com ela. Dizem que esteve presente no enterro de Amadeu. Muito mais tarde ouvi dizer que trabalha em Salamanca como docente de história.

"Passei dez anos sem trocar uma única palavra com O'Kelly. Agora já nos falamos, mas não nos procuramos. Ele sabe o que eu pensava na época e isso não torna as coisas mais fáceis."

Eça tragou fundo, a brasa consumiu o papel que brilhava na escuridão. Tossiu.

— Toda vez que Amadeu vinha me visitar na prisão sentia-me tentado a lhe perguntar por O'Kelly, pela amizade dos dois. Mas não me atrevi a fazê-lo. Amadeu nunca ameaçava ninguém, fazia parte do seu credo. Mas, sem o saber, ele podia ser a ameaça. A ameaça de explodir perante os nossos olhos. Obviamente, tampouco pude perguntar a Jorge. Talvez hoje, depois de trinta anos, não sei. Será que uma amizade pode sobreviver a algo assim?

"Quando saí da prisão, investiguei o que aconteceu com o professor. Depois do dia da prisão nunca ninguém mais ouviu falar nele. Aqueles malditos. Tarrafal. Já ouviu falar em Tarrafal? Eu achei que fosse ser levado para lá. Salazar já estava senil e a PIDE fazia o que lhe dava na telha. Acho que não fui para lá por acaso. O acaso é o irmão da arbitrariedade. Eu já me preparara para este caso, iria bater com a cabeça contra a parede da cela até quebrar o crânio.

Ficaram calados. Gregorius não sabia o que dizer.

Finalmente, Eça se levantou e ligou a luz. Esfregou os olhos e decidiu-se pelo lance de abertura que sempre fazia. Depois do quarto lance, Eça afastou o tabuleiro. Levantaram-se. Eça tirou as mãos dos bolsos do casaco de lã. Depois, aproximaram-se um do outro e se abraçaram. O corpo de Eça estremeceu. Um som áspero de força animal e de desamparo saiu da sua garganta. Logo a seguir, a tensão esmoreceu e ele se segurou em Gregorius, Gregorius passou a mão pela sua cabeça. Quando abriu a porta, silenciosamente, Eça estava à janela, olhando para a noite.

32

Gregorius estava no salão da mansão de Silveira, observando uma série de retratos, fotografias instantâneas de uma grande festa. A maioria dos homens usava fraque, as senhoras estavam de vestidos longos com caudas compridas que roçavam as tábuas corridas brilhantes. José António da Silveira também estava lá, bem mais jovem, em companhia de sua mulher, uma loura opulenta que lembrava Gregorius de Anita Ekberg na Fontana di Trevi. As crianças, talvez sete ou oito, brincavam por baixo das inúmeras mesas com o bufê. Sobre um das mesas estava o brasão da família, um urso prateado com uma faixa vermelha. Numa outra foto estavam todos no salão assistindo a uma jovem ao piano, uma mulher de beleza de alabastro, vagamente parecida com a portuguesa sem nome da ponte de Kirchenfeld.

Depois de chegar, Gregorius ficara sentado muito tempo na cama, esperando que a comoção com a despedida de João Eça se dissipasse. Aquele estertor áspero do fundo da garganta, um soluçar seco, um pedido de ajuda, uma recordação da tortura, tudo junto, ele sabia que ficaria para sempre gravado na sua memória. Desejou poder beber tanto chá quente até lavar toda aquela dor do peito de Eça.

Depois, pouco a pouco, foi se lembrando novamente dos pormenores da história de Estefânia Espinhosa. Salamanca, tornara-se docente em Salamanca. A placa da estação com aquele nome medieval escuro apareceu na sua frente. Em seguida, a placa sumiu e ele se lembrou da cena narrada pelo padre Bartolomeu: como O'Kelly e a mulher, sem olharem um para o outro, se aproximaram, até ficarem juntos diante da sepultura de Prado. "O fato de evitarem se olhar criou entre ambos uma proximidade maior do que qualquer contato de olhares."

Finalmente, Gregorius desfizera a mala e colocara os livros na prateleira. A casa estava mergulhada em silêncio. Julieta, a empregada, fora embora e lhe deixara um bilhete em cima da mesa da cozinha para lhe explicar onde estava a comida. Gregorius nunca estivera numa casa como aquela e tudo agora lhe pareceu proibido, até mesmo o ruído de seus passos. Começara a acender as luzes, uma depois da outra. A sala de jantar, onde haviam comido juntos. O banheiro. Dera até mesmo

uma rápida olhadela no escritório de Silveira, para imediatamente voltar a fechar a porta.

Agora estava no salão onde haviam tomado café e pronunciou a palavra *nobreza*. O som lhe agradou, agradou-lhe tanto que não se cansou de repeti-la. Lembrou-se que também sempre gostara da palavra alemã *Adel*: era uma palavra que fluía para dentro do objeto, ou vice-versa. De l'Arronge — o nome de solteira de Florence nunca o fizera pensar em nobreza e ele tampouco achara isso importante. Lucien von Graffenried já era diferente, era a velha aristocracia de Berna, ele associava o nome a estruturas nobres e impecáveis de pedra-sabão, na curva da Gerechtigkeitsgasse, e ao fato de ter existido um von Graffenried que desempenhara um papel obscuro em Beirute.

E havia naturalmente Eva von Muralt, a "Incrível". Tinha sido uma mera festa de alunos, em nada comparável com as fotos de Silveira e, no entanto, ele suara de excitação naqueles cômodos de pé-direito alto. "Incrível!", dissera Eva, quando um rapaz lhe perguntara se era possível comprar um título nobiliárquico. "Incrível!", voltara a exclamar quando, no final, Gregorius quis lavar a louça.

A coleção de discos de Silveira parecia estar empoeirada, como se o período de sua vida em que a música tivera um papel importante já tivesse passado há muito tempo. Gregorius achou Berlioz, *Les nuits d'été*, *La belle voyageuse* e *La mort d'Ophélie*, a música que Prado amava porque o lembrava de Fátima. *Estefânia foi a oportunidade que ele teve de sair do tribunal, de sair definitivamente para o calor da vida.*

Maria João. Precisava finalmente achar Maria João. Se havia alguém que sabia o que aconteceu naquela fuga e por que Prado caíra doente depois de voltar, só podia ser Maria João.

Gregorius passou uma noite irrequieta, atento aos mínimos ruídos. As imagens dispersas dos sonhos se assemelhavam entre si: mulheres aristocráticas, limusines e motoristas. E todos perseguiam Estefânia. Perseguiam-na sem que ele visse uma única cena. Ele despertou com o coração batendo descompassadamente, com vertigens. Às cinco da manhã sentou-se à mesa da cozinha com a outra carta que Adriana lhe trouxera.

Meu estimado, meu querido filho,

Ao longo de todos esses anos comecei a te escrever tantas cartas e as joguei fora que perdi a conta. Por que será que é tão difícil assim?

Podes imaginar o que significa ter um filho abençoado com tantos talentos e uma

lucidez tão grande? Um filho de uma eloquência tão brilhante que dá ao pai a impressão de que só resta a mudez para não parecer um principiante? Nos meus tempos de estudante de Direito tive a fama de saber lidar bem com as palavras. Fui introduzido na família Reis, a família da tua mãe, como um advogado eloquente. Os meus discursos contra Sidônio Pais, o galante vigarista de uniforme, e em favor de Teófilo Braga, o homem com o guarda-chuva no bonde, impressionaram. Como, então, acabei emudecendo?

Tinhas 4 anos de idade quando vieste para perto de mim com o teu primeiro livro para me ler duas frases: "Lisboa é nossa capital. É uma cidade lindíssima." Era uma tarde de domingo depois de uma forte chuvarada, um ar abafado e pesado entrou pela janela, saturado do perfume das flores molhadas. Bateste à porta, olhaste para dentro e perguntaste: "Tens um minuto?" Como o filho adulto de uma casa aristocrática que se aproxima respeitosamente do chefe da família para lhe pedir uma audiência. O comportamento precoce me agradou, mas ao mesmo tempo também me assustou. Em que erramos para que tu não tivesses entrado num rompante, como qualquer outra criança? A tua mãe não tinha me dito nada sobre o livro, e eu caí das nuvens quando começaste a ler as frases sem a mínima hesitação e com a voz clara de um recitador. Não era apenas clara, aquela voz, era cheia de amor pelas palavras, fazendo com que as duas frases soassem como poesia. (Pode soar ridículo, mas às vezes penso que foi nelas que se originou a tua nostalgia, aquela tua lendária nostalgia em que te deleitavas sem que, por isso, fosse menos genuína. Embora nunca tivesses saído de Lisboa e não pudesses conhecer a nostalgia, deves tê-la sentido antes que a pudesses sentir, mas quem sabe, de ti tudo se espera, até coisas que nem imaginamos.)

Uma inteligência brilhante encheu o quarto e me lembro de ter pensado: o quanto a simplicidade das frases destoa de sua sabedoria! Mais tarde, quando me vi novamente sozinho, o orgulho deu lugar a um outro pensamento: de agora em diante, o seu espírito será como um imenso refletor que passará a iluminar impiedosamente todas as minhas fraquezas. Acho que esse foi o começo do meu medo de ti. Sim, porque eu te temia.

Como é difícil para um pai se afirmar diante dos filhos! E como é difícil suportar a ideia de que nos inscrevemos em suas almas com todas as nossas fraquezas, a nossa cegueira, nossos equívocos e a nossa covardia! Originalmente, essa ideia surgiu quando pensei na hereditariedade da doença de Bechterev que, graças a Deus, não passou para vocês. Mais tarde, pensei mais na alma, o nosso lado de dentro, sempre tão receptivo a

impressões como uma placa de cera e que registra tudo com a precisão de um sismógrafo. Ficava me olhando no espelho, pensando: o que será que esse rosto severo causará neles!

Mas que culpa temos de ter a cara que temos? Não que não tenhamos culpa nenhuma, pois não me refiro à mera fisionomia. Mas não será grande, essa culpa. Nós não somos os escultores dos nossos traços, nem os encenadores da nossa rigidez, do nosso riso, do nosso choro.

Daquelas duas frases nasceram centenas, milhares, milhões de outras frases. Às vezes parecia-me que os livros te pertenciam como as mãos que os seguravam. Certa vez, quando estavas lendo lá fora, nos degraus, uma bola de outras crianças que brincavam na rua veio parar perto de ti. A tua mão se soltou do livro e lhes atirou a bola. Que estranho movimento aquele!

Eu te amava quando lias, eu te amava muito. Mesmo se aquela obsessão pela leitura, que te consumia, me assustasse.

Ainda mais assustador me pareceste quando vi com que ardor levavas as velas até o altar. Diferentemente da tua mãe, nunca acreditei que pudesses virar padre. Tu tens o caráter de um rebelde, e os rebeldes não se tornam sacerdotes. Qual seria, então, o alvo de todo aquele ardor, que objeto terminaria por escolher? Para mim, era perfeitamente claro que se tratava de uma paixão explosiva, e eu temia as explosões que ela pudesse gerar.

Senti esse medo quando te vi entrar na sala do tribunal. Eu tinha de condenar a ladra e mandá-la para a prisão, a lei assim o exigia. Por que, à mesa, olhaste para mim como se eu fosse um algoz? O teu olhar me paralisou, nem consegui falar naquilo. Tens uma ideia melhor sobre o que devemos fazer com os ladrões?

Assisti ao teu crescimento, admirei o brilho do teu espírito, escutei as tuas blasfêmias contra Deus. Não gostava do teu amigo Jorge, os anarquistas me metem medo, mas fiquei feliz por teres finalmente um amigo, um rapaz como tu; poderia ter sido pior: em sonhos, a tua mãe já te via pálido e apático atrás dos muros de um hospício. Ela ficou profundamente assustada com o texto da tua fala no final do curso. "O que fiz para merecer um filho blasfemo?", dizia.

Eu também li o texto. E senti orgulho! E inveja! Inveja da independência do teu pensamento e da integridade expressa em cada linha. Aqueles pensamentos eram como um horizonte brilhante que eu também adoraria ter alcançado, mas ao qual jamais chegaria, tamanho era o peso de chumbo da minha educação. Como teria eu podido te explicar a minha orgulhosa inveja? Sem me apequenar mais ainda, mais pequeno e

vergado do que eu já era?

Que loucura, pensou Gregorius, então aqueles dois homens, pai e filho, moravam vis-à-vis, no alto de duas colinas da mesma cidade, como adversários num drama antigo, ligados um ao outro por um temor arcaico e por um afeto para o qual não conseguiam encontrar palavras, tendo escrito cartas um ao outro que não haviam conseguido enviar. Encravados num mutismo ininteligível para ambos e cegos diante do fato de que o mutismo de um era a causa do mutismo do outro.

— A senhora às vezes também ficava sentada aqui — disse Julieta quando, no fim da manhã, o encontrou à mesa da cozinha. — Mas ela não lia livros, só revista.

Ela o observou e perguntou se ele não havia dormido bem ou se a cama não era boa.

Gregorius respondeu que estava tudo bem, que havia muito tempo não se sentia tão bem.

Julieta disse estar contente de haver outra pessoa em casa, pois o Sr. Silveira tornara-se tão calado e fechado. "Odeio hotéis", dissera-lhe outro dia, quando ela o ajudara a fazer as malas. "Por que insisto nessa vida? Pode me explicar, Julieta?"

33

Cecília lhe disse que ele era o aluno mais estranho que ela jamais tinha tido.

— Conhece mais expressões literárias do que a maioria das pessoas no bonde, mas se precisar praguejar, ir às compras ou reservar uma passagem para uma viagem, não tem a menor ideia. Sem falar da arte de seduzir alguém. Ou sabe o que teria que dizer para mim?

Ela ajeitou a estola verde nos ombros, com um arrepio de frio.

— E ainda por cima este homem é dono da espirituosidade mais lenta que jamais encontrei. Lento e, mesmo assim, espirituoso: jamais teria imaginado que isso fosse possível. Mas no seu caso...

Sob o seu olhar reprovador, Gregorius pegou a gramática e mostrou-lhe um erro que cometera.

— Sim — disse ela, e o lencinho verde colado aos seus lábios inflou —, mas há vezes em que a opção desleixada é a mais adequada. Com certeza já foi assim com os gregos.

A caminho da casa de Silveira, Gregorius parou para tomar um café na frente da farmácia de O'Kelly. De vez em quando via o farmacêutico fumando através do vidro da vitrine. "Ele estava completamente caído por ela", ouviu João Eça falando. "Ela gostava dele, mas não era uma paixão. Isso o magoava, tornou-o irritadiço e doentiamente ciumento... Amadeu entrou na sala, viu-a e ficou enfeitiçado." Gregorius pegou as anotações de Prado e folheou.

Mas o que acontece quando tentamos compreender alguém em seu interior? Esta viagem algum dia chega a um fim? Será a alma um lugar de fatos? Ou seriam os supostos fatos apenas uma sombra fictícia das nossas histórias?

No bonde, a caminho de Belém, sentiu de repente que a sua relação com a cidade estava prestes a se modificar. Até aí, Lisboa tinha sido única e exclusivamente o palco das suas investigações, e o tempo que atravessara fora moldado pela intenção

de saber cada vez mais acerca de Prado. Mas quando agora olhava lá para fora, através da janela do bonde, o tempo que este se arrastava rangendo e gemendo pertencia totalmente a ele, era simplesmente o tempo em que Raimund Gregorius vivia a sua vida nova. Ele se viu de volta no depósito de vagões de Berna, fazendo perguntas sobre os carros antigos. Três semanas atrás ele tivera a sensação de estar atravessando a Berna da sua infância. Agora estava cruzando Lisboa, apenas e só Lisboa. Sentiu como no fundo do seu ser os sedimentos da memória eram revirados.

Na casa de Silveira, ligou para a Sra. Loosli e lhe ditou o seu novo endereço. Depois, ligou para o hotel e foi informado de que o volume com a gramática persa havia chegado. A varanda estava iluminada pela luz quente do sol primaveril. Escutou a conversa das pessoas na rua e se espantou como já estava entendendo muita coisa. Pensou na sacada minúscula da sua infância, nas nuvens de cheiros repugnantes de cozinha. Quando, depois, foi se deitar no quarto do filho de Silveira, adormeceu em poucos instantes e se reencontrou numa competição de espirituosidade em que o mais lento venceu. Estava diante da pia com Eva von Muralt, a Incrível, lavando a louça da festa. Finalmente, estava no escritório de Kägi telefonando horas a fio para países distantes em que ninguém atendia o telefone.

Na mansão de Silveira, o tempo começou a ser o seu próprio. Pela primeira vez desde que tinha chegado a Lisboa ligou a televisão e viu o noticiário. Chegou bem perto da TV para que a distância entre ele e as palavras fosse o mínimo possível. Ficou espantado com quanta coisa havia acontecido e como era diferente o recorte do mundo que ali era considerado importante. Por outro lado, também ficou espantado que aquilo que era conhecido aqui era igual ao que era conhecido em casa. Pensou: vivo aqui. Mas não conseguiu acompanhar o filme que veio a seguir. No salão, escutou o disco com a música de Berlioz, que Prado escutara dias e dias após a morte de Fátima. Ela ecoou pela casa inteira. Depois de algum tempo, sentou-se à mesa da cozinha e terminou de ler a carta que o juiz escrevera ao seu filho temido.

Por vezes, meu filho, e cada vez mais, me parece que és como um juiz arrogante que me acusa de continuar sempre usando a toga. De fechar os olhos diante das crueldades do regime. Nessas alturas, sinto o teu olhar como uma luz ardente e sinto vontade de orar para que Deus te dê mais compreensão e tire o brilho fanático do teu olhar. "Por que não lhe concedeste um pouco mais de fantasia, meu Deus, quando se trata de me compreender?", é o que gostaria de lhe gritar e seria um grito cheio de ressentimento.

Pois vê bem: por maior, mais transbordante que possa ser a tua fantasia, não fazes a

menor ideia daquilo que as dores e uma coluna vergada podem fazer de uma pessoa. Bem, ninguém parece ter ideia, fora as vítimas. Ninguém. Tu sabes me explicar maravilhosamente bem o que Vladimir Bechterev descobriu. E eu não gostaria de perder nem uma única dessas conversas, são horas preciosas, em que me sinto acolhido junto a ti. Mas depois tudo passa e eu volto ao inferno de ter que ficar vergado e de suportar a dor. Uma coisa pareces nunca levar em conta: que não se pode esperar dos escravos da deformação humilhante e da dor constante o mesmo que daqueles que conseguem se esquecer do próprio corpo para depois, quando a ele voltam, desfrutarem dele com prazer. Não se pode esperar o mesmo deles! *E não levas em conta que* eles não podem dizer aquilo eles mesmos, *pois seria uma nova humilhação!*

A verdade — sim, a verdade — é muito simples: eu não saberia como poderia suportar a vida se o Henrique não viesse me buscar todas as manhãs às dez para as seis. Os domingos, não tens ideia da tortura que são! Às vezes, não durmo no sábado à noite porque eu me antecipo e pressinto como será o próximo dia. Fazem piada porque eu também vou ao prédio deserto todo sábado, às seis e quinze. Às vezes, penso que a leviandade é capaz de gerar mais crueldade do que qualquer outra fraqueza do gênero humano. Pedi diversas vezes que me dessem uma chave para os domingos. Eles recusaram. Às vezes, desejo que tivessem de suportar as minhas dores por um dia, um único dia, para que pudessem compreender.

Quando entro no escritório, as dores cedem um pouco, é como se o espaço à minha volta se transformasse numa base de apoio no interior do corpo. Até pouco antes das oito, o prédio fica em silêncio. Geralmente estudo os processos daquele dia, tenho que ter certeza de que não haverá surpresas, um homem como eu teme as surpresas. Também pode acontecer de eu ler poesia, a respiração fica mais tranquila, é como se eu estivesse olhando para o mar e isso às vezes ajuda contra as dores. Entende agora?

Mas Tarrafal, dirás. Sim, Tarrafal, eu sei, eu sei. Devo devolver as minhas chaves por causa disso? Já experimentei, não apenas uma vez: tirei a chave do chaveiro e a coloquei na mesa de trabalho. Então, deixei o prédio e caminhei pelas ruas, como se eu de fato tivesse saído. Respirei para dentro das costas, como o médico me recomendou, a respiração se tornou cada vez mais forte, andei pelas ruas ofegante, febril de medo que aquela ação imaginária um dia pudesse acontecer de verdade. Depois, estava sentado à mesa do juiz com a camisa encharcada de suor. Entendes agora?

Não foi apenas para ti que escrevi incontáveis cartas que sumiram. Escrevi para o

ministro, sempre e sempre. Uma das cartas eu mandei pelo malote interno. Mas fui atrás do mensageiro que o levaria até o ministro. Ele ficou irritado por ter que vasculhar o saco e me olhou com aquele misto de curiosidade e desprezo com que algumas pessoas olham para os loucos. A carta eu joguei no mesmo lugar em que também joguei as outras: no rio. Para que a tinta traiçoeira se diluísse. Entendes agora?

Maria João Flores, a tua fiel amiga dos tempos de escola, me entendia. Um dia, quando eu já não suportava mais, como tu deves ter visto, eu me encontrei com ela.

"Ele quer venerá-lo", disse-me, pousando a sua mão na minha. "Venerá-lo e amá-lo, como se ama um ídolo. 'Não quero vê-lo como um doente a quem se perdoa tudo', diz. 'Seria como se eu não tivesse mais pai.' Ele atribui aos outros um determinado papel em sua alma e é impiedoso quando eles não o cumprem. Uma forma sofisticada de egoísmo."

Ela olhou para mim e me ofereceu um sorriso que parecia vir da vastidão de uma estepe ampla de uma vida vivida lucidamente.

"Por que não experimenta mostrar-lhe a sua ira?"

Gregorius pegou a última folha. As poucas frases que havia nela estavam escritas com outra tinta e o juiz a datara: 8 de junho de 1954, um dia antes de sua morte.

A luta terminou. O que, meu filho, posso te dizer na despedida?

Tu te tornaste médico por minha causa. O que teria acontecido se a sombra do meu sofrimento não tivesse pairado sobre o teu crescimento? Estou em dívida contigo. Tu não és responsável pelo fato de as dores terem continuado, terminando, agora, por quebrar a minha capacidade de resistir.

Deixei a chave no escritório. Atribuirão tudo às dores. Que um fracasso também pode matar, isso não conseguirão imaginar.

Será que a minha morte te bastará?

Gregorius sentiu frio e ligou a calefação. "Amadeu não a leu por pouco, mas eu tive um pressentimento e a escondi", escutou a voz de Adriana. A calefação não adiantou nada. Ligou a televisão e assistiu a uma novela da qual não entendia nem uma palavra, poderia ter sido chinês. Encontrou um tranquilizante no banheiro. Quando o comprimido começou a fazer efeito já amanhecia lá fora.

34

Havia duas Maria João Flores que moravam em Campo de Ourique. No dia seguinte, depois da aula de português, Gregorius pegou um táxi até lá. Na primeira porta à qual bateu morava uma jovem mulher com duas crianças agarradas às pernas. Na outra casa foi informado que a Sra. Flores havia viajado por dois dias.

Ele foi ao hotel buscar a gramática persa e depois seguiu até o liceu. Bandos de aves de arribação sobrevoaram ruidosamente o prédio abandonado. Ele esperara que o vento quente da África voltasse a soprar, mas aquele ar ameno de março, em que ainda se podia notar um sopro de rigor invernal, se manteve.

Dentro do livro de gramática havia um bilhete de Natalie Rubin: "Consegui chegar até aqui!" Quando ligara para dizer que o livro havia chegado ela disse que a caligrafia era difícil e que há vários dias não fazia outra coisa, os pais estavam impressionados com a sua aplicação. Ela também lhe perguntou para quando ele estava planejando a sua viagem para o Irã, e se não era um pouco arriscado hoje em dia.

No ano anterior, Gregorius havia lido uma pequena crônica no jornal acerca de um homem que começara a aprender chinês aos 90 anos. O autor se divertira à custa do idoso. "Você não faz a menor ideia" — com essa frase, Gregorius começara o seu esboço de carta do leitor. "Por que estraga o seu dia com isso?", perguntara Doxiades, quando viu como a irritação devorava Gregorius. Ele acabou por não enviar a carta. Mas a indiferença de Doxiades o incomodara.

Quando, alguns dias atrás, em Berna, experimentara até que ponto ainda se lembrava dos caracteres persas, sua memória havia conseguido resgatar pouca coisa. "Ainda estou lá, naquele distante lugar do passado, nunca saí de lá, mas vivo espalhado no passado, ou a partir dele", escrevera Prado. "Os milhares de modificações que impulsionaram o tempo, comparadas com esse presente atemporal do sentir, são fugidias, irreais como um sonho."

O feixe de luz que entrava no escritório de Sr. Cortês se deslocou. Gregorius pensou no rosto irremediavelmente imóvel de seu pai falecido. Queria ter-lhe falado

sobre o seu medo da tempestade de areia na Pérsia. Mas ele não era um pai a quem se contavam essas coisas.

Percorreu a pé o longo caminho até Belém e programou o roteiro de maneira a passar pela casa onde morara o juiz com o seu mutismo, as suas dores e o medo da reprovação do filho. Os cedros se erguiam contra o céu noturno. Gregorius pensou na cicatriz escondida pela gargantilha de veludo na garganta de Adriana. Mélodie ia e vinha atrás das janelas iluminadas. Ela sabia se aqueles eram de fato os cedros vermelhos. E o que tinham a ver com o ato devido ao qual Amadeu poderia ter sido acusado de lesão física num tribunal.

Aquela já era a terceira noite que ele passava na casa de Silveira. *Vivo aqui.* Gregorius percorreu a casa, atravessou o jardim escuro e foi para a rua. Fez um passeio pelo bairro e observou as pessoas cozinhando, comendo ou vendo televisão. Quando voltou ao ponto de partida, observou a fachada de um amarelo claro com o pórtico iluminado. Uma casa elegante num bairro de gente rica. *É aqui que eu vivo agora*. No salão, sentou-se numa poltrona. O que poderia significar isso? Ele não conseguira mais tocar a Bubenbergplatz. Será que, com o passar do tempo, conseguiria tocar o chão de Lisboa? Que tipo de contato seria aquele? Como soariam os seus passos naquele chão?

Viver o momento: soa tão certo e tão belo, escrevera Prado num de seus breves apontamentos, *mas quanto mais desejo isso, menos percebo o que significa*.

Em toda a sua vida, Gregorius nunca se entediara. Para ele, havia poucas coisas mais incompreensíveis do que o fato de alguém não saber o que fazer com o seu tempo. Mesmo agora ele não estava entediado. O que sentia naquela casa silenciosa e grande demais era outra coisa: o tempo parara, não, o tempo não parara, mas não o arrastara consigo, não o transportava para nenhum futuro, simplesmente passava por ele, indiferente e intangível.

Foi até o quarto do rapaz e começou a ler os títulos dos romances de Simenon. *O homem que via o trem passar*. Era o romance do qual vira cartazes afixados na vitrine do cinema de Bubenberg. Fotografias em preto e branco com Jeanne Moreau. Aquilo fora apenas três semanas atrás, na segunda-feira em que ele tinha fugido. O filme devia ter sido realizado nos anos 1960. Há quarenta anos. Há quanto tempo?

Gregorius hesitou em abrir o livro de Prado. A leitura das cartas havia modificado alguma coisa. A carta do pai mais ainda do que a carta do filho. Finalmente, começou a folhear. Não havia mais muitas páginas que ele ainda não conhecesse. Como seria depois de ler a última frase? Sempre temera a última página,

e a partir do meio do livro já o afligia periodicamente o pensamento de que teria de haver irremediavelmente uma última frase. Mas desta vez, lidar com esta última frase seria ainda mais difícil. Seria como se o fio invisível que o unira até ali com a livraria espanhola na Hirschengraben estivesse se rompendo. Ele protelaria o virar da última página e adiaria o último olhar tanto quanto possível, já que não o podia evitar completamente. A última consulta do dicionário, mais detalhada do que necessário. A última palavra. O último ponto. Só então chegaria a Lisboa. A Lisboa, Portugal.

TEMPO ENIGMÁTICO. *Precisei de um ano para descobrir a duração de um mês. Foi em outubro do ano passado, no último dia do mês. Aconteceu o mesmo que acontece todos os anos e que, mesmo assim, todos os anos me deixa confuso, como se nunca tivesse experimentado antes: a nova luz desbotada da manhã anunciava o inverno. Já não era mais nenhum brilho ardente, nenhuma faísca dolorosa, nenhum sopro de brasa do qual procuramos nos proteger à sombra. Uma luz suave e conciliadora que traz visivelmente em si a brevidade próxima dos dias. Não que eu enfrentasse a nova luz como um inimigo, alguém que a recusasse e combatesse com uma comicidade vã. Poupamos as forças quando o mundo perde os contornos nítidos do verão e nos mostra silhuetas mais difusas, as quais obrigam a sermos menos determinados.*

Não, não foi o véu pálido e leitoso da nova luz que me fez estremecer. Foi antes o fato de que aquela luz desmaiada e esvaída anunciava, uma vez mais, o fim irrevogável de um ciclo da natureza e de um trecho da minha vida. O que fiz eu desde o final de março, desde o dia em que a xícara pousada na mesa do café voltara a esquentar, surpreendendo-me quando toquei na asa? Teria decorrido muito tempo desde então ou pouco? Sete meses — o que é que isso significava?

Normalmente, evito a cozinha, é o reino de Ana, e há alguma coisa naquele seu enérgico manusear de frigideiras de que eu não gosto. Mas naquele dia eu precisava de alguém para poder expressar o meu susto silencioso, mesmo que acontecesse sem o enunciar.

"Qual é a duração de um mês", perguntei, sem qualquer introdução.

Ana, que estava acendendo o gás, apagou o fósforo soprando.

"O que é que o senhor quer dizer?"

Sua testa estava enrugada, como alguém que se vê diante de um enigma insolúvel.

"Exatamente o que eu digo: quanto tempo é um mês?"

Cabisbaixa, ela esfregou as mãos, constrangida.

"Bem, às vezes são trinta dias, outras vezes..."

"Isso eu sei", insisti, impaciente, "mas a pergunta é: quanto tempo é isso?"

Ana pegou a colher de pau para ter qualquer coisa nas mãos.

"Certa vez cuidei da minha filha durante quase um mês", disse ela, hesitante, com o cuidado de um psicólogo que teme que as suas palavras possam fazer ruir alguma coisa no paciente que depois nunca mais possa ser reconstruída. "Subia e descia a escada várias vezes por dia com a sopa que não podia ser entornada. Isso foi há muito tempo."

"E como foi depois, olhando para trás?"

Ana arriscou um sorriso, expressando o alívio por não ter falhado completamente com a sua resposta.

"Ainda é comprido. Mas de alguma forma, o tempo foi ficando cada vez mais curto, também não sei."

"E hoje você sente falta daquele tempo com a sopa, subindo e descendo escada?"

Ana girou a colher de pau para um lado e para o outro, depois tirou um lenço do avental e assoou o nariz. "Claro que gostei de tratar da minha filha, ela não estava nada teimosa. Mesmo assim, não quero voltar a passar por aquilo, estava sempre com medo porque não sabíamos o que aquilo era e se era perigoso."

"Quero saber outra coisa: se você lamenta que aquele mês tenha passado, que aquele tempo acabou e que você não pode mais fazer nada com ele."

"Sim, passou", constatou Ana, e agora não parecia mais um psicólogo pensativo, e sim um aluno aflito em exame.

"Está bem", disse eu, e fui para a porta. Ao sair, escutei como ela riscava um novo fósforo. Por que é que eu era sempre tão breve, tão brusco, tão ingrato para as palavras dos outros quando se tratava de algo que era realmente importante para mim? De onde vinha essa necessidade de defender furiosamente o que para mim era relevante se os outros nem queriam tirá-lo de mim?

No dia seguinte, primeiro de novembro, fui de madrugada até o arco no final da rua Augusta, a mais bela rua do mundo. Sob a luz esmaecida do amanhecer, o rio era uma superfície lisa de prata fosca. Viver com especial lucidez o quanto dura um mês — era essa a ideia que me tinha feito saltar da cama. No café, fui o primeiro a chegar. Quando só restavam alguns goles na xícara, retardei o ritmo de bebê-lo. Não sabia o que fazer quando o café acabasse. Mas se ficasse simplesmente ali sentado, aquele primeiro dia iria

ser muito longo. E o que eu queria saber não era quanto tempo dura um mês para alguém que está totalmente ocioso. Mas então o que era que eu queria saber?

Às vezes sou tão lento. Só hoje, quando a luz do início de novembro volta a quebrar, é que noto que a pergunta que fiz para Ana — e que tinha a ver com a irrevogabilidade, a perenidade, o lamento, a tristeza — não era a pergunta que me interessava. A questão que eu quisera colocar era outra, bem diferente: de que fatores depende que vivamos um mês como um tempo preenchido, nosso tempo, em vez de um tempo que passou por nós, um tempo que apenas sofremos, que nos escorreu por entre os dedos, parecendo-nos um tempo perdido, desperdiçado, sobre o qual não ficamos tristes porque passou, mas porque nada conseguimos fazer com ele? A questão, por isso, não era: quanto tempo é um mês? Mas antes: o que podemos fazer por e para nós durante o espaço de tempo de um mês? Quando é que tenho a impressão de que este mês foi inteiramente meu?

É um equívoco, portanto, quando digo: precisei de um ano para descobrir a duração de um mês. Foi diferente: levei um ano para descobrir o que eu queria saber quando fiz a pergunta equivocada sobre a duração de um mês.

No início da tarde do dia seguinte, ao voltar da aula de português, Gregorius encontrou-se casualmente com Mariana Eça. Quando a avistou dobrando a esquina e avançando em sua direção, deu-se conta de repente do motivo pelo qual tinha evitado ligar para ela: iria lhe contar dos seus acessos de tontura, ela conjecturaria em voz alta sobre o que poderia ser, e ele não estava disposto a ouvir aquilo.

Ela propôs irem tomar um café e falou do tio João. "Fico a manhã inteira de domingo esperando por ele", dissera ele, referindo-se a Gregorius. "Não sei por que, mas com ele posso desabafar. Não que assim desapareçam as coisas que me pesam na alma, mas me sinto aliviado durante algumas horas." Gregorius falou de Adriana e do relógio, de Jorge e do clube de xadrez e da casa de Silveira. Esteve perto de mencionar a viagem para Berna, mas sentiu que não deveria falar daquilo.

Quando ele terminou, Mariana lhe perguntou pelos óculos novos e os seus olhos se contraíram num olhar inquiridor.

— Está dormindo pouco — disse ela. Ele lembrou daquela manhã quando ela o examinara e em que ele não quisera se levantar da poltrona diante da sua mesa de trabalho. Daquele exame detalhado. Da viagem de barca para Cacilhas e do chá assam vermelho-dourado que tomara depois na casa dela.

— Tenho tido vertigens ultimamente — disse ele. E, depois de um instante: —

Estou com medo.

Uma hora mais tarde, saiu do seu consultório. Ela checara mais uma vez a acuidade visual e medira a sua pressão arterial, ele tivera que fazer flexões e exercícios de equilíbrio e ela lhe pedira para descrever em pormenores os ataques de tontura. Depois, anotara num papel o endereço de um neurologista.

— Não parece ser nada grave — disse ela. — E também não surpreende, considerando quanta coisa mudou na sua vida em tão pouco tempo. Mas é preciso fazer os exames de rotina.

Ele vira o retângulo vazio na parede do consultório de Prado onde antes ficava o mapa do cérebro. Ela logo notou o seu pânico.

— Um tumor provocaria outras perturbações completamente diferentes — disse ela, passando a mão levemente pelo seu braço.

A casa de Mélodie não ficava muito distante.

— Eu sabia que iria voltar — disse ela ao abrir a porta. — Depois da sua visita, Amadeu voltou a ficar muito presente para mim durante alguns dias.

Gregorius lhe deu as cartas do pai e do filho para ler.

— Isso é injusto — disse, depois de ler as últimas palavras na carta do pai. — Injusto. Imerecido. Como se Amadeu o tivesse levado ao suicídio. O seu médico era um homem clarividente. Ele lhe receitava os comprimidos para dormir sempre em doses reduzidas. Mas papai sabia esperar. A paciência era o seu ponto forte. Uma paciência de pedra muda. Mamãe pressentiu. Ela sempre pressentia tudo. E não fez nada para impedir. "Agora já não lhe dói mais nada", disse, durante o velório. Amei-a por essas palavras. "E ele não precisa mais sofrer", disse eu. "Sim", disse ela, "isso também."

Gregorius falou das visitas que fizera a Adriana. Mélodie disse que desde a morte de Amadeu nunca mais estivera na casa azul, mas que não se surpreendia com o fato de Adriana tê-la transformado em um museu e templo no qual o tempo parara.

— Desde pequena, ela já o venerava. Era o irmão mais velho que sabia tudo. Que ousava contestar o papai. O papai! Um ano depois de ele ir para Coimbra, ela foi para um colégio feminino, aquele que fica em frente ao liceu. A mesma escola que Maria João tinha frequentado. Ali Amadeu ainda era o herói de dias passados e ela desfrutou do fato de ser a irmã do herói. As coisas poderiam ter evoluído em outro sentido, mais normal, se não tivesse acontecido o drama em que ele lhe salvou a vida.

"Aconteceu quando Adriana tinha 19 anos. Amadeu, que se preparava para os exame finais, estava em casa, debruçado sobre os livros dia e noite. Só descia para as refeições. Foi durante uma dessas refeições familiares que Adriana se engasgou.

“Todos tínhamos servido nossos pratos e não notamos nada. De repente, ouviu-se um ruído esquisito, um estertor horrível vindo de Adriana, ela segurava o pescoço com as duas mãos e começou a bater desesperadamente com os pés no chão. Amadeu estava sentado ao meu lado, absorto na preparação do exame. Já estávamos acostumados a vê-lo assim, como um fantasma mudo que nem sequer sabia o que estava comendo. Dei-lhe uma cotovelada e apontei para Adriana. Ele olhou, confuso. O rosto de Adriana estava roxo, já não conseguia respirar, e o seu olhar desamparado se virou para Amadeu. Todos nós conhecíamos a expressão que apareceu no seu rosto, era a expressão de uma concentração furiosa com que ele sempre ficava quando se deparava com algo difícil, que não conseguia compreender instantaneamente. Ele estava habituado a compreender tudo instantaneamente.

“Ele se levantou com um salto. A cadeira tombou para trás, com poucos passos estava atrás de Adriana, agarrou-a por baixo dos braços e a pôs de pé, virou-a, de modo a que ficasse de costas viradas para ele, depois a agarrou pelos ombros, respirou fundo e, com um enorme tranco, puxou o seu tronco para trás. Um estertor abafado saiu da garganta da nossa irmã, mas, fora isso, nada mudou. Amadeu ainda deu dois trancos iguais, mas o pedaço de carne entalado na traqueia não se moveu.

“O que aconteceu em seguida ficou gravado para sempre na memória de cada um de nós, segundo por segundo, gesto por gesto. Amadeu colocou Adriana de novo sentada na cadeira e me chamou. Dobrou a sua cabeça para trás.

“— Segura — disse, entre dentes. — Segura com toda força.

“Em seguida, pegou a faca afiada da carne e a limpou com um guardanapo. Todos nós prendemos a respiração.

“— Não! — gritou mamãe. — Não!

“Acho que ele nem escutou. Sentou-se no colo de Adriana, como quem monta num cavalo, e olhou-a bem nos olhos.

“— Preciso fazer isso — disse, e até hoje me espanto com a tranquilidade da sua voz. — Se não, você vai morrer. Tire as mãos. Confie em mim.

“Adriana tirou a mãos do pescoço. Ele apalpou com o dedo indicador até encontrar o intervalo entre a cartilagem tiroide e a cartilagem cricoide. Em seguida, encostou a ponta da faca na fenda. Inspirou fundo, fechou os olhos brevemente e espetou.

“Eu me concentrei em manter a cabeça de Adriana presa como num torno. Não vi o sangue jorrar, só o vi depois na sua camisa. O corpo de Adriana contorceu-se todo. Quando ouvimos o assobio com que ela inspirava o ar através da incisão, percebemos que ele tinha encontrado o caminho para a traqueia. Abri os olhos e vi,

apavorada, como Amadeu rodou a lâmina na ferida. Parecia um ato de especial brutalidade, só mais tarde compreendi que ele tinha de manter aberto o canal de ar. Então Amadeu tirou do bolso uma caneta esferográfica, segurou-a com os dentes, desatarraxou com a mão livre a parte de cima, arrancou a mina e introduziu a parte interior na ferida, como uma cânula. A respiração de Adriana era intermitente e assobiava, mas ela estava viva e os sinais de asfixia desapareceram lentamente do seu rosto.

"— A ambulância! — ordenou Amadeu.

"Papai acordou do seu imobilismo e foi até o telefone. Levamos Adriana, de cujo pescoço saía o tubo da esferográfica, até o sofá. Amadeu passou-lhe a mão pelos cabelos.

"— Não havia outro jeito — disse.

"O médico que apareceu poucos minutos mais tarde colocou a mão no ombro de Amadeu. 'Foi por um triz', disse. 'Que presença de espírito. Que coragem. Na sua idade.'

"Quando a ambulância havia saído com Adriana, meu irmão se sentou no seu lugar à mesa, a camisa salpicada de sangue. Ninguém disse uma única palavra. Acho que aquilo foi o pior para ele: o fato de ninguém dizer nada. O médico constatara com poucas palavras que Amadeu procedera corretamente e salvara a vida de Adriana. Mesmo assim, ninguém disse uma única palavra, e o silêncio que enchia a sala de jantar estava repleto de um espanto horrorizado pelo seu sangue-frio. 'O silêncio me fez parecer um carniceiro', disse alguns anos depois na única vez em que falamos sobre o assunto.

"No fundo, ele nunca conseguiu superar o fato de o termos deixado naquele momento tão completamente sozinho. Acho que isso mudou para sempre a relação com a família. A partir daí, passou a vir mais raramente, e quando aparecia era como um visitante bem-educado.

"De repente, o silêncio se quebrou e Amadeu começou a tremer. Levou as mãos ao rosto e ainda hoje consigo ouvir aquele soluçar seco que sacudiu seu corpo. Mais uma vez, o deixamos sozinho. Eu ainda fiz um carinho no seu braço, mas era muito pouco, eu era apenas a irmãzinha de 8 anos, ele precisava de algo bem diferente naquele momento.

"Aquilo fez o copo transbordar. De repente, Amadeu ergueu-se de um salto, subiu as escadas correndo e voltou do quarto com um manual de medicina. Atirou o livro com toda a força na mesa, fazendo os talheres baterem contra os pratos e os copos tilintarem. 'Aqui', gritou. 'Está tudo explicado aqui. Traqueotomia através da membrana cricotireóidea é o nome que se dá a esta intervenção! Por que estão todos

olhando feito patetas? Sentados aí como uns patetas. Se não fosse eu, teríamos que levá-la daqui num caixão!'

"Adriana foi operada e depois passou mais duas semanas no hospital. Amadeu a visitava diariamente, sempre sozinho, não queria ir conosco. Adriana estava cheia de uma gratidão imensa que tinha contornos quase religiosos. Muito pálida, o rosto imóvel nas almofadas, com um curativo no pescoço, revivia sempre a cena dramática. Uma vez me falou disso, quando eu estava sozinha com ela. 'Momentos antes de ele espetar a faca, os cedros lá fora ficaram vermelhos. Vermelhos de sangue' disse. 'Depois, desmaiei.'

Mélodie contou ainda que ela tinha saído do hospital com a convicção de que iria dedicar a sua vida ao irmão que a salvara. Amadeu ficou assustado e tentara dissuadi-la dessas ideias. Durante algum tempo, pareceu que tinha conseguido. Ela conheceu um francês que se apaixonou por ela e o episódio dramático parecia ter sido esquecido. Mas a paixão acabou no momento em que Adriana engravidou. Novamente, Amadeu foi chamado para acompanhar uma intervenção no seu corpo. Ele sacrificou para isso a sua viagem com Fátima, voltando da Inglaterra antes do tempo. Ela estudara enfermagem depois do liceu e quando, três anos mais tarde, ele abriu o consultório na casa azul, era evidente que ela trabalharia como sua assistente. Fátima não quis deixá-la morar na casa. Houve cenas dramáticas quando ela teve que sair. Depois da morte de Fátima, não demorou uma semana até ela se mudar para lá. Amadeu estava completamente transtornado com a perda e incapaz de opor resistência. Adriana vencera.

35

— Cheguei a pensar, às vezes, que o espírito de Amadeu era, antes de mais nada, linguagem — dissera Mélodie lá para o fim da conversa. — Que a sua alma era feita de palavras, algo que nunca vi em nenhuma outra pessoa.

Gregorius lhe mostrara o trecho sobre o aneurisma. Ela tampouco soubera daquilo. Mas houvera outra coisa de que ela se lembrava agora.

— Ele estremecia toda vez que alguém utilizava palavras que tinham a ver com o passar, correr, esvair-se. Lembro-me sobretudo de *correr* e *passar*. Aliás, ele reagia muito intempestivamente às palavras, como se elas fossem muito mais importantes do que as coisas. Quem quisesse compreender meu irmão devia saber disso, antes de mais nada. Ele falava da ditadura das palavras erradas e da liberdade das palavras certas, do calabouço invisível do *kitsch* linguístico e da luz da poesia. Era possuído pela linguagem, enfeitiçado pelo seu poder, era alguém que uma palavra falsa podia ferir mais do que um punhal. E depois tinha aquela reação intempestiva às palavras que tinham a ver com transitoriedade e efemeridade. Depois de uma das suas visitas em que revelou essa sua nova sensibilidade, eu e meu marido passamos metade da noite acordados, tentando adivinhar o que podia estar por trás daquilo. "Não essas palavras, por favor, não essas palavras", dissera. Não nos atrevemos a perguntar por quê. O meu irmão podia explodir como um vulcão.

Gregorius sentou-se na poltrona de Silveira no salão e começou a ler o texto de Prado que Mélodie lhe dera.

— Ele tinha um pânico enorme que isso pudesse parar em mãos erradas — dissera ela. — "Talvez o melhor fosse destruí-lo", dizia ele. Mas então acabou me entregando o texto para que eu o guardasse. Eu só podia abrir o envelope depois de sua morte. De repente, entendi tudo.

Prado escrevera o texto nos meses de inverno depois da morte da mãe e o entregara a Mélodie pouco antes da morte de Fátima, na primavera. Eram três trechos, iniciados em folhas diferentes e que diferiam também na tonalidade da

tinta. Embora se completassem numa longa despedida à mãe, não havia qualquer saudação. Em vez disso, o texto tinha um título como na maior parte das anotações no livro.

DESPEDIDA FALHADA À MAMÃE. *A minha despedida de ti terá forçosamente que fracassar, mamãe. Não estás mais entre nós, e um verdadeiro adeus teria que ser um encontro. Esperei tempo demais e, evidentemente, isso também não é um acaso. O que é que distingue uma despedida honesta de uma despedida covarde?*

Uma despedida honesta de ti teria sido a tentativa de chegarmos a um acordo sobre como foi aquilo com nós dois, comigo e contigo. Pois é este o sentido de uma despedida na verdadeira e plena acepção da palavra: que duas pessoas, antes de se deixarem, se entendam sobre como se viram e como se compreenderam uma à outra. Sobre aquilo que, entre eles, foi bem-sucedido e o que fracassou. Para isso é necessário ser destemido: deve-se conseguir suportar a dor com as dissonâncias. Também se trata de aceitar o que foi impossível. Despedir-se é também algo que se faz consigo próprio: assumir-se perante o olhar do Outro. A covardia de uma despedida, ao contrário, consiste na idealização, na tentativa de mergulhar aquilo que já passou em uma luz dourada e de excluir todos os lados negros, mentindo. O que então se perde não é nem mais nem menos do que o reconhecimento de si próprio, naquelas características que originaram os lados escuros.

Tu conseguiste realizar uma obra-prima comigo, mamãe, e eu escrevo agora aquilo que há muito tempo deveria ter-te dito. Foi uma obra-prima pérfida que pesou na minha vida como nenhuma outra coisa. Tu me deixaste saber — e não cabia a menor dúvida sobre o conteúdo dessa mensagem — que esperavas de mim, o teu filho — o teu *filho — nada menos do que ele fosse simplesmente o melhor. Não importa nem em quê ele seria o melhor, mas as minhas realizações teriam que superar as realizações de todos os outros, não apenas superar simplesmente, e sim de forma absoluta e esmagadora. A perfídia consiste em que jamais disseste isso. A tua expectativa nunca assumiu uma expressão tal que me tivesse permitido tomar posição, refletir sobre aquilo e rebatê-las também no nível emocional. No entanto, eu o sabia, pois existe um conhecimento que se inocula numa criança indefesa, gota por gota, dia após dia, sem que ela perceba nem mesmo minimamente este conhecimento que se acumula silenciosamente. Esse conhecimento discreto se propaga dentro dela como um veneno insidioso, infiltra-se nos tecidos do corpo e da alma e determina a cor e as nuances da sua vida. Deste*

conhecimento que age despercebidamente e cujo poder está no fato de se manter oculto nasceu em mim uma teia invisível de expectativas inflexíveis e impiedosas em relação a mim mesmo, tecido pelas cruéis aranhas de uma ambição nascida do medo. Quantas vezes, com que desespero e com que comicidade grotesca eu me debati mais tarde na tentativa de me libertar, para acabar me enredando cada vez mais! Era impossível me defender contra a tua presença, pois a obra que realizaste foi perfeita demais, sem erros, uma obra-prima de uma perfeição acachapante, de tirar o fôlego.

Faz parte da perfeição o fato de não apenas teres omitido as tuas expectativas sufocantes, como também teres escondido as mesmas sob palavras e gestos que expressavam o contrário. Não digo que tenha sido um plano consciente, astuto e traiçoeiro. Não, tu própria acreditaste nas tuas palavras enganosas e foste uma vítima daquela camuflagem cuja inteligência de longe superava a tua. Desde então sei como as pessoas podem ficar entrelaçadas e unidas na sua mais profunda substância e perpetuamente presentes, uma para a outra, sem que tenham a menor noção disso.

E há mais uma coisa que fazia parte da maneira artística com a qual tu, escultora criminosa de uma alma alheia, me moldaste segundo a tua vontade: os nomes que escolheste para mim, Amadeu Inácio. *A maior parte das pessoas nem sequer pensa nisso, de vez em quando alguém me diz alguma coisa sobre a melodia. Mas eu sei melhor, pois eu tenho dentro de mim o som da tua voz, um som cheio de uma vaidosa devoção. Querias que eu fosse um gênio. Foi-me destinado possuir uma leveza divina. E ao mesmo tempo — ao mesmo tempo! — deveria eu encarnar o rigor assassino de Santo Inácio e exercer as suas capacidades de general do sacerdócio.*

Pode parecer cruel, mas a expressão é a melhor possível: a minha vida foi determinada por uma intoxicação maternal.

Será que, dentro dele, havia uma presença oculta e determinante dos pais, camuflada e vertida no contrário?, perguntou-se Gregorius, enquanto caminhava pelas ruas silenciosas de Belém. Viu diante de si o livrinho fino onde a sua mãe anotava tudo o que ganhava com a faxina. Os óculos pobres com os aros pagos pela caixa e as lentes sempre sujas, através das quais ela o fitava, cansada.

"Se eu pudesse voltar a ver o mar, mas nós não temos dinheiro para uma viagem dessas." Ela tinha tido uma beleza, até mesmo um brilho em que há muito tempo ele já não pensara mais: a dignidade com a qual encontrava na rua pessoas cuja sujeira costumava limpar. Nenhum vestígio de submissão, o seu olhar mantinha-se

no mesmo nível daqueles que a pagavam para que trabalhasse ajoelhada. "Será que ela pode mesmo?", perguntara-se, ainda menino, para depois se orgulhar dela quando voltava a observá-la. Se não fossem os romances regionais de Ludwig Ganghofer, aos quais recorria em suas raras horas de leitura. "Agora também você se esconde atrás dos livros." A sua mãe não fora uma leitora. Era doloroso constatar isso, mas a sua mãe nunca fora uma leitora.

"Qual é o banco que me concederia um crédito", Gregorius ouviu a voz do pai, "ainda mais para isso." Viu a sua mão grande com as unhas cortadas muito rentes, quando ele lhe dera os 13,30 francos contados para a gramática persa, moeda por moeda. "Tem certeza de que quer ir para lá?", perguntara. "É tão longe, longe de tudo a que estamos acostumados. As letras, elas são tão diferentes, nem parecem letras. Nós nem saberemos mais nada sobre você." Quando Gregorius lhe devolveu o dinheiro, o pai com a mão grande acariciara seu cabelo, aquela mão que só muito raramente tinha coragem de fazer carinho.

O pai de Eva, a Incrível, o velho von Muralt, era juiz. Na festa da filha aparecera rapidamente. Era um gigante. Como teria sido, pensou Gregorius, se ele próprio tivesse sido criado como filho de um juiz severo e torturado por dores e uma mãe ambiciosa, que vivia a sua vida na vida do filho idolatrado? Será que ele, apesar disso, poderia ter-se tornado Mundus? Mundus, o Papiro? Seria possível saber isso?

Quando Gregorius saiu do ar frio da noite e voltou para a casa aquecida, ficou tonto. Sentou-se na mesma poltrona de antes e esperou que a vertigem passasse. "Não surpreende, considerando quanto coisa mudou *na sua vida em tão pouco tempo"*, dissera Mariana Eça. "Um tumor provocaria outras perturbações, completamente diferentes." Ele baniu a voz da médica da sua cabeça e continuou a ler.

Minha primeira grande decepção contigo foi que não quiseste escutar nenhuma das perguntas que me preocupavam em relação à profissão do papai. Perguntei-me: tu te declararas incapaz — na condição de mulher subalterna num país atrasado — de refletir sobre o assunto? Porque o Direito e o Tribunal eram coisas que só interessavam aos homens? Ou terá sido ainda pior: que simplesmente não tivesses perguntas ou dúvidas em relação à profissão do papai? Que o destino das pessoas em Tarrafal simplesmente não te ocupava?

Por que não obrigaste o papai a conversar conosco em vez de ser apenas um monumento de advertência? Estavas contente com o poder que assim ganhaste? Tu eras

uma virtuose da cumplicidade muda e nunca assumida com os teus filhos. E virtuosa foste também como mediadora diplomática entre o papai e nós, este papel te agradava e não foi sem vaidade que o cumpriste. Terá sido essa a tua vingança pelo reduzido espaço de manobra que o casamento te permitiu? A recompensa para a falta de reconhecimento social e a carga que as dores do papai representavam?

Por que deste o braço a torcer a cada contradição com que eu te confrontei? Por que não aguentaste, ensinando-me, assim, a suportar os conflitos? Assim, em vez de aprendê-lo de um modo lúdico, com um piscar de olhos, tive que adquirir essa capacidade à custa de muito esforço, como que através de um manual, com uma minúcia rancorosa, que muitas vezes fez com que eu perdesse a medida e exagerasse.

Por que me sobrecarregaste com a hipoteca da tua preferência? Por que papai e tu esperaram tão pouco de Adriana e Mélodie? Por que não sentiram a humilhação subjacente a essa falta de confiança?

Mas seria injusto, mamãe, se isso fosse tudo o que quero te dizer na despedida. Nos seis anos depois do falecimento do papai, consegui me relacionar contigo com outros sentimentos e fiquei feliz ao perceber que eles existiam. Ao te ver junto à sua sepultura, o olhar perdido, fiquei profundamente comovido e me senti contente por existirem costumes religiosos nos quais te sentiste acolhida. Fiquei mais feliz ainda quando se fizeram notar em ti os primeiros sinais de libertação, que, aliás, surgiram bem mais rapidamente do que eu esperava. Foi como se estivesses acordando pela primeira vez para uma vida própria. No primeiro ano vieste frequentemente nos visitar na casa azul e Fátima chegou a temer que te apoiarias demasiadamente em mim, em nós. Mas não: no momento em que a estrutura mestra da tua vida ruiu, a estrutura que havia definido o jogo de forças interiores, pareceu que descobriste aquilo que o casamento precoce impediu: uma vida própria além do papel dentro da família. Começaste a perguntar por livros e os folheaste como uma aluna curiosa, desajeitada, inexperiente, porém com olhos brilhantes. Certa vez te vi, sem que o percebesses, na livraria, em frente a uma estante, um livro aberto na mão. Nesse instante te amei, mãe, e senti-me tentado a me aproximar de ti. Mas teria sido a decisão errada. Terias voltado para a vida antiga.

36

Gregorius ficou andando de um lado para o outro na sala do Sr. Cortês, chamando cada coisa pelo seu nome no dialeto de Berna. Depois, percorreu os corredores escuros e frios do liceu e fez o mesmo com todos os objetos que viu ali. Falou em voz alta e com raiva, os sons guturais ecoaram através da sala. Um observador incauto teria julgado que alguém com o espírito perturbado estava perdido naquele prédio abandonado.

Tudo começara naquela manhã no curso de línguas. De repente, ele não sabia mais dizer as coisas mais banais em português, coisas que já conhecia desde a primeira lição no primeiro disco do curso, coisas que ouvira antes mesmo de partir. Cecília, que chegara atrasada por causa de uma enxaqueca, esboçou uma observação irônica, parou, contraiu os olhos e fez um gesto tranquilizador com a mão.

— Sossegue — disse. — Isto acontece com todos os que aprendem uma língua nova. De repente, nada mais funciona. Isso passa. Amanhã já estará em plena forma novamente.

Depois, sua memória fizera greve quando estava lendo persa, uma memória linguística em que sempre pudera confiar. Em pânico, começara a recitar versos de Horácio e de Safo, resgatara palavras raras de Homero e folheara, nervosíssimo, o Cântico dos Cânticos, de Salomão. Tudo vinha como de hábito, nada faltava, não havia precipícios causados por uma súbita perda de memória. Mesmo assim, sentia-se como depois de um tremor de terra. Tontura. Vertigens e falta de memória. Uma coisa estava ligada à outra.

Em silêncio, ficara junto da janela no escritório do reitor. Hoje não havia o feixe de luz que caminhava pela sala. Chovia. De repente, muito de repente, sentira-se furioso. Era uma raiva violenta, quente, misturada com desespero pelo fato de ela não ter um objeto definido. Só muito aos poucos foi-se dando conta de que ele estava passando por uma revolta interior, uma sublevação contra toda a estranheza linguística que ele se impusera. Primeiro, essa revolta parecia só ter a ver com o português, e talvez com o francês e inglês que ele precisava falar aqui. Aos poucos e

contra a vontade, ele admitiu que a ressaca da sua fúria abrangia também as línguas antigas, nas quais habitava havia mais de quarenta anos.

Assustou-se quando sentiu o tamanho da sua revolta. O chão balançava. Ele tinha que fazer alguma coisa, agarrar-se a alguma coisa. Fechou os olhos, imaginou-se na Bubenbergplatz e chamou as coisas que ele via pelo seu nome no dialeto de Berna. Falava com as coisas e consigo mesmo nas frases lentas e claras do dialeto. O terremoto passou, ele sentiu o chão de novo firme debaixo dos pés. Mas o susto ecoou, ele enfrentou esse eco com a raiva de alguém exposto a um grande perigo, e assim ele caminhava como um louco pelos corredores do prédio deserto, como se precisasse subjugar os espíritos daqueles espaços escuros com palavras em dialeto.

Duas horas mais tarde, quando estava sentado no salão da casa de Silveira, aquilo tudo já parecia uma assombração, algo que ele, quem sabe, apenas tivesse sonhado. Quando leu em latim e em grego, foi como sempre, e quando abriu a gramática portuguesa, viu que tudo surgiu imediatamente, e ele fez bons progressos nas regras para o conjuntivo. Unicamente as imagens do sonho o lembravam de que alguma coisa dentro dele se havia quebrado.

Quando cochilou na poltrona por um instante, ele era o único aluno numa sala de aula imensa e se defendia com frases em dialeto contra perguntas e solicitações que alguém que ele não conseguia ver lhe fazia em línguas estrangeiras. Acordou com a camisa ensopada, tomou um chuveiro e pôs-se a caminho da casa de Adriana.

Clotilde lhe relatara que Adriana mudara desde que o tempo e o presente haviam voltado para a casa azul junto com o relógio em movimento no salão. Gregorius encontrara Clotilde no bonde, ao voltar do liceu.

— Às vezes, acontece que ela fica na frente do relógio como se quisesse voltar a parar os ponteiros — dissera Clotilde, repetindo as palavras pacientemente quando ele não entendia. — Mas depois tudo continua normalmente, e o seu jeito de caminhar se tornou mais rápido, mais decidido. Ela está se levantando mais cedo. É como se já não quisesse mais apenas suportar o dia.

Adriana já estava comendo com mais apetite e uma vez até pedira para Clotilde fazer um passeio com ela.

Quando a porta da casa azul se abriu, Gregorius teve uma surpresa. Adriana não estava mais de preto. Só a fita preta sobre a cicatriz ficara. A saia e o casaco eram cinza-claro, com finas listras azuis, e a blusa era de um branco brilhante. O esboço de um sorriso indicava que ela se divertia com o espanto no rosto de Gregorius.

Ele lhe devolveu as cartas do pai e do filho.

— Não é uma loucura? — disse ela. — Essa falta de comunicação. A educação sentimental, costumava dizer Amadeu, deveria nos introduzir, antes de mais nada,

na arte de mostrar os sentimentos e na experiência de que os sentimentos se tornam mais ricos com palavras. E quão pouco ele próprio conseguiu fazer isso com papai!

Adriana olhou para o chão.

— E comigo também.

Gregorius disse-lhe que adoraria ler as anotações escritas nos bilhetes pendurados acima da mesa de trabalho de Amadeu. Quando entraram no quarto no sótão, Gregorius teve a próxima surpresa: a cadeira da mesa de trabalho não estava mais torta. Trinta anos depois, Adriana conseguira finalmente libertá-la de seu passado imóvel e endireitá-la, de modo que já não parecia que o irmão acabara de levantar alguns minutos antes. Quando ele olhou para ela, estava cabisbaixa, as mãos nos bolsos do casaco, uma velha senhora conformada que, ao mesmo tempo, parecia uma aluna de escola que acaba de resolver um problema difícil e, numa espécie de orgulho envergonhado, espera um elogio. Gregorius pousou a mão no seu ombro por um momento.

A xícara de porcelana azul na bandeja de cobre tinha sido lavada, o cinzeiro estava vazio. Adriana tinha atarraxado a tampa da velha caneta-tinteiro e agora acendia o abajur com a cúpula verde-esmeralda. Empurrou a cadeira da mesa de trabalho e convidou Gregorius a se sentar com um gesto em que havia uma última hesitação.

O livro imenso, aberto no meio, ainda estava lá, bem como o maço de folhas. Após um breve olhar inquiridor para Adriana, ele ergueu um pouco o livro para conseguir ler o nome do autor e o título: JOÃO DE LOUSADA DE LEDESMA, O MAR TENEBROSO. Tipos de letras grandes, caligráficos, gravuras de paisagens costeiras, desenhos de navegadores feitos a nanquim. Gregorius voltou a olhar para Adriana.

— Não sei — disse ela. — Não sei por que isso de repente começou a interessá-lo, mas ele ficou obcecado por livros que tratam do pavor que, na Idade Média, as pessoas sentiam quando se encontravam no ponto mais ocidental da Europa e se perguntavam sobre o que poderia ser encontrado além daquele mar que julgavam infinito.

Gregorius puxou o livro em sua direção e leu um trecho em espanhol: "*Más allá no hay nada más que las aguas del mar, cuyo término nadie más que Dios conoce.*"

— Cabo Finisterra — disse Adriana. — Lá em cima, na Galícia. O ponto mais ocidental da Espanha. Ele estava obcecado por isso. Naquela época, era o fim do mundo. "Mas aqui em Portugal existe um ponto ainda mais ocidental, por que então a Espanha", disse-lhe, apontando para o mapa. Mas ele não queria ouvir nada daquilo e sempre voltava a falar de Finisterra, era como uma ideia fixa. E ele tinha uma expressão acossada e febril no rosto quando falava disso.

solidão, estava escrito no alto da folha que Prado redigira por último. Adriana seguira o olhar de Gregorius.

— No seu último ano de vida, ele se queixava muito de não compreender em que consiste a solidão que todos tememos tanto. *Aquilo que chamamos de solidão,* dizia ele, *não pode ser simplesmente a ausência de outros, podemos estar sozinhos e não nos sentirmos nem um pouco solitários, e podemos estar cercados de gente e, mesmo assim, sozinhos. O que é, então?* O fato de podermos nos sentir sozinhos no meio da multidão foi algo com que sempre se ocupou. *Bem,* dizia ele, *não se trata apenas de os outros existirem, de ocuparem um espaço ao nosso lado. Mesmo quando nos festejam ou nos dão um bom conselho numa conversa amigável, um conselho inteligente e sensível — ainda assim podemos nos sentir sós. A solidão, portanto, não é algo que tem a ver com a presença dos outros e nem com aquilo que fazem. Com o quê, então? Com o quê, pelo amor de Deus?*

Não falava comigo sobre Fátima e seus sentimentos por ela. *A intimidade é nosso último santuário*, costumava dizer. Só uma única vez deixou cair um comentário. *Estou deitado a seu lado, ouço a sua respiração, sinto o seu calor — e me sinto terrivelmente sozinho,* dizia. *O que será? O quê?*

Solidão por proscrição, anotara Prado. *Se os outros nos subtraem o afeto, o respeito e o reconhecimento, por que não podemos simplesmente dizer: não preciso disso, eu me basto a mim próprio? Não sermos capazes de fazê-lo não representa uma horrível forma de dependência? Não nos torna escravos dos outros? Quais são as sensações com que podemos nos defender como dique, como barreira de proteção? De que maneira deve ser a firmeza interior*?

Gregorius se curvou para a frente e leu as palavras desbotadas nos bilhetes na parede.

Chantagem por confiança.

— Os pacientes lhe confiavam as coisas mais íntimas e também as mais perigosas — disse Adriana. — Politicamente arriscadas, quero dizer. E então esperavam que ele, por sua vez, também revelasse algo. Para que não precisassem se sentir nus. Ele detestava aquilo. Detestava do fundo do coração. *Não quero que ninguém espere nada de mim*, dizia, batendo com o pé. *E por que cargas-d'água tenho tanta dificuldade em me demarcar?* Nesses momentos, eu sentia vontade de responder: mamãe. Mas é claro que eu não dizia nada. Ele próprio o sabia.

A perigosa virtude da paciência.

— *Paciência*: nos últimos anos de sua vida ele desenvolveu uma verdadeira alergia a essa palavra, o seu rosto se fechava imediatamente quando alguém lhe vinha falar de paciência. *Não passa de uma maneira consensualmente aceita para abdicarmos de nós mesmos*, dizia, irritado. *Medo das fontes que poderiam jorrar dentro de nós*. Só o compreendi verdadeiramente quando soube do aneurisma.

Na última folha havia mais coisas escritas do que nas outras:

Quando a ressaca da alma está indisponível e é mais poderosa do que nós, por que o elogio e a censura? Por que não simplesmente: Tive sorte?? Tive azar?? E não há dúvida de que ela é *mais poderosa do que nós, esta ressaca, ela o é sempre*.

— Antigamente, esta parede ficava coberta de bilhetes — disse Adriana. — Ele sempre anotava alguma coisa e colava na parede. Até aquela maldita viagem para a Espanha, um ano e meio antes de sua morte. Depois daquilo, só escrevia muito raramente, muitas vezes ficava sentado aqui e só olhava para o vazio.

Gregorius esperou. De vez em quando lançava um olhar para Adriana. Estava sentada na poltrona ao lado das pilhas de livros que não haviam mudado, no alto de uma delas ainda estava o livro grande com as ilustrações do cérebro. Ela cruzou as mãos com as veias escuras, soltou-as novamente, voltou a cruzar. Percebia-se pelo seu rosto que alguma coisa trabalhava dentro dela. A resistência contra a recordação pareceu prevalecer.

Gregorius disse que gostaria de saber um pouco mais também sobre este período, para tentar compreendê-lo melhor.

— Não sei — disse Adriana e caiu de novo no silêncio. Quando voltou a falar, as palavras pareciam vir de muito longe. — Eu pensava que o conhecia. Sim, teria dito que o conhecia por fora e por dentro. Afinal, via-o diariamente durante muitos anos, escutava-o falar dos seus pensamentos e sentimentos, até sobre os seus sonhos. Mas então ele voltou para casa depois daquele encontro, isso aconteceu dois anos antes de sua morte, em dezembro ele faria 51 anos. Foi num desses encontros secretos do qual também participou o João, João não-sei-de-quê. Aquele homem que não lhe fazia bem. Jorge também esteve lá, O'Kelly, o seu amigo sagrado. Desejei que ele nunca tivesse ido para essas reuniões. Elas não lhe faziam bem.

— Eram reuniões da resistência antifascista — disse Gregorius. — Amadeu trabalhava para a resistência, com certeza a senhora sabia disso. Ele queria fazer alguma coisa, qualquer coisa contra as pessoas como Mendes.

— Resistência — disse Adriana, e repetiu a palavra: resistência. Ela pronunciou aquela palavra como se nunca tivesse ouvido falar daquilo e como se se recusasse a acreditar que pudesse haver aquilo.

Gregorius amaldiçoou a sua necessidade interior de obrigá-la a reconhecer a realidade, pois durante um momento pareceu que ela fosse emudecer. Mas então a irritação no seu rosto se apagou e ela voltou ao irmão e à noite em que ele voltara daquela nefasta reunião.

— Ele não se deitara ainda e estava com a roupa da véspera quando o encontrei de manhã na cozinha. Eu sabia como era quando ele não dormia. Mas daquela vez foi diferente. Ele não parecia atormentado como sempre, apesar das olheiras. E fez uma coisa que nunca fazia: inclinou a cadeira para trás e balançou. Mais tarde, quando pensei naquilo, eu disse para mim mesma: foi como se ele tivesse partido para uma viagem. No consultório, ele resolveu tudo com uma rapidez e uma facilidade enormes, as situações se resolveram como que automaticamente, e cada vez que ele jogava algo no lixo ele acertava o alvo.

"Estava apaixonado, é o que o senhor vai imaginar, não eram indícios claros de que estava apaixonado? Naturalmente eu também pensei nisso. Mas num daqueles encontros só de homens? E depois era completamente diferente do que acontecera com Fátima. Ele estava mais selvagem, descontraído, quase faminto. Sem qualquer limite. Aquilo me dava medo. Especialmente depois que a vi. Mal entrou na sala de espera, eu notei que não era uma simples paciente. Novinha, 20 e poucos anos. Uma mistura curiosa de menina inocente e mulher fatal. Olhos brilhantes, tom de pele asiático, um andar requebrado. Os homens na sala de espera olhavam para ela disfarçadamente, os olhos das mulheres se contraíam.

"Eu a deixei entrar. Amadeu estava lavando as mãos. Virou-se e foi como se tivesse sido atingido por um raio. O sangue subiu-lhe ao rosto. Mas logo a seguir se controlou novamente.

"— Adriana, esta é a Estefânia" — disse. — Você pode nos deixar a sós um minuto, temos que tratar de um assunto.

"Até então, nunca acontecera isso. Nunca, naquelas quatro paredes, houve nada que eu não pudesse ouvir. *Nunca*.

"Ela voltou, quatro ou cinco vezes. E toda vez ele me mandava para fora, conversava com ela e a conduzia até a porta. Toda vez, o seu rosto estava ruborizado e ele ficava desconcentrado durante o resto do dia, aplicava mal as injeções, ele, com suas mãos seguras que os pacientes adoravam. Na última vez ela nem foi mais ao consultório, tocou a campainha da parte de cima. Foi perto da meia-noite. Ele pegou o sobretudo e desceu. Vi os dois dobrando a esquina, ele falava agitadamente com ela. Depois de uma hora, ele voltou com os cabelos despenteados e cheirava a suor.

"Depois ela nunca mais apareceu. Amadeu tinha ausências. Como se uma força

oculta o puxasse para baixo. Estava irritado e às vezes chegava a ser grosseiro, até mesmo com os pacientes. Foi a primeira vez que eu pensei: 'ele já não gosta da profissão, não a exerce devidamente, só quer fugir.'

"Uma vez dei de cara com Jorge e essa moça. Ele estava abraçando-a pela cintura, mas ela parecia não estar gostando daquilo. Fiquei confusa. Jorge fingiu que não me conhecia e puxou a moça para uma travessa. Claro que me senti tentada a contar aquilo a Amadeu. Mas não o fiz. Ele estava sofrendo. Um dia, numa noite particularmente difícil, ele me pediu para tocar as *Variações Goldberg*, de Bach. Ficou escutando de olhos fechados e eu tive certeza absoluta que estava pensando nela.

"As partidas de xadrez com Jorge que faziam parte do ritmo de vida de Amadeu foram canceladas. Durante todo o inverno, Jorge não veio nos visitar nem uma única vez, nem mesmo no Natal. Amadeu não falava dele.

"Num dos primeiros dias do mês de março, no fim da tarde, O'Kelly bateu à porta. Ouvi como Amadeu abria a porta.

"— Você — disse ele.

"— Sim, eu — disse Jorge.

"Foram para o consultório, eu não devia ouvir nada da conversa. Abri a porta da sala e escutei. Nada, nem uma palavra em voz alta. Mais tarde ouvi a porta da entrada. O'Kelly, com a gola do sobretudo virada para cima, desapareceu na esquina. Silêncio total. Amadeu não subia nunca. Finalmente, desci. Ele estava no escuro, sem se mexer.

"— Me deixa — disse ele. — Não quero falar.

"Quando finalmente subiu, no meio da noite, estava pálido, quieto e totalmente transtornado. Não me atrevi a perguntar o que havia acontecido.

"No dia seguinte, o consultório não abriu. João apareceu. Também não ouvi nada daquela conversa. Desde que surgira aquela moça, Amadeu me evitava, parecia esconder a sua vida de mim, mesmo as horas que passávamos juntos no trabalho pareciam vazias. Eu detestava aquela pessoa, o cabelo comprido, negro, o andar provocante, a saia curta. Eu deixei de tocar piano. Eu não contava mais. Foi... foi humilhante.

"Dois ou três dias depois, no meio da noite, João e a moça apareceram na frente da porta.

"— Quero que a Estefânia fique aqui — disse João.

"Disse de um jeito que era impossível contestar. Odiei-o, odiei o seu jeito autoritário. Amadeu levou-a até o consultório. Não disse nada quando a viu, mas trocou as chaves e deixou o molho de chaves cair na escada. Arrumou uma cama

para ela na mesa de exames, depois eu vi.

"De manhã, ele subiu, tomou um banho e preparou o café. A moça parecia tresnoitada e amedrontada, estava usando uma espécie de macacão e não havia mais nela nada de provocador. Eu me controlei, fiz mais uma jarra de café e mais uma para a viagem. Amadeu não me explicou nada.

"— Não sei quando estarei de volta — disse ele. — Não se preocupe.

Ele pôs algumas coisas numa bolsa, acrescentou alguns medicamentos e saíram para a rua. Para minha surpresa, Amadeu pegou na bolsa as chaves de um carro e abriu um automóvel que na véspera não estava lá. Ele não sabe dirigir, pensei, mas então a moça sentou no volante. Foi esta a última vez que a vi."

Adriana ficou em silêncio, as mãos no colo, a cabeça recostada na cadeira, os olhos fechados. Sua respiração estava rápida, ela ainda estava revivendo os acontecimentos passados. A gargantilha preta escorregara e Gregorius viu a cicatriz na sua garganta, uma cicatriz feia, sinuosa, com uma pequena protuberância acinzentada. *Preciso fazer isso*, dissera, *se não, você vai morrer. Tire as mãos. Confie em mim*. Então, espetou a faca. Meia vida depois daquilo, Adriana assistira como ele sentava num carro ao lado de uma jovem, partindo por tempo indeterminado, sem explicar nada.

Gregorius esperou que a respiração dela se acalmasse. Em seguida, perguntou como fora quando Amadeu voltou.

— Ele saiu do táxi quando eu estava por acaso na janela. Sozinho. Deve ter voltado de trem. Tinha passado uma semana. Ele não disse uma única palavra sobre esse período, nem na época, nem depois. Estava com a barba por fazer, o rosto encavado, acho que mal comeu durante aqueles dias. Esfomeado, devorava tudo o que eu lhe servia. Depois, deitou-se na cama ali e dormiu durante um dia e uma noite, deve ter tomado um comprimido, depois encontrei a embalagem.

"Lavou os cabelos, barbeou-se e vestiu-se cuidadosamente. Nesse meio-tempo eu limpara o consultório.

"— Está tudo brilhando de tão limpo — disse, forçando um sorriso. — Obrigada, Adriana, se eu não tivesse você...

"Informamos os pacientes que o consultório reabrira e uma hora mais tarde a sala de espera estava cheia de gente. Amadeu estava mais lento do que normalmente, talvez fosse o efeito do comprimido, mas talvez também já fosse um prenúncio da doença. Os pacientes notaram que ele estava fora do normal e olhavam para ele, inseguros. No meio da manhã ele pediu um café, isso nunca acontecera antes.

"Dois dias depois ele teve febre e dores de cabeça lancinantes. Não havia remédio que desse jeito.

"— Não há motivo para pânico — tentou me acalmar, segurando as têmporas com as mãos. — O corpo é também espírito.

"Mas quando o observei disfarçadamente vi o pavor, ele devia ter pensado no aneurisma. Pediu-me para pôr a música de Berlioz, a música de Fátima.

"— Para! — gritou logo após os primeiros compassos. — Desliga isso imediatamente!

"Talvez fosse a dor de cabeça, mas talvez ele também sentisse que, depois daquela moça, não poderia voltar sem mais nem menos para Fátima.

"Depois, pegaram João, nós soubemos através de um paciente. As dores de cabeça de Amadeu se tornaram tão violentas que ele caminhava feito um louco de um lado para outro, as duas mãos segurando a cabeça. Num dos olhos havia arrebentado um vaso grande, o derrame tingiu o olho de vermelho vivo, ele ficou com um aspecto horrível, desesperado, até mesmo um pouco embrutecido. Perguntei se não devia chamar Jorge.

"— Nem pensar! — gritou ele.

"Ele e Jorge só voltaram a se encontrar um ano mais tarde, poucos meses antes da morte de Amadeu. Naquele ano, Amadeu mudou. Depois de duas, três semanas, a febre e as dores de cabeça cederam. Deixaram para trás um homem sobre o qual se abatera uma profunda melancolia. *Melancolia* — já em criança adorava essa palavra. Mais tarde, leu livros sobre o assunto. Num deles estava escrito que se tratava de um fenômeno tipicamente moderno. 'Besteira', revoltou-se. Ele considerava a melancolia uma experiência atemporal e acreditava que era uma das coisas mais preciosas que o ser humano podia conhecer.

"— Pois nela se revela toda a fragilidade humana — dizia.

"Mas isso não deixava de ser perigoso. Naturalmente, ele sabia que a melancolia e a depressão crônica são duas coisas diferentes. Mas muitas vezes, quando lhe aparecia pela frente um paciente deprimido, ele hesitava demais antes de encaminhá-lo a um psiquiatra. Falava com ele como se se tratasse de uma melancolia e tendia a idealizar o estado dessas pessoas e a confundi-lo com um estranho entusiasmo pela sua patologia. Depois da viagem com a moça essa tendência se acentuou, beirando os limites da negligência.

"Em seus diagnósticos físicos, acertou até o fim. Mas era um homem marcado, e quando lidava com um doente difícil, muitas vezes já não estava mais à altura do problema. Perante as mulheres, de uma hora para a outra se sentiu constrangido e as mandava consultar um especialista mais cedo do que antes.

"O que quer que tenha acontecido durante aquela viagem: o certo é que aquilo o transtornou, mais ainda do que a morte de Fátima. Era como se tivesse havido um

abalo tectônico, deslocando as camadas mais profundas de sua alma. Tudo o que se apoiava nesses estratos tinha saído do eixo e começava a balançar com a menor brisa. Toda a atmosfera nesta casa se alterou. Tive de ampará-lo e protegê-lo como se vivêssemos num sanatório. Foi horrível."

Adriana limpou uma lágrima no olho.

— E maravilhoso também. Pois ele voltara a pertencer só a mim novamente. Ou teria me pertencido, se um belo dia Jorge não tivesse batido à porta.

"O'Kelly trouxera-lhe um tabuleiro com peças entalhadas de Bali."

"— Faz muito tempo que não jogamos mais — disse. — Tempo demais.

As primeiras vezes que jogaram, pouco falaram. Adriana servia-lhes chá.

— Era um silêncio forçado — disse ela. — Não era hostil, mas forçado. Eles se procuravam. Procuravam dentro de si próprios a possibilidade de voltarem a ser amigos.

De vez em quando ensaiavam uma piada ou lembravam uma expressão da época da escola. Mas não conseguiam. O riso morria ainda antes de chegar aos rostos. Um mês antes de Prado morrer, desceram para o consultório depois do xadrez. A conversa foi noite adentro. Adriana ficou o tempo todo na porta da casa.

— A porta do consultório se abriu e eles saíram. Amadeu não acendeu a luz e a luz do consultório iluminava o corredor apenas fracamente. Andaram lentamente, quase em câmera lenta. A distância que mantinham entre si me pareceu estranhamente exagerada. Por fim, chegaram à porta da casa.

"— Então — disse Amadeu.

"— Sim? — disse Jorge.

"Então, eles... eles caíram em si, não sei como poderia exprimir melhor. O que deve ter acontecido é que quiseram se abraçar uma última vez, mas o movimento iniciado deve ter-lhes parecido impossível, só que já não o podiam evitar mais, tropeçaram um em direção ao outro, procuraram-se com as mãos, desajeitados como cegos, bateram com as cabeças nos ombros um do outro, voltaram a se endireitar, estremeceram, e não sabiam mais o que fazer com as mãos e os braços. Um ou dois segundos de um constrangimento horrível, depois Jorge abriu a porta e saiu correndo. A porta bateu com um estrondo. Amadeu se virou para a parede, encostou a testa nela e começou a soluçar. Eram sons profundos, rudes, quase animais, acompanhados por tremores violentos do corpo inteiro. Lembro de ter pensado: como foi fundo dentro dele, uma vida inteira! E continuará sendo, mesmo depois desta despedida. Foi a última vez que se encontraram."

A insônia de Prado piorou mais ainda. Ele se queixava de tonturas e precisou fazer intervalos entre os pacientes. Pediu que Adriana tocasse as *Variações Goldberg*.

Duas vezes foi até o liceu e voltava com um rosto onde ainda se viam as marcas das lágrimas. Durante o enterro, Adriana soube por Mélodie que ela o vira saindo da igreja.

Houve alguns poucos dias em que voltou a escrever. Nesses dias não comia nada. Na véspera da sua morte, queixou-se de dores de cabeça. Adriana permaneceu junto dele até o comprimido fazer efeito. Quando saiu, parecia que ele iria adormecer. Mas quando ela foi vê-lo às cinco da manhã, a cama estava vazia. Ele tinha ido para a sua adorada rua Augusta, onde desmaiou uma hora mais tarde. Adriana foi informada às 6h23. Quando voltou para casa, mais tarde, atrasou os ponteiros e segurou o pêndulo.

37

Solidão por proscrição era o tema que ocupou Prado nos últimos tempos. O fato de dependermos do respeito e da afeição dos outros e o fato de isso nos tornar dependentes deles. Como era longo o caminho que ele percorrera! Sentado no salão de Silveira, Gregorius releu a primeira anotação sobre a solidão que Adriana integrara no livro.

SOLIDÃO FURIOSA. *Será que tudo o que fazemos é pelo medo que temos da solidão? Será por isso que abrimos mão de todas as coisas das quais nos arrependeremos no fim da vida? Será por isso que tão raramente dizemos o que pensamos? Se não for por isso, por que é que insistimos em todos estes casamentos falidos, nas amizades hipócritas, nas tediosas festas de aniversário? O que aconteceria se rompêssemos com tudo isso, se acabássemos com a chantagem insidiosa e nos assumíssemos como somos? Se deixássemos irromper como uma fonte os nossos desejos escravizados e a raiva pela sua escravidão? Pois em que consiste a solidão temida? No silêncio das admoestações que deixam de ser feitas? Na falta da necessidade de se esgueirar, sem respirar, pelo campo minado das mentiras conjugais e das meias verdades complacentes? Na liberdade de não termos ninguém à nossa frente durante as refeições? Na densidade do tempo que se abre quando emudece o tiroteio de convites e combinações com os outros? E tudo isso não serão coisas maravilhosas? Não seria um estado paradisíaco? Por que, então, o medo? Será que, no fim das contas, é um medo que apenas existe porque não refletimos sobre o seu objeto? Um medo que nos foi impingido, sem refletir, por pais, professores e padres? E por que estamos assim tão seguros de que os outros não nos invejariam se vissem como cresceu a nossa liberdade? E que logo tentariam procurar a nossa companhia?*

Naquele momento, ele ainda não tinha sentido o vento gelado da proscrição que, mais tarde, iria se abater duas vezes sobre ele: quando salvou a vida de Mendes

e quando levou Estefânia Espinhosa para fora do país. Essa reflexão, uma das primeiras que fez, revelam-no como sendo um iconoclasta a quem não se podia proibir nenhum pensamento, alguém que não temeu proferir um discurso blasfemo perante um grêmio de professores entre os quais havia também padres. Naquela vez, ele escrevera acolhido pela amizade com Jorge. Esse acolhimento, pensou Gregorius, deve ter-lhe ajudado a superar aquele cuspe que lhe escorrera pelo rosto diante da multidão indignada. E depois esse mesmo acolhimento acabara. As exigências da vida simplesmente são numerosas e poderosas demais para que nossos sentimentos possam superá-las incólumes, dissera já durante os estudos universitários em Coimbra. Por ironia, dissera aquilo para Jorge.

Finalmente, a sua previsão clarividente se concretizou e ele sucumbiu no gelo de um isolamento insuportável, do qual nem os cuidados da irmã conseguiram salvá-lo. Até mesmo a lealdade, que ele sempre encarara como âncora de salvação contra as marés dos sentimentos, se revelou frágil demais. Só visitava João Eça, na prisão. A autorização para fazê-lo foi o único sinal de gratidão que aceitou de Mendes. "Aquelas mãos, Adriana", dizia, quando voltava, "aquelas mãos já tocaram Schubert."

Ele a proibira de arejar o consultório para dissipar a fumaça da última visita de Jorge. Os pacientes se queixaram. As janelas passavam o dia inteiro fechadas. Ele inspirava aquele ar saturado como se fosse uma droga da recordação. Quando se tornou impossível adiar o arejamento, ficara prostrado numa cadeira, como se, com a fumaça, a sua força vital também abandonasse aquele espaço.

— Venha comigo — propôs Adriana a Gregorius. — Quero-lhe mostrar uma coisa.

Desceram as escadas até o consultório. Num canto do chão havia um pequeno tapete. Adriana o afastou com o pé. O reboco tinha sido tirado e um grande ladrilho estava solto. Adriana se ajoelhou e tirou o ladrilho. Embaixo havia uma cavidade, onde estava um tabuleiro dobrado e uma caixa. Adriana abriu a caixa e mostrou as peças de xadrez esculpidas para Gregorius.

Gregorius sentiu falta de ar, abriu uma janela e inspirou fundo o ar fresco da noite. Sentiu-se dominado por uma tontura e precisou se apoiar na janela.

— Eu o flagrei sem querer — disse Adriana.

Ela voltara a fechar a abertura e se aproximara de Gregorius.

— O seu rosto ficou coberto de rubor. "Eu só quisera...", tentou se desculpar. "Nenhum motivo para ter vergonha", disse-lhe eu. Naquele dia, ele estava indefeso e frágil como uma criança. Claro que aquilo *parecia* uma sepultura para o jogo de xadrez, para Jorge, para a sua amizade. Mas não era isso que ele *sentira*, descobri

mais tarde. Era mais complicado. E, de alguma forma, havia mais esperança. Ele não quisera *enterrar* o jogo. Apenas quisera empurrá-lo para além dos limites do seu mundo sem destruí-lo e ter a certeza de poder buscá-lo em qualquer momento. O seu mundo era agora um mundo sem Jorge. Mas ainda havia Jorge. Ele ainda *existia*. "Agora que ele não existe mais, é como se eu também não existisse", tinha dito certa vez.

"Depois daquilo, passou alguns dias praticamente sem autoestima e quase servil em relação a mim. 'Realmente, uma brincadeira de mau gosto, isso com o tabuleiro', acabou por dizer quando o interpelei sobre o assunto."

Gregorius pensara nas palavras de O'Kelly: "Tendia ao pathos, não o admitia, mas sabia, e por isso se insurgia contra o *kitsch* sempre que surgia uma oportunidade, e nisso podia ser injusto, terrivelmente injusto."

Agora, no salão de Silveira, voltou a ler o parágrafo sobre o *kitsch* no livro de Prado.

O kitsch *é a mais traiçoeira de todas as prisões. As grades são revestidas com o ouro de sentimentos simplórios e falsos, para que as pessoas nelas vejam as colunas de um palácio.*

Adriana lhe dera um maço de folhas escritas, um dos montes de cima da escrivaninha de Prado, entre duas tampas de cartolina, preso com fita vermelha.

— São coisas que não estão no livro. O mundo não deve saber dessas coisas — dissera.

Gregorius desatou a fita, tirou a tampa e começou a ler:

O tabuleiro de xadrez do Jorge. O jeito como ele me entregou. Só ele consegue fazê-lo. Não conheço ninguém que seja tão incisivo. *É algo de que não quero prescindir, por nada no mundo. Como os seus lances incisivos no tabuleiro. O que será que ele quis reparar? Será que é correto dizer que ele quis reparar alguma coisa? Ele não me disse: "Você me interpretou errado naquele assunto da Estefânia." Ele disse: "Naquela época, eu pensava que podíamos falar de tudo, absolutamente tudo o que nos passava pela cabeça. Era o que costumávamos fazer, não lembra?" Depois daquelas palavras, pensei durante alguns segundos, só uns brevíssimos segundos, que poderíamos nos reencontrar. Foi uma sensação quente, maravilhosa. Mas logo se extinguiu. Seu nariz imenso, as bolsas embaixo dos olhos, os dentes amarelados. Antes, aquele rosto existia dentro de*

mim, era uma parte de mim. Agora, ficou de fora, mais estranho do que o rosto de um estranho que eu nunca tivesse interiorizado. Isso me dilacerou o peito, me arrebentou.

Por que seria kitsch *aquilo que fiz com o tabuleiro? No fundo, foi um gesto simples e genuíno. Se alguém estivesse fazendo alguma coisa só para si e fosse flagrado, sem o saber, por um milhão de pessoas que estivessem rindo ruidosamente por acharem aquilo* kitsch*, o que diríamos?*

Quando, uma hora mais tarde, Gregorius entrou no clube de xadrez, O'Kelly estava envolvido num final de jogo complicado. Pedro, aquele sujeito com o olhar epilético e que fungava, lembrando Gregorius do torneio perdido em Moutier, também estava lá. Não havia nenhuma mesa livre.

— Senta aqui — convidou Jorge, puxando uma cadeira para junto de si.

Durante todo o percurso até o clube, Gregorius se perguntara o que esperava daquele encontro e o que ele queria de O'Kelly. Se era evidente que não poderia perguntar o que tinha acontecido com Estefânia Espinhosa e se ele de fato estivera disposto a sacrificá-la. Ele não encontrara resposta para aquilo, mas tampouco voltara atrás.

Agora, com a fumaça do cigarro de Jorge na cara, ele se deu conta, de repente: quisera se certificar, uma vez mais, como era estar sentado ao lado do homem que Prado carregara dentro de si uma vida inteira, o homem, como dissera padre Bartolomeu, do qual precisara para ser inteiro. O homem para o qual gostava de perder e a quem dera de presente uma farmácia inteira. O homem que fora o primeiro a soltar uma gargalhada quando os latidos de um cachorro interromperam o silêncio constrangedor depois de sua fala escandalosa.

— Vamos jogar? — convidou O'Kelly, depois de ganhar o jogo final e se despedir do seu adversário.

Gregorius jamais jogara assim contra alguém, jamais jogara uma partida em que o importante não era o jogo em si, e sim a presença do outro. A mera presença do outro. A pergunta sobre como deveria ter sido alguém cuja vida fora preenchida por esse homem, cujos dedos amarelados de nicotina com as unhas pretas colocavam as peças de xadrez em posição com uma precisão impiedosa.

— Aquilo que eu lhe contei outro dia sobre mim e o Amadeu, quero te dizer, esqueça!

O'Kelly olhou para Gregorius com um olhar no qual se misturavam a timidez e a disposição raivosa de negar tudo.

— O vinho. Foi tudo muito diferente.

Gregorius assentiu com a cabeça e desejou que o seu respeito por aquela amizade profunda e complicada pudesse ser lido no seu rosto. O próprio Prado, disse, perguntara-se se a alma era um lugar para os fatos, ou se, pelo contrário, os pretensos fatos seriam apenas as sombras enganadoras das histórias que contávamos sobre os outros e sobre nós próprios.

Sim, disse O'Kelly, aquilo fora algo que ocupara Amadeu a vida inteira. Segundo ele, o que se passa dentro das pessoas é muito mais complicado do que as nossas explicações esquemáticas e triviais nos querem fazer crer. *No fundo, é tudo muito mais complicado. Em cada instante é mais complicado. "Casaram-se porque se amavam e queriam compartilhar a vida"; "ela roubou porque precisava de dinheiro"; "ele mentiu porque não quis magoar". Como são ridículas essas histórias! Somos seres estratificados, cheios de baixios, com uma alma feita de mercúrio inconstante, um temperamento cuja cor e forma mudam como num caleidoscópio que é constantemente balançado.*

Aquilo soava, objetara ele, Jorge, como se realmente existissem fatos da alma, muito complicados.

"Não, não", protestara Amadeu, "poderíamos sofisticar nossas explicações ao infinito e continuaríamos equivocados. E a abordagem falsa consistiria precisamente na suposição de que há verdades a serem descobertas. A alma, Jorge, não passa de uma invenção pura, é a nossa invenção mais genial, e a sua genialidade consiste na sugestão de que na alma existe algo a descobrir, como num pedaço do mundo real. Mas a verdade, Jorge, é completamente diferente: nós inventamos a alma para ter um assunto de conversa, algo sobre o que podemos conversar quando nos encontramos. Imagina só, se não pudéssemos falar da alma, o que faríamos? Seria um inferno."

— Ele era capaz de se entusiasmar de tal maneira que caía num verdadeiro êxtase. Era como se ardesse, e quando via como eu apreciava o seu arrebatamento, ele dizia: "Sabe de uma coisa, pensar é a segunda coisa mais bonita. A mais bonita é a poesia. Se houvesse o pensamento poético e a poesia pensante, seria o paraíso." Quando, mais tarde, começou com esses apontamentos, acho que foi para tentar abrir um caminho em direção a esse paraíso.

Havia um brilho úmido nos olhos de O'Kelly. Ele não viu que sua rainha estava em perigo. Gregorius decidiu-se por um lance inofensivo. Eram os últimos na sala.

— Depois houve uma vez em que o jogo do pensamento se transformou em algo de verdadeiramente sério e grave. Mas isso não é da sua conta. Não é da conta de *ninguém*.

Jorge mordeu o lábio.

— Nem do João, lá em Cacilhas.

Ele tragou e tossiu.

— "Você está se enganando", me disse ele, "você queria fazê-lo por outro motivo, bem diferente daquele que está encenando para você mesmo." Essas foram as suas palavras, suas malditas palavras que me magoaram: daquele que está encenando para você mesmo. Pode imaginar como é quando alguém lhe diz que o senhor só está *encenando seus motivos*? Pode imaginar como é quando um *amigo*, O amigo, o diz?

"— Como é que você pode saber? — gritei com ele. — Eu achava que não existe certo ou errado neste caso, ou você já não assume isso?"

Manchas vermelhas apareceram no rosto por barbear de O'Kelly.

— Sabe, eu acreditava que pudéssemos falar sobre tudo o que nos passava pela cabeça. *Tudo mesmo*. Romântico, muito romântico, eu sei. Mas foi assim entre nós, foi assim durante mais de quarenta anos. Desde o dia em que apareceu na sala de aula naquele terninho e sem pasta.

"Era *ele* quem não tinha medo de pensar as coisas. Foi ele quem quisera falar na cara dos padres sobre a palavra moribunda de Deus. E quando eu quis experimentar um pensamento ousado e — admito — terrível, percebi que superestimara a ele e a nossa amizade. Ele olhou para mim como se eu fosse um monstro. Até então, ele sempre soubera distinguir entre uma ideia meramente experimental e outra que de fato nos impele para a ação. E de repente já não sabia mais nada daquilo. O seu rosto ficou exangue. Naquele preciso momento eu pensei que o pior, o mais terrível, tinha acontecido: que o nosso afeto de uma vida inteira havia se transformado em ódio. Esse foi o momento, o terrível momento em que nos perdemos."

Gregorius queria que O'Kelly ganhasse a partida. Queria que ele lhe desse xeque-mate com os seus lances incisivos. Mas Jorge mostrou-se incapaz de recuperar o seu jogo e tudo o que ele conseguiu foi arranjar um empate.

— A abertura ilimitada do espírito é simplesmente impossível — disse Jorge, quando ele se despediram com um aperto de mãos, já na rua. — Ultrapassa as nossas capacidades. Solidão por obrigação de se calar, isso também existe.

Ele exalou fumaça.

— Tudo aconteceu há muito tempo, há mais de trinta anos. Mas é como se tivesse sido ontem. Estou contente por ter ficado com a farmácia. Ali eu posso continuar morando na nossa amizade. E às vezes consigo pensar que nunca nos perdemos. Que ele simplesmente morreu, só isso.

38

Gregorius já estava rondando a casa de Maria João há mais de uma hora, tentando descobrir por que o seu coração disparara. "O grande amor intocado de sua vida", dissera Mélodie. "Não me surpreenderia se nunca a tivesse beijado. Mas ninguém, nenhuma mulher, chegou a sua altura. Se houve alguém que conheceu todos os seus segredos, então foi Maria João. De certa forma, só ela, ela e mais ninguém, sabia quem ele era." E Jorge dissera que ela era a única mulher que Amadeu considerara realmente capaz de fazer coisas. "Maria, meu Deus, sim, Maria", dissera ele.

No instante em que ela lhe abriu a porta, Gregorius entendeu tudo. Ela segurava uma xícara de café fumegante numa mão, aquecendo a outra nela. O olhar claro dos seus olhos castanhos era inquiridor, sem conter ameaças. Não era nenhuma mulher radiosa. Não era uma mulher que fazia os homens virarem. Provavelmente nem quando ainda era jovem. Mas Gregorius nunca encontrara antes uma mulher que irradiasse segurança e independência de maneira tão discreta e, ao mesmo tempo, tão perfeita. Devia ter mais de 80 anos, e Gregorius não se espantaria se ela ainda estivesse exercendo sua profissão com mãos seguras.

— Depende, o que o senhor quer? — disse ela, quando Gregorius perguntou se podia entrar. Ele não queria, mais uma vez, mostrar o retrato de Prado como se fosse um documento de identificação. O olhar tranquilo e franco o encorajou a falar sem meias palavras.

— Ocupo-me com a vida e os escritos de Amadeu de Prado — explicou, em francês. — Sei que a senhora o conheceu, e que o conhecia mais do que qualquer outra pessoa.

O seu olhar levara a crer que nada a conseguiria abalar. Mas alguma coisa aconteceu. Não na superfície. Continuava encostada à porta em seu vestido de lã azul-escuro, tão segura de si e tranquila como alguns segundos antes. Só a mão livre parecia acariciar um pouco mais lentamente a porcelana aquecida. O pestanejar se tornara mais rápido, enquanto na testa se formaram rugas de concentração como aquelas que aparecem quando nos vemos subitamente confrontados com alguma

coisa inesperada que pode ter consequências. Ela não disse nada. Cerrou os olhos por alguns instantes. Logo a seguir voltou a se controlar.

— Não sei se é algo que eu queira revisitar — disse ela. — Mas não faz sentido deixá-lo na chuva.

As palavras em francês fluíram naturalmente e o seu sotaque tinha a elegância sonolenta de uma portuguesa que fala francês sem qualquer dificuldade, sem abandonar a própria língua nem mesmo por um momento.

Depois de lhe servir uma xícara de café — não com os movimentos delicados de uma anfitriã atenta, mas com os gestos sóbrios e isentos de alguém que apenas se desincumbe do necessário — ela perguntou quem ele era.

Gregorius lhe contou sobre a livraria espanhola de Berna e sobre as frases que o livreiro lhe traduzira. *De mil experiências que fazemos, transcrevemos, quando muito, uma única*, citou de memória. *Entre todas as experiências silenciosas, também existem aquelas ocultas que, imperceptivelmente, conferem à nossa vida a sua forma, a sua coloração e a sua melodia.*

Maria João cerrou os olhos. Os lábios feridos, onde se notavam ainda restos de bolhas de febre, começaram a tremer imperceptivelmente. Ela afundou um pouco mais na poltrona. Suas mãos rodearam o joelho e soltaram-no novamente. As pálpebras com as pequenas veias escuras tremiam. Lentamente, sua respiração se acalmou e ela abriu os olhos.

— Então o senhor ouviu isso e fugiu do liceu — disse ela.

— Eu fugi do liceu e depois ouvi isso — corrigiu Gregorius.

Ela sorriu. *Ela olhou para mim e me ofereceu um sorriso que parecia vir da vastidão de uma estepe ampla de uma vida vivida lucidamente,* escrevera o juiz Prado.

— Certo. Faz sentido. Compreensível que o quisesse conhecer mais a fundo. Como chegou até mim?

Quando Gregorius acabou de lhe contar sua história, ela olhou para ele.

— Eu não sabia nada do livro. Quero vê-lo.

Abriu-o, olhou para o retrato e foi como se uma força de gravidade dobrada a empurrasse para dentro da poltrona. Os globos oculares se moviam freneticamente por detrás das pálpebras raiadas de minúsculas veias, quase transparentes. Ela respirou fundo, abriu os olhos e fitou a imagem. Lentamente, passou a mão enrugada pelo papel, uma vez, depois outra. Em seguida, apoiou as mãos nos joelhos, ergueu-se e saiu da sala, sem dizer uma única palavra.

Gregorius pegou o livro e observou o retrato. Pensou naquele momento em que o vira pela primeira vez, sentado no café na Bubenbergplatz. Pensou na voz de

Prado no velho gravador de Adriana.

— Então, acabei voltando para o passado — disse Maria João, quando voltou a sentar na poltrona. "Quando se trata da alma, há muito pouco que conseguimos controlar", ele costumava dizer.

Seu rosto estava mais controlado e ela penteara o cabelo que havia caído no rosto. Pediu para ver o livro novamente e observou o retrato.

— Amadeu.

Em sua boca, o nome soava bem diferente do que com os outros. Como se fosse outro nome, completamente diferente, que jamais pudesse pertencer ao mesmo homem.

— Ele sempre era tão pálido e silencioso, tão terrivelmente pálido e silencioso. Talvez o fosse por se identificar tanto com a linguagem. Eu nunca pude nem quis admitir que nunca mais iria ouvir palavras ditas por ele. Nunca mais. O sangue da veia arrebentada arrastou todas as palavras. *Todas*. Um rompimento de dique sangrento cheio de fúria aniquiladora. Como enfermeira, vi muitos mortos. Mas nunca, antes, a morte me pareceu tão cruel. Algo que *simplesmente não deveria ter acontecido*. Algo absolutamente insuportável. *Insuportável*.

Apesar do barulho do trânsito lá fora, a sala estava mergulhada em silêncio.

— Vejo-o à minha frente, no dia em que veio, com o laudo do hospital na mão, um daqueles envelopes pardos. Tinha ido se consultar por causa das dores de cabeça lancinantes e tonturas. Tinha medo de que pudesse ser um tumor. Angiografia, contraste. Nada. Só um aneurisma. "Com isso, pode chegar aos 100 anos", dissera o neurologista. Mas Amadeu estava lívido. "Pode arrebentar a qualquer momento, a qualquer momento, como vou viver com uma bomba-relógio na cabeça?", perguntou.

Gregorius contou que ele chegou a tirar o mapa do cérebro da parede.

— Eu sei, foi a primeira coisa que ele fez. E só quem sabe da admiração irrestrita que ele tinha pelo cérebro humano e pelas suas insondáveis capacidades pode avaliar o que aquilo significou para ele. "Uma prova da existência de Deus", costumava dizer, "é, de fato, uma prova da existência de Deus." Começou, então, para ele, uma vida em que tentava afastar todo e qualquer pensamento relacionado ao cérebro. Qualquer quadro clínico que, de algum modo, ainda que remotamente, estivesse relacionado ao cérebro, ele encaminhava imediatamente para algum colega especialista.

Gregorius se lembrou do grande livro sobre o cérebro no quarto de Prado, em cima, no monte de livros. "O cérebro, sempre o cérebro", ouviu Adriana dizer. "Por que você nunca disse nada?"

— Ninguém, a não ser eu, sabia da situação. Nem Adriana. Nem mesmo Jorge.

O orgulho era quase imperceptível, mas estava lá.

— Mais tarde, só muito raramente falamos do assunto, e nunca durante muito tempo. Não havia muito o que dizer. Mas a ameaça de uma inundação sangrenta na sua cabeça pairou como uma sombra sobre os últimos sete anos de sua vida. Houve momentos em que ele desejou que aquilo finalmente acontecesse, só para ser redimido do medo.

Ela olhou para Gregorius.

— Venha.

Conduziu-o até a cozinha. Tirou uma caixa grande e achatada de madeira laçada, com a tampa decorada, da prateleira superior de um dos armários. Sentaram-se à mesa da cozinha.

— Algumas das suas anotações nasceram na minha cozinha. Era outra cozinha, mas foi nessa mesa. "As coisas que escrevo aqui são as mais perigosas", dizia. Não queria falar sobre elas. "Escrever é um ato sem palavras", dizia também. Chegou a passar noites inteiras aqui, seguindo depois para o consultório sem ter pregado um olho. Sempre abusou da saúde. Adriana detestava isso. Detestava tudo o que tinha a ver comigo. "Obrigado", dizia ele, quando ia embora. "Estar aqui é como estar num porto sossegado e protegido." Sempre guardei as folhas na cozinha. É aqui que devem ficar.

Ela abriu a tampa cinzelada da caixa e tirou as três primeiras folhas. Depois de ler algumas linhas em silêncio, entregou os papéis a Gregorius.

Ele começou a ler. Toda vez que não compreendia alguma coisa, olhava para ela e ela traduzia.

MEMENTO MORI. *Os muros escuros de um convento, o olhar posto no chão, um cemitério nevado. Precisa ser assim?*

Tornar-se consciente daquilo que, no fundo, se quer. A consciência do tempo limitado, que se esgota, como nova fonte de vitalidade para enfrentar os próprios hábitos e as expectativas, mas principalmente as expectativas e as ameaças dos outros. Como algo, portanto, que abre o futuro, não algo que o fecha. Visto assim, o memento *representa um perigo para os poderosos, os opressores, aqueles que tentam fazer com que os oprimidos não encontrem vez com os seus desejos, nem mesmo perante si próprios.*

Por que devo pensar que o fim é o fim? Quando acabar, acabou. Por que não me dizem isso? Não muda nada.

Qual é a resposta?

Não desperdice *o tempo, transforme-o em algo* valioso.

Mas o que significa: valioso? Começar, finalmente, a concretizar desejos longamente cultivados? Infringir o equívoco de achar que, mais tarde, sempre haverá tempo ainda? O memento *como instrumento na luta contra o comodismo. Como autoenganação e medo, ligado às transformações que se fazem necessárias. Fazer aquela viagem longamente sonhada, aprender aquela língua, ler aqueles livros, comprar uma joia, passar uma noite naquele famoso hotel.* Assumir-se.

Desse rol, fazem parte ainda coisas maiores: abdicar da profissão da qual não se gosta, libertar-se de um ambiente odiado. Fazer aquilo que contribui para que nos tornemos mais genuínos, para nos aproximarmos ainda mais de nós mesmos.

Passar o dia na praia ou ficar sentado no botequim também pode ser uma resposta ao memento*, a resposta de alguém que, até agora, limitou-se a trabalhar.*

Lembra-te que terás de morrer um dia, talvez já amanhã.

É nisso que tenho pensado o tempo todo, por isso estou faltando ao trabalho e estou tomando sol.

Essa advertência aparentemente mórbida não nos encerra forçosamente no jardim nevado do convento. Abre-nos o caminho para fora e nos desperta para o presente.

Conscientes da morte, saber consertar as relações com os outros. Terminar uma inimizade, desculpar-se por injustiças cometidas, expressar o reconhecimento por aquilo que por orgulho não estávamos dispostos a reconhecer. Não dar mais tanta importância a coisas que achávamos importantes: as picuinhas dos outros, o fato de se acharem tão importantes, o julgamento voluntarioso que fazem da nossa pessoa. O memento *como desafio para que sintamos as coisas* de outra maneira.

O perigo é que as relações deixam de ser genuínas e vivas porque lhes falta a seriedade momentânea que pressupõe uma certa falta de distância. E também: para muitas das nossas experiências é decisivo que não estejam relacionadas com a consciência da finitude, mas antes com a sensação de que o futuro ainda será longo. A consciência da morte iminente significaria sufocar essas experiências no nascedouro.

Gregorius falou então do irlandês que tivera coragem de aparecer para a palestra do All Souls College de Oxford com uma bola de futebol vermelha.

— Amadeu escreveu: "o que eu não daria para ser o irlandês!"

— Sim, ele era assim — disse Maria João. — Era exatamente assim. E condiz com o início, com o nosso encontro, no qual, como diria hoje, tudo já estava programado. Foi no meu primeiro ano no liceu de meninas. Todas nós tínhamos um enorme respeito pelos meninos do outro lado. Latim e grego! Um belo dia, era uma manhã quente de maio, eu simplesmente fui para lá, estava farta daquele respeito besta. Estavam jogando, rindo, brincando. Só ele não. Estava sentado na escadaria, os braços em volta dos joelhos, olhando para mim. Como se estivesse esperando por mim há vários anos. Se ele não tivesse olhado daquele jeito, eu não teria me sentado simplesmente a seu lado. Mas me pareceu a coisa mais natural do mundo.

"— Você não está jogando? — perguntei.

Ele apenas fez que não com a cabeça, quase zangado.

"— Estava lendo este livro — disse, naquele tom suave e irresistível de um ditador que ainda não sabe nada do seu ditado e que, de certa forma, nunca o iria saber. — Um livro sobre santas: santa Teresa de Lisieux, santa Teresa d'Ávila e por aí afora. Depois disso, tudo o que faço me parece tão banal. Simplesmente nada mais é *importante*, compreende?

"Eu ri.

"— Eu me chamo Ávila. Maria João Ávila.

"Ele riu também, mas foi um riso forçado, ele não se sentiu levado a sério.

— Nem *tudo* pode ser importante, e nem *sempre* — disse eu. — Seria terrível se fosse assim.

"Ele olhou para mim e o seu sorriso deixou de ser forçado. O sino do liceu tocou, nós nos separamos.

"— Você volta amanhã? — quis saber. Não se tinham passado nem cinco minutos e já havia entre nós uma intimidade como se nos conhecêssemos há anos.

"É claro que, no dia seguinte, voltei para lá, e ele já sabia tudo sobre o meu sobrenome e me fez um discurso sobre Vasco Ximeno e o conde Raimundo de Borgonha, que tinham sido enviados para aquele lugar por D. Afonso VI, rei de Castela, e sobre Antão e João Gonçalves de Ávila, que trouxeram o nome de Ávila para Portugal no século XV etc.

"— Poderíamos ir juntos até Ávila — disse ele.

"No dia seguinte olhei da minha sala de aula para o liceu e vi dois pontos brilhantes na janela. Era a luz do sol refletida nas lentes do seu binóculo de ópera. Tudo estava indo muito rápido, tudo sempre ia rápido com ele.

"No intervalo ele me mostrou o binóculo.

"— É da minha mãe — disse —, ela adora ir à ópera, já o meu pai...

"Ele queria fazer de mim uma boa aluna. Para que eu pudesse me tornar médica. Eu lhe disse que não queria isso, que queria ser enfermeira.

"— Mas você... — começou ele.

"— Enfermeira — disse eu. — Uma simples enfermeira.

"Ele precisou de um ano inteiro para aceitar este fato. Para aceitar que eu insistia no meu objetivo sem permitir que ele me impingisse o seu. Isso marcou a nossa amizade. Pois foi isso: uma amizade para a vida inteira.

"— Os seus joelhos são tão morenos e o seu vestido cheira tão bem a sabão — disse ele duas ou três semanas depois do primeiro encontro.

"Eu lhe dera uma laranja. As outras da minha classe ficaram cheias de inveja: o aristocrata e a camponesa. 'Por que logo a Maria?', perguntou uma delas sem saber que eu estava ao lado. Imaginavam coisas. O padre Bartolomeu, o professor mais importante para Amadeu, não gostava de mim. Quando me via, dava meia-volta e ia em outra direção.

"No meu aniversário ganhei um vestido novo. Pedi a minha mãe que subisse um pouco a bainha. Amadeu não disse nada.

"De vez em quando, ele aparecia na nossa escola e nós íamos passear no intervalo. Falava da família, das dores de coluna do pai, das secretas expectativas da mãe. Contava para mim tudo o que mexia com ele. Tornei-me a sua confidente. Sim, foi isso que aconteceu: tornei-me uma confidente para a vida inteira.

"Ele não me convidou para o seu casamento.

"— Seria muito chato para você — disse.

"Quando eles saíram da igreja, eu estava atrás de uma árvore. O casamento elegante de um aristocrata. Grandes carros brilhantes, uma longa cauda branca. Homens de fraque e chapéu alto.

"Foi a primeira vez que vi Fátima. Um rosto bonito, bem proporcionado, branco como alabastro. Cabelos negros compridos, um corpo de garoto. Não que fosse uma bonequinha, mas de certa forma... um pouco atrasada. Não tenho como provar, mas acho que ele a tutelou. Sem perceber. Era um homem muito dominador. Não era briguento, mas era dominador, brilhante, superior. No fundo, não havia lugar para uma mulher na sua vida. Quando ela morreu, foi um terremoto, ele ficou devastado."

Maria João calou-se e voltou a olhar pela janela. Quando prosseguiu, fê-lo de maneira hesitante, como se tivesse a consciência pesada.

— Como disse, ele ficou devastado. Não há dúvida quanto a isso. E no entanto... como vou dizer, não foi um abalo que tivesse atingido as camadas mais profundas. Nos primeiros dias ele veio várias vezes me visitar. Não para ser

consolado. Ele sabia que... que *isso* ele não podia esperar de mim. Sim, ele sabia isso. Aliás, *tinha* que saber. Queria simplesmente que eu ficasse ali, junto dele. Foi assim que aconteceu várias vezes: eu tinha que *ficar ali*, simplesmente.

Maria João se levantou, foi até a janela e ficou ali, olhando para fora, as mãos cruzadas atrás das costas. Quando voltou a falar, falou com a voz baixa de quem conta um segredo.

— Na quarta ou quinta vez ele finalmente encontrou coragem para falar. O sofrimento deve ter sido grande demais, ele precisava falar. Ele não podia gerar filhos. Tinha decidido se operar para não se tornar pai. Foi muito tempo antes de encontrar Fátima.

"— Não quero que haja criancinhas indefesas que precisem suportar o peso da minha alma — disse ele. — Sei muito bem como foi comigo e continua sendo.

Os contornos dos seus desejos e medos inscrevem-se como ferro incandescente nas almas dos pequenos, cheios de desconhecimento e impotência em relação àquilo que acontece com eles. Precisamos de uma vida inteira para achar este texto marcado a fogo sem jamais ter certeza se o compreendemos.

Gregorius contou a Maria João o que estava na carta ao pai.

— Sim — disse ela —, sim. Os seus remorsos não tinham nada a ver com a intervenção cirúrgica, disso ele nunca se arrependeu. Foi por nunca ter dito nada a Fátima. Ela sofria por não ter filhos e ele quase sufocou com os sentimentos de culpa. Ele era um homem corajoso, um homem de uma coragem fora do comum. Mas nesse caso foi covarde e jamais superou essa covardia.

"Quando se trata de mamãe, ele é covarde", dissera Adriana. "A única covardia que há nele. Ele, que nunca evitou o confronto, por mais desagradável que fosse."

— Eu compreendi — disse Maria João. — Sim, acho que posso afirmar que eu o compreendi. Pois eu sabia até que ponto a mãe e o pai estavam dentro dele, o que tinham feito com ele. Mas mesmo assim fiquei chocada. Também por Fátima. Fiquei ainda mais chocada com o radicalismo, a crueldade de sua decisão. Tomar uma decisão daquelas aos 20 e poucos anos. Uma decisão irrevogável. Precisei de um ano para aceitar aquilo. E só o consegui quando disse para mim mesma que ele não seria ele se não fosse capaz de fazer uma coisa daquelas.

Maria João pegou o livro de Prado, pôs os óculos e começou a folhear. Mas seus pensamentos ainda estavam no passado e ela acabou tirando os óculos novamente.

— Nunca falamos muito sobre Fátima, sobre o que ela significava para ele. Encontrei-a certa vez num café, ela entrou e se sentiu na obrigação de se sentar ao meu lado. Ainda antes de o garçom aparecer, ambas soubemos que tinha sido um

erro. Por sorte foi apenas o tempo de tomar um café expresso.

"Não sei se eu entendi aquilo tudo ou não. Nem sequer tenho certeza de que *ele* entendeu. E é aí onde está a *minha* covardia. Eu não li o que ele escreveu sobre Fátima. 'Isso aqui você só pode ler depois da minha morte', disse ele, quando me deu o envelope selado. 'Mas não quero que caia nas mãos de Adriana.' Peguei naquele envelope mais de uma vez. Um belo dia decidi: não quero saber. E assim ele ainda continua ali na caixa."

Maria João colocou o texto sobre a morte de volta na caixa e empurrou-a para o lado.

— Uma coisa eu sei: quando aconteceu aquilo com a Estefânia, não fiquei nem um pouco surpresa. Pois existe isso: não sabermos o que nos falta até nos aparecer pela frente. Então, subitamente temos certeza de que era isso.

"Ele mudou. Pela primeira vez em quarenta anos parecia ter vergonha de mim e querer esconder alguma coisa. A única coisa que eu soube foi que havia alguém, alguém da resistência que também tinha a ver com Jorge. E que Amadeu não queria, não podia admitir. Mas eu o conhecia. Ele pensava nela sem parar. Seu silêncio era eloquente: ele não queria que eu a visse. Como se eu, olhando para ela, pudesse descobrir algo sobre ele que eu não devia saber. Que ninguém devia saber. Nem ele próprio, por assim dizer. Então, fui até lá e fiquei esperando diante da casa onde os da resistência se encontravam. Saiu de lá uma única mulher e eu soube imediatamente que era ela."

O olhar de Maria João passeou pelo cômodo e deteve-se num ponto distante.

— Não gostaria de descrevê-la. Só vou lhe dizer o seguinte: eu consegui imaginar imediatamente o que tinha acontecido com ele. Que o seu mundo de repente mudara completamente. Que a ordem reinante até então desmoronara. Que de uma hora para a outra eram outras coisas que contaram. Ela era esse tipo de mulher. E, no entanto, tinha apenas 20 e poucos anos. Ela não era apenas a bola, a bola vermelha irlandesa do College. Era muito mais do que todas as bolas vermelhas irlandesas juntas. Ele deve ter sentido que ela era para ele a chance de ser *inteiro*. Como homem, quero dizer.

"Só assim se entende que ele pôs tudo em jogo: o respeito dos outros, a amizade com Jorge, que era sagrada para ele, até mesmo a própria vida. E que ele voltou da Espanha... como se tivesse sido aniquilado. Aniquilado, sim, esta é a palavra correta. Tornara-se mais lento, tinha dificuldades em se concentrar. Já não havia mais aquela agitação nas veias, aquela ousadia. O seu fogo interior havia se extinguido. Ele falava que precisava reaprender a viver desde o princípio.

"— Estive lá no liceu — disse ele um belo dia. — Naquela época havia tudo

pela frente ainda. Tantas coisas eram possíveis. Tudo estava em aberto."

Maria João pigarreou e, quando recomeçou a falar, estava rouca.

— Ele disse mais uma coisa: "Por que nunca fomos juntos a Ávila?"

"Achei que ele havia esquecido. Mas não esquecera. Choramos. Foi a única vez que choramos juntos."

Maria João saiu. Quando voltou, tinha um cachecol em volta do pescoço e um sobretudo grosso pendurado no braço.

— Quero ir ao liceu com o senhor — disse ela. — Ou até o que resta dele.

Gregorius a imaginou olhando para as imagens de Isfahan e fazendo perguntas. Ficou espantado por não sentir nenhuma vergonha. Não de Maria João.

39

Ela, a octogenária, dirigia com a calma e a precisão de um motorista de táxi. Gregorius observou suas mãos no volante e no câmbio. Não eram mãos elegantes e notava-se que ela não gastava muito tempo cuidando especialmente delas. Mãos que tinham tratado de doentes, esvaziado penicos, aplicado curativos. Mãos que sabiam o que faziam. Por que Prado não a tornara sua assistente?

Estacionaram e atravessaram o parque a pé. Maria João quis ir primeiro até o prédio da escola das meninas.

— Faz trinta anos que não venho mais aqui. Desde a sua morte. Naquela época eu vinha aqui quase todos os dias. Pensei que o espaço comum, o lugar do primeiro encontro, pudesse me ensinar a me despedir dele. Não sabia como fazer para me despedir dele. Como se despedir de alguém que marcou a nossa vida mais do que qualquer outra pessoa?

"Ele me deu algo que eu desconhecia antes e que nunca mais voltei a encontrar: uma incrível intuição. Ocupava-se muito consigo próprio e podia ser egocêntrico até o limite da crueldade. Ao mesmo tempo, quando se tratava dos outros, tinha uma imaginação tão instantânea e precisa que deixava o outro tonto. Chegava a me dizer como eu me sentia antes mesmo de eu começar a procurar as palavras. Querer compreender os outros foi para ele uma obsessão, uma verdadeira paixão. Mas ele não teria sido quem foi se não tivesse também duvidado da possibilidade de uma tal compreensão, de maneira tão radical que também podia nos deixar tontos pelo motivo oposto.

"Ele criava uma proximidade inacreditável, de tirar o fôlego, quando era desse jeito comigo. Não que em casa tivéssemos sido muito brutos uns com os outros, mas éramos objetivos. E, de repente, aparece alguém capaz de olhar para dentro de mim. Foi como uma revelação. Uma revelação que fez nascer uma esperança."

Eles estavam agora na antiga sala de aula de Maria João. Não havia mais bancos, apenas o quadro-negro. Janelas com os vidros estilhaçados, nas quais faltava um pedaço aqui e acolá. Maria João abriu uma janela e o seu ranger fez soarem as

décadas. Ela apontou para o liceu.

— Ali. Foi ali, naquela janela do terceiro andar, que vi os pontos luminosos do binóculo de ópera.

Ela engoliu em seco.

— Que um rapaz, um rapaz de família nobre, me procurasse com binóculo, isso não era qualquer coisa. E, como já disse, fez nascer uma esperança. Uma esperança que, naquela época, ainda tinha uma forma infantil e, claro, não se sabia do que tratava. Mesmo assim, de uma forma muito vaga, era a esperança de uma vida partilhada.

Eles desceram as escadas, em cujos degraus havia uma camada de poeira úmida e musgo apodrecido. Maria João se manteve calada até terem atravessado o parque.

— De certa forma, acabou por ser aquilo mesmo. Uma vida compartilhada, quero dizer. Compartilhada numa distância próxima, numa proximidade distante.

Ela olhou para cima, para a fachada do liceu.

— Ele ficava ali, naquela janela, e como já sabia tudo e ficava entediado, me escrevia pequenas mensagens em bilhetes que me entregava no intervalo. Não eram... não eram bilhetinhos amorosos. Não havia escrito nada daquilo que eu esperava ler, a cada vez esperava de novo. Eram seus pensamentos acerca de alguma coisa. Acerca de Santa Teresa d'Ávila e de muitos outros assuntos. Ele me transformou numa habitante do mundo de seus pensamentos. "Fora eu, só você vive lá", costumava dizer.

"No entanto, entre nós havia algo que eu só vim a compreender muito lentamente e muito mais tarde. Ele não queria que eu estivesse envolvida na vida dele. De certa forma, muito difícil de explicar, ele queria que eu me mantivesse fora. Esperei que ele me perguntasse se eu queria trabalhar no consultório azul. Em sonhos, cheguei a trabalhar lá, muitas vezes, e era maravilhoso, nós nos entendíamos sem palavras. Mas ele não perguntou, nem chegou a abordar vagamente a questão.

"Adorava trens — para ele, os trens simbolizavam a vida. Eu gostaria de ter viajado no seu compartimento. Mas nem ali ele me queria. Queria que eu estivesse na plataforma da estação, queria poder abrir a janela a qualquer momento para me pedir um conselho. E também queria que a plataforma fosse junto quando o trem partisse. Eu deveria estar acompanhando o trem em movimento ficando na plataforma feito um anjo, imóvel na plataforma do anjo, que deslizaria na precisa velocidade do trem."

Entraram no liceu. Maria João olhou à sua volta.

— Na verdade, aqui não era permitida a entrada de meninas. Mas ele conseguiu me pôr aqui para dentro e me mostrou tudo. O padre Bartolomeu nos pegou. Ficou

furioso. Mas como era Amadeu, ele não disse nada.

Eles se detiveram em frente à sala do Sr. Cortês. Agora Gregorius estava com medo. Entraram. Maria João soltou uma gargalhada. Era a gargalhada de uma jovem aluna com muita alegria de viver.

— Foi o senhor?

— Sim.

Estavam diante da parede com as imagens de Isfahan e ela olhou para ele com um olhar inquiridor.

— Isfahan, na Pérsia. Quando eu era aluno, quis ir para lá. Para o Oriente, o Levante.

— E agora que fugiu, está recuperando o tempo perdido. Aqui.

Ele assentiu. Não sabia que havia pessoas que compreendiam tão rapidamente as coisas. Podia-se abrir a janela do trem e perguntar diretamente ao anjo.

Maria João fez uma coisa surpreendente: aproximou-se dele e pousou o braço em cima dos seus ombros.

— O Amadeu teria entendido isso. Não teria apenas entendido. Teria adorado o senhor por isso. "A imaginação, o nosso último santuário", costumava dizer. A força da imaginação e a intimidade, essas duas coisas eram, além da língua, as únicas coisas santas que ele respeitava. "E elas têm muito a ver umas com as outras", dizia ele.

Gregorius hesitou. Mas depois abriu a gaveta da mesa e mostrou a Maria João a Bíblia hebraica.

— Aposto que essa é a sua suéter.

Ela se sentou numa poltrona e colocou uma das mantas de Silveira nas pernas.

— Leia um trecho para mim, por favor. Ele também fazia isso. Eu naturalmente não entendia nada, mas era maravilhoso.

Gregorius leu o Gênesis. Ele, o *Mundus*, estava num liceu português em ruínas lendo o livro do Gênesis para uma senhora octogenária que, um dia antes, ele ainda nem conhecia e que não entendia nem uma palavra de hebraico. Era a coisa mais louca que ele jamais fizera. Ele desfrutou daquilo como nunca desfrutou de nada. Era como se se desvencilhasse de todos os grilhões interiores para que, pelo menos uma vez, bracejasse à sua volta como alguém que soubesse que iria morrer logo.

— E agora vamos até o salão nobre — disse Maria João. — Na época, estava fechado.

Sentaram-se na primeira fila, em frente ao estrado do orador.

— Foi ali que ele leu o seu discurso. O famigerado discurso. Eu o adorava. Havia tanto dele naquele texto. Ele era o discurso. Mas havia algo naquilo que me

assustou. Não na versão que ele apresentou, ele acabou por cortar a passagem. O senhor haverá de se lembrar do final, onde ele diz que precisa das duas coisas, da sacralidade das palavras e da inimizade contra tudo o que é cruel. E a seguir vem: "Que ninguém me obrigue a escolher." Foi a última frase que ele proferiu. Só que, originalmente, havia ainda outra frase: *Seria uma corrida atrás do vento*. Isso me assustou.

"— Que imagem linda! — exclamei.

"Então ele pegou a Bíblia e leu aquela passagem do rei Salomão: "Olhei para tudo o que acontece sob o sol, e tudo era vaidade e uma corrida atrás do vento." Eu me assustei.

"— Você não pode fazer uma coisa dessas! — disse eu. — Os padres todos vão reconhecer isso e vão achar que você é um megalômano!

"O que eu não disse foi que, naquele momento, tive medo por ele, pelo seu equilíbrio psíquico.

"— Mas por quê? — perguntou ele, surpreso. — É tudo apenas poesia.

"— Mas você não pode usar poesia bíblica. Poesia bíblica, em seu nome.

"— A poesia supera tudo — disse ele. — Anula todas as regras.

"Mas ele ficou inseguro e acabou por cortar a frase. Sentiu que eu estava mesmo preocupada, ele sempre sentia tudo. Nunca mais tocamos no assunto."

Gregorius lhe falou da discussão que Prado tivera com O'Kelly acerca da palavra moribunda de Deus.

— Eu não sabia disso — disse ela e se calou por um instante. Cruzou as mãos, soltou-as e voltou a cruzá-las.

"Jorge. Jorge O'Kelly. Não sei. Não sei se ele foi uma sorte ou um infortúnio para Amadeu. Um grande infortúnio disfarçado de grande sorte, isso existe também. Amadeu ansiava pela força de Jorge, uma força rude. Ele ansiava por toda aquela rudeza que se manifestava em suas mãos ásperas, cheias de cortes, no cabelo desgrenhado e espetado e nos cigarros sem filtro que ele já então fumava sem parar. Não quero lhe fazer injustiça, mas eu não gostava que o entusiasmo de Amadeu por ele fosse assim tão isento de crítica. Eu era uma camponesa, eu sabia como eram os camponeses. Nenhuma razão para romantismo. Quando as coisas fossem decisivas, Jorge pensaria primeiro em si próprio.

"O que o fascinava em O'Kelly e quase o inebriava era que ele não tinha a menor dificuldade em se delimitar frente aos outros. Simplesmente dizia 'não' e sorria placidamente com aquele seu narigão. Amadeu, por outro lado, lutava pelos seus limites como se disso dependesse toda a sua felicidade."

Gregorius lhe contou então o que lera na carta ao pai e lhe falou da frase: *os*

outros são o seu tribunal.

— Sim, era exatamente isto. Isso o transformou numa pessoa profundamente insegura, a pessoa mais suscetível que se pode imaginar. Ele tinha aquela necessidade imensa de confiança e de ser aceito. Achava que tinha que esconder essa insegurança, e muito do que parecia ser coragem e ousadia era simplesmente uma fuga para a frente. Ele era infinitamente exigente em relação a si próprio, demais, e com isso se tornou intolerante e tirânico.

"Todos os que o conheceram de perto falavam da sensação de jamais serem suficientes para ele e as suas expectativas, de sempre ficar aquém do esperado. E o fato de ele se ter a si próprio em tão baixa estima só piorava as coisas. Assim não se podia nem mesmo se defender com a acusação da presunção.

"E como era intransigente em relação ao *kitsch*, por exemplo. Principalmente em palavras e gestos. E o medo que ele tinha do próprio *kitsch*! 'É preciso se aceitar no seu próprio *kitsch* para se libertar', dizia eu. Durante alguns instantes, ele respirava mais tranquilo, mais livre. Ele tinha uma memória fenomenal. Mas esquecia-se rapidamente desse tipo de coisas e logo aquela respiração tensa o dominava novamente de forma impiedosa.

"Ele lutava contra o tribunal. Meu Deus, como ele lutou! E perdeu. Sim, acho que se deve dizer: ele perdeu.

"Nos tempos mais calmos, quando ele se limitava ao trabalho no consultório e as pessoas se mostravam gratas, algumas vezes parecia que ele havia conseguido. Mas depois aconteceu o episódio com Mendes. O escarro no rosto o perseguiu, ele sonhou com aquilo até o fim. Uma verdadeira execução.

"Fui contra quando ele resolveu ir para a resistência. Não era homem para aquilo, não tinha os nervos, embora tivesse a inteligência. E eu não percebia por que ele tinha que expiar alguma coisa. Mas não havia nada a fazer. "Quando se trata da alma, há pouco que podemos controlar", disse ele, e eu já lhe falei sobre isto.

"E Jorge também estava na resistência. Jorge, que, dessa maneira, acabou perdendo. Quantas vezes ficou pensando sobre isso na minha cozinha, arrasado, sem falar nem uma palavra."

Eles subiram as escadas e Gregorius lhe mostrou a carteira onde imaginara ter sido o lugar de Prado. Era o andar errado, mas a localização estava quase correta. Maria João foi até a janela olhar para o seu lugar na escola das moças.

— O tribunal dos outros. Foi o que ele também sentiu quando fez o corte no pescoço de Adriana. Os outros ficaram sentados à mesa, olhando para ele, como se fosse um monstro. Afinal, ele fez a única coisa certa. Nos meus tempos de Paris eu fiz um curso de ajuda médica de primeiros socorros, e eles nos mostraram:

traqueotomia através da membrana cricotireóidea. É preciso cortar o *ligamen conicum* e manter a traqueia livre com uma cânula. Caso contrário, o paciente morre devido à asfixia por bolo alimentar. Não sei se eu seria capaz de fazer uma coisa daquelas e se teria me lembrado de recorrer a uma esferográfica como substituto para a cânula. "Se quiser, pode começar a trabalhar conosco...", disseram-lhe os médicos que depois operaram Adriana.

"Para a vida de Adriana, aquilo teve consequências desastrosas. Quando se salva a vida de alguém, é preciso poder ter uma despedida rápida e leve. Um salvamento de vida representa para o outro — e através do outro também para nós próprios — uma carga que ninguém pode carregar. Por isso, é preciso lidar com aquilo como se fosse um acaso feliz da natureza, como uma cura espontânea, por exemplo. Algo de impessoal.

"Amadeu sofreu muito com a gratidão de Adriana, que tinha algo de religioso, de fanático. Às vezes, chegava a ter nojo, ela podia ser servil como uma escrava. Mas depois houve aquele amor infeliz, o aborto, o perigo do isolamento e da solidão. Por vezes, tentei me convencer de que ele não me quis levar para o consultório por causa de Adriana. Mas não é a verdade.

"Com Mélodie, sua irmã Rita, foi bem diferente, mais leve, mais descontraído. Ele tinha uma foto em que ela usava um daqueles bonés da orquestra de moças. Invejava-a pela coragem de ser inconstante. Ele achava que, como filha temporã não programada, o fardo psicológico dos pais pesava bem menos sobre ela do que para os irmãos mais velhos. Mas ele também podia ficar bem furioso quando pensava como a sua vida de filho poderia ter sido bem mais fácil.

"Só estive na sua casa uma única vez. Foi no tempo da escola, e o convite foi um equívoco. Foram todos gentis comigo, mas todos sentimos que eu não pertencia àquele meio, não fazia parte de uma casa aristocrática e rica. Amadeu ficou triste com aquela tarde.

"— Espero... — disse ele. — Não posso...

"— Não tem importância — disse eu.

"Muito mais tarde, houve uma vez que me encontrei com o juiz, foi a pedido dele. Ele percebia que Amadeu criticava a sua participação num governo responsável por Tarrafal. 'Ele me despreza, o meu próprio filho me despreza', confessou, extremamente perturbado. E depois me falou das dores e de como o exercício da profissão o ajudava a continuar vivendo. Acusou Amadeu de falta de sensibilidade. Eu lhe contei o que Amadeu me dissera: 'Não quero vê-lo como um doente, a quem tudo se desculpa. Seria como se eu deixasse de ter um pai.'

"O que não lhe contei foi como Amadeu se sentiu infeliz em Coimbra. Porque

tinha dúvidas de seu futuro como médico. Porque estava inseguro, sem saber se estava seguindo um desejo paterno, negando a sua própria vontade.

"Quase o pegaram roubando na loja de departamentos mais antiga da cidade e depois sofreu um esgotamento nervoso. Fui visitá-lo.

"— Você sabe o motivo? — perguntei. Ele fez que sim com a cabeça.

"Ele nunca me explicou. Mas acho que tinha a ver com o pai, com o tribunal e com condenação. Uma espécie de revolta desamparada e codificada. No corredor do hospital, encontrei O'Kelly.

"— Se ele ao menos tivesse roubado alguma coisa verdadeiramente valiosa — disse. — Mas aquela porcaria!

"Naquele momento não consegui perceber se gostava dele ou não. Não sei até hoje.

"A acusação de falta de sensibilidade era tudo menos justificada. Quantas vezes, em minha presença, Amadeu assumiu a postura de um paciente de Bechterev, mantendo-a até ter câimbras nas costas! Para, depois, permanecer vergado, a cabeça para a frente como um pássaro, os dentes trincados.

"— Não sei como ele aguenta — dizia. — Não apenas as dores. Mas a humilhação.

"Se a sua imaginação fracassara com alguém, então foi com a mãe. A relação dele com ela sempre permaneceu um mistério para mim. Uma mulher bonita, bem tratada, porém insignificante. 'Sim', dizia ele, 'sim. É isso. Ninguém acreditaria.' Ele a culpava por tanta coisa que não fazia sentido. A incapacidade de se demarcar; a mania de trabalhar, a exigência excessiva em relação a si própria, a incapacidade de dançar e de brincar. Tudo isso estaria relacionado com ela e a sua suave ditadura. Mas era impossível conversar com ele a respeito disso. 'Não quero falar! Quero sentir essa raiva! Simplesmente ficar furioso! Furioso! Raivoso!"

O crepúsculo caíra. Maria João acendera os faróis do carro.

— Conhece Coimbra? — perguntou.

Gregorius disse que não.

— Ele adorava a Biblioteca Joanina da universidade. Não passava uma única semana sem ir lá. E a Sala Grande dos Actos, onde recebeu o seu diploma. Mesmo mais tarde, volta e meia ia para lá, só para visitar aquelas salas.

Quando Gregorius saltou do carro, ficou tonto e teve de se segurar no carro. Os olhos de Maria João se contraíram.

— Costuma sentir isso de vez em quando?

Ele hesitou. Em seguida, mentiu.

— Com essas coisas não se brinca — disse ela. — Conhece algum neurologista

por aqui?

Ele assentiu.

Ela dirigiu lentamente, como se estivesse pensando sobre como voltar. Só pisou no acelerador no cruzamento. Tudo girava à sua volta e Gregorius se apoiou na maçaneta da porta antes de conseguir abri-la. Bebeu um copo de leite que pegou na geladeira de Silveira e depois subiu a escada, degrau por degrau.

40

"*Odeio hotéis. Por que é que insisto em fazer tudo do mesmo jeito? Você pode me explicar, Julieta?*" Quando, no sábado, Gregorius escutou Silveira abrindo a porta, lembrou-se daquelas suas palavras que a empregada lhe contara. Combinando com aquilo, Silveira simplesmente deixou cair a mala e o sobretudo, sentou numa poltrona no saguão de entrada e cerrou os olhos, exausto. Quando viu Gregorius descendo as escadas, sua expressão se desanuviou.

— Raimundo. Você não está em Isfahan? — perguntou, sorrindo.

Ele estava resfriado e fungava. A negociação em Biarritz não tivera o desfecho esperado, ele perdera duas vezes contra o garçom do trem e o motorista Filipe chegara atrasado à estação. Além de tudo isso, era o dia de folga de Julieta. O cansaço estava estampado no seu rosto, um cansaço ainda maior e mais profundo do que da primeira vez, no trem. "O problema", dissera Silveira naquela oportunidade, quando o trem estava parado em Valladolid, "é que não temos uma visão de conjunto da nossa vida. Nem para a frente, nem para trás. Se alguma coisa correr bem, simplesmente tivemos sorte."

Comeram o que Julieta preparara na véspera e depois foram tomar um café no salão. Silveira notou que o olhar de Gregorius se deteve nas fotos da festa aristocrática.

— Caramba! — disse ele. — Esqueci completamente. A festa, a maldita festa de família.

Não ia, *simplesmente não ia,* disse ele, batendo com o garfo na mesa. Alguma coisa no rosto de Gregorius o surpreendeu.

— A não ser que você venha comigo — disse. — Vai ser uma festa de família aristocrática formal. Uma chatice! Mas, se quiser...

Já eram quase oito horas quando Filipe chegou para buscá-los e, surpreso, deu com eles no saguão, morrendo de rir. Uma hora antes, Gregorius dissera que não tinha trajes adequados. Experimentara roupas de Silveira que ficaram todas muito

apertadas. Agora ele se observava no grande espelho. Calças muito longas que caíam em ondas sobre os sapatos deselegantes, um casaco de *smoking* que não fechava, a camisa que o enforcava. Assustara-se quando se vira assim no espelho, mas o acesso de riso de Silveira logo o contaminou e ele começou a se divertir com a palhaçada. Não sabia explicar, mas tinha a sensação de poder se vingar de Florence com aquela mascarada.

Mas a vingança invisível só começou mesmo para valer quando entraram na mansão da tia de Silveira. Este teve um prazer visível em apresentar aos seus parentes arrogantes o seu amigo suíço Raimundo Gregório, um verdadeiro erudito que dominava inúmeras línguas. Quando Gregorius ouviu a palavra "erudito", estremeceu, como um estelionatário pouco antes de ser desmascarado. Mas, já à mesa, de repente sentiu-se levado por uma onda endiabrada e, para provar que era poliglota, começou a misturar hebraico, grego e o dialeto de Berna, inebriando-se com as combinações de palavras cada vez mais insólitas. Ele próprio desconhecia que tinha tanta criatividade e habilidade para brincar com as línguas, era como se sua própria imaginação o transportasse para o espaço vazio, numa trajetória cada vez mais alta, cada vez mais distante, até cair. Sentia-se tonto, tomado por uma agradável vertigem de palavras, vinho tinto, cigarro e música de fundo. Na verdade, ele desejava essa vertigem e fez de tudo para mantê-la, ele tinha virado a estrela da noite, os parentes de Silveira estavam aliviados por não terem de se entediar com eles mesmos. Silveira fumava um cigarro atrás do outro, divertindo-se com o espetáculo, as senhoras lançavam a Gregorius uns olhares a que ele não estava habituado; ele, por sua vez, não sabia se aqueles olhares significam alguma coisa, ou o que significavam, mas não importava, o que contava era que existiam aqueles olhares meio ambíguos que eram dirigidos a ele, o Mundus, o homem feito do pergaminho mais áspero, o homem que costumavam chamar de "o Papiro".

A um determinado momento, no meio da noite, viu-se na cozinha lavando pratos. Era a cozinha dos parentes de Silveira, mas também era a cozinha dos von Muralt, e Eva, a "Incrível", observava horrorizada a sua azáfama. Ele esperou até que as duas empregadas que serviam a mesa foram embora e se esgueirara até a cozinha, onde estava agora, tonto e cambaleante, encostado na pia e polindo os pratos. Agora não queria ter medo das vertigens, queria aproveitar a loucura da noite, que consistia em, depois dos 40 anos, poder finalmente fazer tudo aquilo que naquela festa de alunos não tinha podido fazer. Perguntara à mesa se era possível comprar um título nobiliárquico em Portugal, mas o constrangimento esperado não ocorrera, todos haviam interpretado aquela pergunta como o balbuciar atrapalhado de alguém que não domina a língua. Somente Silveira sorrira.

Os óculos estavam embaçados pelo vapor da água quente. Gregorius fez um gesto em falso e deixou cair um prato que se estilhaçou no chão de pedra.

— Espere, eu ajudo! — disse Aurora, a sobrinha de Silveira, que de repente estava na cozinha. Ambos se acocoraram e juntaram os cacos de porcelana. Gregorius continuava sem enxergar e se chocou com a moça, cujo perfume, pensou mais tarde, combinava com aquela sensação de vertigem. — Não faz mal — disse ela, quando ele se desculpou e, perplexo, percebeu que ela lhe deu um beijo na testa. Mas afinal, o que estava ele fazendo em Lisboa, perguntou ela, quando estavam de pé, apontando para o avental que ele tinha posto e rindo. Ele, o convidado, um erudito poliglota? *Incrível*.

Dançaram. Aurora tirara o seu avental, ligara o rádio da cozinha, agarrara-o pela mão e pelo ombro e rodopiava com ele pela cozinha ao som de uma valsa. Nos seus tempos de aluno, Gregorius fugira do curso de dança depois de uma aula e meia. Agora, girava como um urso, tropeçou na bainha longa da calça e foi acometido por uma nova vertigem. "Mais uma dessas e eu caio estatelado." Tentou se apoiar em Aurora, que não parecia notar nada e assoviava a música, seus joelhos cederam e só a mão de Silveira conseguiu impedir a queda.

Gregorius não entendeu o que Silveira disse para Aurora, mas, pelo tom, imaginou que fosse uma descompostura. Ajudou Gregorius a se sentar e deu-lhe um copo d'água.

Depois de meia hora eles saíram. No carro, Silveira disse que nunca vira nada igual, Gregorius tinha virado a cabeça daquela gente formal... Bem, Aurora também tinha aquela fama... Mas os outros... Tinham pedido que ele levasse Gregorius da próxima vez de qualquer maneira!

Deixaram o motorista na casa dele, depois Silveira assumiu o volante e foram até o liceu.

— É o momento apropriado, não acha? — perguntara Silveira no caminho, de repente.

À luz da lanterna de *camping*, Silveira observou as imagens de Isfahan. Balançou a cabeça. Lançou um olhar para Gregorius e acenou novamente com a cabeça. Numa poltrona estava a manta que Maria João tinha dobrado. Silveira sentou-se. Fez perguntas para Gregorius que ninguém fizera antes, nem mesmo Maria João. O que o tinha levado a estudar línguas antigas? Por que não estava trabalhando na universidade? Ele se lembrava de tudo que Gregorius lhe contara sobre Florence. Perguntou se, depois dela, nunca mais tinha havido uma mulher.

A seguir, Gregorius falou-lhe de Prado. Foi a primeira vez que conversava com alguém que não o conhecera. Admirou-se com a quantidade de coisas que sabia dele

e com a quantidade de reflexões que fizera acerca dele. Silveira aquecia as mãos na calefação de *camping* e escutou tudo sem interromper. No final, perguntou se podia dar uma olhada no livro dos cedros vermelhos.

Observou longamente o retrato. Leu a introdução sobre as mil experiências mudas. Leu-a pela segunda vez. Então, começou a folhear. Riu e leu: *Contabilidade mesquinha acerca da generosidade, até isso existe*. Folheou, parou, voltou para trás e começou a ler em voz alta.

AREIAS MOVEDIÇAS *Quando entendemos que, apesar de todos os esforços, é uma mera questão de sorte se conseguimos ou não alcançar alguma coisa, quando entendemos, portanto, que em tudo o que fazemos e vivenciamos não passamos de areia movediça perante e para nós próprios, o que acontece com todas aquelas nossas bem conhecidas e enaltecidas sensações como orgulho, contrição ou vergonha?*

Silveira se levantou da poltrona e começou a andar de um lado para o outro, com o texto de Prado diante dos olhos. Como se a febre tivesse se apoderado dele. Voltou a ler em voz alta. *Compreender-se: trata-se de uma descoberta ou de uma criação?* Folheou e voltou a ler: *há de fato alguém interessado em mim e não apenas com interesse próprio para me compreender?* Ele chegara a um trecho mais longo, sentou-se no canto da mesa do Sr. Cortês e acendeu um cigarro.

PALAVRAS TRAIÇOEIRAS. *Quando falamos sobre nós próprios, sobre os outros ou simplesmente sobre coisas, o que pretendemos é — poderíamos dizer — nos revelar através das nossas palavras: queremos dar a conhecer o que pensamos e sentimos. Permitimos que os outros lancem um olhar para dentro da nossa alma. (*We give them a pice of our mind*, como dizem os ingleses. Foi o que um inglês me disse quando estávamos no deque de um navio. Foi a única coisa boa que trouxe daquele país descabido. Talvez ainda a recordação do irlandês da bolsa vermelha no All Souls.) Compreendido dessa forma, somos os diretores soberanos, os dramaturgos autônomos, no que diz respeito à abertura da nossa interioridade. Mas, e se isso estiver completamente errado? Uma ilusão? Na verdade, nós não apenas nos revelamos com as nossas palavras, nós também nos* traímos. *Acabamos por revelar muito mais do que gostaríamos e, às vezes, acontece precisamente o contrário. E os outros podem interpretar as nossas palavras*

como sintomas de algo que nós próprios talvez nem conhecemos. Como sintomas da doença de sermos nós mesmos. Pode ser divertido observarmos os outros dessa maneira, pode nos tornar mais tolerantes, mas também pode significar munição. E se, no instante em que começamos a falar, lembramos de que os outros também agem assim conosco, então a palavra pode ficar entalada na garganta, e o susto pode nos emudecer para sempre.

Na volta pararam diante de um prédio de aço e vidro.

— Aqui é a minha firma — disse Silveira. — Gostaria de fazer uma cópia do livro de Prado.

Ele desligou a chave e abriu a porta, mas bastou olhar para o rosto de Gregorius para que parasse.

— Ah, sim, claro! Este texto não combina com máquina de xérox.

Ele passou a mão pelo volante.

— Além disso, você quer ficar com o texto todo para você. Não só o *livro*. O *texto*.

Mais tarde, deitado na cama e ainda acordado, Gregorius não parava de pensar naquelas frases. Por que, antes, não houvera ninguém na vida dele que o compreendesse tão rapidamente? Pouco antes de irem se deitar, Silveira lhe dera um abraço. Era um homem a quem ele poderia falar da sua vertigem. Da vertigem e do medo de procurar um neurologista.

41

Quando João Eça, no domingo à tarde, surgiu à porta do seu quarto, no asilo de idosos, Gregorius percebeu pela expressão do seu rosto que alguma coisa havia acontecido. Eça hesitou antes de convidá-lo a entrar. Era um dia frio de março. Mesmo assim, a janela estava completamente aberta. Eça ajeitou as calças antes de se sentar. Estava visivelmente lutando consigo próprio enquanto posicionava as figuras no tabuleiro com as mãos trêmulas. Essa luta dizia respeito tanto às suas sensações quanto à dúvida se devia ou não falar delas.

Eça moveu o peão.

— Hoje à noite, eu urinei na cama — disse, com a voz rouca. — E nem sequer percebi.

Ele permaneceu de olhar baixo, voltado para o tabuleiro.

Gregorius jogou. Não podia ficar calado muito tempo. Contou que, na noite anterior, cambaleara por uma cozinha estranha, indo quase parar nos braços de uma mulher bastante doidinha. Sem querer, é claro.

Isso era outra coisa, replicou Eça, irritado.

Por quê? Porque não se relacionava ao baixo-ventre, perguntou Gregorius. Em ambos os casos se tratava de uma perda total do controle do corpo.

Eça olhou para ele. A sua cabeça estava trabalhando.

Gregorius preparou um chá e serviu-lhe meia taça. Eça viu-o olhando para as suas mãos trêmulas.

— A *dignidade* — disse.

— *Dignidade* — disse Gregorius. — Não tenho a menor ideia do que isso seja. Mas não creio que seja algo que se perde só porque o corpo, de repente, falha.

Eça estragou a sua abertura.

— Quando eles me levavam para a tortura, eu fazia nas calças e eles riam. Era uma *humilhação* terrível, mas eu não tinha a sensação de estar perdendo a *dignidade*. Mas o que é, *então*?

Gregorius perguntou se ele acharia que teria perdido a dignidade se tivesse falado.

— Eu não disse uma palavra, nem uma única. Todas as palavras possíveis... eu as *tranquei*. Sim, foi isso que aconteceu: eu as *tranquei* e fechei a porta para sempre. Com isso, foi *impossível* bater com a língua nos dentes, simplesmente era algo que não era mais *negociável*. Isso teve um efeito estranho. Eu parei de encarar a tortura como algo que os outros *faziam*, como uma *ação*. Estava lá como um mero corpo, um monte de carne sobre o qual as dores se abatiam como se fossem uma chuva de granizo. Parei de reconhecer os algozes como atuantes. Eles não sabiam, mas eu os *rebaixei*, *rebaixei*-os a palcos de acontecimentos cegos. Isso me ajudou a transformar a tortura numa agonia.

E se eles tivessem conseguido soltar-lhe a língua com uma droga?

Eça admitiu que se questionara muitas vezes, até sonhara com aquilo. Chegara à conclusão de que eles poderiam tê-lo destruído, mas que não poderiam ter-lhe roubado a dignidade. Para que uma pessoa perdesse a dignidade, era preciso que ela própria abdicasse dela.

— E por que ficou tão fora de si por causa de uma cama molhada? — perguntou Gregorius, fechando a janela. — Está frio e não cheira mal. Não cheira a nada.

Eça passou a mão nos olhos.

— Não vou querer ficar ligado a tubos ou a uma bomba. Só para prolongar tudo mais algumas semanas.

O fato de haver coisas que não queremos fazer ou permitir em hipótese alguma — quem sabe, a dignidade consiste nisso, disse Gregorius. Os limites não precisam ser morais, acrescentou. É possível perder a dignidade de outras maneiras. Um professor que, por submissão, aceita fazer o papel do galo cacarejante numa peça escolar. Lamber botas para subir na carreira. Oportunismo ilimitado. Falsidade e covardia para salvar um casamento. Esse tipo de coisas.

— E um mendigo? — perguntou Eça. — Será que é possível ser um pedinte sem perder a dignidade?

— Talvez, se na história deste pedinte houver uma obrigatoriedade, algo inevitável, pelo qual ele não teve culpa. E se ele se assumir — disse Gregorius.

Assumir-se também fazia parte da dignidade. Assim alguém podia resistir a um aniquilamento público, como Galileu, Lutero. Mas também há o caso de alguém que se tornou culpado e resiste à tentação de negá-lo. Precisamente aquilo de que os políticos são incapazes. Sinceridade, a coragem de ser sincero. Perante os outros e

perante si próprio.

Gregorius hesitou. Só se sabe o que se pensa quando se fala.

— Existe um asco — disse Eça. — Um asco muito específico que sentimos quando estamos diante de alguém que mente a si próprio constantemente. Talvez esse asco tenha a ver com a indignidade. Na escola eu ficava sentado ao lado de um garoto que costumava limpar suas mãos grudentas nas calças, de um jeito muito especial, vejo-o hoje ainda à minha frente, como se não fosse *verdade* que ele as limpasse. Acho que ele quis ser meu amigo. Não era possível. E não por causa das calças. Ele era assim.

Nas despedidas e nas desculpas também entrava a questão da dignidade, acrescentou. Amadeu falava nisso de vez em quando. Interessava-se sobretudo pela diferença entre um desculpar que deixava ao outro a dignidade e um desculpar que a retirava. "Perdoar não pode significar submissão", dizia. "Não pode, portanto, ser como na Bíblia, em que cada um precisa se entender como servo de Deus e de Jesus. É o que está escrito lá!"

— Ele chegava a ficar pálido de raiva — disse Eça. — E depois também falava muitas vezes sobre a indignidade que está subentendida na relação com a morte no Novo Testamento. Morrer dignamente significa morrer reconhecendo o fato de que a morte é o fim. E resistir a todo o *kitsch* da imortalidade. No feriado de Ascensão, o seu consultório ficava aberto e ele trabalhava mais do que normalmente.

Gregorius voltou para Lisboa atravessando o Tejo. "Quando tivermos entendido que em tudo o que fazemos e vivenciamos não passamos de areia movediça..." O que isto significaria para a dignidade?

42

Na manhã de segunda-feira, Gregorius estava sentado no trem a caminho de Coimbra, a cidade onde Prado vivera com a pergunta dilacerante sobre se o curso de medicina não era um grande equívoco, se ele não estava seguindo o desejo do pai, sem obedecer a sua própria vontade. Um belo dia ele fora até a loja de departamentos mais antiga da cidade e roubara mercadorias de que ele nem precisava. Ele, que podia se dar ao luxo de comprar uma farmácia inteira para o amigo Jorge. Gregorius lembrou-se da carta ao pai e da bela ladra, Diamantina Esmeralda Ermelinda, à qual, na fantasia de Prado, coubera o papel de vingar a ladra condenada pelo pai.

Antes de viajar ele telefonara para Maria João e perguntara pela rua na qual Prado havia morado. Ele respondeu de forma evasiva quando, preocupada, ela perguntou pelas suas vertigens. Naquela manhã ele ainda não ficara tonto. Mas alguma coisa estava diferente. Era como se ele tivesse que vencer um colchão de ar finíssimo que opunha uma tênue resistência para ele conseguir entrar em contato com as coisas. Ele até poderia ter sentido aquela camada de ar como uma capa protetora, não fosse aquele medo latente de que o mundo lhe escaparia indelevelmente. Na estação, em Lisboa, ele se pusera a caminhar para um lado e para o outro para se certificar da resistência do chão de pedra. Isso ajudara, e quando ele tomou assento no compartimento vazio, já estava se sentindo mais calmo.

Prado fizera aquele percurso inúmeras vezes. Ao telefone, Maria João lhe contara da sua paixão pelos trens, que João Eça também lhe descrevera ao contar como o seu conhecimento daquilo, "seu patriotismo ferroviário maluco", salvara a vida de muitas pessoas da resistência. Acima de tudo, ele era fascinado pela mudança do trajeto pelo simples manipular de uma agulha. Maria João ressaltara outro aspecto: andar de trem como leito para o fluxo da imaginação, como um movimento em que a imaginação se diluía e libertava imagens oriundas das câmaras seladas da alma. A conversa com ela naquela manhã durara mais tempo do que o previsto, aquela

intimidade estranha e preciosa que surgira quando ele lhe lera passagens da Bíblia perdurara. Mais uma vez Gregorius ouviu aquela exclamação suspirada de O'Kelly: "Maria, meu Deus, Maria!" Não haviam passado mais do que 24 horas desde que ela lhe abrira a porta da sua casa, e para ele já estava mais do que claro por que Prado costumava anotar os pensamentos que considerava os mais perigosos na sua cozinha e em nenhum outro lugar. O que era? O seu destemor? A impressão de estar diante de uma mulher que, ao longo de sua vida, encontrara o caminho para uma delimitação interior e uma autonomia com a qual Prado nem sequer sonhava?

Tinham conversado ao telefone como se eles ainda estivessem no liceu, ele na mesa de trabalho do Sr. Cortês, ela na poltrona, a manta sobre as pernas.

— Ele se sentia estranhamente dividido em relação às viagens — recordara Maria João. — Ele queria viajar, cada vez mais longe, queria se perder nos espaços que a imaginação lhe abria. Mal se via fora de Lisboa, no entanto, era assaltado pela saudade, saudade insuportável, era impossível assistir àquilo. "Certo, Lisboa é uma cidade bonita, mas..." diziam as pessoas para ele.

"Eles não compreendiam que não se tratava de Lisboa e sim dele, Amadeu. Sua saudade não era a nostalgia pelo conhecido, pelo que amava. Era algo muito mais profundo, algo que tocava diretamente no núcleo: o desejo de fugir para trás dos diques estáveis e firmes do seu interior que podiam protegê-lo da perigosa ressaca e das traiçoeiras correntes submarinas de sua alma. Ele tinha feito a experiência de que esses diques interiores tinham mais firmeza quando ele estava em Lisboa, na casa dos pais, no liceu, principalmente no consultório azul. "O azul é a minha cor protetora", dizia.

"Que aquilo era uma proteção de si mesmo explica por que a sua saudade sempre trazia consigo o sabor do pânico e da catástrofe. Quando era tomado pela saudade, tudo acontecia muito rápido, ele interrompia uma viagem de um momento para o outro e fugia para casa. Quantas vezes Fátima não ficou decepcionada, quando isso acontecia!"

Maria João hesitara antes de acrescentar:

— Ainda bem que ela nunca compreendeu o motivo da sua nostalgia. Senão, teria de ter pensado: pelo jeito, não consigo ajudar-lhe a tirar o medo de si próprio.

Gregorius abriu o livro de Prado e leu uma vez mais um apontamento que, como nenhum outro, lhe pareceu ser a chave para todo o resto.

VIVO EM MIM PRÓPRIO COMO NUM TREM EM MOVIMENTO. *Não entrei nele por livre e espontânea vontade, não pude escolher e sequer conheço o local de destino. Um dia, num*

passado distante, acordei no meu compartimento e senti o movimento. Era excitante, escutei o barulho das rodas, pus a cabeça para fora da janela, senti o vento e me deliciei com a velocidade com que as coisas passavam por mim. Eu queria que o trem jamais interrompesse a sua viagem. De maneira nenhuma eu queria que ele parasse para sempre em algum lugar.

Foi em Coimbra, num banco duro no auditório, que me dei conta: não posso mais sair. Não posso mudar de linha nem de direção. Não sou eu quem determina a velocidade. Não vejo mais a locomotiva e não posso reconhecer quem a conduz, nem se o condutor parece ser de confiança. Não sei se ele lê os sinais corretamente e percebe quando uma agulha de trilhos está errada. Não posso trocar de compartimento. Vejo pessoas passando no corredor e penso: quem sabe nos seus compartimentos tudo é bem diferente do que aqui. Mas não posso ir lá e ver, pois um cobrador que eu nunca vi e nem vou ver trancou e selou a porta do compartimento. Abro a janela, debruço-me para fora o máximo que consigo e vejo que todos os outros fazem o mesmo. O trem percorre uma suave curva. Os últimos vagões ainda estão no túnel e os primeiros já voltaram para dentro dele. Quem sabe, o trem anda em círculos, sempre, sem que alguém perceba, nem mesmo o condutor? Não tenho a menor ideia do tamanho da composição. Vejo todos os outros que esticam os pescoços para ver e entender alguma coisa. Saúdo-os, mas o vento leva as minhas palavras para longe.

A iluminação no compartimento muda sem que eu possa determinar qualquer coisa. Sol e nuvens, crepúsculo e madrugada, chuva, neve, tempestade. A luz no teto é mortiça, torna-se mais clara, começa a ofuscar, treme, apaga-se, volta, é uma lamparina, um castiçal, um tubo de néon cintilante, tudo ao mesmo tempo. A calefação não é confiável. Pode aquecer com calor e falhar com frio. Quando aciono o interruptor, ouço o clique-claque, mas nada muda. Estranho que nem mesmo o sobretudo me aquece sempre da mesma forma. Lá fora as coisas parecem estar indo no seu rumo habitual e normal. Será que isso acontece também no compartimento dos outros? No meu, de qualquer forma, as coisas se passam de forma diferente do que eu esperava, bem diferente. O construtor do trem estaria bêbado? Louco? Um charlatão diabólico?

Nos compartimentos há folhetos indicando o trajeto. Quero saber quais são as estações. As folhas de papel estão em branco. Nas estações em que paramos faltam as placas indicativas. As pessoas lá fora lançam olhares curiosos para o trem. As vidraças estão sujas por causa do mau tempo. Penso: elas distorcem a imagem interior. De repente

sinto a necessidade de pôr as coisas no lugar. A janela está empenada. Grito até ficar rouco. Os outros passageiros batem nas paredes, indignados. Depois da estação vem o túnel. Ele me corta a respiração. Ao deixar o túnel pergunto-me se alguma vez paramos efetivamente.

O que se pode fazer durante a viagem? Arrumar o compartimento. Fixar os objetos para que não trepidem. Mas então sonho que o vento aumenta e arrebenta a janela. Tudo o que arrumei começa a voar. Sonho muito durante esta viagem sem fim: sonhos em que perco os trens e vejo informações falsas nos folhetos de viagem, estações que se dissolvem em nada quando chegamos, guardadores e chefes de estação que surgem de repente do nada com os seus bonés vermelhos. Às vezes adormeço de puro tédio. Mas é perigoso adormecer, só raramente acordo refeito e satisfeito com as transformações. Geralmente fico perplexo com aquilo que encontro ao acordar, tanto dentro quanto fora de mim.

Às vezes me assusto e penso: a qualquer momento o trem pode descarrilar. Sim, esse pensamento na maioria das vezes me assusta. No entanto, existem instantes, raros e incandescentes, em que aquilo me trespassa como um raio de felicidade.

Acordo e a paisagem dos outros passa. Às vezes, passa tão rápido que nem tenho tempo de acompanhar seus caprichos e disparates delirantes, outras vezes, quando insistem em repetir sempre as mesmas coisas, tudo é de uma lentidão dolorosa. Sinto-me aliviado por haver um vidro que me separa deles. Assim, consigo reconhecer os seus planos e desejos sem que eles possam me atingir impunemente. Sinto-me contente quando o trem atinge a sua velocidade máxima e eles desaparecem. O que é que fazemos com os desejos dos outros quando eles nos atingem?

Encosto a minha testa na janela do compartimento e me concentro com toda a minha energia. Quero, pelo menos uma vez, apreender o que se passa lá fora. Apreender e segurar, para que não me escape novamente. Mas isso falha. Tudo passa depressa demais, mesmo quando o trem para em pleno trajeto. Uma impressão apaga a anterior. A memória trabalha a todo o vapor, fico quase sem respirar tentando organizar as imagens do que aconteceu, num esforço inútil por chegar à ilusão de algo inteligível. Sempre chego atrasado, por mais rápido que a luz da atenção corra atrás das coisas. Quando chego, tudo já passou. Sempre acabo perdendo. Nunca estou presente. Mesmo quando, durante a noite, o interior do compartimento se espelha na vidraça.

Adoro túneis. Eles são, para mim, a imagem da esperança: em algum momento tudo

voltará a ficar claro. Caso não seja noite.

Às vezes recebo visitas no compartimento. Não sei como isto é possível, com a porta trancada e selada, mas acontece. Geralmente esta visita vem num momento impróprio. São pessoas do presente e do passado. Vêm e vão, conforme querem, não têm respeito e me incomodam. Preciso falar com elas. É tudo provisório, descomprometido, votado ao esquecimento, conversas de trem. Alguns visitantes desaparecem sem deixar rastro. Outros deixam rastros pegajosos e fétidos, não adianta arejar. Nestas horas quero arrancar todo o mobiliário do compartimento para trocar por um novo.

A viagem é comprida. Há dias em que desejo que seja infinita. São dias invulgares, preciosos. Há outros em que fico aliviado por saber que haverá um último túnel em que o trem parará para sempre.

Quando Gregorius saiu do trem, já era final de tarde. Ele reservou um quarto num hotel na outra margem do Mondego, de onde tinha a vista da cidade antiga, na colina da Alcáçova. Os últimos raios do sol mergulharam numa luz dourada os prédios majestosos da universidade que dominavam a paisagem. Lá em cima, numa das vielas íngremes e estreitas, Prado e O'Kelly haviam morado numa república, uma daquelas residências de estudantes cujas origens remontavam à Idade Média.

"Ele não queria ser diferente dos outros", dissera Maria João, "mesmo que o barulho dos quartos vizinhos às vezes o levasse ao desespero, pois ele não estava acostumado àquilo. Mas a fortuna da família, que provinha de latifúndios herdados de gerações passadas, representava um peso enorme para ele. Havia duas palavras que o faziam enrubescer como nenhuma outra: colônia e latifundiário. Nesses momentos, ele parecia alguém capaz de puxar a pistola a qualquer momento.

"Quando eu fui visitá-lo, ele estava vestido de maneira acintosamente desleixada. Eu lhe perguntei por que ele não usava a fita amarela da faculdade como os outros estudantes de medicina.

"— Você sabe que eu não gosto de uniformes, nem mesmo aquele boné no liceu — disse ele.

"Quando precisei ir embora e ele me acompanhou até a estação, vimos um estudante que usava a fita azul-escura da literatura.

"Olhei para Amadeu.

"— Não se trata da *fita* — disse para ele. — Trata-se da fita *amarela*. Você adoraria usar a fita *azul*.

"— Você sabe muito bem que detesto ser desmascarado. Volte logo. Por favor.

"Ele tinha aquela maneira de dizer *por favor* — eu daria a volta ao mundo só para ouvi-lo dizer aquilo.

A viela onde Prado tinha morado era fácil de encontrar. Gregorius deu uma olhada no corredor do alojamento e subiu alguns degraus. "Em Coimbra, quando o mundo inteiro parecia ser nosso." Fora assim que Jorge descrevera aquela época. Fora naquela casa, então, que ele e Prado tinham anotado tudo o que pudesse promover a lealdade entre as pessoas. Aquela lista em que faltara o amor. *Cobiça, bem-estar, aconchego*. Todas elas sensações que, mais cedo ou mais tarde, iriam se desintegrar. A lealdade era o único sentimento duradouro. "Uma vontade, uma decisão, um tomar partido por parte da alma." Algo que transformasse o acaso de encontros e a casualidade dos sentimentos em uma necessidade. "Um sopro de eternidade, só um sopro, mas ainda assim", dissera Prado. Gregorius lembrou-se do rosto de O'Kelly. "Enganou-se. Ambos nos enganamos", dissera, com a lentidão de um ébrio.

Na universidade, Gregorius queria ir logo até a Biblioteca Joanina e à Sala dos Grandes Actos, aqueles espaços que tantas vezes tinham feito Prado visitar Coimbra. Mas isso só era possível a determinadas horas do dia, e já estavam fechadas.

A Capela de São Miguel ainda estava aberta. Gregorius ficou sozinho e contemplou o órgão barroco de uma beleza deslumbrante. "Quero escutar o som oceânico do órgão, essa inundação de sons sobrenaturais. Preciso dele contra a estridência ridícula das marchas", dissera Prado em seu discurso. Gregorius tentou lembrar-se das ocasiões em que ele próprio estivera numa igreja — nas aulas de catequese, no enterro dos pais. *Pai nosso*... Como aquilo lhe soara oco, sem alegria. E nada daquilo, pensou agora, tinha a ver com a poesia transbordante do texto grego e hebraico. Nada, nada mesmo!

Gregorius estremeceu. Sem querer, dera um murro no banco e olhou à sua volta envergonhado, mas continuava só. Ajoelhou-se e tentou fazer o que Prado fizera com as costas vergadas do pai: tentou imaginar como era aquela postura, sentida por dentro. "Deviam arrancar tudo isso", dissera Prado, ao passar pelos confessionários com o padre Bartolomeu. "Quanta humilhação!"

Quando Gregorius se levantou, a capela começou a girar à sua volta com uma velocidade vertiginosa. Ele se agarrou ao banco e esperou até passar a vertigem. Depois, enquanto alguns estudantes apressados passaram por ele, percorreu lentamente os corredores e entrou num auditório. Sentado na última fileira, lembrou-se primeiro da aula sobre Eurípides, em que ele deixara de dizer a sua opinião ao docente. Depois, seus pensamentos voltaram às palestras às quais assistira em seus tempos de estudante. Finalmente, imaginou o estudante Prado se

levantando no auditório e colocando questionamentos críticos. Professores experientes, sumidades em suas respectivas matérias, sentiam-se postos à prova por ele. Mas Prado não estivera ali como estudante arrogante e pretensioso. Vivera num purgatório de dúvidas, atormentado pelo pânico de se perder. "Foi em Coimbra, num banco duro no auditório, que me dei conta: não posso mais sair."

Era uma aula de ciências jurídicas. Gregorius não entendeu uma única palavra e saiu. Vagou pelo campus até a noite cair, tentando sempre compreender as sensações confusas que o acompanhavam. Por que ali, na universidade mais famosa de Portugal, de repente pensou que talvez gostasse de estar num auditório, partilhando com os estudantes seus vastos conhecimentos filosóficos? Teria ele fracassado em viver uma vida possível, uma vida que, com suas habilidades e sua sabedoria, ele teria podido viver facilmente? Nunca antes, em momento algum, ele considerara um erro o fato de, nos seus tempos de estudante, ter abandonado as aulas para dedicar todo o seu tempo à leitura incansável dos textos. Por que, agora, essa estranha nostalgia? E seria mesmo nostalgia?

Quando chegou a comida que ele pediu numa tasca, sentiu-se agoniado e quis sair para o ar fresco da noite. O tênue colchão de ar que o envolvera naquela manhã voltara, um pouco mais grosso, com uma resistência um pouco maior. Começou a pisar mais firme, como fizera na estação de Lisboa, e dessa vez também ajudou.

JOÃO DE LOUSADA DE LEDESMA, O MAR TENEBROSO. O grosso volume saltou-lhe aos olhos quando passou pela vitrine de um sebo. O livro na mesa de trabalho de Prado. Sua última leitura. Gregorius tirou-o da estante. Os grandes caracteres caligráficos, as gravuras em cobre de regiões costeiras, os desenhos em nanquim dos navegadores. "O cabo Finisterra", ouviu a voz de Adriana. "Lá em cima, na Galícia. Era como uma ideia fixa. Ele tinha uma expressão acossada e febril no rosto quando falava daquilo."

Gregorius sentou num canto e começou a folhear até encontrar as palavras do geógrafo muçulmano El Edrisi do século XII: "De Santiago, partimos para Finisterra, como dizem os camponeses, uma palavra que significa o fim do mundo. Não se vê mais do que céu e água, e dizem que o mar é tão tormentoso que ninguém nele pode navegar, razão pela qual não se sabe o que há do outro lado. Disseram-nos que alguns, ávidos por explorá-lo, desapareceram com os seus navios e que nenhum deles jamais regressou."

Demorou algum tempo até o pensamento ganhar forma em Gregorius. "Muito mais tarde ouvi dizer que ela estava trabalhando em Salamanca como docente de história", dissera João Eça sobre Estefânia Espinhosa. Enquanto estava na resistência, ela era empregada dos Correios. Depois da fuga para a Espanha,

permanecera na Espanha. E estudara história. Adriana não conseguira ver nenhuma relação entre a viagem de Prado para a Espanha e seu súbito e fanático interesse por Finisterra. E se houvesse ali uma conexão? Se ele e Estefânia Espinhosa haviam viajado para Finisterra porque ela, desde sempre, tivera interesse pelo temor medieval diante do mar tormentoso e infinito, um interesse que conduzira ao estudo de história? E se naquela viagem até o fim do mundo acontecera algo que deixara Prado tão transtornado que o fez voltar?

Não, era muito absurdo, muito aventureiro. Mais insensato ainda era admitir que a mulher pudesse ter escrito um livro sobre o mar tenebroso. Não era com isso que iria fazer o dono do sebo perder seu tempo.

— Vejamos — disse o antiquário. — O mesmo título, isso é praticamente impossível. Iria contra os bons costumes acadêmicos. Vamos experimentar com o nome.

Estefânia Espinhosa, revelou o computador, escrevera dois livros, ambos tinham a ver com o início da Renascença.

— Estamos chegando perto, não? — disse o antiquário. — Mas vamos chegar lá, preste atenção. — E ele entrou na página da Universidade de Salamanca.

Estefânia Espinhosa tinha o seu próprio *site*, e logo no início da lista de suas publicações estavam eles: dois ensaios sobre Finisterra, um em português, o outro em espanhol. O antiquário sorriu.

— Não gosto muito desse equipamento, mas de vez em quando...

Ele ligou para uma livraria especializada que tinha um dos dois livros.

As lojas estavam perto de fechar. Gregorius correu com o grande livro sobre o mar escuro embaixo do braço. Havia o retrato de uma mulher na contracapa? Ele quase arrancou o livro da mão da vendedora e o virou.

"Estefânia Espinhosa, nascida em Lisboa em 1948, atualmente professora de história espanhola e italiana da Idade Moderna na Universidade de Salamanca." E um retrato que explicava tudo.

Gregorius comprou o livro e, a caminho do hotel, parou a cada par de metros para observar a fotografia. "Ela não era apenas a bola, a bola vermelha irlandesa do *College*", ouviu Maria João dizer. "Era muito mais do que todas as bolas vermelhas irlandesas juntas. Ele deve ter sentido que ela era para ele a chance de ser inteiro. Como homem, quero dizer." E as palavras de João Eça também não podiam ser mais adequadas: "Acho que Estefânia foi, para ele, a oportunidade de sair finalmente do tribunal, para o espaço livre e tórrido da vida, e por uma vez na vida viver de acordo com os seus desejos, segundo os ditames da sua paixão, e quanto aos outros, que o diabo os carregasse..."

Ela tinha, portanto, 24 anos quando sentou ao volante na frente da casa azul e partiu com Prado, um homem 28 anos mais velho, para atravessar a fronteira, fugir de O'Kelly, fugir do perigo e começar uma nova vida.

Na volta ao hotel, Gregorius passou na clínica psiquiátrica. Pensou no surto nervoso de Prado depois do episódio do roubo. Maria João lhe contara que, enquanto estivera internado, ele se interessara sobretudo por aqueles pacientes que, cegamente enredados em si mesmos, andavam para cima e para baixo em incessantes monólogos. Ele conservara uma atenção especial para estas pessoas e se surpreendia ao constatar quantos havia que na rua, no ônibus, no Tejo gritavam sua raiva de adversários imaginários.

— Ele não seria Amadeu se não conversasse com eles e ouvisse as suas histórias. Isso nunca acontecia com eles, e quando ele cometia o erro de lhes dar o seu endereço, no dia seguinte eles lhe entravam casa adentro e era Adriana que tinha de pô-los na rua.

No hotel, Gregorius leu um dos poucos apontamentos do livro de Prado que ainda não conhecia.

O VENENO ARDENTE DO DESGOSTO. *Quando os outros nos levam a nos irritarmos com eles — com a sua insolência, injustiça, falta de escrúpulos —, o que acontece é que exercem poder sobre nós, crescem dentro de nós devorando-nos a alma, pois a irritação é como um veneno ardente que destrói todos os sentimentos brandos, nobres e equilibrados e nos rouba o sono. Insones, acendemos a luz e nos irritamos com a irritação que se instalou dentro de nós como um parasita danoso que nos suga e nos rouba as forças. Não ficamos apenas furiosos com o dano em si, mas também pelo fato de ele se desenvolver automaticamente dentro de nós, pois enquanto nos sentamos à beira da cama, as têmporas latejantes, o distante causador de tanta irritação fica incólume ao poder destrutivo da irritação cuja vítima somos nós. No palco vazio da nossa fantasia, mergulhados na luz ardente de uma fúria muda, representamos, na mais completa solidão, um drama imaginário com figuras e palavras espectrais que lançamos contra inimigos imaginários enquanto as labaredas geladas consomem nossas entranhas. E quanto maior o nosso desespero por tudo não passar de um teatro de sombras — em vez de uma confrontação real, em que sempre haveria a possibilidade de atacar o outro para estabelecer um equilíbrio de sofrimento, mais selvagem se torna a dança das sombras venenosas que nos perseguem até as mais obscuras catacumbas dos nossos sonhos. (Vamos reverter o quadro, pensamos, rancorosos, e passamos noites e noites forjando palavras que,*

no outro, desenvolverão o efeito de uma bomba devastadora, fazendo com que, agora, nele se alastrem as chamas da indignação, enquanto nós, apaziguados pelo mal alheio, tomamos o nosso café tranquilamente.)

O que significa agir corretamente perante a indignação? Não queremos ser seres desalmados, totalmente incólumes a tudo com que deparam, cujas avaliações se esgotam em juízos de valor frios e abstratos, sem que nada os consiga perturbar, porque nada os preocupa verdadeiramente. É por isso que não podemos desejar a sério desconhecer a experiência da irritação, permanecendo, em vez disso, num estado de indiferença que não se distingue de mera falta de sentimentos. A irritação nos ensina a ver quem somos. Por isso, quero saber o seguinte: o que significaria nos educar e formar na irritação de forma a aproveitar os conhecimentos resultantes sem sucumbirmos ao seu veneno?

Podemos estar certos de que, no leito de morte, e como parte do derradeiro balanço, uma parte tão amarga quanto cianeto, constataremos que desperdiçamos energia e tempo demais para curtir a irritação, obcecados em nos vingarmos dos outros naquele solitário teatro de sombras que apenas nós, os que o encenamos, impotentes, conhecemos. O que é que podemos fazer, então, para melhorar esse balanço? Por que nossos pais, professores e outros educadores nunca mencionaram isso? Por que nunca verbalizaram um pouco dessa imensa significação? Por que, nesse território, não nos foi dada uma bússola que pudesse ajudar-nos a evitar tamanho desgaste da alma em inúteis e autodestrutivas irritações?

Gregorius ficou muito tempo acordado. De tempos em tempos levantava-se e ia até a janela. Agora, depois da meia-noite, a cidade alta, com a universidade e a Torre do Relógio, parecia despojada, sacral e até um pouco ameaçadora. Ele podia imaginar um topógrafo que esperasse em vão que lhe autorizassem a entrada naquele misterioso recinto.

A cabeça encostada numa montanha de travesseiros, Gregorius voltou a ler as frases em que, a seu ver, Prado mais se abrira e se revelara para si mesmo do que em todas as outras. “Às vezes, me assusto e penso: a qualquer momento o trem pode descarrilar. Sim, esse pensamento na maioria das vezes me assusta. No entanto, existem instantes, raros e incandescentes, em que aquilo me trespassa como um raio de felicidade.”

Gregorius não soube de onde lhe veio a imagem, mas de repente viu aquele médico português que sonhara com o pensamento poético como sendo o seu

paraíso, sentado entre as colunas de um claustro, no centro de um mosteiro que se transformara num silencioso asilo para pessoas descarriladas. O seu descarrilamento consistira em que a lava ardente de sua alma torturada calcinara e inundara com uma violência ensurdecedora tudo aquilo que nele existira de servidão e exigência excessiva. Ele desapontara todas as expectativas e quebrara todos os tabus e era precisamente nisso que consistia a sua felicidade. Finalmente, lograra alcançar a paz perante o pai juiz, vergado perante a ditadura suave da mãe ambiciosa e a gratidão perpétua e asfixiante da irmã.

Também perante a si próprio encontrara finalmente a paz. A saudade acabara, ele não precisava mais de Lisboa e da cor azul do aconchego. Agora que se entregara inteiramente às vagas interiores e a elas se unira, não havia mais nada contra o que tivesse de erigir suas barreiras de proteção. Finalmente podia percorrer as estepes nevadas da Sibéria até Vladivostok, sem pensar, a cada bater rítmico das rodas, que ele estava se afastando da sua Lisboa azul.

Agora, a luz do sol batia no jardim do claustro. As colunas se tornaram cada vez mais claras, até que, por fim, desbotaram por completo, deixando sobrar apenas uma profundidade cintilante em que Gregorius perdeu o equilíbrio.

Ele teve um sobressalto, caminhou, cambaleante, até o banheiro e lavou o rosto. Depois, telefonou para Doxiades. O grego pediu que ele descrevesse a vertigem com todos os detalhes. Depois, ficou em silêncio durante algum tempo. Gregorius sentiu o medo crescer.

— Pode ser uma quantidade de coisas — disse, finalmente, o grego, com a sua calma voz de médico. — A maioria delas inofensivas, nada que não se possa controlar rapidamente. Mas é preciso fazer exames. Os portugueses podem fazer isso tão bem quanto nós aqui. Mas a minha intuição me diz que o senhor deveria voltar para casa. Conversar com os médicos na sua língua materna. Medo e línguas estrangeiras, isso não combina.

Quando, finalmente, Gregorius conseguiu adormecer, o primeiro brilho da alvorada já surgia por trás da universidade.

43

— Deve haver bem uns 300 mil tomos aqui — disse a guia turística, e os seus saltos finos ecoaram no chão de mármore da Biblioteca Joanina. Gregorius ficou para trás e olhou à sua volta. Nunca havia visto nada igual. Espaços revestidos com madeiras nobres e folheadas a ouro, ligados por arcos que faziam lembrar arcos do triunfo, encimados, por sua vez, pelas armas do rei D. João V, que fundara a biblioteca no início do século XVIII. Estantes barrocas com empórios sobre delicadas colunas. Um retrato a óleo de D. João V. Uma passadeira vermelha que aumentava ainda mais a sensação de fausto. Era como num conto de fadas.

Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia*, várias edições em ricas encadernações que as transformavam em textos sagrados. O olhar de Gregorius continuou deslizando.

Decorrido algum tempo, ele sentiu que o seu olhar se perdia, sem se fixar nas prateleiras. Seus pensamentos haviam ficado com Homero. Deviam ser pensamentos que o deixavam com o coração acelerado, mas ele não se lembrou de que tratavam. Foi para um canto, tirou os óculos e fechou os olhos. Escutou a voz estridente da guia na sala vizinha. Tapou os ouvidos com as palmas das mãos e se concentrou no silêncio surdo. Os segundos decorriam enquanto ele sentia o seu sangue pulsando.

Sim. O que ele, sem perceber, procurara era uma palavra que surgia uma única vez nos textos de Homero. Era como se alguma coisa, escondida nos bastidores da memória, por trás das suas costas, quisesse checar se a sua capacidade de recordar ainda continuava tão boa como normalmente. Sua respiração ficou acelerada. A palavra não lhe vinha. *Simplesmente não lhe vinha*.

A guia atravessou a sala com o grupo, as pessoas falavam alto. Gregorius passou por elas e se esgueirou até os fundos da biblioteca. Ouviu a porta da entrada sendo fechada e a chave rodando na fechadura.

Com o coração aos saltos, ele correu até a estante e tirou um exemplar da *Odisseia*. O couro envelhecido e duro cortou-lhe a palma da mão com as suas arestas

afiadas. Ele folheou o livro afoito, soprando o pó. A palavra não estava onde ele imaginara. *Não estava lá.*

Ele tentou acalmar-se, controlando a respiração. Sentiu a vertigem indo e vindo, como se estivesse sendo atravessado por nuvens de neblina. Metodicamente, repassou mentalmente toda a epopeia. Não poderia estar em nenhum outro trecho. Mas o exercício teve como consequência o fato de que, agora, até mesmo a suposta certeza com a qual iniciara a busca começava a desmoronar. O chão começou a balançar, mas dessa vez não foi a vertigem. Teria ele se enganado redondamente, a ponto de aquilo que estava procurando estar na *Ilíada*? Tirou-a da estante e começou a folheá-la distraidamente. Os movimentos da mão que folheava tornaram-se vazios e mecânicos, e o objetivo foi sendo esquecido. Cada vez mais, Gregorius sentiu como o colchão de ar o envolveu, tentou bater com os pés, agitou seus braços, o livro caiu da sua mão, os joelhos cederam e ele escorregou para o chão num movimento suave e sem forças.

Quando acordou, procurou atabalhoadamente os óculos que estavam ali, no chão, ao alcance das mãos. Olhou para o relógio. Não podiam ter decorrido mais do que 15 minutos. Sentou-se, encostado na parede. Alguns minutos se passaram, minutos em que se limitou a respirar, feliz por não ter-se machucado e porque os óculos estavam inteiros.

Então, subitamente, o pânico explodiu dentro dele. Teria sido aquele esquecimento o começo de alguma coisa? Uma primeira, minúscula ilha do esquecimento? Iria ela crescer, multiplicar-se? "Somos latas de lixo do esquecimento", escrevera Prado. E se agora uma avalanche de entulho o inundasse, levando consigo todas as palavras preciosas? Ele agarrou a cabeça com as suas grandes mãos e apertou-a, como se, com isso, conseguisse impedir que outras palavras desaparecessem. Olhou em volta e nomeou objeto por objeto, primeiro no seu dialeto, depois em alemão, francês, inglês e finalmente em português. Não falhou nem uma vez e, lentamente, ele se acalmou.

Quando a porta se abriu para o grupo seguinte, ele esperou no seu canto, misturou-se depois às pessoas e saiu porta afora. Um céu de um azul intenso se estendia sobre Coimbra. Em frente a um café, tomou um chá de camomila em tragos pequenos e lentos. O estômago se descontraiu e ele conseguiu comer.

Havia estudantes deitados no sol quente de março. Um homem e uma mulher, abraçados, irromperam numa gargalhada, jogaram fora seus cigarros, levantaram-se com movimentos ágeis e começaram a dançar, leves e descontraídos, como se não existisse a força da gravidade. Gregorius sentiu o repuxo da memória e se entregou a ele. Subitamente, ela estava lá, a cena na qual ele já não pensava mais havia décadas.

"Sem erros, mas um pouco arrastado", dissera o professor de latim quando Gregorius traduziu passagens das *Metamorfoses* de Ovídio no auditório. Era uma tarde de dezembro, flocos de neve, luz elétrica. Moças que sorriam, irônicas. "É preciso dançar um pouco mais!", dissera o homem com a gravata-borboleta e o lenço vermelho no bolso do casaco. O banco rangia quando ele se mexia. Ele passou o resto do tempo, enquanto era a vez dos outros, numa espécie de torpor surdo. Um torpor que perdurou ainda enquanto ele percorria os pavilhões decorados para o Natal.

Depois dos feriados, ele não voltara mais àquele curso. Evitava o homem do lenço vermelho, assim como os outros professores. A partir daí, dedicara-se aos estudos exclusivamente em casa.

Gregorius pagou e atravessou o Mondego, também conhecido como "rio dos poetas", voltando para o hotel. "Você acha que sou um chato? Como? Mas Mundus, você não pode me perguntar uma coisa dessas!" Por que todas aquelas coisas doíam tanto, ainda hoje? Por que não conseguira livrar-se delas em vinte, trinta anos?

Quando Gregorius acordou no seu quarto de hotel duas horas mais tarde, o sol estava se pondo. Natalie Rubin tinha atravessado os corredores de mármore da universidade de Berna com seus sapatos de salto fino. Lá na frente, num auditório vazio, ele lhe fizera uma palestra sobre as palavras que só surgiam uma única vez na literatura grega. Ele quis escrevê-las no quadro, mas este estava tão ensebado que o giz não pegava e, quando as queria pronunciar, já as tinha esquecido. Também Estefânia Espinhosa vagueara pelo seu sonho confuso, uma figura com olhos brilhantes e pele com tom de azeitona, primeiro muda, depois como docente que, sob uma imensa cúpula dourada, lecionava sobre temas inexistentes. Doxiades a interrompera. "Volte para casa", dissera ele. "Vamos examiná-lo na Bubenbergplatz."

Gregorius estava sentado no canto da cama. Continuava sem conseguir lembrar aquela palavra de Homero. E a insegurança acerca do trecho onde poderia encontrá-la voltou a atormentá-lo. Não fizera o menor sentido pegar a *Ilíada*. Era na *Odisseia*. Era ali que estava. Tinha certeza. Mas aonde?

Na recepção tinham-lhe dito que o próximo trem para Lisboa partiria só no dia seguinte. Ele pegou o livro sobre o mar tenebroso e continuou a ler o que o geógrafo muçulmano El Edrisi escrevera. "Ninguém sabe — dizem-nos — o que neste mar se encontra, nem é possível investigá-lo, pois muitos são os entraves que se colocam à navegação: as profundas trevas e as altas vagas, as tempestades frequentes e os inúmeros monstros que o povoam, bem como os ventos violentos." Gregorius

gostaria de mandar fotocopiar os dois ensaios de Estefânia Espinhosa sobre Finisterra, mas não conseguira se fazer entender pelo pessoal da biblioteca.

Ele continuou sentado durante mais algum tempo. "É preciso fazer exames", dissera Doxiades. E voltou também a ouvir a voz de Maria João: "Com essas coisas não se brinca."

Tomou uma ducha, fez a mala e pediu um táxi à mulher na recepção, que ficou surpresa. Na estação, a locadora de automóveis ainda estava aberta. O homem avisou que teriam de incluir no preço o dia de hoje. Gregorius concordou, assinou um contrato para dois dias e se encaminhou para o estacionamento.

Tirara sua carteira de habilitação ainda como estudante, com o dinheiro que ganhava dando aulas — 34 anos atrás. Desde então, nunca mais dirigira. O documento amarelado com a foto juvenil e a indicação de usar sempre óculos e não dirigir à noite ficava sempre na pasta dos seus documentos de viagem, sem jamais ter sido usado. O homem do balcão franzira a testa, comparara a fotografia com o rosto da pessoa à sua frente, mas não dissera nada.

Sentado ao volante do grande automóvel, Gregorius esperou até a sua respiração se normalizar. Lentamente, experimentou todos os botões e interruptores. Com as mãos geladas, deu partida no motor, meteu a marcha à ré, soltou a embreagem e fez com que o carro morresse. Assustado com o solavanco, ele fechou os olhos e esperou novamente que a respiração se normalizasse. Na segunda tentativa, o carro saiu aos trancos, mas não morreu, e Gregorius conseguiu sair da vaga. Percorreu as curvas da saída com a velocidade de uma lesma. Num sinal vermelho, na saída da cidade, o motor morreu mais uma vez. Depois disso, as coisas foram melhorando.

Levou duas horas na estrada até Viana do Castelo. Calmo ao volante, manteve-se na faixa da direita. Começou a gostar da viagem. Conseguiu recalcar o assunto da palavra homérica até quase esquecê-la. Animado, pisou no acelerador e segurou o volante com os braços esticados.

Na direção contrária surgiu um carro com farol alto. Tudo começou a girar, Gregorius tirou o pé do acelerador, desviou para a direita, subiu na divisão do meio e parou centímetros antes da barreira de proteção. Cones de luz passavam por ele numa velocidade alucinante. Mais tarde, no posto seguinte, ele saiu do carro e respirou cuidadosamente o ar fresco da noite. "Devia voltar para casa. Falar com os médicos na sua língua materna."

Uma hora mais tarde, tendo já passado por Valença do Minho, chegou à fronteira. Dois homens da Guardia Civil com metralhadoras o mandaram passar. Em Tui, tomou a autoestrada para Vigo, Pontevedra, e depois seguiu sempre para norte, em direção a Santiago. Um pouco antes da meia-noite deu uma parada para

estudar o mapa enquanto comia. Não havia outra solução: se não quisesse fazer o imenso desvio através da península de Santa Eugenia, tinha mesmo que tomar a estrada de montanha em Padrón até Noia, o resto era claro, sempre beirando o litoral, até Finisterra. Nunca dirigira numa estrada de montanha, e de repente surgiram na sua cabeça imagens dos desfiladeiros dos Alpes suíços, onde o motorista precisava incessantemente ficar rodando o volante de um lado para o outro.

As pessoas à sua volta agora falavam galego. Ele não entendia uma palavra. Estava exausto. Tinha-se esquecido da palavra. Ele, Mundus, tinha-se esquecido de uma palavra de Homero. Por baixo da mesa, pressionou os pés contra o chão para espantar o colchão de ar. Estava com medo. "Medo e línguas estrangeiras são duas coisas que não combinam."

Foi mais fácil do que ele imaginara. Nas curvas mais apertadas e sem visibilidade ele ia com a velocidade mínima, mas à noite os faróis dos carros que vinham na outra direção também avisavam melhor do que de dia. Os carros iam ficando cada vez mais raros, já passava das duas da madrugada. Quando ele se lembrava que, naquela estrada estreita, se a tontura voltasse, ele nem teria como parar, sentia-se tomado pelo pânico. Mas logo que surgiu a placa indicando a proximidade de Noia, ele se animou e começou a cortar as curvas. "Um pouco arrastado. Mas, Mundus, você não devia perguntar uma coisa dessas!" Por que Florence não mentira, simplesmente, dizendo: "Você, chato? De jeito nenhum!"

Seria possível simplesmente se livrar de ofensas? "Nós nos projetamos longamente no passado", escrevera Prado. "Isso tem a ver com os nossos sentimentos, notadamente com os profundos, aqueles que determinam o que somos e como é sermos o que somos. E isso porque esses sentimentos não conhecem o tempo, não o conhecem nem o reconhecem."

De Noia a Finisterra eram 150 quilômetros de estrada boa. Não se via o mar, mas intuía-se a sua presença. Eram quase quatro horas. Gregorius parava de vez em quando. Não era vertigem, decidiu, simplesmente o cansaço fazia com que o cérebro parecesse boiar no crânio. Depois de vários postos de gasolina apagados ele finalmente encontrou um aberto. Perguntou ao funcionário sonolento como era Finisterra.

— *Pues, el fin del mundo!* — riu-se o homem.

Quando Gregorius chegou a Finisterra, começava a amanhecer num céu carregado de nuvens. Foi o primeiro cliente a tomar um café no bar. Pisou o chão de pedra e sentiu-se completamente desperto e lúcido. A palavra voltaria a aparecer no momento em que ele menos esperasse, era assim que funcionava a memória, isso era sabido. Ele se sentia satisfeito por ter feito aquela viagem louca e estar ali agora.

Aceitou o cigarro que o dono do bar lhe ofereceu. Depois de tragar pela segunda vez, foi acometido por uma leve tontura.

— *Vértigo* — explicou. — Sou especialista em vertigens. Existem muitos tipos, eu conheço todos.

O homem não entendeu nada e continuou esfregando energicamente o seu balcão.

Gregorius percorreu os poucos quilômetros que faltavam até o cabo com a janela aberta. A maresia era maravilhosa e ele dirigiu lentamente, como alguém que curte uma alegria antecipadamente. A rua terminou num porto com barcos de pesca. Os pescadores tinham acabado de chegar e estavam juntos, fumando. Mais tarde, ele não conseguiu explicar como aconteceu, mas de repente ele se viu perto dos pescadores, fumando um cigarro deles, era como uma mesa de bar a céu aberto.

Ele indagou se eles estavam satisfeitos com a sua vida. Mundus, um filólogo clássico de Berna, perguntando a pescadores galegos do fim do mundo o que achavam das suas vidas. Gregorius ficou contente com aquilo, ficou muito contente, a alegria com o absurdo da situação se misturou ao cansaço, à euforia e a um sentimento desconhecido de abertura interior libertadora.

Os pescadores não entenderam a pergunta e Gregorius precisou repeti-la duas vezes em seu espanhol quebrado.

— *Contentos!* — exclamou um deles, por fim. — Não conhecemos outra coisa!

E desataram a rir, cada vez mais, até tudo se transformar em uma grande gargalhada da qual Gregorius participou, até as lágrimas lhe saltarem dos olhos.

Ele colocou a mão no ombro de um dos homens e o virou para o mar.

— *Siempre derecho, más y más — nada!* — gritou para dentro de uma rajada de vento.

— América — gritou o homem. — América!

Ele tirou a foto de uma jovem de jeans, botas e chapéu de caubói de dentro do bolso do casaco.

— *Mi hija!* Minha filha — explicou, gesticulando na direção do mar.

Os outros lhe arrancaram a fotografia da mão.

— *Qué guapa es!* Que bonita! — exclamaram, numa confusão de vozes.

Gregorius riu e gesticulou, riu novamente, os outros batiam nos seus ombros, à direita e à esquerda, e à direita, eram pancadas rudes, Gregorius cambaleou, os pescadores giravam, o mar girava, o sibilar do vento se transformou num zumbido dentro do ouvido, cresceu e de repente desapareceu num silêncio que engoliu todo o resto.

Quando voltou a si estava deitado no banco de um barco, rodeado por rostos assustados. Ergueu-se, a cabeça doía. Recusou a garrafa de aguardente. Já estava bom, assegurou, acrescentando: *El fin del mundo!* Os pescadores riram aliviados. Gregorius apertou mãos calejadas e cheias de cortes, saiu cuidadosamente do barco e sentou-se ao volante. Sentiu-se aliviado quando o motor pegou logo. Os pescadores observaram sua partida, as mãos nos bolsos.

Na pequena aldeia, procurou uma pensão e dormiu até a tarde. O tempo melhorara e estava mais quente. Apesar disso, sentiu frio quando se pôs a caminho do cabo, enquanto o dia já caía. Sentou-se num rochedo e ficou vendo a luz desmaiando no ocidente, até se apagar totalmente. *O mar tenebroso*. As ondas negras rebentavam com estrondo, a espuma clara invadia a praia com um ruído ameaçador. E a palavra não veio. *Não veio*.

Mas existiria essa palavra de fato? E se, na verdade, nem era a memória, e sim a sua razão que tivesse sofrido uma ínfima fratura? Como podia acontecer que um homem quase perdia a razão porque se esquecera de uma palavra, uma única palavra, que só aparecia uma única vez? Ele podia até se torturar num auditório, antes de uma prova, num exame. Mas diante do mar tormentoso? Toda aquela água preta que ali na frente se misturava com o céu negro não deveria simplesmente dissipar essas preocupações como sendo algo totalmente insignificante, ridículo, algo que só preocupava mesmo alguém que perdeu todo e qualquer sentido das proporções?

Sentiu saudades. Fechou os olhos. Saiu da Bundesterrasse às quinze para as oito e entrou na ponte de Kirchenfeld. Descia para o Bärengraben atravessando as galerias da Spitalgasse, da Marktgasse e da Kramgasse. Ouviu o oratório de Natal na catedral. Saltou do trem em Berna e entrou no seu apartamento. Pegou o disco do curso de português e escondeu-o na despensa. Deitou-se na cama e sentiu-se aliviado por saber que tudo era como sempre.

Era totalmente improvável que Prado e Estefânia Espinhosa tivessem viajado até ali. Mais do que improvável. Não havia o menor indício de que o tivessem feito.

Tremendo de frio e com o casaco úmido, Gregorius foi até o carro. Na escuridão, ele parecia enorme. Como um monstro que jamais na vida poderia levar alguém são e salvo até Coimbra. Muito menos ele.

Mais tarde, tentou comer alguma coisa em frente à pensão, mas não conseguiu. Na recepção, pediu algumas folhas de papel. Depois, foi sentar-se no quarto numa mesa minúscula e traduziu aquilo que o geógrafo muçulmano escrevera para o latim, o grego e o hebraico. Ele esperara que o ato de redigir os caracteres gregos lhe restituísse a palavra perdida. Mas nada aconteceu e o espaço da recordação

permaneceu mudo e vazio.

Não, não era assim. A amplidão sonora do mar não tornava insignificante o lembrar ou o esquecer das palavras. Não era assim, não era mesmo. Uma única palavra entre as palavras, uma única palavra entre palavras. Eram intocáveis, absolutamente intocáveis para as massas de água cega e sem palavras, e isso continuaria assim mesmo se o Universo todo de hoje para amanhã se tornasse um mundo de incontáveis dilúvios, em que chovesse ininterruptamente de todos os cantos do céu. Se houvesse no Universo uma única palavra, então não seria uma palavra, mas se o fosse, seria mais poderosa e brilhante do que todas as inundações atrás de todos os horizontes.

Aos poucos, Gregorius foi-se acalmando. Antes de ir dormir, foi até a janela e olhou para o carro estacionado lá embaixo. No dia seguinte, à luz do dia, iria conseguir.

E conseguiu. Exausto e receoso depois de um sono agitado ele percorreu o trajeto em pequenas etapas. Durante os intervalos, era acossado pelas imagens do sonho daquela noite. Tinha estado em Isfahan, deitado no mar. A cidade com os seus minaretes e cúpulas, com o azul-marinho cintilante e o outro brilhante recortara-se contra um céu claro, e por isso ele se assustara quando, olhando para o mar, viu uma tempestade negra avançando para a cidade do deserto. Um vento escaldante e seco lançava-lhe ao rosto um ar úmido e pesado. Pela primeira vez ele sonhara com Prado. O ourives das palavras não fazia nada, estava apenas presente na ampla arena do sonho, mudo e nobre, e Gregorius procurava pelo som da sua voz, o ouvido pressionado no imenso gravador de Adriana.

Ao chegar a Viana do Castelo, pouco antes da estrada para o Porto e Coimbra, Gregorius sentiu que a palavra perdida da *Odisseia* estava na sua língua. Involuntariamente, fechou os olhos e tentou evitar com todas as forças que ela voltasse a cair no esquecimento. Uma buzina estridente o fez estremecer. No último segundo ainda conseguiu virar o carro, que tinha ido parar na pista contrária, e evitar uma colisão frontal. No próximo desvio ele parou e esperou até o pulsar doloroso na sua cabeça diminuir. Depois disso, foi até o Porto colado a um caminhão lento. A mulher da locadora não se mostrou muito entusiasmada por ele querer deixar o carro ali em vez de levá-lo para Coimbra, mas depois de uma longa olhada no seu rosto ela acabou concordando.

Quando o trem para Coimbra e Lisboa se pôs em movimento, Gregorius encostou a cabeça no apoio do assento, exausto. Pensou nas despedidas que o esperavam em Lisboa. “Pois é este o sentido de uma despedida na verdadeira e plena acepção da palavra: que duas pessoas, antes de se deixarem, se entendam sobre como

se viram e como se compreenderam uma à outra", escrevera Prado na carta à mãe. "Despedir-se é também algo que se faz consigo próprio: assumir-se perante o olhar do Outro." O trem atingiu velocidade máxima. O susto sobre o acidente que ele por um triz teria causado começou a se dissipar. Até Lisboa ele não queria pensar em mais nada.

No exato momento em que, embalado pelo ritmo monótono das rodas, conseguiu se libertar, a palavra perdida surgiu de repente: λιστρον, uma espécie de enxada de ferro usada para raspar o chão do salão. E agora de repente ele se lembrou onde aparecia: na *Odisseia*, no final do Canto XXII.

A porta do compartimento se abriu e um jovem se sentou, abrindo um jornal sensacionalista com enormes manchetes. Gregorius se levantou, pegou a sua bagagem e foi até o final do trem, onde encontrou um compartimento vazio.

— λιστρον — ficou repetindo. — λιστρον.

Quando o trem parou na estação de Coimbra, ele pensou na colina da universidade e no topógrafo que, na sua imaginação, atravessava a ponte com uma maleta de médico antiquada, um homem magro, curvado para a frente, com um jaleco cinza, que pensava como iria convencer as pessoas na colina do castelo a deixá-lo entrar.

Quando Silveira voltou para casa à noite, Gregorius veio recebê-lo na entrada. O português parou e apertou os olhos.

— Você vai voltar para casa.

Gregorius assentiu com a cabeça.

— Conte-me.

44

— Se o senhor tivesse me dado mais algum tempo, eu o transformaria num português — disse Cecília. — Lembre-se, quando estiver de volta à sua terra agreste e gutural: *doce e suave*, e nós pulamos as vogais.

A professora tapou os lábios com o lencinho verde que se encheu de ar quando ela assoprou. Ela riu ao notar o seu olhar.

— O senhor acha graça do lencinho, não?

E assoprou mais forte.

Ela lhe estendeu a mão.

— A sua memória inacreditável. Já só por isso não o esquecerei.

Gregorius segurou a mão dela longamente. Hesitou. Finalmente, arriscou.

— Existe alguma razão para....

— Para eu estar sempre vestida de verde? Sim, há um motivo. Eu lhe conto quando voltar.

Quando voltar. *Quando*, dissera, não *se*. A caminho da casa de Vítor Coutinho ele imaginou como seria se ele voltasse na segunda-feira ao curso de línguas. Que cara faria. Como se moveriam os seus lábios quando lhe contasse o motivo para aquele eterno verde.

— O que quer? — latiu Coutinho, uma hora mais tarde.

O fecho da porta zumbiu, o velho desceu as escadas ao seu encontro, o cachimbo entre os dentes. Durante um breve momento pareceu consultar a sua memória.

— *Ah, c'est vous* — disse, então.

O cheiro era ainda o mesmo: comida bolorenta, poeira e fumo de cachimbo. E Coutinho usava a mesma camisa deslavada de cor indefinível.

Prado. *O consultório azul*. Ele conseguira encontrar o homem?

"Não faço a menor ideia por que lhe dou isso, mas as coisas são como são", dissera o velho quando lhe dera o Novo Testamento. Gregorius o trazia consigo.

Ficou na sua bolsa. Ele nem mesmo o mencionou, não encontrou as palavras adequadas. "Intimidade, é tão fugaz e enganadora como uma miragem", escrevera Prado.

Gregorius disse que estava com pressa e estendeu a mão ao velho.

— Só mais uma coisa — gritou o velho através do pátio. — O senhor vai telefonar para aquele número quando voltar para casa? O número da testa?

Gregorius encolheu os ombros como sinal de indecisão e acenou com a mão.

Seguiu para a Baixa e percorreu o tabuleiro de xadrez das ruas. Comeu alguma coisa no café em frente à farmácia de O'Kelly, à espera de que o vulto do farmacêutico surgisse por trás do vidro da porta, sempre com o cigarro na boca. Mas queria falar com ele? Queria mesmo?

Durante toda a manhã sentira que havia qualquer coisa de errado nas suas despedidas. Qualquer coisa que faltava. Então, de repente, soube o que era. Foi até a loja de artigos fotográficos e comprou uma máquina com teleobjetiva. De volta ao café, focou a porta em que O'Kelly aparecia e gastou um rolo inteiro porque, na maioria das vezes, demorava até disparar.

Mais tarde, voltou até a casa de Coutinho, perto do Cemitério dos Prazeres, e fotografou o prédio que caía aos pedaços com a fachada coberta de hera. Focou a janela com a teleobjetiva, mas o velho não aparecia. Finalmente desistiu e foi até o cemitério, onde tirou fotografias do jazigo da família Prado. Perto do cemitério, comprou mais filmes e pegou o bonde velho para atravessar a cidade até a casa de Mariana Eça.

Chá de assam vermelho-dourado com açúcar em cubos. Os grandes olhos escuros. Os cabelos com reflexos ruivos. Sim, confirmou ela, era melhor que ele falasse com os médicos em sua língua materna. Gregorius não falou nada do desmaio na biblioteca de Coimbra. Conversaram sobre João Eça.

— O quarto dele é bem apertado — disse Gregorius.

Durante um momento, uma irritação passou pelo rosto dela, mas logo a seguir desapareceu.

— Tentei convencê-lo a ir para outros lares, mais confortáveis. Mas ele quis assim. "Quero que seja despojado", disse ele. "Depois de tudo o que aconteceu, tem que ser simples.

Gregorius foi embora antes de a chaleira ficar vazia. Preferia não ter dito nada sobre o quarto de Eça. Era insensato imaginar que, depois de quatro tardes, ele já estivesse mais íntimo dele do que ela, que já o conhecia desde pequena. Como se ele o entendesse melhor. Era insensato, mesmo que tivesse razão.

Quando, à tarde, se deitou para descansar na casa de Silveira, pôs os velhos

óculos, mas os olhos já não aceitaram.

Estava escuro demais para fotografar quando ele chegou à casa de Mélodie. O flash disparou quando ele, mesmo assim, tirou algumas fotos. Hoje não dava para vê-la atrás das janelas iluminadas. “Uma moça que mal parecia tocar o chão.” O juiz saltara do carro, parara os carros com a sua bengala, abrira o caminho por entre as pessoas e jogara algumas moedas dentro da caixa do violino aberta, sem olhar para a filha. Gregorius olhou para os cedros que haviam surgido vermelhos para Adriana, pouco antes de o irmão lhe enfiar a faca no pescoço.

Então Gregorius viu um homem atrás da janela. Isso resolveu a sua dúvida se devia ou não tocar a campainha. Ele tomou um café e fumou um cigarro no mesmo bar em que já estivera uma vez, exatamente como fizera então. Depois, foi para o terraço do castelo e gravou em sua memória os contornos da Lisboa noturna.

O’Kelly estava prestes a fechar a farmácia. Quando, alguns minutos depois, saiu para a rua, Gregorius seguiu-o a uma distância suficientemente grande para que, dessa vez, ele não o descobrisse. Dobrou a esquina em direção ao clube de xadrez. Gregorius voltou para fotografar a farmácia iluminada.

45

No sábado de manhã, Filipe levou Gregorius de carro até o liceu. Pegaram as coisas de *camping* e Gregorius tirou as imagens de Isfahan das paredes. Depois, dispensou o motorista.

Era um dia ensolarado e quente. Na próxima semana já começaria o mês de abril. Gregorius sentou no musgo dos degraus da escada, em frente à porta da entrada. "Estava sentado no musgo quente das escadarias da entrada, pensando no desejo impositivo do meu pai de que eu me tornasse médico — ou seja, alguém que conseguisse libertar pessoas como ele da dor. Eu o amava pela confiança que me dava e o maldizia por causa da carga esmagadora que ele me impunha com seu desejo comovente."

De repente, Gregorius começou a chorar. Tirou os óculos, escondeu o rosto entre os joelhos e deixou que as lágrimas pingassem no musgo. *Em vão* era uma das expressões preferidas de Prado, contara-lhe Maria João. Gregorius pronunciou as palavras e repetiu-as, lentamente, depois cada vez mais depressa, até as palavras se fundirem e se fundirem também com as lágrimas.

Mais tarde, subiu à sala de aula de Prado e fotografou a vista que dava para a escola de meninas. Da escola de meninas, registrou a vista oposta: a janela em que Maria João vira os pontos luminosos do sol refletido nas lentes do binóculo de Prado.

Gregorius falou dessas fotos para Maria João quando, ao meio-dia, estava sentado na sua cozinha. E então, de repente, algo irrompeu de dentro dele, ele falou do desmaio em Coimbra, do esquecimento da palavra homérica e do medo pânico de um exame neurológico.

Um pouco mais tarde, estavam sentados juntos na mesa da cozinha de Maria João, lendo o que a enciclopédia dela dizia sobre vertigens. As causas podiam ser as mais inofensivas. Maria João lhe mostrou as frases, passava por elas com o dedo indicador, traduzia, repetia as principais palavras.

Tumor. Gregorius apontou para a palavra, mudo. Sim, certamente, admitiu Maria João, mas também era preciso ler todo o resto, principalmente porque neste caso a vertigem era acompanhada por outros sintomas graves que não se verificavam nele.

Ao se despedir, ela disse que tinha ficado muito feliz por ele tê-la levado naquela viagem ao passado. Dessa maneira, ela tinha podido sentir a estranha mistura de proximidade e distância que havia dentro dela quando se tratava de Amadeu. Depois foi até o armário e pegou a grande caixa entalhada. Entregou-lhe o envelope selado com os apontamentos de Prado sobre Fátima.

— Como já lhe disse, não vou lê-los. E acho que ficam bem guardados com o senhor. Talvez, no final das contas, o senhor seja a pessoa que melhor o conhece. Estou muito agradecida pela maneira como o senhor fala dele.

Quando, mais tarde, Gregorius estava na barca que atravessava o Tejo, viu a imagem de Maria João acenando para ele até ele sumir do seu campo de visão. Era a pessoa que ele conhecera por último e, ao mesmo tempo, aquela de quem ele mais sentiria falta. No final, perguntara se ele lhe escreveria quando soubesse os resultados do exame.

46

Quando viu Gregorius na porta, João Eça contraiu os olhos e seus traços endureceram como alguém que está se armando contra uma grande dor.

— É sábado — disse.

Sentaram-se nos lugares de sempre. Faltava o tabuleiro de xadrez, a mesa parecia nua.

Gregorius falou-lhe das vertigens, do seu medo, dos pescadores no fim do mundo.

— Quer dizer que você não vem mais — disse Eça.

Em vez de falar de Eça e de suas preocupações, Gregorius falou de si mesmo, o que ele estranharia no caso de qualquer outra pessoa. Não com esse homem torturado, fechado, solitário. Suas palavras estavam entre as mais preciosas que ele jamais escutara.

Se as vertigens se revelassem inofensivas e os médicos conseguissem dar um cabo nelas, ele voltaria, disse Gregorius. Voltaria para aprender português e escrever a história do movimento de resistência de Portugal. Disse-o com voz firme, mas a confiança que se esforçou em transmitir soou vazia, e tinha certeza de que para Eça também soava assim.

Com as mãos trêmulas, Eça tirou o tabuleiro da prateleira e dispôs as figuras. Durante algum tempo ficou sentado com os olhos fechados. Depois, levantou-se para buscar uma coletânea de partidas famosas.

— Veja aqui: Alekhine contra Capablanca. Eu gostaria de refazer esta partida com você.

— A Arte contra a Ciência — disse Gregorius.

Eça sorriu. Gregorius queria ter captado aquele sorriso numa foto.

Às vezes, tentava imaginar como é que seriam os últimos minutos depois de ingerir os comprimidos fatais, disse Eça no meio da partida. A princípio, talvez o alívio por tudo estar acabando finalmente, escapando-se do sofrimento indigno. Um sopro de orgulho pela própria coragem. Um lamento por não se ter tido mais

coragem. Um último resumo, certificar-se pela última vez de que aquilo fora a coisa certa e que seria errado chamar a ambulância. A esperança de manter a serenidade até o final. Esperar pelo efeito do remédio, pela sensação mortiça nos lábios e nas pontas dos dedos.

— E depois, de repente, um pânico louco, a revolta, o desejo insano de que ainda não acabe tudo. Uma inundação interior, uma torrente impetuosa e fervente de vontade de viver, que varre tudo para o lado e faz todos os pensamentos, todas as decisões parecerem artificiais, fictícios, ridículos. E depois? E *depois*?

Gregorius admitiu que não sabia e, abrindo o livro de Prado, leu:

Não era evidente, simples e claro em que consistiria o seu pânico se, nesse momento, recebessem a notícia da sua morte iminente? Virei o rosto tresnoitado para o sol da manhã e pensei: eles simplesmente querem mais da substância da vida, por mais leve ou pesada, por mais parca ou farta que essa vida possa ser. Não querem que ela tenha chegado ao fim, mesmo que, depois do fim, já não possam sentir a sua falta — e o saibam.

Eça pediu que ele lhe desse o livro e leu, ele próprio, aquele trecho, e depois toda a conversa com Jorge sobre a morte.

— O'Kelly — disse, finalmente. — Ele está se matando de tanto fumar. "E daí?", dizia ele, quando alguém lhe falava nisso. Vejo o seu rosto na minha frente: "Vá para o inferno." E depois acabou sendo tomado pelo medo. *Merda*.

Começava a anoitecer quando a partida terminou com a vitória de Alekhine. Gregorius pegou a xícara de Eça e tomou o último gole de chá. Na porta, ficaram um em frente ao outro. Gregorius sentiu como dentro dele tudo tremia. As mãos de Eça seguraram os seus ombros e então ele sentiu a cabeça dele encostada na sua face. Eça engoliu em seco, Gregorius sentiu o movimento do seu pomo de adão. Com um gesto brusco que quase o fez perder o equilíbrio, Eça se afastou e abriu a porta, olhando para o chão. Antes de dobrar a esquina do corredor, Gregorius olhou para trás. Eça estava no meio do corredor, olhando para ele. Isso ele nunca fizera antes.

Na rua, Gregorius escondeu-se atrás de um arbusto e esperou. Eça apareceu na varanda e acendeu um cigarro. Gregorius gastou o filme todo.

Não viu nada do Tejo. Viu e sentiu apenas João Eça. Da praça do Comércio, seguiu lentamente em direção ao Bairro Alto e sentou num café perto da casa azul.

47

Gregorius deixou passar 15 minutos, depois mais 15 minutos, depois outros 15 minutos. Adriana. Seria a despedida mais difícil.

Ela veio abrir a porta e logo interpretou corretamente o seu rosto.

— Aconteceu alguma coisa — disse.

Um exame de rotina no consultório de seu médico em Berna, explicou Gregorius. Sim, era possível que ele voltasse. Ficou espantado com a calma com que ela encarou a situação, a sua reação quase o ofendeu.

A respiração dela não era ofegante, mas mais perceptível do que antes. Então, ela tomou um impulso e foi buscar um bloco. Queria ficar com o número de telefone dele em Berna, disse.

Gregorius ergueu as sobrancelhas, surpreso. Ela apontou para uma mesinha no canto onde havia um telefone.

— Desde ontem — disse ela, acrescentando que ainda lhe queria mostrar outra coisa. Subiu à sua frente até o sótão.

Os montes de livros no assoalho do quarto de Amadeu haviam desaparecido. Estavam agora numa estante no canto. Ela o observou com ar de expectativa. Ele acenou com a cabeça, aproximou-se dela e a tocou no braço.

Então ela abriu a gaveta na mesa de Amadeu, desatou a fita que segurava a tampa de papelão e tirou três folhas de papel.

— Ele as escreveu depois do que aconteceu com aquela moça — disse ela.

Seu peito magro subia e descia.

— De repente, a letra ficou tão pequena. Quando vi isso, pensei: ele queria esconder alguma coisa de si próprio.

O seu olhar deslizou pelo texto.

— Isso destrói tudo. Tudo.

Meteu as folhas num envelope e o entregou a Gregorius.

— Ele já não era mais ele próprio. Quero... por favor, leve isso. Para bem longe.

Mais tarde, Gregorius se amaldiçoou. Ele pedira a Adriana para ver mais uma

vez aquele consultório em que Prado salvara a vida de Mendes, onde estava aquele mapa do cérebro e onde ele enterrara o tabuleiro de xadrez de Jorge.

— Ele gosta tanto de trabalhar aqui embaixo — disse Adriana, quando estavam no consultório. — Comigo. Sempre comigo.

Ela passou a mão pela mesa de exames.

— Todos o adoram. Adoram e admiram.

Ela sorriu um sorriso fantasmagoricamente transparente e distante.

— Alguns vêm mesmo sem ter nada. Inventam qualquer sintoma. Só para vê-lo.

Os pensamentos de Gregorius sucediam-se numa velocidade vertiginosa. Foi até a mesa com as seringas antiquadas e pegou uma delas. Sim, as seringas daquele tempo eram assim, disse ele. Que diferença para as atuais!

As palavras não chegaram até Adriana, que se limitou a ajeitar a ponta da toalha de papel na mesa de exames. Havia ainda um resto de sorriso nos seus lábios.

Gregorius perguntou-lhe se ela sabia o que acontecera ao mapa do cérebro. Devia ser valioso por ser raro.

— "Mas afinal por que você precisa do mapa?", eu lhe perguntava às vezes. "Se para você os corpos parecem de vidro." "É simplesmente um mapa", respondia ele. Ele adorava mapas. Mapas geográficos, mapas dos caminhos ferroviários. Em Coimbra, durante o curso, chegou a criticar certa vez um atlas de anatomia que, na época, era sagrado. Os professores não gostavam dele. Ele não tem respeito. Ele é simplesmente tão superior.

Gregorius só viu uma saída. Olhou para o relógio.

— Estou atrasado — disse ele. — Posso usar o seu telefone?

Então ele mesmo abriu a porta e seguiu à frente no corredor.

O rosto de Adriana estava confuso quando ela trancou a porta. Uma ruga vertical dividia a sua testa, fazendo-a parecer alguém em que reinavam a escuridão e a desordem.

Gregorius foi até a escada.

— Adeus — disse Adriana, e abriu a porta da entrada.

Era a voz seca e distante que ele conhecia das primeiras visitas. Ela estava ereta, enfrentando o mundo inteiro.

Gregorius aproximou-se lentamente e parou diante dela. Olhou para os seus olhos. O olhar dela estava fechado, frio. Ele não lhe estendeu a mão. Sabia que ela não lhe daria a sua.

— *Adieu* — disse ele. — Tudo de bom.

E saiu.

48

Gregorius entregou a Silveira as fotocópias do livro de Prado. Errara pela cidade durante mais de uma hora até achar um centro comercial que ainda estava aberto e onde se podia tirar cópias.

— Isso é... — disse Silveira, rouco. — Eu...

Depois falaram das vertigens. Silveira falou da sua irmã que tinha problemas nos olhos e sofria há décadas de tonturas, mas não se tinha conseguido encontrar a causa, ela simplesmente se habituara àquilo.

— Fui com ela ao neurologista uma vez e saí daquele consultório com a impressão de que ainda estávamos na Idade da Pedra. O nosso conhecimento do cérebro ainda é antediluviano. Algumas áreas, alguns padrões de atividades, algumas substâncias. É só o que se sabe. Tive a sensação de que nem sabem o que devem *procurar*.

Conversaram sobre o medo que nasce da incerteza. De repente, Gregorius sentiu que alguma coisa o inquietava. Demorou algum tempo até ele compreender o que era: dois dias atrás, na sua volta, a conversa com Silveira sobre a sua viagem, hoje a conversa com João Eça, agora novamente Silveira. Duas intimidades podiam se bloquear, impedir-se, envenenar-se mutuamente? Ele sentiu-se aliviado por não ter contado nada a Eça sobre o desmaio na biblioteca de Coimbra. Assim tinha ao menos uma coisa que podia partilhar só com Silveira.

Silveira lhe perguntou agora sobre a palavra homérica que ele havia esquecido.

— λιστρον — disse Gregorius. — Uma enxada para limpar o chão da sala.

Silveira riu. Gregorius se juntou a ele, riram e riram, às gargalhadas, dois homens que, por um momento, conseguiram vencer todo o medo, toda a tristeza, o desapontamento e todo o seu desalento. Que estavam unidos de um jeito precioso pelo riso, embora o medo, a tristeza e o desapontamento fossem só seus e criassem toda a sua solidão muito particular.

Quando o riso se acalmou e ele voltou a sentir todo o peso do mundo,

Gregorius se lembrou de como rira com João Eça sobre o almoço sem graça do asilo.

Silveira foi até o seu escritório e voltou com o guardanapo em que Gregorius lhe anotara, no vagão-restaurante do trem noturno, em hebraico: *E Deus disse: faça-se a Luz. E a luz se fez!* Silveira pediu que ele lesse aquilo novamente para ele. Em seguida, pediu que ele escrevesse para ele alguma coisa da Bíblia em hebraico.

Gregorius não resistiu e escreveu: "No início era a palavra e a palavra estava em Deus e Deus era palavra. Todas as coisas foram através dela feitas, e sem ela nada do que foi feito poderia ser feito. Nela estava a vida e a vida era a luz dos homens."

Silveira foi buscar a sua Bíblia e leu estas frases iniciais do Evangelho segundo São João.

— Então a palavra é a luz dos homens — disse. — E as coisas só passam a existir depois que foram nomeadas através das palavras.

— E as coisas têm que ter um ritmo — acrescentou Gregorius. — Um ritmo como têm, por exemplo, as palavras no Evangelho segundo São João. Só depois que se transformam em poesia lançam verdadeiramente luz nas coisas. Na luz mutante das palavras, as mesmas coisas podem parecer completamente distintas.

Silveira olhou para ele.

— É por isso que dá vertigem quando falta uma palavra diante de 300 mil livros.

Eles riram e riram mais e mais, olharam um para o outro e sabiam que também estavam rindo sobre risos passados e sobre o fato de que se ri melhor daquilo que mais importa.

Mais tarde, Silveira lhe perguntou se ele podia lhe ceder as fotografias de Isfahan. Eles penduraram as imagens no escritório de Silveira. Silveira se sentou à sua mesa de trabalho, acendeu um cigarro e observou as imagens.

— Queria que a minha ex-mulher e os meus filhos vissem isso — disse.

Antes de irem dormir, permaneceram alguns momentos em silêncio no hall.

— Pena que isso também já se acabou — disse Silveira. — Refiro-me à sua estadia na minha casa.

Gregorius não conseguiu pegar no sono. Imaginou como o seu trem se poria em movimento, na manhã seguinte, sentiu aquele primeiro solavanco. Amaldiçoou as vertigens e o fato de Doxiades ter razão.

Acendeu a luz e leu o que Prado escrevera sobre a intimidade.

INTIMIDADE IMPERIOSA.

Na intimidade estamos entrelaçados e os laços invisíveis são como uma corrente libertadora. Esse entrelaçamento é imperioso: exige exclusividade. Partilhar seria trair. Mas nós não gostamos, amamos ou tocamos uma única pessoa. Fazer o quê, então? Gerir as várias intimidades? Fazer uma contabilidade minuciosa de temas, palavras, gestos? De conhecimentos e segredos comuns? Isso seria um veneno que pinga silenciosamente, gota a gota.

Começava a amanhecer quando ele mergulhou num sono irrequieto e sonhou com o fim do mundo. Foi um sonho melodioso sem instrumentos nem sons, um sonho de sol, vento e palavras. Os pescadores com suas mãos rudes gritavam coisas rudes uns aos outros, o vento salgado dispersava as palavras, incluindo aquela de que ele se esquecera. Agora estava dentro d'água, mergulhando bem para baixo, ele nadava com toda a força para o fundo, sentindo o prazer e o calor nos músculos quando eles se contraíam contra o frio. Precisava abandonar o cargueiro das bananas, tinha pressa, assegurou aos pescadores que aquilo não tinha nada a ver com eles, mas eles se defenderam e o olharam com estranheza quando ele desembarcou com o seu saco de marinheiro, acompanhado pelo sol, pelo vento e pelas palavras.

QUARTA PARTE

O Regresso

49

Gregorius continuou acenando até mesmo quando Silveira já tinha desaparecido do seu campo de visão.

— Será que existe em Berna alguma fábrica de porcelana? — perguntara ele, ainda na estação.

Da janela do trem, Gregorius fizera uma foto: Silveira protegendo o cigarro contra o vento tentando acendê-lo.

As últimas casas de Lisboa. Ontem ainda ele fora à livraria religiosa no Bairro Alto, onde encostara a testa na vitrine úmida de neblina antes de tocar pela primeira vez a campainha da casa azul. Naquele momento, tivera de lutar contra a tentação de ir até o aeroporto e pegar o primeiro avião para Zurique. Agora precisava lutar contra a tentação de saltar na próxima estação.

Se a cada metro que o trem avançasse se apagasse uma lembrança, e se, além disso, o mundo voltasse a se transformar, pedaço a pedaço, em seu estado original, voltando a ficar como sempre fora quando chegasse à estação de Berna, o tempo da sua estada estaria aniquilado?

Gregorius procurou o envelope que Adriana lhe dera. "Isso destrói tudo. Tudo." Aquilo que ele leria dentro de pouco tempo fora escrito por Prado depois da viagem à Espanha. "Depois da moça." Ele se lembrou do que ela dissera sobre a sua volta da Espanha: saltara do táxi com a barba por fazer e o rosto chupado, devorara tudo o que ela lhe pusera à frente, depois tomara um remédio para dormir e dormira um dia e uma noite.

Enquanto o trem seguia rumo a Vilar Formosa, onde atravessariam a fronteira, Gregorius traduziu o texto que Prado escrevera em letras minúsculas.

cinzas da futilidade. *Faz uma eternidade que Jorge me ligou no meio da noite porque o medo da morte o atacara. Não, não foi há uma eternidade. Foi num outro tempo, um tempo completamente diferente. E na verdade se passaram apenas três anos, três anos de*

calendário, banais e aborrecidos. Estefânia. Ele falou então de Estefânia. Das Variações Goldberg. *Ela tocara-as para ele, e ele gostaria de ter tocado elas em seu Steinway. Estefânia Espinhosa. Que nome mágico, fascinante, pensei naquela noite. Não queria conhecer essa mulher, nenhuma mulher poderia bastar a este nome, só podia ser uma desilusão. Como podia eu saber então que, na verdade, era o contrário: era o nome que não estava à sua altura.*

O medo de que a vida pudesse ficar incompleta, um torso: a consciência de, definitivamente, não poder se tornar aquele em quem a gente se projetou. Foi assim que interpretamos o medo da morte. Mas como se pode ter medo da falta de plenitude e da coerência interna da vida se já nem as sentimos quando elas se tornam fatos irremediáveis?, perguntei eu então. Jorge pareceu entender. Mas o que foi que ele disse?

Por que eu não folheio, por que eu não vou ver? Por que é que não quero saber o que pensei e escrevi então? De onde vem essa indiferença? Será mesmo indiferença? Ou será que a perda é maior, mais profunda?

Querer saber o que se pensou antes e em que aquilo se transformou, o que se pensa agora. Isso também faz parte da totalidade de uma vida, se é que ela existe. Teria eu então perdido a dimensão daquilo que torna a morte tão assustadora? A fé na harmonia da vida pela qual vale a pena lutar, essa dimensão da plenitude que tentamos resgatar quando morremos?

Lealdade, disse eu ao Jorge. Lealdade. É nisso que inventamos a nossa coerência. Estefânia. Por que a correnteza do acaso não a levou para um outro lugar? Por que logo para nós? Por que é que ela teve de nos colocar diante de um desafio para o qual não estávamos preparados? Um desafio que nenhum de nós conseguiu vencer, cada um de sua maneira?

"Você é muito esfomeado para mim. É maravilhoso estar contigo, mas você é muito esfomeado. Não posso querer esta viagem. Veja, seria a sua viagem, só sua. Nunca poderia ser a nossa." Ela tinha razão: não se pode querer fazer dos outros elementos construtivos da nossa vida, aguadeiros na corrida pela própria felicidade.

Finis terrae. *Nunca me senti tão lúcido quanto ali. Nem tão sóbrio. Desde então, sei que a minha corrida terminou. Uma corrida que eu desconhecia estar correndo, desde sempre. Uma corrida sem concorrentes, sem meta, sem recompensa. Totalidade?* Espejismo*, dizem os espanhóis, eu li essa palavra naqueles dias num jornal, é a única da qual me lembro.* Fata morgana*. Miragem.*

Nossa vida não passa de umas formações fugidias de areia movediça, constituídas por uma rajada de vento e apagadas pela próxima. Construções da futilidade que se dissipam antes mesmo de se constituírem.

"Ele já não era mais ele próprio", dissera Adriana. E ela já não queria ter mais nada a ver com aquele irmão estranho, alienado de si próprio. "Para bem longe."

Quando é que alguém era ele próprio? Quando era como sempre costumava ser? Ou como era quando a lava incandescente dos pensamentos e dos sentimentos enterrava todas as mentiras, as máscaras e as autoilusões? Frequentemente eram os outros que se queixavam que alguém deixou de ser ele próprio. Talvez isso significasse, na verdade: ele não é mais como nós gostaríamos que fosse. No fim das contas, tudo não seria simplesmente uma espécie de grito de guerra contra a ameaça de um abalo daquilo que é habitual, mascarado de interesse e preocupação pelo bem do outro?

Quando o trem seguiu para Salamanca, Gregorius dormiu. Foi então que aconteceu algo que ele ainda não conhecia: ele acordou diretamente para dentro da vertigem. Uma onda de excitação nervosa mal canalizada o atravessou. Ele sentiu-se cair para o fundo e se agarrou desesperadamente nos apoios do assento. Fechar os olhos apenas piorava tudo. Tapou o rosto com as mãos. Já tinha passado.

λιστρον Tudo em ordem.

Por que não tinha pegado um avião? Amanhã de manhã, dentro de 18 horas, estaria em Genebra e, três horas mais tarde, em casa. Ao meio-dia estaria com Doxiades, que resolveria todo o resto.

O trem começou a andar mais devagar. SALAMANCA. E uma segunda placa: SALAMANCA. Estefânia Espinhosa.

Gregorius se levantou, tirou a mala do bagageiro e se segurou até a vertigem passar. Na estação, pisou forte para destruir o colchão de ar que o envolvia.

50

Quando, depois, Gregorius se lembrou da sua primeira noite em Salamanca, parecia que tinha passado horas lutando contra os acessos de tontura, tropeçando por catedrais, capelas e claustros, cego diante da sua beleza, mas completamente dominado por sua força escura. Ficara olhando para altares, cúpulas e cadeiras de coro que imediatamente se sobrepunham em sua memória; duas vezes fora apanhado pelo início de uma missa e acabara assistindo a um concerto de órgão. "Não quero viver num mundo sem catedrais. Preciso da sua beleza e da sua transcendência. Preciso delas contra a vulgaridade do mundo. Quero erguer o meu olhar para seus vitrais brilhantes e me deixar cegar pelas cores etéreas. Preciso do seu esplendor. Preciso dele contra a suja uniformidade das fardas. Quero cobrir-me com o frescor seco das igrejas. Preciso do seu silêncio imperioso. Preciso dele contra a gritaria no pátio da caserna e a conversa frívola dos oportunistas. Quero escutar o som oceânico do órgão, essa inundação de sons sobrenaturais. Preciso dele contra a estridência ridícula das marchas."

Isso tinha sido escrito por Prado aos 17 anos. Um jovem que ardia. Um jovem que, pouco depois, fora com Jorge O'Kelly para Coimbra, onde o mundo inteiro parecia lhes pertencer e onde chegou a duvidar das afirmações dos professores nas salas de aula. Um jovem que, naquela época, nada sabia acerca da correnteza do acaso, das formações de areia movediça e das cinzas da futilidade.

Anos mais tarde, escrevera ao padre Bartolomeu as seguintes linhas: "Há coisas que para nós, os homens, são excessivamente grandes: a dor, a solidão e a morte, mas também a beleza, o sublime e a felicidade. Foi para isso que criamos a religião. E o que acontece quando a perdemos? Acontece que aquelas coisas continuam sendo excessivamente grandes para nós. Resta-nos, então, a poesia da vida de cada um. Mas será ela suficientemente forte para nos sustentar?"

Do seu quarto de hotel Gregorius podia ver a catedral velha e a nova. Quando batia a hora, ele ia até a janela e olhava para as fachadas iluminadas. Foi ali que vivera San Juan de la Cruz. Florence viajara para cá várias vezes enquanto escrevia

sua dissertação sobre ele. Ela viera com outros estudantes, ele não tivera vontade de acompanhá-la. Ele não gostava da maneira como ela e os outros expressavam seu entusiasmo pelos poemas místicos do grande poeta.

Não se podia falar de poesia de maneira exaltada. Poesia era para ser *lida*. Lia-se com a língua. Vivia-se com ela. Sentia-se como ela nos tocava, transformava. Como ela contribuía para que a vida ganhasse uma forma própria, um matiz, uma melodia. Não se falava nisso, muito menos se fazia dela bucha de canhão de uma carreira acadêmica.

Em Coimbra ele se perguntara se, afinal, não teria perdido uma vida na universidade. A resposta era: Não. Voltou mais uma vez a se ver em Paris, sentado no *La Coupole*, arrasando os colegas tagarelas de Florence com a sua língua afiada e os seus conhecimentos de Berna. *Não*.

Mais tarde, ele sonhou que Aurora rodopiava com ele na cozinha de Silveira ao som de música de órgão. A cozinha começou a se ampliar, ele mergulhou fundo e caiu num redemoinho até perder a consciência e acordar.

Foi o primeiro no café da manhã. Depois, foi até a universidade e perguntou onde era a Faculdade de História. Dentro de uma hora, Estefânia Espinhosa ia dar uma aula sobre *Isabel, la Católica*.

No claustro da universidade, os estudantes se acotovelavam sob as arcadas. Gregorius não entendeu nem uma palavra do seu espanhol rápido e preferiu ir logo até o auditório, um espaço revestido de lambris de uma elegância sóbria, monástica, à frente um estrado com um púlpito. A sala começou a se encher. Embora fosse grande, ficou completamente lotada antes do início da aula, e dos lados havia estudantes sentados no chão.

"Eu detestava aquela pessoa, o cabelo comprido, negro, o andar provocante, a saia curta." Adriana a vira quando ainda era uma jovem de 20 e poucos anos. A mulher que entrou agora tinha quase 60. "Viu à sua frente os olhos brilhantes, aquele tom de pele estranho, quase asiático, a gargalhada contagiante, aquele andar requebrado, e simplesmente não queria que tudo aquilo se extinguisse, não podia querer", dissera Eça sobre Prado.

Ninguém poderia querer, pensou Gregorius. Nem agora. Especialmente se a ouvisse falar. Ela tinha uma voz de contralto escura e velada e pronunciava as duras palavras espanholas com um resto de suavidade portuguesa. Logo no início desligara o microfone. Tinha uma voz que podia encher uma catedral. E um olhar que fazia o ouvinte desejar que a aula nunca mais acabasse.

Gregorius entendeu pouco daquilo que ela disse. Ouviu-a como se escuta um instrumento musical, às vezes, de olhos fechados, às vezes, concentrando o olhar em

seus gestos: a mão que afastava da testa os cabelos grisalhos, a outra que segurava uma caneta prateada e desenhava às vezes uma linha no ar para ressaltar determinadas coisas, o cotovelo com que se apoiava na mesa, os dois braços esticados com que cingia a superfície da mesa sempre que começava um tema novo. A moça que começou como empregada dos correios, que tinha uma memória fenomenal, que guardava todos os segredos da resistência, a mulher que não gostava quando O'Kelly segurava a sua cintura na rua, a mulher que sentara ao volante em frente à casa azul e dirigira para salvar a sua vida até o fim do mundo, a mulher que quis ser levada por Prado para a sua viagem, gerando nele uma decepção e uma rejeição tais que culminariam na maior e mais dolorosa lucidez de toda a sua vida, na consciência de ter perdido definitivamente a corrida pela própria felicidade, no sentimento de que a sua vida que começara ardente estava se extinguindo e se transformando em cinzas.

Os empurrões dos estudantes ao se levantarem assustaram Gregorius. Estefânia Espinhosa arrumou os seus papéis na pasta e desceu o degrau do estrado. Vários estudantes aproximaram-se dela. Gregorius saiu e esperou do lado de fora.

Ele se posicionou de forma a vê-la de longe para decidir ainda se iria ou não abordá-la. Então ela veio, acompanhada por uma mulher com a qual conversava como se fosse uma assistente. O coração de Gregorius estava aos pulos quando ela passou por ele. Ele seguiu-as escada acima e percorrendo um longo corredor. A assistente se despediu e Estefânia Espinhosa desapareceu atrás de uma porta. Gregorius viu o seu nome na porta. O nome que não podia lhe bastar.

Lentamente, voltou e se segurou no corrimão. Lá embaixo, ficou parado durante um momento. E voltou a subir as escadas apressadamente. Esperou que a respiração se normalizasse e bateu à porta.

Ela já estava de sobretudo e parecia prestes a sair. Olhou para ele com ar questionador.

— Eu... podemos falar em francês? — perguntou Gregorius.

Ela assentiu com a cabeça.

Hesitante, ele se apresentou e, como tantas outras vezes, mostrou o livro de Prado.

Seus olhos castanho-claros se contraíram. Ela olhava para o livro sem estender a mão para pegá-lo. Os segundos decorreram.

— Eu... por que... entre, por favor.

Ela foi até o telefone e disse a alguém, em português, que agora não podia ir. Em seguida, tirou o sobretudo. Pediu a Gregorius que se sentasse e acendeu um cigarro.

— Tem alguma coisa aí sobre mim? — perguntou, exalando fumaça.

Gregorius negou com a cabeça.

— Então, como é que soube de mim?

Gregorius contou-lhe. Falou de Adriana e de João Eça. Do livro sobre o mar tenebroso que Prado lera até o fim. Das pesquisas no sebo. Do texto da contracapa dos seus livros. Não mencionou O'Kelly. Nem os últimos escritos com a letra minúscula.

Então ela quis ver o livro. E leu. Acendeu um novo cigarro. Em seguida, olhou para o retrato.

— Então ele era assim quando jovem. Nunca tinha visto uma fotografia dele deste tempo.

Gregorius explicou que nem pretendera saltar em Salamanca. Mas depois não resistira. A imagem de Prado era... era tão incompleta sem ela. Mas ele sabia perfeitamente que era um desaforo aparecer assim, de repente, sem avisar.

Ela se levantou e foi até a janela. O telefone tocou. Ela não atendeu.

— Não sei se quero — disse. — Falar daquela época, quero dizer. De qualquer maneira, aqui nunca. Posso levar o livro? Quero ler um pouco, pensar. O senhor vem à minha casa hoje à noite. Então eu lhe digo como me sinto sobre tudo isso.

Ela lhe deu um cartão de visita.

Gregorius comprou um guia e visitou conventos, um depois do outro. Ele não era um homem que precisava ver todas as atrações turísticas. Quando via muita gente se acotovelando diante de alguma coisa, costumava ficar do lado de fora, era o que correspondia ao seu hábito de só ler os best sellers muitos anos depois. Da mesma forma, não foi a avidez turística que o levou a isso agora. Só no meio da tarde é que compreendeu: a convivência com Prado transformara a sua percepção e a sua reação a igrejas e conventos. "Pode haver uma seriedade mais séria do que a seriedade poética?", perguntara a Ruth Gautschi e David Lehmann. Isso o ligava a Prado. Talvez fosse este o elo mais forte. Mas o homem que, de um coroinha ardente, se transformara em um sacerdote ateu, parecia ter dado mais um passo, um passo que Gregorius tentava agora entender, enquanto percorria naves e claustros. Teria ele conseguido projetar a seriedade poética das palavras bíblicas para os prédios que haviam sido criados a partir dessas mesmas palavras? Era *isso*?

Poucos dias antes de Prado morrer, Mélodie o vira saindo de uma igreja. "Quero ler as poderosas palavras da Bíblia. Preciso da força irreal de sua poesia. Amo as pessoas que rezam. Preciso da sua imagem. Preciso dela contra o veneno traiçoeiro do supérfluo e da negligência." Essas tinham sido as sensações da sua juventude. Mas com que sentimentos entrou na igreja o homem que esperava que a

bomba-relógio no seu cérebro explodisse? O homem para quem, depois da viagem ao fim do mundo, tudo se transformara em cinzas?

O táxi que levou Gregorius até a casa de Estefânia Espinhosa teve de parar num sinal vermelho. Ele viu na vitrine de uma agência de viagens um cartaz com cúpulas e minaretes. Como teria sido se, nas terras do Levante azul, com suas cúpulas douradas, ele tivesse escutado todas as manhãs o apelo do muezim? Se a poesia persa tivesse contribuído para determinar a melodia de sua vida?

Estefânia Espinhosa estava de jeans e usava uma suéter azul-escura. Apesar dos cabelos grisalhos, parecia ter 40 e poucos anos. Ela preparara uns sanduíches e serviu chá. Precisava de mais tempo.

Quando notou que o olhar de Gregorius passeava pelas estantes de livros, convidou-o a se aproximar. Ele pegou os pesados volumes de História. Como sabia pouco da Península Ibérica e de sua História, constatou. E lhe contou dos livros sobre o terremoto de Lisboa e a peste negra.

Ela, por sua vez, pediu que ele falasse da filologia clássica e continuou perguntando sempre mais. Ela estava procurando saber que pessoa era essa a quem ela contaria a sua viagem com Prado. Ou apenas precisava de mais algum tempo, pensou Gregorius.

— O latim — disse ela, finalmente. — Tudo começou por causa do latim.

"Havia aquele rapaz, um estudante que nos ajudava nos correios. Um rapazinho tímido que estava apaixonado por mim e achava que eu não percebia isso. Estudava latim. *Finis terrae*, disse ele um belo dia, quando veio parar em sua mão uma carta para Finisterra. Em seguida, recitou um longo poema em latim que falava também do fim do mundo. Aquilo me agradou, ele recitava a poesia em latim sem deixar de separar as cartas. Ele sentiu que eu gostava e continuou o tempo todo, a manhã inteira, a recitar de cor.

"Comecei a aprender latim às escondidas. Ele não podia saber nada, teria interpretado mal o meu interesse. Era tão improvável que alguém como eu, uma simples empregada dos correios com uma formação escolar péssima, aprendesse latim. Tão improvável! Eu já nem sei o que mais me atraiu: a língua ou esta improbabilidade.

"Fiz progressos rápidos, tenho boa memória. Comecei a me interessar pela história romana. Eu lia tudo o que conseguia encontrar, depois também livros sobre história portuguesa, espanhola e italiana. Minha mãe tinha morrido quando eu ainda era pequena e eu morava com o meu pai, um ferroviário. Ele nunca tinha lido livros, no começo achou aquilo estranho, depois ficou orgulhoso, era um orgulho comovedor. Eu tinha 23 anos quando a PIDE veio buscá-lo em casa e o levou para

Tarrafal por suspeita de sabotagem. Mas sobre isso não consigo falar, nem hoje.

"Conheci Jorge O'Kelly poucos meses depois, em um encontro da resistência. A prisão do meu pai tinha sido comentada na filial dos correios e, para o meu espanto, constatei que uma grande quantidade dos meus colegas fazia parte do movimento de resistência. Eu própria despertara de um momento para o outro para coisas políticas com a detenção do meu pai. Jorge era um homem importante no grupo. Ele e João Eça. Ele se apaixonou perdidamente por mim. Claro que me senti lisonjeada. Tentou me transformar numa estrela. Eu tive aquela ideia da escola para analfabetos, onde todos se pudessem encontrar sem levantar suspeitas.

"Foi então que aconteceu. Uma noite, Amadeu entrou na sala. A partir daí, tudo mudou. Uma nova luz caiu sobre as coisas. Com ele aconteceu o mesmo, eu percebi logo naquela noite.

"Eu o queria. Não conseguia mais dormir. Fui procurá-lo várias vezes no consultório, apesar dos olhares de ódio da irmã dele. Ele queria me abraçar, tinha dentro dele uma avalanche prestes a se soltar. Mas ele me repeliu. 'Jorge', repetia. 'Jorge.' Comecei a odiar Jorge.

"Uma vez fui bater lá por volta da meia-noite. Caminhamos por algumas ruas, ali perto. De repente, ele me puxou para uma entrada. A avalanche se soltou. 'Que isso nunca mais volte a acontecer', disse depois, e me proibiu de ir visitá-lo.

"Foi um longo e torturante inverno. Amadeu deixou de aparecer nos nossos encontros. Jorge estava doente de ciúmes.

"Seria exagerado dizer que pressenti o que aconteceria. Sim, seria exagerado. Mas não deixei de achar estranho que eles confiassem cada vez mais na minha memória. 'E se acontecer alguma coisa comigo?', perguntava.

Estefânia saiu da sala. Quando voltou, parecia transformada. Como antes de uma luta, pensou Gregorius. Pelo jeito, passara uma água no rosto e prendera o cabelo num rabo de cavalo. Estava na janela fumando um cigarro com tragos apressados, antes de continuar falando.

— A catástrofe ocorreu no final de fevereiro. A porta se abriu exageradamente devagar. Silenciosamente. Ele usava botas. Não tinha uniforme, mas botas. As botas foram a primeira coisa que vi pela fresta da porta. Depois aquele rosto inteligente, à espreita. Nós o conhecíamos, era Badajoz, um dos homens do Mendes. Imediatamente, fiz aquilo que havíamos combinado tantas vezes e comecei a falar sobre o *ç,* explicar o cedilha aos analfabetos. Depois, durante muito tempo, não podia mais ver um *ç* à minha frente sem ter que pensar no Badajoz. O banco rangeu quando ele se sentou. João Eça me lançou um olhar de advertência. "Agora tudo depende de você", pareceu querer dizer.

“Como sempre, eu usava a minha blusa transparente, era, por assim dizer, o meu traje de trabalho. Jorge a odiava. Então tirei o casaco. O olhar de Badajoz no meu corpo deveria nos salvar. Vi como ele cruzou as pernas, um nojo. Terminei a aula.

“Quando Badajoz se aproximou de Adrião, o meu professor de piano, logo compreendi que tudo estava perdido. Não escutei o que eles falaram, mas Adrião empalideceu e o Badajoz deu um sorriso pérfido.

“Adrião nunca mais voltou do interrogatório. Não sei o que fizeram com ele, nunca mais o vi.

“João insistiu que eu fosse morar na casa de sua tia. Segurança, disse ele, tratava-se de me deixar em segurança. Já na primeira noite ficou claro para mim: não se tratava de mim apenas, mas sobretudo da minha memória. Ou daquilo que ela poderia revelar se me pegassem. Durante aqueles dias me encontrei uma única vez com Jorge. Não nos tocamos, nem com as mãos. Foi fantasmagórico, eu não entendi nada. Só entendi mais tarde, quando Amadeu me disse que eu teria de sair do país.

Estefânia voltou da janela e sentou. Olhou para Gregorius.

— O que Amadeu disse sobre Jorge foi tão monstruoso, tão inacreditavelmente cruel, que a minha primeira reação foi um acesso de riso. Amadeu fez uma cama para mim no consultório antes de partirmos no dia seguinte.

“— Eu simplesmente não acredito — disse eu. — Me matar? — Olhei para ele. — Estamos falando de Jorge, teu amigo.

“— Precisamente — respondeu ele, com uma voz inexpressiva.

“Eu quis saber o que ele tinha dito *ao certo*, mas ele não se mostrou disposto a repetir as palavras.

“Quando depois fiquei sozinha, no consultório, repassei mentalmente tudo o que eu vivenciara com Jorge. Seria ele *capaz* de pensar numa coisa daquelas? Pensar *seriamente*? Fiquei cansada e insegura. Pensei nos seus ciúmes. Pensei nos momentos em que ele me parecera violento e inescrupuloso, se bem que nunca contra mim. No final, eu já não sabia de nada. Simplesmente, não *sabia*.

“No enterro de Amadeu estivemos lado a lado, ele e eu. Os outros já tinham ido embora.

“— Você não acreditou, não? — perguntou ele depois de algum tempo. — Ele me interpretou *errado*. Foi um mal-entendido, uma simples questão de mal-entendido.

“— Agora já não importa mais — disse eu.

"Nós nos separamos sem nos tocarmos. Nunca mais ouvi falar dele. Ainda está vivo?

Depois da resposta de Gregorius, o silêncio se instalou por algum tempo. Finalmente, ela se levantou e tirou da estante o seu exemplar de *O mar tenebroso*, o grande livro que estivera na mesa de trabalho de Amadeu.

— E ele leu isso até o final? — perguntou ela.

Ela sentou-se com o livro no colo.

— Foi simplesmente demais para uma jovem de 25 anos. O episódio com Badajoz, a fuga no meio da noite para a casa da tia de João, aquela noite no consultório de Amadeu, aquela terrível ideia de Jorge, a viagem ao lado do homem que me tinha roubado o sono. Eu estava completamente confusa.

"Viajamos durante uma hora sem trocar uma palavra sequer. Eu me sentia aliviada por poder me ocupar com a direção e o câmbio. João dissera que devíamos passar a fronteira no Norte, na Galícia.

"— Então vamos até Finisterra — disse eu, e lhe contei o episódio do estudante de latim.

"Ele pediu para parar e fizemos amor. Depois ele me pediu isso várias vezes, cada vez mais. A avalanche se soltara. Ele me procurava. Mas foi precisamente assim: ele não procurava a *mim*, ele buscava *a vida*. Ele queria cada vez mais, com mais rapidez, mais avidez. Não que tivesse sido rude ou agressivo. Ao contrário, eu nem imaginava que ele podia ser capaz de tanta ternura. Mas ele me devorou, me sugou para dentro de si, tinha uma tal sofreguidão de vida, de seu ardor, dos seus desejos. E ele não tinha menos fome do meu espírito do que do meu corpo. Naquelas poucas horas, quis conhecer toda a minha vida, as minhas recordações, meus pensamentos, as minhas fantasias, os meus sonhos. *Tudo*. E compreendia tudo com uma rapidez e uma exatidão que, depois de um espanto inicial, me deu medo, pois a sua percepção desenfreada derrubava todas as barreiras protetoras.

"Nos anos que se seguiram passei a fugir toda vez que alguém começava a me compreender. Isso melhorou. Mas uma coisa permaneceu: não quero que alguém me compreenda totalmente. Quero passar pela vida sem ser reconhecida. A cegueira dos outros é a minha segurança e a minha liberdade.

"Embora pareça hoje que Amadeu estava apaixonadamente interessado por *mim*, não era bem assim. Não se pode dizer que aquilo foi um *encontro*. Com tudo o que ele soube de mim absorvia também a própria *substância vital*, de uma maneira insaciável. Para dizer com outras palavras, eu não era *alguém* para ele, e sim um *palco* de vida, um palco ao qual se agarrou como se, até ali, tivesse sido enganado. Como

se ele ainda quisesse voltar a viver uma vida inteira antes que a morte se apoderasse dele.

Gregorius falou do aneurisma e do mapa do cérebro.

— Meu Deus — disse ela, em voz baixa.

Em Finisterra, haviam ficado sentados na praia, vendo um navio passar ao longe.

"Vamos pegar um navio", disse ele, "de preferência um que vá para o Brasil. Belém, Manaus. O Amazonas. Calor e umidade. Adoraria escrever sobre isso, sobre cores, cheiros, plantas pegajosas, a mata que pinga, animais. Até agora, sempre só escrevi sobre a alma."

"Aquele homem para quem a realidade nunca era demais", dissera Adriana.

— Não se tratava de um romantismo adolescente ou de *kitsch* de um homem de meia-idade. Era *genuíno*, era *real*. E, no entanto, não tinha nada a ver *comigo*. Ele queria me levar para uma viagem que, no fim das contas, seria apenas *dele*, uma viagem interior para as regiões desdenhadas da sua alma.

"— Você é muito esfomeado para mim — lembro de ter dito para ele. — Não posso, é simplesmente demais, não *consigo*.

"Naquela noite em que ele me puxou para a entrada de um prédio, eu estava disposta a segui-lo até o fim do mundo. Mas naquele momento eu não conhecia ainda aquela sua fome terrível. Sim, porque, de alguma forma, era terrível aquela sua avidez de vida. Era de uma força devoradora, destruidora. Assustadora. Terrível.

"Minhas palavras devem tê-lo ferido terrivelmente. A partir daquele momento, ele não pegou mais um quarto de casal, pagava dois quartos de solteiro. Quando nos encontramos, mais tarde, ele tinha mudado de roupa. Parecia muito controlado, extremamente formal, correto. Só então compreendi: as minhas palavras o tinham deixado com a sensação de ter perdido a dignidade, e todo aquele formalismo, a correção, não significavam mais do que uma tentativa inábil de me demonstrar que havia reconquistado essa mesma dignidade. Na verdade, eu nem vira aquilo dessa maneira. Para mim, não tinha havido nada de indigno em sua paixão, nem na avidez. Nada há nos desejos que os torne indignos.

"Apesar de estar completamente exausta, não preguei o olho naquela noite.

"Na manhã seguinte, ele disse, laconicamente, que ainda passaria alguns dias ali — e nada teria exprimido melhor a sua absoluta e definitiva retirada interior do que esse laconismo.

"Nós nos despedimos com um aperto de mão. Seu último olhar estava fechado, lacrado. Ele voltou até o hotel sem se virar uma única vez e, antes de eu dar partida no carro, esperei em vão por um sinal seu na janela.

“Depois de uma meia hora insuportável ao volante, voltei para o hotel. Bati à sua porta. Ele estava perfeitamente calmo, sem qualquer hostilidade, quase sem reação. Tinha-me excluído de sua alma, para sempre. Não tenho a menor ideia de quando voltou para Lisboa.

— Depois de uma semana — disse Gregorius.

Estefânia lhe devolveu o livro.

— Passei a tarde toda lendo. Primeiro, fiquei horrorizada. Não sobre ele. Sobre mim. Por não fazer a menor ideia de quem ele era. De como era lúcido em relação a si próprio. Impiedosamente lúcido. E aquela tremenda capacidade de se exprimir. Fiquei com vergonha de ter dito para um homem daqueles: “Não te quero, você é muito esfomeado.” Mas depois, aos poucos, entendi que foi certo dizer aquilo. E teria sido acertado mesmo depois de conhecer os seus pensamentos.

Era perto da meia-noite. Gregorius não queria ir embora. Berna, o trem, as tonturas — tudo estava tão distante. Quis saber como uma funcionária dos correios tinha se transformado em uma professora universitária. Ela respondeu, de forma lacônica, quase reservada. Também existia isso: alguém se abrir totalmente no que diz respeito ao passado remoto, mas se manter lacrado em relação ao passado recente e ao presente. A intimidade tem o seu próprio tempo.

Estavam na porta quando ele tomou uma decisão. Tirou da pasta o envelope com os últimos apontamentos de Prado.

— Creio que essas frases sejam suas, mais do que de qualquer outra pessoa — disse ele.

51

Gregorius estava diante da vitrine de uma agência imobiliária. Dentro de três horas seu trem partiria para Irún e Paris. Sua mala estava num escaninho da estação. Estava pisando firme no pavimento. Leu os preços e pensou nas suas economias. Aprender espanhol, a língua que, até então, ele deixara para Florence. Viver na cidade do herói sagrado dela. Assistir às palestras de Estefânia Espinhosa. Estudar a história dos inúmeros conventos. Traduzir os apontamentos de Prado. Estudar e discutir as frases com Estefânia, uma a uma.

Na agência, marcaram três visitas a apartamentos nas próximas duas horas. Gregorius viu apartamentos vazios que ecoavam. Examinou a vista, o ruído do trânsito, imaginou a rotina diária de subir e descer as escadas. Mostrou interesse por dois dos apartamentos. Depois, pegou um táxi e cruzou a cidade.

— Continue — dizia ao taxista. — *Siempre derecho, más y más.*

Quando finalmente chegou à estação, tentou abrir o escaninho errado e acabou tendo que correr para pegar o trem.

No compartimento, adormeceu e só voltou a acordar quando o trem parou em Valladolid. Uma jovem entrou. Gregorius levantou-se e colocou a sua mala no espaço das bagagens.

— Muito obrigada! — disse ela, em português, sentou perto da porta e começou a ler um livro francês. Quando cruzou as pernas ouviu-se o ruído de uma fricção de tecidos sedosos.

Gregorius observou o envelope lacrado que Maria João não quisera abrir. "Isso você só pode ler depois da minha morte", dissera Prado. "E não quero que caia nas mãos de Adriana." Gregorius rompeu o lacre, tirou as folhas do envelope e começou a ler.

POR QUE TU, ENTRE TODAS? *Eis uma pergunta que, em algum momento da vida, surge para qualquer um de nós. Por que parece tão perigoso deixá-la brotar, mesmo se isso*

acontece apenas dentro de nós? O que há de tão assustador na ideia de casualidade que ela evoca e que não é a mesma ideia da arbitrariedade e da permutabilidade? Por que não podemos simplesmente aceitar essa casualidade e brincar com ela? Por que pensamos que ela diminuiria o afeto e até o anularia se a reconhecêssemos como algo perfeitamente natural?

Eu te vi no meio do salão, passando por entre cabeças e taças de champagne. "Aquela é Fátima, minha filha", disse o teu pai. "Eu poderia imaginá-la percorrendo as salas da minha casa", disse para ti depois, no jardim. "Continuas conseguindo me imaginar percorrendo as tuas salas?", perguntaste na Inglaterra. E, no navio: "Acreditas que fomos destinados um para o outro?"

Ninguém é destinado para um outro. Não apenas porque não existe um destino, mas porque tampouco existe alguém que seja capaz de manipular as vidas a esse nível. Não: acima de tudo porque, entre as pessoas, não existe nenhuma obrigatoriedade que possa transcender as necessidades casuais e o poder dominador do hábito. Eu tinha cinco anos de prática na clínica geral, cinco anos em que ninguém passeara pelas salas da minha casa. Estava lá por mero acaso, tu passaste por ali, por acaso, entre nós os copos de champagne. Foi assim que as coisas aconteceram. Simplesmente assim, de nenhuma outra maneira.

É melhor que nem leias isso. Por que achaste que tinhas de te aliar à minha mãe contra o meu ateísmo? Não é por ser um defensor do acaso que uma pessoa deixa de amar menos. E nem se torna menos fiel — talvez até mais.

A jovem no compartimento tirara os óculos e os estava limpando. Seu rosto guardava pouca semelhança com o rosto da portuguesa sem nome na ponte de Kirchenfeld. Mas havia algo que ambas tinham em comum. A distância desigual entre as sobrancelhas e o nariz — uma sobrancelha parava antes da outra.

Gregorius disse que gostaria de tirar uma dúvida. Se a palavra *glória*, em português, além de *fama* também poderia significar *felicidade* no sentido religioso.

Ela refletiu um pouco, depois concordou.

E se um ateu poderia usá-la ao falar daquilo que sobra quando se subtrai a felicidade religiosa da felicidade religiosa.

Ela riu.

— *Que c'est drôle! Mais... oui. Oui.*

O trem deixou a estação de Burgos. Gregorius continuou lendo.

UM MOZART DO FUTURO ABERTO. *Vinhas descendo a escada. Como milhares de vezes antes, fiquei observando como cada vez mais de você ficou visível, enquanto a cabeça se manteve oculta até o final pela escada do lado contrário. Eu sempre completei em pensamento a parte ainda escondida. E sempre da mesma maneira. Estava claro quem estava descendo ali.*

Naquela manhã, no entanto, tudo de repente foi diferente. Na véspera, as crianças que jogavam bola haviam quebrado a vidraça colorida. A luz nas escadas agora era diferente do que normalmente — em vez da luz dourada, velada, que lembrava a iluminação de uma igreja, os raios do sol entravam diretamente. Era como se essa nova luz tivesse aberto uma brecha nas minhas expectativas habituais, como se algo se rasgasse e exigisse de mim novos pensamentos. De repente, fiquei curioso por ver o teu rosto. Essa súbita curiosidade me deixou feliz, mas, ao mesmo tempo, sobressaltado. Fazia muitos anos que o tempo da curiosidade sedutora havia terminado e que a porta se fechara atrás da nossa vida conjunta. Por que, Fátima, foi preciso que uma vidraça estilhaçasse para que eu pudesse voltar a te ver com o olhar desimpedido?

Tentei fazer o mesmo contigo, Adriana, mas a nossa familiaridade se tornara pesada como chumbo.

Por que o olhar desimpedido é tão pesado? Somos seres indolentes, carentes do que nos é habitual. A curiosidade como luxo raro numa sucessão de rotinas. Manter a firmeza e poder jogar com a possibilidade da abertura, a cada momento que passa, isso seria uma forma de arte. Seria preciso ser Mozart. Um Mozart do futuro aberto.

San Sebastian. Gregorius consultou o folheto com o horário. Em breve teria de trocar para o trem que ia para Paris. A mulher cruzou as pernas e continuou lendo. Ele tirou a última folha do envelope lacrado.

MINHA QUERIDA ARTISTA NA AUTOILUSÃO. *Muitos dos nossos desejos e pensamentos permanecem ocultos para nós mesmos e muitas vezes são os outros que melhor os compreendem? Quem é que alguma vez acreditou em outra coisa?*

Ninguém. Ninguém que viva e respire com uma pessoa. Conhecemo-nos um ao outro até o mais ínfimo estremecimento do corpo e das palavras. Sabemos, e, frequentemente, não queremos saber o que sabemos. Principalmente quando a lacuna entre aquilo que vemos e aquilo em que o outro acredita se torna insuportavelmente grande. Seriam necessárias uma coragem e uma força divinas para que se pudesse viver

em perfeita sintonia com a verdade. É o que sabemos, também de nós mesmos. Não há motivo para presunção.

E se ela for uma verdadeira virtuosa da autoilusão, que me antecipa sempre com uma nova finta? Será que eu deveria te enfrentar e dizer: "Não, estás te iludindo a ti própria, você não é assim"? Isso fiquei te devendo. Se é que fiquei devendo alguma coisa.

Mas como uma pessoa pode saber o que deve à outra nesse sentido?

Irún. *Isso ainda não é Irún*. Tinham sido as primeiras palavras que ele dissera a alguém em português. Fazia cinco semanas, e também fora num trem. Gregorius tirou a mala da jovem do bagageiro.

Pouco depois de ter tomado assento no trem para Paris, a jovem passou no seu compartimento. Ela já tinha quase desaparecido quando parou, de repente, inclinou-se para trás, olhou para ele, hesitou um momento e acabou entrando. Ele colocou a sua mala no bagageiro.

Respondendo à sua pergunta, ela explicou que escolhera aquele trem muito mais lento porque queria ler aquele livro, *Le silence du monde avant les mots*. Para ela, não havia melhor lugar para ler do que num trem. Em nenhum outro lugar ela ficava tão receptiva para novidades. Dessa forma, ela se tornara uma especialista em trens lentos. Ela também estava viajando para a Suíça, para Lausanne. Sim, exatamente, chegada amanhã de manhã em Genebra. Pelo jeito, ambos haviam escolhido o mesmo trem.

Gregorius escondeu o rosto atrás do sobretudo. O seu motivo para escolher o trem lento fora outro. Ele não queria chegar em Berna. Não queria que Doxiades tirasse o telefone do gancho e reservasse um lugar numa clínica. Até Genebra ainda faltavam 24 estações. Vinte e quatro oportunidades para saltar do trem.

Ele mergulhou cada vez mais fundo. Os pescadores riram quando ele passou dançando com Estefânia Espinhosa pela cozinha de Silveira. E havia todos aqueles conventos, de onde se podia entrar para todos os apartamentos vazios, que ecoavam. O seu vazio que ecoava apagara a palavra homérica. Ele acordou sobressaltado. λιστρον. Foi ao toalete e lavou o rosto.

Enquanto ele dormia, a mulher apagara a luz do teto e acendera a sua pequena lâmpada de leitura. Não parara de ler. Quando Gregorius voltou, ela olhou para ele um breve instante e esboçou um sorriso distraído.

Gregorius escondeu o rosto atrás do sobretudo e imaginou a jovem que lia. "Estava lá por mero acaso, tu passaste por ali, por acaso, entre nós os copos de champagne. Foi assim que as coisas aconteceram. Simplesmente assim, de nenhuma outra maneira."

Podiam pegar um táxi juntos até a gare de Lyon, propôs a mulher, quando o trem chegou a Paris, pouco depois da meia-noite. *La Coupole*. Gregorius inspirou o perfume da mulher a seu lado. Não queria ser internado. Não queria cheirar o ar de uma clínica. O ar que ele enfrentara ao visitar os pais moribundos nos quartos de três camas abafados e sobreaquecidos onde, mesmo depois de arejar, sempre recendia a urina.

Quando ele acordou, por volta das quatro da manhã, atrás de seu sobretudo, a jovem adormecera com o livro aberto no colo. Ele apagou a lâmpada de leitura por cima da sua cabeça. Ela se virou para o lado e escondeu o rosto atrás do sobretudo.

Amanheceu. Gregorius não queria que clareasse.

O garçom do vagão-restaurante passou pelo corredor com o carrinho de bebidas. A jovem acordou. Gregorius lhe passou um copo de café. Em silêncio, eles viram como o sol se erguia por trás de um fino véu de nuvens. Era estranho, disse a mulher de repente, que a palavra glória servisse para exprimir duas coisas tão diferentes: a fama exterior e ruidosa e a felicidade serena e interior. E, decorrido algum tempo:

— Felicidade — de que estamos falando, afinal?

Gregorius carregou a sua mala pesada pela estação de Genebra. No vagão sem compartimentos do trem suíço as pessoas falavam alto e riam. A mulher notou sua irritação, apontou para o título do seu livro e riu. Ele também teve que rir. No meio do seu riso, a voz do alto-falante anunciou Lausanne. A jovem se levantou e ele tirou a sua mala do bagageiro. Ela olhou para ele.

— *C'était bien, ça*. Foi bom, isso — disse.

Em seguida, saiu.

Fribourg. Gregorius sentiu ânsia de vômito. Foi até o castelo e olhou para a Lisboa noturna. Estava atravessando o Tejo na barca. Sentado na cozinha de Maria João. Percorrendo os conventos de Salamanca e assistindo à aula de Estefânia Espinhosa.

Berna. Gregorius saltou do trem. Depositou a mala no chão e esperou. Quando a pegou e continuou andando, foi como se estivesse abrindo caminho pelo chumbo.

52

Ele depositara a mala no apartamento gelado e fora diretamente até a loja de fotos. Agora estava sentado na sala.

Dali a duas horas poderia ir buscar as fotografias. O que poderia fazer até lá? O telefone ainda estava fora do gancho e o lembrou daquela conversa noturna com Doxiades. Isso fazia cinco semanas. Nevava na época. Agora, as pessoas andavam sem sobretudo. Mas a luz ainda era pálida, não havia comparação com a luz sobre o Tejo.

O disco do curso de português ainda estava no prato. Gregorius ligou o aparelho e comparou as vozes com as das pessoas no velho bonde de Lisboa. Foi de Belém para a Alfama e seguiu de metrô até o liceu.

A campainha tocou. O capacho, ela sempre sabia quando ele estava em casa por causa do capacho, disse a Sra. Loosli. Ela lhe entregou uma carta da direção escolar que chegara na véspera. O restante das cartas ela reenviara para o endereço de Silveira. Disse que ele estava pálido e perguntou se estava se sentindo bem.

Gregorius leu os números da direção escolar e voltou a esquecê-los enquanto ainda lia. Foi à loja de fotografia antes da hora e teve que esperar. Voltou quase correndo.

Um filme inteiro só para a porta iluminada de O'Kelly. Quase sempre ele apertara o botão atrasado. Por três vezes tinha conseguido pegar o farmacêutico fumando. O cabelo desgrenhado. O grande nariz carnudo. A gravata eternamente torta. "Comecei a odiar Jorge." Desde que soubera da história com Estefânia Espinhosa, pensou Gregorius, o olhar de O'Kelly lhe parecia falso. Malicioso. Como naquele dia quando ele ficara observando da mesa ao lado enquanto ele, Gregorius, se incomodava com o ruído nojento de Pedro fungando e puxando o catarro.

Gregorius aproximou os olhos das fotos. Onde estava o olhar cansado e bondoso que chegara a ver antes naquele rosto de camponês? O olhar com a tristeza pelo amigo perdido? "Éramos como irmãos. Mais do que irmãos. Eu sempre pensei que nunca nos iríamos perder." Gregorius não encontrou mais esses olhares antigos. "A

abertura ilimitada do espírito é simplesmente impossível. Ultrapassa as nossas capacidades. Solidão por obrigação de se calar, isso também existe." Agora voltara a vê-los, esses olhares.

"Será a alma um lugar de fatos? Ou serão os supostos fatos apenas uma sombra fictícia das nossas histórias?", questionara-se Prado. Isso também era válido para olhares, pensou Gregorius. Os olhares não estão aí simplesmente e são lidos. Os olhares são sempre interpretados. Só assim podem existir.

João Eça ao cair da tarde, na varanda do lar de idosos. "Não quero ficar ligado a tubos ou uma bomba. Só para prolongar tudo por mais algumas semanas." Gregorius sentiu o chá escaldante que bebera da xícara de João.

As fotos da casa de Mélodie, que ele tirara na escuridão, não tinham saído.

Silveira na estação, protegendo o cigarro contra o vento para poder acendê-lo. Hoje estaria viajando mais uma vez para Biarritz e se questionaria, mais uma vez, por que continuava a fazer aquilo.

Gregorius reviu as fotos mais uma vez. E outra. Sob o seu olhar, o passado começou a congelar. A memória iria selecionar, retocar, mentir. O que era mais pérfido nisso é que, mais tarde, as omissões, as distorções e as mentiras não poderiam mais ser reconhecidas. Não havia nenhum ponto de vista exceto a memória.

Uma tarde normal de quarta-feira na cidade em que passara a sua vida. O que deveria ele fazer?

As palavras do geógrafo muçulmano El Edrisi sobre o fim do mundo. Gregorius foi buscar as folhas em que traduzira, em Finisterra, as suas palavras para o latim, o grego e o hebraico.

De repente, soube o que queria fazer. Queria fotografar Berna. Captar tudo aquilo com que vivera ao longo de todos os anos. Os prédios, as ruas, as praças que tinham sido muito mais do que meros cenários de sua vida.

Na loja de artigos fotográficos ele comprou filmes e passou o resto do tempo, até o crepúsculo, percorrendo as ruas da Länggasse em que tinha passado a sua infância. Agora que as observava a partir de diferentes ângulos e com a atenção do fotógrafo, elas apareciam bem distintas. Ele fotografou longamente, continuou fotografando quando já estava dormindo. Às vezes, acordava e não sabia mais onde estava. Quando estava sentado no canto da cama, não tinha mais certeza se o olhar distanciado e calculista do fotógrafo era o olhar certo para se apropriar do mundo de toda uma vida.

Ele continuou na quinta-feira. Descendo a Altstadt, pegou o elevador do Universitätsterrasse e optou por cruzar a estação. Assim podia evitar a

Bubenbergplatz. Encheu um filme depois do outro. Viu a catedral como nunca a vira. Um organista estava praticando. Pela primeira vez depois de voltar, teve uma tontura e se apoiou no banco da igreja.

Ele levou os filmes para revelar. Quando, depois, foi à Bubenbergplatz, foi como se estivesse tomando impulso para enfrentar algo grande e difícil. Parou no monumento. O sol desaparecera, um céu de uma cor cinza homogênea estendia-se sobre a cidade. Ele esperara conseguir sentir se podia voltar a tocar a praça. Não sentiu nada. Não era como antes, e não era como durante a sua breve estada três semanas atrás. Como era, então? Ele estava cansado e se virou para ir embora.

— Afinal, gostou do livro do ourives?

Era o livreiro da livraria espanhola que lhe estendia a mão.

— Cumpriu o que prometeu?

— Sim — disse Gregorius. — Totalmente.

Ele o disse de um jeito seco. O livreiro percebeu que ele não estava querendo conversa e se despediu rapidamente.

O cinema Bubenberg trocara a programação, não estava mais levando o filme sobre Simenon, com Jeanne Moreau.

Gregorius esperou impacientemente pelos filmes revelados. Kägi, o reitor, dobrou a esquina. Gregorius se escondeu na entrada de uma loja. "Há momentos em que minha mulher parece que está se desfazendo", escrevera ele. Agora ela estava internada na clinica psiquiátrica. Kägi parecia cansado e mal percebia o que acontecia à sua volta. Por um momento, Gregorius sentiu o impulso de conversar com ele. Mas essa sensação logo se dissipou.

Os filmes ficaram prontos e ele se sentou no restaurante do Hotel Bellevue para abrir os envelopes. Eram imagens estranhas, não tinham nada a ver com ele. Ele as colocou de volta no envelope e, enquanto comia, tentou em vão descobrir o que esperara delas.

Na escada do seu prédio ele teve uma vertigem intensa e precisou se agarrar no corrimão com as duas mãos. Depois, passou a noite inteira sentado ao lado do telefone, imaginando o que inevitavelmente iria acontecer se ligasse para Doxiades.

Momentos antes de adormecer ele invariavelmente sentia medo de mergulhar na vertigem e de ficar inconsciente, acordando sem recordações. Enquanto lentamente clareava na cidade, ele reuniu toda a sua coragem. Quando a assistente de Doxiades chegou ele já estava diante do consultório.

O grego chegou alguns minutos mais tarde. Gregorius esperava um espanto irritado por causa dos óculos novos. Mas o grego se limitou a franzir as sobrancelhas e entrou na sala de consulta, onde pediu que lhe contasse tudo acerca dos óculos

novos e das vertigens.

Num primeiro momento, ele não via o menor motivo para pânico, disse finalmente. Mas era preciso fazer uma série de testes e observar tudo durante algum tempo numa clínica. Pegou o telefone e esperou, olhando para ele.

Gregorius respirou fundo algumas vezes, depois consentiu com a cabeça.

Ele seria internado no domingo à noite, disse o grego, depois de desligar. Não havia médico melhor do que aquele, disse.

Gregorius caminhou lentamente pela cidade, passando pelos prédios e pelas praças que tinham sido importantes para ele. Assim é que estava certo. Comeu onde costumava comer e entrou no cinema onde vira o seu primeiro filme, ainda aluno, para assistir à sessão da tarde. O filme o entediou, mas o cheiro era o mesmo de muitos anos atrás, e ele ficou até o fim.

A caminho de casa encontrou Natalie Rubin.

— Óculos novos! — exclamou ela, como saudação.

Ambos não tinham a menor ideia de como deviam falar um com o outro. Os telefonemas estavam distantes e perduravam apenas como ecos de um sonho.

Sim, admitiu, era bem possível que voltasse para Lisboa. O exame médico? Não, nada de especial, um probleminha nos olhos.

As aulas de persa tinham parado um pouco, disse Natalie. Ele anuiu com a cabeça.

No final, ele lhe perguntou se ela tinha conseguido se acostumar ao novo professor.

Ela riu.

— Um chato de galochas!

Depois de alguns passos, ambos se viraram e acenaram.

No sábado, Gregorius passou muitas horas manuseando seus livros latinos, gregos e hebraicos. Observou as muitas anotações que fizera nas margens e as alterações que a sua letra sofrera ao longo das décadas. No final, ficara sobre a mesa um pequeno monte de livros que ele pôs numa maleta de mão para a clínica. Em seguida, ligou para Florence e perguntou se podia ir visitá-la.

Ela perdera uma criança no parto e, alguns anos atrás, fora operada de um câncer. A doença não voltara mais. Trabalhava como tradutora. Não parecia de maneira nenhuma tão cansada e apagada como ele pensara outro dia, quando a viu chegando em casa.

Ele lhe falou dos conventos de Salamanca.

— Você nunca quis ir comigo — disse ela.

Ele anuiu. Riram. Não falou nada acerca da clínica. Quando, depois, se dirigiu à

ponte de Kirchenfeld, arrependeu-se.

Deu mais uma volta no liceu escuro. Lembrou-se da Bíblia hebraica que estava na mesa de trabalho do Sr. Cortês, embrulhada na sua suéter.

Na manhã de domingo ele ligou para João Eça. Este lhe perguntou o que ele pretendia fazer à tarde.

Iria se internar numa clínica, respondeu Gregorius.

— Isso não quer dizer nada — disse João Eça, depois de uma pausa. — E, se for alguma coisa, ninguém pode prendê-lo lá.

Ao meio-dia, Doxiades ligou para ele e perguntou se ele queria jogar xadrez, depois disso ele o levaria até a clínica.

Depois da primeira partida, Gregorius quis saber se ele ainda estava pensando em se aposentar. Sim, admitiu o grego, pensava nisso frequentemente. Mas talvez isso passasse. No próximo mês ele iria viajar para Salônica, fazia mais de dez anos que não ia mais lá.

A segunda partida terminou e chegou a hora.

— O que acontece se encontrarem alguma coisa grave? — perguntou Gregorius. — Algo que me faça me perder a mim mesmo?

O grego olhou para ele. Era um olhar calmo e firme.

— Eu tenho um bloco de receitas — disse.

Em silêncio, foram até a clínica, enquanto escurecia. “A vida não é aquilo que vivemos, é aquilo que imaginamos viver”, escrevera Prado.

Doxiades estendeu-lhe a mão.

— Provavelmente, é algo bem inofensivo — disse — e, como já falei, o homem é o melhor que existe.

Na entrada da clínica, Gregorius se voltou mais uma vez e acenou. Depois entrou. Começou a chover depois que a porta se fechou atrás dele.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Trem noturno para Lisboa

Skoob do livro
http://www.skoob.com.br/livro/29804-trem-noturno-para-lisboa

Biografia do autor
http://www.ilcml.com/?lang=pt&page=base_recorddetail&baseid=2&recordid=11

Good Reads do autor
http://www.goodreads.com/author/show/420967.Pascal_Mercier

Sumário

Capa
Rosto
Créditos
Epígrafe
Epígrafe
PRIMEIRA PARTE | A partida
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
SEGUNDA PARTE | O encontro
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
TERCEIRA PARTE | O encontro

24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
QUARTA PARTE | O regresso
49
50
51
52
Colofon
Saiba mais